Universidade Estadual de Londrina

MARANÚBIA PEREIRA BARBOSA DOIRON

A MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA NAS RESPOSTAS DOS INFORMANTES DO ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS (ALEAL)

VOLUME I

LONDRINA / GRENOBLE 2017

Communauté
UNIVERSITÉ Grenoble Alpes

Universidade
Estadual de Londrina

THÈSE

Pour obtenir le grade de

DOCTEUR DE LA COMMUNAUTÉ UNIVERSITÉ GRENOBLE ALPES

préparée dans le cadre d'une cotutelle entre la *Communauté Université Grenoble Alpes* et *Université de l'État de Londrina*

Spécialité : **Sciences du langage - Patrimoine linguistique culturel**

Arrêté ministériel : 25 mai 2016

Présentée par

Maranúbia PEREIRA BARBOSA DOIRON

Thèse dirigée par **Elisabetta CARPITELLI** et **Vanderci AGUILERA**

préparée au sein des **Laboratoires GIPSA-Lab et PPGEL** dans **l'ED LLSH (UGA) et PROPPG (UEL)**

La motivation sémantique dans les réponses des informateurs de l'Atlas Linguistique de l'État d'Alagoas (ALEAL)

Thèse soutenue publiquement le **28 avril 2017**,
devant le jury composé de :

Mme Elisabetta CARPITELLI
Professeur, Université Grenoble Alpes (Co-directrice de la thèse)
Mme Vanderci ANDRADE AGUILERA
Professeur, Université de l'État de Londrina (Co-directrice de la thèse)
Mme Sílvia BRANDÃO
Professeur, Université Fédérale de Rio de Janeiro (Président, Rapporteur)
M Michel CONTINI
Professeur émérite, Université Grenoble Alpes (Examinateur)
M João SARAMAGO
Directeur de recherche, Université de Lisbonne (Rapporteur)

MARANÚBIA PEREIRA BARBOSA DOIRON

A MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA NAS RESPOSTAS DOS INFORMANTES DO ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS (ALEAL)

VOLUME I

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (Sciences du langage), área de concentração: Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina; e GIPSA-lab, Grenoble Images Parole Signal Automatique, da Université Grenoble Alpes, França, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Orientadoras: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera e Profa. Dra. Elisabetta Carpitelli

LONDRINA / GRENOBLE
2017

“*A pessoa é para o que nasce*”

Em memória de

Izaulina Maria Pereira Barbosa (10/06/1941 – 10/11/2008)

e *André Jean Doiron* (08/02/1946 – 03/04/2013)

Sei que de algum lugar zelaram para que eu fosse até o fim.

Para Monalisa e Ricardo Aos alagoanos

Galego tem olhos azuis como uma conta. As pestanas são arruivadas. Ele aperta os olhos, quem é que pode com essa lua do sertão de Canapi. Seus olhos denotam a passagem de holandeses nos arrabaldes, mas isso aconteceu há tanto tempo, lá pelo século XVII. Mas Galego, pele alvíssima que foi se curtindo na quentura daqueles mundos, nunca saberá que, num passado longínquo, uma leva de holandeses bateu naqueles costados, na fiúza de se abancar em algum canto no Brasil. No tempo em que por lá andaram, nem o catecismo da religião que professavam impediu que cedessem aos apelos da carne, que a carne é fraca. Ah, mas que jeito, também, aquelas *brasis*, "*bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras*": que luteranos, que calvinistas, que cristão resistiria? Mas Galego não conhece essas histórias, e como poderia sabê-las, analfabeto que é, esse moço de 36 anos de idade.

Galego me recebeu em sua sala, nos acomodamos no sofá, a cortina de chita da porta do quarto esvoaçava, mais expunha do que guardava a intimidade da alcova de meu interlocutor. De lá de dentro vi saindo três ou quatro camundongos, minúsculos, em fila indiana, de carreirinha rumo à cozinha. Galego viu que eu vi, pôs-se acabrunhado, desconversei, trouxe-o de volta para a conversa. Entremeio à nossa prosa ficou gravado o tilintar de sinetas, cabras a pastar, esquecidas em meio àquela desolação. Galego criava galos de rinha, e punha-os num cercado, cabras de um lado, galos de outro, esses pestes não deixam as bichinhas comerem as folhas de palmas em paz. E lá fora, a cisterna caiada reverberava sob a imensidão daquele céu azul. Eu já estava na soleira da porta, Galego me pediu um emprego. Aceitava o que aparecesse, de capina a serventia de pedreiro, queria era tocar-se dali, tinha vontade de correr o mundo, era solteiro,

desembaraçado, mas tinha que ser sincero, só sabia assinar o nome. Tinha um sonho, virar caseiro de chácara. Acompanhou-me até ao portão, disse-me adeus dum aperto de mão forte. De longe ainda avistei-o de pé, cabras de um lado, galos de outro, e os pés de palma derredor. O sol vai-se embora cedo no sertão. Noite ainda baixa, centro de Delmiro Gouveia, essa que um dia já foi Pedra, vi, pela primeira vez, um ser humano portador de elefantíase. Homem novo, arrastava-se, foi se assentar num banco da praça. As pernas da calça comprida, dum pano fino puxado para o vermelho, cortadas na altura das coxas, abertas como uma saia, exibiam-lhe os joelhos, os tornozelos, os pés, disformes. Depois, outro foi se achegando, e ficaram ambos no banco da praça a assuntar o tempo. Era dia de feira da lua, uma balbúrdia, o povo alegre, o fole duma sanfona, o cheiro de um tanto de frutas nas bancas, o bafo quente da noite, e aqueles dois homens sentados, e suas pernas, aquilo tudo saído dum quadro de Dürer.

Meu informante José foi se aproximando, canelas finas como as minhas, arrastava o chinelo de dedo, o mesmo chape-chape das alpercatas do vaqueiro Fabiano. Amorenado, cabelo e barba por fazer, respondeu com paciência a tudo o que lhe perguntei, nunca sorriu, só uma vez, de leve, timidamente, quando lhe pus na palma da mão os trinta reais. Sumiu-se no escuro da noite, chinelos de dedo no pé, chape-chape.

Encontrei Daniela em Quebrangulo, grávida, cicatrizes de acnes no rosto bruno, as mãos pousadas no colo, faltava pouco tempo para pôr a criança no mundo, descansaria, como me respondeu no questionário, chama-se a parteira quando a mulher está para descansar. Oito meses de gestação, daí para mais, e ainda Daniela na faxina em casa de família, foi assim antes com os dois meninos, não ia ser diferente com a menina que trazia na barriga.

José Wilton nem é tão branco assim, nem olhos claros tem, mas também lhe deram como alcunha, Galego. Esse Galego é vaqueiro, seu ofício quando mais moço, os donos das boiadas já não chamam tanto para a lida, o dinheiro escasseou, não está fácil para ninguém, mas patrão reclama de barriga cheia, isso é que é. Galego arranjou colocação no matadouro de Quebrangulo, enquanto conversávamos vi conduzirem dois bois, ficariam ali em algum lugar, atrelados, a ruminar a hora marcada. Galego diz que na terra dele não tem isso que falam por aí, de dar cabo do boi com injeção, por ali é como sempre foi, na peixeira mesmo. As mãos fortes e cascudas de Galego, uma peixeira, um boi, não, essa imagem destoa da voz doce que ouço agora quando ligo o gravador: "*um isqueruzinhu, uma peneirinha di chuva, ternontonti*, *Dona*".

Este trabalho é dedicado a Alderi, Alexandre, Ana, André, Antônio *Moço*, Antônio *Toinho*, Aurélio, Benedita, César, Cícera, Cícero, Cosme, Daniela, Dário, Dieudes, Diva, Dora, Edilson, Edivaldo, Elenita, Elissandra, Epifânio, Eunice, Genice, Girlene, Iolanda, Israel, Jameson, Joana, José Amaro, José Avelino *Palito*, José de *Delmiro*, José *de Porto Calvo*, Joseana, Josefa, José Oseas, José Roberto, José Wilton *Galego*, José *Zezinho*, Lúcia, Marcos, Maria Cleodenice *Kéu*, Maria da Penha, Maria do Carmo, Maria Helena, Maria Helena *Nizinha*, Maria Zuleide, Rogério *Galego*, Rosinalva, Simone, Teófanes, Valdeci, Valdirene, Válter, Vânia, Zenaide. E, também, aos dois alagoanos da praça em Delmiro Gouveia, mas não pude saber deles seus nomes.

Agradecimentos

Eu diria que uma tese é um momento de grande solidão. Porque em quatro anos tanta coisa acontece. Uns nascem, outros morrem, outros tantos viajam, alguns se casam, depois se descasam, eu vi tudo isso sem poder me alongar, vi de longe, vi por alto, porque meus olhos estavam voltados para a tela pálida deste computador, havia aqui uma tese que me esperava, e que me dizia: são horas, faz-se tarde, corra, não há tempo. Mas eu estive atenta esse tempo todo, e agora é chegado o momento de render homenagem a todos aqueles que estiveram comigo durante esse tempo, e que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar agradeço a professora Vanderci de Andrade Aguilera, pela acolhida sem reservas, pela segurança que me passou, pela orientação precisa em minha tese, pela presença junto a mim nos bons e maus momentos: obrigada, Vanderci, só você sabe o que vivi.

Um obrigado grande ou maior que a Sardenha ao professor Michel Contini, por ter me iniciado nos estudos da motivação, por ter partilhado comigo sua sabedoria, por ter me apresentado a "*vieille*" do Paleolítico, pela presença reconfortante e amiga durante minha estada na Université Grenoble Alpes.

Agradeço também a professora Elisabetta Carpitelli pela paciência, pelo discernimento e condução firme em momentos que tudo me parecia sem solução: muito obrigada.

Agradecimento especial aos professores Sílvia Figueiredo Brandão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e João das Pedras Saramago, da Universidade de Lisboa – nomes de referência internacional nos estudos geossociolinguísticos – por terem aceitado compor a banca de minha defesa de tese, presença que muito me honra: muito obrigada a ambos.

Agradeço ao Sr. Michel Garambois pela confecção das cartas linguísticas deste atlas e pela correção impecável do texto escrito em língua francesa.

Sou grata à professora Gabriela Vitorino, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, por ter disponibilizado os arquivos do Atlas Linguístico e
Etnográfico de Portugal e da Galícia. Muito obrigada a Raissa Gillier, à Sandra Pereira, Sandra Antunes, Valentina, Fernando, Nuno, Hugo e todos os amigos portugueses pela atenção que me dispensaram em Lisboa.

Agradeço a Fundação CAPES pela bolsa de demanda social da qual fui beneficiária durante os 48 meses de minha pesquisa, e por ter me acordado, nesse meio tempo, oito meses da bolsa Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). Sem esse suporte financeiro eu não poderia ter avançado na pesquisa, pois como ouvi de um francês em certa ocasião: "*l'argent est le nerf de la guerre*".

Expresso meus agradecimentos à *École Doctorale LLSH* da Université Grenoble Alpes pela bolsa mobilidade que cobriu três semanas de meu estágio no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, no início de 2016.

Tenho muito a agradecer às professoras Fabiane Cristina Altino e Dircel Kailer pelas observações pontuais e pertinentes quando de minha qualificação. Agradeço muito à professora Aparecida Negri Isquerdo pela leitura atenta e relevantes recomendações, especialmente, sobre os ajustes da metodologia das cartas linguísticas de meu atlas, no SEDATA 2016.

À minha amiga Michèle Duverneuil, de Grenoble, pela acolhida em sua casa, pela companhia agradável, pelas palavras carinhosas.

Obrigada ainda a Jean-Pierre Lai por ter se mostrado sempre tão prestativo quando estive na Université Grenoble Alpes. Grata também sou à professora Jeanine Médélice por sua amabilidade.

Agradeço a minha amiga Paula Tatiana da Silva por sua amizade desde os tempos do mestrado: querida Paulinha do lago, você agora está tão longe de Londrina, lá no Rio Branco acreano, mas não lhe esqueço.

Seria impossível nomear todas as pessoas que me auxiliaram durante a pesquisa, correria o risco de desmerecer um e outro, então expresso aqui meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que participaram dessa empreitada: dizer obrigado a todos vocês é muito pouco!

Agradecimentos especiais a meu pai, Osvaldo, forte como um touro, a acompanhar, lá daquela Pitanga nostálgica e poeirenta, as peripécias dessa filha buliçosa: obrigada, meu

baiano velho! Minhas três irmãs, Euça, Valdivânia, Hérica, obrigada: a fraternidade tem nome e sobrenome.

Finalmente, é dado o momento de manifestar minha gratidão aos meus filhos Monalisa e Ricardo: o amor que nos une é mais forte do que tudo, tudo passará, mas nosso amor nunca acabará. Perdoem-me pela longa ausência, quando estive longe eu só pensava em vocês, é por vocês que eu vivo a lutar.

Remerciements

Tous mes remerciements, et en particulier aux membres du jury de ma thèse, pour avoir bien voulu lire, conduire et évaluer mon travail.

Ma directrice de thèse de l'Université de Londrina, Madame Vanderci de Andrade Aguilera pour son accueil dans la famille de la Dialectologie et de la Géolinguistique, pour sa « guidance » efficace mais également pour sa disponibilité au cours des quatre ans de mon travail.

Ma directrice de thèse de l'Université de Grenoble Alpes, Madame Elisabetta Carpitelli pour avoir permis et facilité mon inscription dans son Université, pour avoir assuré également avec beaucoup d'efficacité cette « guidance » du côté français, pour sa rigueur, au sens positif du mot, mais également pour son aide et son soutien lors de toutes les procédures administratives.

Je remercie chaleureusement Monsieur Michel Contini, professeur émérite, pour m'avoir ouvert les portes du monde de la motivation sémantique, et pour avoir mis à ma disposition l'ensemble des atlas linguistiques parus dans le monde latin e non latin , pour sa sagesse et ses qualités humaines, si précieuses, pour son exceptionnelle érudition : il m'a fait découvrir en particulier, la « vieille du Paléolytique » dont les échos raisonnent encore dans la grotte Chauvet à Vallon Pont d'Arc.

Je remercie également le professeur João das Pedras Saramago et le professeur Gabriela Vitorino, du Centre de Linguistique de l'Université de Lisbonne qui m'ont permis d'avoir accès, à Lisbonne, aux données inédites de l'Atlas Linguistique et Ethnographique du Portugal et de la Galice et m'ont guidé dans leur découverte et leur exploration, ce qui a enrichi encore l'ensemble des données recueillies pour mon travail de thèse.

Mes remerciements vont également à la Fondation CAPES qui grâce à une bourse a contribué à financer mes recherches au cours de ces quatre années, et m'a soutenu lors de mon séjour de huit mois en 2015 à Grenoble, dans le cadre du Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

Merci à l'École Doctorale Langues Littératures et Sciences Humaines de l'Université de Grenoble Alpes pour l'attribution de la bourse de mobilité dont j'ai bénéficié lors de mon séjour à l'Université de Lisbonne en mars 2016.

Lors de ma pré-soutenance en novembre dernier j'ai pu également bénéficier de la lecture attentive, de l'écoute et surtout des conseils ds professeurs Suzana Alice Marcelino Cardoso,de l'Université fédérale de Bahia, Fabiane Cristina Altino, Aparecida Negri Isquerdo et Dircel Kailler du Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) de Londrina : je leur adresse tous mes remerciements pour cela.

Un grand merci à l'équipe du département Parole-Cognition du GIPSA-Lab, de l'Université de Grenoble Alpes, et particulièrement à sa directrice Madame Nathalie Henrich Bernardoni pour avoir composé mon comité de suivi de thèse en 2016, pour son soutien et ses encouragements.

Je suis aussi très reconnaissante à Monsieur Jean-Pierre Lai pour sa sollicitude lors de mes recherches dans la salle des atlas. Merci au professeur émérite Jeanine Médélice pour avoir partagé avec moi ses connaissances sur les dialectes alpins, notamment dans le domaine des plantes.

Enfin, j'adresse également mes remerciements à Monsieur Michel Garambois pour la réalisation des cartes linguistiques qui composent cette thèse et pour son aide pour le travail de mise en page et de relecture de la forme de la partie de ma thèse rédigée en français.

Dans le domaine amical, j'adresse enfin mes remerciement affectueux à Madame Michèle Duverneuil pour son amitié inconditionnelle, et pour m'avoir fait découvrir Grenoble et sa région.

Je n'oublie pas non plus ma « copine » Paula Tatiana da Silva pour ses pensées positives à mon égard depuis l'Amazonie. Ni mon amie japonaise Mahoko Kasuyia, toujours là, toujours présente : c'est bien cela l'amitié réelle.

Finalement, je remrcie mon père Osvaldo, toujours présent dns ma vie, ma mère Izaulina qui n'est plus parmie nous, mes soeurs Euça, Valdivânia et Hérica. Et mes deux enfants Monalisa et Ricardo : sans eux, sans leur présence et leur amour, cette aventure linguistique n'aurait pas eu lieu.

BARBOSA DOIRON, Maranúbia Pereira. *A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas.* 2016. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina – Brasil, e Université Grenoble Alpes – França.

RESUMO

O linguista Antenor Nascentes, em 1953, propôs a clássica divisão dialetal do Brasil em dois grandes falares, os do Norte, subdivididos em três subfalares: amazônico, nordestino e baiano; e os do Sul: fluminense, mineiro e sulista. Além dessas subdivisões, considerou uma área denominada como território incaracterístico. Alagoas, um dos nove Estados do Nordeste do Brasil, o segundo menor em superfície geográfica do País, com cerca de 27 mil quilômetros quadrados, na divisão de Nascentes, insere-se no subfalar nordestino. Considerando a proposta de Nascentes, e amparada pelos pressupostos teóricometodológicos da Geolinguística (DAUZAT, 1922) e da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998), esta tese incumbiu-se, por meio de um atlas linguístico, de atestar se o Estado de Alagoas encontra-se dentro do subfalar nordestino. O ALEAL, produto da pesquisa, documenta e descreve a realidade linguística de falantes da zona urbana do referido Estado, em seu espaço areal, considerando, prioritariamente, as diferenças diatópicas em seus aspectos fônicos, léxico-semânticos e morfossintáticos. A rede de pontos segue as orientações de Nascentes (1958), com 21 localidades visitadas. Os informantes são em número de dois por localidade, um homem e uma mulher, na faixa dos 30 a 50 anos, com nível de escolaridade fundamental, completa ou incompleta. Para verificar a influência da variável faixa etária – dimensão diageracional – em sete cidades dentre as mais antigas do Estado foram entrevistados quatro informantes distribuídos entre 55 a 75 anos, também com o mesmo nível de instrução. Os questionários aplicados são os mesmos do Atlas Linguístico de Brasil. O ALEAL é composto de dois volumes: do primeiro constam a introdução, hipóteses, objetivos, metodologia e fundamentos teóricos da Geolinguística e Dialetologia. Nesse mesmo volume estão ainda os referenciais teóricos concernentes à motivação na criação lexical (Guiraud, Dalbera, Alinei, Contini, entre os principais), teorias essas que vêm a embasar a análise de algumas designações registradas pelos informantes do ALEAL. O estudo motivacional, cujo propósito foi verificar se o signo linguístico é motivado no ato da criação, recobre três campos semânticos, sendo os quais: fauna silvestre; fenômenos climáticos e atmosféricos; plantas e produtos que delas derivam. A esses dados do ALEAL são contrastados registros dos mesmos referentes encontrados em alguns atlas regionais brasileiros, no ALiB, no ALIR e ALE. Constam do segundo volume, 88 cartas linguísticas distribuídas entre fonéticas, lexicais e morfossintáticas. Em toda a base de dados coletada, entre os fatos linguísticos registrados, ao menos um deles indica que a divisão dialetal de Nascentes procede: predominam no Estado as vogais médias pretônicas abertas. No que tange à análise motivacional das designações estabelecidas, foi possível comprovar que a criação lexical é motivada na origem.

Palavras-chave: Atlas linguísticos; Dialetologia; Português do Brasil; Análise motivacional

RÉSUMÉ

En 1953, le linguiste Antenor Nascentes proposa la classique division dialectale du Brésil en deux grands parlers : le Nord, subdivisé lui-même en trois autres parlers – « *amazônico, nordestino* et *baiano* » ; et les parlers du Sud : « *fluminense, mineiro* et *sulista* ». Outre ces subdivisions, il considéra une aire nommée territoire atypique. L'Alagoas, une des neuf unités fédératives du Nord-Est du Brésil, d'une surface d'environ 27 000 km2, est le deuxième plus petit état du pays en superficie. Dans la division de Nascentes, il s'insère dans le subparler « nordestino ». En considérant la proposition de Nascentes, et appuyée sur les approches théoriques et méthodologiques de la Géolinguistique (DAUZAT, 1922) et Dialectologie Pluridimensionnelle (THUN, 1998), cette thèse, grâce à un atlas linguistique, a pour objectif de vérifier si l'État d'Alagoas se situe dans le subparler « nordestino ». L'Atlas linguistique de l'État d'Alagoas (ALEAL) produit de cette recherche, documente et décrit la réalité linguistique des locuteurs résidant dans la zone urbaine de l'État cité ci-dessus, dans son espace délimité et en tenant compte prioritairement des différences diatopiques dans leur aspects phoniques, lexico-sémantiques et morpho-syntatiques. Le réseau composé de 21 localités suit les orientations de Nascentes (1958). Dans chaque localité deux informateurs ont été enquêtés, un homme et une femme dont les tranches d'âge se situent entre 30 et 50 ans, analphabètes et /ou ayant un niveau de scolarité élémentaire . Pour l'analyse de l'influence du facteur de l'âge sur les réponses, dans 7 localités parmi les plus anciennes de cet état, 4 informateurs de deux tranches d'âge – 30 à 50 ans et 55 à 75 ans – ont été interrogés. Les questionnaires appliqués sont ceux utilisés dans l'Atlas linguistique du Brésil (AliB). L'ALEAL regroupe deux volumes : dans le premier on trouve l'introduction, l'hypothèse, les objectifs, la méthodologie et les approches théoriques relatives à la Géolinguistique et la Dialectologie. Dans ce même volume on trouve également les principes théoriques concernant la motivation lors de la création lexicale (Guiraud, Dalbera, Alinei, Contini, parmi les principaux auteurs). Ces théories sont à la base de l'analyse de certaines désignations enregistrées par les informateurs de l'ALEAL. L'étude motivationnelle, dont l'objectif est de vérifier si le signe linguistique est motivé au moment de sa genèse, concerne trois champs sémantiques : la faune, quelques phénomènes climatiques et atmosphériques, et quelques plantes et des produits dérivés de celles-ci. Ces données de l'ALEAL sont comparées aux mêmes référents enregistrés dans différents atlas régionaux brésiliens, à l'AliB, à l'Atlas linguistique roman (ALIR), et à l'Atlas Linguarum Europae (ALE). Dans le deuxième volume se trouvent les 88 cartes linguistiques, parmi lesquelles les cartes phonétiques, lexicales et morpho-syntatiques. Dans la base des données recueillies, au moins un fait linguistique indique la pertinence de la division dialectale de Nascentes : dans l'aire enquêtée prédominent les voyelles moyennes prétoniques ouvertes. Quant à l'analyse motivationnelle des désignations établies, on a avéré que toute création lexicale est motivée à l'origine.

Mots-clés: Atlas linguistiques; Dialectologie; Géolinguistique; Portugais du Brésil;

Analyse motivationne

BARBOSA DOIRON, Maranúbia Pereira. *Semantic motivation in the responses of the informants of the Atlas Linguistic of the State of Alagoas (ALEAL)*. 2016. 2v. Thesis (Doctorate in Language Sciences) - University of the State of Londrina (Brazil), University Grenoble Alpes (France).

ABSTRACT

In 1953, the linguist Antenor Nascentes proposed the classic dialectal division of Brazil in two great spoken languages: the North, subdivided into three other spokes – "*amazônico, nordestino and baiano*"; And the Southern languages: "*fluminense, mineiro and sulista*". In addition to these subdivisions, he considered an area known as atypical territory. Alagoas, one of the nine federative units in northeastern Brazil, with a surface area of about 27,000 km2, is the second smallest state in the country. In the division of Nascentes, it is inserted in the subparler "*nordestino*". The Linguistic Atlas of State of Alagoas (ALEAL) produces this research, documents and describes the linguistic reality of the speakers residing in the urban area of the abovementioned State, within its defined area and taking into account, as a matter of priority, the diatopic differences in Their phonic, lexico-semantic and morpho-syntatic aspects. The network of 21 localities follows the orientations of Nascentes (1958). In each locality two informants were interviewed, a man and a woman whose age range is between 30 and 50 years, illiterate and / or have a basic level of education. For the analysis of the influence of the age factor on the responses, four informants from two age groups - 30 to 50 and 55 to 75 - were identified in 7 of the oldest localities in this state. Interviewed. The questionnaires applied are those used in the Linguistic Atlas of Brazil (AliB). ALEAL brings together two volumes: in the first one we find the introduction, hypothesis, objectives, methodology and theoretical approaches related to Geolinguistics and Dialectology. In this same volume we also find the theoretical principles concerning motivation during lexical creation (Guiraud, Dalbera, Alinei, Contini, among the main authors). These theories form the basis of the analysis of certain designations recorded by the ALEAL informants. Motivational study, the objective of which is to verify whether the linguistic sign is motivated at the time of its genesis, concerns three semantic fields: fauna, some climatic and atmospheric phenomena, and some plants and products derived from them. These ALEAL data are compared with the same references recorded in various Brazilian regional atlases, the AliB, the Roman Linguistic Atlas (ALIR), and the Atlas Linguarum Europae (ALE). In the second volume are 88 language maps, including phonetic, lexical and morpho-syntatic maps. In the data base, at least one linguistic fact indicates the relevance of the dialectal division of Nascentes: in the area surveyed predominate the open mean

pretonic vowels. As for the motivational analysis of established designations, it has been found that any lexical creation is motivated at the outset.

Keywords: Linguistic atlas; Dialectology; Geolinguistics; Portuguese of Brazil; Motivational analysis

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Distribuição do Questionário Fonético-Fonológico – QFF 33

Quadro 2 - Distribuição do Questionário Semântico-Lexical – QSL 34

Quadro 3 - Distribuição do Questionário Morfonossintático – QMS 35

Quadro 4 - Lista de localidades e ficha dos informantes 67

Quadro 5 - Ocupações profissionais 71

Quadro 6 - Vogais médias pretônicas anteriores 201

Quadro 7 - Vogais médias pretônicas posteriores 203

Quadro 8 - /r/ em coda silábica interna 204

Quadro 9 - /r/ em coda silábica externa, em nome – QFF 037 CALOR 206

Quadro 10 - /r/ em coda silábica externa, em verbos 207

Quadro 11 - Realizações do segmento /ti/ para as respostas ao QFF 075 TIO /ey/ 209

Quadro 12 - Realizações do segmento /di/ para as respostas do QFF 034 210

Quadro 13 - Realizações do ditongo /ej/ de acordo com a variável sexo na resposta ao QFF 019 PENEIRA 211

Quadro 14 - Realização do ditongo /aj/ de acordo com a variável sexo na resposta ao QFF 004 – CAIXA 211

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Arquivo pessoal, 2012 27
Figura 2 – Bougainvillea spectalis. Arquivo pessoal, 2011 27
Figura 3 – Catharanthus roseus. Arquivo pessoal, 2011 28
Figura 4 – Carta das Convenções - ALEAL 40
Figura 5 – Recorte da Carta 1057 pomme de terre, do Atlas Linguistique de la France 43
Figura 6 – Estrada para a Quebrangulo de Graciliano Ramos. Arquivo pessoal, 2014 .....78 Figura 7 – Divisão dialetal proposta por Nascentes 86
Figura 8 – Vênus de Villendorf 139
Figura 9 - O negro d'água às margens do rio São Francisco 173
Figura 10 – Recorte da Carta 652 cousin (moustique) do Atlas Linguistique Ethnographique de la Normandie 184
Figura 11 – Recorte da Carta 877 moucheron, do Atlas lingusitque de la France 185
Figura 12 – Extrait de la carte « Pomme de terra », n. 1057 de l'ALF 242
Figura 13 – Totem chez les Kaingang,groupe indigène du Sud du Brésil 265

LISTA DE SIGLAS

ALAM – Atlas Linguístico do Amazonas
ALE – Atlas Linguarum Europae
ALEAL – Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
ALEPG- Atlas Linguístico -Etnográfico de Portugal e da Galícia
ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul
ALF – Atlas Linguistique de la France
ALiB – Atlas Linguístico do Brasil
ALiR – Atlas Linguistique Roman
ALISPA – Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALP – Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR – Atlas Linguístico do Paraná
ALS – Atlas Linguístico de Sergipe
ALS II – Atlas Linguístico de Sergipe II
APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos
EALMG – Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
QFF – Questionário Fonético-Fonológico
QMS – Questionário Morfossintático
QSL – Questionário Semântico-Lexical

SUMÁRIO

VOLUME I

PRÓLOGO 23

APRESENTAÇÃO DA TESE

1 HIPÓTESE 31 2

OBJETIVOS 31

2.1 Geral 31

2.2 Específicos 31

3 METODOLOGIA .....

3.1 Questionários 31

a) Questionário Fonético-Fonológico – QFF.....

b) Questionário Semântico-Lexical – QSL 34

c) Questionário Morfossintático – QMS 35

c) Perguntas Metalinguísticas 35

4 REDE DE PONTOS: TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ALAGOAS 40

4.1 Geografia 42

4.2 Economia 42

5 OS INFORMANTES DO ALEAL 66

6 MODUS OPERANDI 72

7 GRAVAÇÃO DAS ENTREVISTAS E TRANSCRIÇÃO DOS INQUÉRITOS 74

8 NOTAÇÃO FONÉTICA.....75

9 CARTOGRAFIA 77

10 OS 2 VOLUMES DO ALEAL 81

CAPÍTULO I

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS 83

1.1 A Dialetologia e a Geolinguística na Europa 83

1.2 A Dialetologia e a Geolinguística no Brasil: extensão territorial e complexidade linguística 90

1.3 A influência dos fatores espaciais e sociais na variação linguística .....

1.4 Que língua é essa que se fala no Brasil? 100

CAPÍTULO II

2 A DIMENSÃO DO LÉXICO NO SEIO DA COMUNIDADE LINGUÍSTICA 108

2.1 A palavra como transfiguração do real 111

3 O FALAR ALAGOANO 115

4 DA ORIGEM DA LINGUAGEM E DAS LÍNGUAS 118

5 DA MOTIVAÇÃO NA CRIAÇÃO LEXICAL 126

6 "A MOTIVAÇÃO É O UMBIGO DA PALAVRA" 130

7 DO NOMEADOR MÍTICO PRIMORDIAL 134

8 DA RELIGIOSIDADE NA CRIAÇÃO LEXICAL 136

9 ANTROPOMORFISMOS E DENOMINAÇÕES DE ANIMAIS COM NOMES DE OUTROS 147

10 DOS INTERDITOS EM SE NOMEAR 152

11 AS TRÊS CATEGORIAS DA MOTIVAÇÃO DO SIGNO 155
12 DA OPACIDADE DA MOTIVAÇÃO INICIAL 162

CAPÍTULO III

ANÁLISE MOTIVACIONAL DE NOVE VARIANTES LEXICAIS REGISTRADAS PELOS INFORMANTES DO ALEAL

1 Motivação para o redemoinho (de vento)..... 164

2 Motivação para o redemoinho (de água) 171

3 Motivação para a libélula 174

4 Motivação para o mosquito 182

5 Motivação para o gambá 185

6 Motivação para o tabaco..... 187

7 Motivação para a mandioca 189

8 Motivação para o joão-de-barro 196

9 Motivação para a aguardente 199

CAPÍTULO IV

1 SÍNTESE DAS PRINCIPAIS VARIÁVEIS FONÉTICAS DO PORTUGUÊS..... 201

1.1 As realizações das vogais médias pretônicas anteriores 201

1.2 O comportamento dos róticos junto aos informantes do ALEAL 204

1.3 A realização das consoantes /t, d/ antes da vogal /i/ e da semivogal /j/ 208

1.4 O comportamento do ditongo /ej/ no ALEAL 210

1.5 O comportamento do ditongo /ay/ no ALEAL 211

2 ANÁLISE DE ALGUMAS VARIÁVEIS DO QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO 212

3 ANÁLISE DA PERGUNTA METALINGUÍSTICA: "COMO SE CHAMA A LÍNGUA QUE O(A) SENHOR(A) FALA?" 214

4 O COMPORTAMENTO DAS VARIÁVEIS LEXICAIS NO ALEAL 218

CONSIDERAÇÕES FINAIS 223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 227

APÊNDICE A 237

1 APPROCHES THÉORIQUES 238

1.1 La Dialectologie et la Géolinguistique en Europe 238

1.2 La Dialectologie et la Géolinguistique au Brésil : extension territoriale et complexité linguistique 245

2 L'ATLAS LINGUISTIQUE DE L'ÉTAT D'ALAGOAS (ALEAL) 248

3 LE DOMAINE LINGUISTIQUE DE l'ALEAL 255

4 SYNTHÈSE DE QUELQUES ANALYSES DE VARIANTES LEXICALES DANS l'ALEAL 258

5 CONSIDÉRATIONS SUR LES ANALYSES RELATIVES À LA MOTIVATION SÉMANTIQUE DANS l'ALEAL 264

APÊNDICE B

Modelo de planilha da base de dados do
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL 267

ANEXO
QUESTIONÁRIOS..... 269

—Flor do Lácio, Sambódromo, Lusamérica, latim em pó.
O que quer
O que pode esta língua?‖[1]

PRÓLOGO

Causa primeira

—Acontece que eu sou baiana‖[2]. E acontece que eu, como muitos dos meus conterrâneos, fugi da seca e da miséria. Migrei. Ou melhor, migramos: *mais eu*[3] vieram mãe, pai, avó, avô, minha tia do lado materno e uma agregada. Viemos para o Sul, como tantos outros retirantes: primeira parte do caminho na rabeira de um pau-de-arara, um pedaço grande em trem, e, por fim, de ônibus e jipe, que ora chamavam de *pé-de-bode*. Nossa parada não foi São Paulo, como grande parte dos retirantes. Descemos mais, viemos para o Norte do Paraná, para Primeiro de Maio, microrregião de Londrina, cujos cafezais eram ouro verde que prometiam mundos e fundos a todos aqueles que ali se fixassem. Vivenciei, ou melhor, vivenciamos mais ou menos a mesma história que nossos companheiros de infortúnio, que dizer, além de compreender que os mundos e fundos prometidos não eram favas contadas, tivemos que nos adaptar à friagem do Sul, aos novos códigos e costumes e, principalmente, a um jeito muito diferente de falar.

A *Madinha* que me batizou era agora minha Madrinha, meu *Padim* devia ser chamado de Padrinho. Essas novas palavras soavam-me estrangeiras. Quando eu as pronunciava, não me reconhecia. Em contrapartida, o jeito de falar de minha família já muito me acabrunhava. À noite, mãe vinha me *rebuçar* com a coberta corta-febre. Aos poucos, *eu mais mãe* nos demos conta de que no Norte do Paraná ninguém sabia o que era *rebuçar*: —aqui é cobrir os *meninos*‖.

---

[1] Versos da música —Língua‖, de autoria de Caetano Veloso, no álbum —Velô‖, 1984.

[2] O título é da canção homônima de Dorival Caymmi (1914 - 2008), —Acontece que eu sou baiano‖. [3] O sintagma *mais eu*, em detrimento do pronome pessoal *comigo*, registrei-o junto a diversos informantes no Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL). A esse exemplo juntam-se outros, observados, empiricamente, no entorno familiar, muito tempo antes de minha iniciação em Dialetologia. Ao longo desta exposição, os fatos linguísticos, notadamente os de natureza morfossintática, por exemplo: eu *mais* mãe; filha *de* fulano (nesse caso, a preposição *de* sem o artigo *o* ou *a*, entre outros), e os de natureza lexical, estão em itálico, assim destacados para evidenciar as diferenças diatópicas quando do contato de meu grupo familiar, oriundo do Nordeste, com os dialetos do Sul, mais precisamente, da região Norte do Paraná. Reitero a natureza empírica dos fatos linguísticos destacados nesse documento, embora tenha sido a observação leiga que me impeliu a realizar este trabalho.

Mãe não usava talher. Amassava a comida com as mãos, fazia um bolinho alongado e levava à minha boca o *capitão*. Depois de um tempo, eu *mais* mãe e todos os outros percebemos que no Sul ninguém comia com a mão. Abandonamos os capitães, que aquilo era muito feio, e até aprendemos com muita dificuldade a manusear garfo e faca. Décadas mais tarde, vi no dicionário que nada havia de vergonhoso no *capitão de mãe*. Segundo o dicionário Houaiss (2009), *capitão* é um regionalismo do Brasil, e significa ―bocado de comida que se leva com a mão à boca‖. Quando tinha carne, mãe me dava um pedaço e dizia: ―*rasga, vigia pra tu vê como é molinha*‖. Ninguém dos vizinhos dizia *rasgar* um pedaço de carne, ali era morder, mastigar. *Vigiar*, para nós, naquele caso, era provar, degustar, mas no Sul vigiar era outra coisa. Abandonamos o *rasgar*, o *vigiar*. Eu era doente, chorona, então diziam: ―*é mais é calundu*‖. Saber-me prostrada por *calundu*[3] me abatia ainda mais, essas palavras esquisitas eu só ouvia em minha casa.

Até os quinze anos nunca tinham me cortado o cabelo. Promessa de mãe ao Nosso Senhor de Bom Jesus da Lapa. Mãe *pregava* meu cabelo com umas *ramonas*[4] e depois o enrolava no alto da minha cabeça como uma *rodilha*, tal qual as mulheres que ficaram lá na região Sudoeste da Bahia, de onde viemos. Mais tarde percebemos que quem tinha longa cabeleira optava por *prendê-la*, ninguém *pregava* o cabelo, como mãe fazia com o meu. No Sul não era *rodilha* o penteado, era *coque*. Para mãe, *coque* era ficar agachada, apoiada sobre os calcanhares. Ela soube depois que o certo era ficar de *cócoras*, porém, nunca conseguiu pronunciar essa proparoxítona, e era de *coque* mesmo que ficava quando se punha a despenar uma galinha. Mãe não sabia que quem nasce na Bahia é nordestino: para ela e os outros da família éramos nortistas, mas no Sul nos chamávamos de baianos, alguns generalizavam, chamavam-nos paraíbas, cearás, cabras pai-d'égua, cabeças-chatas.

Nossa agregada, com toda a autoridade e dengo próprios de uma mãe, ao me repreender de meus malfeitos, dizia: ―*espera tu, neta de Cinato*!‖. Eu já frequentava escola e tinha vergonha daquele *espera tu*, daquele *neta de*. Eu desconhecia que nossa agregada, que se tivesse um livro na mão não sabia se estava ou não de cabeça para baixo, conjugava o imperativo afirmativo do verbo esperar em sua forma mais culta, como mandam os puristas da língua portuguesa: ―*espera tu, coma tu, estuda tu, fia de*

---

[3] Segundo o Houaiss (2009), *calundu* vem do quimbundo *kalu"und*, e representa, nas religiões animistas africanas, um ente sobrenatural que controla os destinos humanos, e, ao se apossar do corpo de uma pessoa, essa torna-se triste, nostálgica.

[4] Houaiss (2009) apresenta *ramona* como regionalismo de Goiás. A variante tem origem no antropônimo Ramona, uma marca de grampos de cabelo.

Osvaldo!‖. O uso da preposição de, como em *neta de Cinato*, ninguém entre os adultos da família jamais conseguiu trocar pela contração da preposição *de* com o artigo definido *a* ou *o*, como eu ouvia no Paraná. Aquele *fia de Osvaldo* [até ali eu ignorava], tratava-se de um fenômeno fonético conhecido por despalatalização do fonema lh (JOTA, 1981), ou iotização (CÂMARA JÚNIOR, 1985), comum no português falado pelos meus.

Em nossa casa o São João era muito esperado, muito mais do que o Natal. Na Bahia, Natal era lapinha, novena e procissão. Aliás, viemos a conhecer alguns hábitos, como o de se presentear no dia 25 de dezembro, o pinheirinho, as cantatas, aqui no Sul. Ninguém sabia, até nossa chegada no Paraná, quem era o velhinho de barba branca e roupa vermelha a quem chamam Papai Noel. Para os nossos era o São João a festa aguardada o ano inteiro. Balões, fogueira, bandeirolas penduradas nas árvores do quintal, umas comidas diferentes, especialidades que nossa vizinhança nunca tinha ouvido falar, mas que vinha em massa experimentar. As mulheres da família preparavam os quitutes com dias de antecedência. De tudo, só me lembro de um *biscoito de goma*, ou polvilho, como é conhecido no Sul. *Chimango*: era assim que minha família denominava o biscoito. No dicionário, *chimango* remete a *ximango,* uma ave da família dos falconídeos, o *Milvago chimango*, sendo que o biscoito feito em casa, ele mesmo nem acepção tem no HOUAISS (2009), mas que ele existe, existe. Se os vizinhos me perguntassem que biscoito era aquele, eu fugiria, e se não pudesse me furtar a responder, confessaria um falso desconhecimento. *Chimango* era um nome esquisito em meio a toda aquela gente que não se parecia conosco. No dia de São João, em meio à alegria dos meus, ao foguetório que os homens da família soltavam, eu me enfurnava dentro do quarto. Vinham me chamar: ―*vou não*‖ (invertendo a colocação da partícula negativa na frase), envergonhada daquela festa estranha aos olhos dos vizinhos.

No São João, minha avó cantava e dançava em volta da fogueira. Mulata, alta, robusta, ancas largas, busto enorme, ela ia rodopiando, arrastava os pés, punha as costas das mãos nas (des)cadeiras e ia levantando os ombros ao ritmo da cantilena que nunca esqueci: ―pisa na *fulô*, pisa na *fulô*, pisa na *fulô*, mas não maltrata meu *amô*‖. À época não poderia imaginar que o *fulô* que tanto me inibia é um fenômeno linguístico ao qual chamam suarabácti, espécie de epêntese, metaplasmo de adição que consiste em acrescentar uma vogal para quebrar um encontro consonantal (DUBOIS, 2006). É conhecido também por anaptixe esse desmembramento de duas consoantes por meio de uma vogal, como se deu com o substantivo *barata*, originária de um antigo *brata*, esse, lá do latim *blatta*.

No refrão cantado por minha avó, ―não maltrata meu *amô*‖, era-me desconhecido o apagamento do /r/ em posição de coda silábica final, próprio dos falares daqueles que, como nós, provinham do Nordeste brasileiro. Fui percebendo que éramos diferentes em tudo, e que urgia nos adaptar ao jeito de falar do Sul.

Mais de quatro décadas e meia depois de nossa chegada ao Paraná, tive a oportunidade de voltar ao ponto de partida, onde tudo começou: Mortugaba, Sudoeste da Bahia, microrregião de Vitória da Conquista, quase divisa com as Minas Gerais. No sítio Vista Alegre, ao me vir chegando, Altina, mais de 70 anos, viúva de meu avô Cincinato, se aproximou, mas ficou naquela, quem é, quem não é: ―É Mara, filha de Osvaldo?‖, perguntou. A descoberta da Dialetologia e da Geolinguística apurou-me os ouvidos: apesar dos folhetins da televisão, de ir todo mês à cidade para sacar a aposentadoria, de conhecer caixa eletrônico e guardar senhas do banco em pedaço de papel, de escolher mantimentos em prateleiras de supermercado, Altina guarda o falar da década de sessenta, quando de nossa arribação. Ela dispensa o artigo definido *a* antes do meu nome, ignora a contração da preposição *de* com o artigo *o*. Ela não diz que sou *a* Mara, filha *do* Osvaldo, como me chamam no Paraná.

Acompanha-me na visita minha tia Maria, 78 anos, nascida, criada e residente em Mortugaba. Altina corre pôr a mesa para a merenda. ―Vou *frever* o leite pra tu‖, me sorri, Altina. ―Ô nêga, esse biscoito é de *sali*?‖, quer saber tia Maria, já com ele na boca. Minha tia mete a vogal /i/ em todas as palavras terminadas em /l/, e também nas que terminam em /s/ ou /z/: sal é *sali*, Brasil é *Brasili*, mês é *mesi*, mas é *masi*, gás é *gasi*, luz é *luzi*, e até o Sistema Único de Saúde (SUS), para ela é *SUSI*, exemplos que caem como uma luva no que se entende por alteração em coda silábica final.

Quando Altina diz *frever*, e não *ferver*, como prega a norma culta, nada mais faz do que confirmar que a língua, em sua evolução natural, permite esse deslocamento de fonema na mesma sílaba, a metátese, fenômeno que se deu na passagem do latim para o português: semper>sempre, inter>entre, pro>por. Depois de merendarmos, tia Maria se precipita em direção à pia e diz à Altina: ―a *loiça* deixa que eu lavo‖. *Louça*, para tia Maria, é *loiça*, variante corrente no português europeu, e que Houaiss (2009) apresenta como regionalismo em Portugal, como pude registrar nessa imagem:

Figura 1: arquivo pessoal, 2012

Loiça lavada, Altina nos convida para dar uma volta no *terreiro* (segundo o Houaiss, regionalismo brasileiro para pequeno quintal de terra batida em residências populares) quer me mostrar as plantas. ―Altina, está bonito demais teu *bruguevi*‖, admira-se tia Maria. Olho para o arbusto e reconheço no bruguevi de Altina o arbusto que tratamos de *primavera*, na região de Londrina. O Houaiss (2009) traz ainda outras variantes para o espécime: buganvília, cansarina, ceboleiro, pataquinha, rosa-do-campo, roseta, sempre-lustrosa e três-marias.

Figura 2: Bougainvillea spectalis. Arquivo pessoal, 2011

Vou à fonte para conhecer mais sobre as duas variantes lexicais para a planta. Segundo a Larousse (1988, v. 24, p. 4876), primavera é uma ―trepadeira ornamental, dá cachos de três pequenas flores protegidos por brácteas vermelhas e lilases. É originária do Brasil e cultivada em várias partes do mundo‖. O nome científico da planta é *Bougainvillea spectalis*, do antropônimo Louis Antoine de *Bougainville*, um conde francês que, entre 1766 e 1769, fez uma viagem ao redor do mundo, tendo visitado o Rio de Janeiro e deixado descrições sobre a cidade, notadamente, sobre a flora brasileira.

Portanto, em Mortugaba e adjacências, a variante *bruguevi* tem origem no nome latino da planta.

Paro diante de uma touceira de *maria-sem-vergonha*, em plena floração. Altina percebe: ―*Êta* que essas *boas-noites tão* mesmo danadas de bonitas‖, diz ela. ―*Boasnoites*?‖ Eis a planta que toda a vida conhecei por *maria-sem-vergonha*:

Figura 3: ***Catharanthus roseus*****. Arquivo pessoal, 2011**

Recorro à Larousse, 1988, v. 5, p. 910, e lá está: ―*Catharanthus roseus* é uma planta ruderal e ornamental. Originária de Madagascar, tem folhas oblongas, pilosas, flores brancas ou rosadas. Contém alcaloides, é muito tóxica e a raiz é febrífuga‖. São registradas também as variantes vinca-de-madagascar, vinca-de-gato. O Houaiss (2009) traz as variantes balsamina, beijo, beijo-de-frade, não-me-toques e sultana.

Todos os fenômenos arrolados, com destaque para os de natureza fonética, presentes na fala de brasileiros com baixa ou nenhuma escolaridade formal, sobretudo, nas comunidades rurais, mas muito comuns também na zona urbana, portam, antes de tudo, uma carga bastante acentuada de preconceito e rejeição, especialmente em sociedades pautadas em valores subjetivos, que, nesse caso, referem-se ao bem falar (NARO, SCHERRE, 2007, p. 17).

O introdutório, pouco convencional dentro do que se espera de uma justificativa, presta-se a explicar, em parte, as razões que me levaram a esse empreendimento. As pretendidas diferenças diatópicas que eu percebia no trato pessoal – família oriunda do Nordeste residindo no Norte do Paraná – Leite e Callou (2010, p. 20) já haviam apontado:

> Todo brasileiro é capaz de reconhecer, intuitivamente, um grande eixo divisório entre os falares do ―norte‖ e os falares do ―sul‖: uma cadência do nortista e outra do sulista, vogais pretônicas abertas do nordestino e fechadas

> do sulista, e o *s sibilado* do sulista em oposição ao *chiante* do carioca e o *r rolado* do gaúcho em oposição ao aspirado do carioca.

Ainda na fase embrionária do projeto, sem elementos científicos sobre os quais pudesse me pautar, eu já intuía que a dimensão continental do Brasil, as condições geográficas, o histórico da ocupação de cada uma das regiões, e, forçosamente, o deslocamento e posterior contato linguístico entre populações de origens distintas, poderiam moldar a língua de alguma forma. Empresta-se daqui, acomoda-se ali, suprimi-se acolá: e a língua percorre os mesmos caminhos que os falantes.

Considerando todos esses fatores, compreendi que somente um atlas linguístico viria a demonstrar o que se me afigurava evidente. Mario Marroquim (utilizo aqui a edição de 2008), a seu tempo, já visionava essa complexidade de falares e relacionava o espaço territorial brasileiro às diferenças dialetais, sugerindo estudos específicos:

> A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do País. (MARROQUIM, 2008, p. 17).

Essa reflexão de Marroquim é reforçada, décadas depois, pelos linguistas na atualidade. Brandão (2015, p. 193) o confirma, e aponta, ainda, a pertinência da Sociolinguística nos estudos acerca da variação dialetal.

> La géographie linguistique des nombreux mérites, y compris celui d'avoir inauguré la pratique de la recherche sur le terrain, de l'organisation de *corpora*, de l'observation de la langue dans la dynamique, présentant un aperçu global de la variation sur un territoire parituclier, donnant lieu à des inférences de nature socio-historique, attirant l'attention sur des questions conernant les limites dialectales, les processus de changement, la propagation des formes et des sons. La sociolinguistique, à son tour, essaie de connaître en profondeur les variables linguistiques qui sont pertinentes dans les communautés de parole, permettant de vérifier en détail les motivations structurales et sociales qui déterminent l'accomplissement des variantes et des processus de changement. Ainsi, dans des pays comme le Brésil, d'une grande complexité sociale, il semble pertinent de combiner les nombreusses contribuitions de la dialectologie pratiquée aujourd'hui d'après de nouvelles bases aux principes théoriques et méthodologiques de la sociolinguistique variationnelle, pour l'analyse de phénomènes variables qui méritent d'être observés avec plus de précison. [5]

[5] A geografia lingüística tem inúmeros méritos, inclusive o de ter inaugurado a prática da pesquisa de campo, a organização dos *corpora*, a observação da língua em sua dinâmica, apresentando uma visão

Também a Paul Teyssier (1997, p. 64, 65), não escapou a diversidade geográfica e cultural, chamando atenção para a necessidade de pesquisas dialetológicas, com foco na complexidade sociocultural do Brasil:

> Há, hoje, na língua do Brasil, certa diversidade geográfica. Os lingüistas vêm tentando elaborar o mapa dos ―dialetos‖ brasileiros, à semelhança do que se tem feito para as línguas européias. Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma linha que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do Estado da Bahia) até à cidade de Mato-Grosso, no Estado do mesmo nome, próximo à fronteira boliviana.
> A realidade, porém, é que as divisões ―dialetais‖ no Brasil são menos gráficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. A dialetologia brasileira será, assim, menos horizontal que vertical.

Por todas as razões elencadas pelos autores que citei acima, e pelos que se sucederão ao longo desta tese, é patente a importância dos atlas linguísticos. Como os Estados da Bahia, de onde sou natural, e Sergipe, onde residi por algum tempo, e o
Paraná, onde vivo atualmente, já possuíam atlas linguísticos: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI, FERREIRA, ISENSEE, 1963), *Atlas Linguístico de Sergipe* – ALS I (FERREIRA et al, 1987), e *Atlas Linguístico de Sergipe II* – ALS II (CARDOSO, 2002), *Atlas Linguístico do Estado do Paraná* – ALPR (AGUILERA, 1994), respectivamente, vi no Estado de Alagoas, que ainda não possuía um atlas próprio, uma possibilidade de me iniciar nos estudos dialetológicos. E pus-me a caminho. Corria o ano de 2012 quando me submeti à seleção de doutorado do Programa de Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina, tendo sido aceita pela professora Vanderci de Andrade Aguilera.

geral da variação em um determinado território, dando lugar a inferências de natureza sociohistórica, chamando a atenção para questões concernentes aos limites dialetais, aos processos de mudança, a propagação de formas e de sons. A Sociolinguística, por sua vez, tenta conhecer com mais profundidade as variáveis linguísticas que são pertinentes nas comunidades de fala, permitindo de verificar com detalhes as motivações estruturais e sociais que determinam a realização das variantes e dos processos de mudança. Assim, em países como o Brasil, de uma grande complexidade social, parece ser pertinente combinar as numerosas contribuições da Dialetologia praticada na atualidade, sobre novas bases vinculadas aos princípio teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacional, para a análise de fenômenos variáveis que merecem ser observados com mais precisão. (Tradução da autora)

APRESENTAÇÃO GERAL DA TESE

1. HIPÓTESES

Nesta tese, levantam-se duas hipóteses: a primeira diz respeito à existência de elementos linguísticos suficientes para corroborar a proposta de Nascentes (1953) sobre a inclusão do Estado de Alagoas na área denominada de subfalar Nordestino; a segunda se baseia na premissa de que toda criação lexical é motivada na origem.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral:

(i) descrever a realidade linguística no Estado de Alagoas, no que concerne à língua portuguesa, por meio de um atlas linguístico**;**

2.2. Específicos:

(i) documentar a língua falada em áreas urbanas do Estado de Alagoas, junto a informantes do sexo masculino e feminino, de duas faixas etárias e com nível de escolaridade fundamental completo ou incompleto, tendo em conta, prioritariamente, as diferenças diatópicas em seus aspectos fônicos, léxico-semânticos e morfossintáticos, sob a perspectiva da Geolinguística e da Dialetologia Pluridimensional**;**

(ii) cartografar os dados linguísticos em cartas fonéticas, lexicais e morfossintáticas de modo que se possam ser verificados, na rede de pontos, os fenômenos investigados durante a pesquisa de campo;

(iii) apresentar análise motivacional de algumas designações lexicais fornecidas pelos informantes do ALEAL, comparando-as com dados de atlas linguísticos regionais brasileiros, do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) e dos atlas europeus *Atlas Linguistique Roman* (ALiR), *Atlas Linguarum Europae* (ALE) e *Atlas LinguísticoEtnográfico de Portugal e da Galícia* (ALEPG).

3. METODOLOGIA 3.1. Questionários

O ALEAL, a exemplo de atlas linguísticos contemporâneos da chamada 2ª geração, sustenta-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Geolinguística (DAUZAT, 1922) e da Dialetologia Pluridimensional **(**THUN, 1998), ao investigar *in situ* a realidade linguística de toda uma comunidade em seu espaço areal (diatópico), no intuito de reunir dados que apontem as diferenças diastrásticas, diassexuais e diageracionais no Estado de Alagoas.

Os dados**,** levantados por meio de aplicação de questionários, são apresentados em cartas linguísticas de modo a oferecer uma visão pluridimensional das variantes dialetais obtidas. Abaixo está discriminada a somatória das questões, segundo as especificidades de cada um dos segmentos.

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO	QFF	90
QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL	QSL	199
QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO	QMS	33
PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS	PMT	6
QUESTIONÁRIO TOTAL		328
TOTAL DE DADOS		18368

a) Questionário Fonético-Fonológico - QFF

Com o intuito de apontar os fenômenos linguísticos que embasaram a principal hipótese da pesquisa – que a divisão dialetal de Nascentes (1953) era procedente – foi aplicado o Questionário Fonético-Fonológico. As variáveis pesquisadas, entre as quais aquelas evidenciaram a proposta de Nascentes, como, por exemplo, as perguntas referentes às vogais médias anteriores em posição pretônica, compuseram o rol de questões do ALEAL, como se pode ver no quadro que se segue.

A partir do QFF foram produzidas 39 cartas fonéticas, com todos os fenômenos linguísticos contemplados. No quadro que se segue, em itálico, estão discriminadas as variantes representadas em cartas. Uma questão, a QSL 194 – TERRENO, mesmo fazendo parte das questões semântico-lexicais, integra as cartas fonéticas, por ser possível de ser verificar, na variante, o comportamento da vogal média anterior em posição pretônica.

Quadro 1: Distribuição do Questionário Fonético-Fonológico - QFF

Nº da pergunta no QFF	**Variável a ser pesquisada**	Contextos de ocorrência da variável
02, 03, 07, 021, (QSL 194)	Vogal média anterior em posição pretônica	*Televisão, prateleira*, travesseiro, *fervendo, terreno*
17, 20, 23, 31, 58, 63, 69	Vogal média posterior em posição pretônica	Gordura, *colher*, tomate, *borboleta*, advogado, procissão, *coração*
3, 19, 4, 7, 5	Monotongação/ditongação dos ditongos /a – ey – ow/	*Prateleira, peneira, caixa*, travesseiro, tesoura
22, 35, 8, 54, 55	Realização da consoante /l/ em posição final	Sal, sol, luz, azul, *Brasil*
3, 23, 34, 75	Palatalização de /t/ e /d/ antes da vogal anterior /i/ ou depois da semivogal anterior /y/	*Prateleira*, tomate, *dia, tio*
194, 28, 15, 47	/R/ em início de sílaba ou de vocábulo	*Terreno*, rosa, ruim, real
19, 17, 21, 31	/R/ em coda silábica medial	Gordura, *fervendo, borboleta*
20, 37, 73	/R/ em coda silábica externa	*Colher, calor*, mulher
39, 8, 70, 78	Ditongação da vogal diante de sibilante	*Três*, luz, costas, voz
12, 24, 70	/S/ em coda silábica, em posição interna	*Fósforo*, casca, costas
21	Apagamento de /d/ no grupo /nd/, nas formas de gerúndio	*Fervendo*
20, 73, 74, 80	Realização das laterais palatais	*Colher*, mulher, família, *braguilha*
14, 25, 42, 43, 77	Rotacismo ‗ /l/ >/r/	Almoço, clara, *placa*, bicicleta, alta
9, 12, 68	Paroxitonização de proparoxítonas	Lâmpada, *fósforo, fígado*

b) Questionário Semântico-Lexical - QSL

O Questionário Semântico-Lexical, com suas 199 questões, prestou-se a registrar as variantes para referentes oriundos do meio físico e antrópico. Além das designações registradas, o QSL também permitiu a documentação de relatos de tradição oral que subsistem junto aos informantes da área pesquisada. Do QSL foram realizadas 41 cartas, sendo que todas as duas grandes áreas e as subáreas foram contempladas.

Quadro 2: Distribuição do Questionário Semântico-Lexical - QSL

ÁREA SEMÂNTICA	**Subárea semântica**	**Número de questões no ALEAL**	**Número de análises da motivacional na criação lexical das designações**
NATUREZA	Eventos naturais	6 questões	Questão 4: redemoinho (de água)
	Fenômenos atmosféricos	12 questões	Questões- 7: redemoinho (de vento);
	Astros e tempo	9 questões	
	Flora	12 questões	Questões- 39: tabaco; 44: mandioca
	Atividades agropastoris e similares	15 questões	
	Fauna	18 questões	Questões- 57: joão-de-barro; 62: gambá; 69: libélula; 72: mosquito
HOMEM	Corpo humano	39 questões	
	Ciclos da vida	16 questões	
	Convívio e comportamento social	15 questões	Questão 137: aguardente
	Religiões e crenças	6 questões	
	Jogos e diversões infantis	8 questões	
	Habitação	8 questões	
	Alimentação e cozinha	15 questões	
	Vestuário e acessórios	11 questões	
	Vida urbana	10 questões	

c) Questionário Semântico-Lexical - QMS

O Questionário Morfossintático intentou registrar variantes relativas às realizações sintáticas e morfológicas, propondo aos informantes questões acerca de determinados fenômenos, os quais são apresentados no quadro abaixo. Sete cartas foram geradas deste questionário. No quadro 3, os fenômenos analisados:

Quadro 3 : Distribuição do Questionário Morfossintático - QMS

Classe gramatical	Flexão gramatical	Número de questões no ALEAL
Artigo	Diante de nomes próprios	1
Substantivo	Gênero	6
	Número	10
Pronome	Pessoais	4
	Possessivos	1
Preposição "de" antes de conceito de maioridade/menoridade		2
Verbo	Presente do indicativo	3
	Futuro do presente	1
	Futuro do pretérito	1
	Concordância verbal	1
	Diacronismo : procurar/caçar	1
Advérbio	Colocação do Não em respostas negativas	3
Perguntas metalinguísticas		6

Reproduzi, praticamente, todas as questões do ALiB, excetuando-se algumas perguntas que achei por bem inserir, motivada pela experiência de ter residido por três anos, de 2009 a 2012, em Aracaju. Ainda que o Estado de Sergipe tenha sido incluído por

Nascentes (1953) no subfalar Baiano, estando fora dos domínios do subfalar Nordestino, considerei que algumas variantes linguísticas que me chamavam a atenção na capital sergipana poderiam ser encontradas, também, no Estado vizinho.

São os casos, particularmente, da questão de número 198, que inquiria sobre ―aquilo que é feito de um material muito leve, com duas alças, em que se colocam as compras na feira e no mercado‖, e que obteve *bolsa* como segunda resposta, pouco atrás de *sacola plástica*, como poderia ser dito por alguém que, tal qual a mim, reside no Norte do Paraná; da questão de número 174 do QSL, que buscava designações para o ―líquido congelado feito de suco de frutas ou leite, e colocado num saquinho plástico fino e comprido‖, e que registrou a variante *flau*, ou *frau*, para 68% dos informantes alagoanos. Já a questão número 93 do QSL referente à ―*parte funda entre o pescoço e os ombros de algumas pessoas magras*‖, e que buscava a variante *saboneteira*, quis atestar se essa designação, corrente entre membros de minha família, seria encontrada em Alagoas.

Já no QFF, na questão 90, inquiri os informantes sobre o modo de se manifestar condolências em um velório, esperando obter a variante *pês<u>ames</u>*. Na pergunta número 23 do QMS, em que a finalidade era confirmar a presença da preposição *<u>de</u>* antes do conceito de maioridade e menoridade [maior/<u>de</u> maior; menor/<u>de</u> menor], propus o seguinte: ―*quem ainda não completou dezoito anos não pode tirar carteira de habilitação porque...*‖; e ―*quem já completou dezoito anos pode tirar a carteira de habilitação porque...*‖. No mesmo QMS, na questão 30, pretendi registrar o uso do verbo *caçar*, quando se está à cata de algo que se perdeu. Meu objetivo era comprovar uma das acepções deste verbo em Houaiss, apresentado como um regionalismo do Brasil: ―*procurar insistentemente, catar, buscar*‖.

Nos seis temas abordados nas **Perguntas Metalinguísticas**, com propostas discursivas acerca dos diferentes falares no Brasil, pude, como inquiridora oriunda do Estado do Paraná, e, como propôs Nascentes (1953), uma representante do falar sulista, conduzir os diálogos de modo a obter dos informantes a percepção e identificação da pretendida divisão dialetal no território brasileiro. As Perguntas Metalinguísticas e os relatos livres, como se verá no tópico referente à interpretação de alguns dos dados obtidos, revelaram-se extremamente ricos nesse sentido.

Agora que esta pesquisa é posta a termo, tenho por bem escusar-me de situações às quais, infelizmente, não pude me esquivar. Por exemplo, lamento que o questionário, com tanto apuro preparado, mostrou-se me falho em algumas ocasiões. Cito a questão número 6 do QFF, que trata da nasalização em *c<u>a</u>minha*. Poucos foram os informantes que

responderam a questão espontaneamente. Não que a pergunta, da maneira como é formulada [e que reproduzi ao feitio do ALiB] apresente problemas de compreensão, entretanto, por alguma razão que desconheço os informantes tendem a responder que ―*aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno*‖, é uma ―*cama pequena*‖, ou uma ―*cama de solteiro*‖, ou um ―*beliche*‖, entre outras.

Face ao impasse, lancei mão de expedientes que, talvez, inquiridores mais experimentados não o fizessem: cheguei a induzir alguns informantes de maneira direta, em suma, pronunciava a palavra muito rapidamente para que o entrevistado a repetisse sem se aperceber de minha maneira de falar. E mais, diante de um informante alfabetizado, eu mostrava a palavra *caminha* escrita num papel, e assim me eximia de pronunciá-la. Esclareço que esse artifício, quando julguei necessário fazê-lo, utilizei-o somente no QFF, uma vez que se tratava unicamente do registro fonético. Nos casos em que assim agi, as transcrições fazem saber aos que a consultarem que a inquiridora ―*queimou a questão*‖. Conquanto o tenha feito, e ainda que o procedimento não seja recomendado, quando ouço os áudios das entrevistas, não considero que em nenhum dos casos o fato de ter dito a palavra tenha influenciado a fala de meu informante. Isso porque esta pergunta específica aparece logo no início do questionário, e nos primeiros instantes os informantes, ainda não perfeitamente à vontade, ouviam-me sem, contudo, prestar muita atenção ao meu acento. E, para finalizar, os áudios são a prova disso: os informantes mantiveram suas especificidades, e pronunciaram a palavra diferente de mim.

Outras perguntas do QFF representaram particular dificuldade na obtenção de respostas. Refiro-me às questões 59 (questão / qüestão), 60 (pego), 61 (inocente). Os informantes tendiam a responder *causa/problema*, em lugar de *questão*; *preso* (abordase, na pergunta, um *ladrão pego pela polícia*) ao invés de *pego*; e *injustiçado, caluniado, perseguido*, em vez de *inocente*, a resposta esperada. Naturalmente, eu relançava a pergunta sob contextos diferentes no intuito de chegar ao que propunha o QFF, mas a tentativa nem sempre lograva êxito. Fui percebendo, no decorrer das entrevistas, que se refizesse a pergunta duas, três vezes ou mais, o informante perdia a concentração e se mostrava decepcionado, até arredio e evasivo nas questões posteriores. Quando me defrontava a essas situações (e isso se deu com alguma frequência), eu assentia ao que o informante havia dito, evitando, assim, constrangê-lo e prejudicar a espontaneidade do restante do questionário.

Defendo minha interferência nos exemplos citados pautando-me no que diz Dauzat (1922, p. 10) sobre a metodologia de Edmond Edmont quando da aplicação dos inquéritos do *Atlas Linguistique de la France* (ALF):

> J'ai fait moi-même l'expérience suivante en Auvergne. J'ai demandé un jour à une paysanne comment on disait l'arc-en-ciel en patois, je connaissais de longue date ce mot, qui était redzô). Elle me répondit sans hésiter : « On dit arc-en-ciel comme en français. Je repris : « Mais alors, et redzô ? — C'est vrai! suis-je sotte ! [6]

Os questionários do ALIB, formulados para contemplar a realidade linguística do País, mostraram-se extremamente pertinentes e funcionais dentro da proposta do ALEAL. Todavia, se, por um lado, a versatilidade dos questionários utilizados no ALIB proporcionou bastante segurança – por ter o comitê de pesquisadores refletido à exaustão sobre os diversos contextos sociais que seriam encontrados no território nacional – por outro lado, os mesmos questionários, pela praticidade que representavam, de certo modo tolheram outras propostas [minhas]. O pesquisador, não raro, seja por falta de tempo ou de recursos, tem por tendência se orientar por metodologias já experimentadas, sendo esse o caso do ALEAL[7]. No momento da elaboração do projeto de pesquisa, cogitei abranger questões mais específicas e pontuais acerca dos tipos humanos alagoanos, alguns deles, tão bem retratados na ficção por escritores como Graciliano Ramos, natural de Quebrangulo. Nessa cidade mesmo – feliz coincidência – deparei-me com um aboiador de gado, personagem que poderia ter saído de uma das páginas escritas pelo célebre alagoano. José Flor, como se chamava o quebrangulense a que me refiro, não se encaixou no perfil dos informantes do ALEAL, mas, em contrapartida, permitiu que eu gravasse seu canto dolente, registro esse que, certamente, poderá ser aproveitado para algum tipo de estudo de cunho etnolinguístico.

Demais questões relativas à lida com o gado, e, ainda, sobre a manufatura das mulheres rendeiras – essas, encontradas, mais particularmente, em povoados ao longo do rio São Francisco – não compõem a temática geral deste atlas linguístico. Quiçá possa eu, noutro momento, explorar essa realidade sociocultural em futuros estudos científicos. Os

---

[6] ―Eu fiz eu mesmo a seguinte experiência em Auvergne. Pedi um dia a uma camponesa como se dizia arco-íris em seu dialeto (eu conhecia de longa data, que era ‗redzô‘). Ela me respondeu sem hesitar: ―a gente diz arc-en-ciel [arco-íris] como em francês. Eu retruquei: ― e então o ‗redzô‘?‖. É verdade, como eu sou boba!‖ (Tradução da autora)

[7] Lamento ainda não ter incluído no QSL um número maior de questões relativas à fauna, notadamente, as designações lexicais para abelha, pirilampo, centopeia, sapo e lagarto. Na flora, poderia ter explorado as variantes lexicais para ervas aromáticas, tais como o alecrim, o capim-cidreira, a erva-doce e o coentro, especialmente esse último, tão caro à culinária nordestina. O bioma Caatinga, com seus espécimes vegetais e animais típicos, também não explorei em meu questionário, no que, realmente, perde este atlas. O acesso que tive aos atlas europeus – AliR, ALE e ALEPG – permitiu-me conhecer a riqueza lexical das línguas românicas no que concerne aos elementos da vida natural, como esses a que me referi. A análise da motivação lexical que poderia empreender, comparando os dados do ALEAL com banco de dados de atlas brasileiros e europeus, muito provavelmente, acrescentaria mais valor a esta tese.

inquéritos em Alagoas não foram os primeiros que conduzi em minha vida profissional. Possuo graduação em comunicação social, com habilitação em jornalismo, o que, de certo modo, facilitou-me o trabalho de inquiridora. Para o jornalista e o dialetólogo, o instrumento de trabalho é o mesmo: a língua. Contudo, a técnica para entrevistas jornalísticas não é, necessariamente, a mesma empregada nos inquéritos com fins dialetológicos, esses últimos, mais longos, exigindo um contato mais estreito entre inquiridor e informante, enquanto que, no jornalismo, prega-se o contrário. Considero que entrevistas concedidas em jornalismo são mais fáceis de administrar, visto que as pessoas abordadas conhecem ou têm ao menos uma noção básica do que é e a que se prestam as reportagens jornalísticas. O mesmo não se dá com as entrevistas de cunho dialetológico, em que a abordagem é, para mim, de longe, mais dificultosa: na maior parte dos casos, os informantes não conseguem compreender para que irão servir, nem para onde irão os dados que ele fornecerá. Naturalmente, isso se aplica menos aos informantes com maior grau de escolaridade e que estejam cientes da existência de pesquisas científicas envolvendo a variação linguística. Nas entrevistas em Alagoas, calculo ter passado em média entre duas horas e meia e três horas com cada informante, e, entrementes, ao menos vinte minutos para explicar a finalidade de minha demanda. Em alguns casos, a abordagem junto ao informante gerava desconfiança, ainda mais quando eu não se estava acompanhada de um morador conhecido do lugar. Assim se deu em algumas localidades, sendo que em uma delas, Junqueiro, ponto da rede sugerida por Nascentes, não consegui levar a cabo nenhuma entrevista. O desenrolar do processo da pesquisa de campo está mais detalhado nos capítulos que seguem adiante. **4- REDE DE PONTOS:TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ALAGOAS**

No que tange à rede de pontos, o ALEAL segue exatamente a proposição de Nascentes (1958), que indicou 21 localidades no Estado de Alagoas. Excetuando-se as cidades de Canapi e Quebrangulo, que não entraram no rol daquele autor, e a exclusão (e posterior substituição) do município de Junqueiro, onde encontrei algumas dificuldades pontuais (chovia bastante quando lá cheguei, era feriado prolongado, e, estando a prefeitura e demais instituições oficiais em recesso, não pude contar com nenhum apoio para encontrar os informantes). Sem esse impedimento, a rede de pontos do ALEAL teria uma localidade a mais, seriam 22 pontos. Portanto, Junqueiro foi a única localidade sugerida por Nascentes a não entrar na rede do ALEAL.

Figura 4 - Estrada para a Quebrangulo de Graciliano Ramos: 4 de fevereiro de 2014 (foto: Barbosa-Doiron)

O Estado de Alagoas[8], localizado na Região Nordeste, entre Pernambuco (ao Norte), Sergipe (ao Sul), Bahia (a Oeste) e o Atlântico (a Leste), numa área de 27.778,506 km2, é o segundo menor Estado do País em extensão territorial, ficando à frente de Sergipe. A capital alagoana é Maceió. A população, de acordo com Censo
2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de 3.120.494 milhões de habitantes. Há 102 municípios, o que resulta em uma densidade demográfica de 112,33 habitantes por km2.

Foi o navegador Américo Vespúcio, a serviço de Portugal, quem primeiro explorou o litoral de Alagoas, em 1501. Incluído na capitania de Pernambuco, o território começou a ser colonizado em 1545, quando o donatário Duarte Coelho ali estabeleceu os primeiros engenhos de açúcar e lançou as bases do porto fluvial de Penedo, às margens do rio São Francisco.

Em 1556, o bispo D. Pero Fernandes Sardinha, após um naufrágio, teria sido devorado pelos índios caetés, que povoavam a região. Esse fato levou Portugal a enviar, em 1560, uma expedição comandada por Jerônimo de Albuquerque, que dizimou quase por

[8] Os dados são do IBGE. www.ibge.gov.br. Acesso em: 10/09/2013. Dados geográficos e históricos são da Grande Enciclopédia Larousse Cultural. V. 1, p. 133-137. São Paulo: Editora Nova Cultural, Círculo do Livro, 1987.

completo os grupos indígenas locais. Em seguida, foram distribuídos lotes de terra aos colonizadores e intensificada a produção de açúcar. O primeiro núcleo urbano foi Porto Calvo; o segundo, Alagoas (atual Marechal Deodoro), e o terceiro, Penedo.

Em 1631, os holandeses, que haviam invadido Pernambuco, entraram em Alagoas, conduzidos por Domingos Fernandes Calabar, figura controversa da história brasileira. Vários núcleos de povoamento foram destruídos e a população dispersou-se. Maurício de Nassau, governador dos domínios holandeses no Brasil entre 1637 e 1644, planejou o repovoamento da região, mas não chegou a executá-lo porque em 1645, os holandeses foram expulsos da região pelos portugueses. Começaram então os esforços para reconstruir a economia e combater os escravos fugidos durante a guerra contra os invasores, reunidos em aldeias e quilombos, entre os quais, o célebre Palmares.

Em 1711, foi instalada a comarca de Alagoas, com sede na vila de Alagoas (atual Marechal Deodoro), devido à importância econômica da região, grande produtora de açúcar, fumo, algodão, couros e madeiras. Em 1817, já com uma população que ultrapassava as 90 mil pessoas, tornou-se capitania independente de Pernambuco, como consequência de uma ação de seu corregedor-mor, Antônio Padilha, que não aderiu à Revolução Pernambucana.

Em 1822, com a Independência, passou a ser província do Império. Nesta época, já se contava com vilas como Maceió, Atalaia, Anadia e Poxim. Em 1839, a capital foi transferida para Maceió. O Estado sofreu as repercussões de revoluções regionais, como a Confederação do Equador (1824) e a Cabanada (1832), no que já se fazia antever o peso das forças políticas representadas por famílias de grandes fazendeiros.

4.1. Geografia

É um Estado de altitudes modestas, em geral inferiores a 300m. As maiores elevações encontram-se ao Norte, nas encostas do planalto da Borborema, com altitude média de 600 metros. O centro-oeste é quase plano – com incidência de pediplanos – com algumas serras e picos isolados. Próximo ao litoral, surge a baixada costeira, onde são encontradas lagunas e tabuleiros arenosos de altitude inferior a 100m. No rio São Francisco, que separa Alagoas de Sergipe e da Bahia, encontra-se a cachoeira de Paulo Afonso, cujo sítio abriga uma usina hidrelétrica. Além do São Francisco, outros rios importantes para o Estado são o Mundaú e o Paraíba do Meio.

Há quatro regiões naturais no Estado: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Baixo São Francisco. Na Zona da Mata, a Leste e ao Norte, predominam os terrenos férteis onde

antes havia densa floresta tropical, hoje praticamente extinta. O Agreste, na região central, possui solos ricos, embora rasos, com uma vegetação de transição, entre o Sertão e a Zona da Mata. O Sertão, no Oeste do Estado, é uma pequena faixa semiárida, com vegetação de caatinga. Ao Sul, a região do Baixo São Francisco compreende planícies aluviais sujeitas a inundações.

O clima, quente e úmido em quase todo o Estado, apresenta uma temperatura média de 24º C e um índice pluviométrico de 1.400mm, exceto no Sertão, onde não chega a 1.000mm anuais.

4.2 Economia

Penúltimo Estado do Brasil em superfície, tem a economia centrada, basicamente, no setor primário. A agropecuária emprega boa parte da população ativa. Seu principal produto é a cana-de-açúcar, que se beneficia dos solos de massapé da Zona da Mata. Outras culturas importantes são o algodão, a mandioca (Agreste e Sertão), agave, café, fumo (no Agreste, com destaque para o município de Arapiraca), coco (à beira-mar) e arroz (baixo São Francisco). O milho e o feijão são cultivados em todo o Estado.

No setor pecuário, a criação de bovinos é a mais importante, principalmente no Sertão, sendo também significativos os rebanhos de ovinos, suínos, caprinos e equinos. O desenvolvimento industrial, incipiente, se comparado a outros Estados, funda-se no tradicional, predominando os setores têxtil e de alimentos – açúcar e laticínios. A indústria extrativa está representada pela produção de petróleo, gás natural e sal-gema. Apesar do relativo crescimento do setor industrial, ainda é forte no Estado o movimento migratório para o Sudeste do País.

Nas últimas décadas tem florescido o setor de turismo, notadamente, na costa litorânea, o que rende dividendos importantes para a economia de Alagoas.

Alagoas é tristemente célebre por ser o Estado com o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil, com 0,631 (o IDH nacional é 0,755) e renda per capita média de 598 reais mensais (a média nacional é de 1.113 reais mensais)[9]. No que tange a educação, os números do IBGE são ainda mais acabrunhadores: a população residente que nunca frequentou escola é 461.463 pessoas.

[9] Os dados são do Censo 2010 – IBGE (www.ibge.gov.br).

O Estado de Alagoas, segundo a divisão dialetal de Nascentes (1953), faz parte dos falares do Norte e se inscreve no ―subfalar nordestino‖. Na figura abaixo, a clássica proposição do autor:

Figura 5: Divisão dialetal proposta por Nascentes, e disponível em *www.alib.ufba.br/*. Acesso em: 18/10/2012

A rede de pontos elaborada por Nascentes (1953) em Alagoas conta com 21 localidades. Uma delas, o município Vitória, em sua lista, não consta mais da configuração política do Estado. Fazia parte da rede de pontos sugerida pelo autor o município de Paulo Afonso, mas a cidade, hoje, pertence ao Estado da Bahia. Alguns municípios tiveram seus nomes mudados dos anos 50 para cá, caso de Pedra, que hoje se chama Delmiro Gouveia. Outra localidade, Limoeiro de Anadia, teve incorporado Anadia ao nome devido ao fato de ter sido distrito desta cidade.

Em sua divisão, fundamentalmente de natureza linguística, Nascentes levou em consideração alguns critérios como a localização da cidade ou vilarejo, e nesse sentido, aspectos geográficos tais como rios, relevo, fatores físicos que, muitas vezes, dificultam a comunicação, isola de alguma forma a comunidade e marca os falares. Da mesma maneira, a ancianidade de cada ponto e alguns elementos sócio-históricos podem influenciar o dialeto local. Ademais, na demarcação dos seis subfalares, ressaltou a natureza prosódica, que ele denominou de cadência. Qualquer leigo, independentemente do nível de escolaridade, sabe distinguir as diferentes características dos diferentes falares do País, e algumas vezes, de modo até caricatural. Nascentes, atento a todas as minúcias

– fonéticas, lexicais, prosódicas – desse rico universo dialetal, agrupou todos os elementos linguísticos determinantes na variação dialetal e apresentou sua proposta, que até os dias atuais é acatada pelos dialetólogos e geolinguistas.

Segue-se uma breve apresentação das localidades que compõem a rede de pontos do ALEAL. Importante salientar mais uma vez que as 21 localidades são exatamente as mesmas da lista de Nascentes, com exclusão de Junqueiro e Vitória, substituídas por Canapi e Quebrangulo pelas razões expostas no item 4 – REDE DE PONTOS[10]. As datas de fundações mais antigas de cada município são do IBGE, e algumas informações referentes à economia e aspectos gerais da cultura são do Wikipedia (https://pt.wikipedia.org).

[11]**Ponto 1 – DELMIRO GOUVEIA**

[10] Todas as informanções concerntes à rede de pontos são das seguintes fontes: IBGE e Wikipedia (https://pt.wikipedia.org).

[11] Todas as fotos dos municípios inquiridos são do arquivo da autora.

População: 48.096

Gentílico: delmirense

O primeiro nome dado à cidade de Delmiro Gouveia foi Pedra, tendo surgido a partir de um núcleo urbano em torno de uma estação da estrada de ferro da companhia Great-Western, também conhecida como Ferrovia Paulo Afonso O topônimo Pedra deve-se às grandes rochas que existiam junto da estação. Delmiro Gouveia faz divisa com três Estados brasileiros: Bahia, Sergipe e Pernambuco.

Em 1903 chegou à região, vindo de Recife (PE), o cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, que se estabeleceu vendendo couros de bovinos e peles de caprinos. Em 1914, ele instalou uma fábrica de linhas têxteis com o nome de Companhia Agro Fabril Mercantil, atraindo para a região muitos moradores e trazendo o desenvolvimento. Em 1921, Delmiro Gouveia conseguiu dotar o lugar de energia elétrica e água canalizada, vindos da cachoeira de Paulo Afonso A história registra como fato importante a visita do Imperador D. Pedro II à cachoeira, datada de 20 de outubro de 1859 e assinalada por um marco de pedra, erguido no local.

O decreto-lei 846, de 01 de novembro de 1938, da Interventoria Federal, criou o distrito com o nome de Pedra. O decreto-lei 2.902, de 30 de dezembro de 1943 que fixou a divisão administrativa e judiciária do Estado mudou a denominação da vila para Delmiro

Gouveia. O município, porém, só foi definitivamente criado pela Lei 1.623, de 16 de junho de 1952, desmembrado de Água Branca. Delmiro Gouveia, o desbravador pioneiro no aproveitamento econômico da região, morreu assassinado, crime até hoje não esclarecido e que ainda suscita muitas especulações.

Ponto 2- CANAPI

População: 17.250

Gentílico: canapiense

Relativamente novo, o município de Canapi teve origem em uma propriedade chamada ―Cavalo Morto‖. A casa grande dessa fazenda ficava no lugar onde hoje é a sede da prefeitura. Em 1948, começaram os primeiros movimentos relacionados à formação do núcleo populacional do vilarejo, com destaque para o pioneiro Joaquim Tetê. No mesmo período, chegou no local um funcionário público do Estado, de nome Luís Bastos, encarregado da construção de uma ponte sobre o rio Canapi, e com ele vieram muitos operários. Em pouco tempo, formou-se um aglomerado urbano, que logo se transformou em povoado. Entusiasmado com o crescimento da nova comunidade, Bastos implantou uma feira, atraindo a atenção dos próprios moradores e de povoados vizinhos. O pioneiro Joaquim Tetê batizou sua propriedade de Canapi Velho, considerando que em torno dela progredia o novo Canapi. Data de 1956 a construção da igreja, ampliada em 1970, sendo hoje a matriz de São José, o padroeiro do município. O movimento de emancipação política foi coordenado pelas famílias de Eraldo Malta Brandão e Pompilho Brandão de

Alacântara, que, instaladas no município, asseguraram grande controle político e administrativo. A data da formação efetiva do município Canapi é de 1962.

Ponto 3 - SANTANA DO IPANEMA

População: 44.932

Gentílico: santanense

Santana do Ipanema, no final do século XVIII, não passava de um arraial, habitado por índios e mestiços. Com a chegada do padre Francisco José Correia de Albuquerque à região (vindo de Pernambuco), os índios foram catequizados e a primeira igreja construída. Em 1815, os irmãos Martins e Pedro Vieira Rêgo, descendentes de portugueses e vindos da Bahia, foram beneficiados pelo rei de Portugal com uma sesmaria, instalando-se perto da Ribeira do Panema (próxima às serras da Camonga, Caiçara e Gugy), transformando suas terras em grandes fazendas e tornandose os primeiros colonizadores.

A freguesia data de 24 de fevereiro de 1836. Em 1875, passou a ser vila, desmembrada do território de Traipu. Em 1921, Santana do Ipanema chegou à categoria de cidade.

Ponto 4 - PIRANHAS

População: 23.045

Gentílico: piranhense

O município de Piranhas data do século XVII. A localidade era, então, conhecida como Tapera. Localizado às margens do São Francisco, Piranhas, teve seu desenvolvimento ligado a esse rio.

O estabelecimento da navegação a vapor, em agosto de 1867, fazendo o percurso Penedo - Piranhas, proporcionou novo impulso ao município. Entretanto, o maior fator de desenvolvimento deve-se à construção de uma estrada de ferro.

No ano de 1887 foi criada a vila com território desmembrado de Pão de Açúcar e Água Branca. A data da formação mais antiga do município é de 1911. Piranhas, tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional pelo seu conjunto arquitetônico, está diretamente ligada à história do cangaço. Lampião, Maria Bonita e mais alguns cangaceiros tiveram na cidade suas cabeças expostas, depois de terem sido tocaiados e mortos na gruta do Angico, nas proximidades, entre Sergipe e Alagoas.

A economia de Piranhas se firma sobre a pesca artesanal, a agriculta de subsistência e ao turismo, esse último graças ao Rio São Francisco.

Ponto 5 PÃO DE AÇÚCAR

População: 23.811

Gentílico: pão-de-açucarense

O início do povoamento da localidade que viria a ser chamada de Pão de Açúcar começou por volta de 1611. À época, concentravam-se ali uma população de origem branca e índios da Serra do Aracaré, Estado de Sergipe. No início do século XVII, os Urumaris, índios que habitavam a região, conseguiram do Rei D. João IV terras às margens do rio São Francisco.

Deram ao lugar o nome de "Jaciobá", que na linguagem tupi-guarani significa "Espelho da Lua". A doação não agradou os índios Chocós, que invadiram as terras dos Urumaris e os expulsaram de lá. Em 1634, Cristóvão da Rocha tomou posse das terras onde hoje está o município. Em 1660, porém, as terras passaram, por carta de sesmaria, para o português Lourenço José de Brito Correia, que instalou uma fazenda de gado e deu a ela o nome de Pão de Açúcar. O nome vem da forma de um dos morros que era semelhante à maneira pela qual se purificava o açúcar.

Em 1815, as terras foram leiloadas e arrematadas pela família do padre José Rodrigues Delgado, que deu grande impulso ao desenvolvimento do povoado. Pão de Açúcar ainda era vila, em 1859, quando D. Pedro II pernoitou lá, em sua viagem para Paulo Afonso. Foi elevado à condição de cidade em 18 de junho de 1887, desmembrado de Mata Grande.

A presença de alguns sítios arqueológicos, com inscrições e fósseis de animais pré-históricos, bem como o São Francisco que banha a cidade fomentam o turismo e traz dividendos para a economia do município.

-

Ponto 6 - TRAIPU

População: 25.702

Gentílico: traipusense ou traipuense

O significado do topônimo Traipu, segundo alguns moradores, quer dizer ―muito peixe‖, e segundo outros, ―olho d'água do monte‖. Conta-se, na localidade, que nos fins do século XVII, já havia um núcleo populacional na localidade. Nesse período, o povoado era chamado de Porto da Folha. Posteriormente, em 1870, passou a chamar-se Traipu, em razão de se achar o povoado muito perto de Porto da Folha, em Sergipe. Por ocasião da emancipação, Traipu, elevada à categoria de município em 1892, desvinculou-se dos distritos de Mata Grande, Santana do Ipanema, Batalha, São Brás e Girau do Ponciano.

A economia do município, como a maior parte das localidades de Alagoas, se apoia na pesca e na pequena agricultura, além de artesenato, principalmente a rendaria.

Ponto 7 PENEDO

População: 60.378

Gentílico: penedense

Existem duas versões para a origem do município de Penedo. A primeira, de que a criação do povoado está relacionado a Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário da capitania de Pernambuco, que se aventurou em viagens de exploração do rio São Francisco. A segunda, mais divulgada, credita essa responsabilidade a seu filho, Duarte Coelho de Albuquerque, que herdou a capitania.

Segundo historiadores, a conquista de Alagoas e, particularmente, de Penedo, começou em 1560, quando Albuquerque organizou duas bandeiras: uma com destino ao norte de Olinda e outra para o sul. A que se dirigiu ao sul atingiu o rio São Francisco entre 1560 e 1565. A primeira sesmaria registrada na região data de 1596, mas acreditase que o povoado só foi oficialmente fundado a partir de 1613. Em 1636, foi elevada à Vila de São Francisco e no final do século XVII passou a ser chamada de Penedo do Rio São Francisco. Em 1842, foi elevada à categoria de cidade.

Penedo ergue-se sobre um rochedo às margens do rio São Francisco, e conserva um patrimônio artístico-cultural com marca dos colonizadores portugueses, holandeses e dos missionários franciscanos, esses últimos, responsáveis pela arquitetura barroca de conventos e igrejas.

Penedo atrai muitos turistas, o que gera empregos e movimenta o comércio local.

-

Ponto 8 - PIAÇABUÇU

População: 17.203

Gentílico: piaçabuçuense

O início da formação do povoado data dos primeiros tempos da exploração do baixo São Francisco, em meados de 1600. Era o local o ponto preferido pelos que atravessavam o Rio São Francisco, quando viajavam por terra para Pernambuco e
Bahia. O topônimo é de origem indígena: ―piaçava‖ (palmeira), e ―guassu‖ (grande). motivado pela abundância de palmeirais.

Data de maio de 1882 a elevação à categoria de Vila, sendo desmembrado de Penedo. A data da formação do município é de 1911.

Município de pequeno porte, Piaçabuçu tem a economia pautada na produção de coco, arroz, cana-de-açúcar e atividades pesqueiras – produz camarão. À parte essas atividades, tem no turismo uma fonte de renda: é no município que o São Francisco desemboca no mar.

Ponto 9 CORURIPE

População: 52.130

Gentílico: coruripense

O rio Coruripe, conhecido como Cururugi pelos índios caetés, deu nome ao município. A região ficou conhecida na história do Brasil por ter sido palco do naufrágio da nau Nossa Senhora da Ajuda, que conduzia o bispo Dom Pero Fernandes Sardinha a Portugal. O bispo teria sido devorado pelos índios caetés. A história também registra no local o naufrágio do navegador espanhol Dom Rodrigo de Albaña, que foi homenageado com o batismo de um grande rochedo, em 1560.

De uma capela nasceu o povoado, onde já se comercializava ativamente o paubrasil e outras madeiras. Na segunda metade do século XIX, a prosperidade de Coruripe levou-o a superar a vila de Poxim, à qual estava subordinado. Foi elevado à vila em 1866. Com a mudança da sede, a freguesia sob invocação de Nossa Senhora da Conceição também foi transferida. Em 1882 foi instalada a comarca de Coruripe, que foi extinta em 1932 e restaurada em 1935.

Embora tenha seu desenvolvimento ligado à agroindústria açucareira, o município tornou-se conhecido pelas praias e lagoas que atraem anualmente milhares de turistas.

Ponto 10 - ARAPIRACA

-

População: 214.006

Gentílico: arapiraquense

Embora Arapiraca seja uma cidade relativamente recente, há registros históricos de que, por volta de 1848, suas terras já eram ocupadas. O nome Arapiraca, indígena, vem de uma árvore típica, e significa ―ramo que a arara visita‖.

O povoado Arapiraca passou à categoria de vila em 1924. Em 1938, através de decreto, tornou-se município. A cidade se transformou em comarca, desvinculando-se de Anadia, em 1949.

Principal cidade do interior de Alagoas, Arapiraca, situada no Agreste, deve seu desenvolvimento à cultura e beneficiamento do fumo, base da economia local. O cultivo do tabaco, pelos custos de produções e outras dificuldades vivenciadas pelos produtores vem perdendo lugar para outras culturas, principalmente, a mandioca. É o segundo maior município de Alagoas, tanto no plano populacional, quanto comercial, o que atrai migrantes de muitas partes do Nordeste.

Ponto 11 PALMEIRA DOS ÍNDIOS

População: 70.368

Gentílico: palmeirense

Os índios Cariris e Xucurus foram os primeiros habitantes do atual município, formado em meados do século XVII. A população indígena vivia em meio a um palmeiral, a vegetação típica, daí o nome do município: Palmeira dos Índios.

Em 1770, o frei Domingos de São José construiu a primeira igreja. Em 1798 foi criada a freguesia de Palmeira dos Índios e, em 1835, o povoado foi elevado à categoria de vila, desvinculando-se de Anadia. Em 1846, voltou à condição de distrito, em consequência de lutas políticas entre famílias locais. Sete anos depois Palmeira dos Índios retorna à categoria de vila, sendo elevada à cidade em 1889.

Palmeira dos Índios teve um prefeito célebre: o escritor Graciliano Ramos, que cumpriu mandato de 1928 e 1930, tendo incluído suas vivências junto aos munícipes no romance Caetés, publicado em 1938.

Economicamente, depende do pequeno comércio e da agropecuária, produzindo, sobretudo, pinha, caju e manga, e no setor leiteiro, alguns laticínios. Explora, ainda, madeiras e, no subsolo, cal, mármore, ferro e cristal de rocha.

Ponto 12 – QUEBRANGULO

-

População: 11.480

Gentílico: quebrangulense

Habitado pelos índios Chucurus, cuja aldeia se situava nas proximidades da serra da Palmeira dos Índios, e também pelos Cariris, vindos de Pernambuco, em consequência de uma seca que assolou os sertões no ano de 1740, o município de Quebrangulo abrigou também escravos fugitivos. Toda essa população vivia de nozes de palmeira e principalmente da caça de caititus, que, em manadas, pastavam no próprio local onde hoje é a cidade. O nome Quebrangulo, segundo a tradição local, tem origem africana, e significaria ―matador de porcos‖.

Distrito criado em 1856, passou a vila em 1872. O estatuto de cidade veio em 1910. Quebrangulo é, particularmente, conhecida por ser a terra natal de Graciliano Ramos.

O forte da economia é a pecuária bovina, o município exporta carne para a capital do Estado e regiões vizinhas.

-

Ponto 13 LIMOEIRO DE ANADIA

População: 26.992

Gentílico: limoeirense

Uma fazenda de gado, de propriedade de Antônio Rodrigues da Silva, nos idos de 1789, deu origem ao povoado. Segundo a tradição, quando do povoamento, exploradores se embrenhavam nas matas e buscavam descansar à sombra de limoeiros, em abundância na região, daí o nome da cidade.

Limoeiro de Anadia foi desmembrado do município de Anadia e elevado à categoria de vila em 1882. O município passou por diversas transformações administrativas e territoriais, entre as quais, a que lhe rendeu mais prejuízos foi o desmembramento de Arapiraca, em 1929, que não só conseguiu superá-lo como se tornou uma das mais prósperas cidades de Alagoas.

De acordo com o IBGE, a localidade se sustenta no setor primário da economia, sendo produtora abacaxi, algodão herbáceo, batata-doce, cana-de-açúcar, coco, feijão, fumo, mamão, mandioca, manga e milho.

-

Ponto 14 SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

População: 54.577

Gentílico: miguelense ou são-miguelense

Quando a primeira missão exploradora, comandada por Gonçalves Coelho e Américo Vespúcio, chegou ao atual município de São Miguel dos Campos, em 1501, encontrou como habitantes os índios Sanambis, remanescentes dos Caetés.

Os conquistadores, atraídos pela riqueza do solo, se estabeleceram cultivando cana-de-açúcar e outros produtos agrícolas, além da criação de gado. Em 1932, a freguesia foi elevada à vila por decreto do governo geral da Regência. A elevação à cidade aconteceu em 1864.

São Miguel dos Campos está situada sobre uma bacia sedimentar onde estão reservas de petróleo e de gás natural. Há, ainda, na cidade, uma importante produção de cana-de-açúcar que supre as destilarias de álcool e açúcar do Estado.

-

Ponto 15 PILAR

População: 33.305

Gentílico: pilarense

Pilar surgiu no século XIX, de um engenho que pertenceu ao espanhol José de Mendonça Alarcão Ayala, ancestral do Barão de Mundaú. Em 1854, foi criada a freguesia do Pilar, elevada à categoria de vila em 1857. Em 1872, ganhou autonomia administrativa. Em 1944, o nome de Pilar foi mudado para Manguaba pelo fato de a lagoa com esse nome ser o principal acidente geográfico do município. Em 1949, o município voltou a se denominar Pilar.

Em Pilar, registrou-se a última pena de morte no Brasil, em 1876, por ordem do Imperador D. Pedro II, que autorizou o enforcamento de um escravo acusado de assassinato.

O município é um grande produtor de cana-de-açúcar em Alagoas, sendo o seto primário e o comércio local as principais fontes de subsídios.

-

Ponto 16 MARECHAL DEODORO

População: 45.977

Gentílico: deodorense

Localizado às margens da Lagoa Manguaba, Marechal Deodoro surgiu em 1611 como Vila da Madalena. Depois, teve o nome de Madalena de Sabaúna, Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, Alagoas do Sul e, mais tarde, Alagoas, servindo de sede do governo da então província, de 1823 a 1838.

Em 1633, holandeses ocuparam a região, e em 1636, o povoado de Alagoas foi elevado à vila. Com a independência do Brasil, passou à categoria de cidade pela lei de 8 de março de 1823.

Marechal Deodoro possui grande valor histórico para o Estado, principalmente por ter sido a primeira capital alagoana e berço do proclamador da República, que deu nome à localidade. Tombada pelo Patrimônio Histórico, em virtude do casario típico, onde destaca-se o complexo franciscano de Santa Maria Madalena, o município é conhecido pelas paisagens naturais, tais como as lagoas Mundaú e Manguaba e a Praia do Francês, entre outras.

O litoral aprazível é um grande atrativo para turistas, e, com eles, o desenvolvimento do setor hoteleiro e de restaurantes que garante emprego e renda a boa parte da população. O município concentra um polo multifabril industrial de grande importância.

-

Ponto 17 – MACEIÓ

População: 932.478

Gentílico: maceioense

O povoado que deu origem a Maceió surgiu em torno de um engenho de açúcar, por volta de 1600. Em 1673, o rei de Portugal determinou ao Visconde de Barbacena a construção de um forte no porto de Jaraguá para evitar o comércio ilegal do pau-brasil. O topônimo Maceió tem origem no tupi "Maçayó", ou "Maçaio-k", que significa "o que tapa o alagadiço".

O povoado tinha uma capela em homenagem a Nossa Senhora dos Prazeres, construída onde hoje está a igreja matriz, na Praça Dom Pedro II, centro da cidade. O desenvolvimento do povoado foi lento, sendo impulsionado pelo porto de Jaraguá. Em 05 de dezembro de 1815, quando D. João VI assinou o alvará régio, foi desmembrado da Vila de Alagoas.

Com a emancipação política do Estado de Alagoas, em 1817, o governador da nova Capitania, Sebastião de Mélo e Póvoas iniciou o processo de transferência da capital para Maceió, um processo tumultuado que encontrou resistência de homens públicos e da câmara Municipal. Uma expedição militar de Pernambuco e da Bahia chegaram a Maceió para garantir a ordem e, no dia 16 de dezembro de 1839 foi instalada a sede do governo em Maceió.

A capital alagoana é uma das mais procuradas em todo o Brasil pelas atrações turísticas. À parte o setor do turismo, o município é rico em sal gema e possui um polo industrial desenvolvido. No setor primário da economia predomina a momocultura da cana-de-açúcar.

Ponto 18 - UNIÃO DOS PALMARES

População: 62.358

Gentílico: palmarino

As primeiras habitações do município de União dos Palmares surgiram no século XVI, num povoado chamado ―Macacos‖, às margens do rio Mundaú. Para a região se instalavam escravos fugidos de engenhos de cana-de-açúcar. O crescimento do lugarejo provocou seu desmembramento do município de Atalaia, em 1831. Em seguida foi criada a Vila Nova Imperatriz, tornando-se município em 1889.

Em União dos Palmares, nos arredores da Serra da Barriga, que africanos rebelados contra a escravidão construíram a República Independente do Quilombo dos Palmares, tendo como líder maior o negro Zumbi.

A economia do município é centrada na agropecuária, com destaque para a cultura de banana, possuindo indústria de laticínios, plásticos e olarias.

Ponto 19 - SÃO LUÍS DO QUITUNDE

População: 32.412

Gentílico: quitundense

Até 1870, não existiam vestígios de povoado no local onde hoje está o município de São Luís do Quitunde. Por essa época, um tradicional proprietário, sentindo-se prejudicado pela invasão de seus terrenos, contratou o engenheiro alemão Carlos Baltenstern para fazer o levantamento da área, com o intuito de implantar um povoado. Distrito criado com denominação de São Luís do Quitunde, pela lei provincial nº 869, de 22-06-1882. Elevado à categoria de vila com denominação de São Luís do Quitunde, pela lei provincial nº 851, de 23-06-1879, desmembrado de Passo de Camaragibe. Sede na Povoação de São Luís do Quitunde. Instalado em 16-05-1892. A principal atividade econômica é a cultura da cana-de-açúcar, seguida do pequeno comércio e criação de búfalos.

Ponto 20 - PORTO CALVO

População: 25.708

Gentílico: porto-calvense

O município de Porto Calvo é a freguesia mais antiga do Estado, data do século XVI. Sua fundação é atribuída a Cristóvão Lins, a quem foram doadas terras que se estendiam do rio Manguaba ao Cabo de Santo Agostinho. Nesta região, ele iniciou a cultura canavieira no Estado, construiu uma capela e alguns engenhos.

Porto Calvo foi um dos primeiros locais a ser habitado pelos portugueses. A cruzada organizada por Cristóvão Lins percorreu parte do litoral, expulsando os índios e se apossando de suas terras. Por essas proezas, o rei de Portugal lhe conferiu o título de alcaide-mor de Porto Calvo.

O povoado foi se formando com o movimento entre o Norte e o Sul, assumindo características de vila nos primeiros 30 anos do século XVII. Segundo contam os moradores, o topônimo tem origem numa lenda, segundo a a qual um velho calvo, que morava às margens do rio, teria construído um porto, conhecido como o "porto do calvo". Quando foi elevada à vila, passou a se chamar Bom Sucesso, em homenagem à vitória de Matias de Albuquerque contra os holandeses.

Sempre presente em fatos políticos, Porto Calvo tem pelo menos uma figura que é destaque na história nacional: Domingos Fernandes Calabar, considerado, por uns, como traidor da pátria por ter se aliado aos holandeses para combater espanhóis e portugueses, e, por outros, um herói, já que acreditava serem os holandeses os mais indicados para desenvolver o Brasil.

A freguesia, sob invocação de Nossa Senhora da Apresentação foi criada em torno de 1617. A elevação da vila à cidade em 1889.

No setor econômico, o município conta com abundância de argila, matéria-prima para a fabricação de telhas e tijolos. Na atividade agropecuária, plantações de cana-deaçúcar, arroz, mandioca e coco fazem parte da receita municipal.

Ponto 21 – MARAGOGI

População: 28.479

Gentílico: maragogiense

Situada à beira-mar, a primeira povoação, que data do final do século XVII, chamava-se Gamela, e fazia parte de Porto Calvo. Em 1887, quando foi elevada à categoria de Vila, passou a ter denominação de Isabel. O topônimo Maragogi deve-se ao rio que passa pelas proximidades. A Vila foi criada em 24 de abril de 1875, sendo elevada à categoria de cidade em 1892. O turismo é a principal fonte de renda do município, privilegiado pelo belo litoral.

5- OS INFORMANTES DO ALEAL

Como já dito, em cada um das localidades da rede de pontos do ALEAL,foram entrevistados dois informantes, um homem e uma mulher de 30 a 50 anos. Para verificar a influência da variável faixa etária, escolhemos 7 (sete) cidades dentre as mais antigas do Estado: Maceió, Marechal Deodoro, Penedo, Porto Calvo, Santana do Ipanema, São Miguel dos Campos e União dos Palmares, e, nessas localidades, determinamos que seriam quatro informantes distribuídos em duas faixas etárias, de 30 a 50 anos e de 55 a 75 anos. Assim, o ALEAL tem ao todo 56 informantes.

A decisão de não entrevistar quatro informantes em todos os 21 pontos foi puramente de ordem financeira. Estender o número de informantes para toda a rede [em lugar de 56 seriam 84 entrevistados] triplicaria os custos. Em quase todas as localidades, com ênfase na região do semiárido, não pude me furtar a remunerar os informantes pelo tempo despendido nas entrevistas. Aumentar o número de entrevistados, portanto, acarretaria um volume muito maior de despesas. A remuneração dos informantes é comum e, aliás, o inquiridor do primeiro atlas linguístico – *Atlas Linguistique de la France* – ALF, Edmond Edmont, pagou pelas entrevistas, como o testemunha Dauzat (1922, p. 10):

> Pendant quatre ans, de 1897 à 1901, il [Edmond Edmont] parcourut la France sans répit, par étapes fixées d'avance, choisissant dans chaque localité désignée le paysan ou la paysanne qu'il jugeait le plus apte à faire un bon sujet (natif du village, autant que possible), puis après l'avoir induit en confiance et s'être assuré d'avance de sa patience par une petite rémunération, s'installait avec lui dans un coin tranquille et lui faisait traduire en patois les mots et phrases de son questionnaire. [12]

Para contornar esse problema – ter quatro informantes em toda a rede de pontos do ALEAL – o ideal seria a participação de outros inquiridores. Essa alternativa, sem dúvida, agilizaria as entrevistas e aumentaria o banco de dados, entretanto, o ALEAL é uma tese de doutorado, e, como tal, a pesquisa de campo, bem como o trabalho de desenvolvimento dos dados concerne, unicamente, ao doutorando. A participação de outros inquiridores, portanto, destoaria dos propósitos do projeto.

O quadro com a rede de pontos, em que se detalha o número de informantes por localidade, bem como as idades e as iniciais de seus nomes, conta da próxima página.

[12] Durante quatro anos, de 1897 a 1901, ele Edmond Edmont percorreu a France sem parar, em etapas pré-fixadas, escolhendo em cada localidade designada o camponês ou a camponesa que ele julgava mais apto a conduzir um bom assunto (nativo do vilarejo, se isso fosse possível), e depois de ganhar sua confiança e de se assegurar de sua paciência por meio de uma pequena remuneração, instalava-se com ele num canto tranquilo e fazia com que traduzisse nos falares locais as palavras e frases de seu questionário. (Tradução da autora)

Quadro 4 – Localidades e perfil dos informantes

LOCALIDADE	HGI	NOME	MGI	NOME	HGII	NOME	MGII	NOME
LOCALIDADE	**HGI**	**NOME**	**MGI**	**NOME**	**HGII**	**NOME**	**MGII**	
1- DELMIRO GOUVEIA	49 ANOS	J.A.N.	45 ANOS	J.M.J.R.				
2- CANAPI	36 ANOS	R.R.C.S.	39 ANOS	M.P.A.S.				
3- SANTANA DO IPANEMA	32 ANOS	A.B.J.	30 ANOS	S.M.R.C.	60 ANOS	J.A.S.	70 ANOS	J.V.P.L.
4- PIRANHAS	36 ANOS	A.M.J.	31 ANOS	E.M.M.				
5- PÃO DE AÇÚCAR	49 ANOS	E.J.S.	51 ANOS	M.C.A.M.				
6- TRAIPU	39 ANOS	E.S.C.	40 ANOS	R.M.C.				
7-PENEDO	34 ANOS	V.M.A.C.	48 ANOS	V.A.S.	74 ANOS	A.M.S.	59 ANOS	E.M.A.C.
8- PIAÇABUÇU	37 ANOS	J.C.S.	30 ANOS	A.M.S.C.				
9- CORURIPE	38 ANOS	T.C.R.	50 ANOS	L.M.A.S.				
10- ARAPIRACA	48 ANOS	M.E.S.	48 ANOS	E.A.S.M.				
11- PALMEIRA DOS ÍNDIOS	38 ANOS	J.R.E.	43 ANOS	Z.C.A.				

12- QUEBRANGULO		33 ANOS	J.W.N.		31 ANOS	D.A.J.S.					
13- LIMOEIRO DO ANADIA		49 ANOS	J.C.S.		42 ANOS	G.A.S.M.					
14- SÃO MIGUEL DOS CAMPOS		32 ANOS	A.H.O.		46 ANOS	D.M.S.		72 ANOS	C.P.S	63 ANOS	D.R.G.A.
15- PILAR		35 ANOS	C.B.S.		42 ANOS	M.Z.D.					
16- MARECHAL DEODORO		38 ANOS	J.O.B.		40 ANOS	I.M.C.		61 ANOS	V.C.R.	57 ANOS	B.A.C.P.
17- MACEIÓ		32 ANOS	I.C.F.		39 ANOS	A.M.R.C.		67 ANOS	J.A.S.S.	73 ANOS	C.A.J.N.
18- UNIÃO DOS PALMARES		37 ANOS	D.J.N.S.		38 ANOS	M.H.N.		63 ANOS	D.N.S.	74 ANOS	J.C.R.
19- SÃO LUÍS DO QUITUNDE		34 ANOS	A.V.S.		41 ANOS	M.H.A.S.					
20- PORTO CALVO		46 ANOS	C.T.		44 ANOS	M.C.S.		69 ANOS	J.C.S.N.	57 ANOS	G.A.J.C.
21- MARAGOGI		43 ANOS.	E..E.B.		48 ANOS	V.M.A.A.					

Fonte: banco de dados da pesquisadora

Acerca dos informantes do ALEAL, eles residem na zona urbana, em toda a rede são em número de dois por localidade, um homem e uma mulher, na faixa dos 30 a 50 anos. Considerei, junto com a professora Vanderci de Andrade Aguilera, que as questões referentes ao mundo rural – 27 no total – poderiam ser bem mais produtivas se os informantes fossem dessa faixa etária. Numa faixa abaixo dessa que delimitamos, por exemplo, entre 18 e 30 anos, a produtividade de frequência, muito provavelmente, seria menor, visto que os informantes da zona urbana não têm ou nunca tiveram contato com

alguns dos referentes propostos pelos questionários. Ademais, o resgate de uma fala mais arcaizante torna-se mais passível de ser obtido com informantes que já estão na fase da maturidade do que entre pessoas mais jovens, especialmente, se levarmos em conta o distanciamento dos informantes com menos de 30 anos de temas ligados à ruralidade, dado o apelo cada vez mais crescente de tudo o que se refere ao mundo urbano.

Se o questionário não contemplasse essa área temática – a ruralidade – naturalmente, teríamos privilegiado informantes mais jovens, com idades diferentes das estabelecidas, entretanto, insistimos na faixa etária de 30 a 50 anos por considerarmos, entre outros fatores, o perfil econômico do Estado de Alagoas. De acordo com o IBGE, o setor primário é o destaque da economia alagoana, fortemente assentada na produção agrícola familiar de subsistência, na pecuária, além da monocultura – é o maior produtor de cana-de-açúcar do Nordeste. Portanto, nesse contexto econômico, adequamos o questionário ao perfil dos informantes.

Para verificar a influência da variável faixa etária, selecionamos 7 cidades dentre as mais antigas do Estado: Maceió, Marechal Deodoro, Penedo, Porto Calvo, Santana do Ipanema, São Miguel dos Campos, União dos Palmares e, nessas localidades, entrevistei 04 informantes distribuídos em duas faixas etárias, 30 a 50 anos e 55 a 75 anos.

No que diz respeito à espacialidade, os informantes do ALEAL são naturais da localidade, ou nasceram bastante próximos a ela e pouco se afastaram de seus arrabaldes. Importante relembrar que a superfície do Alagoas é pequena, e os deslocamentos espaciais, quando ocorreram, não se configurariam significativos no que se refere à questão dialetal. Os familiares diretos dos informantes, ascendentes e descendentes, também não se distanciaram de seus locais de origem, e quando o fizeram foi por períodos curtos, no próprio Estado ou, quando muito, nos Estados vizinhos.

Alguns deles relataram ter ido ao menos uma vez a São Paulo, capital, para visitar membros da família lá residentes, mas por períodos curtos, não mais do que um mês.

Não tive grandes dificuldades para encontrar os informantes com as características determinadas, e pode ser que isso se deva às condições sócio-econômicas do Estado. É sabido que a tradição agrícola fixa o homem na terra, mas ainda que ele não resida mais na zona rural, tende a continuar ligado a atividades que lhe são próprias. Esse contexto, geralmente, determina a relativa imobilidade da população.

Ainda com relação aos informantes, optamos por aqueles com baixa escolaridade[13], que tivessem frequentado a escola até o nível fundamental completo. Estimamos que sem a influência da educação formal em níveis mais avançados, os informantes poderiam ter conservado uma fala mais conservadora, mesmo residindo em áreas urbanas. Contudo, tendo início a pesquisa de campo, o nível de escolaridade predefinido não se configurou com o cenário social com o qual me deparei. Alagoas, conforme dados do Censo 2010, do IBGE, com uma população de 3.120 milhões de habitantes, o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Urbano) do Brasil – 0,631% [o do Brasil é de 0,755] – renda per capita de R$ 598,00 mensais, tem 461,463 mil pessoas que nunca frequentaram uma escola. Entre os 56 informantes do ALEAL, 05 disseram não saber ler e nem escrever, sendo que dois deles, todos do sexo masculino, tinham cerca de 35 anos. Alguns informantes, a maioria mulheres, afirmaram ter frequentado o ciclo fundamental completo, mas no decorrer das entrevistas, demonstraram possuir um conhecimento abaixo desse nível, seja durante os relatos que faziam, seja durante a aplicação do questionário. Seriam o que os especialistas nessa área da pedagogia denominariam analfabetismo funcional. Ressalvo, contudo, que essa não é uma asserção categórica, dado que o questionário não foi concebido e nem aplicado para este fim. Diante dessa realidade social, o nível de estudos que havíamos estipulado não pôde ser mantido. Portanto, os informantes do ALEAL têm o seguinte perfil:

- 27 declararam ter cursado ensino fundamental completo;
- 24 disseram possuir nível fundamental incompleto;
- 05 afirmaram ser analfabetos, ou saber apenas assinar o nome.

Quanto às ocupações profissionais, grande parte dos informantes presta serviços às prefeituras de suas localidades, ocupando diversas funções condizentes com o grau de escolaridade supracitado. A maior parte das mulheres entrevistadas cumpre funções em escolas municipais e estaduais, como merendeiras, auxiliares de serviços gerais, sendo uma delas, gari. As que não atuam no setor público são donas de casa, empregadas domésticas ou diaristas em casas de família. Na faixa etária de 55 a 75 anos, as mulheres aposentadas que entrevistei (exceto uma) cumprem algum tipo de função, todas artesanais, costura e bordado.

Quanto aos informantes do sexo masculino, a maioria trabalha no funcionalismo público, exercendo funções no setor de jardinagem, portaria de escola, auxiliar de serviços gerais

[13] A carta ―Nível de Escolaridade‖ consta das Cartas Introdutórias - Volume II.

e abatedouro público. Três informantes do sexo masculino são autônomos, todos pescadores. Entrevistei dois informantes empregados no setor privado: um vendedor em loja de calçados e um mecânico. Dois informantes declararam estar desempregados.

Na página seguinte, no **Quadro 5 – Ocupações Profissionais dos Informantes do ALEAL** – o perfil de cada informante por localidade.

HGI	30 a 50 anos	Servente de pedreiro
MGI	30 a 50 anos	Serviços gerais

GOUVEIA 12-

2- CANAPI

HGI	30 a 50 anos	Desempregado
MGI	30 a 50 anos	Telefonista

3- SANTANA DO IPANEMA

HGI	30 a 50 anos	Jardineiro
MGI	30 a 50 anos	Dona de cas
HGII	55 a 75 anos	Porteiro
MGII	55 a 75 anos	Aposentada

4- PIRANHAS

HGI	30 a 50 anos	Desempregа
MGI	30 a 50 anos	Dona de cas

5- PÃO DE AÇÚCAR

HGI	30 a 50 anos	Vaqueiro
MGI	30 a 50 anos	Empregada doméstica

1- DELMIRO QUEBRANGULO

HGI	30 a 50 anos	Autônomo
MGI	30 a 50 anos	Serviços gerais

13- LIMOEIRO DO ANADIA

14- SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

HGI	30 a 50 anos	Atendente
MGI	30 a 50 anos	Zeladora de escola
HGII	55 a 75 anos	Aposentado
MGII	55 a 75 anos	Aposentada

15- PILAR

HGI	30 a 50 anos	Autônomo
MGI	30 a 50 anos	Zeladora de escola

16- MARECHAL DEODORO

HGI	30 a 50 anos	Pescador
MGI	30 a 50 anos	Costureira
HGI	30 a 50 anos	Servços gerais
MGI	30 a 50 anos	Servços gerais
HGI	30 a 50 anos	Vendedor
MGI	30 a 50 anos	Servços gerais
HGII	55 a 75 anos	Aposentado - pescador
MGII	55 a 75 anos	Servços gerais

18- UNIÃO DOS PALMARES		
HGI	30 a 50 anos	Autônomo
MGI	30 a 50 anos	Serviços gerais
HGII	55 a 75 anos	Aposentado
MGII	55 a 75 anos	Aposentada
HGI	30 a 50 anos	Jardineiro
MGI	30 a 50 anos	Atendente
HGI	30 a 50 anos	Serviços gerais
MGI	30 a 50 anos	Merendeira
HGII	55 a 75 anos	Aposentado
MGII	55 a 75 anos	Serviços gerais
HGI	30 a 50 anos	Atendente
MGI	30 a 50 anos	Dona de casa

HGI	30 a 50 anos	Autônomo
MGI	30 a 50 anos	Atendente
HGII	55 a 75 anos	Aposentado
MGII	55 a 75 anos	Serviços gerais
HGI	30 a 50 anos	Porteiro
MGI	30 a 50 anos	Desempregada
HGII	55 a 75 anos	Aposentado
MGII	55 a 75 anos	Bordadeira
HGI	30 a 50 anos	Pescador
MGI	30 a 50 anos	Dona de casa

9- CORURIPE

HGI	30 a 50 anos	Mecânico
MGI	30 a 50 anos	Gari

10- ARAPIRACA

HGI	30 a 50 anos	Serviços gerais
MGI	30 a 50 anos	Faxineira

11- PALMEI A DOS ÍNDIOS

HGI	30 a 50 anos	Serviços gerais
MGI	30 a 50 anos	Faxineira

6- TRAIPU

17 MACEIÓ

7- PENEDO

8- PIAÇABUÇU

19- SÃO LUIZ DO QUITUNDE

20- PORTO CALVO

21- MARAGOGI

6- ***MODUS OPERANDI***

Com relação à cronologia da pesquisa de campo em Alagoas, foram cerca de dois meses ininterruptos de trabalho, de meados de janeiro de 2014 ao final de fevereiro do mesmo ano. Como os 21 municípios da rede de pontos do ALEAL cobrem todas as regiões do Estado, a elaboração de uma logística eficaz foi extremamente importante para a redução dos custos de minha estada.

Partindo de Maceió, onde desembarquei vindo de Londrina, comecei as entrevistas por União dos Palmares, distante cerca de 80 quilômetros da capital. Antes de viajar para Alagoas, havia contatado com uma professora da rede estadual de ensino, Dariana Nunes dos Santos, em União dos Palmares, e lá chegando ela me indicou nomes de moradores com o perfil de informantes preestabelecido, orientando-me, ainda, sobre aspectos práticos, tais como alojamentos nos municípios da rede de pontos, aluguel de veículo, situação das estradas, cuidados a serem observados durante os deslocamentos, além de outros temas pontuais. O contato com essa professora facilitou sobremaneira a condução de meus trabalhos no Estado.

Findas as entrevistas em União dos Palmares, retornei a Maceió, onde aluguei um carro, o que me possibilitou um deslocamento mais rápido, tanto no acesso aos municípios quanto na busca pelos informantes. Nunca é demais repetir que, infelizmente, uma das dificuldades do pesquisador de campo, se não a maior, são as viagens por estradas e cidades desconhecidas e em horários pouco recomendados. Excetuando-se as cidades da orla marítima de Alagoas, onde não faltam acomodações em hotéis e pousadas, no interior do Estado a disponibilidade é limitada, chegando a ser nula em alguns locais, como em Canapi, por exemplo. Nesse município, situado em zona do semi-árido, além do acesso penoso – saindo de Delmiro Gouveia, são cerca de 70 quilômetros por uma estrada de terra batida – não encontrei nenhum tipo de alojamento, tampouco restaurante ou algo do gênero. Chegando à cidade numa manhã de sábado em pleno verão alagoano, com temperaturas na casa dos 40 graus, deparei-me com ruas praticamente desertas. Depois de entrevistar os dois informantes [encontrei-os por acaso no centro do lugarejo], retornei de imediato para Delmiro Gouveia a fim de assegurar hospedagem antes do cair da noite.

O Estado de Alagoas fica entre os paralelos 9 e 10 latitude Sul, então, mesmo no verão os dias e noites têm quase a mesma duração: o dia amanhece um pouco antes das 5 horas,

mas por volta das 18 horas o sol já se põe. As viagens, portanto, foram organizadas de modo a se chegar às localidades a tempo de garantir o pernoite.

De Maceió, o próximo destino foi os três municípios localizados no Norte do Estado: São Luís do Quitunde, Porto Calvo e Maragogi. Chegando nesses pontos, bem como em todos os demais, procurava, em primeiro lugar, alguma instituição oficial, quase sempre as prefeituras, secretarias de educação ou assistência social e escolas, sempre esperando contar com auxílio de um funcionário que pudesse me indicar informantes com o perfil estabelecido. Vez ou outra, o contato era feito de forma mais espontânea, em pousadas, restaurantes, postos de combustível e até mesmo em postos de polícia rodoviária.

Terminado o trabalho nos pontos indicados acima, tomei a direção Norte do Estado, passando por Quebrangulo e Palmeira dos Índios. Na cidade natal de Graciliano Ramos a expectativa era grande. Quebrangulo é quente, calma, silenciosa, tem ruas limpas, uma pequena ponte cortando a cidade, palmeiras imperiais na avenida central. Ao entrar no município, defrontei-me com uma grande multidão acompanhando o enterro de uma professora. As pessoas entoavam ladainhas e cantilenas de outrora. Nas conversas que pude entabular com moradores, os mais jovens demonstravam não conhecer a fundo o célebre conterrâneo. Em Quebrangulo, um funcionário da Secretaria de Agricultura não apenas me indicou nomes de pessoas que poderiam ser entrevistadas, como também trouxe até mim uma figura conhecida da região: o aboiador José Flor. Na terra de Fabiano, o vaqueiro personagem do livro Vidas Secas, nada mais pertinente do que entrevistar um aboiador de gado. Entretanto, em função do tempo estrito, tive que optar entre aplicar o questionário do ALEAL ou deixar que o informante se exprimisse livremente. Como senti que o aboiador preferia me apresentar sua arte, deixei que o fizesse: terminei por abdicar do questionário, mas pude registrar os cantos plangentes com que ele conduz o gado. Em seus versos improvisados, ouvi relatos de reis medievais, de beatos e cangaceiros. O interesse, naquele momento, foi etnográfico sem, contudo, menosprezar o viés dialetológico, pois basta ouvir os áudios dos aboios de José Flor para se constatar os fatos linguísticos que distinguem os falares nordestinos dos dialetos do Sul do Brasil.

Coube ao mesmo funcionário da Secretaria de Agricultura de Quebrangulo a gentileza de me levar até outro informante que atendia as exigências da pesquisa. Por coincidência, o informante, um jovem de 34 anos, apelidado Galego, também era vaqueiro, mas que nos tempos difíceis de sua profissão, com pouco gado para tocar, conforme ele próprio me confiou, teve que empregar-se no abatedouro público do município. Durante a entrevista, realizada em seu local de trabalho, colegas de profissão de Galego

acompanharam com interesse o inquérito do vaqueiro, muitas vezes, assentindo as respostas que ele registrava.

Em seguida, após passar por Palmeira dos Índios, o próximo ponto foi a localidade de Arapiraca, no Centro do Estado. De lá, atingi os municípios situados no Noroeste: Santana do Ipanema e Canapi. Logo após, já no extremo Oeste, voltei a Delmiro Gouveia, e, seguindo a linha do rio São Francisco, fui a Piranhas, Pão de Açúcar, Traipu, Penedo e Piaçabuçu. Depois desse último ponto, já na orla do Atlântico, alcancei Coruripe. Depois, foi a vez de São Miguel dos Campos, Limoeiro do Anadia, Pilar, Marechal Deodoro e, finalmente, Maceió, final da pesquisa *in loco*.

7- GRAVAÇÃO DAS ENTREVISTAS E TRANSCRIÇÃO DOS INQUÉRITOS As entrevistas foram gravadas em um computador notebook, e, também, em telefone celular. As gravações podem ser consideradas de boa qualidade técnica, são poucos os trechos danificados e/ou com baixa audibilidade Os áudios feitos com computador, por contar com o recurso do microfone de lapela, apresentam um maior grau de nitidez sonora, mas, em contrapartida, captam ruídos externos que, algumas vezes, interferem na pureza do som. As gravações feitas com o celular suprem eventuais deficiências dos registros principais.

Para a transcrição de uma parte dos inquéritos, contei, logo no início dos trabalhos, ainda no decorrer de 2014, com o auxílio de uma transcritora ligada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na UEL. A outra parte dos inquéritos, bem como a revisão total dos dados foram realizados por mim. As transcrições do ALEAL seguem as normas recomendas pelo Comitê Nacional de Coordenação do Projeto ALiB, sendo fonéticas e grafemáticas.

Nas transcrições grafemáticas e fonéticas, optei por transcrever não apenas o elemento linguístico pesquisado, mas toda a fala e o contexto da resposta. Um exemplo: na questão 39 do QSL – TABACO – um informante do sexo masculino, no Ponto 17, em Maceió, registrou: [ta'bakU]. Ocorre que o informante se esquivava de responder, e explicou a razão: a planta era o *tabaco*, mas esse nome correspondia ao órgão sexual feminino. Perguntei-lhe, então, qual seria a designação para a planta. Ele respondeu:

—*fumo*‖, mas essa palavra também não era bem vista, pois remete ao órgão sexual masculino. Insisti na questão, tentando saber dele como denominar a referida planta, se não se pode dizer nem *tabaco* e nem *fumo*, no que ele desconversou, dizendo que havia outro nome para o referente, mas não se lembrava naquele momento. Logicamente, todo

esse diálogo foi transcrito, revelador que é de tabus linguísticos importantes. Ainda que a resposta a ser considerada seja objetiva, o contexto do inquérito não deve ser menosprezado, todos os diálogos são pertinentes, em que pese a transcrição detalhada ser tarefa fastidiosa.

Para as transcrições fonéticas, distensas, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), tendo optado pela transcrição da totalidade da unidade lexical, e não somente de parte dela, como na questão número 03 do QFF: ―...aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas‖ – a TELEVISÃO, e que obteve 30 ocorrências para [tElEvi'zå)w)], 16 para [televi'zå)w)], e 6 para [tElevi'zå)w)].

8- NOTAÇÃO FONÉTICA

As variantes fonéticas foram transcritas segundo o modelo do International Phonetic Alphabet (IPA).

Vogais

[a] central baixa

[å] central média baixa átona

[e] anterior média alta

[E] anterior média baixa

[i] anterior alta

[I] anterior alta átona final

[o] posterior média alta

[ç] posterior média baixa

[ ] posterior alta

[U] posterior alta átona final

Semivogais

[ ] palatal labial

[w] velar labial

Consoantes

[p] oclusiva bilabial surda

[b] oclusiva bilabial sonora

[t] oclusiva alveodental surda

[d] oclusiva alvedental sonora

[k] oclusiva velar surda

[g] oclusiva velar sonora

[ ] africada alveopalatal surda

[dʒ] africada alveopalatal sonora

[f] fricativa labiodental surda

[v] fricativa labiodental sonora

[ ] fricativa alveolar surda

[z] fricativa alveolar sonora

[S] fricativa alveopalatal surda

[Z] fricativa alveopalatal sonora

[m] nasal bilabial sonora

[n] nasal alveolar sonora

[¯] nasal palatal sonora

[h] fricativa glotal surda

[˙] fricativa glotal sonora

[ ] tepe alveolar sonoro

[r] vibrante alveolar sonora

[l] lateral alveolar sonora

[¥] lateral palatal sonora

Sinais diacríticos

[ ] Tonicidade

[~] Nasalidade

As transcrições grafemáticas seguem o mesmo modelo adotado pela Comissão do Projeto ALiB. Nas transcrições concernentes ao informante estão mantidos os marcadores conversacionais, a fala truncada, pausa, risos e relatos, quando pertinentes. Os critérios são os mesmos quando se trata da fala da inquiridora. Nesses casos, a transcrição foi feita

livremente, sem levar em conta a norma padrão da língua, já que o intuito é reproduzir a espontaneidade dos diálogos.

9- CARTOGRAFIA

A carta-base, ou, então, fundo de carta, do Estado de Alagoas, sobre a qual as cartas lexicais e fonéticas foram produzidas, foi elaborada pelo repórter fotográfico Ricardo Chicarelli, de Londrina, com o suporte dos programas Photoshop e Corel Draw, que dispõem de ferramentas para a transposição e disposição de dados, criação de simbologia e demais recursos presentes em atlas linguísticos.

O mapa original que serviu de modelo para a carta-mestra é do IBGE. Para guardar a maior equidade com a ciência geográfica, pude contar com o auxílio da professora de geografia Valdivânia Pereira Barbosa, graduada na Universidade Estadual de Londrina, e funcionária da rede estadual de ensino no município de Guarapuava, no Paraná.

Após termos chegado à versão definitiva da carta-base, decidimos pelas convenções que são apresentadas em cada uma das cartas linguísticas. Na carta propriamente dita, os dados estão assim representados:

● **Homem** – corresponde a um *círculo*, sempre à esquerda da linha vertical

▲ **Mulher** – corresponde a um *triângulo*, afigura-se à direita da linha vertical

HOMEM GERAÇÃO I

MULHER GERAÇÃO II

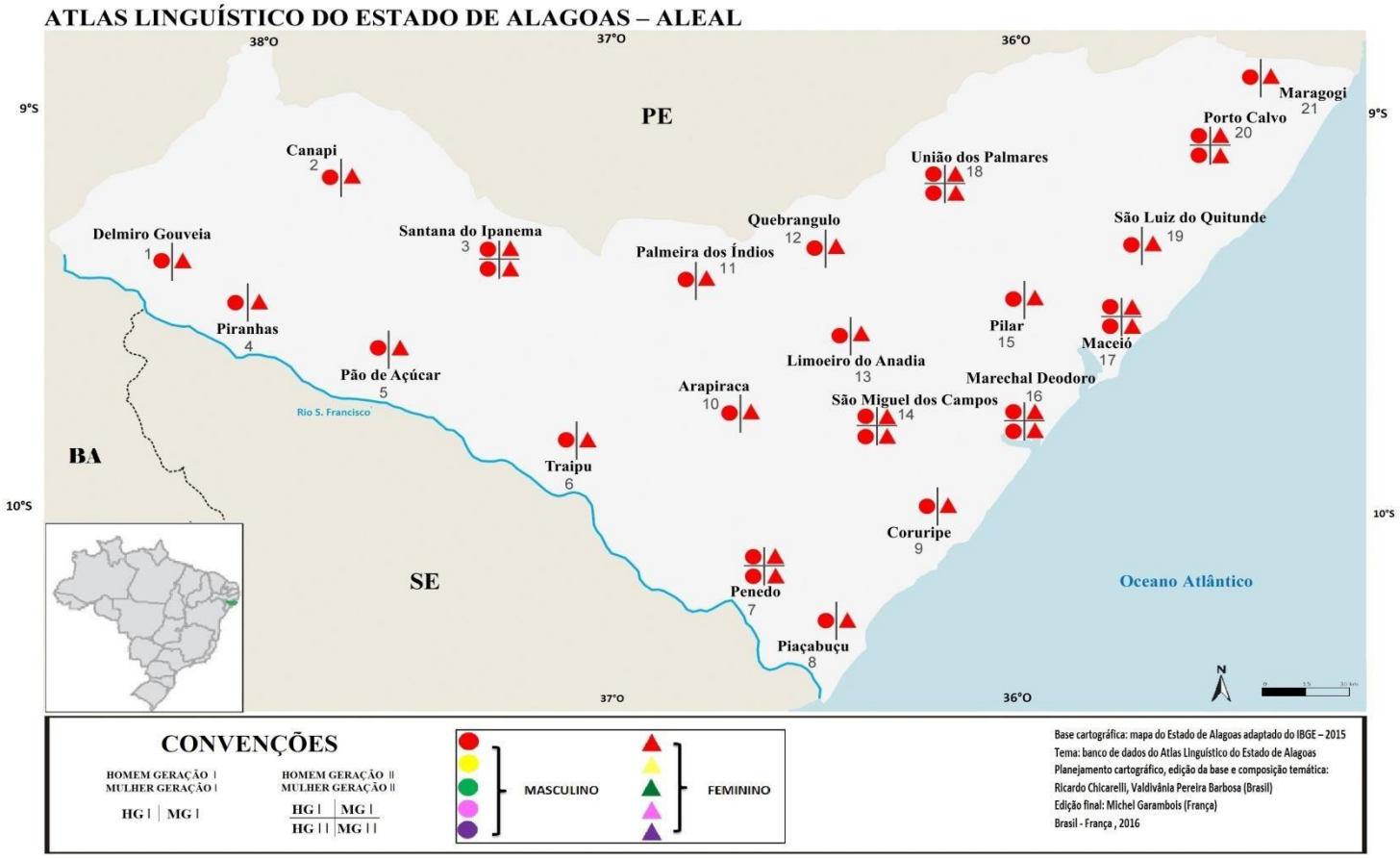
HGI	**MGI**

HOMEM GERAÇÃO II

MULHER GERAÇÃO II

HGI	
	MGI
HGII	**MGII**

Na Figura 6 - Carta Convenções, o resultado da escolha dessa metodologia.



@ Barbosa Doiron (2016)

Nos 7 pontos onde foram entrevistados 4 informantes das duas faixas etárias, a representação se faz por meio de um diagrama em formato de uma cruz: na parte horizontal superior esquerda encontra-se o Homem da Geração I = círculo; e na parte horizontal superior direita, a Mulher da Geração I = triângulo; na parte horizontal inferior esquerda está representada a figura do Homem da Geração II, e na parte horizontal inferior direita, o Homem da Geração II.

Nos 14 pontos onde são dois os informantes da Geração I, a representação cartográfica é feita por uma barra vertical: do lado esquerdo está o homem, e do lado direito, a da mulher.

Nas questões em que os informantes registraram mais de uma ocorrência, a primeira resposta fornecida aparece, na carta, sempre da esquerda para a direita. Outras respostas se seguem à primeira, tantas quantas tenham sido registradas.

Quanto às cores utilizadas, optei por cinco, e, nessa gradação, o vermelho indica a resposta mais produtiva. As demais respostas vêm em ordem de frequência, sempre a partir da variante que recebeu mais registros, até as que foram menos mencionadas. A cor violeta, na maior parte das vezes, indica o registro de uma única resposta, ou um apanhado geral delas. Na legenda da carta, essa ocorrência está registrada como **—*outros*‖**, devendo o leitor remeter-se às **—Notas‖**.

- resposta mais produtiva

- segunda resposta mais produtiva

- terceira resposta mais produtiva

- quarta resposta mais produtiva

- quinta resposta mais produtiva

Em cada carta há gráficos com o percentual das ocorrências. No verso de cada uma das cartas linguísticas estão dados da carta precedente, tais como: as perguntas inquiridas e a reprodução de relatos, quando pertinentes.

Quanto aos critérios adotados para se nomear cada carta, levou-se em consideração, em primeiro lugar, a definição do dicionário. Como exemplo, tem-se a Carta 65 - QSL 072 MOSQUITO. Ainda que a variante mais frequente tenha sido

MURIÇOCA, entendeu-se que esse não deixa de ser um nome regional. Mosquito, por sua vez, é definido pelos dicionários como ―designação comum para insetos dípteros, de pequeno tamanho, especialmente os hematófagos‖. A designação mosquito, genérica, parece mais apropriada do que as demais variantes registradas.

Em outros casos, por exemplo, na Carta 77 – QSL 174 GELADINHO, que traz variantes para o ―líquido congelado feito de susco de frutas ou leite, e colocado num saquinho fino e comprido‖, o critério estabelecido foi o conhecimento de mundo da autora. A variante mais registrada, ―flau‖, sem referência dicionarizada, pareceu menos adequada como título de carta do que ―geladinho‖. Refletiu-se, ainda, sobre a restrição de leitura que um título de carta regional: uma designação genérica e ampla possibilita um alcance maior.

Algumas questões do QFF, cujas respostas continham elementos fonéticos diferenciados, é o caso da pergunta que buscava a pronúncia da lexia ÁRVORE, receberam mais de uma carta. Nesse exemplo específico, foram 3 cartas, uma lexical e duas fonéticas, em que constam as realizações referentes a (ÁR) e (VORE). Em outros casos, particularmente, em cartas fonéticas, julguei necessário inserir dois registros diferentes na mesma carta. A questão do QFF 010 – ÍMÃ – que trata da nasalidade na vogal /i/, obteve 23 registros para a variante lexical AZOUGUE. Em virtude da alta produtividade, esta lexia aparece na mesma carta. Considerei que a concorrência entre as duas variantes poderia ser melhor visualizada se ambas fosses postas em uma única carta. A variante AZOUGUE foi transcrita foneticamente, sendo possível observar o fenômeno da monotongação.

Noutra questão do grupo fonético, a QFF 026 BOTAR – com interesse na vogal /o/ e no comportamento do /r/ em coda externa no verbo, optei pela transcrição dos demais verbos que foram registrados, especialmente pelo predomínio do verbo PÔR: foram 49 menções, contra apenas 10 do verbo BOTAR. A carta, portanto, é de natureza fonética e lexical.

Também a questão QFF 013 – VARRER – foi objeto de duas cartas. Alguns informantes, perguntados sobre o que se faz em primeiro lugar quando se vai limpar o chão, em lugar de responderem ―varrer‖, como pretendido, diziam ―passar a vassoura‖. Uma carta complementar foi gerada com o nome de QFF 013 – VASSOURA. Nesse caso, além de serem observadas as consoantes /v/ e /b/ na variante, ainda possibilita a análise da monotongação na palavra.

Apresentada a disposição das convenções, a carta-base recebeu os dados que foram classificados e inseridos em tabela Excel. Numa segunda etapa, repassei esse banco de informações, nos formatos Excel e PDF (este último assegura que as transcrições

fonéticas não se descomfigurem durante a transferência) ao responsável pela execução das cartas propriamente ditas. Toda a parte técnica, incluindo-se a inserção dos dados fonéticos, fonológicos e morfossintáticos, bem como a edição final coube ao Sr. Michel Garambois, diretor de estabelecimento educacional público do
Ministère de l''Éducation Nationale da França. Sua formação em letras modernas, na Universidade de Grenoble, e o conhecimento apurado de programas e suportes em informática possibilitaram-lhe a confecção das cartas exatamente em acordo com os prospectos que lhe apresentei.

Para a apresentação formal da tese foram confecionadas 88 cartas linguísticas, uma amostragem diante da rica base de dados do ALEAL. A retomada da fabricação de novas cartas, e também a análise motivacional de variantes lexicais fazem parte do projeto ALEAL, que não se extingue com essa primeira mostra.

10- OS 2 VOLUMES DO ALEAL

O Atlas Linguístico do Estado de Alagoas – ALEAL – produto desta tese, comporta dois volumes:

Volume 1 – com apresentação do perfil do Estado de Alagoas, dados históricos, econômicos e sócio-culturais; a rede de pontos, com breve histórico de cada uma das localidades; o perfil dos informantes; a metodologia aplicada e os fundamentos teóricos da Geolinguística, da Dialetologia e, ainda uma análise motivacional de algumas designações lexicais registradas, com o objetivo de se chegar à motivação que lhes deu origem. O estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Mario Alinei (1983, 1984, 1986, 1995, 1996), Guiraud (1982), Dalbera (2006) e Contini (1997, 2007, 2009, 2011, 2012), Carpitelli (2009), entre os principais.

2- No Volume 2, as 88 cartas linguísticas, com comentários referentes a elas.

O estudo motivacional abrange elementos referentes a três campos semânticos:

1) Meio biótico: fauna e flora a) mosquito

b) gambá

c) joão-de-barro

d) libélula

e) mandioca

f) tabaco

2 – Meio físico: fenômenos naturais a)
redemoinho de vento
b) redemoinho na água

3 – Meio antrópico: atividades de produção a)
aguardente

Os critérios para a escolha dos três campos semânticos foram: i) elementos que tivessem relação com o meio natural; ii) prioridade para a fauna silvestre típica do Brasil; iii) no tocante às plantas, preferência para três produtos agrícolas de base da economia em Alagoas: a cana-de-açúcar, a mandioca e o tabaco;
iv) elementos que pudessem ser comparados a outros já analisados, principalmente, no *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) e *Atlas Linguarum Europae* (ALE). Alguns dos itens, notadamente nos campos semânticos relativos aos animais e plantas, típicos do território brasileiro, mesmo não sendo conhecidos na Europa, encontram equivalentes nos estudos motivacionais presentes em ambos os atlas. As pesquisas referentes à análise motivacional, efetuei-as junto aos acervos da UGA, em Grenoble, onde cumpri estágio doutoral assim dividido: de janeiro de 2015 a agosto de 2015; e de fevereiro de 2016 a junho de 2016. Quando desta última estada, obtive uma bolsa mobilidade da *École Doctorale Langues, Littératures et Sciences Humaines* (LLSH 50), da referida universidade francesa, para trabalhar por três semanas (de 20/2/2016 a 12/3/2016) no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, onde estão arquivados os dados completos do ALEPG, além do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores. Em Lisboa, minhas pesquisas foram orientadas pelos professores João das Pedras Saramago e Gabriela Vitorino.

CAPÍTULO I

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

> *Si le lecteur veut bien songer que chacune des 639 formes de nos patois doit être détachée séparément du placard pour être reportée sur la pierre lithographique où sa place numérotée l'attend, il pourra se faire une idée de l'importance du travail d'imprimerie et du mérite de notre imprimeur.*(GILLIÉRON, 1902)

1.1. A Dialetologia e a Geolinguística na Europa

O marco dos estudos dialetológicos e geolinguísticos na Europa data da publicação do *Atlas Linguistique de la France – ALF* (1902-1910), de autoria do linguista franco-suíço Jules Gilliéron, que contou com a ajuda do francês Edmond Edmont. A obra é referência pioneira dos estudos na área, embora antes dela, em fins do século XIX, já começava a se formar entre pesquisadores de línguas naturais uma mentalidade dialetológica em nível mundial, com alguns trabalhos apresentados. Antes do ALF, a cartografia germânica dava grandes passos. Dauzat (1922, p. 15) cita Wenker, que empreendeu pesquisa na Alemanha do norte e do centro, mas não pôde editar seu trabalho por razões financeiras. O fato, no entanto, não lhe tira o mérito. O primeiro fascículo do trabalho de George Wenkel (1852-1911) apareceu em Estrasburgo em 1881, sendo que as cartas seguintes, manuscritas, foram depositadas paulatinamente na Biblioteca Real de Berlim. As enquetes, feitas por correspondência por meio dos professores das localidades, contemplaria cerca de 30 mil localidades.

Em sua ―*Notice servant à l''intelligence des cartes*‖, Gilliéron (1902), define o ALF como sendo uma recolha de materiais linguísticos devendo servir ao estudo dos dialetos da França românica e de suas colônias linguísticas limítrofes.

> Et encore, s'il emporte d'établir sur une base sérieuse l'histoire linguistique de la France ; si l'on entend fournir aux linguistes, ce qui leur manque encore totalement – de matérieux fidèlement transcrits, et recueillis sur des points assez nombreux et voisins pour que puisse être étudiés, en soi et en fonction, les ferments de la matière linguistique ; s'il s'agit enfin de détaliller les aires lexicologiques, phonétiques, morphologiques et syntactiques, au point que le linguiste vienne avec confiance interroger leurs contours et le procès-verbal des conditions où ces aires meurent ou naissent, se dilatent ou se contractent : s'il en est ainsi, on peut dire que le *desideratum* formulé aux « Parlers de France » [o autor se refere à obra de Gaston Paris, 1888], loin d'embrasser le maximum de la tâche (comme il semblarait, de part par des difficultés matérielles), n'indique vraiment que le strict minimum. (GILLIÉRON, 1902, p.4) [14]

[14] E ainda, se o que importa é estabelecer uma base séria da história linguística da França, se entende-se fornecer aos linguistas o que ainda lhe falta totalmente – materiais fielmente transcritos e recolhidos em pontos bastante numerosos e vizinhos para que possam ser estudados, em si mesmos e nas funções que desempenham, os fermentos da matéria linguística;se trata-se, enfim, de detalhar as áreas lexicológicas,

Modestamente, Gilliéron (1902, p. 4,5) explica que o ALF dá uma pequena mostra de dialetos em 639 comunas, enquanto que à época, o país contava com 37 mil localidades. Publicado entre os anos 1897 e 1910, contém 1920 cartas (sendo 1421 cartas completas e 449 parciais). Em relação ao questionário, a prioridade era por palavras sintaticamente isoladas. A proposta era conhecer a relação de tais palavras com a linguagem de Paris e seu entorno, se havia influência dos falares da capital mesmo em vilarejos de outros departamentos. O linguista diz que após ter tido seu questionário posto à prova durante quatro anos, e diante das circunstâncias precárias em que foi aplicado, reconhece-o falho. De todo modo, continua Gilliéron (1902, p. 6), caso tivesse que recomeçar, saberia de antemão que um eventual novo modelo também seria passível de problemas.

Dauzat (1922, p.6-10) reitera que Gilliéron não tinha intenção de renovar as ciências da linguagem, e nem poderia supor as consequências incalculáveis de uma simples reunião de materiais metodicamente classificados. O autor explica que no início do século XX os dialetos franceses, chamados ―*patois*‖, eram pouco conhecidos. Durante aquele período, muitos pesquisadores já se interessavam pelos dialetos populares, mas somente o ALF, após quinze anos de trabalho, conseguiu dar forma a um repertório completo dos dialetos. Um questionário de cerca de 2 mil palavras a serem inquiridas foi preparado previamente por Gilliéron, tendo sido aplicado na França continental – a antiga Gália Romana – incluindo-se aí as ilhas costeiras. Durante quatro anos seguidos, de 1897 à 1901, Edmond Edmont percorreu a França de ponta a ponta, escolhendo nos locais traçados os informantes que melhor lhe conviessem. Diferentemente da metodologia empregada nos dias atuais, em que se estabelece critérios precisos – informantes do sexo masculino e feminino, faixa etária e grau de escolaridade, entre outros – no ALF, Edmont selecionava aleatoriamente camponeses ou camponesas de idades as mais variadas, priorizando os nativos do lugar. Gilliéron escolhera Edmont justamente por não ser ele um linguista profissional, objetivando com isso que o inquiridor não fosse influenciado por preocupações etimológicas e de cunho linguístico, para que ele não ―retocasse‖ os

fonéticas, morfológicas e sintáticas, ao ponto que o linguista venha com confiança inquirir seu entorno e o processo verbal das condições onde essas áreas morrem e nascem, se dilatam ou se contraem: se assim for, pode-se dizer que o *desideratum* formulado pelos ―Falares da França‖ (Gaston Paris, 1888), longe de abarcar o máximo da empreitada (como pareceria, em parte por dificuldades materiais), não indica verdadeiramente o estrito mínimo. (Tradução da autora)

dados sob nenhum pretexto. Ao receber as transcrições, Gilliéron se incumbia de corrigir o que fosse necessário e de dispor os dados na cartografia.

Dauzat (1922) reconhece um dos problemas na aplicação dos inquéritos do ALF: diante de um inquiridor que se apresentava com uma fala diferente daquele de seu interlocutor, a reação por parte deste último era de tentar se equiparar, preterindo seu falar franco. Este mesmo problema, senti-o eu própria no contato com meus informantes em Alagoas. Por mais de uma vez, tive dúvidas de que o /R/, dito tepe, no meio de uma palavra, como disse uma informante da segunda faixa etária, em Maceió: □ ç□□ □□¥U□, poderia ter sido influência de meu dialeto sulista. Às vezes, a confirmação vinha nos relatos espontâneos registrados: aquele tep*e* em □ ç □□ □□¥U□ □ a informante deixou escapar duas ou três vezes, mas predominou em sua fala o /h/, como em [goh'duRå].

O acesso ao ALF, quando de minha estada na Université Grenoble Alpes, possibilitou-me realizar algumas comparações com o ALEAL. Por exemplo, na carta número 1057 do ALF – POMME DE TERRE (batata), uma das respostas mais produtivas é *trufo, trufle, tartifle*: todas essas unidades lexicais são variantes fonéticas de *trufa*, uma variedade de cogumelo produzido por fungos do gênero *Tuber*, em associação com raízes de algumas árvores encontradas na Europa, como o carvalho. Ora, quando essa espécie de *batata* (*Solanum tuberosum*) que, hoje, conhecemos (desenvolvida de variedades selvagens comuns na região do lago Titicaca, nos altiplanos andinos) foi introduzida pelos espanhóis na Europa, em meados do século XVI, ninguém nunca tinha visto o vegetal: que nome deveria se dar a ele? Os espanhóis, os primeiros a conhecê-lo, difundiram na Península Ibérica o nome que ouviam das populações nativas andinas: *patata*. No ALF, essa variante – *papate* – é a mais produtiva em toda a costa oeste da França, e isso se explica: a região fica de frente com o oceano Atlântico, sendo a porta de entrada de navegadores normandos e bretões. Já na região central, tem-se mais a unidade lexical *pomme de terre*. Os franceses, diante de um tubérculo que não existia em seu território, quando viram-lhe o formato associaramno a uma maçã (*pomme*), mas que brota e sai de dentro da terra: uma *maçã da terra*. Essa variante parece bem plausível se comparada a outra que foi registrada em boa parte do Sul, do Centro e, sobretudo, do Leste da França, na fronteira com a Itália: *truffe* remete explicitamente à *trufa*, cogumelo comum naquela região. A *batata*, não tanto pelo formato [a *trufa* é mais irregular e tem a pele mais grosseira], mas pelo fato de ser

tirada do solo, foi associada ao referente que os falantes conheciam. A criação lexical tem aí sua explicação. O *Dictionnaire Trésor de la Langue Française* (www.atilf.atilf.br), na acepção para *truffe*, documenta essa variante para a *batata* desde o ano 1600, ou seja, depois da entrada do vegetal no continente europeu. No departamento da Saboia, ao lado da Itália, o resultado dos inquéritos foi ainda mais taxativo: a variante lexical mais popular foi *tartiffle*. Segundo o dicionário supra-citado, ambas as variantes – *truffe* e *tartiffle* – vêm do italiano *tartuffoli*, e este, do latim terrae *uber*>*terri uber*, palavra documentada pelo botânico Gaspar Bohin em 1596, sempre com o significado de *batata*. Importante destacar que o prato típico dessa região dos Alpes franceses se chama ―*tartiflette*‖, uma especialidade à base de *tartiffle*, ou *truffe*: não outra que a *batata*. Segue um recorte da carta 1057 – POMME DE TERRE, do ALF, para a conferência da distribuição diatópica dos dados:

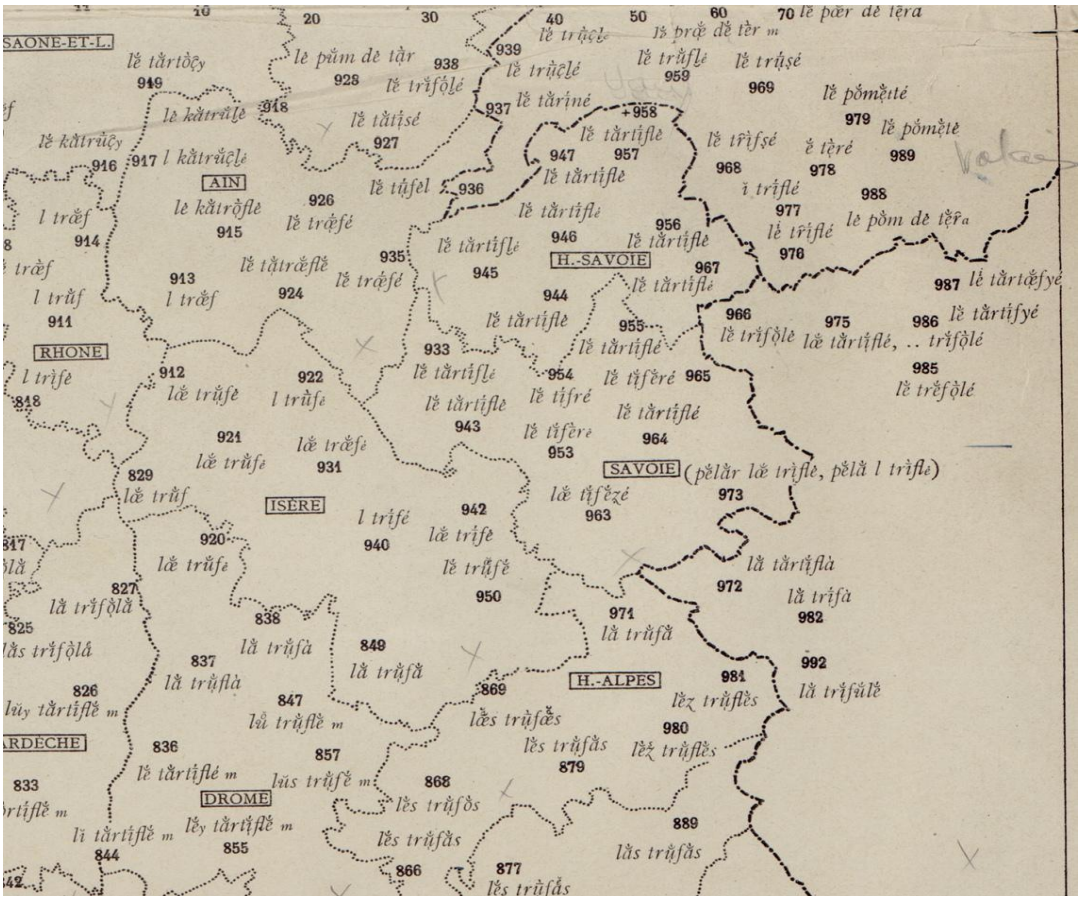


Figura 7 – Recorte da carta linguística 1057 – POMME DE TERRE. Fonte: ALF

Dito isso, volto ao ALEAL. No Ponto 6 – Traipu, um informante do sexo masculino, faixa etária jovem, registrou a variante *batata* para *macaxeira* (a resposta majoritária) em toda a rede. Ao ouvi-lo, pareceu-me pouco provável que o informante não tivesse em

mente de forma o que seja uma raiz de *macaxeira*, ou *mandioca*, já que a região Nordeste produz essa cultura em larga escala. O informante, ao responder *batata*, pode ter feito a mesma associação que fizeram os franceses ao designarem o vegetal chegado no século XVI: ambos são frutos tirados da terra.

A publicação do ALF não representou o fim da produção de atlas departamentais e nacionais. O *Atlas Linguarum Europae* – ALE - um empreendimento amplo como a vastidão do território que recobre: são mais de 10 milhões de quilômetros quadrados, projeto sustentado pela Unesco. O ALE abrange cerca de 80 línguas e a maioria de seus respectivos dialetos, com a participação de cerca de 50 equipes de inquiridores ligados a inúmeras universidades europeias. A rede de pontos é de 2631 localidades. Lançado, oficialmente, na Holanda, em 1970, as publicações datam de 1975. No ALE são sempre dois volumes publicados a cada edição, um com os mapas, outro com notas e comentários. As edições publicadas até agora, cinco no total, privilegiam o léxico, com destaque para fenômenos climáticos naturais, plantas, insetos e pequenos animais (como a doninha e o cão). Na análise dos dados, a abordagem teórico-metodológica é motivacional, buscando estabelecer ligações entre as criações lexicais das diferentes línguas, pautadas na vivência histórica dos povos europeus. O foco na motivação no momento da criação lexical, segundo os pressupostos teóricos da análise motivacional, seria a única maneira de se comparar línguas de troncos e famílias tão diferentes, como ocorre no continente europeu. O ALE já tem nove volumes publicados.

O *Atlas Linguistique Roman* (ALiR), outro projeto europeu, tem como objetivo o estudos das línguas e dialetos românicos. Concebido em 1987 pela iniciativa dos linguistas Michel Contini e Gaston Tuaillon, do Centro de Dialetologia da Universidade de Grenoble, ao qual se juntam especialistas de diversas universidades de países de língua românica. O objetivo do ALiR, um atlas de segunda geração, com uma rede de 1037 pontos, é descrever os fenômenos linguísticos em seus aspectos lexicais, fonéticos, fonológicos e morfossintáticos. O Projeto ALiR conta com cerca de 85 pesquisadores pertencentes a 21 universidades ou organismos oficiais de pesquisa (como o *Centre National de Recherche Scientifique* – CNRS – da França), e de países como Itália, Bélgica, Suíça, Espanha, Portugal, Romênia e República da Moldávia, além, obviamente, da França. Os pesquisadores estão estruturados em 10 comitês, com a função de repertoriar os fenômenos linguísticos distribuídos em cerca de 600 conceitos lexicais, 285 conceitos fonéticos representativos da evolução do vocalismo e do consonantismo latinos. O projeto

inicial do ALiR prevê um plano de 11 volumes, e até o presente momento foram publicados 3 deles, um quarto volume está em vias de publicação.

O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galícia – ALEPG – projeto de amplitude nacional iniciado, como o ALE, em 1970, foi dirigido no princípio pelo linguista Luís Lindley Cintra, responsável pela elaboração do questionário a ser aplicado. Lexical, de base onomasiológica, o ALEPG foi planejado para aplicar um questionário de mais de 3 mil questões, mas dada as dificuldades de execução, foi reduzido para 2 mil perguntas. Priorizam-se as técnicas tradicionais da agricultura e da pecuária, bem como elementos ligados a ambas (animais e plantas), e, ainda, questões sobre fenômenos naturais. A rede de pontos do ALEPG é constituída de 212 pontos assim distribuídos: 176 localidades no continente, 17 no arquipélago dos Açores, 7 no arquipélago da Madeira, e, finalmente, 12 no território espanhol, em municípios fronteiriços.

À parte os três atlas citados, em toda a Europa a produção é profícua, sendo dignos de nota os seguintes trabalhos:

✓*Atlas Linguístico da Córsega* (ALC), com inquéritos realizados entre 1914 e 1915 por Gilliéron e Edmont, nos mesmos moldes do ALF, tem quatro volumes publicados;

✓*Atlas Lingüístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional* (AIS), cuja autoria cabe aos romanistas suíços, Jakob Jud e Karl Jaberg. No AIS foram aplicados três questionários, com 800, 2000 e 4000 perguntas. Na obra estão 1.705 mapas, além de 1.900 desenhos e 4.000 fotografias. As pesquisas tiveram início em 1919, mas o primeiro volume só apareceu em 1928 e o oitavo e último em 1940.

✓*Atlas Lingüístico Italiano* (ALI): data de 1931, mas o advento da Segunda Grande Guerra levou à interrupção dos trabalhos, retomados por Terracini e mais quatro pesquisadores em 1947. O questionário, um dos mais ricos entre os atlas linguísticos europeus, tem cerca de 3.630 perguntas, e outro, reduzido, de 2.500 questões.

✓*Atlas Lingüístico-Etnográfico Italiano da Córsega* (ALEIC): realizado por Gino Bottiglioni e editado entre 1935 e 1942, é um atlas cujos informantes têm nível médio de escolaridade;

✓*Atlas Lingüístico da Catalunha* (ALC): o autor, Antoni Griera, compôs um questionário de 2.886 perguntas para uma rede de pontos de 101 localidades. De 1923 a 1939 foram publicados cinco volumes com um total de 858 cartas. Os trabalhos foram temporariamente cessados por causa da Guerra Civil Espanhola, mas em 1962 o próprio Griera retomou a pesquisa;

✓*Atlas Lingüístico Romeno* (ALR), dirigido pelo lingüista romeno Sextil Puscariu (1877-1948), auxiliado pelos colegas Server Pop e Emil Petrovici. Foram 301 pontos selecionados, e um questionário de 2.160 perguntas.

✓*Atlas Lingüístico da Península Ibérica* (ALPI): começou em 1928, sob a direção de Navarro Tomás, reúne em seus questionários conceitos nas línguas espanhola, portuguesa e catalã. Em 525 localidades foram aplicados dois questionários de mais de 2 mil perguntas. Com a irrupção da Guerra Civil na Espanha, os trabalhos recomeçaram em 1947, com a conclusão das enquetes em 1954.

✓*Atlas regionais da França*: inúmeros pesquisadores esquadrinharam o território francês, entre os quais Dauzat, que publicou, em 1906, um atlas da região de Auvegne. Os dialetos da região de Vosges meridional também tiveram seu atlas linguístico publicado em 1917. Após o final da Grande Guerra, os trabalhos dialetais forma repreendidos em, praticamente, todas as regiões do País.

✓*Atlas regionais da Espanha*: estudos linguísticos de áreas espaciais relativamente pequenas, como o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de las Islas Canarias* (ALEICan), o *Atlas Lingüístico de Andalucía* (ALEA), o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Murcia*, o *Atlas Lingüístico de Aragón* (ALEAr) e o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Navarra y Rioja* (ALENR).

1.2. A Dialetologia e a Geolinguística no Brasil: extensão territorial e complexidade linguística

No Brasil, convencionou-se pontuar como marco dos estudos dialetais, um capítulo de livro escrito pelo Visconde de Pedra Branca, de nome Domingos Borges de

Barros, em 1826, para o a obra *Atlas Ethnographique du Globe*, organizada pelo geógrafo Adrien Balbi Segundo Motta e Cardoso (2006), Pedra Branca, respondendo a um convite do organizador, discorreu sobre dados lexicais de algumas regiões brasileiras, confrontando-os de alguma forma com o português falado em Portugal. Entretanto, foi com a obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920) [utilizo aqui a edição de 1976], que a Dialetologia, cujos estudos, na Europa, andavam a passos largos, ganha terreno no Brasil. Conquanto não caracterizada por apuro científico [se comparado às obras nos dias atuais], o livro se destaca pelo ineditismo, ao considerar os falares locais e regionais no País.

Também são relevantes o livro de Mário Marroquim – *A língua do* Nordeste (1934), e a obra *Linguagem de Goiás*, de autoria de José Aparecido Teixeira, datada de 1944, além de alguns trabalhos monográficos voltados à análise de diferentes dialetos. Pode-se afirmar que a formação mesma de uma mentalidade dialetológica nacional teve início na década de 50 com o linguista-filólogo Serafim da Silva Neto (1957, 1963). Esse autor propõe um projeto para um Atlas Linguístico Nacional, publicando, à guisa de orientação, o *Guia para estudos dialetológicos* (1957). Na obra, Serafim da Silva Neto apresenta as bases metodológicas para pesquisas de campo nessa linha, sugerindo mesmo um questionário específico e uniforme.

O final da década de 50 foi decisivo para a estruturação e desenvolvimento dos estudos dialetológicos. O linguista Antenor Nascentes, que já em 1923, publicara *O linguajar carioca* [trabalho com a edição de 1953], lança as *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil* (1958; 1961), propondo a execução de atlas regionais, mais viáveis naquele momento do que um projeto que encampasse todo o território nacional, considerando as dificuldades advindas da condição das estradas, questões relativas à logística, financiamento de pesquisadores e demais problemas materiais. Nascentes propôs a clássica divisão dialetal do território nacional em dois grandes falares, os do Norte e os do Sul, e seis subfalares: amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista. As *Bases* fornecem ainda orientações para a definição de pontos de pesquisa, proposição de questionário apropriado e escolha dos informantes, norteando, até os dias atuais, os que se iniciam em estudos da língua portuguesa no Brasil.

O Estado de Alagoas, segundo a divisão dialetal de Nascentes (1958), faz parte do ―subfalar nordestino‖. Alagoas é o primeiro Estado que aparece na divisão entre os subfalares baianos e subfalares nordestinos. Por isso, a importância de se verificar a pertinência da proposição do autor.

As experiências advindas do desenvolvimento e execução de atlas regionais [15] culminaram na retomada do projeto para o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), em 1996, na Universidade Federal da Bahia, durante o seminário *Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil*. Na oportunidade, criou-se o Comitê Nacional, constituído por pesquisadores oriundos de instituições de magistério superior de vários Estados, incumbidos de implementar o projeto e decidir acerca de sua abrangência e distribuição espacial.

Em 2014, durante o III Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, foram lançados os dois primeiros volumes do ALiB, publicados pela EDUEL. O volume I é o de Introdução, e o Volume II apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de Estado. Novos volumes do ALiB estão em vias de publicação.

Os dados do ALiB já publicados possibilitaram-me trabalhar a metodologia do ALEAL, notadamente os questionários e as cartas linguísticas, bem como contrapor alguns referentes comuns a ambos.

Num país cujo território perfaz oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados, era de se esperar que a diversidade de dialetos existisse, se não na mesma proporção, mas em medida de igual relevância. Conquanto a língua portuguesa seja a língua oficial do Brasil, os múltiplos falares encontrados em todas as regiões geográficas apontam para diferentes fatores que moldaram o português brasileiro tal como ele é, e com todas as características que lhe são peculiares. Essa demarcação dialetal vem sendo objeto de inúmeras pesquisas em algumas das principais universidades do país, resultando, a maior parte delas, em atlas linguísticos regionais que contemplam as unidades da federação em sua totalidade, ou suas meso e microrregiões.

A urgência do mapeamento linguístico do Brasil se impõe num cenário em que ―a diversidade dialetal se espraia por todo o espaço geográfico e social brasileiro‖ (MATTOS E SILVA, 2004, p.68). Essa heterogeneidade de dialetos regionais coabita no seio de uma complexa rede de configurações sócio-culturais, em que o modo de falar do indivíduo, vindo ele, notadamente, de um meio econômico desfavorável, dificultalhe acessos e determina-lhe limites. Ante tal complexidade há de se acrescentar o fato de o Brasil ser uma nação multilíngue, embora as línguas das diversas etnias existentes no País

[15] Os atlas regionais brasileiros já publicados constam da bibliografia.

não sejam assumidas oficialmente pelo Estado. Essa intrincada realidade linguística não passa despercebida aos estudiosos do Português do Brasil:

> [...] numa nação multilíngue e pluriétnica, em que os grandes centros urbanos abrigam representantes de diversas etnias, diversos estratos sociais, migrantes rurais de vários pontos do país, todos eles diversamente também articulados entre si, avulta o problema da norma culta ou das normas de prestígio, que efetivamente existem, e que se tornam socialmente necessárias os cânones que serão a base, sobretudo, para a língua na sua manifestação escrita e para os registros formais da língua falada. (MATTOS E SILVA, 2004, p.71)

Dentro desse panorama multifacetado, os atlas linguísticos regionais intervêm no sentido de levantar, descrever e analisar os fenômenos de diferenciação dialetal, de modo que os resultados dessa realidade cheguem, principalmente, às instituições de ensino, educadores e demais estudiosos da língua. Esses, a seu turno, poderão contribuir na fundamentação da legitimidade há muito devida às variedades dialetais brasileiras. Nesse contexto, os atlas linguísticos regionais de menor abrangência espacial cumprem funções fundamentais, trazendo à luz muitos fatos linguísticos que podem passar à margem de pesquisas dialetológicas de maior amplitude.

As linhas diretrizes de Nascentes (1958), nortearam a execução do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB – (ROSSI et al., 1963), o primeiro de uma fértil produção de atlas linguísticos regionais brasileiros. À época, diante da impossibilidade de realização de apenas um atlas que cobrisse todo o território nacional, dada as dimensões geográficas, as precárias condições de logística e, sem sombra de dúvida, a falta de recursos, a alternativa encontrada, que continua se mostrando pertinente e frutífera até os dias atuais, foi partir para investigações localizadas. Os pesquisadores se lançaram a projetos que pudessem levantar os pretendidos dialetos regionais apontados na divisão de Nascentes (1953). A publicação de vários atlas de algumas unidades da federação incentivou estudiosos a trabalharem mais demoradamente sobre determinados fatos linguísticos encontrados, ou buscarem respostas para novas questões aventadas quando da apresentação dos dados. Assim, novos pesquisadores passaram a produzir atlas regionais com contornos espaciais menores.

Todavia, falar em atlas linguísticos regionais de menor abrangência espacial, num país como o Brasil, quinto maior em extensão territorial, pode suscitar alguma especulação acerca do conceito de relatividade em se tratando de dimensão geográfica. À guisa de informação, o primeiro atlas brasileiro – APFB (ROSSI et al, 1963) – cobriu, somente no

Estado da Bahia, uma área de aproximadamente 560 mil quilômetros quadrados, que se equipara em dimensão geográfica com os cerca de 550 mil quilômetros quadrados da superfície da França, percorridos para a consecução do *Atlas Linguistique de la France* – ALF – (GILLIÉRON, 1902), pioneiro em nível mundial. O Estado de Minas Gerais, com 586 mil quilômetros quadrados – ou seja, uma área espacial ainda maior do que a da Bahia, foi mapeado por Zágari (1977): o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG* – é o segundo atlas regional brasileiro publicado.

Os atlas regionais brasileiros publicados, e que mapearam unidades da Federação por completo, pela ordem de aparecimento no mercado editorial, são os seguintes:

Atlas Linguístico da Paraíba – ALP – (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984);

Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (FERREIRA et al, 1987);

Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994);

Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS (KOCH; ALTENHOFEN, 2002, 2011 (2ª edição);

Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS-II – (CARDOSO, 2002);

Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA – (KASKY, 2004).

Entre esses oito atlas publicados, destaque para o ALERS, o único atlas brasileiros que se ocupou de três Estados – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – numa área espacial de aproximadamente 576 mil km2. Os pesquisadores do ALERS executaram um mapeamento linguístico detalhado do português falado por informantes com baixa escolaridade, essencialmente oriundos do meio rural, embora constem, também, inquéritos realizados em alguns centros urbanos. A ênfase no histórico de colonização singular que caracteriza a região Sul, o destaque na presença marcante de imigrantes europeus e asiáticos, e, por conseguinte, uma realidade linguística que engloba a aquisição do português como segunda língua, o próprio bilinguismo e o fenômeno de línguas em contato como fatores determinantes na variação linguística ali encontrada, são as principais características desse atlas. Os dados do ALERS, quando comparados aos registros de novos atlas linguísticos que surgiram após sua publicação, se constituem em instrumento de investigação para novas pesquisas científicas, notadamente as que buscam demonstrar que não há homogeneidade na fala da região Sul – o chamado falar sulista – como sugerido por Nascentes (1953).

Ainda tratando da região Sul, para a realização do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR – (AGUILERA, 1994) foi necessário percorrer os quase 200 mil quilômetros quadrados

desse Estado. Como ocorre na maior parte dos casos, não foi possível publicar em uma única vez todos os registros levantados entre os informantes de 65 municípios paranaenses. Trabalhando sobre a publicação de Aguilera, Altino (2007), em sua tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Londrina (UEL), tratou os dados que não haviam sido explorados por aquela autora, sistematizando e cartografando essa parte do *corpus*, inédita, num total de 54% do questionário aplicado. O *Atlas Linguístico do Paraná II* - ALPR-II – (ALTINO, 2007) seguiu as linhas do primeiro, apresentando cartas semântico-lexicais, fonético-fonológicas e notas de ocorrências únicas registradas na rede de pontos. Ao optar pelo método dialetométrico, a autora, por meio dos Índices Relativos de Distância e Identidade, faz uma leitura da diversidade lexical atrelada à localização geográfica e a aspectos ligados à colonização do Paraná.

Foram justamente os fatores associados à colonização paranaense que orientaram a tese de doutoramento intitulada ―*Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná*‖ (BUSSE, 2010). Última a ser povoada, essa região do Estado, para onde acorreram colonos sulistas, principalmente, a partir da década de 1960, é caracterizada por seu polimorfismo linguístico. Amparada pelos princípios teóricometodológicos da Dialetologia e da Geolinguística, Busse descreveu os dialetos numa rede de 09 pontos da referida região, e identificou áreas homogêneas, em que os falantes mantêm traços da fala dos grupos de origem, e heterogêneas, resultantes da coexistência de diferentes grupos no mesmo espaço. Privilegiando falantes do meio rural, a autora pôde trabalhar os dados coletados em sua dimensão diatópica, areal e sociocultural, com destaque para os aspectos diassexual, diageracional e diastráticos. Todos os registros foram transpostos sob a forma de cartas, o que favorece a compreensão do movimento das variantes linguísticas no Oeste paranaense.

Apresentado na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFPJ, em 2004, como tese de doutorado, o Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM, da professora Maria Luiza da Cruz, foi realizado na perspectiva da Geografia Lingüística e da Sociolingüística Variacionista, sob a orientação da professora Sílvia Brandão. Desse atlas constam 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. Com ênfase nas variáveis gênero e faixa etária, o ALAM reúne dados de nove municípios representativos das nove microrregiões do Estado do Amazonas: Barcelos (Alto Rio

Negro), Tefé (Jutaí- Solimões-Juruá), Benjamin Constant (Alto Solimões), Eirunepé

(Juruá), Lábrea (Purus), Humaitá (Madeira), Manacapuru (Rio Negro – Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas) e Parintins (Baixo Amazonas). A autora entrevistou 36

informantes, 06 em cada localidade: 1 homem e 1 mulher, de 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante, com nível de escolaridade fundamenta, ou analfabetos.

Cristianini (2007), em sua tese de doutorado denominada ―*Atlas semânticolexical da região do Grande ABC"*, empreendeu um estudo dialetal de uma das maiores aglomerações urbanas do Brasil em torno de uma capital, São Paulo. Chamada de Grande ABC, a região, formada por 07 municípios - Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, tem um peso considerável no contexto sócio-político, econômico e cultural, não apenas do Estado de São Paulo, mas de todo o Brasil. A visibilidade da região atrai brasileiros de todas as partes, o que confere especial afluência e mobilidade da população do Grande ABC. Considerando isso, Cristianini buscou registrar a variação semânticolexical dentro aquela comunidade, com o intuito de resguardar a memória linguística da língua falada numa rede de 09 pontos. Para tanto, a autora valeu-se do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB, entrevistando homens e mulheres subdivididos em duas faixas etárias, 18 a 30 e 50 a 65 anos de idade. Constam da tese um conjunto de 202 cartas linguísticas, o que constitui uma referência no entendimento do falar paulista da região pesquisada.

Os dialetos falados no Estado de São Paulo foram objeto de mais uma tese de doutorado, dessa vez, na área litorânea, com o *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo* (ENCARNAÇÃO, 2010). Esta tese, bem como a de Cristianini (citada antes), foram defendidas na Universidade de São Paulo (USP).

Quanto aos falares fluminenses, a tese de doutorado – *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro AFERJ* – (ALMEIDA, 2008) – pôde verificar as particularidades propostas por Nascentes (1958). A obra, seguindo os preceitos da Geolinguística Pluridimensional, apresenta dados de inquéritos realizados com 72 informantes em 12 municípios, contemplando 08 regiões do Estado do Rio, sendo composta por 307 cartas fonéticas.

A descrição dos dialetos de algumas localidades litorâneas do Estado do Rio Grande do Norte coube a Pereira (2007), autora do *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG)*, com a orientação da professora Dinah Callou, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Silva (2012), na tese *Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar*, orientada pela professora Maria do Socorro Silva de Aragão, interessou-se pelos falares do interior do Rio Grande do Norte. Aragão orientou, ainda, a tese *Atlas Linguístico de Pernambuco*

(Sá, 2013), na Universidade Federal da Paraíba. Na Universidade de São Paulo, Augusto (2012) realizou o *Atlas Semântico-Lexical de Goiás*, também, como tese de doutorado.

O Centro-Oeste brasileiro, que Nascentes (1958) classificou dentro dos falares sulistas, foi pesquisado por Reis (2013), que, na tese de doutoramento *Alas Linguístico Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai: um registro das línguas em contato*, descreveu os dialetos registrados no Estado do Mato Grosso do Sul, fatos linguísticos peculiares de regiões fronteiriças, no caso, o Brasil e a República do Paraguai. Foram 10 as localidades pesquisadas pela pesquisadora: Isla Margarita (Paraguai) divisa com Porto Murtinho (Brasil), Bella Vista Norte (Paraguai) divisa com Bela Vista (Brasil), Pedro Juan Caballero (Paraguai) divisa com Ponta Porã (Brasil); Capitán Bado (Paraguai) divisa com Coronel Sapucaia (Brasil) e, por fim, Pindoty Porã (Paraguai) divisa com Sete Quedas (Brasil). Nesse trabalho, Reis registrou, além do plurilinguismo – português, o espanhol e o guarani – os dialetos que coexistem nessa área geográfica do país.

Em 2015, mais um atlas fruto de uma tese de doutorado vem juntar-se ao acervo dos atlas regionais brasileiros: O *Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico*, produção da professora Marigilda Antônio Cuba, com orientação da professora Aparecida Negri Isquerdo. Essa região, que Nascentes (1953) considerou como incaracterística do ponto de vista linguística, compreende a fronteira boliviana do Brasil com o Mato Grosso, com o Amazonas, Pará e o Estado de Goiás (com a configuração política dos anos 50). Constam de sua tese 7 cartas introdutórias e 103 cartas linguísticas divididas em 16 fonéticas, 69 lexicais, 12 morfossintáticas e 6 sintéticas. Segundo Cuba, os dados levam-na a propor a existência de uma multivarietabilidade, produto do contato de duas correntes migratórias: uma mais nortista, encontrada ao leste e oeste do dito território incaracterístico, e um frente sulista composta, sobretudo, por migrantes paranaenses e rio-grandenses, esses avançando mais para a área central do referido território.

A propósito dos falares sulistas que se expandem para fora do espaço dos falares Sulistas traçado por Nascentes, Romano (2015) investigou se as linhas dialetais concebidas por aquele autor correspondem, de fato, à realidade observada nos Estados que delas fazem parte. A partir de registros do ALiB (2014), o pesquisador averiguou que parece não haver uma homogeneidade absoluta nos falares sulistas, como o quis Nascentes. A tese atesta que a área setentrional do território investigado apresenta diferenças em relação à parte meridional. A pesquisa doutoral de Romano, pois, apresenta evidências de dois grandes falares na mesma grande área, sendo eles, o paulista e o sulista. Os dialetos paulistas, por influências dos falares do Estado de São Paulo, estendem-se às circunvizinhanças, tais

como o norte do Paraná, oeste do Mato Grosso do Sul, sul de Goiás, de Minas Gerais e Triângulo Mineiro. Quanto aos dialetos propriamente sulistas, esses são encontrados no Estado do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. Romano, anteriormente, em sua dissertação de mestrado denominada *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente* (2012), defendida na UEL, pesquisou aspectos fonéticos e lexicais da fala de informantes no município de Londrina.

Nos demais Estados brasileiros, o campo das pesquisas tem se mostrado profícuo, tanto na preparação de atlas de dimensões espaciais menos relevantes, quanto em produção bibliográfica. Artigos em revistas nacionais e internacionais, além da organização de congressos em que se reúnem os maiores nomes da Dialetologia e Geolinguística, fomentam as universidades brasileiras durante todos os anos.

Afora o labor dos professores pioneiros, a quem se deve o reconhecimento dos estudos brasileiros junto à comunidade científica internacional, professores esses ainda à frente de projetos de peso em suas universidades, os estudos geossociolingísticos atraem cada vez mais novos pesquisadores. Prova disso são as produções que estão sendo executadas, como essas que me chegaram ao conhecimento.

- Atlas Geo-sociolinguístico do Pará, em continuidade ao Atlas Linguístico Sonoro do Pará, realizado pelo professor Abdelhak Rasky, da Universidade Federal do Pará;
- Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC)
- Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)
- Atlas Linguístico do Piauí ALiPI)
- Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN)
- Atlas Prévio do Espírito Santo (APES)
- Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro (ALiSon-Rio)
- Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP)
- Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)
- Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO)
- Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado de Tocantins (ALITTETO)

Os resultados desse despertar para a realidade dialetal que caracteriza o português brasileiro, têm-se traduzido em pesquisas já na iniciação científica, com os estudantes ainda na graduação, estendendo-se depois para trabalhos em especialização, mestrado e doutorado. De modo geral, os estudantes têm buscado, em primeiro lugar, inquirir aspectos dialetais em suas próprias comunidades, nos municípios de onde são oriundos,

expandindo, em seguida, para espaços de abrangências maiores. É o que vislumbra ALMEIDA (2008).

> É provável que, em pouco tempo, a divisão dialetal proposta por NASCENTES (1953) seja substituída por outra mais atualizada, fundamentada em trabalho de campo e em rigorosas bases metodológicas, tendo em vista os referidos atlas e a elaboração do ALiB, projeto que, desde a última década de 50, povoava a mente dos grandes dialectólogos brasileiros, mas que só há doze anos se tornou realidade. Apenas com base em um atlas nacional será possível traçar o verdadeiro panorama da diversidade lingüística deste país. Não obstante, os atlas de menor amplitude têm grande relevância, visto que fornecem diretrizes não só para outras pesquisas dialetais, mas também para estudos de natureza diversa. (ALMEIDA, 2008, p.135).

Pode-se inferir da fala de Almeida que não tardará para que o território brasileiro seja esquadrinhado, mesmo em seus rincões mais ermos. Os dados do ALiB (2014), combinados aos dos atlas de menor amplitude espacial, realizados ou ainda por fazer, irão legitimar a iniciativa de Nascentes, ainda que os contornos de sua distribuição dialetal não estejam inteiramente em conformidade com os fatos linguísticos encontrados pelos pesquisadores – vide Romano (2015). De toda forma, há sempre que se render homenagem ao pensamento inovador de Nascentes, por suas enquetes e pesquisas de campo, por sua visão das variações linguísticas do Português do Brasil, consciente que era de nossa heterogeneidade cultural sócio-econômica, consequência de uma história que teve características distintas pelo país. A língua portuguesa falada no Brasil, por conseguinte, reflete isso sob a forma de uma não uniformidade. Os que querem a língua unívoca trafegam, pois, na contramão da história.

1.3. A influência dos fatores espaciais e sociais na variação linguística

Diferentemente dos da característica dos primeiros atlas, unidimensionais, os atlas que vêm sempre produzidos se fundamentam na Dialetologia Pluridimensional, tendo em conta o contexto real e social da comunidade de falantes. Assim sendo, é na dimensão diatópica, pilar essencial dessa ciência, que podem ser observados vários aspectos sociais no estudo das especificidades da variação linguística.

Cuba (2015, p. 88) apresenta um esquema em que distribui as funções das diferentes dimensões responsáveis pela caracterização das línguas e dialetos:

- Dimensão diatópica: de caráter topoestático (indivíduos nascidos na localidades).
- Dimensão diatópico-cinética: caráter topodinâmico (implica em mobilidade dos indivíduos, obrigatoriamente vindos de outros locais).

- Dimensão Diastrática: infere-se que as classes sociais apresentam maneiras de falar distintas. Atlas que contemplam a dimensão diastrática, de acordo com Chambers & Trudgill (1994), desvelam a influência de certos valores matérias – renda familiar, nível de escolaridade, ocupação profissional – sobre a fala do indivíduo, sendo um elemento básico para se distinguir a norma dita culta da fala popular.
- Dimensão Diageracional: duas gerações são colocadas em confronto: a Geração I, mais jovem, e a Geração II, com indivíduos de mais maturidade.
- Dimensão Diassexual: parte-se do pressuposto que homens e mulheres possuem comportamento linguístico distintos. Segundo Labov (1976), os estudos que focalizam a dimensão diassexual demonstram que as mulheres zelam mais pela fala melhor elaborada, têm consciência de que há variantes mais estigmatizadas do que outras, por isso, têm um trato mais reflexivo no falar. A fala feminina, conforme estudos labovianos, tende a ser mais conservadora do que a fala masculina. Os homens, historicamente, vivem mais tempo fora do ambiente familiar, se expõem mais ao que vem de fora do entorno da comunidade, sendo mais propensos à inovação linguística.
  ✓ Dimensão Dialingual: estudo de duas ou mais línguas em contato, geralmente, em regiões de fronteiras secas, como é o caso do Brasil com o Paraguai, Uruguai, Argentina. Nessas situações, as pesquisas são focadas na coexistência das línguas e na interferência de uma sobre a outra.
- Dimensão Diafásica: os informantes respondem a um questionário direto e objetivo, ou leem um texto, ou entabulam com o inquiridor uma conversa livre ou dirigida. Para Thun (1996, 2000), na dimensão diafásica o enfoque está na alternância que o falante faz diante de algumas situações: se é exposto a uma leitura em voz alta, demonstra mais tensão, mas durante as respostas a questionários, o constrangimento é menos perceptível. Já nas conversações livres ou dirigidas, a fluência é bem mais natural, sendo possível ao pesquisador contrapor a fala do informante nessas três ocasiões.
- Diarreferencial: considera-se nesse aspecto a fala objetiva e metalingüística dos informantes. Ainda segundo Thun (1998b), a dimensão diarreferencial está relacionada ao modo como o falante se vê no outro. Em algumas circunstâncias, os conflitos sociolinguísticos ficam bem mais evidentes quando de uma conversação. Os estrangeirismos são um bom exemplo de aceitação, por parte dos falantes, ao que vem de fora. Escusado dizer que em muitos casos, o léxico da língua estrangeira que se introduz representa o estatuto social da outra comunidade: uma suplantando a outra.

O ALEAL, como um atlas de segunda geração, tem como característica: a dimensão diatópica de caráter topoestático; a dimensão diageracional; a dimensão diassexual; a dimensão diafásica e, também, sob alguns aspectos, ainda que em proporção pouco significante, a dimensão diarreferencial. Meus informantes dialogavam com uma falante do Sul do País, e em diversos momentos pude observar certo desconforto por parte de meu interlocutor em ralação a esse fato, o que gerou, em alguns momentos, a perda da naturalidade de sua fala. Todavia, não seria o caso de dizer que se tratava de uma situação de conflito sociolinguístico.

1.4. Que língua é essa que se fala no Brasil?

Brandão (1991, p.5) compreende a língua como o palco onde o homem pode exprimir seu pensamento, agir e refletir sobre si mesmo, sobre os outros e o meio em que está inserido. O falante, complementa a autora, desempenha dois papéis de forma simultânea, ―ele é usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara‖. Nesse sentido, o léxico de uma língua é o primeiro que muda, por ser ele dotado de fluidez. O léxico, segundo Vilela

(1994, p.10), é todo o conjunto de palavras duma língua, ―o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística‖. A Linguística, por sua vez, valendose de diferentes subáreas, com destaque para a Dialetologia, Geolinguística, Lexicologia, Lexicografia, Linguística Histórica e Sociolinguística, procura estabelecer e analisar, pautada em metodologias as mais diversas, como, em que tempo e lugar se dão as mudanças que se operam na língua.

Dentro de suas especificidades, cabe à Dialetologia descrever, examinar e compreender de que forma elementos de ordem sócio-históricas operam nos falares regionais de uma língua. Já à Geolinguística, atrelada aos estudos dialetológicos, compete reproduzir e classificar, dentro de um espaço delimitado, por meio de mapas e cartas específicas, as variações dialetais registradas em dado grupo social. Nesse sentido, o léxico de uma língua é o primeiro que muda, por ser ele dotado de fluidez. O léxico, segundo Vilela (1994, p.10), é todo o conjunto de palavras duma língua, ―o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística‖

Já que desta tese de doutorado resulta um atlas linguístico, e os atlas linguísticos apresentam, descrevem e apontam os dialetos nos locais onde eles foram coletados, penso ser pertinente discutir, brevemente (e não, infelizmente, com a profundidade que lhe seria exigida) a questão dessa língua portuguesa falada no Brasil.

A paráfrase ―tupi *or not* tupi, *this is the question*‖[16], mote de um grupo de agitadores culturais lá dos idos da década de 1920, cai bem quando o tema é o português no Brasil. Contudo, a inquietação d'antanho, dessa feita, provoca arroubos entre linguistas, filólogos e estudiosos da língua portuguesa. Agora parafraseiam assim:

―crioulo *or not* crioulo, *this is the question*‖. Vão mais longe: tendo havido, um dia, uma língua crioula no Brasil, será que os falantes da dita terra caminham rumo a uma descrioulização? Não sendo crioulo a língua do Brasil, o português que se fala nessas plagas é o mesmo que aquele do continente europeu?

Essas questões todas, que concorrem para uma reflexão elevada a um nível, eu diria, existencialista da língua portuguesa, dividem os linguistas. Naro e Scherre (2007) explicam que os pesquisadores concentram seus estudos em, pelo menos, três teses distintas. A tese *crioulística*, como o nome sugere, defende que o português brasileiro comporta características advindas de falares crioulos e semicrioulos de base africana. Uma segunda tese pressupõe que o português brasileiro, a partir do século XIX, construiu uma nova gramática. A terceira tese, a da ancianidade da língua, sustenta que a língua falada no Brasil está diretamente ligada ao português arcaico, tendo sofrido pequenas alterações ao longo dos séculos.

Os linguistas que trabalham tais questões, já partem de discussões acerca da denominação mesma da língua majoritariamente falada no Brasil. Matos e Silva[17] (2004, p. 47) expõe a dissonância: *"língua nacional, modalidade brasileira da língua portuguesa, português no Brasil, variedade brasileira do português, português do Brasil, gramática brasileira, português brasileiro*‖. Cada uma das designações recobriria visões distintas e apaixonadas dessa língua que, afinal de contas, os brasileiros falam e ouvem há muito sem se questionarem sobre como se chama ela, mas que, segundo os estudiosos, carece de ser tratada pelo nome. Como chamá-la, então?

Tomo a terminologia ―*português no Brasil*‖, empregada por Serafim da Silva Neto, citado por Matos e Silva (2004). Interpreto que o artigo preposicionado ―*no*‖ faz saber, ainda que, implicitamente, que o português está no Brasil, mas a ele não pertence. Infere-se que o português encontra-se aqui, para cá foi trazido, no continente americano se

[16] O Manifesto Antropófago, escrito por Oswald de Andrade (1890 - 1954), foi publicado em maio de 1928, no primeiro número da *Revista de Antropofagia*, conforme informações em http://www.itaucultural.org.br Acesso em: 10 de julho de 2013.

[17] MATOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

comporta assim, diferentemente do português no continente europeu. Será que Serafim da Silva Neto, ao cunhar o nome, considerou que a denominação suscitaria essa espécie de leitura?

Quanto à ―*modalidade brasileira da língua portuguesa*‖, a designação pareceme, a mim, distanciar a língua dessa imensa população de brasileiros que a fala: quer a expressão afirmar que fazemos todos o emprego de uma modalidade da língua, de um dos aspectos dela. Atentemos: ser uma modalidade de língua é diferente de ser uma língua. Nessa mesma esteira de pensamento, encontra-se a ―*variedade brasileira do português*‖: variedade, assim como modalidade, é uma forma da língua ser e estar em determinado espaço e tempo, não é a língua em sua completude. Essas considerações também se aplicam à designação ―*língua nacional*‖, cujo sentido evoca uma nação e um idioma, remetendo, por conseguinte, a questões políticas e ideológicas ligadas à soberania de um Estado.

Referir-se a uma ―*gramática brasileira*‖, terminologia proposta por Tarallo (lembrado por Matos e Silva, 2004, p. 47), quando de um artigo produzido em 1991, é pretender que, no Brasil, os elementos estruturais da língua diferem daqueles elementos encontrados no português falado em Portugal. Ora, se a gramática de uma língua diz respeito, grosso modo, à estrutura dessa língua – isto é, de como ela se apresenta em suas formas falada e escrita, seja na norma padrão, culta ou popular, especialmente nessa última – e se no Brasil temos uma gramática que nos é própria, então existiriam duas gramáticas, uma em Portugal e outra no Brasil. Duas gramáticas implicam em duas línguas distintas. Se isso procede, a língua falada no Brasil não seria, pois, o português. E se assim fosse, que língua seria essa falada no Brasil? É o que tento analisar adiante, com base nos autores que tratam disso em suas pesquisas.

A hipótese de *crioulização* ou de *semicrioulização*, de maneira geral, apoia-se firmemente na historiografia, buscando explicações para fenômenos linguísticos do português não-padrão do Brasil por meio de um enfoque histórico-social. Lucchesi (2009), que, no Brasil, figura como um dos principais teóricos dessa vertente, propõe que a aquisição precária da língua portuguesa pelo grande número de escravos das mais diversas etnias que foram trazidos para o Brasil, bem como o contato desses africanos com índios integrados à sociedade colonial, favoreceram a transmissão da língua de maneira irregular. Não foram dadas, obviamente, por força da subjugação, condições propícias para que esses indivíduos dispusessem de uma aquisição linguística satisfatória, segundo a língua padrão.

Para Lucchesi (2009), a pesquisa historiográfica dispõe e lança mão de meios eficazes para apontar quais foram os fatores sociais que desempenharam funções substanciais na formação da realidade linguística brasileira. Nesse sentido, o autor aponta em comunidades de descendentes de escravos evidências de variedades linguísticas que poderiam ter provocado mudanças significativas no português padrão. Lucchesi (2009, p. 72) argumenta que evidências decorrentes de análise histórica ―constituem balizas para os recortes que se devem proceder sobre a realidade linguística contemporânea, bem como a interpretação de dados depreendidos na investigação científica‖.

Na opinião desse linguista, comunidades de afro-brasileiros que se mantiveram isoladas até meados do século XX, definidas por ele como ―verdadeiros sítios arqueológicos da história sociolinguística do Brasil‖ (LUCCHESI, 2009, p. 73), guardam marcas de um falar crioulo ou semicrioulo que, mesmo tendo se diluído ou se apagado de vez, afetou de alguma forma o português brasileiro em dado momento histórico. Essas marcas, advoga o referido autor, subsistem basicamente na fala de comunidades rurais afro-brasileiras no interior do país. Para exemplificar, Lucchesi cita exemplos de comunidades rurais negras em Minas Gerais e São Paulo – *língua do negro da costa*, em Tabatinga (MG), e *língua falange*, em Cafundó (SP). Em ambas as localidades, as línguas são constituídas de um léxico de base banto e estruturas gramaticais do português popular.

A insistência em reconhecer exclusivamente nas comunidades rurais negras os vestígios e características de um suposto falar crioulo fragiliza a tese crioulística. Estudiosos que se aplicam ao mesmo tema refutam-na, considerando que as mesmas marcas linguísticas apresentadas por Lucchesi em comunidades negras são encontradas em recantos os mais diversos, e por falantes de origens variadas. Debruço-me a, seguir, sobre essas proposições, e começo por uma questão básica, e que deveria ter sido colocada já no início do texto: quais são as particularidades do português brasileiro que levam grupos de linguistas a pressuporem que há nele resquícios de crioulos, ou, ainda, influência direta de línguas indígenas? Retomo, a tempo, essa questão.

Alguns fenômenos linguísticos, arcabouço de teses que se manifestam pela presunção de fatores externos nas origens e na conduta do português brasileiro tal como ele é, são de ordem morfofonológica e sintática. Entre eles, Castilho (in Naro e Scherre,

2007, p. 12) destaca ―a simplificação do padrão silábico (*alta* / *arta; bolsa* / *borsa; pulmão* / *purmão*); nasalação (*mendigo* / *mindingo*) e desnalasação (eles *pediram* / eles *pediru*); alterações na coda silábica (*mês* / *mêsi*; *fel* / *feli*); quedas vocálicas (*admirar* /

dimirar; *acredito*/ *cridito*), assimilação de /d/ em /nd/ (*cantando* / *cantano*) e /b/ em /mb/ (*sambando / sambano*).

Os fenômenos sintáticos elencados pelos linguistas que comungam dessa linha são: ―uso de *ele* acusativo; emprego de *mim* em lugar de *eu* na função de sujeito; uso de *se* como reflexivo universal (*eu se lavo*); uso de *ter* existencial; ampliação das perífrases (vou viajar / viajarei); supressão ou alternância de preposições; falta de concordância de número entre constituintes do sintagma nominal; falta de concordância de gênero; falta de concordância de pessoa gramatical entre o verbo e o sujeito; falta de concordância de número entre o verbo e o sujeito‖ (NARO e SCHERRE, 2007, p. 12).

Os exemplos citados, comuns na fala de brasileiros com baixa ou nenhuma escolaridade formal, especialmente, nas comunidades rurais em áreas urbanas menos privilegiadas, são objeto de preconceito por parte de uma sociedade que zela pela norma culta da língua (SCHERRE, 2007, p. 17). Entretanto, essas características do português brasileiro popular podem ser explicadas por fatores internos da língua, e não, exclusivamente, por fatores externos, como a história social.

Acerca desses fatores, Dietrich e Noll (2010, p. 85), tratando, especificamente do papel do tupi na formação do português brasileiro, negam que tenha havido qualquer influência das línguas brasílicas e das línguas gerais no português brasileiro: ―não há influência tupi nem na fonética, nem na morfologia do português brasileiro‖. As características peculiares que distinguem o português brasileiro do português europeu, reforçam os autores, são resultado de ―evoluções internas, não por influência brasílica. Esta só de reflete no léxico e nos nomes (toponímia, hidronímia, coronímia e antroponímia)‖ (DIETRICH e NOLL, 2010, p. 85 - 86).

A entoação frasal, o tão conhecido ―falar cantado‖, a primeira característica a ser mencionada quando se apontam traços distintivos entre o português brasileiro e o europeu, não pode ser comprovada cientificamente por falta de documentação. E, se não é passível de comprovação, foge do campo da ciência. Já a nasalisação heterossilábica, como em [kãma], realizada no Brasil, e típica do tupi, foi corrente em Portugal até o século XVII, sendo encontrada no início do século XX. A sempre citada quebra generalizada de encontros consonantais – (*flor*/*fulô*), não é desconhecida em Portugal. Esses exemplos, e tantos outros frequentes no português brasileiro, excetuando-se o léxico, são perfeitamente explicáveis ―em relação ao seu desenvolvimento, como simplesmente portuguesas ou românicas‖ (DIETRICH e NOLL, 2010, p. 89).

No campo lexical, são patentes os empréstimos de línguas indígenas ao português brasileiro. Todavia, mesmo o léxico não exerce papel preponderante no vocabulário usual básico. Dietrich e Noll (2010) reiteram que os empréstimos da língua brasílica, da língua geral paulista, da língua geral amazônica ou do nheengatu foram motivados pela necessidade de se atribuir nomes a tudo aquilo que era desconhecido dos portugueses, mas presentes na realidade do território brasileiro. Ao botarem os olhos na fauna local, na flora, na paisagem, ao provarem da cozinha típica indígena, foi preciso nomear.

A tese da influência tupi e africana na língua falada no Brasil cai por terra quando se demonstra que fenômenos morfossintáticos e fonético-fonológicos como os citados estão presentes no português europeu, na atualidade ou quando de sua formação.

Scherre (2007, p. 17) é enfática quanto a isso: ―são heranças românicas e portuguesas arcaicas e clássicas. [...] Tampouco são o resultado de processos de simplificação ou de outras modificações espontâneas causadas pelo contato, durante o processo de transmissão não-tradicional da língua‖. Os contatos entre a população ameríndia e os europeus colonizadores só fizeram aprofundar ou atenuar tendências existentes na língua portuguesa.

Quanto a um eventual pidgin - língua que servia para fins comerciais – e que tende a se encaminhar para a formação de um crioulo, a autora afirma, embasando-se em documentos, que não havia condições para estabelecimento de pidgins, nem da parte dos indígenas que entraram primeiro em contato com o elemento europeu, tampouco deste com os africanos. Os portugueses, historicamente conhecidos pelo contato comercial com povos que não dominavam sua língua, ao aportarem no Brasil, há muito dispunham de estratégias de comunicação com os não falantes da língua portuguesa. Essas estratégias, variáveis segundo as necessidades e o momento, continham traços pidginizantes na medida em que podiam, por exemplo, ser compostas de verbos sem flexão e pronomes e ênfase nos pronomes. Scherre (2007, p. 47) acrescenta que as fases pidginizantes, com predomínio ameríndio, e, em seguida, com predomínio africano, não se configuraram em obstáculos para a imposição do português. Essas formas de comunicação pidginizantes, como a língua geral, que facilitou a catequização dos índios por parte dos jesuítas, foram suplantadas, ao passo que o português foi sendo assimilado pela população brasileira, dessa ou daquela origem, com maior ou menor grau de dificuldade.

Acerca das línguas africanas, não há indícios fundamentados de que tenham deixado marcas substanciais no português. Ademais, não há comprovação documental para dar conta de que a fala de descendentes de escravos fosse diferente da fala portuguesa. Ao se

refutar essas teses, não se pretende desmerecer ou depreciar a influência ameríndia e africana na cultura e na própria formação da identidade brasileira. Estudos nesse sentido, ao considerarem o viés histórico-social, devem se ater aos aspectos linguísticos, sob pena de se incorrer no terreno movediço das questões de ordem política e ideológica.

Nesse ponto, volto, mais uma vez, à questão inicial: que propriedades do português brasileiro fazem pensar que alhures se fala diferente? Nosso apreço pelo gerúndio, por exemplo – ―abelha *fazendo* mel, vale o tempo que não voou‖ (GUEDES, BASTOS, 1978) – torna o português brasileiro diferente do europeu? É discutível. Dizer que apenas as comunidades afro-brasileiras produzem não concordância fora das regras normativas é ignorar estudos como o Aguilera e Navarro (2009, p. 198), cujo trabalho apresenta realizações do tipo: ―aprendeu a comer carne *cru*; a vida de *premero* era *custoso*‖, em comunidades rurais paranaense de ascendência as mais variadas, incluindo europeus. Esta mesma realidade se confirma no ALEAL: um informante da segunda faixa etária, em Santana do Ipanema – Ponto 3 – na questão do QMS referente ao número [do substantivo], registrou ―*dois frô*‖ (duas flores).

Se não é diferente do português europeu, por que o português popular brasileiro suscita tantas dúvidas? Em se considerando Scherre (2007), talvez haja alguma dificuldade por parte de certos estudiosos em aceitar a chamada *deriva* da língua. A noção, em Sapir (1979), citado por Scherre, 2007, p. 26) propõe que ―a língua se move ao longo do tempo num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva‖. A língua, embora os falantes não notem, tende a determinadas inclinações, ou seja, mudanças que poderão ou não ocorrer em um tempo futuro, estão já em curso, ―prefiguradas em certas tendências não perceptíveis no presente‖. É mister compreender que a noção de deriva linguística não quer dizer que a língua passe por mudanças aleatórias, sem rumo, longe disso. Scherre (2007, p. 47) argumenta que a língua portuguesa falada em Portugal antes mesmo do advento da colonização do Brasil já possuía uma ―deriva secular‖. Aqui, a deriva deparou-se com ―outras forças que reforçavam e expandiam a direção original‖. A pidgnização, uma dessas forças, não se configurou em crioulo, com gramática africana e léxico português: e mesmo tendo existido em algum período, não deixou marcas que pudessem ser comprovadas.

Quanto à problemática deste tópico – da gênese e natureza do português nãopadrão brasileiro – parece-me claro que resultam da deriva secular e do contato entre falantes de etnias e línguas diferentes. Não posso deixar de registrar a indagação que

Mira Mateus[19] se faz: ―se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreenda que uma língua viva em diferentes culturas?‖ Atrás dessa questão/reflexão estão conceitos que perfazem o campo da abstração: a língua concretiza-se na fala, sendo um fator de identificação cultural, mas, recobrindo o indivíduo que a produz estão fatores que nem sempre são identificáveis, suscetíveis que são de demonstrarem formas de ser e estar no mundo.

19 Maria Helena Mira Mateus (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Conferência proferida no Rio de Janeiro, em outubro de 2001.

CAPÍTULO II

A MOTIVAÇÃO NA CRIAÇÃO LEXICAL

2- A DIMENSÃO DO LÉXICO MO SEIO DA COMUNIDADE LINGUÍSTICA

O léxico talvez seja o melhor e o mais confiável meio de se conhecer o homem, a vida do homem em sociedade, o mundo nomeado por ele. Não seria exagero dizer que o léxico é testemunha da trajetória do homem através do tempo. No léxico o homem faz conhecer seu pensamento, as idéias, as ideologias, a vida em sociedade passa pelo léxico. Por meio do léxico o homem consegue conhecer como se deram as etapas daquilo que ficou para trás.

Considerando o léxico das línguas naturais como formas de registro do conhecimento humano, nada mais normal do que se pensar na associação de ciências distintas como meio de se compreender como se dá o processo de nomeação, classificação e conceituação de tudo aquilo que diz respeito ao homem e ao mundo.

Biderman (2001, p.13) reitera que:

> Ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. [...] ao nomear, o indivíduo se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo na Bíblia, em que Deus incumbiu ao primeiro

> homem dar nome à toda a criação e dominá-la. A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos da realidade e da categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.

A autora lembra que o processo de nomear, ou seja, de se criar palavras que designam os referentes extralinguísticos, remetem aos signos linguísticos em determinado contexto sociocultural e de discurso. A despeito de a explanação não deixar dúvidas, não se pode dizer o mesmo do vocábulo *palavra*, que por si só suscita numerosas elucubrações, tanto no que diz respeito ao próprio conceito, quanto ao processo mesmo de sua criação e, consequentemente, de seu uso. Recorro novamente a Biderman (1998, p.88-89):

> As palavras podem ser consideradas como etiquetas para o processo de categorização. Por conseguinte, as palavras que constituem aquilo que seria o ‗dicionário' de uma língua natural são uma lista e uma amostragem das etiquetas de categorias naturais com que a espécie humana processa o conhecimento; contudo, as palavras são meros rótulos de objetos específicos existentes no mundo real. Podemos afirmar que a maioria das palavras designa campos de conceitos em vez de coisas físicas. É quase certo que seja assim, pois se fosse de outra maneira nos depararíamos com uma enorme dificuldade para explicar por que as palavras se referem a classes abertas.

Estando as palavras circunscritas em um sistema aberto, é imprescindível ter claro que o processo individual de incorporação de conceitos por parte de um sujeito não é necessariamente semelhante ao acervo da sociedade onde ele está inserido, visto que as culturas têm como característica a transmissão de conceitos geração após geração, conceitos esses que são apreendidos de formas distintas por cada indivíduo. O sujeito dota-se de um acervo lexical que se presta a um conjunto de representações mentais, do qual ele se serve quando lhe é oportuno. Biderman (1998, p.90) atenta para o fato de que ―a memória de cada indivíduo não é um armazém de pensamentos ou um arquivo de impressões sensíveis memorizadas, pois os conceitos são dinâmicos, apesar de estarem registrados fisiologicamente na memória‖.

Outro ponto bastante significativo em se tratando da capacidade humana de cognição refere-se à individualidade quando da conceptualização. O acervo lexical de um sujeito não implica em menor ou maior facilidade dele em compreender ou em se fazer compreender, considerando que o vocabulário é mais limitado do que a capacidade de conceptualizar: é essa habilidade humana que faz com que os interlocutores apreendam ―a semântica de nossos enunciados, ainda que nossas palavras assumam significados diferentes‖. (BIDERMAN, 1998, p.91)

Isquerdo (2003, p.165) chama a atenção para as ―diferentes idiossincrasias‖ que contribuem e marcam a formação das comunidades linguísticas. Acerca da constituição do léxico dentro das comunidades, a autora postula:

> Concebendo-se o léxico como o nível da língua que melhor documenta o modo como um povo vê e representa a realidade em que vive, podemos entender que o vocabulário de um grupo social atesta seus valores, suas crenças e também a forma como nomeia os referentes do mundo físico e do universo cultural em diferentes épocas da sua história. Em vista disso, o repertório lexical de uma comunidade linguística renova-se, transforma-se à medida que atuarem sobre ele fatores históricos, geográficos, culturais. (ISQUERDO, 2003, p. 165)

A reflexão de Isquerdo acerca das questões relativas ao léxico leva a uma assertiva, a de que dois polos distintos – o indivíduo e a sociedade – estão presentes na estrutura das línguas naturais e no rumo que elas tomam ao longo da história. Sobre essa questão não parece haver divergência entre os estudiosos da linguagem, contudo, o mesmo não ocorre em relação ao conceito de palavra, como bem observa Biderman (1999, p.81):

> O conceito de palavra é problema complexo na Linguística, não sendo possível definir a palavra de modo universal. A definição de palavra, bem como sua identificação no nível do discurso, tem que ser feita língua a língua.

Independentemente da conceituação, Biderman (1999, 83, 85, 87) chama a atenção para a delimitação da palavra, crucial para os estudos do léxico.

> Vários são os critérios com que podemos operar para delimitar, a saber: o critério fonológico, o critério morfossintático e o critério semântico. [...] Dessa forma, uma palavra seria uma sequência fônica que constituísse uma emissão completa e após a qual a pausa será possível. [...] Uma vez reconhecida as unidades léxicas em potencial no interior do enunciado, através da análise fonológica (potencialidade de pausa, acento da palavras, outras regras fonológicas), devemos submeter os segmentos assim isolados às regras morfossintáticas que atuam no sistema linguístico em consideração. [...] A despeito da importância dos critérios fonológico e morfossintático na delimitação e identificação da palavra, o critério decisório final é o semântico. [...] a fonologia e a morfossintaxe ajudam-nos a reconhecer segmentos fonicamente coesos e gramaticalmente pertinentes enquanto formas funcionais; contudo, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica no discurso. Assim, no topo da hierarquia, a semântica vem congregar as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra.

Tendo em conta o critério semântico na delimitação e posterior conceptualização da palavra por parte do indivíduo, resta a indagação: como definir semântica? Se não há concordância de ideias com relação ao conceito do que seja palavra, o mesmo se dá com

a Semântica. De acordo com Oliveira (2001, p. 17-46), nem a definição de Semântica e nem, tampouco, seu objeto de estudos, são tarefas simples. De uma maneira bastante superficial, dir-se-ia que a Semântica busca descrever o ―significado‖ das palavras e dos enunciados. Nesse ponto, outra questão é levantada: como definir ―significado‖? Resposta igualmente delicada, no que intervém Oliveira (2001, p.18):

> [...] a problemática do significado transborda as próprias fronteiras da Linguística, porque ela está fortemente ligada à questão do conhecimento. Responder a como é que atribuímos significado a uma cadeia de ruídos implica adotar um ponto de vista sobre a aquisição de conhecimento. É o significado uma relação causal entre as palavras e as coisas?[18] Será ele uma entidade mental? Ele pertence ao indivíduo ou à comunidade, ao domínio público? Essas perguntas, caras ao semanticista, levam inevitavelmente a enfrentar a questão espinhosa da relação entre linguagem e mundo e, consequentemente, a buscar uma resposta sobre como é possível (se é que é possível) o conhecimento.

Não sendo possível definir categoricamente ―significado‖, ao menos pode-se afirmar, com base em Oliveira (2001, p.18) que há várias semânticas[19], cada qual com ―sua noção particular de significado‖, no que atende às respostas relativas à linguagem/mundo, constituindo-se, segundo a autora, em ―modelo fechado, incomunicável com outros‖.

Pode-se inferir que todas as reflexões apresentadas pelos autores citados convergem para o que Mario Alinei (1983, 1984, 1986, 1995, 1996a, 1996b), trata por motivação do signo no momento de sua criação: ele defende a ―existência de uma dupla estrutura do significado: a *genética* e a *funcional*‖. Ao atribuir um nome a um novo referente, o sujeito lança mão de elementos preexistentes no sistema linguístico. Os novos itens lexicais vão se tornando funcionais e terminam por perder a motivação inicial.

2.1. A palavra como transfiguração do real

Segundo a tradição judaico-cristã, antes que o mundo fosse mundo, havia o Verbo[20]. Unívoca, a figura do Verbo se confunde com a do próprio Deus, que faz existir e dota toda a sua criação de um nome. O ato de nomear, portanto, configura-se em algo mágico:

---

[18] O grifo é meu. Faço-o para apontar que a temática sobre a relação entre palavras e coisas, relação essa presente no texto de Biderman (2001), e que abordo nos itens que se seguem.

[19] Oliveira (2001) aponta: Semântica Formal, Semântica da Enunciação, Semântica Cognitiva.

[20] "No princípio havia o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus‖ (JOÃO, 1;1).

o Criador concebe todas as criaturas a partir da Palavra [21] que profere. O poder prestidigitador/encantador da Palavra transcende mesmo a maior de todas as criações, o Homem, cuja concepção se deu pela ação mesma do Verbo[22]. Biderman (1998, p.86), recorda que:

> Para a Bíblia judaico-cristã a *palavra* não é apenas um sinal da força divina criadora, mas se identifica com essa própria força. Ao longo de mais de dois mil anos de história, desde o limiar do Gênesis no Antigo Testamento aos Evangelhos do Novo Testamento, a palavra se manifesta com esse significado. É assim que os profetas do Antigo Testamento, principalmente Isaías e os psalmistas, falam da palavra que não retorna a Deus sem antes ter dado seu retorno.

Entre os gregos antigos, era nos oráculos que repousavam as respostas das divindades a quem as consultava. Pítias ou sibilas, como eram chamadas as sacerdotisas que agiam como intérpretes da Palavra dos deuses, buscavam compreender ruídos ou indícios sintomáticos que se manifestavam por meio de gases que emanavam da terra, do murmúrio de fontes ou de um baloiçar do vento entre árvores. A divindade, portanto, valia-se da boca da sacerdotisa para apregoar sua Palavra. Assim foi com o oráculo de Delfos, que prenuncia a Laio[23], rei mítico de Tebas, sua morte pelo próprio filho. Numa tentativa de escapar ao vaticínio, Laio ordena que seu filho, ainda bebê, seja pendurado pelos pés numa árvore até que a morte o leve. Um pastor, ao encontrar a criança ainda com vida, salva-a: dá-lhe o nome de Édipo, aquele que tem pés inchados. Já adulto, Édipo salva a cidade de uma peste ao desvendar o segredo da Esfinge: recebe como recompensa a mão de Jocasta, a rainha. Tempos mais tarde, ao consultar o mesmo oráculo, o rei Édipo toma conhecimento de que o viajante que um dia matara numa estrada durante uma discussão era o rei Laio, seu pai, e Jocasta, a rainha que desposara e com quem tivera dois filhos, sua mãe. Cumpre-se, pois, o que anunciara o oráculo: a Palavra, uma vez dita, tem o dom de se converter em realidade.

Os textos bíblicos trazem muitas passagens que expõem o temor do homem ante a possibilidade da transfiguração da Palavra para o Mal:

---

[21] "E o Verbo se fez carne [...] (JOÃO, 1;14)

[22] "Disse Deus: Haja luz, e houve luz [...]‖ (GÊNESIS, 1;3).

[23] "A tragédia de Laio e Jocasta está em Édipo Rei (SÓFOCLES, 1988).

> Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem. [...] Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce pelo ventre e depois é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. (BÍBLIA. MATEUS, 15;11,17-18)

As fábulas e contos contêm inúmeros exemplos da crença no poder da Palavra. Nos contos de fada, palavras como *Abracadabra*[24], tem o dom cabalístico de realizar ações a mando daquele que a lança no ar. No conto Ali Babá, de As Mil e Uma Noites, compilado por Antoine Galland a partir da tradição literária árabe, a porta da caverna onde estão confinados tesouros é aberta ao se pronunciar a frase: ―Abre-te Sésamo‖.

Aparentemente, a relação entre o vocábulo sésamo[25] e a condição miraculosa que lhe é conferida no conto poderia vir da propriedade da semente, pequena, ovóide, achatada que, quando de sua maturação, escapa abrupta e espontaneamente da vagem ao menor toque, como num passe de mágica Todavia, nada no texto de Galland corrobora essa correlação.

A convicção no poder transfigurador da Palavra, especialmente, no temor que ela provoca se proferida inadvertidamente, leva o indivíduo a buscar outros nomes, numa tentativa de atenuar-lhe o peso e não invocar o mal para si e para os seus. Estudos dialetológicos e geolinguísticos, com destaque para as pesquisas sobre variações lexicais têm evidenciado a crença dos falantes no suposto potencial mágico/fantástico da Palavra. Romano (2012, p. 305-324), num estudo sobre ―a variação lexical em

Londrina em dois recortes sincrônicos‖, e que teve dois *corpora*: sua própria dissertação de mestrado: (AGELO - Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e em tempo aparente: 2012), e a dissertação de mestrado de Aguilera (1987): (EALLO - Aspectos linguísticos da fala londrinense: esboço de um Atlas Linguístico de Londrina), atesta que muitos dos informantes do final da década de 80, ao serem inquiridos sobre o nome da ―chuva de bolinhas de gelo‖, hesitavam para responder

―*chuva de pedra*‖, como era mais conhecido esse fenômeno meteorológico naquela época. Em lugar dessa expressão, Aguilera (1987) registrou variantes eufêmicas, tais como: ―*chuva de flor, chuva de sal, gelo, florzinha, chuva de milho, neve*‖, entre as mais produtivas.

---

[24] Abracadabra *sf.* _palavra cabalística, à qual se atribuía a propriedade de curar certas doenças‘ séc. XVIII. Do latim *abracadabra*, de origem grega. (CUNHA, 2010, p.4)

[25] ―Sésamo *sm.* _gergelim‘ 1874. Do latim *sesamum*, deriv. Do grego *sesamon*.‖ (CUNHA, 2010, p.592)

Romano (2012), em sua dissertação, documentou a variante ―*chuva de granizo*‖, a mais produtiva entre as ocorrências lembradas pelos seus informantes do século XXI. Entretanto, ―*chuva de flor*‖ também foi registrada como segunda resposta. Na transcrição que se segue, um dos informantes de Romano fala abertamente do respeito ou temor que a expressão ―*chuva de pedra*‖ produzia na comunidade:

> INF.- Granizo.
> INQ.- Tem outro nome?
> INF.- Pedra, mas eu não falo pedra não.
> INQ. Por quê?
> INF.- Tem gente que fala pedra, minha mãe não deixava nóis falá pedra, porque pedra é pedra. E aquele lá é uma coisa que vem lá do céu, que tá caindo que Deus tá mandando. Então não pode falá pedra. Diz que se falasse pedra chovia mais ainda. (risos). Coisa de gente antigo, né.
> INQ.- A gente tinha que falar o quê?
> INF.- Flores. É granizo, mas a minha mãe não deixava nóis falá pedra não, nóis nem falava granizo, era pra falar ―tá... tá choveno flor‖, pra não vim forte.
> INQ.- Tinha que falar desse jeito?
> INF.- Tinha que falá ta chovendo flor (...)

No excerto, o informante demonstra preocupação com o efeito desastroso que poderia advir da expressão ―*chuva de pedra*‖. A simples emissão do som de sua boca ocasionaria a ira de Deus, resultando numa catástrofe ainda maior que a própria intempérie. Romano (2012, p. 321) faz a seguinte leitura da mudança de comportamento por parte dos informantes nos dias atuais:

> O informante, hoje ainda mais urbano, não encontra motivo para o uso dessas variantes eufêmicas [como *chuva de flor*], pois a *chuva de pedra* não apresenta tantas ameaças para ele, já que não tem mais a preocupação com os danos que este tipo de chuva pode causar, por exemplo, à lavoura.

Pode-se notar no exemplo de Romano (2012) que o informante do século XXI, ainda que registre ―*granizo"* para o sema: ―*chuva com bolinhas de gelo*‖, mantém o temor pela expressão ―*chuva de pedra*‖, um castigo divino passível de tomar dimensões ainda mais desastrosas se o homem mortal ousasse dizê-la.

3. O FALAR ALAGOANO

Conforme atesta Mário Marroquim (2008, 4ª edição) em seu livro A Língua do Nordeste, publicado em primeira edição no ano de 1934, a ligação de Alagoas com a Bahia é indiscutível, notadamente por serem essas duas unidades da Federação, separadas geograficamente pelo rio São Francisco. Porém, no que diz respeito à dialetação, Alagoas figura mais próximo do Estado de Pernambuco:

> A influência baiana arrastava-se ainda pelas terras de Sergipe del Rei e já os criadores de gado colonizavam o rio São Francisco. Todo o Sul de Alagoas ocupou-se nessa indústria, desde o primeiro século, e, quando os holandeses aqui chegaram, nos relatórios enviados para a Holanda, atestavam isso. Os baianos esbarravam logicamente na margem direita do São Francisco, pois a margem esquerda, desde os primeiros anos da colonização, estava ocupada e povoada pelos pernambucanos. A identidade de interesse entre os dois Estados, a sua igualdade histórica, afora a homogeneidade geográfica e étnica, estabeleceram a igualdade de dialetação. Quase nenhuma diferença existe na linguagem das duas populações. Esse bloco geográfico abrange todo o Nordeste, e nele a dialetação devia ser igual, como é idêntica a sua história e a sua formação étnica. As condições especiais de clima, entretanto, e as diferenças no modo de vida, devem estabelecer divergências entre a linguagem do cearense, por exemplo, e a linguagem do alagoano. Entre o alagoano e o pernambucano é que não há diferenças notáveis. (MARROQUIM, 2008, p. 24)

Sempre tratando dos falares do Estado de Alagoas, Mário Marroquim faz referências pontuais a certos fatos linguísticos que constatara em duas localidades, Pão de Açúcar e Água Branca, fenômenos esses causados por interferência da educação formal. Vejamos o que ele diz:

> A escola, por vezes, cria focos esparsos de pronúncia particular. É que não havendo nas Escolas Normais cursos de fonética nem preocupação particular pela prosódia, certos professores impõem aos seus alunos maneiras de falar que correspondem a um ponto de vista privado sem apoio no uso e, muitas vezes, sem apoio nem mesmo na língua. E assim, dentro da generalidade prosódica, surgem núcleos que fogem à regra. Na cidade alagoana de Pão de Açúcar, à margem do rio São Francisco, há, bem generalizada, a pronúncia sibilada do /s/ e /z/ finais: *arroz*, *dois*, *Luís* e *quis*. O fenômeno, restrito à cidade, denuncia a escola onde o professor impôs a pronúncia estranha. Em Água Branca, também Alagoas, se acrescenta um /i/ ao /l/ e /r/ finais: *soli*, *doutori*, *sali*, *amori*, etc. (MARROQUIM, 2008, P. 36)

Mário Marroquim, nascido às margens do rio Jacuípe, no centro da zona da mata entre Pernambuco e Alagoas, construiu sua obra a partir de observações da realidade dialetal que, como ele próprio comenta, cantavam-se lhe ao ouvido. Todavia, o intervalo entre as observações de Marroquim, que se converteram no livro publicado em 1934, e as investigações por mim efetuadas em Alagoas, em 2014, é relevante: oito décadas lá se vão entre as duas empreitadas. O tempo transcorrido faz-se notar no exemplo mesmo trazido à baila por Marroquim: na localidade de Pão de Açúcar, não encontrei a mesma ―pronúncia sibilada‖ do /s/ e do /z/ em final de sílaba, ao menos não tão enfática como mencionada pelo autor. No ALEAL, os dois informantes dessa mesma localidade, um homem e uma mulher da faixa etária jovem – entre 30 e 50 anos – realizaram as seguintes variantes: arroiz [a'xojs]; voiz ['vçjs]; trêis ['tRejs]. Vê-se, portanto, a ditongação diante do /s/ e do /z/, mas os registros em áudio não me permitem afirmar que trata-se de uma ―pronúncia estranha‖ fixada na localidade por algum tipo de imposição, como classificou o autor no excerto supracitado. Além do mais, a ditongação diante das consoantes /s/ e /z/, nos exemplos aqui apontados, não se restringe a Pão de Açúcar, ela é corrente em toda a rede de pontos do ALEAL, como comprovam as cartas linguísticas.

Já o fenômeno citado por Marroquim em Água Branca – o acréscimo de um /i/ ao /r/ final, constatei-o junto a dois informantes, ambos do sexo masculino, em duas localidades. Um deles, da faixa etária jovem, em Piranhas (Ponto 4), em algumas palavras terminadas em /r/ (colher, calor, montar, mulher), registrou as variantes [ku'¥ERI]; [ka'loRI]; [mo)'taRI]; [mu'¥ERI]. Em Porto Calvo (Ponto 20) o informante da faixa etária 2, homem, respondeu [ka'loRi(s)]. Outras respostas fornecidas por este informante, e, também, durante o discurso livre, levam-me a afirmar que ele quiser dizer *calore*, registrando no plural essa lexia.

Não obstante quatro localidades de Alagoas já tivessem integrado a rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2014): Maceió (ponto 77), Arapiraca (76), Santana do

Ipanema (75) e União dos Palmares (74), a consecução de um atlas com abrangência de um Estado com cerca de 27 mil quilômetros quadrados amplia o campo de conhecimento acerca da realidade dialetal, não apenas dessa unidade da Federação, mas do português do Brasil.

Todos os atlas regionais brasileiros que vieram antes do ALEAL, publicados ou não, cada qual com metodologias e objetivos que lhes são peculiares, e cobrindo unidades completas da Federação, ou áreas dentro delas delimitadas, marcam o percurso da Dialetologia brasileira pelo pioneirismo, visionários que foram no sentido de terem aberto o caminho que culminou no projeto ALiB. O ALEAL, juntando-se aos seus precursores, confere um instrumento de análise a mais para o entendimento da dinâmica do Português Brasileiro.

No caso do ALEAL, considero, justamente, essa dinâmica da língua, otimizada pela dimensão continental do Brasil, pelas especificidades do Estado de Alagoas no que se refere à formação de núcleos de povoamento, incluindo-se aí o papel de diferentes etnias, ondas migratórias, vocação econômica local, aspectos socioculturais e o processo político-histórico.

4- DA ORIGEM DA LINGUAGEM E DAS LÍNGUAS

Poucos temas de interesse geral prendem mais a atenção do que a origem da linguagem e das línguas. Não faltam questões a esse respeito: data de quando a aquisição da linguagem pelo homem? Quando, onde e como surgiram as línguas? Quantas são na atualidade? Por que são elas tão diferentes entre si? Como, por que e em que espaço de tempo as línguas evoluem?

De relatos como o da Torre de Babel a pesquisas nas áreas da paleontologia e antropologia, entre outras, tudo se diz, nem tudo se confirma, e muito se cogita. Como consenso, no meio científico, tem-se certo que é difícil precisar, se não impossível, desde quando a espécie humana se comunica por meio da linguagem articulada, considerando que a espécie Homo remonta a algo em torno de 2,8 a 2,3 milhões de anos.

Quando o Homo Habilis, hominídeo que viveu entre 2,2 a 1,8 milhões de anos, tornou-se bípede e aprendeu a fabricar ferramentas e utensílios, teve a boca liberada da tarefa de segurar objetos. Ao passo que o polegar evoluía, o que lhe relevou a destreza das mãos, o aparelho fonador foi sendo ajustado, fisiológica e anatomicamente, de modo a tornar-se apto para o desenvolvimento da linguagem articulada. As habilidades que acompanharam esse processo evolutivo possibilitaram-no a expandir diversas técnicas, principalmente, a da caça. Supõe-se que a partir desse momento, esse homem viu-se compelido a transmitir as técnicas conquistadas: nasceria, por assim dizer, a linguagem articulada. Cumpre assinalar que a linguagem articulada, entendida, de modo bastante simplificado, como aquela que o homem realiza por meio de signos orais, ainda que seja considerada a maior importante, é apenas uma entre as manifestações da linguagem.

Gladstone Chaves de Melo (1946, 1971), que muito tratou do tema em suas obras, lembra bem que linguagem é palavra de duplo sentido, definida, de modo genérico, como a faculdade humana de se comunicar por meio de códigos e signos, e nesse caso, podendo ser toda e qualquer manifestação exterior ao homem. Mas o autor alerta para o cuidado que se deve ter na abordagem do conceito: quando se fala na origem da linguagem, comumente está se aludindo à origem remota das línguas. E aqui, o que nos interessa é a língua, essa, como um sistema de signos de natureza fonética, lexical, sintática, prosódica, comum a toda uma comunidade, a qual se vale desse complexo sistema para comunicar informações de qualquer gênero.

O surgimento da espécie Homo Sapiens, a qual pertencem os 7 bilhões de seres humanos no planeta, é datado de 120 mil anos aproximadamente. Dificilmente se saberá se ao se dispersar, sem dúvida, em diversas vagas, por volta de 100 mil anos atrás, partindo da região Leste do continente africano, rumo ao Norte do mesmo continente, seguindo depois ao continente europeu, mas também ao continente asiático, os grupos de Homo Sapiens falavam uma única língua ou diferentes línguas com uma única base comum[26]. Em se admitindo essas duas possibilidades, pode-se cogitar que a língua, ou as línguas faladas pelos grupos quando das migrações, forçosamente, foram se diferenciando no decurso do tempo. Como descartar no seio desses grupos a presença de uma língua, ou de diversas línguas faladas por homens que demonstraram, a partir de 35 mil anos atrás, notáveis aptidões artísticas, como as deixadas nas paredes das grotas Chauvet, Lascaux, Altamira, entre outras. Como conceber os autores de pinturas rupestres sem estarem dotados de uma linguagem que lhes fosse suficientemente eficaz para se comunicarem?

Não se pode excluir também a possibilidade de que a(s) língua(s) da espécie Homo Sapiens poderia(m) ter se sobreposto a línguas preexistentes e mesmo terem herdado delas certos traços. Essa hipótese se sustenta à medida que a ciência tem aceitado a coabitação entre a espécie Homo Sapiens e a espécie Neanderthal. Pesquisas que contemplam a era paleolítica comprovam a presença dessa espécie de Homo, estimando que tenha vivido entre 220 mil a 28 mil anos a.C, e dão conta de que tenha sido o primeiro a sepultar seus mortos, demonstrando, com isso, a primeira manifestação de religiosidade. Considerando que, cronologicamente, foi possível a coexistência dos Homo Sapiens e dos Homo

[26] Acerca da origem das línguas, ver estudo detalhado em Alinei (1996, 2000) e, também, em Hombert (2005).

Neanderthal, pode-se pensar em algum tipo de hibridismo[27] e/ou contatos linguísticos entre eles.

A ancianidade do Homo Sapiens, estimada em 120 mil anos, afasta qualquer proposição segura acerca da gênese das línguas. A reflexão que se pode fazer é que, num período cronológico tão longo, e, principalmente, acatando-se o fato de que a língua era transmitida exclusivamente pela tradição oral, a evolução fonética teria sido deveras relevante.

Tomemos as mudanças fonéticas de algumas palavras num espaço de tempo bem mais curto, equivalente a menos de 2 mil anos, já no âmbito da evolução do latim, em se comparando a situação do francês e do português:

AQUA > /ˈaɣwa/ (água), em português; /o/ *(eau*), em francês;
PEDUCULU > /piˈoʎu/ (piolho), em português; /pu/ (*pou*), em francês;
INSULA > /ˈiʎa/ (ilha), em português; /il/ (*île*), em francês; AUGUSTU
> /aɣˈostu/ (agosto) em português; /u/ (*août*), em francês;
CALIDU > /ˈkaldu/ (caldo) em português;/ʃo/ (*chaud*), em francês.

Vê-se, com os exemplos, o quão significativa foi a mudança fonética, sobretudo no francês, nas palavras citadas, e isso em vinte séculos, espaço de tempo relativamente breve em relação ao período de 120 mil anos. A evolução deu-se devido a fatores internos, incluindo a herança de hábitos articulatórios das línguas de substrato, e ainda, aos contatos com outras variedades linguísticas.

Dada a improbabilidade de se obter, no momento atual, uma resposta científica às questões abrangendo a gênese das línguas, pode-se lançar mão de pesquisas sobre eventuais parentescos entre elas, empreendendo uma análise de tipologias fonéticas, tais como, número e tipos de vogais ou de consoantes, estruturas de línguas tonais, estruturas prosódicas e sintáticas, etc.

Uma possibilidade mais consistente para se chegar a respostas satisfatórias no que concerne a origem das línguas é a análise da pesquisa etimológica e da motivação

[27] Pesquisas mais recentes mostram que as populações atuais do planeta conservam de 1,8 a 6% do patrimônio genético dos Neandertal: vide Svante Pääbo em *Neanderthal, à la recherche des génomes perdus; e Les liens qui libèrent,* edições de 2015; John Hawks: *Homo sapiens* est né d'un métissage. In: *La Recherche*, Hors Série, 2016, p. 64-69.

semântica, uma tentativa de desvelar o mecanismo que se afigura no ponto de partida da criação lexical. Nascentes (1955, p. 11-12) certifica que:

> Desde a mais alta Antiguidade o homem sempre foi tentado pelo que Grimm chamou de ―o demônio da etimologia‖. [...] Hoje, como ontem, cultos e ignorantes, todos procuram desvendar o mistério que existe nos vocábulos, principalmente, as que pela sua originalidade de forma, mais ferem a atenção; todos pretendem, por assim dizer, adivinhar o sentido que na sua origem tiveram. [...] A etimologia dá a cada palavra [...] uma energia espantosa, pois que a torna viva pintura da coisa que designa. Não é senão a ignorância em que estamos, da origem de uma palavra, que faz com que não percebamos relação alguma entre ela e o objeto e ela nos pareça, por consequência, fria, indiferente, exercendo só a nossa memória. Levando-nos à origem das palavras e colocando-nos no estado primitivo em que se achavam os criadores delas, a etimologia torna-se uma descrição viva das coisas designadas por estas palavras.

O aporte da etimologia é fundamental, uma vez que essa modalidade de pesquisa busca estabelecer parâmetros entre línguas conhecidas e escritas, como, por exemplo, o latim e o grego. No que concerne a línguas românicas: o português, o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, o catalão, o galego, o romanche, originárias fundamentalmente do latim, ainda que não única e exclusivamente dessa língua, os dicionários etimológicos se constituem em ferramenta para se remontar à forma latina. Tomemos a palavra *dona*, com datação, em português, do ano 960, e assim definida no Dicionário Eletrônico de Língua Portuguesa de Houaiss (2009):

> substantivo feminino **1**- *Rubrica*: história. título concedido às senhoras de famílias nobres (abrev.: *d.* ou *D.*) [Usado como tratamento honorífico, de que era precedido o nome próprio de mulheres pertencentes às famílias reais de Portugal e do Brasil, estendeu-se a todas as mulheres distinguidas por algum título de respeito, como as casadas, viúvas, religiosas.]
> **2**- *Derivação*: por extensão de sentido. *Regionalismo*: Brasil. mulher casada; esposa
> **3**- proprietária; senhora
> **4**- *Regionalismo*: Brasil. *Uso*: informal.
> qualquer mulher

Na aba da etimologia, Houaiss apresenta dona como advinda do latim *domìna,ae*, ―proprietária, mulher, senhora, esposa‖. No dicionário etimológico de latim de Dell Ernout et Meillet (2001, p. 182, 183), *domus* é a ―casa‖, é o ―estar em casa, dentro de casa‖, por oposição a *peregris*, à *foris* e *militiae*. Os autores observam que, tal qual no grego, *domus* designa a casa como símbolo da família. Esse sentido está imbuído nas palavras que dela derivam: *domu*> domo [de uma catedral, entendida como a casa do

episcopado]; *domesticus*> /doméstico/; *domicilium*> /domicílio; *dominus, domina* >dono, dona [da casa]; *dominicus*> do dono, do senhor, donde *dies dominicus*> dia do Senhor: o domingo.Sempre em Dell Ernout et Meillet (2001), *dominus* é o dono de toda e qualquer coisa, tendo ele controle sobre o que está sob seu *dominium*> domínio. Por extensão, o dono é aquele que exerce domínio, é o dominador [em relação ao sujeito subjugado]; em oposição a *servus*, o *dominum* é o ―*maître du pleuple, tyran, despote*‖ (DELL ERNOUT; MEILLET, 2001, p. 183).

A datação de *domna*> dona, em Dell Ernout et Meillet, é do século I a.C. A noção de *dono/dona* da casa, se apoia numa noção antagônica, a de *foris*, esse, no sentido de símbolo que se interpõe entre o que está dentro da casa e o que está fora desse espaço, e que é diferente da noção mesma de *porta* (do latim *porta,e*). Assim, *porta* designa a estrutura física que se serve à entrada e saída de um pavimento, recinto, propriedade, mas não tem o sentido de *foris*, esse, sim, o símbolo a delimitar o domínio, todo o entorno da sede do *domus*. Não por acaso, de *foris* tem-se forasteiro, datado em língua portuguesa em 1510, designando ―que ou o que é estranho à terra onde se encontra; que ou o que é de fora‖ (HOUAISS, 2009).

Penso que demonstrado está a produtividade da base latina *domus*, contudo, isso não responde a questão: qual a origem dessa palavra? Dell Ernout e Meillet (2001) documentam que *domus* parte de uma raiz indo-europeia, *dem*, que subsiste em formas isoladas em diversas línguas, como no armênio – *tun* –significando casa. Mas, o que se tem antes da raiz *dem*? A pesquisa etimológica emperra nesse ponto: não há mais dados escritos que possam responder a pergunta, no entanto, não invalida esse modelo de pesquisa para se remontar o mais longe possível no tempo e chegar à forma atestada na língua dita mãe, no caso das línguas românicas, o latim ou em outras línguas de substrato ou superestrato. Trago mais alguns casos que ilustram bem esse tipo de estudo:

 chaga < PLAGA; chuva< PLUVIA; chegar < PLICARE; chumbo< PLUMBU

Esses quatro exemplos mostram que do grupo inicial PL-, do latim, em determinadas regiões de Portugal, chegou à [ʧ], uma consoante semi-oclusiva palatal e, na língua portuguesa padrão, a [ʃ], uma consoante constritiva palatal.

Como se vê, a pesquisa etimológica possibilita que se constate a evolução fonética, do latim ao português, das palavras citadas. Ao se pretender ir mais longe cronologicamente, os dicionários etimológicos do latim permitem a comparação das raízes da palavra estudada com línguas mais antigas, como, por exemplo, o sânscrito. À parte esse suporte

metodológico, o estudo da etimologia pode auxiliar na interpretação da motivação esquecida. Pensemos no verbo latino PLICARE, de onde se originaram os verbos *plier* (em francês) e *piegare* (em italiano), ambos com o significado de dobrar. Do mesmo PLICARE derivou-se, em português, o verbo chegar, cujo significado, *ad aperturam libri*, nada teria em comum com a ideia de dobrar [como em *plier* e *piegare*]. Ocorre que, em francês, chegar significa *arriver*<AD-RIPARE, literalmente, chegar em uma ripa, ou uma riba, como se diz mais comumente. Ora, uma embarcação, quando se atraca a uma riba, dobra suas velas para que a tripulação suba as barrancas. Tem-se, claramente, mantida a motivação inicial concernente ao verbo latino PLICARE. Outro caso emblemático refere-se aos dias da semana nas línguas românicas, que, em latim, evocavam diferentes divindades do panteão romano:

- dia da lua – LUNAE DIES<*lundi*, em francês; *lunedí*, em italiano; *lunes*, em espanhol; *luni*, em romeno; *luns*, em galego; *dilluns*, em catalão;
- dia de marte – MARTIS DIES<*mardi*, em francês, *martedí*, em italiano; *martes*, em espanhol (terça-feira); *martes*, em galego; *dimarts*, em catalão; *marti*, em romeno;
- dia de mercúrio – MERCURII DIES<*mercredi*, em francês; *miércoles*, em espanhol; *mercoledí*, em italiano; *dimecres*, em catalão; *mércores*, em galego; *miercuri*, em romeno;
- dia de júpiter – JOVIS DIES<jeudi, em francês; *giovedi*, em italiano; *joi*, em romeno; *dijous*, em catalão; *juves*, em espanhol; *xoves*, em *catalão*;
- dia de vênus – VENUS DIES<*vendredi*, em francês; *venerdí*, em italiano; *viernes*, em espanhol; *venres*, em galego; *vineri*, em romeno; *divendris*, em catalão. ✓ o sábado é uma caso à parte, pois o *sabbatum* tem raízes no hebreu *sahabbat*, que significa repouso, em referência ao Deus criador de todas as coisas, que, após ter trabalhado toda a semana, descansou no sábado. A base hebraica se confirma em todas as línguas românicas, e mesmo as variações fonéticas não são dignas de nota. A pesquisa etimológica que procedi para apresentar o rol dos nomes da semana nas línguas românicas não basta para explicar a motivação dos nomes da semana em português. Diferentemente de suas coirmãs, na língua portuguesa, os dias não apresentam motivação semelhante, isto é, não remetem a divindades romanas: na designação segunda-feira (como nos demais dias, exceto sábado e domingo), a motivação reflete estruturas sócio-culturais[28]. A Igreja cristã, em Portugal,

[28] A propósito dos dias ―segunda-feira‖ e ―terça-feira‖, ver Manuel González González, no ALiR (1996, p. 31-50).

contrária à denominação pagã (como eram considerados os deuses do panteão romano) dos dias da semana, tentou por diversas vezes mudar-lhes os nomes, terminando por impor novas regras. Num primeiro momento, a partir do século II, os cristãos tomaram como base para a enumeração dos dias da semana, o *sabbatum* (sábado), emprestado do calendário judeu, o dia de repouso. Num segundo momento, quis-se manter independência em relação ao rito judeu, abandonando *sahabbat* como ponto de referência para indicar o dia seguinte como dia do Senhor, que se tornou o dia de descanso. E assim, a sucessão dos dias da semana será a seguinte: o *sabbatum* subsiste, sendo seguido por *dies dominica, secunda sabbati*, *tertia sabbati*, etc.

Essas formas persistiram até por volta do século III, quando passaram por novas mudanças. Dessa feita, tomou-se do latim o termo FERIA, que, em sua origem, designava o feriado, o dia em que não se trabalha, e que não podia coincidir com o domingo, visto que esse era o dia do Senhor. A partir desse momento, para os primeiros cristãos, a palavra FERIA evolui semanticamente em outra direção, no sentido de enumerar os dias da semana que se diferenciam do *dies dominica*, quer dizer, os dias úteis, aqueles em que se trabalha. Portanto, segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, etc., e mais, tarde, simplificados para segunda, terça, quarta, etc., terão sentido de dias trabalhados.

A pesquisa etimológica, nos exemplos que apresentei, mostrou-se essencial para se remontar à origem da motivação dos dias da semana nas línguas latinas, incluindo-se o português. Entretanto, em face de lacunas de diversas ordens, resta apenas o estudo motivacional para se compreender porque certa unidade do léxico é designada como tal. Dalbera (2006, p. 66) assim o ratifica:

> C‘est là sans doute qu‘intervient l‘analyse motivationnelle du lexique. Cela demande quelques éclaircissements. On rappellera tout d‘abord que Guiraud a établi que le sentiment d‘arbitrarité du signe linguistique n‘est que la conséquence de la convention d‘usage qui ne peut manquer de s‘établir au sein d‘une communauté. Un signe, lors de sa création, ne peut être que motivé. Mais il reste vrai que l‘usage de ce signe s‘opère non pas sous le contrôle permanent de cette motivation mais uniquement du fait de la convention qui s‘instaure dans la communauté. A partir du moment où l‘usage est conventionnel, le rôle de la motivation passe au second plan, celle-ci s‘éteint dans la conscience que les locuteurs ont du signe ; la preuve en est que même des locuteurs n‘ayant aucune idée de ce qui a pu motiver telle ou telle appellation utilisent dans leur discours le signe de la même manière (ni mieux ni plus mal) que ceux qui ont gardé conscience de cette motivation. On est en présence du cycle spécifique du signe linguistique : motivation - convention - arbitraire - (re)motivation (re)convention - de nouveau arbitraire etc. 31

É aí, sem dúvida, que intervém a análise motivacional do léxico. Isso requer alguns esclarecimentos. Lembremos que, antes de tudo, Guiraud estabeleceu que o sentimento de arbitrariedade do signo linguístico não passa de uma consequência da convenção de uso que não pode faltar no seio de uma comunidade. Um signo, quando de sua criação, só pode ser motivado. Mas é verdade que o uso desse signo não se opera sob o controle permanente da motivação, mas unicamente pelo fato da convenção instaurada na comunidade. A partir do momento em que o uso é convencional, o papel da convenção passa para segundo plano, ela se apaga na consciência que os locutores têm do signo. A prova disso é que mesmos os locutores que não têm nenhuma ideia do que pôde ter motivado essa ou aquela apelação, utilizam em seus discursos o signo da mesma maneira (nem melhor, nem pior) que aqueles que guardaram a consciência dessa motivação. Está-se em presença do ciclo específico do sigo linguístico: motivação – convenção – arbitrariedade – (re)motivação (re)convenção – novamente arbitrariedade, etc. (Tradução da autora)

Com efeito, revendo o exemplo da unidade lexical *dona* (apresentado neste tópico) a pesquisa motivacional é um caminho na tentativa de se reconstruir a forma inicial, ou a motivação inicial, em se comparando designações foneticamente próximas de variedades linguísticas pertencentes ao mesmo *philum*, por exemplo, o indo-europeu. Aliás, essa metodologia encontra-se na origem mesma da teoria que concebe a existência hipotética do indo-europeu. Jean-Philippe Dalbera (2006), no fragmento citado, explica bem o interesse dessa ―reconstrução‖ semântica que se encaminharia a evidências de certas motivações opacas, comparando as extensões semânticas de um lexema ou de lexemas próximos em variedades dialetais de um mesmo domínio linguístico.

Logo, fica claro que a pesquisa etimológica se apresenta como um instrumento incontornável por meio do qual pode-se chegar à motivação inicial da designação, e mesmo que infrutífera, servirá para se empreender estudos de reconstrução semântica da unidade lexical. Isso porque a pesquisa etimológica, em muitos casos, mostra-se ineficaz: são os exemplos em que os dicionários de língua classificam a palavra como tendo origem obscura ou controversa. Infere-se que no estudo de determinada variante, a partir de certo ponto não se pode mais avançar por absoluta falta de um *corpus* escrito (sobre o qual se sustenta a pesquisa etimológica).

Não faltam exemplos nas línguas e dialetos românicos: *arco da velha*, *mãe do corpo* (variante lexical para útero) no português do Brasil; *paniquesa* (literalmente *‗pain et fromage*‘: pão e queijo) no catalão, para designar a *doninha* [mamífero do gênero Mustela]; *cucaracha* em espanhol (*barata*), em português [inseto da famílias dos blatídeos]; *babbau* em italiano (espantalho), entre outros. Como explicar a origem dessas criações lexicais, que escapam às teorias de pesquisa etimológica e da reconstrução semântica?

A busca por respostas pode estar na análise da motivação que recobre essas e outras criações lexicais na origem, na realidade extralinguística que as caracteriza e, em particular, na relação com as estruturas sócio-culturais que se sucederam ao longo da

história e da pré-história do homem. Todavia, em se tomando essa linha de pesquisa, é forçoso partir do pressuposto de que toda criação lexical é motivada na origem, ainda que, historicamente, essa concepção não seja consensual entre os linguistas, como exposto nos tópicos que se seguem.

5. DA MOTIVAÇÃO NA CRIAÇÃO LEXICAL

Não é de hoje que se discute a natureza do signo linguístico. Em algum momento da vida em sociedade, refletindo sobre a linguagem, quem nunca se perguntou: como nascem as palavras? Será que os nomes das coisas visíveis, e mesmo das que não são visíveis, são motivados? Ou será que são assim porque sempre foram assim desde que o mundo é mundo? Shakespeare, na obra Romeu e Julieta, Ato II, Cena II, refletia sobre o caráter das palavras, como nessa frase dita pela personagem feminina: ―Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob outra designação teria igual perfume‖. Por meio da boca da desventurada Julieta, o escritor inglês parece dar mostras de que os nomes das coisas do mundo não passam de convenção social:

―Romeu, risca teu nome, que não é parte alguma de ti mesmo‖. Vê-se que para o célebre dramaturgo, não vai no antropônimo Romeu nenhuma característica do bravo jovem que sobe pelo balcão para cortejar a enamorada. Ele poderia se chamar Francisco, ou Carlo, ou Pedro, e isso em nada mudaria aquilo que ele é. Shakespeare reforça sua posição ao dizer que uma rosa poderia receber qualquer outro nome, e isso não alteraria em nada aquilo que lhe é peculiar, o perfume, as pétalas, os espinhos.

Evidentemente, Shakespeare não refletiu como um linguista, não havia intenção de sua parte em buscar uma eventual motivação das palavras. Sem saber, e mesmo sem querer saber, ele tomou a via sincrônica, ou seja, considerou o nome no estado atual, sem buscar a motivação de origem. Para ele, portanto, os nomes são arbitrários.

Mas, bem antes de Shakespeare fazer conhecer essa reflexão aos seus leitores, o tema, que apaixona filósofos, pesquisadores e leigos, já era debatido durante a Antiguidade Clássica. Em *Teeteto e Crátilo*, Platão, traduzido por Nunes (2001), ponderava sobre a justeza dos nomes das coisas, se seria mera convenção social, como pretendia Hermógenes, ou se haveria uma correlação entre o objeto nomeado e a natureza mesma daquilo que se nomeia, conforme advogava Crátilo. Para esse personagem, a vogal /i/, por exemplo, indicaria um referente de pequena dimensão, tanto no plano físico quanto no figurado. Sócrates, o mediador desse diálogo platônico, resgata em sua fala a figura de

um eventual legislador, algo como o criador das palavras, e que nem sempre prima pela justeza na visão das coisas, o que renderia aos nomes o caráter arbitrário. A reflexão de Sócrates leva a crer que ele estaria mais de acordo com o pensamento de Crátilo, ainda que admitisse que a condição da arbitrariedade não poderia ser totalmente desprezada. Sócrates, nesse diálogo, não chega a nenhuma conclusão quanto ao caráter da linguagem, conduto, a discussão não perdeu fôlego ao longo dos séculos.

A reflexão sobre a motivação na criação lexical aparece como uma das manifestações fundamentais para se compreender a origem das línguas e eventuais parentescos genéticos entre elas, a evolução linguística, a criatividade da linguagem e, num sentido mais amplo, a comunicação humana.

A Linguística do século XX foi pautada em reflexões acerca da natureza do signo linguístico propostas por Ferdinand de Saussure (2006, 27ª ed.) em seu *Cours de Linguisitque Générale*, para quem a relação entre o significante e o significado do signo é sempre arbitrária. Segundo o autor, nada na unidade lexical *casa*, por exemplo, seja na língua portuguesa, seja em francês, ‗*maison*', seja em sardo, ‗*domo*', cada uma dessas unidades compostas de estruturas fônicas diferentes, remete ao referente *casa*: não existe relação de causa – efeito entre um e outro.

A despeito de sua posição pela arbitrariedade, Saussure admite a existência de uma motivação relativa. Segundo a proposta do autor, o numeral vinte é arbitrário, mas o subsequente, *vinte e um*, seria motivado, pois pressupõe a presença de um signo anterior. O mesmo se daria com o substantivo *laranja*, arbitrário, mas, em *laranjeira*, por se reconhecer o substantivo precedente, admite-se que seja um signo relativamente motivado.

A proposição de Saussure pela arbitrariedade do signo linguístico foi interpelada por diversos linguistas, como Guiraud (1969, p. 36)[29], que se perguntava: ―Comment s'institue le pacte sémantique, l'accord collectif qui associe un nom à un sens et à des valeurs subsidiaires qui le colorent (?)‖. O problema configura-se bem mais complexo do que se pretende. De acordo com Guiraud (1969), há três noções em torno do signo, a arbitrariedade, a motivação e a convenção. O arbitrário opõe-se ao motivado, e, por conseguinte, ao convencional. Entretanto, o convencional não exclui o motivado. A essência do signo reside no fato de ele ser aceito por uma comunidade de fala: isso é o

[29] ―Como se institui o pacto semântico, o pacto coletivo que associa um nome a um senso e aos valores subsidiários que o colorem?‖. (Tradução da autora).

que se entende por convenção. Essa condição de convencionalidade é o fator que gera a desmotivação do signo, um caminho natural para a arbitrariedade. Esse processo presume que o signo seja motivado:—[...] tous les mots sont motivés au départ et beaucoup le restent plus ou moins longtemps. La motivation constitue donc un des caractères fondamentaux du signe linguistique‖[30] (Guiraud, 1969, p. 24-25). A motivação, para o autor, pode se caracterizar por quatro formas: a fonética, a metassêmica, a morfológica e a paronímica, sendo que as duas primeiras são externas ao signo, e as duas últimas, internas. A motivação é externa quando ela admite uma relação entre o objeto significado e a forma significante, e isso de dá fora do sistema linguístico. Nas onomatopeias, continua Guiraud (1969, p.24, 25), na maior parte das vezes a motivação fonética é direta e natural, e fundamenta-se na analogia entre a forma fônica e a do objeto nomeado. A onomatopeia é acústica quando reproduz o ruído *gluglu*, a voz do peru. Em outras situações, a onomatopeia é fonocinética, representando na fala o movimento nomeado: *toccare*> tocar; *pic*- + ar >picar. Há, também a onomatopeia classificada como fonometafórica, quando associa ruído ou movimento a formas, cores, sentimentos. A motivação metassêmica é própria em situações referentes a mudança de sentido, sendo frequente nas metáforas, importante na criação poética, mítica e simbólica.

Na motivação de ordem interna, o processo se dá dentro do sistema linguístico: a relação motivadora está numa palavra já existente e em outras que dela se formarem. A motivação morfológica, a mais geral e mais frequente, dá-se por derivação e composição: é assim em abacate > abacateiro. A motivação paronímica, menos regular e mais acidental, é caracterizada pela assimilação de duas formas idênticas (homônimas) ou próximas (parônimas). Em muitos casos, observa Guiraud (1969), a motivação externa se combina com a motivação interna, sendo que as onomatopeias podem se associar/dissociar a estruturas no âmbito do léxico, o mesmo podendo ocorrer com metáforas ou determinados empréstimos.

Guiraud (1969) conclui que todos os signos são etimologicamente motivados, sejam eles onomatopeias ou empréstimos, derivados ou compostos, ou, ainda, criações lexicais formadas por mudança de sentido. E, como a língua não cessa de evoluir no seio da comunidade de falantes, em dado momento é possível que a motivação original seja esquecida: quem nos dias atuais associaria um banal sanduíche com a figura do Lorde

[30] —[...] todas as palavras são motivadas no início, e muitas continuam mais ou menos durante muito tempo. A motivação constitui, portanto, uma das características fundamentais do signo linguístico‖. (Tradução da autora).

Sandwich; ou a unidade lexical cavanhaque com o general francês Louis Eugène Cavaignac; ou o vocábulo gás com a palavra grega *chaos*, ou a luneta com uma pequena lua?

O apagamento da motivação, como se vê nos exemplos citados, é tanto natural quanto necessário, e se assim não fosse, se todo o tempo os falantes se remetessem às associações na base da criação lexical, o signo teria um sentido restrito e não evocaria um conjunto de significações. Por isso, a opacificação da motivação do signo e sua posterior arbitrariedade são condições essenciais para o bom funcionamento da língua, e nesse processo, a motivação, reforça Guiraud, é uma força criadora inerente à linguagem como fenômeno social.

6- "A MOTIVAÇÃO É O UMBIGO DA PALAVRA"

Mario Alinei (1983, 1984, 1986, 1995, 1996a, 1996b) avançou mais nessa discussão, apresentando uma reflexão teórica e metodológica tanto inovadora quanto aprofundada. Como Guiraud, Alinei, em artigo publicado em 2002, não questiona a posição de Saussure pela arbitrariedade do signo, ao contrário, reconhece mesmo a justeza de sua análise, explicada por se situar sobre o plano sincrônico e funcional:

> Il grande merito di Saussure resta quello di aver dimostrato che il segno linguistico è arbitrario, con il suo famoso studio del segno dal punto di vista sincronico e funzionale. Questa conclusione resta a mio avviso irrefutabile, anche dal punto di vista della motivazione. Nessuno di noi ha bisogno di sapere quale è la motivazione delle parole che usiamo. Nelle due funzioni principali del segno linguistico, che sono la strutturazione conoscitiva del reale e la comunicazione, la motivazione si rivela tendenzialmente inutile. [...] Emerge allora l'aspetto paradossale della motivazione: essa nasce proprio perché il segno linguistico è nella arbitrario, e quindi ha bisogno di essere usato. Ecco perché, pur essendo irrefutabile che il segno linguistico è arbitrario, esso è anche necessariamente motivato. Il segno linguistico arbitrario viene motivato solo perché in questo modo esso diventa immediatamente noto, e non ha quindi più bisogno di passare attraverso altre procedure pubblicitaire. La motivazione non é quindi um aspecto del segno, ma è um semplice espediente com il quale il segno arbitrario può essere appreso immediatamente da tutti. [31] (ALINEI, 2002, p. 18-20)

Retomando o que diz esse autor, é justamente a arbitrariedade que leva o signo linguístico a ser conhecido, e para que isso aconteça ele passa por um processo semelhante ao publicitário, com vistas a ser difundido na comunidade de falantes. Uma vez assimilado pelo grupo, esse mesmo signo pode se encaminhar rumo a outra sequência, a da recriação lexical.

A notoriedade do signo passa pela utilização de lexemas já conhecidos para designar um novo referente. Alinei (2009, p. 64), assinala que a reciclagem no tocante à linguagem

[31] O grande mérito de Saussure incide no fato de ele ter demonstrado que o signo linguístico é arbitrário, em seu famoso estudo do signo do ponto de vista sincrônico e funcional. Para mim [Alinei], essa conclusão é irrefutável, também do ponto de vista da motivação. Nenhum de nós precisa saber qual é a motivação da palavra que usamos. Nas duas funções do signo linguístico, que são a estrutura cognitiva do real e da comunicação, a motivação se revela basicamente inútil. [...] Em seguida, emerge o aspecto paradoxal da motivação: nasce precisamente porque o signo linguístico é arbitrário, e então ele precisa ser usado. É por isso que, apesar de ser irrefutável que o signo linguístico é arbitrário, é também necessariamente motivado. O signo linguístico arbitrário só é motivada porque, desta forma, torna-se imediatamente conhecido e, portanto, não precisa mais passar por outros procedimentos publicitários. A motivação não é tão somente um aspecto do signo, mas um expediente simples com o qual o signo arbitrário pode ser aprendido imediatamente por todos. (Tradução da autora)

tem um papel fundamental no processo evolutivo humano, cuja importância já havia sido apontada por Darwin. Alinei considera, então, que a motivação (ou i*conimia*)[35] constituiria um terceiro componente do signo linguístico ao qual se junta aos dois outros componentes saussurianos: o significante e o significado. Vejamos a argumentação do autor:

> La motivazione non è casuale ma è una componente obbligatoria *per generare* la parola: essa cio é non serve più dopo che la parola è entrata in circolazione....Ha quindi una funzione *genetica* e non *funzionale* e, come tale, è anche *transitoria*. La motivazone non è un aspetto permanente della natura del segno, ma una sorta di *cordone ombilicale*, cio è uno strumento rappresentativo e communicativo transitorio mediante il quale il segno arbitrario neonato puo essere adottato e appreso da tutti. E pur essendo destinato a scomparire, esso tuttavia lascia le sue tracce visibili nella parola cui ha dato vita, proprio come il cordone ombilicale reciso lascia un segno nel corpo umano: *la motivazione è l''ombelico della parola*. [...] (ALINEI, 2009, p. 60; 64) [36].

Alinei (1995, 1996) atenta para o fato de que a criação dos nomes passa por um processo de reciclagem. Esse fenômeno de re-utilização das palavras ou de expressões é mais frequente quando os nomes de referentes são retirados de campos semânticos sócio-culturais prestigiados, respeitados e reconhecidos pela comunidade de falantes. Nos dias atuais, alguns valores do mundo capitalista admirados em certos setores da sociedade, por exemplo, no mundo dos esportes, no automobilismo, nos esportes náuticos, etc., estendem a linguagem empregada nesses meios a outros campos semânticos.

Vejamos alguns exemplos extraídos dos léxicos dessas áreas:

- ✓ <u>futebol</u> – levar um cartão vermelho (ser posto para fora); ficar para escanteio (ser preterido); dar uma bola fora (cometer uma gafe);

35 Emprego a palavra no original, em italiano, por ausência de outra palavra na língua portuguesa que lhe seja conveniente.

36 A motivação não é casual, mas sim, é um componente obrigatório para *gerar* uma palavra: isso quer dizer que ela [a motivação] nãos serve mais a partir do momento e que ela entra em circulação. Ela a, portanto, uma função *genética*, e não *funcional*, não deixando de ser, também, *transitória*. [...] A motivação não é, pois, um aspecto permanente da natureza do signo, mas uma espécie de cordão umbilical, isto é, um instrumento representativo e comunicativo transitório graças ao qual o signo arbitrário recém-nascido pode ser adaptado e assimilado por todo mundo. E mesmo se estiver destinado a desaparecer, ele deixa, contudo, seus traços visíveis na palavra à qual ele deu a vida como um cordão umbilical, cortado, e que deixa um sinal no corpo humano: a motivação é o umbigo da palavra. (Tradução da autora)

> dar bola a alguém (dar confiança); dar tratos à bola (concentrar-se na resolução de um impasse) abaixar a bola a alguém (destruir ou minimizar o orgulho ou a vaidade de alguém); estar com a bola toda (estar com sorte, no comando); bola murcha (pessoa ou coisa sem valor)
> - na língua italiana tem-se: *fare un auto-goal* (jogar ou agir contra seu próprio campo, contra os interesses)
> ✓ <u>automobilismo</u> – fazer marcha a ré (voltar atrás a uma decisão);
> - em francês, *franchir la ligne jaune* (cometer uma infração); *démarrer au quart de tour* (começar uma ação velozmente) ✓ <u>navegação a vela</u>: ir de vento em popa (ter sucesso); fazer-se à vela (começar a navegar, iniciar a viagem)
> - français: *être à la barre* (estar à frente de uma empresa, dirigir um país); *naviguer à vue* (fazer algo sem ter projetado anteriormente)

No ponto atual das pesquisas relativas à motivação, sabe-se que a criação lexical passa continuamente por uma re-utilização das palavras já existentes, como se vê nas expressões fraseológicas transcritas acima, reconhecidamente, evidências de que os falantes fazem uso de elementos linguísticos utilizados em domínios prestigiados. Como diz Dalbera (2006) : ‖*on fait du neuf avec du vieux*‖:

> [32]‖La création lexicale n'opère pas *ex nihilo*. Elle présuppose l'existence de matériaux linguistique préalables. Cela peu paraître paradoxal puisqu'il s'agit de création: pourtant il est clair que dans une langue naturelle, tout nouveau signe s'élabore sur la base de signes préexistants [...]‖ (DALBERA, 2006, p. 20-21)

Uma vez criada uma palavra, ela passa por um processo publicitário a fim de que a comunidade dos falantes possa dela se apropriar e reconhecer. A partir desse estado,

[32] ‖A criação lexical não opera por *ex nihilo*. Ela pressupõe a existência de materiais linguísticos precedentes. Isso parece paradoxal, pois trata-se de criação: entretanto, é claro que em uma língua natural, todo novo signo se elabora sobre uma base de signos pré-existentes‖. (Tradução da autora)

quando a palavra entra em circulação, ela segue uma evolução normal, sobretudo no tocante à ordem fonética. Quando já assimilada pelos falantes, a motivação pode tornarse opaca. Nesse momento preciso, numa interpretação puramente sincrônica, a palavra será considerada arbitrária. Nessa dinâmica, o nome pode ser mais uma vez motivado, e ciclo continua.

Retornando ao signo linguístico (que a todo o momento se reveste de novos sentidos), nenhum setor social é mais determinante na criação lexical do que a religião. Das mais antigas práticas religiosas da era pré-histórica – o totemismo – passando pelas religiões animistas, práticas mágico-religiosas pagãs e religiões monoteístas (judaica, cristã, muçulmana), a relação do homem com o divino/transcendental se traduz em notáveis manifestações na criação lexical.

7- DO NOMEADOR MÍTICO PRIMORDIAL

É pouco provável que não tenha existido dentre todas as sociedades humanas, ocidentais e orientais, uma que não faça referência à figura de um nomeador primordial.

Na tradição judaico-cristã, Adão (_homem‘, na língua hebraica) recebeu a missão do próprio Deus, que o incumbiu de nomear as coisas que haviam sido criadas no mundo. Os escritos bíblicos não mencionam os critérios que Adão adotou nessa tarefa, todavia, pode-se cogitar que ele teria dado os nomes depois de ter observado atentamente seu entorno.

Umberto Eco, na obra ―*A busca pela língua perfeita na cultura europeia*‖ (2001), pretende que Adão teria nomeado os animais e coisas a partir do conhecimento do mundo que estava à sua volta, depois de tê-los observado longamente, de ter comparado suas propriedades morfológicas com outros da mesma espécie, de tê-los visto em situação de interação com outros animas e com o meio natural. Para esse autor, Adão não nomeou indivíduos, e sim, os contextos em que esses se encontravam. Observando os animais, deu-lhe nomes depois de ouvi-los, reproduzindo os sons que emitiam (por exemplo, uns mais sibilantes, outros mais glotais), traduzindo em linguagem suas aparências e comportamento.

Eco (2001) discute também a questão da diversidade de variantes linguísticas, se existiriam mais nomes ou mais coisas, e quantos nomes seriam necessários se tivéssemos que dar vários nomes a cada indivíduo ou coisa.

Em sua tese de doutorado, Kutangidiku (1995) cita a crença dos Bantos, que concebem a existência de uma estreita relação, indissociável e indissolúvel, entre o nomeador, o nome dado e referente nomeado. Na cultura dos Dogons, na África, Calame-Griaule (1965) pôde constatar a mesma crença: as denominações atribuídas aos animais e plantas refletem sempre as relações estabelecidas entre os referentes nominados e o contexto. A ligação entre o nome e o objeto nomeado é tão estreita, que o conhecimento do nome por aquele que o nomeou coloca o nomeado em situação de vulnerabilidade, com o nomeador exercendo sobre ele total controle. O nome não seria uma simples etiqueta, um signo linguístico arbitrário, ao contrário disso, seria motivado, constituído de sentido, haveria nele uma significação secreta que permite ao nomeador agir e influenciar aquele que é nomeado.

Resta saber como o nomeador mítico primordial, depois de longa observação, como já dito por Eco (2001), procedeu para nomear coisas e seres, quais teriam sido os parâmetros

tidos em conta, já que antes nada no mundo tinha nome. Cientificamente, essa questão nunca poderá ser respondida, visto que a figura do nomeador primordial não passa de um mito. O ponto zero da nomeação, se posso chamá-lo assim, começa com a figura desse Adão mítico que recebera da divindade o dom da linguagem e a função de nomear.

Com base no pensamento científico, na nomeação do mundo e de todas as coisas que nele há, podemos cogitar que os homens, observando a natureza e seus sons, constituíram os primeiros elementos linguísticos sobre uma base fonética com uma imitação de impressões acústicas – as onomatopeias, e, também, fonossimbólicas[33], realizações fônicas podendo veicular, por si mesmas, uma informação semântica. Nos dois casos – seja onomatopeias ou fonossimbolismos – trata-se de motivações primárias, que se constituem nas primeiras manifestações da motivação (CONTINI, 2009).

Pode-se especular que, dessa maneira, formou-se, provavelmente, um conjunto lexical primitivo e rudimentar. Essa base elementar foi, pouco a pouco, se enriquecendo e se transformando conforme as necessidades, por extensões semânticas de lexemas originais.

8- DA RELIGIOSIDADE NA CRIAÇÃO LEXICAL

[33] Esses conceitos estão discutidos em tópicos neste mesmo capítulo.

Em inúmeros trabalhos para o *Atlas Linguarum Europae* (ALE) e o *Atlas Linguistique Roman* (ALiR), Alinei (1983, 1984, 1986, 1995, 1996a, 1996b), inspirado por trabalhos precedentes, notadamente os de Riegler (1937a, 1937b), que tratou da zoonomia e do zoomorfismo populares, relevou a importância do estudo motivacional no sentido de se traçar o percurso das designações ao longo do tempo, desde sua criação até sua opacidade.

Somente no espaço europeu, onde coexistem cerca de 80 línguas e múltiplas variedades dialetais, a análise motivacional se configura como a maneira mais segura para se remontar à motivação no momento zero da criação lexical. Na busca por respostas, estudos dessa natureza se sustentam em manifestações culturais folcóricas , em ciências, como a etnologia, a arqueologia, a antropologia cultural, a historiografia das religiões. Essa última tem papel fundamental na pesquisa onomasiológica e, sobretudo, na motivacional, especialmente no estudo de nomes de animais e insetos que aludem diretamente à religião, como o *louva-a-deus* ou *cavalinho-de-deus* (insetos mantídeos), ou o *cavalinho-do-diabo* (a libélula – inseto da ordem dos Odonatos), o *diabo-marinho* (o peixe-pescador – *Lophius gastrophysus*) e mais uma infinidade de exemplos.

Nos domínios da religiosidade – do sagrado e do pagão – nomes de santos, crenças e superstições são largamente empregados em designações de plantas: *erva-desanta-maria*, *árvore-de-santa-luzia*, *árvore-de-santa-bárbara*, *erva-de-santana*, *ervade-santa-catarina*, *erva-de-santiago*, *erva-de-santo-estevão*, *erva-de-são-joão*, e*rva-desão-lourenço*, *lágrima-de-nossa-senhora*, *lágrima-de-cristo*, *olho-de-santa-luzia*, *vassoura-das-feiticeiras*, *vassoura-de-bruxa* (HOUAISS, 2009). Também são correntes as referências religiosas e pagãs aos fenômenos naturais: *arco-da-aliança*, *arco-de-noé*, *cinturão-de-vênus*.

Fora da análise motivacional, como explicar que designações para animais, insetos, plantas e ervas façam referências diretas a nomes de santidades, de entes e fenômenos fantásticos?

Em seus artigos publicados nas edições do ALE e ALiR, Alinei faz, frequentemente, menção aos trabalhos de Rolland (1877-1911, 13 vol.), que trata das designações alusivas a entidades religiosas no espaço românico, e também de Garbini, (1919-1925, 2 vol.), este, voltado mais para a área galo-italiana.

A reflexão de Alinei é fortemente inspirada pelos trabalhos de Vladimir Propp (1895-1970) sobre a origem pré-histórica dos contos de fadas e das mitologias correntes em culturas de povos de todo o mundo. A grande contribuição de Propp, em sua obra ―*As raízes históricas do conto maravilhoso*‖, publicada em 1946 (utilizo aqui a edição de

2002), em pesquisa desse gênero, foi associar o formato dos contos à realidade histórica que os precede. As razões que conduzem as ações dos personagens dos contos, bem como as características dos próprios personagens, revelam estruturas sociais primitivas, organizações sociais ancestrais já desaparecidas. Propp (2002) concebe os contos, pelo fluxo narrativo que contêm, como fósseis petrificados no tempo, embaciados ao longo da história. Entendendo-se que os motivos que recobrem a ação dos personagens dos contos estão recobertos por várias camadas do tempo, faz-se necessário procurar suas fontes, e isso se torna possível ao compará-los a rituais, a manifestações da cultura popular e aos mitos.

Em outra abordagem sobre o tema, Propp, na obra ―Morfologia do conto‖ (1983, 2 ed.), propõe um método morfológico com vistas a se reconstruir a fisiologia do conto. O passo a passo dos personagens nos contos, Propp denomina-os funções, e enumera 31 delas. A função, no interior do conto, corresponde às etapas pelas quais os personagens passam no desenrolar da ação. Segundo o autor russo, os contos maravilhosos têm como uma particularidade comum a todos: as partes constituintes de um conto podem ser transportadas a outro sem que se note a alteração. A personagem Baba-Iagá, conhecida no folclore eslavo como uma velha detentora de poderes mágicos, é um exemplo disso, aparecendo em várias narrativas e dentro dos mais diferentes enredos, mas sempre dotada das mesmas peculiaridades.

Com base em proposições teóricas de diferentes correntes do pensamento científico, Alinei (1983, 1984) procede a uma classificação cronológica da motivação, entendendo que as diferentes designações de um mesmo referente mantêm entre si uma relação sincrônica, e, ao mesmo tempo, uma relação diacrônica. A motivação, nesse aspecto, é um elo entre a cultura e a linguagem, e o signo linguístico é um atestado dessa relação. O autor, em análise sobre o *arco-íris* para o ALE (ALINEI, 1983), demonstrou haver três tipos de representações mágico-religiosas concernentes a esse fenômeno: a das religiões monoteístas (por exemplo, *cintura da Virgem*, *arco de Deus*, *arco de Alá*); a das pré-monoteístas (religiões cristã e muçulmana), remontando à idade dos metais, com representações de divindades antropomórficas dos panteões pagãos, e bem atrás no tempo – o das representações zoomórficas dos fenômenos naturais – essas, provavelmente, com base numa manifestação ainda mais tardia: a do totemismo.

Alinei, (1983, 1984), em sua análise, considera que no seio das línguas ainda repousa centelhas do pensamento totêmico, testemunhas da estreita relação entre homem e animal, este último com estatuto de objeto de um culto particular, concebido como um ancestral,

o totem da tribo ou do clã, por isso, a necessidade de protegê-lo. O totemismo, conforme Alinei, seria a mais remota manifestação religiosa, e que pode ser atestada desde o paleolítico nas sociedades de caçadores-coletores. Acerca do assunto, nunca é demais destacar que Alinei aponta que o primeiro especialista a ter interpretado os zoônimos de parentesco como manifestações do totemismo foi Riegler (1937b, 1981).

Na pesquisa sobre a motivação na criação lexical, Alinei (1983) propõe uma metodologia ―à *la* Propp‖, por assim dizer. Entenda-se por isso uma espécie de cronologia das motivações, procedimento que remete a uma escavação arqueológica. Se tomarmos o exemplo das ideologias religiosas, as motivações ligadas às expressividades mais recentes, como o cristianismo, ocupam as camadas mais altas da ―escavação‖. Abrindo campo em direção às camadas mais profundas aparecem as referências às religiões pagãs pré-cristãs, antropomórficas, que correspondem à idade dos metais. Em seguida, desvelam-se as criações lexicais mais antigas com uma visão zoomórfica dos elementos naturais que correspondem à fase de transição entre o totemismo dos caçadores-coletores e a religião dos primeiros agricultores-pastores do Neolítico. A camada abaixo desta é a do totemismo. O estabelecimento de uma cronologia das motivações, em suma, preconiza uma análise diacrônica do léxico.

Tomando como exemplo as variantes lexicais para arco-íris registradas pelos informantes do ALEAL: *arco-íris*, *arco-celeste*, *arco da velha*, *olho de boi* – penso ser possível demonstrar que somente a partir da análise motivacional se pode apreender a motivação que repousa na origem dessas designações (ALINEI, 1983, CONTINI,
2016). O ―passo a passo‖ metodológico – permito-me denominá-lo assim – proposto por Alinei (1996b, capítulo XIX), e denominado por ele, em italiano, de *stratigraphie chronologique*[34], começa pela análise das designações que poderiam ser as mais antigas, ou seja, a origem repousaria na camada mais profunda, remontando ao período paleolítico.

- ✓ **arco da velha**

[34] Numa tradução livre, *estratigrafia cronológica*, donde o termo *estratigrafia*, emprestado da geologia, corresponde ao estudo da sucessão de camadas ou estratos que aparecem num corte geológico (HOUAISS, 2009).

Muito antes de os homens se tornarem sedentários, quando ainda eram caçadores-coletores, o período paleolítico, também conhecido como idade da pedra lascada, o mais antigo da pré-história da humanidade, conheceu uma entidade primordial, uma figura feminina, a representação da fecundidade, genitora dos homens, protetora dos animais e conhecedora dos mistérios da natureza, sendo dotada de poderes para dominá-la. A reminiscência dessa divindade sobrevive em personagens fantásticos presentes nas culturas de numerosos povos em todos os cantos do planeta, por exemplo, a Baba Yaga dos países eslavos, a Pacha Mama, deidade do mundo quéchua, e a Velha (*vetula*>velha) do mundo romano. Propp (2002), ao se referir à Baba Yaga dos contos de fada eslavos, a define como o ancestral totêmico por filiação uterina. Entretanto, a menção ao útero, na concepção do autor, não quer dizer que Baba Yaga seja a mãe dos seres humanos, mas sim, mãe e patrona dos bichos da floresta.

Velha e sozinha [desvinculada de homem] essa entidade fantástica remonta a um estágio da pré-história em que a fecundidade era totalmente dissociada da participação masculina. Não por acaso, os órgãos de reprodução das Vênus[35] do Paleolítico Superior – seios, ventre, vulva e nádegas – (como na figura desta página), são hipertrofiados para se evidenciar os atributos da fertilidade, sem ter nenhuma relação com a função conjugal (ALINEI, 1996b).

A ―Velha‖, de acordo com Alinei, não deve ser entendida como uma mulher avançada em anos, mas, antes, em idade de procriar. Talvez, essa designação tenha sido cunhada justamente para diferenciá-la daquelas que ainda não estavam prontas para a maternidade. Ainda em Alinei (1996b), é possível que a corpulência das Vênus paleolíticas remetesse a um culto relativo à boa caça, à abundância das coletas ou, também, a uma fonte protetora dos perigos aos quais os homens estavam sujeitos.

De acordo com Alinei (1996b), os aborígenes da Austrália também conhecem a figura de uma deidade feminina, mas, em contrapartida, nessa cultura, chamam-na ―Mãe‖, têm nela a mãe de todos os homens. A representação da ―Velha‖ do espaço românico e europeu, então, seria anterior a da ―Mãe‖, ou seja, seria a ―Grande Mãe‖, ou a ―Avó‖ do paleolítico, nas palavras de Alinei.

[35] **Figura 8**: Vênus de Willendorf, estatueta encontrada na Áustria em 1908. Fonte: https://pt.wikipedia.org.

No ALE e no ALiR, inúmeras designações lexicais para insetos e animais fazem referência à ―Velha‖:

- no galego – *vella, velliña* (velha, velhinha); *vella morta* (velha morta); *vella facendo o caldo* (a velha que faz o caldo): variantes para o pirilampo;
- no dialeto da região da Emilia Romagna – *vecchia* (barata); no veronês, *vecchia* (lagarta); no calabrês, *vecchia* (aranha); no toscano, *nonna* (para pássaros, borboleta)
- no normando – *grand-mère* (avó), para a aranha;
- no português europeu – *avoinha*, para o inseto joaninha;
- no grego – *mamitsa* **(**avó), para o gafanhoto
- no albanês – *vitare* (avó), para uma espécie de cobra;
- no ucraniano – *babka*, ou *babka lipka*, ou *lipka babka* (avó), para a borboleta.

A entidade ―Mãe‖, representação feminina mais tardia, também designa numerosas variantes lexicais nos domínios das línguas europeias, como pode ser constatado em estudos publicados pelo ALE e ALiR:

- ✓ no siciliano – *mamma ka tessi* (mãe que tece), *mamma tessi* (mãe tece), variantes para a borboleta ;
- ✓ no sardo – *mamma „raida* (mãe grávida), para o gafanhoto verde; *mamma „e sonnu (mãe do sono)*, para a crisálida*; mamma „e frittu (mãe do frio), para o louva-a-deus; mamma „e terra* (mãe da terra), para a minhoca;
- ✓ no toscano – *mamma pelosa* (mãe peluda), para a lagarta; ✓ no bielorrusso – *matrunca* (mãezinha), para a joaninha.

Na língua portuguesa não faltam designações comportando ―Mãe‖. Entre algumas populações indígenas do Brasil, subsiste a crença na ―mãe-d‘água‖, mito ofídico das águas (fluviais), elemento cosmogônico das populações indígenas brasileiras (CASCUDO, 1976; HOUAISS, 2009). À parte o mito, inúmeras variantes (sobretudo, no Brasil) são compostas a partir da representação feminina ―Mãe‖:

- ✓ mãe-boa – para o condurango, uma trepadeira (*Vitis sucicaulis*)
- ✓ mãe-d‘água – para a água-viva
- ✓ mãe-da-lua – urutau (pássaro do gênero *Nyctibius* – regionalismo da Bahia (HOUAISS, 2009)
- ✓ mãe-da-taoca – ave da família dos Tamnofilídeos – regionalismo da Amazônia (HOUAISS, 2009)

- ✓ mãe-da-tora – ave (*Pyriglena leuconota*) – regionalismo da Amazônia (HOUAISS, 2009)
- ✓ mãe-de-anhã – peixe encontrado em rios brasileiros – (*Kronichthys* subteres) regionalismo do Brasil (HOUAISS, 2009) ✓ mãe-de-família – planta (*Bellis perennis*)
- ✓ mãe-de-porco – pássaro (*Neomorphus geoffroyi*)
- ✓ mãe-de-saúva – cobra-cega – regionalismo do Brasil (HOUAISS, 2009)
- ✓ mãe-de-tucano – pássaro (*Querula purpurata*) – regionalismo da Amazônia (HOUAISS, 2009)
- ✓ mãe-do-sol – besouro (*Euchroma gigantea*) – regionalismo da Amazônia (HOUAISS, 2009)
- ✓ mãe-do-camarão – crustáceo marinho – regionalismo do Brasil (HOUAISS, 2009)

A representação da ―Velha‖ concerne também a da velha feiticeira, personagem recorrente dos contos de fada, na maior parte das vezes vista negativamente (PROPP, 2002; ALINEI, 1983, 1984). Seu nome está associado a diversos fenômenos naturais, como o sol, a lua, chuva e sol (ao mesmo tempo), o redemoinho e, naturalmente, o arcoíris. No ALEAL, um dos informantes do sexo masculino, faixa etária I, referindo-se ao arco da velha, relatou a crença no poder dessa entidade, capaz de transformar o sexo da pessoa que passar por baixo da faixa de luz:

> Ponto 21. INF. (Homem, faixa etária 1).- ―Arco da velha [ˌahkUdå'vɛ¥å]. Aqui tem esse ditado, quem passar por baixo vira mulher, é, (risos). Passo não, e mulher que passar por baixo vira homem.‖ (ALEAL)

Informantes de atlas linguísticos residindo na zona rural são ainda mais enfáticos quanto à credulidade no fenômeno arco da velha. Aguilera (1994), no Atlas Linguístico do Paraná – ALPR –, cujos informantes são do campo, apresenta relatos de informantes que confirmam o temor de se passar embaixo do arco-íris:

> 8. INF. A.- ―é, diz que tem *pirigo passá*, que ele puxa, *né*, e joga do outro lado, e diz *si fô home* vira *mulhé*.‖
> 14. INF. B.- ―um *homi passá dibaxo* vira *muié*‖
> 40. INF. A.- ―eles *fala* que sempre mulher *grávi*(da) não podia *passá* por *baxo* daquele lá por *caus*(a) que era perigoso *transformá* o nenê, por quantia que é forte, [o arco-íris] transforma o nenê sofrendo das vista, ou aliás, sofrendo do *cerbo* [cérebro], ou *quarqué* coisa aí.‖
> 44. INF.- ―ali os antigo já dizia que se *s''importá*, aquela coisa engole a pessoa, engole e *sorta* do *otro* lado.‖

> 65. INF.- —no meu tempo [o] pai dizia que aonde que era, a criança tomando água... era *pirigoso* que :: ela chupava a gente, *né*, porque se [es]tivesse perto, *né*... ela tem uma grande pressão assim que chupava, *né* (...) perto é *pirigoso* (...)‖ (AGUILERA, 1994)

Essa faculdade extraordinária atribuída à entidade que cria e domina o arco-íris, Alinei (1983) atestou-a nas línguas românicas, onde subsistem crenças num fenômeno, ou num ser poderoso que bebe água ao longo da faixa de luz, numa ponta ou noutra. Aguilera (1994) confirma que a crença não se restringe ao espaço românico europeu: no ALPR, as narrativas dos informantes são semelhantes:

> 19. INF. B.- —a mãe, as irmã *ponhava* medo em *nóis*: aí não, o *arco-da-véia tá bebeno* água, vão lá *quei* [=que ele] chupa [v]*oceis*.‖
> 23. INF. B.- —muitos fala que ele ta *chupano* a água, *otos* fala que é *pa dismanchá* tempestade, *quele* [=que ele] diz.‖
> 42. INF. A.- —diz que ele leva água, *né*, chupa água assim do rio, né, *pa* depois *chovê* (...) [se passar debaixo] e, diz que ele leva a gente, *né*... chupa a gente.‖ (AGUILERA, 1994)

Outro resquício da religião no paleolítico, presente nos dialetos de povos os mais diversos diz respeito à relação homem – animal, em especial, com insetos, esses, particularmente importantes na alimentação do homem desse período, um caçadorcoletor. Por temor da privação do alimento, o homem respeita o animal, um ser que pode ser integrado do seio do grupo ou do clã como um parente (CONTINI, 2007):

> [...] l'on peut même accueillir dans la maison comme une sorte de divinité protectrice (à une date récente, en Albanie, on gardait dans les maisons une couleuvre que l'on appelait justement *vitare* _la vieille'). Un animal aussi peut être considéré comme l'ancêtre totémique de la famille ou du clan dont il deviendra l'emblème : il ne sera ni chassé, ni mangé ou alors l'action sera suivie d'une cérémonie d'espiation (par exemple, un repas collectif) au cours de laquelle on s'excusera avec lui pour le sort qui lui est fait. En coutre on le le nommera pas par son vrai nom – il sera connu par les seuls initié – mais par des noms de remplacement et ceux de parents en particulier. (CONTINI, 2007, p. 65) [36]

Muitos animais selvagens têm também seus nomes trocados pelos falantes, temerosos de sofrer as consequências de suas aparições. Em algumas localidades de países na Europa, evita-se nomear o lobo: é o caso, na França, em que se diz que —*si l''on parle du loup il*

[36] Pode-se mesmo acolhê-lo [o animal] dentro de casa como se fosse uma divindade protetora (até recentemente, na Albânia, tinha-se dentro das casas uma cobra chamada de *vitare*, a _velha'. Um animal também pode ser considerado como o ancestral totêmico da família ou do clã, tornando-se um emblema para esses: ele não será nem caçado e nem comido, ou, então, esse ato será seguido de uma cerimônia de

sort du bois‖ (em se falando do lobo ele sai do mato). Relembro, no entanto, que certos animais tabuizados nem sempre oferecem perigo ao homem: nesses casos, pode se tratar de um animal-totem de um clã ou de uma tribo (tema já tratado em tópicos neste mesmo volume)

Em outras situações, animais ganham nomes próprios: na Sardenha, em lugar de dizer o nome da raposa, diz-se *compare Giommaria*, traduzido por compadre JoãoMaria. Aqui, compadre representa um zoônimo de parentesco, característica do totemismo, como defende Alinei (1996, p. 702):

> [...] è collegabile a quel processo magico-religioso che proprio nelle fiabe, come vendremo fra poco, transforma la ―larva‖ dell'insetto in un essere umano. Strutturale ai nomi propi del baco, insomma, è solo il fatto che tutti gli animali, compresi gli insetti (parte fondamentale dell'alimentazione delle popolazioni etnografiche) hanno potuto assumere nomi propri cristiani, per la semplice ragione che erano ―sacri‖ molto prima del cristianesimo, mome ho già spiegato. La personificazione dell'animale, insomma, è il rovescio della più antica animalizzazione della persona, che ebbe luogo nell'ambito di rapporti totemici, quando l'uomo vedeva se stesso come ―discendente dell'animale‖, ne imitava il suono, i movimenti e ne emulava le ―gesta‖.

No excerto, Alinei sustenta que na pré-história, em face do desconhecimento, da impotência diante das forças naturais, a personificação do animal em parente garantia a segurança de todo o grupo: o animal era o homem, transformado assim por meio do processo mágico-religioso. Desde os primórdios, portanto, os dialetos conservam designações que, à primeira vista parece não fazer sentido, mas que se constituem em lembranças dessa relação estreita entre homem e animal, com destaque para os insetos, que, como já dito, faziam parte da alimentação do homem pré-histórico. Nos dialetos de diferentes regiões da Itália tem-se a figura do tio ou tia, ou irmão, em nomes de insetos:

- tio *lolo* – larva, verme;
- tio *barbagianni* – (tio João), para a coruja;
- *tsi prite* – (tio padre), para o grilo;

expiação (por exemplo, uma refeição coletiva), durante a qual lhe rogarão que os perdoe pelo que tiveram que fazer. Além disso, não será denominado por seu verdadeiro nome – ele será conhecido somente por alguns iniciados – terá seu nome substituído por outras denominações [tanto de outros animais quanto de coisas], e de nomes de parentes [concebe-se laços de parentesco com o animal], em particular. (Tradução da autora)

- *zia Maria* – (tia Maria), para a joaninha;
- *salento jermano* – (irmão), para o pardal.

Afora as românicas, na língua alemã, uma das variantes lexicais para o lobo é *vadermann*, que quer dizer padrinho.

Data do período neolítico, segundo Alinei e Barros Ferreira (1990), em artigo publicado no ALE, a *joaninha* (da família dos coccinelídeos) é um dos insetos mais intrigantes do ponto de vista da motivação lexical, dada a enorme variedade de designações. Uma série de mitos e crenças transita em torno desse inseto em diversas culturas em torno do globo. Os dois autores empreenderam uma longa análise sobre as designações da *joaninha* em toda a Europa e concluíram que na grande maioria das designações subsiste um rito, denominado por eles de ―rito da joaninha‖, e que tem sempre a criança como coadjuvante. Pousada sobre a mãe da criança, esta pronuncia refrões, cançonetas ou fórmulas mágicas com o objetivo de incitá-la a voar para um país longínquo, ou na direção de alguma divindade que possa atender-lhe pedidos. Citando Riegler, Alinei e Barros Ferreira (1990, p. 100), explicam que pode existir uma relação entre as expressões infantis recitadas e crenças ancestrais, que se refletem nas denominações do inseto: ―*bête à bon Dieu* – bicho do bom Deus‖; ―*vole*! – voa!‖; nomes de pessoas; nomes de profissões; nomes de animais; nomes expressivos; nomes de jogos infantis; nomes relacionados à sua forma exterior; nomes ligados a superstições, etc.

Atribui-se ao pequeno animal poderes extraordinários, como o de prever o futuro depois da morte, doar presentes, acompanhar e proteger as crianças, guardá-las dos perigos, fazer brilhar o sol, prever o destino dos namorados. Designações na área espacial europeia tratam-na como animal-oráculo, símbolo de sorte, e, também, da morte.

Entre os ritos mais conhecidos, destaca-se o que associa a joaninha à vaca: a pessoa, com o inseto sobre a mão, pede-lhe que voe para longe e lhe traga uma vaca.

Em francês e em romeno, liga-se a vaca (o dom ofertado pela joaninha) a Deus: ―*petite vache du bon Dieu*‖; ―*vaca lui Dumnezeu*; *vaca Domnului*‖. Segundo os autores, essa associação direta nas variantes para o inseto é mais encontrada no russo. O comitê finlandês de pesquisadores do ALE pretende que o Deus mencionado pode ser um deus pagão ligado às tempestades, inferindo-se daí que o rito é bem anterior ao advento da religião cristã. Denominações aludindo a ancestrais femininos, como a Velha, que aparece em variantes para outros animais e insetos, também são comuns no espaço europeu. Formas de parentesco como tio, avô, madrinha, esposa, noiva, são frequentes e são citadas por Alinei e Barros Ferreira.

Acerca do dom esperado, em Portugal, os autores repertoriaram essas duas quadrinhas:

> ―*Joaninha avoa, avoa*
> *que teu pai está em Lisboa!*
> *Com um rabo de sardinha*

para dar à joaninha‖;

ou:

—*Romaninha, romaninha,*

vá ao céu buscar farinha‖.

Composições populares como essa são comuns em todo o espaço europeu. Em italiano chamam-na —*volandrina*‖, e recitam: —voa *volandrina*, que tua mãe está na farinha‖; ou, —Ave Maria, voa ao céu, voa em direção de minha escola‖.

Alinei e Barros Ferreira (1990, p. 106) observam que tais ritos tratam de viagens e também da destinação. Na Bretanha românica, uma quadrinha diz:

> —Bête à bon Dieu monte au ciel apporte-me du miel! Si tu vas en enfer tu m'apporteras de la bière! Si tu vas au purgatoire tu m'apporteras des poires!‖

Viagens longas e esperança de dons são apenas algumas das motivações nas variantes para a joaninha. São muito frequentes os nomes cuja motivação é zoomórfica, ligam-na a outros animais e insetos, por exemplo: a borboleta, mosca, abelha, muitas espécies de pássaros, como o cuco, a perdiz, a andorinha, e, ainda, a aves domésticas, como a galinha. No português brasileiro, o Houaiss (2009) cita apenas duas variantes para a joaninha: tartaruginha e tatuzinho. O português europeu parece apresentar muito mais variantes: no ALEPG, foram registrados (entre os mais curiosos): alfaiate, avinhas de nosso Senhor, mosquinhas de nosso Senhor, cabrinha de Nossa Senhora, boa-nova, carochinha, rainha, amorzinho, salve-rainha, conta-os-dedos, pita de Nossa Senhora, pita de Deus, luisinha-voa-voa, lisboinha, *patassol* (pata ao sol), são-joão, margarida, catrina, isabel, santantoninho, bichinho-de-santo-antônio, são-pedrinho, romeirinha, romanisca, bichinho da flor, mariquita, patinha dalamar, murinha de deus, peneirinha, rãzinha, moleirinha, zabelinha.

Alinei e Barros Ferreira (1990, p. 164), concluem que a maioria das quadrinhas, cançonetas ou versos recitados quando está com a joaninha sobre a mão, tem estreita relação com os contos de fada analisados por Propp (1983, 2002). O inseto ouve o pedido/ordem do locutor e sai para uma longa viagem em busca de atendê-lo. Contrariamente ao que acontece quando alguém consegue segurar uma lagartixa, ou um grilo, borboleta ou pirilampo, a récita para a joaninha é praticamente certa. O jogo-rito,

segundo os autores, reflete a proximidade entre homem-animal. A versificação contribui para que o rito seja mantido, e as rimas, além de fixar o ritual, ainda estão na base de denominações que delas surgem.

9- ANTROPOMORFISMOS E DENOMINAÇÕES DE ANIMAIS COM NOMES DE OUTROS

Dar nomes de pessoas para animais, na teoria da análise motivacional, pode ser considerado como uma manifestação de tabu linguístico, não se podendo excluir, contudo, que os antropomorfismos seriam uma manifestação tardia da ideologia totêmica que consagrava um culto particular ao animal.

A atribuição de um nome de pessoa funciona como um hipocorístico, uma denominação destinada a atrair sobre si a benevolência do animal. Notemos que o nome próprio pode

ser aquele de um personagem ilustre do país ou da região. Numa das variedades dialetais encontradas na Sardenha, a raposa é chamada de Mariana, ou de nomes de ―juízes‖, personagens tidos como reis locais durante a Idade Média. O ALiR (2001, p. 305), no espaço do espanhol, registra o nome próprio Maria para a libélula. No português do Brasil temos: jacinta e jacina, este último o Houaiss (2009) traz como originário do tupi. Já a variante jacinta, classificada nesse dicionário como tendo origem obscura, pode ser uma variante fonética do nome anterior.

Em português, são numerosas as designações para animais que levam nomes de pessoas: um dos mais conhecidos é a *joaninha*, já abordada; há, ainda, as aves passeriformes *joão-de-barro, joão-mede-léguas, joão-pinto, maria-de-barro, maria-édia, maria-leque, maria-cavaleira; josé-mole* (aracnídeo); *maria-luísa* (peixe), *mariquita* (peixe); *manuel-de-abreu* (variedade de abelha); *joão-velho* (espécie de picapau); *joão-de-cristo* (uma ave - *Todirostrum poliocephalum*); *joão-magro* (inseto, como um gafanhoto); *joão-torresmo* (grande larva, comum em lavouras de cana-de-açúcar).

Outra manifestação de tabu linguístico diz respeito à denominação do animal por um nome de outro, sobretudo, quando não há nenhuma semelhança particular entre um e outro. As designações para a libélula são, particularmente, férteis nesse sentido (a libélula está analisada num item em separado, após esta apresentação geral da motivação na criação lexical). O ALiR (2001) enumera 28 animais referindo-se ao inseto libélula, entre os mais recorrentes, o ―*moineau, la mouche, le moustique, le papillon*‖ (pardal, mosca, mosquito, borboleta, respectivamente). Somente nas capitais, o ALIB (2014) apresenta um bom número de variantes com essa característica: besouro, cigarra, macaco e cavalo.

Por zelo, respeito, admiração e, sobretudo, temor – certos animais são designados com hipocorísticos. Um dos exemplos mais emblemáticos é a *doninha*, mamífero carnívoro da família dos mustelídeos, do gênero *Mustela*, temida por criadores de aves e animais de pequeno porte criados em quintais. Apesar da voracidade de seus ataques, a maior parte das designações em nada indica a característica sanguinária, pelo contrário, as variantes fazem supor um animalzinho gentil, delicado e aprazível. Chamam-na: *belette* (belezinha, em francês); *donosilla* (donazinha [de casa]) em castelhano; *bonuca* (empregadazinha) e *donnola* (daminha), em italiano; *bucca e mele* (boca e mel), em sardo.

O tabuísmo cerca, particularmente, o universo das designações desse mamífero, que recebe nomes de outros referentes (especialmente, animais), inferindo-se daí que o fato de se pronunciar seu verdadeiro nome atrairia sobre o grupo [a casa, a família] as ações [prejudiciais] praticadas pelo animal em questão (CONTINI, 2007, p. 66). Somente no

espaço espanhol europeu, o autor destaca as formas *garduña* (fuinha), *ardilla* (esquilo), *armiño* (arminho), *hurón* (furão), *marta* (mamífero carnívoro do gênero *Martes*), *túron* (mamífero que lembra o gambá), *lirón* (arganaz – espécie de roedor), *rata* (ratazana), *ratón* (camundongo), *zorro* (o macho da raposa), *perro* (cachorro), *perrito* (cãozinho), *caballito* (potro), *mochuelo* (mocho), *golondrina* (andorinha), *gusano* (verme).

Alinei (1986) investigou as designações da *doninha* no espaço românico, quando de seu estudo publicado no ALE:

> Dans l'aire romane comme en Europe e dans d'autre continents, en effet, la belette commune est un exemple particulièrement significatif d'animal qui possède différents noms ―totémiques‖ et représentatifs de la typologie du tabou linguistique concernant les animaux : les noms originaux tabouisés sont remplacés par des noms propitiateurs comme ― belle‖, ―bonne‖, ―femme‖ ou d'exorcisme comme ―innomables‖ ou semblables. Les noms magicoréligieux pré-chrétiens sont étroitement connectés avec cette typologie tabouistique et d'un intérêt historique et culturel notable, comme ―fée‖, ―sorcière‖, ―génie de la maison‖, tous indicatifs d'un culte ancien des animaux. Les désignations exclusivement romanes du type ―pain et fromage‖, ―pain et lait‖ ou ―casserole‖ sont également liées à des rites propitiateurs. Même le nom latin *Mustela*, à la lumière d'une nouvelle interprétation qui nous présentons ici pour la première fois, semble lié au rapport mytique entre la belette et le filage, répondu dans toute l'Europe. (ALINEI, 1986, p. 319) [37]

A respeito da ligação entre a *doninha* e a tecelagem, Alinei (1986, p. 333, 334), no mesmo estudo, relata que os gregos cultivavam todo um ritual nesse sentido. Em suas oferendas ao animal, colocavam em suas casas um fuso e fios, pois a *doninha* é apreciadora da tecedura. Na região italiana da *Romagne*, também era costume disponibilizar um fuso e fios em troca de sua proteção. Em uma região da Galícia, é corrente uma fórmula de agradecimento pela proteção da doninha, e os versos rimam

―*mazaroca*‖ (maçaroca) e ―fiar na roca‖, sugerindo que o animal é dotado dessa habilidade. Na Hungria e na Alemanha a tradição se repete, com a diferença de que nesses países oferecem-lhe fios de cânhamo e um pedaço de madeira para fazer as vezes de fuso.

[37] No espaço romano, como na Europa e em outros continentes, com efeito, a doninha comum é um exemplo particularmente significativo de animal que possui diferentes nomes ―totêmicos‖ e representativos da tipologia do tabu linguístico concernente aos animais: os nomes originais tabuizados são trocados por nomes propícios como ―bela‖, ―boa‖, ―mulher‖, ou de exorcismo como ―indizível‖ ou outros que se assemelham. Os nomes mágico-religiosos pré-cristãos são estreitamente conectados com essa tipologia tabuística, e de um interesse histórico e cultural notável, como ―fada‖, ―feiticeira‖, ―gênio da casa‖, todos indicativos de um culto antigo dos animais. As designações exclusivamente romanas do tipo ―pão e queijo‖, ―pão e leite‖, ou ―caçarola‖ são igualmente ligadas a ritos propícios. Mesmo o nome

Na Bucovina, região situada entre a Ucrânia e a Romênia, costuma-se ofertarlhe um cesto contendo um bastão com fio enrolado, retalhos de tecido e um fuso, seguido da sentença: ―*doninha*, agora que você tem tudo o que precisa para fiar, teça ou vá embora, mas deixe as galinhas em paz!‖.

Refletindo sobre a designação genérica latina desse animal, Alinei propõe que talvez o nome *Mustela* esteja ligado a uma relação mítica entre a doninha e a fiadura. O autor argumenta que se os especialistas veem no primeiro elemento do nome – *MUS* – a unidade que designa a classe dos pequenos roedores, entre eles os camundongos (*Mus musculus*, da família dos murídeos), o segundo elemento do nome – TELA (donde se originou a unidade lexical *teia*) – remeteria a um sentido que está embutido no conjunto MU(R)STELA>teia do roedor, uma das variantes tabuísticas para a *doninha*. Evidenciada está, assegura Alinei (1986, p. 334), a relação mítica entre a *Mustela* e a fiadura, presente em crenças de povos de diferentes países da Europa, como nos exemplos citados. Em seu raciocínio, Alinei reenvia a Propp (2002), que, em suas reflexões sobre contos e mitos, sugere haver uma tendência em se ligar a tecelagem (e todo o equipamento técnico de base) com a figura da mulher, confirmando as descobertas arqueológicas que atribuem características puramente femininas a animaistotens, considerados arquétipos da ―Mãe‖.

Alinei (1986) concebe diferentes motivações nas variantes lexicais para a *doninha*, assim classificadas de acordo com:

> *Mustela*, à luz de uma nova interpretação que nós apresentamos aqui pela primeira vez, parece ligada a uma relação mítica entre a doninha e a fiadura [o autor refere-se a relatos finlandeses em que três tecelãs fiam, criando a serpente e o ‗verme branco‘, ou seja, a ‗*belette*‘ – doninha; Alinei, citando outros estudiosos, pondera que o mito finlandês se assemelha ao mito grego das tecelãs do nascimento e, também, das míticas tecedoras germânicas do destino], comum em algumas regiões da Europa. (ALINEI, 1986, p. 319) (Tradução da autora)

- parentesco – *a comadre* (no grego, espanhol, occitano, ítalo-românico); *a esposinha* (no albanês, grego, búlgaro, macedônio, dinamarquês, servo-croata, romeno e alguns dialetos italianos; *a comadre* (no grego, espanhol, occitano, ítalo-românico; *doninha*, *mulherzinha* (no português, no basco, galego, polonês); a *norinha*, no português europeu.
- hipocorísticos – *a bela* (muito frequente na área galo-românica, como *belette* [belezinha] em francês); na região ítalo-românica, ela é ―*la brutta e la bella*‖ (a bela e a fera), ressaltando a característica selvagem e bela do animal.
- representações mágico-religiosas – fada, feiticeira, no sardo; diabinho, mago, no espaço europeu.

 antropônimos – Mariane, no sardo, Margot, na língua d'oïl (região norte da França), Ana do mel (no sardo).

 características ligadas à ação e ao comportamento – designações que lhe ressaltam a voracidade, mas que remetem a oferendas religiosas[38]: para evitar os ataques da doninha aos galinheiros e outros locais de criação, os criadores usam artifícios, espalhando em locais estratégicos alguns alimentos, como pão, queijo e leite. Uma vez saciado, o animal, conhecido pela avidez, desistiria da caçada, poupando a criação doméstica. Algumas designações fazem-lhe jus à gulodice: *pan y queso*, *paniguesa* (pão e queijo), no espaço ibérico e, também, nas zonas de fronteira entre a Espanha e a França, incluindo-se o País Basco; *panlet* (pão e leite), no occitano; *cazoleira* (caçarola), no espanhol; *marmitinha*, na região itálica do Lazio; *caçarola queimada, panela queimada, chucha-pitos, papalo* e *papalgos*, no português europeu; *estrangulapintinhos, mata-galinhas, come-galinhas* (encontradas no Centro e no Sul da Itália – as designações vêm do fato de a *doninha*, antes de escolher a ave que irá comer, tem por hábito matar todas as outras).

Designações referentes ao habitat, à forma e às cores [do animal]: *gato do descampado*, *mulher do muro*, *cãozinho do muro* (domínio itálico), entre muitos outros nomes.

 zoônimos – *gato* (sobretudo, nas línguas germânicas); *formiga* (no occitano); *bicha da noite* (no galego); *verme* (na região dos Alpes orientais); *cavalo e potro* (na Itália meridional); *furão* (na região báltica) *cachorro do muro*, *cachorro da montanha, rato, rato pelado, camundongo do campo*, *arganaz, arminho,* (no espaço europeu em geral), *raposa* (na região Franche-Comté, França); *andorinha das paredes* (no português europeu).

Para concluir, Alinei (1986) explica que os diferentes nomes para a *doninha* exemplificam não somente o conceito de tabu linguístico, mas igualmente são representativos da relação entre animais-tabus e animais-totens, expondo as transformações que essa relação sofreu ao longo do tempo, da pré-história à história comum às culturas europeias. As dezenas de séculos que separam o homem moderno do homem do neolítico, notadamente após o estabelecimento da agricultura e pecuária,

[38] Alinei explica que as oferendas depositadas em locais de passagem da *doninha* (e também do *arminho*) – pão, leite, queijo, mel, sal – são resquícios de rituais ancestrais. O autor cita um sermão feito pelo bispo de Braga (do bispado de Portugal e Galícia), no século VI, em que o religioso repreende veementemente as oferendas que os camponeses continuam fazendo a animais como os *Mures* (camundongos), aos *Tineae* (artrópodes acarídeos que atacam têxteis), aos *Locustae* (espécie de gafanhotos), e muitas outras pragas. As oferendas mais comuns, relata Alinei, constituíam-se de *Panis* (pão), *Pannus* (vestimentas), *Cupelli* (potes) e *Arculae* (caixinhas). No primórdios do cristianismo, a igreja via nas oferendas um ritual religioso, não levando em conta o caráter prático do ato: para os camponeses, possivelmente a finalidade era evitar ou atenuar o ataque de pragas na produção agrícola ou pecuária. (ALINEI, 1986, p. 336, 337)

recobriram a relação que havia entre animais e homens e sedimentaram por completo os fundamentos do totemismo. A despeito da mudança na relação entre os homens e os animais selvagens, baseada hoje na racionalidade, a concepção primitiva desses animais subsiste, ainda que modificada, nos nomes ditos como obscuros e de origem controversa, podendo ser redescoberta a partir do método de análise motivacional.

10- DOS INTERDITOS EM SE NOMEAR

Fraser (2006, cap. 22, p. 286-304) já havia assinalado a existência de tabus em torno do nome das pessoas. Especialmente nas culturas arcaicas, o nome é considerado como parte do indivíduo, tais quais os cabelos ou as unhas. Assim, feiticeiros, videntes ou criaturas mal intencionadas, ao pronunciar o nome da pessoa, poderiam causar-lhe prejuízos, como doenças e malefícios. Por isso, toma-se cuidado em se resguardar o nome próprio, não fazê-lo conhecer por outrem. Não se podendo verbalizar o nome, é comum substituí-lo por algum tipo de artifício, algo como uma alcunha, um qualificativo qualquer.

Os tabus envolvem também nomes de família: o marido não pronuncia o nome da mulher, e vice-versa; os cônjuges não pronunciam os nomes dos sogros, e a mesma proibição se estende aos nomes dos mortos[39]. A propósito dessa interdição específica:

> ―Fra gli Indiani del Nord America chiunque, uomo o donna portasse il nome di uma persona morta da poço, doveva assumerne un altro, cWhe gli veniva conferito ufficialmemte, nel corso della prima cerimonia funebre per il defunto. Presso alcune tribù nelle zone ad est delle Montagne Rocciose, il cambiamemto di nome durava solo per il período di lutto; mentre, presso altre tribù, sulla costa nordamericana del Pacifico, sembra che fosse permanente‖. (FRASER, 2006, p. 295)[40]

O autor, entre diversos testemunhos recolhidos junto a comunidades em várias partes do mundo, atesta que, acobertados os nomes, ficam protegidas as integridades dos vivos e dos mortos.

Fraser (2006, p. 302-304) traz muitos outros exemplos de interdições acerca dos nomes de divindades, notadamente no panteão egípcio. O autor cita em sua obra a figura

---

[39] No ALEAL, na questão de número 129 do Questionário Semântico-Lexical, em que se buscava respostas para a maneira de se referir aos mortos durante uma conversa, os informantes procuravam fórmulas eufêmicas, demonstrando reserva, preferindo se abster de pronunciar o nome dos que não fazem mais parte do mundo dos vivos, de não fazer nenhuma menção a eles.

[40] ―Entre os Índios da América do Norte, qualquer um, seja um homem ou uma mulher, que portasse o mesmo nome de uma pessoa falecida recentemente, deveria mudar de nome, sendo esse atribuído pela comunidade, e que ela deveria portar durante a primeira cerimônia fúnebre em honra do falecido. Em outros tribos de zonas a leste das Montanhas Rochosas, a mudança de nome duraria somente ao longo do período de luto; em contrapartida, em outras tribos da costa norte-americana do Pacífico, a mudança do nome seria permanente‖. (Tradução da autora)

feminina de Ísis, dotada de competências relativas à palavra. No relato de Fraser, Ísis rouba de Rá, o deus do sol, seu nome secreto, com intuito de se equiparar a ele e reinar sobre o céu e a terra. Na civilização romana, durante o cerco duma cidade, o exército acampava em torno do sítio, enquanto os sacerdotes, valendo-se de fórmulas mágicas e encantamentos estabelecidos para essa situação, se dirigiam à divindade protetora do local sitiado, cujo nome eles conheciam. A divindade era conclamada a abandonar a cidade e juntar-se aos romanos, que lhe garantiriam um tratamento melhor do que lhe era concedido na cidade sitiada. Os romanos, por precaução, guardavam em segredo e nunca revelavam o nome da divindade protetora de suas cidades.

Sempre tratando das interdições em torno do nome no âmbito do sagrado, o deus criador na tradição judaico-cristã é cercado de tabus, os quais aparecem nos textos bíblicos, como é o caso de um dos dez mandamentos: ―Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão‖ (Êxodo, 20:7).

O tabu também cerca o nome de criaturas maléficas, como o diabo. Para evitar que a evocação de seu nome se traduza na manifestação do personagem, ele é substituído por outros nomes. Como variantes para a designação diabo, os informantes do ALEAL registraram: adversário, demônio, diacho [eufemismo], satanás, cão, capeta. Alguns deles se recusaram mesmo a fornecer qualquer designação, talvez, por temor de vê-lo diante si, materializado, e de serem submetidos às suas ações.

Em dicionários de língua portuguesa no Brasil, existem dezenas de designações para a figura do diabo. Entre os mais populares, Houaiss (2009) apresenta:

- ✓anhanguera [do tupi],
- ✓ele [pronome pessoal],
- ✓coisa-ruim,
- ✓pedro-botelho,
- ✓tinhoso,
- ✓cão-tinhoso
- ✓cão-miúdo
- ✓inimigo

No Atlas Linguístico de Portugal e da Galícia (ALEPG) o repertório de nomes também é farto: *inimigo, anjo rebelde, mafarrico, tal homem, pírtigo*, entre os mais lembrados.

Tabus relativos a certos conceitos persistem nas comunidades, como registrado no ALEAL, na questão número 132 do Questionário Semântico-Lexical, que inquiria sobre

o nome da pessoa que recebe um pagamento para matar alguém [esperava-se registrar *assassino pago, matador de aluguel*] duas informantes do sexo feminino, uma da faixa etária jovem e outra da faixa etária de 55 a 75 anos, se abstiveram de responder.

O tabuísmo linguístico alcança de maneira particularmente incisiva algumas doenças, cujos nomes são evitados pelos falantes, que os trocam por eufemismos ou locuções eufemísticas. Cugno (2006), ao tratar das designações para a epilepsia em atlas linguísticos da Itália, destacou que a enfermidade é apontada com um adjetivo demonstrativo: ―*quel male*‖ (aquele mal). A tuberculose, ainda nos dias de hoje, na variante brasileira do português, é chamada de ―doença do peito, mal dos peitos, queixa do peito, doença ruim, magra, tísica, seca (HOUAISS, 2009); já em francês, diz-se ―*le mal joli*‖ (mal bonito), em italiano ―*il mal sottile*‖ (mal fino).

O câncer, entre falantes do português brasileiro, tem seu nome mudado para ―aquela doença [com o emprego do adjetivo demonstrativo *aquele*], doença ruim‖; em francês, chamam-na de ―*une longue maladie*‖ (uma longa doença). Ocorre às vezes de o nome da enfermidade ser trocada por uma locução na qual é explicitado o nome do lugar de onde se acredita ser o mal originário. Como exemplo, tem-se a sífilis, que na Itália era conhecida como o ―mal francês‖, e na França, como o ―mal de Nápoles‖.

11. AS TRÊS CATEGORIAS DA MOTIVAÇÃO DO SIGNO

Partindo-se do princípio que todo signo linguístico é motivado na origem, poderíamos classificar a motivação semântica em três categorias: a *onomatopeica*, a *fonossimbólica* e a *iconímica* (CONTINI, 1997)[41] com o sentido de reciclagem lexical sobre palavras já existentes. Anteriormente a essa proposta de classificação, Alinei, em trabalhos sobre o tema, não fazia distinção entre as três categorias. Para o autor, quaisquer que fossem os motivos na base da motivação semântica, fossem eles a reprodução de sons naturais na formação de palavras (onomatopeia), ou elementos fonéticos que, por suas particularidades, cumprissem função semântica (fonossimbólica), ou outros motivos que remetessem a determinadas imagens, e essas, ao referente a que se alude: todos esses elementos comporiam o que ele chamou de

‗*iconimia*', definido como ―Il fenomeno e il processo della genesi del *lessema*, o *lessicalizzazione,* determinata dall *iconimo*[42] [...] a seconda del tipo di riciclaggio [...] puo essere fonica [...] o lessicale‖ [48] (Alinei, 2009, p. 908, 916). Dalbera (2006) iria denominar esses elementos motivacionais de ‗*motifs*': os motivos.

Contini (1997), ao tratar das designações para o ‗*papillon*' no espaço dialetal europeu, pontuou cada um dos elementos presentes na origem da motivação, separandoos em três categorias distintas, conforme suas especificidades. Entendendo, portanto, que todo signo linguístico é motivado na origem, como se concebe nessa proposição teórica, a motivação relacionada à onomatopeia está na escala mais primária, uma vez que liga diretamente certos sons a determinados referentes, principalmente, animais.

Cito como exemplo algumas designações de aves, como o ‗cuco', assim designado por seu grito, sem nenhum outro sentido além do onomatopeico.

---

[41] Em relação à nomenclatura no presente estudo, permito-me adotar o nome ‗*iconímica*', com o intuito de mantermos o mais fielmente possível a proximidade com o correspondente em italiano, ‗*iconimia*'. A despeito de essa palavra não constar dos dicionários de língua portuguesa, julgo que não seria pertinente classificá-la como motivação icônica, uma vez que essa terminologia poderia pressupor relação com a semiologia, o que não é o caso.

[42] O termo *iconimo*, em Alinei, corresponde à palavra *motivation* na terminologia saussuriana. [48] O fenônemo e o processo da gênese do lexema, a lexicalização, determinada como iconímico [...] a segunda é a reciclagem [...] podendo ser fônica ou lexical. (Tradução da autora)

Em contrapartida, certos nomes de pássaros, tais como o ‗quero-quero' e o ‗bem-te-vi'[43] são formas lexicalizadas a partir de onomatopeias. As duas notas sonoras do grito do *Vanellus chilensis,* e as três emitidas pelo *Pitangus Sulphuratus* foram lexicalizadas nas locuções ‗quero-quero' e ‗bem-te-vi', respectivamente, esta última conhecida também como ‗triste-vida'. Vale citar a galinha d'angola[44], que no Português Brasileiro também é denominada ‗tô-fraca', além da ave *Scardafella squammata,* cujo canto característico, em quatro notas sonoras, gerou a locução ‗fogo-apagou'. Em todos os exemplos citados, buscou-se interpretar lexicalmente o som emitido por essas aves. Em compensação, algumas notas sonoras são, simplesmente, reproduzidas da maneira como chegam aos ouvidos, como em ‗au-au' e ‗miau'. Entretanto, ambas as onomatopeias não apenas apontam para as vozes do cachorro e do gato, mas, por derivação metonímica, nomeiam igualmente esses animais.

Alguns sons emitidos pelos insetos durante o voo estão na origem onomatopeica de muitas designações. Para ilustrar, tomemos a palavra ‗zumbido', significando aquilo que é ―emitido em sussurro, em murmúrio‖ (HOUAISS, 2009). O ruído que fazem alguns insetos (a abelha, o besouro, a mosca, entre outros) traduz-se na designação ‗zum-zum', que, no sentido literal do termo é o som do bater de suas asas. Além dessa acepção, zum-zum, por derivação metafórica, compreende o boato que corre à boca pequena, dito entre dentes.

A motivação *fonosimbólica,* de natureza mais complexa, recupera a função semântica dos fonemas que, na concepção saussuriana, restringem-se simplesmente a distinguir morfemas (SAUSSURE, 2006). Alguns linguistas se dedicaram à análise dos sons da linguagem no seio de agrupamentos humanos, sons esses visando reproduzir, separadamente ou reagrupados, não apenas imagens sonoras, mas, também, dimensões, distâncias, movimentos, níveis de sensações e variações cromáticas (JESPERSEN, 1976; JAKOBSON e WAUGH, 1980; CONTINI, 2007). Vogais e consoantes, nesse caso, desempenham papel fundamental em designações de uso interjetivo (exclamativo, emocional, expressivo), e a intensidade, variação, altura e duração que o falante lhes

[43] Cuco (*Cuculus canorus*): pássaro da família dos cuculídeos, conhecido pela voz característica composta por duas notas; quero-quero (*Vanellus chilensis*): ave da família dos caradriídeos, encontrada em áreas alagadas e campestres de todo o Brasil, emite um som forte e estridente, do qual se origina o nome; tem como variantes outras formas onomatopéicas, como terém-terém, tero-tero, teu-teu; bem-te-vi, nome popular do *Pitangus Sulphuratus*. (HOUAISS, 2009)

[44] Galinha d'angola: (*Numida meleagris*), ave da família dos numidídeos, nativa da África. (HOUAISS, 2009)

acordará quando do emprego dessas interjeições reproduzirá a carga semântica desejada (CONTINI, 1989).

O som do desdobramento silábico presta-se, muitas vezes, a construir designações de ordem *fonossimbólica*, como em: ‗pipi' (urina ou órgão sexual), construção reduplicada da primeira sílaba do verbo ‗*pisser*' (do francês, significando urinar); em ‗baba', a saliva abundante que escorre involuntariamente, que os dicionários definem como sendo uma onomatopeia constrita do ‗blá-blá-blá' da linguagem infantil. O mesmo ocorre com a palavra ‗papá', que os dicionários definem como

vocábulo afetivo, próprio da ―linguagem infantil, o que se atesta pela duplicação silábica‖, e, também, com significado de alimento (HOUAISS, 2009). Dell Ernout e Meillet (2001, p. 480) corroboram: o vocábulo latino ‗*pappa*' designa, familiarmente, o pai, e, também, a comida, é corrente no vocabulário de crianças.

Tais construções *fonossimbólicas*, que, em linguística geral e em dicionários de etimologia são tidas como próprias do falar da infância, ou simplesmente como formas expressivas, ou de origem onomatopeica, foram objeto de estudo de muitos linguistas, que demonstraram haver estreita relação entre a percepção sensorial e a simbologia das palavras (COSERIU, 1987; JAKOBSON, 1973, 1980; SAPIR, 1971). Esses autores fazem coro à Platão (em NUNES, 2001), que, em Crátilo, já refletia sobre a sonoridade da vogal palatal /i/. Sobre essa vogal, imputa-se uma carga semântica com sentido de pequeno, fino, claro, alegre, bonito, delicado, leve, doce, agradável, fraco.

Como exemplo, cito o vocábulo ‗cri-cri', o canto do grilo: a repetição da vogal palatal fechada /i/, (reforçada pelo encontro consonantal /cr/) remete a um som agudo estridente, fino, insistente (devido à repetição das mesmas notas). Cabe nesse exemplo a forma ‗bi-bi', onomatopeia para o som da buzina do automóvel. Cabe esclarecer que estes últimos exemplos são onomatopeias, e não cabem na concepção estrita dos fonossimbolismos.

Segundo Fonagy (1983, p. 81), ―a vogal /i/, vista como doce, açucarada em relação à vogal /u/, entre as demais vogais, é a que mais se aproxima da parte anterior do palato, quer dizer, da posição das consoantes linguais ‗adoçadas'‖ (a tradução deste excerto é minha, bem como as que se seguem). A palatalização, segundo o autor, em diferentes línguas, é sempre associada a atitudes doces ou adocicadas, afetuosas, de submissão, atribuída ao papel infantil e feminino (FONAGY, 1983, p. 79, 137). Sobre a mesma vogal /i/, (Fonagy, 1983, p. 104) continua: ―[...] os testes metafóricos refletem claramente a plasticidade semântica dos sons: o /i/ aparece como pequeno, magro, ágil, alegre, duro,

bonito e açucarado‖. Em testes com a filha de cinco anos, ainda não alfabetizada, Fonagy (1983, p. 58) relata que ao lhe perguntar se a vogal /i/ era clara ou escura, ela respondeu sem hesitar que era clara, e, devolvendo-lhe a pergunta, a criança disse ao pesquisador: ―por que pergunta? Você não sabia?‖. Já a vogal /u/, Fonagy (1983, p. 84), em testes com crianças de 4 a 6 anos, ouviu de uma delas que a vogal /u/ tinha cheiro ruim.

Em relação à vogal velar fechada /u/, ela carregaria em si a ideia de pesado, espesso, surdo, escuro, vago, triste, amargo. É assim em ‗urro', ‗susto', ‗bruto', ‗lúgubre', ‗fúnebre', ‗funesto', ‗soturno' (FONAGY, 1983).

Acerca das consoantes, os estudos, profícuos, revelam que a percepção acústica induz à determinada imagem simbólica. As consoantes nasais, laterais e constritivas estão ligadas fonossimbolicamente aos sentimentos mais brandos, como amor, ternura, enquanto que as oclusivas e vibrantes ocasionam sentimentos opostos, de ódio e agressividade (FONAGY, 1983).

Ainda sobre a reduplicação de sílabas na criação lexical, que, em alguns casos se impõe de maneira menos aparente, mas passível de comprovação após análise, Contini (1997), em artigo no Atlas Linguístico da Europa (ALE) reviu diferentes designações para a borboleta em línguas da Europa. O autor demonstra que, muito provavelmente, a desdobro de sílabas, repetição intensiva, corresponda ao movimento contínuo e compassado do bater de asas do inseto: a imagem visual e sonora acabou se reproduzindo nas formas que a designam. Em latim, tem-se: ‗*papilio-onis*' (< pa(l)-pil- < pa(l)-pal-) de onde veio, em catalão, ‗*papallona*'; em francês, ‗*papillon*'; em português ‗borboleta'; no galego, ‗*bolboreta"*'; (< bor-bol- / bol-bor - < bor-bor-); em italiano, ‗*farfalla*' (< far-fal < far-far-); Em tupi, tem-se ‗*panapanã*', redobro de ‗*pa"nã*', o que atesta essa disposição natural das línguas. No tronco linguístico *macrojê*, ―cuja constituição é ainda altamente hipotética‖ (HOUAISS, 2009), e que estende-se pelo Maranhão, Pará, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, compreendendo nove famílias vivas, tronco esse tão distante das línguas europeias, e mesmo do tronco tupi, o fenômeno da reduplicação da sílaba se repete: borboleta é ‗*toto*' (WIESEMANN, 2011).

Finalmente, detenho-me sobre a motivação aqui designada como ‗*iconimica"*. A motivação *iconímica* pode ser transparente, reportando, no caso de designações de animais, por exemplo, sua morfologia, sua cor, seu habitat, seu comportamento, locomoção, relação com os humanos e com outros animais. Para exemplificar, arrolamos

algumas designações próprias de animais típicos da fauna do Brasil (alguns deles presentes, também, em demais regiões da América do Sul).

i) designações motivadas pela morfologia dos animais: bicho-pau, inseto da família dos fasmídeos e dos ortópteros, cuja aparência confunde-se com gravetos e pequenos ramos secos; coleirinha (*Sporophila caerulescens*), ave cujas penas em torno do pescoço lembram um colar; tesourinha (*Phibalura flavirostris*), pássaro migratório, típico do sudeste do Brasil, partes da Argentina e Bolívia, possui cauda longa e bifurcada; formiga-cabeçuda, também chamada de saúva, nome popular de formigas do gênero *Atta*, da família dos formicídeos; peixe-agulha, nome dado ao peixe *Hemiramphus brasiliensis*, abundante no litoral brasileiro, especialmente no Nordeste, possui corpo alongado e estreito; piranha, do tupi *pi˝rãya*, literalmente, ‗peixe com dente'; taturana, do tupi *tata˝rana*, textualmente, ‗semelhante a fogo', é uma lagarta de longos e finíssimos pelos urticantes, causa queimaduras até reações graves como a anafilaxia.

ii) designações motivadas pela cor[45]: pássaro-preto (*Molothus molariensis*); mico-leão-dourado, denominação comum aos pequenos primatas do gênero *Leontopithecus*, endêmicos da Mata Atlântica brasileira, tem pelagem brilhante; micopreto, nome popular do primata *Cebus apella*; perereca-azul[46], a *Phyllomedusa bicolor*, da família dos hilídeos, é um anfíbio anuro, possui o dorso verde-azulado, natural da região amazônica; gralha-azul[47], nome científico *Cyanocorax caeruleus*, ave encontrada nas matas do Sul do Brasil, símbolo do Paraná, plumagem azul-brilhante, cabeça, pescoço e peito negros; iii) designações motivadas pela locomoção: bicho-preguiça, ou preguiça (mamífero xenartro, da família dos bradipodídeos megaloniquídeos), típico da América Central e do Sul, vive na copa das árvores, de onde raramente sai, movimentando-se lentamente; lagarta-mede-palmos, lagarta da família dos geometrídeos, cuja locomoção peculiar dá a impressão de estar medindo a superfície.

iv) designações motivadas pelo comportamento: bicho-barbeiro (inseto hematófago, sai à noite das frestas das paredes das casas para sugar o sangue nas faces das pessoas, daí a alusão à barba); bicho-bola (inseto da classe dos diplópodes que, ao ser tocado, se fecha

[45] Médélice (1997) tratou de designações motivadas pela cor do animal num artigo sobre o pássaro ‗*rouge-gorge*'.

[46] Segundo o Houaiss, *pere˝reka* vem do tupi, sendo o gerúndio do verbo pere'reg (ir aos saltos). Não seria esta designação um redobramento de sílabas ligadas à imagem visual [e sonora também] deste pequeno anfíbio?

[47] Na próxima edição do ALiR (no prelo), em artigo sobre as designações das aves ‗*corbeau*' e ‗*corneille*' (correspondes à gralha brasileira), as linguistas E. Carilho e M. Lobo e constatam que o fonossimbolismo pode estar na origem da variante.

e toma a forma de uma bolinha; tatu-bola, designação comum aos tatus do gênero *Tolypeutes*, capazes de se enrolar completamente dentro da carapaça; bicho-geográfico, nome da *Larva migrans*, recebe este nome por conta dos caminhos que percorre sob a pele da pessoa infectada;

v) designações que se referem ao habitat: bicho-da-terra, cachorrinho-da-areia, cachorrinho-d'água, paquinha-das-hortas, todas essas designações dizem respeito aos insetos ortópteros da família dos grilotalpídeos; lagartixa-das-dunas, pequeno lagarto iguanídeo, do gênero *Liolaemus lutzae*, endêmico das restingas do litoral do Rio de Janeiro; vi) designações motivadas pela periculosidade ao homem e ao animais: comecobra e mata-cobra, designações da *Pachycondila striata*, formiga da família dos pompilídeos, encontrada no Brasil meridional, bastante agressiva; formiga-cobra (*Neoponerosa villosa*) da sub-família dos ponerídeos, cuja ferroada, extremamente dolorosa, é também chamada de formiga-de-fogo e beijo-de-moça (esta última, talvez, ligada às proibições de se beijar uma mulher jovem); mija-fogo, ou caga-fogo, *Oxytrigona tataíra*, espécie de abelha que, quando pica, segrega um líquido cáustico; vii) designações relativas ao período em que esses animais aparecem: a ave passarinho-de-verão (Pyrocephalus rubinus); macaco-da-meia-noite refere-se ao *Potos flavus*, mamífero arborícola e noturno da família dos procionídeos.

No ALEAL, obtivemos múltiplas respostas cuja motivação indica transparência. Para exemplificar, citamos _pão de galinha', designação para ―o bicho que dá em esterco, em pau podre‖, registrada, no Estado de Alagoas, no Ponto 19, por um informante do sexo masculino. Para os galináceos, as larvas[48] são verdadeiras refeições, e em se tratando de comida, o pão, por sua importância cultural, encerra em si a ideia de alimento. A motivação da criação lexical _pão de galinha' está ligada à função nutricional das larvas.

Já na questão número 70, que buscava designações para a libélula, alguns informantes do ALEAL responderam _molha-rabo' e _lava-cu'. Nos dois casos, a motivação está relacionada ao comportamento desse inseto, que, em seu voo rasante sobre a água, deixam-se molhar (a parte traseira do corpo). Sempre com base nos dados do ALEAL, respondendo a questão número 67: ―mosca grande que faz um barulhão quando voa‖, os

[48] Ver conceitos acerca de denominações de invertebrados em Carpitelli (ALiR, 2009), em artigo sobre as designações para o _*ver de terre*', a lombriga, em português.

informantes de vários pontos de Alagoas mencionaram ‗mosca azul'. Nesse caso, é a cor do inseto que chama a atenção do falante e motiva a designação (morfologia).

Em algumas variedades românicas da Itália e França, a designação para essa espécie de mosca é ‗*moscone della carne*' e ‗*mouche à viande*', respectivamente.

Ambas as designações são motivadas pelo comportamento natural da mosca em depositar ovos sobre tecidos vivos ou mortos de vertebrados ou de substâncias orgânicas em decomposição. Em francês diz-se, também, ‗*mouche à merde*', por motivo óbvio.

Nas demais variedades românicas o processo da motivação, seja *onomatopeico*, seja *fonossimbólico* ou *iconímico*, é semelhante. Vejamos o artrópode popularmente chamado de centopeia, cuja designação incide sobre uma parte do corpo desse inseto que está mais em evidência: em francês tem-se ‗*mille-pattes*'; em espanhol, ‗*ciempiés*'; em italiano ‗*millepiedi*'; em romeno, ‗*centipedi*'; no catalão, ‗*centpeus*'; no galego ‗*cempés*'; em sardo ‗*chentu peis*'. A morfologia desse artrópode, pois, motiva-lhe os nomes que recebe nessas línguas.

Na botânica, o campo é fértil, e no português brasileiro sobram designações cujas motivações estão relacionadas aos itens assim classificados:

i) aspecto: pata-de-vaca, árvore do gênero *Bahuinia*, com folhas cuja forma se assemelham ao casco fendido dos bovinos; brinco-de-princesa, planta do gênero *Fuchsia*, cujas flores em cachos pendentes lembram brincos;

ii) particularidades naturais: dormideira (*Mimosa acerba*), subarbusto nativo do Brasil, encontrado mais em Minas Gerais e São Paulo, é sensitiva, e quando tocada, as folhas se fecham, ―dormem‖; flor-da-noite, ou boa-noite, (*Selenicereus pteranthus*), trepadeira com flores aromáticas amarelo-escuras que desabrocham à noite; aguapé-dameia-noite, (*Nymphaea rudgeana*), erva aquática que se abre no período norturno; iii) utilização na medicina popular: quebra-pedra, planta do gênero das *Phillanthus*, da família das euforbiáceas, usada em chás caseiros para dissolver cálculos renais; erva-de-bicho, planta do gênero das *Cuphea*, família das litriáceas, de uso medicinal, anti-helmíntica, empregada popularmente no tratamento da gonorreia, das hemorroidas, de úlceras e da erisipela; erva-lombrigueira (*Spigelia anthelminia*), nativa das Guianas e do Brasil, usada como vermífugo; erva-de-louco, arbusto escandente, de nome científico *Plumbago scandens*, nativo do Brasil, com vários usos na medicina popular, outrora aplicava-se suas folhas na nuca de doentes mentais; iv) periculosidade: comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachiamaculata*), da família das aráceas, nativa da Amazônia, com grandes

folhas verdes e máculas branqueadas, é cáustica e venenosa; capim-navalha (*Hypolytrum pungens*), ―do tupi *ka¨pii*, este, *ka¨a*, mato, erva, planta em geral + *pii*, fino, delgado‖, é uma erva da família das ciperáceas, de folhas eretas com as margens extremamente cortantes.

12- DA OPACIDADE DA MOTIVAÇÃO INICIAL

Adotadas pela comunidade linguística, as designações lexicais arroladas mantêm a motivação transparente, ou seja, continua sendo possível encontrar em cada uma delas o ‗motivo' de terem sido denominadas como tais. Ocorre que essas criações lexicais evoluem naturalmente, uma vez que refletem estruturas socioculturais do passado ou do presente, e, expostas a forças internas (no seio mesmo da língua) ou externas (em contato com outras línguas ou dialetos, ou expostas a contextos de ordem sócio-cultural ou geográfica), essas mudanças, quando significativas, poderão recobrir a motivação inicial. Diante desse quadro hipotético, tem-se, então, a perda da motivação inicial, e, nesse caso, a designação lexical se torna arbitrária (DALBERA, 2006), como já dito.

É assim no vocábulo ‗assassino', que, no árabe significava o indivíduo oriundo de uma seita que consumia haxixe antes de ir lutar nas Cruzadas contras os cristãos. Associou-se o nome do guerreiro, em transe, talvez, pelo uso da droga, com o fato de ele estar do lado dos povos que não comungavam da cristandade. À época, um ‗assassino' lutava ao lado dos muçulmanos. Hoje, assassino designa um homicida, mas a motivação inicial ninguém mais se recorda.

Assim se deu com a palavra ‗bárbaro', que designava as populações que não falavam latim: com o tempo, ganhou sentido pejorativo: um bárbaro é aquele que comete um ato ignóbil.

O mesmo se dá com o verbo ‗atarantar', significando causar ou sofrer perturbação do raciocínio, da presença de espírito. ‗Atarantar' resgata o sentido de origem, do italiano ‗*tarantola*', uma espécie de aranha de copo felpudo, cuja picada inocula substância tóxica, mas não mortal. Na crença popular, a febre causada pela ‗*tarantola*' induziria à dança frenética, levando a uma manifestação coletiva de delírio convulsivo. Houve uma extensão de sentido em ‗atarantar', porém, não se pensa mais na motivação.

Também opacificou-se a motivação *iconímica* do vocábulo ‗tchau'. A origem está no latim medieval *slavu (*população eslava que, durante diversos períodos da história foi submetida à escravidão pelos germânicos, pelos bizantinos, pelos venezianos*)*, que evolui para *sclavo*. Nos dialetos do Norte da Itália, em particular, no dialeto veneziano, o grupo

/*skl*/ evolui para a semi-oclusiva /*tʃ*/, donde /*tʃiavo/*, termo utilizado como saudação respeitosa: _seu servidor, para servi-lo‘ (BATTISTI; ALESSIO, 1975, V. 5, p. 3387).

Retomo Dalbera (2006, p.420; p. 432-434), para quem a pesquisa sistemática pelo _*motif*‘‘ pode trazer o elemento decisivo à hipótese etimológica que se espera para chegar à reconstrução comparativa do significado. No entanto, cabe ao leitor dizer se o percurso dialetológico é uma viagem ao centro da linguagem, ou se não seria um pesadelo de linguista.

A linguagem, afirma, é um canteiro em construção permanente. A descoberta do mundo por meio do tatear da linguagem vai se operando por aproximações sucessivas: apreende-se em primeiro lugar as coisas de modo vago, e depois, com a reconstrução lexical, é possível tratar equitativamente as reações semânticas, as mórficas e fônicas. A análise motivacional mostra que a linguagem nos conta sua própria gênese com detalhes precisos, mas é preciso examiná-la de bem perto.

CAPÍTULO III

ANÁLISE MOTIVACIONAL DE NOVE VARIANTES LEXICAIS REGISTRADAS PELOS INFORMANTES DO ALEAL

1- Motivação para o redemoinho (de vento) a)

a roda e o moinho

Inquiridos sobre o ―o vento que vai girando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?‖, uma das questões do ALEAL, os informantes lembraram, em primeiro lugar de *redemoinho*. Houaiss (2009) define o termo *redemoinho* como sendo correlato de *remoinho*, e este, com influência do vocábulo *roda*, gerando, em seguida *rodomoinho*>*redomoinho* (por dissimilação) >*redemoinho* (por assimilação). A designação *remoinho*, em Houaiss (2009) e Aulete (1980), é apresentada como uma forma derivada do verbo remoinhar (de re + moinho + ar), definida como um movimento em círculo causado pelo cruzamento de correntes ou ventos contrários; movimento circular e forte, de pequeno diâmetro, que se processa em espiral. Cunha também cita *rodominho*, datada em 1813. Verifica-se que o termo evoluiu do latim *rota*>roda e *moỹo* (XIII), *moyno* (XIII), formas derivadas do latim tardio *mŏlinum*. Assim, a partir de roda + moinho, chegou-se a *rodamoinho*, que parece ser a forma mais antiga dentre os dicionários consultados. Essa forma é atestada no ALERS (2011), na Carta 022, em que aparecem cinco registros de *roda moinho*. O vento que se forma na terra, girando em espiral e levantando poeira foi associado a um dos mecanismos de que é feito um moinho – a roda de vento, uma roda com pás movidas pelo vento, necessária para impulsionar as mós e proceder à moagem dos grãos. Em estudo sobre o redemoinho de vento, Barbosa-Doiron (2010), já observava que não se pode precisar a época do surgimento dos moinhos, mas estima-se que tenham sido criados a partir da necessidade de se moer grãos de cereais, no caso, o trigo, o primeiro a ser aproveitado e cultivado pelo homem, fundamental no processo de sedentarismo, por volta de 5 mil a.C [49]. Ainda segundo a autora, etimologicamente, a hipótese é passíveld e ser verificada, já que tanto o vocábulo *moinho* quanto o verbo *moer* remetem à mesma raiz: *molĕre*– triturar, esmagar, reduzir a pó. O

[49] Fonte: Larousse Cultural: (1986, p. 5880, 5881)

moinho só consegue operar quando alguma força ou energia, no caso, o vento, a água, ou mesmo a tração animal, tocam a roda.

Na formação da designação *redemoinho*, os elementos *roda* e *moinho* desempenham função *iconímica*, por transferirem sentido a um evento na atmosfera. No vocábulo, guarda-se omesmo princípio do mecanismo dos moinhos: vento rodopiando em círculo e deslocando o que encontrar pela frente.

Pode ser que, atualmente, a motivação (*iconímica)* para *redemoinho* seja opaca, pois ao longo do tempo os falantes não mais ligam a imagem da roda e do moinho com a do fenômeno atmosférico tal como ele acontece. O vento gira em roda, e desse movimento advém a motivação por detrás da designação *redemoinho*: lá atrás na evolução da língua portuguesa, quando surge o termo, encontra-se a imagem de uma roda, e essa faz lembrar um moinho, e da atividade desse moinho, o vento a rodar. Emergem dessa cadeia associativa as palavras-chave *roda*, *moinho*. Mas, quem haveria de se lembrar dessas associações, já tão longínquas dos falantes dos dias atuais? Acredito que os informantes do ALEAL, ao mencionar *redemoinho*, se fossem questionados sobre os motivos de esse vocábulo ter esse nome, poderiam até reconhecer os termos *roda* e *moinho*, porém, dificilmente ligariam esses elementos ao *redemoinho* propriamente dito.

Pelas razões expostas, e por estar incorporada ao léxico, pretendo que a motivação inicial da designação *redemoinho* tornou-se opaca.

b) designações motivadas por entidades fantásticas mágico-religiosas: *furacão, pédevento, redemunho*

A variante lexical *furacão* também foi lembrada pelos informantes do ALEAL. Houaiss (2009) define *furacão* como uma espécie de ciclone, ventania devastadora, tempestade. O dicionário apresenta o termo como sendo derivado do espanhol

‗*huracán*‘, porém, pelo fato de esse evento não ser típico da região onde se situa a Península Ibérica, infere-se que a palavra tenha origem em alguma língua ameríndia.

Com efeito, Corominas (1997, v. 3, p. 429), indica que ‗*hurakán*‘ vem do taino, mas não dispõe de fontes precisas para afirmar de onde provém a designação, cujas referências, acrescenta o autor, são discrepantes. Apesar de não haver consenso em torno da hipótese, reforça o lexicógrafo, pode ser que o fenômeno ‗*hurakán*‘ tenha sido tomado do nome de uma entidade mítica dos Maias, o deus ―*Hun-r-akan, el más grande de los dioses*‖. Corominas, citando alguns autores americanistas, descreve-o como ―*el dios de uma sola*

pierna‖, representado na constelação do Carro ou da Ursa Maior, que no céu do hemisfério sul aparece com um timão vertical embaixo da cabeça. Esse deus aparentaria ser um homem coxo. Ainda conforme Corominas, no Popol Vuh, livro sagrado dos Maias, o deus *Hun-r-akan* está associado a figuras mitológicas que interferem nos fatores climáticos. Haveria ainda na região do Caribe outra crença que liga essa entidade ao diabo ou mau espírito. O vocábulo ‗*hurakán*', em taino, teria algum parentesco com as formas ‗*ulioriga-hu y waru*', derivada de dialetos caribenhos, e significariam ‗*negro*', ‗*oscuro*', ‗*noche*'.

A crença em um ser fantástico no olho do *furacão,* ou no centro do *redemoinho* não se restringe apenas às populações das Antilhas. O folclorista Câmara Cascudo (1962) destaca que, no Brasil, o agitador das correntes de ar é o Saci Pererê. De origem tupi, literalmente, ‗entidade fantástica que pula', Saci é um negrinho de uma só perna, carapuça vermelha na cabeça, fonte de seus poderes, ágil, matreiro, fuma cachimbo, diverte-se entrançando as crinas dos animais, assustando viajantes à noite com seus longos e estridentes assobios.

Popular, sobretudo, no meio rural, é o Saci Pererê quem faz queimar o arroz, troca o sal pelo açúcar, esconde objetos dentro das casas, e, não bastasse tantas travessuras, faz soprar ventos de direções opostas, gira e corcoveia no meio deles, carrega a roupa dos varais, aspira para cima e para longe folhas e galhos. Para contê-lo, atira-se no centro do fenômeno um rosário de contas brancas, uma palha benta ou, então, repete-se a fórmula: ―Aqui tem Maria, aqui tem Maria!‖. Câmara Cascudo (1962) cita outras expressões que invocam nomes de santos: ‗São João (ou Santo Antônio) passou por aqui e deixou dito que não demorasse‖.

A divindade maia *Hun-r-akan* e a entidade brasileira Saci Pererê se assemelham: só têm uma perna e são negras. A descrição dessas personagens corresponde à imagem de outra designação comum no Português Brasileiro: *pé de vento*, que, em Houaiss (2009) é definida como ―vento forte ou rajada de vento; lufa, lufada, rabanada, rajada, refega, refrega, ventania‖. Câmara Cascudo (1962) define *pé de vento* como uma lufada inesperada, que passa reboando, mas esclarece que não é o mesmo que *redemoinho*. Os falantes, contudo, não veem nenhuma diferença. Uma das explicações pode estar na aparência do ‗vento que gira em roda': a forma afunilada com que chega ao solo, tocando-o de forma abrupta, como a se apoiar sobre uma única perna. A cor negra das entidades

míticas pode estar relacionada ao aparecimento inexplicável e misterioso do fenômeno atmosférico.

O antropomorfismo mágico-religioso pagão dentro da representação de fenômenos celestes e meteorológicos, segundo Alinei (1984), remonta ao Neolítico, sendo, portanto, posterior ao período em que predominava a religião totêmica. Tendo já dominado as técnicas da agricultura e da criação de animais, o homem dessa época via nos fenômenos naturais entidades fantásticas com bons e maus poderes, e com eles interagia de modo a aplacar efeitos negativos sobre sua vida cotidiana, notadamente, as colheitas.

A crença em espíritos e demônios como causadores do *redemoinho de vento* é comum na cultura de muitos povos. Tais entidades aparecem em designações no Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galícia – ALEPG: *falforinho* (o informante disse ser o diabo), que indica, possivelmente, uma realização de ordem fonossimbólica, como o italiano *farfalla* (borboleta), ou o francês ‗*farfadet*' (duende), nos quais a sucessão das duas primeiras sílabas alude a um movimento rápido ou a uma agitação, (Contini, 1997): *bicho de vento; moinha* (o informante disse que às vezes no meio estão almas perdidas). No Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS (2011), também foi documentada a forma *alma penada*.

Contini (2011, 2012) observa que no Neolítico a crença numa única divindade feminina cede lugar a seres fantásticos ou mágicos, muitas vezes femininos (feiticeira, fada, maga), que podem ser considerados como continuadores da ‗velha'[50], mesmo se não mais guardam os mesmos atributos e funções. Em meio a essas entidades, é a bruxa (*sorcière*), cuja presença nas designações concernentes ao redemoinho de vento é frequente no domínio galo-românico, em particular, em algumas regiões da França, como a Picardia (o sintagma ‗*vent de sorcière*' também é comum nesse local), a parte meridional da Bretanha românica, o nordeste do domínio gascão, e uma área contígua do Languedoc.

Quanto ao vocábulo *redemunho* (datação do século XV), Houaiss o apresenta como diacronismo antigo, e como um regionalismo de Portugal. Nesta designação, podemos reconhecer a referência ao personagem do ‗*demônio*'>*demonho*>*demunho*, no sentido de ser interpretado como a ‗*roda do demônio*'. A evocação do diabo, como exposto anteriormente, remete à crença de que o fenômeno é causado por um ser sobrenatural, que estaria mesmo em seu centro. Na tradição popular, para capturar essa entidade fantástica,

[50] Ver em Propp (2002) conceitos referentes às raízes do conto maravilhoso.

acredita-se que uma peneira deve ser atirada no olho do *redemoinho* (BARBOSA-DOIRON, 2010).

Por não mais compreenderem o sentido primitivo de *redemoinho,* os falantes parecem tentar dar ao termo um novo significado. Assim, em *redemunho*, resultado de uma evolução de *redemoinho*, parece haver uma re-motivação associada à imagem do demônio, ser fantástico que provocaria o evento. Em algumas localidades francesas, para neutralizá-lo, camponeses picam o epicentro com um ancinho, e alguns chegam mesmo a afirmar que a ferramenta apresenta vestígios de sangue (CONTINI, 2011).

Resta a explicar a entrada do primeiro elemento *_ge*‘ em *_gedemunho*‘. Essa designação foi registrada no ALEAL, no Ponto 14, por uma informante: —chama [Zedi'mu¯U], mas só que é um tornado □ □ ɔ□□ □□□□□ pequeno, né”. A informante, durante a entrevista, repetiu em uma segunda ocasião a mesma resposta [Zedi'mu¯U], demonstrando coerência na construção lexical, como se vê no excerto de sua fala. É intrigante a passagem do [r] inicial ao [Z] de *gedemunho*. Se for considerada a pronúncia atual do r-inicial da região de Alagoas, que, atualmente é uma constritiva sonora glotal, é difícil de imaginar a evolução desta consoante para o [Z], que é uma consoante constritiva sonora pós-alveolar ou palatal. Entretanto, sabemos que a antiga pronúncia do r- inicial na mesma posição, na língua portuguesa, foi uma vibrante apicoalveodental. Assim, um recuo do ponto de articulação em direção ao pós-alveolar, acompanhado, talvez, de uma desarticulação, aproxima-se da realização de um [Z]. Dessa forma, o [Z] em [Zedi'um □] testemunharia uma antiga pronúncia da vibrante.

Não é possível afirmar se esse fenômeno é observável em outras palavras, ou, ao contrário, se seria um caso excepcional.

Ao menos que, hipoteticamente, o primeiro elemento dentro do termo *gedemunho* seria uma influência de outros termos, por exemplo, o verbo *_gear*‘, ou, talvez, o substantivo *_geada*‘. O significado destes dois vocábulos se transferiria à sensação de frio que os ventos trazem: *_ge + demunho*‘, de onde se infere *_frio (vento) do demônio*‘. Entretanto, diante da impossibilidade de afirmar que, realmente, seja essa a motivação, a hipótese resta aberta.

c) a circularidade: tornado e ciclone

Os informantes do ALEAL registraram as designações lexicais *tornado* e *ciclone*. Houaiss (2009) define *tornado* como uma tempestade de grande violência representada por um núcleo em forma de cone no centro e, ao girar, se afunila a partir de um pequeno diâmetro na superfície terrestre. *Ciclone*, no mesmo dicionário, vem como um centro de baixa pressão atmosférica caracterizado pelo movimento intenso de correntes de ar que convergem dos bordos para o centro e se deslocam para fora a alturas mais elevadas da troposfera.

Os dois fenômenos têm como característica a forma circular, conquanto o *tornado* ocorra na superfície da terra e o *ciclone* se produza um pouco mais acima, na troposfera. Outra diferença é o sentido do deslocamento do ar: no *tornado*, há um afunilamento para o centro, e no *ciclone* o ar se espalha de dentro para fora.

Embora não mencionada pelos informantes do ALEAL, mas comum no Português Brasileiro, a designação *turbilhão*, ―massa de ar em forte movimento giratório‖ (HOUAISS, 2009), também é motivada pela ideia da circularidade. A palavra tem origem na língua francesa, ‗*tourbillon*', e essa, por sua vez, remonta a uma formação mais antiga, ‗*torbeil*'. O nome tem base latina ‗*turba,-ae*', donde ‗*turbo*', sobre o qual Ernout e Meillet (2001, p. 708) atestam: ―*désigne toute espèce d''objet animé d''un mouvement rapide et circulaire, ,,tourbillon, trombe, cyclone'' [...], cône*‖[51].

Mesmo no sentido figurado, como em ‗turbilhão da alma', referindo-se a um estado de agitação ou excitação do indivíduo, a ideia da circularidade se mantém.

Pelo fato de as designações *ciclone* e *tornado* terem sido incorporadas à norma padrão recentemente (datadas em 1890 e 1913, respectivamente), os falantes do ALEAL desconhecem a verdadeira dimensão desses fenômenos. Mas, por saberem que são eventos atmosféricos de formas circulares, emprestam esses termos ao mencionar um simples *redemoinho*.

d) correntes de ar: *ventania, vento forte, vendaval*

Os informantes do ALEAL mencionaram mais três designações: *ventania, vento forte* e *vendaval*. A primeira delas, *ventania,* é formada pela unidade lexical *vento* e mais dois

[51] ―Designa toda espécie de objeto animado por um movimento rápido e circular, ‗turbilhão, tromba, ciclone' [...], cone‖. (Tradução da autora)

afixos, *ana* + *ia*, e significa ―*vento forte*, que sopra com ímpeto e continuamente‖ (HOUAISS, 2009). As duas menções, como se vê, são cobertas pela mesma acepção, e, em ambas, a motivação incide sobre a ideia mesma do vento, esse, pensado como corrente de ar.

A designação *vendaval* difere das demais, tanto na forma quanto no conteúdo. Na forma, verificamos que a palavra tem raiz no francês _*vent d''aval*‘, significando, nessa língua, ―vento de baixo, vento da costa‖, por oposição a _*vent d''amont''*, esse, ―vento do nascente, vento do interior‖ (HOUAISS, 2009). Quanto ao conteúdo, em *vendaval* tem-se a motivação relacionada à direção do vento. Todavia, os falantes, ainda que reconheçam a base *vento*, não mais se recordam do motivo por detrás dessa criação lexical.

No português brasileiro há outras designações com alusão à direção do vento, como ocorre em *vendaval*, algumas delas tratadas como regionalismos pelos dicionários de língua portuguesa. Houaiss (2009) apresenta *mata-baiano*, ―vento que, durante o inverno, sopra dos Andes e é prenúncio de geadas‖, apontando-o como regionalismo de Santa Catarina. Subentende-se que, no Brasil, os naturais de regiões quentes são mais afetados pelo vento frio. Entretanto, nada na designação *mata-baiano* indica aos falantes que o vento parte dos Andes e entra em Santa Catarina pelo oeste.

A situação é quase a mesma em *minuano*, ―vento frio, forte e cortante que sopra no Rio Grande do Sul, depois das chuvas de inverno‖ (HOUAISS, 2009). O nome vem de um povo autóctone originário da Patagônia, sudoeste do Rio Grande do Sul, e que fazia incursões nesse Estado. Conhecendo-se a região geográfica onde viveu essa etnia, é possível estabelecer a direção de onde sopra o vento.

Voltando à designação *mata-baiano*, pode ser que houve, quando da formação lexical, alguma indicação acerca do vento dos Andes. Entretanto, como em *vendaval*, _o vento da costa‘, essas motivações se perderam ao longo do tempo.

Nessa análise das respostas dos informantes do ALEAL para a questão do *redemoinho de vento*, penso ter confirmado, primeiramente, a hipótese de que toda criação lexical é motivada na origem. Nesse processo, ela pode passar por um ciclo evolutivo que compreende: a) motivação;

b) perda do conhecimento da motivação (opacidade da designação);

c) caráter arbitrário;

d) re-motivação.

Em segundo lugar, quero ter demonstrado a relevância de uma análise lexical fundamentada nos pressupostos teóricos da análise motivacional, que permitem interpretar a origem de uma designação, quando a pesquisa etimológica não possibilita resultados satisfatórios, situando o referente em relação ao contexto sócio-cultural bem definido e à sua evolução no através do tempo.

Finalmente, a análise da motivação deveria sempre começar, antes de tudo, pela definição do referente, no intuito de conhecer como ele era percebido no universo cultural das sociedades humanas que se sucederam ao longo da história.

2- Motivação para o redemoinho (de água)

> O *redemoinho na água* provoca nos informantes do ALEAL o mesmo estupor que o *redemoinho de vento*. O assombro mostra-se até maior do que este último em função de sua periculosidade – acidentes fatais são registrados nos rios brasileiros todos os anos, e o São Francisco, que divide os estados de Sergipe, Alagoas e uma parte da Bahia, é, particularmente, palco desse evento. Com a nascente na Serra da Canastra, em Minas Gerais, o rio atravessa todo o Estado da Bahia, e, já ao Norte, quebra para a direita onde demarca a divisa com o Sul de Pernambuco, e, nesse ponto, segue separando Sergipe e Alagoas, onde desemboca no município de Piaçabuçu (Ponto número 8 do ALEAL). O relevo dessas unidades da Federação, rochoso e escarpado, modela o curso do São Francisco, cuja correnteza forte propicia a formação de redemoinhos em suas águas.

A percepção da intensidade do fenômeno junto aos informantes se mede pela variedade de designações obtidas, 20 no total. São elas, em ordem de frequência:

1 – redemunho

2 – panela

3 – bacia

4 – redemoinho

5 – outros (com apenas uma ocorrência cada uma): *barreiro, negro d"água, rebojo, remanso, areia gorda, perau, caldeirão, porão, vulcão, mareta, gedemunho na água, tornado na água, uma força que puxa, a maré puxa*. A variante *correnteza* recebeu três menções; *cacimba* e *porão* vêm em seguida, com dois registros cada uma. Os dados são apresentados aqui em dois planos: no primeiro estão agrupadas as designações do gênero descritivo, aquelas cuja motivação é aparente, caracterizadas, principalmente, pelas impressões visuais. No segundo grupo, são analisadas as variantes cuja motivação

opacificou-se com o passar do tempo, sendo necessário remontar no tempo para que se possa chegar até a motivação.

Vejamos, em primeiro lugar, a designações com motivação aparente.

a) configuração exterior: *panela, bacia, caldeirão, cacimba, perau, porão, barreiro.* Nessa última designação, releva-se a matéria sólida, ou seja, as partículas de areia que são revolvidas do leito do rio e imprimem força ao turbilhão dentro da água. Em *panela, bacia, caldeirão, cacimba*, a motivação está ligada ao aspecto físico do turbilhão na água: circular. Em relação a *cacimba*, a variante, do quimbundo *kixima,* poço, também refere-se à estrutura arrendodada do fenômeno em questão. Sobre *porão,* pode-se inferir que trata-se de uma alusão ao fundo do rio, um local submerso e escuro, o que, por analogia, pode explicar a motivação desta palavra. A variante *perau,* de base tupi, é definida em Houaiss como lugar íngreme, escarpado, precipício.

Etimologicamente, siginfica ―a parte mais funda do mar ou do rio‖.

b) empréstimos advindos de outros eventos naturais: *tornado, vulcão, gedemunho*. Nesas três variantes são evocados fenômenos de outra natureza, e que, para os informantes, podem ser aplicadas ao evento na água. A designação *gedemunho* está contida na análise sobre o *redemoinho de vento*.

c) variantes cuja motivação está ligada ao movimento: *correnteza, rebojo* e *remanso,* ambas são definidas como um movimento em rotação espiralado das águas. Interesse observar que a variante *rebojo* foi registrada no Ponto 7 – Penedo, por um informante da segunda faixa etária, pescador de profissão. Já *remanso* ocorreu no Ponto 6 – Traipu, tendo sido documentada por um informante HGI. Note-se que essa localidde está situada às margens do São Francisco, particularmente afetado por turbilhões em suas águas. Os sintagmas a *maré que puxa* e *uma força que puxa* remetem igualmente ao movimento brusco formado na água. A variante *mareta* refere-se a uma onda de baixa amplitude.

d) restam duas variantes: *areia gorda* e *negro d''água,* as duas com motivação opaca. No Ponto 6 – Traipu, uma informante MGI registrou areia gorda, e inquirida sobre o motivo da palavra ser chamada como tal, disse ignorá-lo. No dicionário Aulete Digital, *areia gorda* é sinônimo para o inferno. Na abonação, o dicionário define como uma forma de esconjuro: ―vai-te para as *areias gordas*‖. Como não há maiores indicações sobre o fato de o nome remeter ao inferno, pode-se dizer que a motivação opacificou-se. Entretanto, a associação entre o turbilhão na água, a *areia gorda* e o inferno, possivelmente seja um indício de crenças próprias das religiões monoteístas: a ideia do inferno está ligada a essas manifestações religiosas.

O *negro d"água* parece ser mais complexo, evoca a figura de uma entidade fantástica que vive nas profundezas do rio São Francisco. Sua aparência, assustadora em função da grande estatura e de um único olho no meio da testa, assusta os pescadores. O olho do *negro d"água*, também conhecido por *caboclo d"água*, remete aos ciclopes da mitologia grega. Na figura abaixo, uma escultura do negro d'água pousada sobre uma pedra em um trecho do rio São Francisco.

Figura 9 – Escultura do negro d'água no Rio São Fancisco. Fonte: https://www.codevasf.gov.br/

Os pescadores do São Francisco, para aplacar a fúria do *negro d"água*, pintam estrelas e nuances de céu azul no casco de suas embarcações. Quando saem para a pescaria levam cachaça e fumo de corda, por acreditarem que essa criatura aprecie as oferendas. Enfurecido, o ser das águas sopra turbilhões e arrasta para o leito do rio embarcações, pessoas e tudo o que estiver flutuando à flor d'água. Acerca das ofertas dos pescadores ao *negro d"água*, nas religiões animistas africanas, em particular as que vieram com os escravos para o Brasil, é comum que se apresente às divindades um litro de aguardente. Também é conhecida e subsiste na cultura brasileira a figura do *Preto Velho*, um ancião africano dotado de grade sabedoria. Os escravos africanos praticavam o candomblé, uma religião animista originária de uma região que compreende, atualmente, a Nigéria e Benin. Os escravos continuaram a praticá-la nas senzalas, ao abrigo do olhar de seus senhores. Nos cultos, ―sacerdotes e adeptos encenam, em cerimônias públicas e privadas, uma convivência com forças da natureza e ancestrais‖ (HOUAISS, 2009). A crença no *negro d"água* pode, também, ter sido constituída a partir de fragmentos da umbanda, que, no Houaiss (2009), é definida como religião com origem no Rio de Janeiro, ―entre o fim do século XIX e o início do século XX, que originalmente congeminava elementos espíritas e bantos, estes já plasmados sobre elementos jeje-iorubas‖. Não é impossível que a umbanda, que mescla influência de cultos indígenas, cristãos, esotéricos

e cabalísticos, tenha imputado alguma influência na figura do *negro d"água* do São Francisco.

Isso posto, de todas as variantes registradas pelos informantes do ALEAL, a motivação de origem de duas delas: *areia gorda* e *negro d"água* são opacas. A primeira pode ter surgido no seio da religião monoteísta cristã, e a segunda conserva elementos cuja base parece estar em religiões animistas africanas.

3- Motivação para a libélula

Frequentadora de espelhos d'água, brejos e outras áreas alagadiças, a libélula é um inseto curioso. Segundo Houaiss (2009), do ponto de vista morfológico, ela pertence à ordem dos *odonatos,* sendo facilmente reconhecível pelo abdome longo e estreito, pelas quatro asas alongadas, transparentes e providas de rica nervação. São carnívoros em todas as fases vitais, alimentando-se de insetos e outros organismos. Por trás da aparência diáfana está uma caçadora extremamente hábil e voraz. Em sua busca por alimento, constituído de insetos voadores e larvas, ela executa verdadeiras acrobacias aéreas, pairando sobre a superfície aquática no intuito de capturar suas presas. Essa característica peculiar de adejar sobre a flor d'água num voo aparentemente desordenado está na base semântica da maior parte das variantes lexicais para a libélula, como demonstraremos mais adiante.

A unidade lexical libélula é tida como padrão em todos os dicionários de língua portuguesa. No entanto, essa designação é tardia, tendo aparecido somente em 1889, a partir do nome científico *libellula*– diminutivo do latim científico *libella,ae*– com sentido de prumo, nível. Não se pode excluir, entretanto, a hipótese de que a forma *libella* seja de origem fonossimbólica, com um proto-lexema */leb-* que parece aparentado à *lip- / lep-* ou à *pil- / pel- / pal-* cujo redobro traduz o bater das asas do inseto (mesmo caso da designação borboleta, em que as sílabas repetidas evocam o abrir e fechar incessante de suas asas)

> O fato de a designação padrão ser relativamente recente não quer dizer que o inseto era desconhecido e, muito menos, que os falantes não o nomeassem cada um à sua maneira[52]. Nos países de língua românica, salvo em certas zonas geográficas, como, por exemplo, na Sicília, onde predomina o clima seco, e em alguns trechos da região alpina, onde o degelo das neves não permite que a água

[52] Sinônimos/variantes no Português Brasileiro: aviãozinho, cabra-cega, calunga, cambito, canzil, catarina, cavalinho-de-judeu, cavalinho-do-diabo, cavalo-judeu, chupeta, donzelinha, fura-olho, furaterra, helicóptero, jaçanã, jacina, jacinta, lava-bunda, lava-cu, lavadeira, lavandeira, libelinha,

se acumule, a libélula sempre foi bem conhecida pelos falantes. As designações lexicais, como se verá a seguir, levam em conta as características físicas e o comportamento desse inseto. Sobre a analogia do nome libélula com uma ferramenta, nesse caso, o prumo, Hoyer, em artigo do Atlas Linguistique Roman (AliR, 2001), explica que o termo libélula surgiu após a inserção do inseto no rol de nomes científicos, fato registrado no século XVI. O biólogo a quem se atribui a descrição científica latina considerou que a anatomia do corpo do inseto, bem como seu voo plano, lembravam um prumo, daí o nome *libella,ae,* como explana Hoyer (2001,) no excerto que se segue.

« Les scientifiques ont choisi le mot latin LIBELLA _petite balance‘, diminutif de LIBRA _balance‘. Le mot LIBELLA désignait aussi en latin un petit outil permettant de vérifier l‘horizontalité des objets : triangle isocèle dont la hauteur était un fil à plomb qui, si l‘objet vérifié était horizontal, devait arriver au milieu de la base. Le *Dictionnaire étymologique de la langue français* donne à LIBELLA utilisé par les scientifiques au XVIII[e] siècle, le sens de _niveau‘, en ajoutant _ce nom a été crée par allusion au vol plané de la libellula‘. Niveau ou balance horizontale ? Le débat risque d‘être vain. L‘important est de savoir que le mot LIBELLA a d‘abord été utilisé au XVI [e] siècle, par G. Rondelet pour désigner une larve aquatique qui lui paraissait ressembler au poisson-marteau. Après avoir compris que ces larves étaient celles de la libellule, les scientifiques du XVIII[e] siècle ont adopté son nom pour l‘insecte adultes» [59]

No Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL), a pergunta de número 69 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) buscava designações para o já citado inseto. Os semas apresentados aos informantes seguem o modelo do ALiB (2014): *"... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate , parte traseira na água?"*

À questão apresentada sobrevieram três designações: *cachimbal, lava-cu, ziguezigue*, além de duas respostas isoladas – *lava-bunda e helicóptero*. Somente uma

macaquinho-de-bambá, odonato, olho-de-peixe, papa-fumo, papa-vento, pito, tangerina, zabumba, zigue-zague, zigue-zigue. (HOUAIS, 2009)

59 Os cientistas escolheram o nome latino LIBELLA _pequena balança‘, diminutivo de LIBRA _balança‘. O nome LIBELLA designava também em latim uma pequena ferramenta utilizada para se verificar a horizontalidade dos objetos: triângulo isóscele cuja altura era um fio de chumbo que, se o objeto fosse horizontal, devia chegar ao meio de base. O Dicionário Etimológico da Língua Francesa, de BlochWartburg dá ao termo LIBELLA utilizado pelos cientistas do século XVIII um senso de nível, visto que foi criado por alusão ao voo plano da libélula. Nível ou balança horizontal? O debate corre o risco de ser vão. O importante é saber que o nome LIBELLA foi empregado antes de tudo no século XVI, por G. Rondelet, para designar uma larva aquática que parecia-lhe semelhante ao peixe martelo. Depois de ter entendido que as larvas eram da libélula, os cientistas do século XVIII adotaram o nome para o inseto adulto. (Tradução da autora)

informante em Alagoas citou a designação padrão dada pelos dicionários: uma mulher 930 a 50 anos), no Ponto 2 – Canapi, disse que leu num livro que o ―nome certo é libélula‖, apesar de muitos dizerem lava-cu.

A motivação para a primeira variante – *lava-cu* – aquela que parece mais evidente, mesmo se ela não foi a mais frequente entre os nossos informantes, faz alusão à água. Isso se explica pelo fato de o inseto ter seu habitat em locais onde há água estagnada e limpa, como margens de riachos, espelhos d'água e brejos. Essas condições físicas e geográficas são propícias à proliferação de uma grande quantidade de insetos, larvas e mesmo girinos, dos quais se alimenta a libélula, invariavelmente muito voraz, podendo chegar a ingerir num só dia até ¼ de seu peso.

A motivação referente ao tema da água está, portanto, na origem da forma *lavacu*, uma das designações mais frequentes em Alagoas, e remete à imagem que tem-se da libélula planando sobre a superfície aquática até molhar a parte traseira de seu corpo. No Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (2014), essa forma foi registrada somente em Aracaju. O ALiR (2001, p. 281-317) descreve a designação *lava-cu* no domínio dialetal da Galícia e na Itália Setentrional. Formas próximas foram registradas no domínio espanhol (*molha-cu*), no occitano (*encharca-cu*). Essa representação explica outras denominações registradas pelo ALiB em algumas capitais brasileiras,sendo elas: *batebunda* (Campo Grande e Goiânia), *lava-bunda* (Vitória, Curitiba, Campo Grande e Goiânia) e *lavadeira* (Porto Velho), por ordem de frequência. Em relação ao item *lavadeira*, entendo que nele subsiste uma motivação antropomórfica, no sentido de representar a mulher que se dirige ao rio para lavar roupa. Sobre essa analogia, vale lembrar que ainda é realidade corriqueira a presença de lavadeiras sobre lajedos de rios, em particular, no rio São Francisco, que atravessa uma parte de Minas Gerais, Bahia e demarca a divisa dos estados de Sergipe e Alagoas.

No que tange à forma *bate-bunda*, a despeito da inferência acerca do inseto tocando a água com o corpo, sustentamos que se trata antes de um movimento rápido, e não da lavagem do corpo em si. Conseguimos compreender a motivação, ainda que o verbo _bater' distinga-se do verbo _lavar', esse, diretamente relacionado com a água. Essa unidade lexical evoca a designação *bate-cu*, encontrada na zona de dialeto português (HOYER, 2001, p. 281-317).

A segunda motivação semântica remete às características do voo da libélula. O fato de esse inseto conseguir realizar um voo estacionário está na origem da designação *helicóptero,* que aparece no ALiB (2014), em ordem decrescente, nas seguintes capitais: Goiânia, Curitiba, Florianópolis, Rio Branco, Campo Grande, São Paulo e Natal. Segundo dados do ALiR (2001), a variante *helicóptero* aparece no domínio espanhol, ao lado de *avião*, corrente nos dialetos português, galego e espanhol, *aeroplano d''água* (romeno), seguido da forma diminutiva *aviãzinho* (espanhol), e mesmo *aviador*, no dialeto português.

O voo da *libélula*, que aos olhos dos informantes pode parecer improvisado, mas que, na realidade é favorecido pela visão de 360 graus que o inseto tem das presas, justifica a designação *ziguezigue* registrada pelos informantes do ALEAL: a motivação fonossimbólica de natureza acústica traduz o movimento rápido e irregular de seu voo. Essa unidade lexical é característica da maior parte das capitais do Nordeste. Em ordem decrescente de frequência, ela aparece em Natal, João Pessoa, Maceió, Recife, Aracaju e Fortaleza.

No que diz respeito à designação *cachimbal*, predominante nos inquéritos do ALEAL, não se pode apontar até o presente a motivação que a recobre. Ao comparar essa ocorrência com os dados do ALiB (2014), verifica-se que, além de Alagoas, essa variante lexical é comum em Sergipe, ambos estados da região Nordeste do Brasil. Acerca da variante *cachimbal*, pode-se entabular ao menos duas hipóteses, considerando que esse termo, não dicionarizado, poderia se tratar de duas palavras reunidas – cachimbo e berimbau. A primeira das hipóteses adentra o campo anatômico: o corpo fino e comprido, a cabeça desproporcional e olhos proeminentes da libélula assemelharse-iam a um cachimbo, objeto consistindo de um tubo delgado que tem numa das extremidades um recipiente arredondado e oco (local onde se coloca o tabaco). Pode-se cogitar também que existiria alguma semelhança entre o corpo da *libélula* e a estrutura do *berimbau*, construído a partir de um arco fino e longo de madeira, e retesado por um fio de arame e uma meia cabaça na extremidade. Já a segunda hipótese envereda-se pelo âmbito acústico, ou seja, pelo som que o inseto emite durante o voo, vibrante e ressonante, tal qual o instrumento musical citado. A título de curiosidade, tanto o vocábulo cachimbo, cuja datação é de 1680, quanto o berimbau, datado de 1536, não têm origem ainda comprovadas, considerando-se, contudo, como sendo advindas do quimbundo.

Cabe agora tratar de algumas variantes lexicais presentes no ALiB, notadamente, a que obteve o maior número de registros nas capitais de estados da região Norte do Brasil:

jacinta. No Houaiss (2019), o vocábulo é apresentado como um regionalismo da Amazônia, variante de *libélula*. A etimologia da palavra, segundo o dicionário, é obscura. Em Boa Vista, Manaus, Macapá, Porto Velho e Belém, *jacinta* aparece com um percentual de respostas em torno de 70 e 85%, com exceção de Rio Branco, com menos de 15% de registros. Inquiridos sobre a razão do nome *jacinta* para o inseto em questão, os informantes não souberam explicar a motivação. Nas notas que constam do ALiB (2014, Carta L12a), alguns informadores, especialmente aqueles de nível de escolaridade fundamental, comentaram que a designação *jacinta* é corrente na comunidade, desconhecendo a existência de uma eventual forma padrão. No entanto, os informantes com nível de escolaridade superior, disseram saber diferenciar as duas variantes – *libélula* e *jacinta* – e que as empregam conforme a categoria escolar de seu interlocutor e o contexto comunicativo. Ainda mencionando o ALIB, sobre a motivação ou origem do nome *jacinta*, um informante de Manaus disse que, provavelmente, tratase de uma palavra indígena. Talvez, o informante tenha feito menção à ―teogonia dos indígenas de língua tupi – jaci – a Lua, mãe dos vegetais‖ (HOUAISS, 2009). Esse dicionário traz o verbete jacina, atribuindo-lhe a etimologia no tupi, derivado de ―*ya'sina*, inseto da ordem dos odonatos, espécie de libélula, também conhecida como lavadeira‖. A considerar-se essa correlação, não seria de todo inadequado conceber que *jacinta* seria uma variante de *jacina*. Como não tenho conhecimento de nenhuma referência científica categórica sobre a designação exposta, pretendo que a motivação pode estar intimamente relacionada à configuração geográfica ou histórica da região amazônica, visto que não há registro dessa variante em outros pontos do Brasil.

Retomando a Hoyer (2011), os falantes, diante da não existência de uma referência pontual quando do ato de nomear seres e coisas, recorrem a nomes de personagens humanos. Com efeito, o ALiB, capitais na região Nordeste,inscreveu duas variantes que se inserem nessa proposição. Em Fortaleza, a variante *mané-magro* obteve cerca de 60% das respostas entre os informantes da capital cearense. O nome próprio *Manuel* é empregado de maneira genérica para designar o inseto, e o adjetivo *magro* denota-lhe a silhueta fina. Em suas notas (Carta L 12ª), o ALiB assinala que essa designação predomina na fala dos menos escolarizados. Já em Teresina, aproximadamente 90% dos informantes responderam *catirina*. Segundo o Houaiss

(2019), *catirina* é um regionalismo brasileiro, definido como a ―personagem feminina de maior destaque no bumba meu boi, caracterizada por temperamento alegre e brincalhão‖. *Catirina*, de acordo com o dicionário, é uma variação fonética do

antropônimo *Catarina*. Nas mesmas notas do ALiB, lê-se que *catirina* aparece somente na capital piauiense, e que apenas uma informante do sexo feminino mencionou a forma padrão *libélula*. No âmbito das línguas românicas, mais especificamente, no espanhol, o ALiR (Hoyer, 2001, p. 305) traz o registro *Maria* para a *libélula*, confirmando essa via de pensamento dos falantes. Ainda segundo o ALiR (Hoyer, 2001, p. 281), o caso da *libélula*, cuja forma padrão é tardia e causou o que é chamado, no artigo, de ―vazio lexical‖, demonstra que os falantes tendem a recorrer a nomes de outros animais. No âmbito do léxico românico, há no ALiR (2001) 28 animais referindo-se ao inseto libélula, entre eles, o ―*moineau, la mouche, le moustique, le papillon*‖[53]. O ALiB apresenta igualmente alguns nomes de animais pelos quais os informantes nomeiam a *libélula*. Em São Luís, cerca de 85% dos informantes citaram macaco, variante que nos parece bastante peculiar. Como entender a motivação por detrás dessa unidade lexical? Num exercício forçosamente imaginativo, considero que os falantes façam um paralelo entre os movimentos ágeis do *macaco* e a rapidez e habilidade do voo da *libélula*, todavia, não disponho de nenhum subsídio que confirme essa proposição.

Outro exemplo da inovação lexical dos falantes diz respeito à denominação *besouro*, citada por mais da metade dos informantes de Florianópolis, a única capital a mencionar essa variante para a *libélula*. Inquiridos sobre os fundamentos para se ver no *besouro*, cuja anatomia, compacta e quase sempre de cores escuras, em nada lembrando a libélula, esbelta e praticamente translúcida, os falantes não souberam apresentar uma explicação satisfatória. Diante da falta de indício, pergunto-me se eles não perceberiam no voo irregular do *besouro* alguma parecença com o da *libélula*. Aqui também carece materialidade científica para atestar essa hipótese.

Já em outra denominação – *cigarra* – que em Porto Alegre chegou a obter aproximadamente 70% das respostas, bem como em São Paulo, com 20%, parece-nos mais plausível estabelecer uma linha colateral entre os dois insetos. O voo da *libélula* é acompanhado por um som característico, que aos ouvidos dos falantes se equipararia à cantoria entoada pelas cigarras, ainda que essas não voem com a mesma maestria. Duas designações – *olho-de-peixe* e *assa-peixe* – mencionadas apenas pelos informantes em Cuiabá, exigem um olhar mais apurado para se chegar à motivação. Ambas as unidades lexicais obtiveram 50% de registros, sendo as únicas inscritas no ALiB (2014). É sabido

[53] Pardal, mosca, mosquito, borboleta.

que a *libélula* possui olhos grandes e salientes, providos de uma complexa rede de nervos, permitindo-lhe espreitar num ângulo completo, outros insetos que irão constituir sua alimentação. Os peixes, normalmente, também são dotados de olhos bojudos. Outra característica que, em tese, poderia explicar as designações referentes aos peixes talvez venha do fator movimento: com a mesma facilidade que a *libélula* se desloca no ar, o peixe também se move na água, seu habitat natural. Diante de tal cenário, convém não categorizar que o empréstimo seja devido a essa ou aquela possibilidade. Entretanto, por ser a forma *olho-de-peixe* bastante explícita, pondero que os falantes estabeleceriam ligação entre os olhos da libélula e do peixe. Essa probabilidade encontra sustentação em Hoyer (2011, p. 286), que traz a designação dácio-romena *olho-de-boi*. Segundo a autora, os falantes utilizam esse termo respaldados pela analogia biológica entre os grandes globos oculares dos bovinos e os olhos igualmente avantajados da libélula. Seja essa proposição provida de senso ou não, é certo que o verbete *olho-de-peixe* está inscrito no Houaiss, que o define como um regionalismo de Mato Grosso, sendo uma variante de libélula. Já o item *assa-peixe* afigura-se nos incerto. Porém, Hoyer (2001) observa que algumas atribuições dadas à *libélula*, ainda que de cunho especulativo, podem ser explicadas por algumas crendices populares que vigoram em torno do inseto. A autora explica que, em muitas comunidades românicas, a *libélula* é tida como um animal perigoso. Na França, na região lionesa, propaga-se que o inseto cuspiria ou urinaria um líquido capaz de cegar os olhos de incautos. Na Suíça, às crianças irrequietas são advertidas: uma grande *libélula* viria costurar os lábios das mais buliçosas. De natureza educativa ou instrutiva, tais crenças compõem o léxico cotidiano dos temores humanos em face dessa pequena criatura alada. Enredadas de maneira incisiva para não deixar dúvidas quanto ao poder desse inseto, os termos são sempre precedidos de um verbo. Os malefícios do inseto não se restringiriam ao homem, estendendo-se também a outros animais: *pica-porco*, no português europeu, e *mata-mariposas*, no espaço espanhol, são exemplos em que se apoia o HOYER (2001, p. 287). Com base nessas assertivas, encontramos coerência na forma cuiabana *assa-peixe.*

Dentre todos os animais equiparados à *libélula*, o *cavalo* é um dos mais lembrados. O cotejamento não deixa de ser razoável se admitirmos que os equinos sejam animais conhecidos pela velocidade e execução de movimentos leves e graciosos. No ALiB, a unidade lexical *cavalo* foi lembrada por 50% dos informantes de Salvador, recorrência a ser efetivamente relevada. Nas demais variantes das línguas românicas, especificamente,

no espaço espanhol, catalão e italiano setentrional, a forma *cavalo* aparece como usual. Fazendo jus ao imaginário popular, as formas *cavalo-de-Deus*

(sardo) e *cavalo-do-diabo*, frequente no espaço português, galego, espanhol, catalão, sardo e dácio-romeno (ALiR, 2001, p. 294) demarcam o eterno embate entre o bem e o mal. No ALiB, a designação *cavalo-do-cão* foi assinalada por cerca de 15% dos informantes em Recife, reforçando a crença em torno dos atributos maléficos da *libélula*. Seguindo essa linha de pensamento, algumas línguas românicas fazem emprego frequente do vocábulo *cavalo*[54] a serviço de alguma entidade sobrenatural, no caso, *cavalinho-das-bruxas*, designação com registros no português europeu, no catalão e italiano meridional (ALiR, 2001, p. 295).

Sobre a designação padrão *libélula*, os dados do ALiB (2014), dão conta de uma produtividade de 100% entre os informantes de Belo Horizonte, caso único entre todas as capitais brasileiras. Na capital paulista, 55% citaram essa resposta, seguido do Rio de Janeiro, com 50% das menções, 40% em Curitiba e 35% em Goiânia.

As designações para a *libélula* aqui apresentadas denotam um livre exercício de criatividade dos falantes de variedades românicas. Partindo dos dados coletados para o ALEAL, os informantes, predominantemente de baixa escolaridade, não conhecem ou não se lembraram da designação tida como padrão, tanto no português europeu quanto no português brasileiro. Nesse sentido, as formas *cachimbau*, *ziguezigue* e *lava-cu*, registradas no Estado de Alagoas e em quase todas as capitais nordestinas, são motivadas por uma associação das especificidades do inseto – aspectos anatômicos, voo e comportamento – com seu todo.

Ainda que paire incertezas sobre as motivações que revestem muitas das designações ora explanadas, como as unidades lexicais *jacinta* e *olho-de-peixe*, só para citar algumas, consideramos que não se pode descartá-las sob um pretenso zelo à língua padrão, pois são os dialetos os grandes responsáveis pela riqueza do léxico de qualquer língua.

Quaisquer que sejam as motivações na origem das criações citadas, não seria o caso, na análise motivacional das variantes, de buscar semelhanças entre animais tão distintos como o *cavalo* e *libélula*, por exemplo. O que pode ser mais diferente do que uma *joaninha* e uma *vaca*? Ainda assim, este mamífero forma designações para o inseto no

[54] O cavalo, não apenas no caso das variantes para a libélula, compõe outras designações lexicais no espaço românico. Este animal, cercado de misticismo, manifesta-se em contos de fada, em criaturas sobrenaturais como, na mitologia grega, o Centauro, criatura com rosto, torso e braços de homem, garupa e pernas de cavalo, e Pégaso, o cavalo alado.

espaço europeu. Na pesquisa para se chegar à motivação, portanto, não deve ser centrada sincronicamente: os motivos podem estar em camadas anteriores, sendo, portanto, necessário remontar na história. Lembremos de exemplos de alguns animais considerados sagrados, ligados a ritos religiosos ou pagãos, como o escaravelho egípcio e o crocodilo, e a própria *Mustela*, cuja análise consta da apresentação geral sobre a motivação.

O emprego de antropomorfismos, de zoomorfismo, as relações de parentesco entre animais e homens, não apenas no âmbito românico, mas em todos os domínios lexicais, são resquícios do totemismo, de tabus ancestrais que repousam em camadas profundas da história humana.

4 - Motivação para o mosquito

No ALEAL, a QSL 072 inquiriu sobre o nome daquele ―inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas durante a noite?‖. A questão trata de insetos definidos como dípteros, notadamente, os hematófagos da família dos culicídeos, que, em países de clima tropical como o Brasil, são vetores de inúmeras doenças. O Houaiss (2009) traz diversas variantes para o inseto: *bicuda, carapaná, carapanã, fincão, fincudo, meruçoca, moroçoca, mosquito-pernilongo, muriçoca, muruçoca, perereca, pernilongo, sovela*.

Os informantes do ALEAL apresentaram essas variantes: *muriçoca, mosquito, pernilongo, muruanha, maruim, carapanã*. Houve também um único registro para *mosca*.

Observemos em primeiro lugar as designações com motivação aparente: *pernilongo* (*perna* + *longo*), refere-se aos aspectos físicos, à morfologia do inseto. Também insere-se aí a variante *mosquito* (*mosca* + *-ito*, sufixo formador de diminutivos). O nome *mosca* (*Musca*), ainda que não seja um inseto hematófogo como o tratado na QSL 072, remete a um termo genérico.

Quanto à distribuição diatópica da variante *mosquito*, ela é exclusiva dos pontos 6 (Traipu), 9 (Coruripe), 15 (Pilar) e 21 (Maragogi), tendo sido mencionada por informantes dos dois sexos. É majoritária nos pontos 7 (Penedo), 14 (São Miguel dos Campos), 16 (Marechal Deodoro) e 19 (São Luís do Quitunde). A distribuição diassexual é equilibrada.

A designação *muriçoca* tem base tupi – ―*mberu'soka*, nome composto por *mbe'ru* 'mosca' e *'soka'* ―que quebra, que parte, que fura‖ (HOUAISS, 2009). Nesta variante, a motivação conserva-se em sua transparência, pois na língua indígena se considera o comportamento do inseto, que perfura a pele do indivíduo para sugar-lhe o sangue. A

despeito de o nome ter conservado a motivação em sua essência, é muito pouco provável que os informantes conheçam a etimologia e, por conseguinte, a motivação.

A designação *muriçoca*, diatopicamente, está assim distribuída: pontos 3 (Santana do Ipanema), 4 (Piranhas), 5 (Pão de Açúcar), 11 (Palmeira dos índios), 12 (Quebrangulo) e 13 (Limoeiro do Anadia). Foi informada ainda nos pontos 1 (Delmiro Gouveia), 7 (Penedo), 14 (São Miguel dos Campos), 16 (Marechal Deodoro), 17 (Maceió), 18 (União dos Palmares), e 20 (Porto Calvo).

A variante *muruanha* foi registrada somente no Ponto 1 – Delmiro Gouveia (HGI). Nos dicionários, esta variante é reenviada a uma segunda: *beruanha*, nome tupi ―*mberu¨ãya*‖. Em se considerando as definições para *beruanha* em Houaiss e Aulete Digital, não se trata do mesmo inseto inquirido na QFF 072: *muruanha* é uma mosca hematófaga. Sendo uma mosca, difere morfologicamente do ―inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas durante a noite‖, como perguntado no ALEAL.

Uma segunda variante, *maruim*, foi a única resposta fornecida pela informante MGII no Ponto 17 – Maceió. Com origem etimológica no tupi, *maruim*: ―*mberu'wi*, de *mbe'ru* 'mosca' + *'(w)i* 'pequeno'‖, está assim definida no HOAUISS, 2009):

> Designação comum a diversos mosquitos da fam. dos ceratopogonídeos, de até 2 mm de comprimento, cuja ocorrência no Brasil está associada aos manguezais; as fêmeas são hematófagas e transmissoras da filariose ao homem e aos animais domésticos por meio de picadas dolorosas.

À primeira vista, pode-se concluir que a informante teria se equivocado ou não ter compreendido a questão, uma vez que a variante *maruim* designa, segundo o dicionário, outra espécie de inseto. Do ponto de vista da motivação, a informante não se enganou: o emprego de zoônimos no ato de designar é corrente: como já dito, somente para a *libélula*, o ALiR (2001) registrou 28 nomes de outros animais.

O mesmo dicionário Houais traz inúmeras variantes para *maruim: bembé, catuqui, catuquim, marigui, maringuim, maruí, maruizinho, meruí, meruim, miruí, miruim, mosquitinho-do-mangue, mosquito-do-mangue, mosquito-palha, mosquitopólvora, muruí, muruim, pólvora*.

A designação *maringouin* □ □□□□□□ □ □□□□□□ variante fonética de *maruim*, também foi registrada no *Atlas Linguistique et Ethnographique de la Normandie*, carta 652

(COUSIN/MOUSTIQUE): ―*maringouin*‖, como pode-se ver no excerto da carta que se segue:

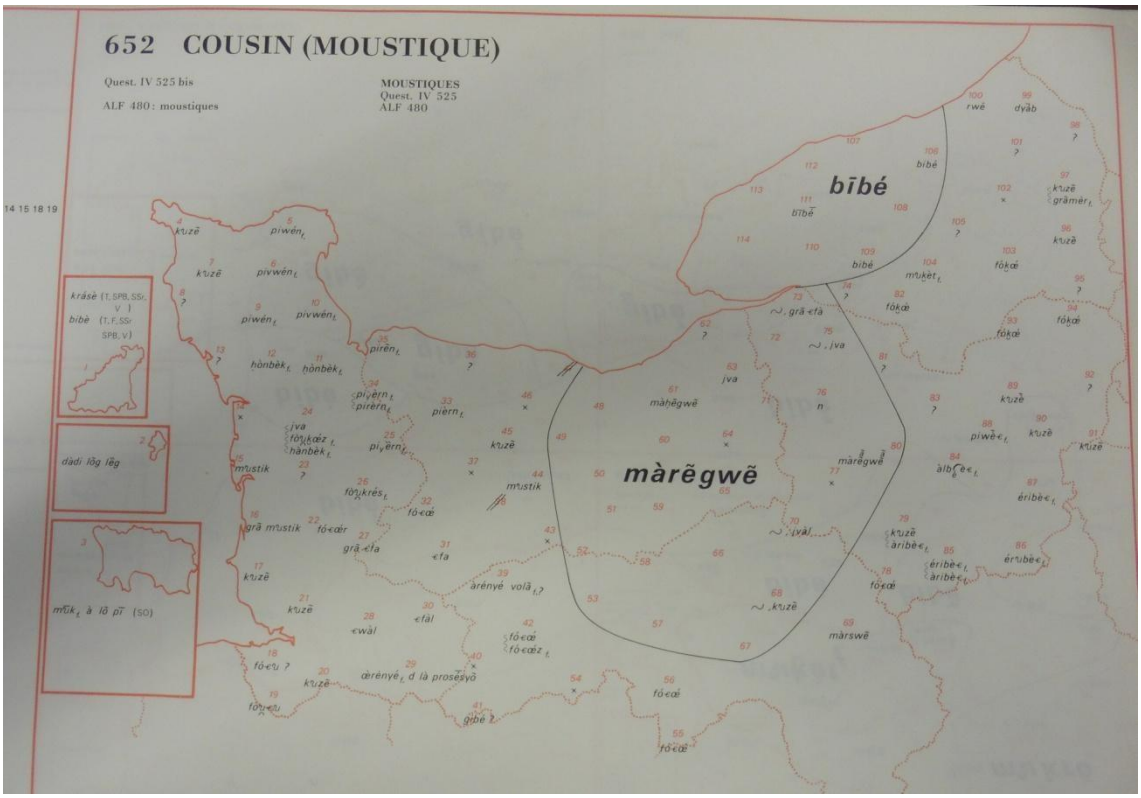


Figura 10: Recorte da carta 652 – *cousin* (*moustique*), do Atlas Linguistique de la Normandie

A forma *marouinguin* suscitou interesse de Du Bois e Travers (1856), em obra sobre o dialeto normando. No Atlas Linguistique des Petites Antilles (ALPA), os autores, Le Dû e Brun-Trigaud (2011), além da variante *marouinguoin*, assinalaram a presença da variante *bembé*, provavelmente originária do *nheengatu* (como é denominada a língua geral amazônica). *Bembé* foi registrada no ALF (Carte 877 – MOUCHERON[55] - correspondente, em português, para *mosquito*). A lexia aparece na costa oeste da França. Na **Figura 11** podem ser constatados os registros das variedades fonéticas para *bembé* no ALF.

[55] Marie-Rose Simoni-Aurembou (2011) discute as variantes para *moucheron* em artigo no ALiR.

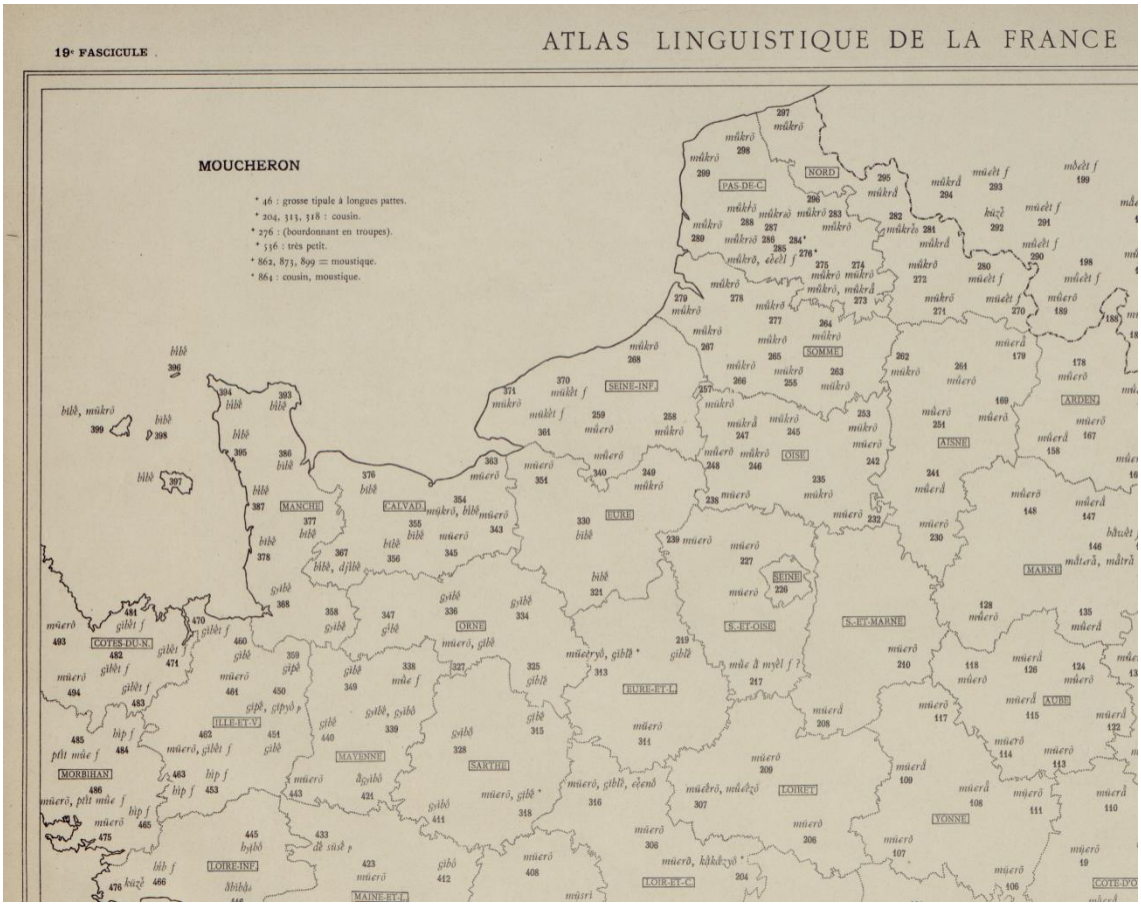


Figura 11 – Recorte da carta 877 – *moucheron*, do Atlas Linguistique de la France

A variante *carapanã*, documentada no Ponto 19 – São Luís do Quitunde (MGI), tem, como as precedentes, origem no tupi: *karapa¨nã*.

Considerando todas as unidades lexicais registradas pelo ALEAL: *muriçoca, mosquito, pernilongo, muruanha, maruim, carapanã*, apenas duas delas têm base latina (*mosquito* e *pernilongo*), as demais são nomes indígenas. A motivação, em ambos os dois grupos, tupi e latino, é transparente, remetendo ao aspecto morfológico do inseto, bem como ao seu comportamento: mosca pequena, de pernas longas, e que fura (a pele).

5- Motivação para o gambá

No ALEAL, a QSL 062 inquiriu os informantes sobre o nome do ―*bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*‖. As ocorrências obtidas foram: *gambá, cassaco, cambambá, saruê e picaca.*

A variante mais produtiva – *gambá*, com mais de 50% das respostas – segundo o dicionário Houaiss, é de origem tupi, e designa o animal que possui ―seio oco‖. *Gambás* são marsupiais do gênero Didelphis, chegam a medir até 50 cm de comprimento, possuem

cauda preênsil, longa e quase inteiramente nua, com a parte distal branca, pelagem cinza, preta ou avermelhada; as fêmeas têm marsúpio bem desenvolvido.

A motivação lexical para *gambá* é transparente, diz respeito à morfologia do animal. No ato de se nomear, uma de suas características proeminentes, que é o odor exalado, não foi considerada, e sim o fato de carregar o filhote no ―*seio oco*‖, a bolsa marsupial. A pergunta do QSL 062 propôs os semas ―*mau cheiro ao se sentir ameaçado*‖, mas em tupi não foi esse o motivo que levou ao nome a ser tal como ele é.

A segunda designação produzida pelos informantes do ALEAL, *cassaco*, uma variante para *gamb*á, no dicionário consultado, é de origem banta, mas acerca das línguas africanas os estudos são pouco divulgados em língua portuguesa e em línguas românicas em geral, o que limita a pesquisa etimológica e, por conseguinte, o desvelar da motivação.

A terceira designação lexical fornecida pelos informantes do ALEAL, *cambambá*, não está dicionarizada, e nem aparece como variante para *gambá*. A palavra parece mais uma variante fonética de *gambá.*

Quanto ao terceiro item lexical, *saruê*, Houaiss (2009) e Aulete Digital o definem como variante de *sariguê*, também do tupi: *sari¨guê*. Ambos são variantes para *gambá*, mas não há elementos etimológicos que indiquem se essa designação tem em conta a morfologia, o comportamento, as cores ou qualquer outra característica para o marsupial. Uma terceira variante, *picaca*, parece ser alteração fonética de *ticaca*, essa, sim, dicionarizada, apresentada em Houaiss como variante lexical para o *gambá*. *Ticaca*, no dicionário, remete a *maritacaca*, e esta, por sua vez, a *jaritataca*, do tupi *yagwara'taka* ou *yarata'kaka* < provavelmente, de uma alteração do tupi *mbiara'taka* (*mbiarata'kaka*) influenciada pelo tupi *ya'gwara* 'onça, jaguar'. O animal, segundo o dicionário, esguicha um líquido fétido, secretado pelas glândulas anais, em atitude de defesa, tal qual faz o gambá. Pergunta-se: existiria no nome *jaritataca*, além da referência ao felino ―onça‖ e ―jaguar‖, alguma relação com o mau cheiro exalado pelo animal? Os dicionários não dizem, carecendo-se, mais uma vez, de pesquisas aprofundadas sobre a motivação lexical nas línguas indígenas.

Para finalizar, as designações lexicais para o *gambá,* no ALEAL, mostram que a motivação refere-se à morfologia do animal, sendo, portanto, transparente, embora sejam necessários conhecimentos de elementos básicos do tupi para que se tenha claro o motivo na origem da criação dessa lexia.

Com relação à distribuição diatópica, diagenérica e diassexual, as variantes lexicais para *gambá* estão bem repartidas em toda a rede de pontos.

6- Motivação para o tabaco

Nos dicionários de língua portuguesa, a unidade lexical *tabaco*, datada entre os séculos XVI e XVII, designa diversas espécies e variedades cultivadas da planta do gênero *Nicotiana*, da família das solanáceas, nativa das Américas, a mais cultivada para a produção de cigarros, charutos, rapé, e, também, como pesticida e vermicida. Proponho, a partir da análise etimológica do termo, chegar à motivação que repousa em sua origem.

No ALEAL, respondendo à questão de número 39 do QSL, ―*como chamam por aqui a planta cultivada para a fabricação daqueles produtos que algumas pessoas fumam?*‖, os informantes citaram apenas duas designações: *fumo*, com 51 registros, e *tabaco*, com três menções.

No ponto 10 da rede do ALEAL, a localidade de Arapiraca, situada na mesorregião do Agreste alagoano, conhecida pela larga produção da planta do gênero *Nicotiana*, e onde se esperava o registro da designação *tabaco*, os dois informantes citaram *fumo*.

Nos dicionários, há uma diferença básica entre esses dois termos: as acepções para *tabaco* remetem basicamente à planta, e discriminam as diferenças entre as diversas variedades do vegetal, cujas propriedades vão do uso na produção de cigarros até o uso medicinal, e na produção em pesticidas, como atesta Houaiss: ―erva anual (*Nicotiana tabacum*), nativa das Américas; erva anual, nativa do Brasil (*Nicotiana langsdorffii*); erva viscosa (*Nicotiana rustica*), cultivada no México e no leste dos EUA‖. Nascentes (1955, p. 481), explica que a palavra tem origem no taino, e que designava, junto a esse povo, o instrumento em formato de ―y‖, em que se aspirava o fumo de uma planta nativa, a qual era chamada de *cobija* ou *cohija*. Citando outra fonte, Nascentes complementa que o nome *tabaco* poderia ter sido originado da ilha Tabago, local onde Cristóvão Colombo teria visto índios fumando folhas de alguma planta desconhecida pelo navegador. Segundo outra fonte, segue Nascentes, a variante teria origem na mandinga, ramo linguístico de parte da África Ocidental. Os árabes, ao tomarem contato com as populações dessas regiões, observaram o uso de uma planta com a qual os nativos africanos faziam fumigações, e deram-lhe o nome *tabag*. A planta

Nicotiana tabacum, reitera o autor, também cresce naturalmente naquela parte da África. A língua mandinga tem o vocábulo *taba*, o que pode ter influenciado foneticamente a

criação da designação *tabaco.* Não há, em Nascentes, nenhuma indicação acerca do significado da palavra *taba.*

As informações recolhidas por Nascentes levam a crer que a planta seria conhecida na África: o nome *tabaco,* portanto, teria origem junto a comunidades linguísticas daquele continente. A mesma planta também é nativa da América, de onde foi levada para a Europa pelos europeus quando das grandes navegações. Fica a dúvida: o nome *tabaco* teria origem na África ou na América? Sabe-se que a presença árabe nas Américas (Central e do Sul) é mais recente do que a presença europeia, esta última, datada, efetivamente, do século XVI. Não seria incorreto dizer que, possivelmente, os europeus já tinham contato com o *tabaco* antes de chegarem às Américas, pois faziam intercâmbios comerciais no Norte da África, além do que, desde o ano 711 já haviam se instalado na Península Ibérica, onde ficaram até 1492. Entretanto, respostas a tais questionamentos não cobririam o que, do ponto de vista da motivação, é o centro de interesse: essa designação lexical remete a quê? Ao utensílio utilizado para se fumar, ou à própria planta?

Em Maceió, um informante HGI, ao realizar a ocorrência lexical *tabaco* mostrou-se incomodado, e explicou que o nome remete à vulva da mulher, não sendo de bom tom pronunciá-lo publicamente. Houaiss (2009) não traz essa acepção para o nome, mas o verbete está inscrito em Aulete Digital no feminino – *tabaca* – como designação chula para o sexo da mulher. Este mesmo informante, inquirido sobre que outra variante seria adequada à planta, disse: ―*fumo*‖. Porém, ao registrar essa ocorrência como segunda resposta, comentou que a palavra *fumo* também não é bem vista porque remete ao órgão sexual masculino. O informante talvez faça uma analogia entre o membro sexual masculino e as folhas secas da planta *tabaco,* enroladas e torcidas. Ao ser questionado sobre a existência de uma terceira variante para a planta, já que *tabaco* e *fumo* gerariam constrangimento, o informante disse conhecer outro nome, mas não se lembrava naquele momento.

A variante *fumo* (*fumus*, em latim), majoritariamente registrada pelos informantes do ALEAL, designa a planta em si e o produto que dela deriva, confirmado por Houaiss (2009): o *fumo* é o produto gasoso que se desprende dos corpos em combustão, e, também, o preparado vegetal que se faz queimar em cigarros, cachimbos e produtos do gênero.

Resta dizer que a motivação para a designação *tabaco* opacificou-se, pois não se pode afirmar com segurança se a palavra teria origem no taino ou em alguma língua africana, e não se conhecendo a raiz do nome não é possível avançar na busca pelo motivo que recobre a criação lexical.

Em *fumo*, a motivação é aparente: diz respeito ao vapor exalado ao se queimar as folhas da planta e ao mesmo tempo designa o produto final dela derivado.

7- Motivação para a mandioca

No Questionário Semântico-Lexical do ALEAL, a questão 44 referente à *mandioca* foi assim apresentada: ―... *aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer, que se rala para fazer farinha, polvilho, goma*?‖. Como resposta, obteve-se, em ordem decrescente de frequência: *macaxeira*, *mandioca*, *aipim*, *inhame* e *batata*, as duas últimas, com apenas um registro cada uma. Planta da família das *Euphorbiaceae*, a *mandioca*[56] é nativa da América do Sul, provavelmente, do Brasil. As raízes tuberosas, carnudas e ricas em amido, de largo emprego na alimentação humana, são utilizadas, também, como ração animal. Os tubérculos, se ingeridos crus, são venenosos por conterem um alto teor de ácido cianídrico, o qual é extraído no processo de cozimento e torrefação.

Cultivada em mais de 100 países, a *mandioca* constitui-se em um dos principais alimentos energéticos para mais de 700 milhões de pessoas no mundo, principalmente nos países em desenvolvimento, dada suas características de alta produção com baixo custo. O Brasil participa com 10% da produção global, no posto de segundo maior produtor do mundo (o primeiro é a Nigéria). De fácil adaptação, a *mandioca* é cultivada em todos os estados brasileiros, situando-se entre os oito primeiros produtos agrícolas do país, em termos de área cultivada, e o sexto em valor de produção. A região Norte do Brasil, onde se concentra boa parte da população indígena, é a maior produtora, e em segundo lugar, vem a região Nordeste[57].

Câmara Cascudo, em História da Alimentação no Brasil (1968), releva a importância da *mandioca*, que, mesmo não tendo possibilitado a fixação do indígena de forma permanente, sedentária, contribuiu para que ele se demorasse por certo tempo no entorno das plantações, pois, para a produção da farinha era necessário, além do tempo, o domínio de algumas técnicas de torrefação, ainda que elementares. O autor salienta,

[56] O Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa (2009) apresenta as seguintes variantes para a designação *mandioca*, esta, com datação de 1549: *aipi, aipim, castelinha, ipim, macamba, macaxeira, macaxera, mandioca-brava, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, mucamba, pão-depobre, tapioca, uaipi*.

[57] Todas as informações sobre a produção da mandioca são da Embrapa, órgão técnico governamental, disponível em https://www.embrapa.br/mandioca-e-fruticultura/cultivos/mandioca (Acesso em 19/03/2016).

também, o papel preponderante da *mandioca* durante o período colonial. As raízes e os produtos delas derivados, principalmente, a farinha de mesa, foram a base da alimentação dos primeiros colonizadores que chegavam ao Brasil. Importante lembrar que não havia pão – a cultura do trigo para a fabricação do pão é bem posterior, por isso os derivados da *mandioca*, como a farinha e a tapioca, faziam as vezes do pão à mesa. Numa segunda fase da ocupação do Brasil, durante suas incursões território adentro, os Bandeirantes enterravam caules de *mandioca* para que, no retorno de suas empreitadas, encontrassem as raízes já prontas para o consumo.

Como já dito, a questão 44 do QSL do ALEAL computou os seguintes resultados:

56 respostas para *macaxeira* = 56%

13 respostas para *mandioca* = 17%

7 respostas para *aipim* = 9%

1 resposta para *inhame* = 1%

1 resposta para *batata* = 1%

A segunda das respostas registradas, em número de frequência, a designação *mandioca*, que está na base do nome científico (*Manihot esculenta*), tem origem no tupi: *mandi"oka* (HOUAISS, 2009). O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado (1977), traz *mandióg* como tendo origem na palavra composta *mani*=*manyba*/maniva ―nome da raiz da planta‖ e *oca*, ou *óg*, ―que procede [da terra], que se tira‖. O autor chama a atenção para a toxicidade da planta, citando a literatura histórica dos viajantes do século XVI, os quais observavam que as raízes, ingeridas cruas, eram peçonhentas e causariam a morte súbita.

Em Machado (1977), *maniva* é tida como variante regional no Norte e Nordeste do Brasil para a designação da planta. Entretanto, o étimo *mandi"iwa* diz respeito a outro referente: ―a planta, talo ou folha da mandioca‖, e não a raiz. Nascentes (1932) propõe que *mandióg* seria corruptela de *manyba* ou *mandiba*, essa, com o significado de suco de entorpecer, em alusão ao suco venenoso da raiz crua da planta.

A variante *maniva* aparece na carta 29 do Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, FERREIRA, INSENSEE, 1963), e na carta 30 do Atlas Linguístico de Sergipe I (FERREIRA et al., 1987), na questão referente ao caule da mandioca. Nas duas cartas, em todos os pontos inquiridos, de maneira generalizada, foram registradas as variantes *maniva*, *maniba*, *manaiva* e *manaiba*.

Nascentes (1932) pretende que *mandióg* poderia ser interpretada como: *mandi*=pão + *óg*/*oga*/*oka*=casa, literalmente, ‗pão da casa‘.

Se os autores são conclusivos quanto à etimologia da designação *oga*/*oka*=oca[58]: casa, em tupi, há reticências quanto à lexia *mandi/maní*, se indicaria unicamente o caule, a planta ou apenas a raiz. Câmara Cascudo (1962) propõe que respostas para questões do gênero podem ser encontradas em mitos indígenas sobre a origem sagrada dos homens e da natureza. O autor relata uma das lendas, na qual a filha de um chefe indígena dera à luz a uma menina branca, que recebeu o nome de Maní. O chefe pensou em matá-la, mas antes de consumar o ato, apareceu-lhe em sonho um rapaz branco isentando de culpa a mãe da criança. Entretanto, a menina, tendo escapado do infortúnio, não viveu muito, sucumbindo antes de completar um ano. O chefe indígena, então, enterrou-a na própria ‗*oca*", como era de costume entre o grupo. A mãe da criança regava a sepultura regularmente, até que um dia percebeu que nela brotara uma planta. Depois de um tempo, os indígenas viram que raízes saíam da terra, e que essas eram brancas como Maní. Deram-lhe o nome de *maní"oka*, por terem nascido na *oca* que fora a casa de Maní. Câmara Cascudo aponta para a etiologia sagrada nascida do corpo humano, mais especificamente, do corpo feminino, em sacrifício, da figura da mulher como genitora do alimento que nutre todo o grupo.

A variante *mandioca* é a única que ficou conhecida fora do Brasil, e dela se originaram as designações para a planta em todas as línguas românicas: *mandioca* (em português e espanhol), *manioc* (em francês e romeno), *manioca* (em italiano). Fora das línguas latinas, em alemão e neerlandês, por exemplo, tem-se *maniok*, também oriunda do tupi.

Na língua inglesa, o vocábulo difere na forma, mas não no conteúdo: *mandioca* é traduzida como *cassava*. Essa variante, tomada do espanhol e do francês (e nessas duas línguas significando uma tortilha preparada à base de farinha de mandioca), tem origem no aruaque, uma das línguas ameríndias: *cazabi=pan de yuca* (pão + raiz parecida com a batata, ou seja, a mandioca=pão de mandioca). Portanto, ainda que as designações *cassava/cassave, cazabe/cazabi* distingam-se etimologicamente da variante-padrão *mandioca*, a motivação semântica continua dentro dos domínios das propriedades físicas da planta e de suas possibilidades de uso.

O vocábulo tupi *óg/oka*, com o significado de casa, está, também, na formação da variante tapioca: ―*tipi"og* – fécula comestível, extraída das raízes da mandioca ou do aipim, com que se preparam pratos doces e salgados‖ (HOUAISS, 2009). Literalmente,

[58] Em Houaiss (2009), ―construção de madeira, entretecida e coberta por fibras vegetais, geralmente de planta circular, usada pelos indígenas do Brasil de uma ou mais famílias‖.

temos em *tipi˝og*: fécula da terra [da raiz que sai da terra]. A *tapioca*, que é o amido sedimentado que se forma a partir do tubérculo (tanto o da *Manihot esculenta* como da *Manihot palmata*) ralado, lavado e coado, é a farinha natural (sem passar por nenhum processo de torrefação) ultrafina derivada da raiz que brotou do fundo da terra. Essa mesma terra de onde brota o tubérculo remete à óg/*oka* tupi, a casa indígena que abriga os homens e, no sentido figurado, as raízes de plantas como a mandioca.

Para refletirmos sobre a motivação que recobre a variante *mandioca* é necessário, antes, o resgate dos motivos que estão na criação lexical, que, nesse caso, compreende dois sentidos: o raso e transparente (raiz que brota da terra), e o macro (e figurado): a casa de Maní, aquela que deu vida à raiz, posteriormente transformada em fécula.

No ALEAL, os informantes, majoritariamente, registraram *macaxeira* (todos os 56 informantes mencionaram essa variante em primeiro lugar), designação também de origem tupi: *maka˝xera*= planta mansa (HOUAISS, 2009). É mister assinalar que a questão do QSL, tal como está formulada, pede, em primeiro lugar, o nome da ―raiz branca que se cozinha para comer‖. Ora, os informantes demonstraram saber diferenciar a raiz que se come, da raiz utilizada na produção de farinha e da tapioca.

No Ponto 18 (União dos Palmares) do ALEAL, obteve-se esse registro de um informante do sexo masculino: ―Tem a macaxeira [maka'SeRå] e a mandioca [må)di'çkå], que é a que se faz farinha‖.

No Ponto 14 (São Miguel dos Campos), uma informante do sexo feminino, respondeu: ―Macaxera [maka'SeRå]. Mandioca [må)di'çkå] é que é amarga, que faz farinha... e a que come é macaxera, tem gente que chama aipim‖.

Tem-se, como se vê, uma terceira designação, *aipim*, com 9% de registros. Essa variante é também de origem tupi, como atesta Machado (1977): ―*ayi-pii* = o que nasce ou brota do fundo‖. Esse mesmo autor cita que, em século XVI, o cronista e viajante português Pero de Magalhães Gandavo observou que havia, no território brasileiro, mais de uma variedade da raiz: ―Também há outra casta de mandioca... a que por outro nome chamam aipim...‖ (GANDAVO, apud MACHADO, 1977). Como variantes lexicais de *aipim*, Houaiss[59] (2009) arrola: *macaxeira, macaxera, mandioca, mandioca-doce, mandioca-mansa*.

[59] ―Aipim: do tupi *ai˝pi*, o que nasce ou brota do fundo; arbusto de até 4 m (*Manihot palmata*), da família das euforbiáceas, de folhas partidas, pequenas flores amarelas ou violáceas e frutos capsulares;

a) Classificação das categorias motivacionais para as variantes da *mandioca* Visto que as principais variantes lexicais obtidas no ALEAL (*mandioca*, *macaxeira*, *aipim*) remetem-se umas às outras, parecendo à primeira vista dotadas da mesma significação, para tentar chegar às motivações semânticas que lhes deram origem, procedemos à classificação que se segue:

a) a variante *mandioca* insere-se na categoria motivacional icônica, uma vez que evoca imediatamente um ícone, traduzido pela imagem da raiz dessa planta. Entretanto, vemos nessa variante dois planos: um transparente e superficial, e um mais profundo. No primeiro deles, a motivação afigura-se à flor da lexia: *mani+oka*= raiz da terra. É pouco provável que os interlocutores, ao mencionarem a designação *mandioca*, aludam ao aspecto geral da planta, como a folhagem e floração. Por isso, a raiz toma forma de ícone por representar a planta em si.

Num segundo plano, e dentro da mesma categoria motivacional icônímica, a estrutura aparente do referente *mandioca* poderia recobrir estruturas sócio-culturais profundas, antigas e já esquecidas dos falantes, mas presentes em sua motivação, bem como em muitas designações, tanto nas línguas latinas como fora delas, inclusive as línguas ameríndias.

O mito fabuloso da figura feminina (Maní, a índia branca) que morre e cede lugar a outro ser (a raiz branca), encontra eco em motivações de numerosas criações lexicais, como, por exemplo, ‗arco da velha', ou ‗mãe d'água', para o referente arcoíris, como explana (CONTINI, 2007).

> [60] [...] des désignations se rattachant à certains champs sémantiques et, plus particulièrement, à ceux qui concernent les animaux, les plantes ou de phénomènes atmosphériques, peuvent être interprétées comme des témoignages des plus anciennes croyances religieuses préchcrétiennes, pouvant remonter jusqu'au cultes totémiques. [...] Ces formations se rencontrent surtout dans les dialectes, langues de tradictions orales, toujours plus conservatrices que les langues nationales. (CONTINI, 2007, p. 62)

[Nativo do Brasil, é muito semelhante à mandioca (*Manihot esculenta*) e também cultivado, com inúmeras variedades, pelas raízes tuberosas, de elevado teor alimentício e geralmente menos venenosas.]‖ (HOUAISS, 2009)

[60] ―[...] as designações se ligam a certos campos semânticos e, mais precisamente, aos que concernem os animais, as plantas ou fenômenos atmosféricos, podem ser interpretadas como testemunhas das mais antigas crenças religiosas pré-cristãs, podendo remontar até aos cultos totêmicos. [...] Essas formações se encontram, sobretudo, nos dialetos, línguas de tradições orais, sempre mais conservadoras que as línguas nacionais.‖ (CONTINI, 2007, p. 62) (Tradução da autora)

Configurado o mito, a designação *mandioca* seria motivada pela representação mítica de Maní, que encarna a divindade-genitora de uma planta fundamental na vida dos ameríndios. Não por acaso, Maní é uma personagem feminina: em latim, os nomes das árvores são femininos, inclusive o próprio vocábulo genérico *arbor*[61].

b) a motivação semântica da designação lexical *macaxeira* (literalmente, planta mansa) é transparente e evoca as propriedades inócuas dessa variedade de planta, isenta de efeitos nocivos à alimentação;

c) também parece ser transparente a motivação na origem da criação lexical *aipim*: ―*ayi-pii* = o que nasce ou brota do fundo‖ (MACHADO, 1977), conforme indica o étimo, está relacionada ao lugar, o ambiente natural onde a raiz se forma, debaixo da terra.

d) Na variante *tapioca* (cuja formação lexical remete ao vocábulo *óg/oka* tupi), a motivação semântica recai sobre o meio natural, o substrato que propicia o nascimento e desenvolvimento da raiz de onde se extrairá a fécula.

Além dessas variantes, os informantes do ALEAL mencionaram mais duas designações: *inhame* e *batata*. Da primeira, segundo Houaiss (2009), não consta origem atestada, talvez derive de uma língua africana. *Inhame* designa uma espécie de erva trepadeira (*Colocasia esculenta*) da família das aráceas, cujas folhas e tubérculos oblongos e rugosos são comestíveis. Entre algumas variantes dessa planta, Houaiss apresenta *taioba*, nome de origem tupi: ―*taya*=planta [como as aráceas, do gênero trepadeira] + *owa*=folha. Por conseguinte, a etimologia da variante de taioba alude mais às folhas do que propriamente ao túbero, ainda que esse também seja aproveitado na alimentação. A despeito dessa particularidade do vegetal, o informante, ao citar *inhame*, fez referência à raiz, tanto pelo fato de sabê-la comestível, quanto pela semelhança com a raiz da mandioca.

Da mesma maneira, a variante *batata* (com origem no castelhano), da família das solanáceas, também representa a imagem icônica de uma raiz, tal como são as raízes da *mandioca* e do *inhame*, independentemente de pertencerem a outros ramos da botânica. Note-se que no ALF, na Carta 1057 - POMME DE TERRE, obteve as variantes *truffe*, *tartiffle*, em francês, designações para a *trufa*. Os informantes de Gilliéron e Edmond

[61] « arbos (arbor), arboris f. Le genre féminin s‘explique facilement: l‘arbre, considéré comme un être animé, est la ‗productrice‘ des fruits ». (ERNOUT; MEILLET, 2001 : p. 43). ―O gênero feminino de explica facilmente: árvore, considerada como um ser animado, é a produtora de frutos‖. (Tradução da autora)

resgataram um nome já conhecido e lhe atribuíram a um vegetal desconhecido, e para tal, levaram em consideração o local de cultivo do tubérculo e o aspecto exterior.

O estabelecimento de uma relação entre as variantes analisadas, no sentido de se chegar à motivação que as origina, encontra lugar em Contini (2007, p. 47): ―[...] *les recherches sur la motivation n''excluent pas les recherches étymologiques qui, au contraire, permettent souvent de remonter dans le temps pour y découvrir des motivations oubliées*‖. A essa reflexão, faz-se necessário reforçar que os estudos motivacionais não podem prescindir de um exame etimológico rigoroso, bem como de estudos que levem em consideração aspectos sócio-culturais das comunidades linguísticas, dado que a nomeação dos referentes, como propõe Alinei (1995), é sempre motivada na origem.

b) Distribuição geográfica das designações lexicais para "a raiz branca [...]" As variantes lexicais *macaxeira* e *aipim* não são registradas fora das regiões Norte e Nordeste do Brasil, ainda que sejam conhecidas dos falantes em todo o país. Tal qual se deu em outras línguas, românicas ou não, a forma *mandioca* é a que mais se fixou nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Em Alagoas, a distribuição geográfica para a variante *macaxeira* é uniforme, a resposta foi registrada por todos os 56 informantes nos 21 pontos inquiridos. Na costa litorânea, com exceção do ponto 20 (Porto Calvo), onde foram obtidas as variantes *mandioca* e *aipim* (com apenas 01 registro para cada uma), a única resposta foi *macaxeira*.

Em seguida, a variante *mandioca*, com 13 registros em toda a rede de pontos, foi mais lembrada pelos informantes do Centro e Norte do Estado, e somente em dois pontos (6 e 7) na linha do Rio São Francisco. Interessante notar que na costa litorânea, incluindo a capital Maceió, nenhum informante citou a variante *mandioca*, nem, tampouco, foram registrados comentários acerca da toxicidade do tubérculo, em que pese a farinha ser consumida de forma generalizada por toda a população. Infere-se daí que os falantes de cidades balneárias, em permanente contato linguístico com falantes de outras localidades (principalmente, turistas), e falantes de regiões urbanizadas (como a capital, Maceió), e, por essa razão, distanciados do meio rural, não fazem distinção entre as diferentes raízes que consomem, sejam elas a *macaxeira in natura* levada à mesa, ou a farinha de *mandioca* [a raiz que passa pelo processo de manufaturação].

Em contrapartida, informantes de regiões interioranas (como por exemplo, Canapi – Ponto 1; Santana do Ipanema – Ponto 3; Quebrangulo – Ponto 11~), todas situadas na região do semi-árido), deram a designação *mandioca* como segunda resposta. Entende-

se, pois, que nessas localidades, muitas delas produtoras de *mandioca* e *macaxeira* para consumo próprio, conseguem discriminar essas raízes e as nomeiam de forma diferenciada.

Já a variante *aipim,* dos 07 registros (todos obtidos em pontos fora da costa litorânea), cinco respostas foram mencionadas por informantes do sexo feminino. Nesses cinco pontos: Delmiro Gouveia (Ponto 1), Canapi (Ponto 2), Santana do Ipanema (Ponto 3), Penedo (Ponto 8), São Miguel dos Campos (Ponto 14), e Porto Calvo (Ponto 20), as informantes mencionaram as três variantes (*macaxeira, mandioca, aipim*). Esse conhecimento mais amplo de produtos da alimentação básica é próprio das mulheres, visto que, comumente, são elas as responsáveis pela preparação dos alimentos que servirão toda a família.

8- Motivação para o joão-de-barro

O ALEAL, na QSL 057 – JOÃO-DE-BARRO, obteve as variantes lexicais *joãode-barro, maria-de-barro, casaca de couro, mané-de-barro e rolinha-pé-de-feijão*. A primeira designação está mais presente em quase toda a rede de pontos (vide Volume II – Cartas Linguísticas), sendo exclusiva dos pontos: 1 (Delmiro Gouveia), 7 (Penedo), 8 (Piaçabuçu), 9 (Coruripe), 15 (Pilar), 17 (Maceió), 18 (União dos Palmares), 19 (São Luís do Quitunde), 21 (Maragogi).

A variante *maria-de-barro* é exclusiva dos pontos 3 (Santana do Ipanema) e 13 (Limoeiro de Anadia), mas foi mencionada também nos pontos 4 (Piranhas), 5 (Pão de Açúcar), e 16 (Marechal Deodoro).

A variante *casaca de couro* foi realizada exclusivamente por informantes jovens do sexo masculino nos pontos: 2 (Canapi), 5 (Pão de Açúcar) e 12 (Quebrangulo).

A designação *mané-de-barro* ocorreu apenas no Ponto 20 (Porto calvo), realizada por um informante HGI. *Rolinha-pé-de-feijão* foi registrada por uma informante MGI no Ponto 6 – Traipu.

Em Houaiss, *joão-de-barro* designa aves passeriformes, campestres, do gênero *Furnarius,* da família dos furnariídeos, representadas no Brasil por cinco subespécies, e a plumagem é ferrugínea. Como variantes, o dicionário traz *amassa-barro, maria-debarro, pedreiro*. É conhecido no Brasil pelo ninho de barro em forma de forno. O dicionário Aulete Digital apresenta-o como ave dendrocolaptídea (*Furnarius rufus*), trazendo as seguintes variantes: *amassa-barro, barreiro, forneiro, joãobarreiro, joão-de-barros, marfa-de-barro, oleiro e pedreiro.* A ave constrói um ninho com formato de forno

de barro no alto de árvores e postes, o que a protege de predadores. No interior, uma câmara incubadora para a postura dos ovos. A matériaprima principal é o barro úmido, donde o nome: *joão-de-barro.*

Isquerdo (2016), em longo estudo sobre o *joão-de-barro* nas capitais brasileiras, com base nos dados do ALiB, verificou que esta variante está presente em todo o Brasil (nas capitais inquiridas), e que *maria-de-barro* foi registrada em Rio Branco (AC), Manaus (AM), e Fortaleza (CE). A autora destaca a presença do antropomorfismo na designação deste pássaro. Com efeito, os dados do ALEAL evidenciam a assertiva da autora: os nomes próprios João, Maria e Manuel compõem as três variantes para o pássaro.

A respeito dos antropomorfismos, Alinei (1984) explica que seriam um indicador da existência do culto totêmico em épocas ancestrais, onde cultuava-se um animal em particular com o intuito de atrair para si a benevolência ou algum outro tipo de atributo. O antropomorfismo mágico-religioso pagão se estendeu até ao advento das religiões monoteístas, tendo lugar nas designações que trazem nomes de santos ou personagens bíblicos, tais como João e Maria: *joão-de-barro, maria-de-barro*. A designação *mané-de-barro,* com Manuel no nome, pode ser uma alusão reis de Portugal. O estabelecimento de uma relação de parentesco entre animais e homens, conforme Alinei (1984), são vestígios de tabus linguísticos antigos e que se perpetuam na linguagem atual.

O nome próprio João compõe dezenas de designações de animais, especialmente aves, algumas das quais estão arroladas em Houaiss (2009): ―*joão-barbudo, joãobarreiro, joão-congo, joão-corta-pau, joão-de-cristo, joão-doido, joão-do-mato, joãogrande, joão-graveto, joão-mede-léguas, joão-pinto, joão-porca, joão-teneném, joãotiriri.*Além de pássaros, o nome está na composição de insetos e plantas.

O mesmo se dá com o nome próprio Maria, presente em diversas designações de pássaros, como: ―*maria-é-dia, maria-branca, maria-caraíba, maria-cavaleira, mariacom-a-vovó, maria-faceira, maria-irré, maria-já-é-dia, maria-judia, maria-lecre, maria-leque, maria-mulata*‖.

O nome Manuel, por sua vez, é bem menos frequente nas denominações no português do Brasil. Além de *manuel-de-barro,* encontra-se dicionarizada a forma *manuel-vaqueiro* para uma espécie de pássaro, e alguns insetos como *manuel-de-breu* e *manuel-de-abreu*.

A variante *casaca-de-couro,* ave passeriforme da família dos furnariídeos (*Pseudoseisura cristata*), encontrada no Brasil, Paraguai e Bolívia; com cerca de 21 cm de comprimento, topete alto, olhos amarelos e colorido ferrugíneo-claro uniforme

(HOUAISS, 2009), ainda que pareça não designar o mesmo pássaro, tem fundamento, pois o ninho construído por esta ave se assemelha ao do *joão-de-barro,* também tem formato de forno. O material utilizado não é a argila, e sim gravetos e espinhos, dispondo de câmaras construídas no interior, com fins de melhor proteger os filhotes. Considerando-se as informações dicionarizadas, vê-se que os dois pássaros pertencem à mesma família, e a característica que os assemelha, além da cor, é o formato e confecção do ninho (excluindo o material usado).

A motivação variante *casaca-de-couro*, transparente, diz respeito à morfologia, da cor da plumagem ferrugíneo-claro, que remete à cor do couro cru.

Em *rolinha-pé-de-feijão*, variante registrada no Ponto 6 (Traipu), a informante MGI pode não ter compreendido os semas que lhe foram apresentados: ―*a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até mesmo nos cantos da casa*‖. O pássaro mencionado pela informante não constrói seu ninho com argila e nem fabrica nele compartimentos visando a reprodução. Talvez, a informante por ter associado a cor amarronzada da plumagem da espécie mais corriqueira da *rolinha-pé-de-feijão.* Caso isso pudesse ser confirmada, diria-se que a motivação para essa variante é transparente, pois estabelece uma ligação entre a ave ―rolinha‖ e a planta ―feijão‖.

9. Motivação para a aguardente

A QSL 137 propunha aos informantes as designações para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar. Foram repertoriadas as seguintes variantes: *cachaça, pitu, pinga, cinquenta e um, aguardente e corota*.

A variante mais produtiva – *cachaça*, está distribuída por toda a rede de pontos, tendo sido registrada por ambos os sexos das duas faixas etárias. *Cachaça* é definida pelos dicionários Houaiss e Aulete Digital como a espuma grossa que se forma durante a primeira fervura do caldo da cana para a produção do açúcar. Posta a fermentar e, em seguida, destilada, transforma-se na bebida alcoólica.

Nos dicionários consultados, não há consenso sobre a etimologia do nome *cachaça*, e a origem, em Houaiss, é classificada como controversa. Em Larousse (1986, v.6, p. 1032), há uma indicação de que, talvez, o nome seja de origem africana. Em uma das acepções para a lexia, com sentido de designar toda e qualquer bebida destilada, Houaiss o apresenta como um regionalismo do Brasil. No português brasileiro, o termo que mais se

aproxima é *cachaço*, definido como a parte superior do pescoço humano ou de animal. Por extensão, poderia designar o recipiente bojudo onde se armazena a cachaça, mas os dicionários nada afirmam sobre essa hipótese. Caso a hipótese pudesse ser confirmada, poderia-se dizer que a motivação seria transparente, pois remeteria ao vasilhame dentro do qual se guarda a bebida.

Pitu, a segunda maior ocorrência no ALEAL, é nome de origem tupi para camarões de água doce. Designa atualmente a marca de uma aguardente conhecida em todo o País. Como nos estados do Nordeste há uma abundância de manguezais, o habitat dos pequenos pitus, pode-se cogitar que engenhos de açúcar tenham se instalado próximos a este tipo de terreno: os crustáceos denominariam, pois, o local de produção da cana-de-açúcar e a própria aguardente. Ainda que se conheça a etimologia do nome, não foi possível estabelecer com precisão a motivação desta palavra como variante de aguardante feita de cana-de-açúcar.

Em *pinga*, a base é latina, origina-se no verbo *pingar*, tem sentido de líquido que escorre em pequena quantidade, gota a gota, aos pingos. Formada pela derivação metonímica, passou a designar a bebida em si. O fato de o degustador apreciar a bebida em pequenas quantidades – a pinga – foi observado por uma informante MGII, no ALEAL, no Ponto 20 – Porto Calvo:

> INF.- Cachaça [ka'Sasɐ̊], pitu [pi'tu], qualidade de um que é 51. Me dá um pitu, me dá uma 51, me dá um quartinho.
> INQ.- E o quartinho que tanto é?
> INF.- Um tantinho assim.

Um ―quartinho‖, ou seja, um quarto de uma dose completa, conforme diz a informante, corresponde à *pinga* bebericada aos golinhos.

A variante c*inquenta e um:* números, quando entram na composição de nomes, quase sempre denotam magia, ciências ocultas, mas como variante para a *aguardente*, pode estar ligado à data do início da produção, ou o teor alcoólico da bebida. Há que se notar que a marca *Cinquenta e Um* não é exclusiva à cachaça brasileira: ela também é nome de uma bebida destilada do anis, e, na França, leva o nome genérico de *pastis de Marseille*, de forte gradação alcoólica.

Em *aguardente* a designação é aparente: a bebida que arde a garganta ao ser ingerida. A base: *água* e *arder* é latina nos dois componentes do nome.

A variante *corota* é uma reinterpretação de do nome *ancoreta*, que, por sua vez, remete a *âncora*. Em *corote*, há o reenvio uma pequena âncora, mas não aquela que se joga no

mar ou no rio para reter a embarcação, e sim, ao pequeno tonel onde se pode armazenar, principalmente, bebidas espeirituosas, e mesmo água. Para os que vão ao mar, a *ancoreta*, ou *corote*, como registrado no ALEAL, passa a ter sentido de âncora de salvação, algo precioso a que todos se agarram quando se está no barco. A motivação, neste caso específico, resta aparente, ainda que para os falantes o motivo dessa criação lexical não seja conhecido.

Tem-se nas variantes para a *aguardente feita de cana-de-açúcar* uma designação de origem tupi (*pitu*), uma segunda com possível origem africana (*cachaça*), e as demais: *aguardente* e *corota* com base latina. *Cinquenta e um*, como dito, tem valor cabalístico, mas no caso da bebida, pode ser relativo à gradação alcoólica.

CAPÍTULO IV

1- SÍNTESE DAS PRINCIPAIS VARIÁVEIS FONÉTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO NO ESTADO DE ALAGOAS

Nem todas as questões fonéticas que foram elaboradas para este atlas – são 90 ao todo – marcam especificidades dialetais encontradas exclusivamente no falar nordestino proposto por Nascentes (1953). A ocorrência das *vogais pretônicas abertas anteriores*, segundo o autor, é uma característica do Norte do País, e a realização fechada dessas mesmas vogais marcaria o Sul. Os resultados atestam essa proposição de Nascentes e a primeira hipótese desta tese.

1.1. As realizações das *vogais médias pretônicas anteriores*

Segundo Câmara Júnior (1985), na língua portuguesa falada no Brasil, as vogais médias pretônicas, conforme sua posição na palavra e em relação ao valor tonal, podem ser

realizadas em pronúncia elevada: as vogais médias /e/ e /o/ são alçadas para [i] e [u], como em [is'kçlå] e [bu'nitU]; em pronúncia média fechada: [es'kçlå] e [bo'nitU]; e pronúncia aberta: [tElEvizå)w)] e [pRçsi'så)w)]. No ALEAL, as *vogais médias pretônicas abertas anteriores* predominaram na fala dos informantes, como se vê no Quadro 6:

Quadro 6 – Vogais médias pretônicas anteriores

	QFF 002		QFF 021		QSL 194
item lexical	**t(e)l(e)visão**	**t(e)l(e)visão**	f(**e**)rvendo		t(e)rreno
	[E]	e	[E]	[e]	[E]
	t[**E**]l[**E**]visão	t[**e**]l[**e**]visão	f[E]rvendo	f[e]rvendo	t[E]rreno
Número de respostas	30	16	48	7	52
	t[E]l[**e**]visão				
Número de respostas	8	-	-	-	-
Total	38	16	48	7	52

Fonte: Banco de dados constituído pela autora.

Para o item lexical *televisão*, obteve-se o total de 38 realizações da *vogal média pretônica aberta* e 16 da *vogal fechada* com a seguinte distribuição espacial: a vogal aberta distribui-se por toda a rede de pontos, exceto no Ponto 8 – Piaçabuçu e ocorre com exclusividade nos pontos 2 (Canapi); 3 (Santana do Ipanema); 5 (Pão de Açúcar); 9 (Coruripe); 10 (Arapiraca); 11 (Palmeira dos Índios); 16 (Marechal Deodoro); 17 (Maceió). É majoritária apenas no Ponto 20 – Porto Calvo, e concorre nos pontos 1 (Delmiro Gouveia); 4 (Piranhas); 6 (Traipu); 7 (Penedo), 12 (Quebrangulo); 13 (Limoeiro de Anadia), 14 (São Miguel dos Campos); 15 (Pilar); 18 (União dos Palmares); 19 (São Luís do Quitunde), e 21 (Maragogi).

Quanto à variável sexo, não se observou nenhuma diferença significativa na realização de abertas e fechadas nas falas masculina e feminina.

As respostas à questão do QFF 021 – FERVENDO demonstram predomínio das *vogais médias pretônicas abertas*, como se pode visualizar no Quadro 6, pois, no conjunto das 48 respostas, a vogal aberta está assim distribuída: ela é exclusiva nos pontos 1 (Delmiro Gouveia); 2 (Canapi); 3 (Santana do Ipanema) 4 (Piranhas); 5 (Pão de Açúcar); 6 (Traipu); 7 (Penedo); 8 (Piaçabuçu); 9 (Coruripe); 10 (Arapiraca); 11 (Palmeira dos Índios); 12

(Quebrangulo); 13 (Limoeiro de Anadia); 15 (Pilar); 17 (Maceió); 19 (São Luís do Quitunde); 21 (Maragogi). É majoritária nos pontos 14 (São Miguel dos Campos) e 16 (Marechal Deodoro); e concorre com a vogal aberta somente no Ponto 20 (Porto Calvo).

A vogal fechada obteve sete registros, dos quais cinco foram fornecidas por informantes do sexo feminino. Acerca da variável sexo, a vogal fechada, majoritária no Ponto 18 (União dos Palmares), foi mencionada por 1 homem e 1 mulher de 30/50 anos, e por 1 mulher da faixa de idade 55/75 anos. No Ponto 20 esta vogal concorre com duas respostas, tendo sido dada pelos informantes da segunda faixa etária. Nos pontos 14 (São Miguel dos Campos) e 16 (Marechal Deodoro), com dois registros da vogal fechada em cada localidade, foi registrada pelas duas mulheres com idade entre 55 a 75 anos.

Sobre a resposta dada à QSL 194 – TERRENO, os resultados computados revelam a exclusividade da vogal aberta. Todos os 52 informantes que forneceram a resposta *terreno* para a questão: ―a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade‖, realizaram exclusivamente a vogal pretônica anterior aberta. As únicas localidades onde não ocorreu esse fenômeno – pelo fato de os informantes terem mencionado outra variante (chão) – foram: Ponto 1 – Delmiro Gouveia (HGI); Ponto 3 – Santana de Ipanema (MGI); e Ponto 7 – PENEDO (MGII).

Sobre a *vogais médias pretônicas posteriores* em resposta à questão QFF 069 – CORAÇÃO, confirma-se, novamente, a supremacia da abertura da vogal aberta [ç], conforme dados do quadro 7:

Quadro 7 - Vogais médias pretônicas posteriores

QFF 069	CORAÇÃO
[ç]	[o]
c[ç]ração	c[o]ração
Total	Total
50 respostas	5 respostas

Fonte: Banco de dados constituído pela autora.

Das 50 ocorrências registradas para a vogal aberta, ela é exclusiva nos pontos: 1 – Delmiro Gouveia; 2 (Canapi); 5 (Pão de Açúcar); 6 (Traipu); 7 (Penedo); 8 (Piaçabuçu); 9 (Coruripe); 10 (Arapiraca); 11 (Palmeira dos Índios); 12 (Quebrangulo); 13 (Limoeiro

de Anadia); 15 (Pilar); 17 (Maceió); 18 (União dos Palmares); 20 (Porto Calvo); 21 (Maragogi). É majoritária nos pontos 3 (Santana do Ipanema); 14 (São Miguel dos Campos) e 16 (Marechal Deodoro). Concorre com a vogal fechada nos pontos 4 (Piranhas) e 19 (São Luís do Quitunde). Essa vogal obteve um único registro nos pontos 3 – Santana do Ipanema (HGII), 14 – São Miguel dos Campos (MGI), e 16 - Marechal Deodoro (MGI).

Acerca da variável sexo e faixa etária, a vogal fechada – com um número bem menor de frequência, somente cinco registros em toda a rede, ocorreu mais na fala feminina: Ponto 14 – São Miguel dos Campos (MGI); Ponto 16 – Marechal Deodoro (MGI); Ponto 17 – Maceió. Os outros dois informantes são dos pontos 4 – Piranhas (HGI), e 3 – Santana do Ipanema (HGII).

1.2. O comportamento dos *róticos* junto aos informantes do ALEAL

Na língua portuguesa, os alofones, produzidos de acordo com a posição do /r/ no vocábulo são entendidos como*: vibrante múltipla*, *tepe*, *fricativa velar*, *fricativa glotal* e *retroflexa*.

No ALEAL, os resultados para o /r/ em *coda interna* apontam para a predominância da fricativa glotal [h], como está evidenciado no Quadro 8. Os exemplos apresentados referem-se às cartas QFF 029 – ÁRVORE, e QFF021 – FERVENDO.

Quadro 8 – /r/ em coda silábica interna

(ár)vore	(ár)vore	(fer)vendo	(fer)vendo
[ah]	['aR]	[fEh]	[feR]
41 ocorrências	1 ocorrência	41 ocorrências	4 ocorrências

Fonte: Banco de dados constituído pela autora.

A fricativa glotal, em (ár)vore, é exclusiva nos pontos: 1 (Delmiro Gouveia); 3 (Santana do Ipanema); 4 (Piranhas); 5 (Pão de Açúcar); 8 (Piaçabuçu); 9 (Coruripe); 10 (Arapiraca); 11 (Palmeira dos Índios); 12 (Quebrangulo); 13 (Limoeiro de Anadia); 15 (Pilar); 17 (Maceió); 18 (União dos Palmares); 20 (Porto Calvo). A glotal só não ocorreu

nos pontos 2 (Canapi); 6 (Traipu); 14 (São Miguel dos Campos) e 19 (São Luís do Quitunde). Em todas essas localidades os informantes registraram a semivocalização ['aw]. No Ponto 7 (Penedo) o informante HGI realizou o tepe, com apenas uma ocorrência em toda a rede de pontos. No Ponto 21 (Maragogi) o /r/ sofreu apagamento. Em (ár)vore, acerca da variável sexo, 22 informantes do sexo masculino realizaram a glotal, contra 12 informantes do sexo feminino.

No que diz respeito ao /r/ em (fer)vendo – foram registradas, igualmente, 41 realizações para a fricativa glotal, que ocorre com exclusividade nos seguintes pontos: 2 (Canapi); 3 (Santana do Ipanema); 4 (Piranhas); 5 (Pão de Açúcar); 6 (Traipu); 8 (Piaçabuçu); 10 (Arapiraca); 11 (Palmeira dos Índios); 12 (Quebrangulo); 13 (Limoeiro de Anadia); 15 (Pilar); 19 (São Luís do Quitunde). A fricativa glotal concorre com o tepe apenas no Ponto 9 – Coruripe (MGI). As outras três realizações do tepe estão assim distribuídas: MGII, no Ponto 7 (Penedo); Ponto 17 – Maceió (MGII); Ponto 21 – Maragogi (MGI). O tepe foi realizado pelas mulheres da segunda faixa etária em Penedo (Ponto 7) e em Maceió; e pela mulher da faixa I em Maragogi (Ponto 21).

Há que sempre se considerar que, como já dito, os inquéritos foram aplicados por uma inquiridora oriunda do Sul do País. Durante os diálogos, os informantes não se furtaram a apontar a presença do [ɻ] retroflexo da inquiridora.

Essa variação dialetal apontada por Nascentes durante os anos 50 foi percebida por um informante do sexo masculino (30/50 anos), no Ponto 15 – Pilar. No excerto abaixo, ele aponta a diferença entre a própria fala e a da entrevistadora. O diálogo refere-se à questão 03 das Perguntas Metalinguísticas: —poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas —*que falam diferente*‖?

INF.- Fala diferente.
INQ.- Diga-me um exemplo.
INF.- Porta ['pçhtå], porta ['pç}tå].
INQ.- Você acha esquisito eu falando porta ['pç}tå]?
INF.- Um pouco, por causa do costume.
INQ.- Você diria que eu sou daqui de Pilar?
INF.- Não.
INQ.- Por quê?
INF.- (risos)

Em comentário sobre a mesma pergunta, uma informante da segunda faixa etária, no Ponto 20 – Porto Calvo, foi mais observador, chegou a tratar do ɻ retroflexo, um marcador da fala dos brasileiros do Sul:

> INF.- Fala.
> INQ.- Como será que falam?
> INF.- Assim, as palavra, né, carne ['kaʉnɪ], esse /ʉ/, né. (risos)

Outro informante HGI, no Ponto 12 – Quebrangulo percebeu as mesmas diferenças, embora não fosse capaz de descrevê-las:

> INF.- Fala.
> INQ.- Um exemplo, assim, se o senhor não soubesse quem eu sou e ouvisse eu falar, saberia que eu não era daqui?
> INF.- Eu sabia que a senhora era de fora.
> INQ.- O que tem de diferente?
> INF.- Eu não sei explicar, mas é diferente.

Em relação ao /r/ em coda externa nos nomes, a análise dos dados do ALEAL revelam que prevalece o apagamento desse fonema, seguido da realização da fricativa glotal surda [h]. Esses fenômenos fonéticos referentes à questão 037 do QFF – CALOR, estão explicitados no Quadro 9.

Quadro 9 – /r/ em coda silábica externa, em nome - QFF 037-calor

∅	[h]	[Ri]	[Ris]
[ka'lo]	[ka'loh]	[ka'loRi]	[ka'loRis]
36 respostas	16 respostas	1 resposta	1 resposta

Fonte: Banco de dados constituído pela autora.

Em coda final em nome, obteve-se o seguinte resultado: o /r/ sofreu apagamento em 36 registros; a fricativa glotal ocorreu em 16 respostas; em um registro ocorreu a paragoge com o acréscimo da vogal alta e em outra resposta, observou-se a paragoge da vogal /i/ seguida de fricativa alveolar.

O comportamento do /r/ em coda silábica externa quanto à dimensão diatópica, está assim distribuído: o apagamento deu-se exclusivamente nos pontos 1 (Delmiro Gouveia); 2 (Canapi); 6 (Traipu); 7 (Penedo); 10 (Arapiraca); 12 (Quebrangulo); 17 (Maceió); 21 (Maragogi). O fenômeno é majoritário nos pontos 3 (Santana do Ipanema); 14 (São Miguel dos Campos), e 20 (Porto Calvo), e concorre com a fricativa glotal nos Pontos 4 (Piranhas); 5 (Pão de Açúcar); 8 (Piaçabuçu); 9 (Coruripe); 11 (Palmeira dos

Índios); 13 (Limoeiro do Anadia), e 16 (Marechal Deodoro). A fricativa glotal, por sua vez, é exclusiva somente nos pontos 15 (Pilar); 18 (União dos Palmares) e 19 (São Luís do Quitunde). No restante da rede de pontos, os informantes do sexo masculino realizaram, preferencialmente, a fricativa glotal: são dez ao todo, dos quais sete são jovens, e três são da segunda faixa etária. Das seis mulheres que realizaram esse fenômeno, quatro são jovens.

Ocorreram dois casos de paragoge: [ka'loRi], no PONTO 5 – Piranhas (HGI); e no Ponto 20 – Porto Calvo (HGII): [ka'loRis]. No primeiro caso, o mesmo informante já havia realizado esse metaplasmo em *culheri* [ku'¥ERI], *mulheri* [um'¥ERI]. No segundo caso, em [ka'loRis]: não é possível afirmar que a variante seja o plural de *calores*, visto que o informante porto-calvense, em diversas situações, tendia a se exprimir no plural, ainda que se tratasse de uma unidade no singular: ―INF. Ah, *televisõis* ⍰⍰né. Duma caxa de *papelões*. *Tisoras*. Chama *ímas*‖.

Em relação ao /r/ em coda silábica externa, em verbos, no caso, a questão do QFF 026 – BOTAR – novamente ocorreu o apagamento da consoante nas duas variantes citadas – *pôr* e *botar* – registrados para a pergunta: ―*quando a galinha canta e vai para ninho a gente diz que ela vai fazer o quê?*‖

O comportamento do rótico em final de sílaba dos verbos *botar* e *pôr*, registrados pelos informantes do ALEAL em resposta à questão QFF 026, pode ser conferido no Quadro 10:

Quadro 10 – /r/ em coda silábica externa, em verbos

Verbo	BOTAR	PÔR	PÔR	PÔR
Realização	[bç'ta]	['po]	[a'po]	['poRI]
	⍰⍰⍰	⍰⍰⍰	[0]	[RI]
Total	10	47	1	1

Fonte: Banco de dados constituído pela autora.

Ao contrário do que se esperava, a maioria dos informantes não respondeu *botar*: foram obtidos 75 % de respostas para o verbo *pôr*, 16% para o verbo *botar*, 6% para colocar.Os outros 2% referem-se ao verbo *pôr*, mas em duas situações diferentes: paragoge e prótese (esta última, obviamente, não é objeto da análise pois não concerne o /r/ final). Entretanto,

esses dados não invalidam o propósito da questão, que é verificar o comportamento do /r/ em coda silábica externa.

No verbo *botar* o apagamento ocorreu em nove pontos. As distribuições diatópica, diagenérica e diassexual estão assim configuradas: 1 – Delmiro Gouveia (HGI); 2 – Canapi (MGI); 3 – Santana do Ipanema (HGI – MGII); 4 – Piranhas (MGI); 7 – Penedo (MGI); 8 – Piaçabuçu (MGI); 11 – Palmeira dos Índios (MGI); 16 – Marechal Deodoro (MGI); 17 – Maceió (MGII); 18 – União dos Palmares (MGII). Em todos esses pontos, o verbo BOTAR só concorre no Ponto 1 – Delmiro Gouveia (HGI), sendo minoritário nas outras oito localidades.

Como já dito, o verbo *pôr* foi a variante lexical mais produtiva para a questão do QFF 026: com 47 realizações. O apagamento do /r/ em coda final ocorreu em 100% das menções. Assim, o verbo *pôr*, com essa característica fonética, é exclusivo nos pontos: 2 (Canapi); 6 (Traipu); 9 (Coruripe); 10 (Arapiraca); 12 (Quebrangulo); 13 (Limoeiro de Anadia); 19 (São Luís do Quitunde), e 21 (Maragogi). É majoritário nos pontos 3 (Santana do Ipanema); 8 (Piaçabuçu); 11 (Palmeira dos Índios); 14 (São Miguel dos Campos); 16 (Marechal Deodoro); 18 (União dos Palmares), e 20 (Porto Calvo). O verbo *pôr* só concorre com o verbo *botar* no Ponto 1 – Delmiro Gouveia.

Ainda tratando do verbo *pôr*, foi registrado um caso de metaplasmo referente ao /r/ em coda final. No Ponto 7 – Penedo, um informante do sexo masculino, 55 a 75 anos, realizou a forma ['poRI], adicionando o /i/ paragógico no final do verbo.

A QFF 026 documentou ainda um terceiro verbo, *colocar,* com quatro menções, assim distribuídas: Ponto 3 – Santana do Ipanema (MGI), 14 – Marechal Deodoro (MGII), 17 – Maceió (MGI), e Ponto 20 (HGI). Em todos os pontos ocorreu o apagamento do /r/ em coda externa, assim registrado: [kçlç'ka].

Quanto à realização do /r/ em início de sílaba, como na questão QFF 028 – ROSA, só ocorreu a fricativa glotal [h].

1.3. A realização das consoantes /t, d/ antes da vogal /i/ e da semivogal /j/

Cristófaro Silva et al (2012, p. 61) explicam que, ―tradicionalmente, o português teria somente consoantes oclusivas alveolares, sendo que africadas surgiriam em decorrência do processo de palatalização‖. Segundo os autores, o fenômeno da fricatização de oclusivas alveolares, portanto, é um dos fatores que distinguem o português brasileiro das

variedades do português europeu, africano e asiático. Acerca da dessa característica fonética do português falado no Brasil, Mota (2016, p.49), detalha que:

> A palatalização das consoantes dento-alveolares /t, d, n, l/, no português do Brasil, é favorecida pela presença contextual de segmentos palatais, antecedentes ou subsequentes, podendo-se arrolar os contextos em que se encontram: (i) vogal palatal alta [i] seguinte, fonológica, como em tia, dia, menino, liquidação, bonito, ou resultante do alçamento de vogal média anterior, como em noite, tarde, neblina; (ii) semivogal palatal antecedente às consoantes /t, d, , n, l/, como em muito, doido, boido carro, seinão, agoisto (agosto), desisturma (dez turma), teimnão (tem não), teimluz; (iii) vogal palatal alta antecedente seguida de /S/ em coda silábica, como em diarista.

Em seus estudos sobre o fenômeno nas capitais brasileiras, trabalhando com a base do banco de dados do ALiB, a autora demonstra que a menor incidência da palatalização (em se tratando de /ti, di/) encontra-se em cinco capitais do Nordeste (Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju), além de Florianópolis, no Sul, e Cuiabá, no Centro-Oeste.

Não consta dos objetivos desta tese um estudo acurado do comportamento das consoantes dentais alveolares /d/ e /t/ antes da vogal /i/ e da semivogal /j/, entretanto, os dados do ALEAL expostos nas cartas que tratam especificamente desse fenômeno requerem uma breve explanação. Algumas questões do QFF apresentam contextos fonéticos que propiciam conhecer a realização do segmento /ti/ e /di/[62], tais como: *prateleira*, *tesoura*, *tomate*, *noite*, *dia*, *tarde*, *hóspede*, *advogado*[70], *inocente*, *mentira*, *tio*, *perdida*.

Os dados da carta fonética referente à questão 075 do QFF – TIO – indicam a manutenção da oclusiva nessa consoante, como apontado no Quadro 11:

Quadro 11: Realizações do segmento /ti/ para as respostas ao QFF 075 - TIO

QFF)75			
TIO	['tiw]	['tJiw]	['tSiw]
Total de ocorrências	39	16	1

Fonte: Banco de dados constituído pela autora.

Em relação à distribuição diatópica, a oclusiva obteve 39 ocorrências, mantendose com exclusividade nos pontos: 3 (Santana do Ipanema); 8 (Piaçabuçu); 9 (Coruripe); 10

[62] A vogal átona /e/, em Alagoas, em qualquer posição na palavra realiza-se sistematicamente como /i/. [70] Na carta QFF 058 – ADVOGADO, a suarabácti, como em [adivç'gadU], com acréscimo da vogal /i/, obteve 50% de ocorrências junto aos informantes do ALEAL.

(Arapiraca); 11 (Palmeira dos Índios); 13 (Limoeiro de Anadia); 15 (Pilar); 16 (Marechal Deodoro), 17 (Maceió). Concorre com as realizações africadas nos pontos: 1 (Delmiro Gouveia); 2 (Canapi); 5 (Pão de Açúcar); 6 (Traipu); 12 (Quebrangulo); 14 (São Miguel dos Campos) e 21 (Maragogi). A oclusiva é dominante apenas nos pontos 7 (Penedo) e 20 (Porto Calvo).

As realizações africadas receberam 17 menções (inclusive a variante palatalizada ['tJiw]) sendo exclusivas no Ponto 19 – São Luís do Quitunde. A realização ['tSiw] só foi encontrada no Ponto 4 – Piranhas (HGI). As palatais são dominantes somente no Ponto 18 (União dos Palmares).

Em relação à variável sexo, houve mais ocorrências das palatais entre os informantes do sexo masculino, dez no total, dos quais sete jovens e três idosos. Entre as informantes do sexo feminino, foram seis palatais: três da primeira faixa etária e as outras três da segunda.

Na questão 034 do QFF – DIA, a realização africada do segmento /di/ ocorreu com menor frequência se comparada com os dados do segmento /ti/: oito em toda a rede de pontos. O Quadro 12 mostra o total das realizações do segmento /di/ na item lexical DIA.

Quadro 12: Realizações do segmento /di/ para as respostas do QFF 034 DIA

QFF 034			
DIA	['diå]	['dZiå]	['dJiå]
Total de realizações	47	5	3

Fonte: Banco de dados constituído pela autora.

Todos os informantes registraram a oclusiva nos pontos 1 (Delmiro Gouveia); 5 (Pão de Açúcar); 6 (Traipu); 7 (Penedo); 8 (Piaçabuçu); 9 (Coruripe); 10 (Arapiraca); 11 (Palmeira dos Índios); 13 (Limoeiro de Anadia); 17 (Maceió); 18 (União dos Palmares); 20 (Porto Calvo); 21 (Maragogi). Manteve-se dominante nos pontos 3 (Santana do Ipanema); 14 (São Miguel dos Campos), e 16 (Marechal Deodoro), e concorrente (às realizações palatais) nos pontos 2 (Canapi); 4 (Piranhas); 12 (Quebrangulo); 15 (Pilar), e 19 (São Luís do Quitunde.

As oito realizações africadas não são exclusivas, nem predominantes em nenhum das localidades, mas concorrem nos ponto 2 – Canapi (MGI); 4 – Piranhas (HGI); 12 – Quebrangulo (HGI); 15 – Pilar (HGI); 19 – São Luís do Quitunde (MGI). No Ponto 16 –

Marechal Deodoro, a palatal obteve apenas uma realização na fala da informante MGI. No tocante à variável sexo, não foram constatadas disparidades entre as realizações de homens e mulheres.

1.4. O comportamento do ditongo /ej/ no ALEAL

Para que seja observada, na língua, a monotongação, pressupõe-se, obviamente, a presença do ditongo com o enfraquecimento da semivogal. no vocábulo quando a emissão de dois fonemas vocálicos – vogal e semivogal – na mesma sílaba, caracterizada pela vogal, mais sonorizada, que enfraquece a semivogal. O fenômeno, mais frequente nos ditongos decrescentes, tem sido analisado por vários pesquisadores, entre eles Margotti (2004), Amaral (2005), Toledo (2010), entre tantos outros.

Na carta QFF 003 do ALEAL, os resultados demonstram que a monotongação foi realizada por 43 informantes, ao passo que o ditongo foi conservado por 10 informantes, conforme demonstrado no quadro 13:

Quadro 13 – Realizações do ditongo /ej/ de acordo com a variável sexo na resposta ao QFF 019 – PENEIRA

Monotongação [pe'neRå]		*Manutenção do ditongo* [pe'nejRå]	
Homem	Mulher	Homem	Mulher
21 registros	22 registros	5 registros	5 registros

Fonte: Banco de dados constituído pela autora.

No que se refere à distribuição diatópica, diagenérica e diassexual, a monotongação foi registrada nos 21 pontos da rede. O ditongo /ey/ só ocorreu nos seguintes pontos: 1- Delmiro Gouveia – MGI; 3- Santana do Ipanema – HGI; 4- Piranhas – HGI; 8- Piaçabuçu – MGI; 14- São Miguel dos Campos – HGII; 15- Pilar – MGI; 16- Marechal Deodoro – HGI, MGI; 20- Porto Calvo – HGI, MGI.

Os informantes que realizaram o ditongo /ej/ são todos da faixa etária jovem exceto um informante do sexo masculino com idade entre 55/75 anos.

1.5. O comportamento do ditongo /ay/ no ALEAL

No ALEAL, o ditongo /aj/ está representado na questão do QFF 004 – CAIXA, conforme se expõe no Quadro 14.

Quadro 14 – Realização do ditongo /aj/ de acordo com a variável sexo na resposta ao QFF 004 – C<u>AI</u>XA

Monotongação ['kaSå]		*Manutenção do ditongo* ['kajSå]	
Homem	Mulher	Homem	Mulher
21 registros	25 registros	6 registros	2 registros

Fonte: Banco de dados constituído pela autora.

A monotongação foi obtida em toda a rede de pontos, entre os informantes das duas faixas etárias e dos dois sexos. Foram registradas somente oito respostas nas quais o ditongo /aj/ foi conservado. Seguem as localidades onde foi mantido, com indicação das dimensões diassexual e diageracional: 4 – Piranhas – HGI; 6 – Traipu - MGI ; 9 – Coruripe – HGI; 14 – São Miguel dos Campos – HGI; 16 – Marechal Deodoro – HGI; 17 – Maceió – MGI; 19 – São Luís do Quitunde – HGI; 21 – Maragogi – HGI.

2- ANÁLISE DE ALGUMAS VARIÁVEIS DO QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO – QMS

Quando da introdução deste trabalho, ao expor as indagações que me fazia acerca das diferenças entre o dialeto de minha família, de origem nordestina, e os dialetos que ouvia no Norte do Paraná, enfatizei o emprego do pronome pessoal *comigo*. No âmbito familiar, os membros de minha família diziam *eu <u>mais</u> tu*, ou *eu <u>mais</u> nós*, *nós <u>mais</u> eles.* Houaiss (2009) indica o uso do *<u>mais</u>* como preposição informal, dando como exemplo esta frase: ―a noiva compareceu ao enterro *<u>mais</u>* a família‖. Na acepção que se segue, o mesmo dicionário pretende o emprego do *<u>mais</u>* como conjunção informal: ―guardou no cofre as joias *<u>mais</u>* as barras de ouro‖.

Na questão 020 do QMS, que trata do emprego do pronome *comigo*, propunhase a formulação: ―quando alguém não quer tomar café sozinho, diz para convidar outra pessoa: Quer tomar café ____ ?‖. Foram documentadas 47 realizações para o pronome *comigo* e 5 para a forma *mais eu*.

Com relação à distribuição diatópica, verificou-se que o pronome *comigo* é exclusivo nos pontos 2 (Canapi), 3 (Santana do Ipanema), 4 (Piranhas), 5 (Pão de Açúcar), 6 (Traipu), 7 (Penedo), 9 (Coruripe), 10 (Arapiraca), 13 (Limoeiro de Anadia), 14 (São Miguel dos Campos), 15 (Pilar), 16 (Marechal Deodoro), 17 (Maceió), 18 (União dos Palmares) e 19

(São Luís do Quitunde). Concorre com a forma *mais eu* nos pontos 1 (Delmiro Gouveia), 11 (Palmeira dos Índios), 12 (Quebrangulo) e 21 (Maragogi). O pronome *comigo* é majoritário no Ponto 20 (União dos Palmares), com três ocorrências.

A respeito da variável sexo, somente os informantes da primeira faixa etária mencionaram a forma *mais eu*, sendo três mulheres e dois homens.

A carta referente à pergunta 024 do QMS – que concerne o verbo *ouvir na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo*, obteve o seguinte resultado: 16 realizações para *ouço*, seis para *ouvo*, e uma para *oiço*. Foram registradas 34 ocorrências para a *omissão do verbo ouvir*. As não respostas foram documentadas ao menos uma vez em toda a rede de pontos, com exceção de: Ponto 13 – Pilar (os dois informantes realizaram *ouço*, sendo a única localidade em que é exclusivo); 6 – Traipu, e 12 – Quebrangulo. É concorrente nos pontos 8 – Piaçabuçu , 18 – União dos Palmares e 19 – São Luís do Quitunde.

Quanto à distribuição diatópica, diagenérica e diassexual, a primeira pessoa do verbo ouvir, conjugada de acordo com a norma padrão – *ouço* – foi constatada nos pontos 3 – Santana do Ipanema (HGI, MGI); 6 – Traipu (HGI); 7 – Penedo (HGI, HGII), 8 – Piaçabuçu (HGI); 12 – Quebrangulo (MGI); 13 – Limoeiro de Anadia (HGI, MGI); 14 (São Miguel dos Campos (MGII)); 16 – Marechal Deodoro (HGI, MGI); 17 – Maceió (HGI); 18 – União dos Palmares (HGI, MGI); 19 – São Luís do Quitunde (MGI).

A realização verbal *ouvo*, com seis ocorrências, foi mencionada por informantes dos pontos 3 – Santana do Ipanema (MGII); 6 – Traipu (MGI); 12 – Quebrangulo (HGI); e 20 – Porto Calvo (HGI, MGI, HGII). A forma *oiço* foi registrada por uma informante do sexo feminino, de 55 e 75 anos.

Inquiridos sobre o que fariam se ganhassem na loteria, referente à QMS 027 – FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO foram obtidos 70% de registros para o *pretérito imperfeito do indicativo*, como nessas respostas de alguns informantes.

Ponto 1 – Delmiro Gouveia (HGI): ―ia ajeitar minha casa‖

Ponto 3 – Santana do Ipanema (MGII): ―eu ajudava muitos pobres‖

Ponto 5 – Pão de Açúcar (MGI): ―eu tirava o dinheiro do dízimo‖

Ponto 15 – Pilar (HGI): ―eu sumia‖

Ponto 16 – Marechal Deodoro (MGI): ―eu ia embora daqui‖

Ponto 21 – Maragogi (MGI): ―eu mudava minha vida‖

As nove respostas no futuro do pretérito do indicativo estão assim distribuídas: Ponto 1 – Delmiro Gouveia (MGI), Ponto 2 – Canapi (MGI), Ponto 4 – Piranhas (HGI), Ponto 7

– Penedo (HGII), Ponto 8 – Piaçabuçu (MGI), Ponto 11 – Palmeira dos Índios (HGI), Ponto 16 – Marechal Deodoro (HGI), Ponto 17 – Maceió (HGII), 19 (MGI). Sete informantes registraram verbos no infinitivo, sendo seis homens (apenas um da segunda faixa etária) e uma mulher de 30/50 anos.

A QMS 003 – CAL obteve 55 ocorrências para o gênero masculino deste substantivo: *o cal*. Em toda a rede, o gênero feminino foi registrado por apenas um informante HGII no Ponto 7 – PENEDO.

Em resposta à QMS 023 – MAIOR / DE MAIOR: ‖—*quem já completou 18 anos pode tirar carteira de habilitação porque é* ___.‖, que trabalha a preposição *de* antes de conceito de maioridade/menoridade, somente dois informantes nos pontos 7 – Penedo (HGII) e 16 – Marechal Deodoro (MGI) registraram *maior*.

3- ANÁLISE DA PERGUNTA METALINGUÍSTICA: “COMO SE CHAMA LÍNGUA QUE O(A)SENHOR(A) FALA?”

O ALEAL comporta seis questões no grupo de Perguntas Metalinguísticas, todas versando sobre a língua e as diferenças dialetais no Brasil. A primeira delas: ‖—*como chama a língua que o(a) senhor(a) fala*?‖, obteve três respostas: *português*, com 48 registros, *língua brasileira* com dois, e *língua alagoana*, também dois.

A resposta ‖—*português*‖ ocorreu em todas as localidades, é majoritária nos pontos 14 (São Miguel dos Campos) e 20 (Porto Calvo), e concorre somente no Ponto 6 – Traipu no Ponto 13 – Limoeiro de Anadia, onde uma informante do sexo feminino respondeu *língua brasileira*. Esta também foi resposta dada por um homem de 30/50 anos, no Ponto 20 – Porto Calvo. A ocorrência *língua alagoana*, a única no Ponto 13 (Limoeiro de Anadia), foi realizada por um homem de 30/50 anos. No Ponto 4 (São Miguel dos Campos), uma informante de 55/75 anos registrou o mesmo.

Essa pergunta metalinguística referente à língua falada no Brasil, encontra ressonância na carta QFF 055 – BRASIL, que trabalha a consoante /l em final de sílaba. Ainda que as duas questões estejam em questionários cujas finalidades não sejam as mesmas, as respostas dos informantes permitem que se faça um cruzamento de dados. Nos pontos 1 (Delmiro Gouveia) e 2 (Canapi), os dois informantes HGI não souberam responder as duas perguntas, ou seja, nem o nome do País, nem a língua falada. No Ponto 3 – Santana do Ipanema, um informante HGII disse desconhecer o nome do País [a questão é assim

posta: qual é o nome do nosso país?], e ainda que a questão tenha sido direcionada a outras situações, ele respondeu *alagoa* (no singular). No Ponto 21 – Maragogi, a informante MGI registrou *português* para o nome da língua, e *alagoa* para o País. Nos pontos 13 (Limoeiro de Anadia) e 14 – Marechal Deodoro, um informante HGI e uma MGII disseram que a língua é *alagoana*.

A primeira questão proposta nas Perguntas Metalinguísticas repercute nas discussões/comentários dos informantes. Ao tratar das pessoas que falam diferente (trata-se do que se concebe como diferença em relação à fala da própria localidade), uma informante MGI, no Ponto 16 – Marechal Deodoro, manifestou-se da seguinte maneira:

> INF.- Porque apesar de aqui ser interior, ainda existem outros povoadozinhos mais simples, pessoal não tem muito acesso, a escolha já chega lá, mas ainda tem aquelas pessoas mais antigas que nunca estudaram, ou que, às vezes, os filhos não conseguem estudar, aí não fala assim aquele português correto, fala português, porque a língua é a mesma, mas não fala correto, por exemplo, em vez de dizer ―*eu vou procurá*‖, diz ―*fulano vai caçá*‖.

A informante observa que as pessoas que vivem na zona rural, em particular, as que não frequentaram a escola, os mais velhos, todos falam português, mas, de acordo com ela, não falam o português corretamente. Ela cita o verbo *caçar* no sentido de buscar insistentemente, sair à cata de algo que se perdeu: para esta informante, as pessoas que empregam o verbo dentro deste contexto não falam o português considerado padrão. Especificamente sobre este verbo, o ALEAL, no QMS 030, propunha s seguinte questão aos informantes: ―. *o(a) senhor(a) está olhando para o chão, tentando encontrar algo que perdeu (carteira, relógio, dinheiro), quando passa um amigo e pergunta o que o(a) senhor(a) está fazendo. O(a) senhor(a) diz: "perdi tal coisa e estou aqui* ___‖. Foram obtidas dez respostas para o verbo *caçar*. Conforme a informante, as dificuldades de acesso (para aqueles que residem no campo), escola e o fator idade, portanto, interferem no falar da comunidade.

Na fala de outra informante MGI (Ponto 17 – Maceió), percebe-se a ideia generalizada de que certos dialetos, notadamente, aqueles falados por indivíduos com baixo nível de escolaridade, não estão em conformidade com o *português* considerado culto: ―falam mais cafona, né‖.

À propósito dos diferentes falares que coabitam dentro de uma mesma comunidade, em Pão de Açúcar (Ponto 5), um informante HGI disse:

> INF.- Sempre um fala diferente do outro.

> INQ.- E por quê?
> INF.- Muitos acompanham mais, assiste novela, internet, e isso traz conhecimento com que eles fala um pouco diferente um do outro.

No excerto citado acima, o informante aponta as novas tecnologias, a televisão, como sendo elementos que influenciam a comunidade linguística.

No Ponto 3 – Santana do Ipanema, uma informante MGII indicou outros fatores.

> INF.- Existe diferença, porque Paraná mesmo é uma linguage, eu já tive na Cidade Gaúcha em Paraná, eu passei quarenta dia na Cidade Gaúcha em Paraná, na casa duma irmã e eu como assim e fui lá pra APAIS ((=APAE)) uma instituição que tem de deficiente mental por causa do pobrema que tenho aqui em casa, as pessoa lá é de uma fala muito... São Paulo tamém tem aquele linguajar muito diferente... Rio de Janero tem oto linguajar, ocê vai pa Pernambuco é oto linguajar, cê vai pa Bahia é oto linguajar, cê vai pa Sergipe oto linguajar, cada... Nossa país é assim, so num tem os idioma, as pessoa só num aprendi os idioma que os holandêis como eu cunvivi muitos ano aqui cum uma frera de Holanda, a irmã Leonça, mais muitos ano aqui cum a gente, trabalhei junto cum ela e tudo que a irmã Leonça dizia eu intindia.

A informante cita as diferenças dialetais dos Estados brasileiros, e, também, de pessoas de outras nacionalidades. Em seu relato, ela declara que os diferentes falares não impediram a comunicação entre ela e seus interlocutores.

Os intercâmbios sociais entre falantes de diferentes regiões levariam a mudança de comportamento linguístico da comunidade, como evidenciado no comentário desta informante MGI, no Ponto 2 – Canapi. No caso, ela diz verificar que membros de sua comunidade, ao se confrontarem a outros falantes, tendem a corrigir as próprias características linguísticas para se igualarem a outros cujo falar lhes parecem mais prestigiosos:

> INF.- Tem, porque tem muita gente que viaja, vai pra São Paulo, tem uns que chega puxando, esticando, cheio de querer ser paulista e o paulista nem fala assim.

No Ponto 10 – Arapiraca, uma informante MGI citou a complexidade da língua portuguesa, o que, em sua opinião, impõe empecilhos aos falantes:

> INF.- Fala.
> INQ.- Como assim?
> INF.- Português é muito difícil de falar, aí cada um fala de um jeito.

Na questão número 5 das Perguntas Metalinguísticas: ―na sua opinião, onde é que se fala mais bonito no Brasil‖, a informante MGI, no Ponto 2 – Canapi, teceu essas considerações:

> INF.- Eu acho muito bonito essa diferença que a gente tem de um estado pro outro, o estado.
> INQ.- E onde acha bonito?
> INF.- Eu acho bonito o pessoal de São Paulo, eles falam mais rápido, a gente fala muito arrastado, quando a gente vê outra pessoa é muito esquisito.
> INQ.- Você acha que vocês falam mais lentamente?
> INF.- É. Tem uns que arrasta muito. Mas eu acho interessante, acho bonito essa diferença.

No Ponto 19 – São Luís do Quitunde, um informante HGI comentou:

> INF.- O gaúcho (risos).
> INQ.- Pode falar.
> INF.- Não sei falar não, mas é diferente.
> INQ.- Na sua opinião, onde se fala mais bonito no Brasil?
> INF.- Eu acho que local que fala mais bonito é Rio Grande do Sul. pessoa estudada, fala correto.

Uma informante MGII, no Ponto 17 – Maceió, detalhou as diferenças que percebe em alguns Estados.

> INF.- Fala.
> INQ.- Como?
> INF.- O carioca é diferente do nordestino, o cearense é diferente de nós que moramos aqui em Alagoas.
> INF.- Eu acho que o carioca [fala mais bonito].
> INQ.- Por quê?
> INF.- Eles puxa muito o /r/.
> INQ.- Isso é agradável?
> INF.- Eu acho agradável, falam muito explicado. Aliás, não só o carioca, pessoal do Sul, eles falam muito bem.
> INQ.- Se a senhora me ouvisse falando aí na rua, a senhora diria que eu sou da sua cidade?
> INF.- Diria não.
> INQ.- Por que?
> INF.- Pela diferença de você falar.
> INQ.- E o que tem de diferente?
> INF.- Porque a nossa fala é arrastada a sua é uma fala rápida, explicada.
> INQ.- E isso é esquisito?
> INF.- Torna-se esquisito porque é diferente da nossa.

Em meio às observações, a informante aponta especificamente o /r/ da fala carioca, além da entonação vocal.

2. O COMPORTAMENTO DE ALGUMAS VARIÁVEIS LEXICAIS NO ALEAL

O objetivo primeiro de um atlas linguístico é descrever a realidade dialetal de uma comunidade em um espaço delimitado. A análise dos dados obtidos – variantes fonéticas, lexicais, morfossintáticas e metalinguísticas – resta, portanto, como uma ferramenta a mais no aprofundamento da realidade do português brasileiro.

Ainda que esse não seja objetivo desta tese empreender um estudo pontual das variantes lexicais obtidas, proponho aqui uma síntese de algumas das variantes lexicais, notadamente, aquelas que inspiram estarem mais arraigadas a crenças, tradições populares, e tabus linguísticos, em particular, ligados à religiosidade.

Neste trabalho, as variantes lexicais registradas referem-se a questões propostas no Questionário Semântico-Lexical (QSL). No primeiro tema – *eventos naturais* – a carta com dados do QSL 004 – REDEMOINHO (DE ÁGUA) destaca-se pela alta produtividade, com 20 registros no total, sendo os quais: *redemunho, panela, bacia, caldeirão, redemoinho, negro d"água, rebojo, cacimba, remanso, areia gorda, perau, porão, vulcão, mareta, gedemunho, tornado na água, caldeirão, correnteza*. A essas variantes acrescentam-se os sintagmas *uma força que puxa* e *a maré puxa.*

As variantes *redemunho* e *redemoinho* (na água), entre as cinco com maior índice de frequência, foram objeto de análise da carta QSL 007 – REDEMOINHO (DO VENTO). A compreensão acerca do turbilhão que se forma no mar ou no rio devido ao cruzamento

de correntes contrárias, voragem, sorvedouro, chega os informantes de maneira vaga, e isso propicia crenças em torno do fenômeno, tal qual se faz transparecer nas respostas sobre o *redemoinho de vento*.

O desconhecimento e temor se manifestam em ao menos duas designações para o evento: *areia gorda* e *negro d"água*. A primeira variante, registrada por uma informante MGI no Ponto 6 – Traipu, segundo o dicionário Aulete Digital, que traz o termo no plural – *areias gordas* – é uma forma de esconjuro: ―*vai-te para as areias gordas*‖. Houaiss apresenta a mesma acepção, complementando que se trata de um regionalismo brasileiro para o inferno. A informante interpreta o *redemoinho de água* como um evento que, ao tragar o indivíduo para o fundo do rio (ou do mar), conduz à morte. Por se tratar de uma força superior à humana, e por se dotada (esta força) do poder de roubar vidas, a areia gorda agrega em si o instrumento através do qual a morte se manifesta, bem como o sítio (o inferno) onde reside o mal. Houaiss (2009) reenvia a *areia-gulosa* e *areia-engolideira*, ambas com o sentido de areia movediça e banco de areia. Infere-se da resposta da informante que o turbilhão que se forma dentro da água e que puxa a pessoa para o fundo se confunde com o leito do curso.

O *negro d"água*[63] segundo as tradições próprias às populações ribeirinhas do São Francisco, é uma entidade fantástica que habita numa gruta de ouro no fundo do rio, provocando pânico entre os pescadores. Também conhecido como caboclo d‘água, teria cabeça grande, desproporcional, e apenas um olho no meio da testa. Emborca as embarcações quando delas se aproxima, espanta os peixes e semeia o caos nas águas do rio. Os pescadores, para aplacar os prejuízos que faz o *negro d"água*, trazem consigo fumo de corda e cachaça para oferecer ao ser sobrenatural. Pintam também estrelas no casco das canoas: do fundo do rio, o negro d‘água, ao olhar o céu estrelado que desliza na flor d‘água irá se acalmar e manterá distância.

O aspecto físico do *negro d"água* encontra paralelo com os ciclopes da mitologia grega, gigantes com um olho só no meio da testa. Quanto ao comportamento, há alguma semelhança com o *saci-pererê* do folclore brasileiro, que também espalha desordem nos campos, dentro das casas, afugenta animais e mete medo nos viajantes que circulam sozinhos durante a noite (CÂMARA CASCUDO, 1962). Entretanto, as perturbações

[63] As informações estão na página da CODEVASF, disponível em: https://www.codevasf.gov.br/. Acesso em: 02 fev. 2017.

causadas pelo *saci-pererê* são menores do que os males causados pelo *negro d"água*, este último, por agir dentro do rio, pode causar a morte.

Na questão QSL 089, que inquiria sobre a protuberância laríngea, popularmente conhecida como POMO-DE-ADÃO, 42% dos informantes registraram a variante *nó*. Em números absolutos, essa resposta foi fornecidas por 8 homens e 9 mulheres. Perguntados se conheciam o motivo de tal designação, vários entre eles fizeram referência à *maçã* que, no relato bíblico, Eva ofereceu a Adão. Um informante do sexo masculino, da segunda faixa etária, no Ponto 3 – Santana do Ipanema - explicou:

> INF.- Ah, isso foi Adão que dexô a maçã... é, não enguliu, quando ele foi, foi gumitá pra fora. Aqui chama isso. Porque ele tentou rotá, aí ela ficô na guela.

Outro informante do sexo masculino, faixa etária jovem, no Ponto 2 – Canapi – registrou a variante *gargalo*, e explicou que ―*é o nó da garganta, é sinal do homem*‖, reiterando a crença na transgressão cometida por Adão. No Ponto 20, Porto Calvo, mais um informante do sexo masculino – GHI – confirmou: ―*é o sinal, né, diz que o nó da garganta é o sinal do homem*‖. Nesse sentido, a designação *pomo-de-adão* é mais que explícita: a maçã que Adão tentou comer ficou-lhe atravessada na garganta.

Em relação à distribuição diatópica, diagenérica e diassexual, a variante *nó* é exclusiva nos pontos 5 – Pão de Açúcar (HGI, MGI), 15 – Pilar (HGI),

Outra questão que obteve produtividade bastante elevada, com 14 variantes lexicais registradas, sendo que muitos informantes mencionaram mais de uma unidade. O nome mais lembrado foi *satanás* com 35% das respostas – 16 para informantes do sexo masculino, e 14 para as do sexo feminino. A lexia *satanás* remete a *satã*, que em hebraico significa ―aquele que arma ciladas‖ (HOUAISS, 2009). Em segundo lugar, com 24% das ocorrências, vem *diabo.* Ainda segundo esse dicionário, a designação é tomada do latim eclesiástico *diabolus*, que, por sua vez, tinha raízes no grego *diábolos*,

―o que dá temor, o que desune, o caluniador‖.

Em terceiro lugar, *capeta* obteve 18% de menções. Em Houaiss (2009), *capeta*, com datação em língua portuguesa de 1899, é um regionalismo do Brasil. Na aba referente à etimologia, a designação é definida como uma combinação de *capa* mais o sufixo formador de diminutivos *eta*. O dicionário, na primeira acepção, traz: ―veste sem manga e geralmente longa que se sobrepõe à roupa‖; na segunda acepção, por analogia, tem-se: ―tudo que envolve, cobre, protege alguma coisa‖. A entidade maléfica, em suas

diferentes formas junto ao imaginário popular, se esconde sob uma capa, uma cobertura que lhe proporciona liberdade de ação contra os seres humanos. Esse manto com que a criatura se recobre para ter mais liberdade de ação não poderia ser de outra cor que não a preta: essa ideia encontra respaldo numa das respostas dadas por uma informante do sexo feminino – MGI – no Ponto 16 – Marechal Deodoro: *bicho preto*.

Alguns informantes se mostraram muito suscetíveis ao temor de fornecer designações para o *diabo*. No Ponto 3 – Santana do Ipanema, uma mulher da faixa etária jovem não quis responder, afirmou-me não saber a que a questão se referia.

Por outro lado, foram justamente as mulheres que mais registraram ocorrências para o referente. No Ponto 5 – Pão de Açúcar, uma informante da Geração I, respondeu: *diabo, satanás, lúcifer, meu adversário*. Ao comentar sobre essa última designação, *meu adversário*, ela sugeriu haver um embate entre o ser maléfico e o ser humano. Duas mulheres da Geração I (Ponto 18 – União dos Palmares), e (Ponto 19 – São Luís do Quitunde), responderam *peste*, numa inferência ao mal que corrompe física e moralmente. Ainda no Ponto 18, uma informante da Geração II designou-o como *nojento*, relacionando a repugnância àquele a quem se atribui a maldade.

O corpo humano, ainda nos dias de hoje, continua envolto em desconhecimento e mistérios, como fica evidenciado na Questão do QSL 102 – ÚTERO.

No ALEAL, 46,9% dos informantes responderam *barriga*;

29,7% registraram *útero*;

9,4% disseram *ventre*;

4,7%, *placenta*.

Um percentual de 9,4% corresponde a: *b*acia (resposta de 3 mulheres), e uma que disse *colo.* Dois homens, um jovem e outro da faixa etária II disseram que o bebê, antes de nascer, fica no *bucho*. O informante mais jovem, vaqueiro de profissão, comentou que nas fêmeas, sejam elas animais ou mulheres, o local onde o ser está gerando é o mesmo: no *bucho*.

As mulheres deram mais mostras do conhecimento do próprio corpo: entre os 19 informantes que responderam *útero*, 15 eram do sexo feminino. Duas mulheres e um homem da faixa etária jovem foram ainda mais pontuais, registram *placenta*.

Na questão QSL 112 – MENSTRUAÇÃO, confirmou-se a resposta *boi*, ou *estar de boi*, com 12% das respostas (em números absolutos, 4 homens e 4 mulheres), atrás da primeira

ocorrência: *menstruação*, com 82%. A terceira ocorrência: *regra*, obteve 4 respostas (2 homens e duas mulheres), correspondente a 6%.

O sintagma *estar de boi* poderia denotar a presença de um interdito. Mas de que ordem? Moral? Social? Religiosa? Na cultura popular brasileira, a figura do boi, instigante, é festejada em folguedos, danças folclóricas e outras manifestações populares. Houaiss (2009) elenca 27 locuções com o nome *boi*, todas definidas como sendo regionalismos do Brasil: ―*boi carreiro, boi de guia, boi de ponta, boi de ano, boi de cambão, boi de carro, boi de coice, boi de corte, boi de corte, boi de guia, boi de lote, boi de mamão, boi de matraca, boi de melão, boi de orquestra, boi de piranha, boi de quarta, boi de cela, boi de reis, boi de tronco, boi de zabumba, boi em pé, boi marrequeiro, boi na vara, apanhar como boi ladrão, ir amolar o boi, pegar o boi pelo chifre, bumba meu boi, estar de boi*‖.

O *boi* – *bos taurus* – mamífero ruminante natural da Europa, foi introduzido no Brasil durante o século XVI, como animal de tração, quando da implantação dos primeiros engenhos de açúcar na região Nordeste. Naturalmente, suscitou, por parte da população indígena, estupor, seja pela robustez, seja pelo comportamento. É possível que as antigas crenças das etnias locais em relação a animais de grande porte, bem como os mitos presentes na cultura da população escrava, esteja na origem das variantes que trazem o nome *boi* e, também, nas representações culturais.

A expressão *estar de boi*, como designação para o fluxo sanguíneo periódico da mulher, aludiria ao sangue da carne do animal quando sacrificado? Em muitas culturas, como a dos Incas, o sangue tem estreita ligação com o culto ao sacrifício, de animais e mesmo de humanos. Um dos regionalismos brasileiros citados no dicionário, *boi de piranha*, evoca justamente o sacrifício de um boi morto e atirado no rio para que o restante da manada possa ganhar a outra margem ao abrigo do ataque desses peixes carnívoros e vorazes. A travessia dos bovinos é feita em meio às águas tingidas com o sangue do boi sacrificado.

A tríade *cor vermelha, sangue* e *boi* é explorada no rito das touradas ibéricas: o toureador atiça a agressividade do touro ao agitar uma estola rubra diante de si, ainda que não se ateste cientificamente que seja a cor do tecido que enfureça o animal.

O *bumba meu boi*, dança dramática popular brasileira, com particular representatividade em alguns Estados, como o Maranhão e o Amazonas, tem na figura do boi o personagem principal. Na dramatização mais conhecida, uma mulher grávida deseja comer uma língua de boi, no que lhe atende o marido. Este, por não possuir animais, ordena a um escravo que mate o boi de uma propriedade vizinha. O dono do animal, ao tomar conhecimento do delito, manda prender o marido da grávida. Para salvar o marido, a mulher recorre a

um feiticeiro, que acaba ressuscitando o boi. Câmara Cascudo (1962) relata diversos episódios dessa manifestação no folclore brasileiro, sempre sublinhando a comoção causada pela morte do boi.

O enredo do *bumba meu boi*, com variações em cada região do País onde é representado, sugere ao menos dois elementos que poderiam estar relacionados a esse ciclo da vida mulher (a menstruação): a mulher grávida e o sangue do animal sacrificado para satisfazer-lhe o desejo. Um terceiro elemento poderia ser acrescentado: a punição à mulher, que depois da gestação tornará a sangrar, numa analogia com o sangue que fez derramar.

Esses elementos se cruzam com o relato bíblico, em que Eva come do fruto proibido e o oferece a Adão. Os dois recebem uma punição, mas enquanto que a pena de Adão é convertida em trabalho, a de Eva é física, passa-lhe pela carne: ‖com dor darás a luz filhos‖ (GÊNESIS, 3:16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal descrever a realidade linguística no Estado de Alagoas, no que concerne à língua portuguesa, por meio de um atlas linguístico. A hipótese centrou-se em confirmar a proposição de Nascentes (1953), de que os dialetos em Alagoas estão compreendidos no que ele classificou de grandes falares do Norte, dentro do qual se encontra o subfalar nordestino. A execução deste Atlas Linguístico do Estado de Alagoas forneceu-me instrumentos para atingir a globalidade dos objetivos: documentar a língua falada nas áreas urbanas e, sob a perspectiva da Geolinguística e da Dialetologia Pluridimensional, reconhecer, por meio do conjunto de cartas linguísticas, as diferenças diatópicas em seus aspectos fônicos, léxico-semânticos e morfossintáticos.

No que tange à análise motivacional de algumas designações lexicais registradas pelos informantes do ALEAL, creio ter alcançado o objetivo. No primeiro volume deste atlas, constam as análises das variantes lexicais de três campos semânticos: fauna, fenômenos naturais e flora (e produtos que dela derivam). Tais designações foram comparadas com dados de alguns atlas linguísticos regionais brasileiros, do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) e dos atlas europeus *Atlas Linguistique Roman* (ALiR), *Atlas Linguarum Europae* (ALE) e *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galícia* (ALEPG). As análises corroboraram a hipótese de que toda criação lexical é motivada na origem.

Esta tese comporta dados que levam na direção da pertinência da proposição de

Antenor Nascentes, que inseriu Alagoas no subfalar nordestino de sua divisão dialetal. Ao menos um fato linguístico tratado pelo autor como traço dialetal respalda-lhe a proposta:

i) neste Estado predominam as *vogais médias pretônicas abertas*, como em [tElEvi'zå)w)], sendo baixa a frequência da *vogais médias pretônicas fechadas*

[televi'zå)w]) .

Além dessa evidência, outros elementos linguísticos comumente apontados como traços dessa divisão dialetal também foram registrados pelos informantes do ALEAL:

i) os resultados para o /r/ em *coda interna* apontam para a prevalência da fricativa glotal [h];

ii) algumas variantes lexicais conhecidas por predominarem nos dialetos nordestinos foram documentadas: *azougue*, em lugar do magneto *imã* (QFF 010); *macaxeira* (QSL 044); *corisco* (QSL 009); *cachimbal*, *zigue-zigue* e *lava-cu* para *libélula* (QSL 069); *muriçoca* (QSL 072); elevada produtividade para o verbo *pôr* (ovo), na QFF 026, quando o esperado era registrar as variantes fonéticas para o verbo *botar*; grande frequência para a variante *zoada*, segunda resposta mais frequente para a QFF 085 BARULHO, o termo inquirido.

iii) acerca da dimensão diassexual, a fala das mulheres confirma-se como sendo mais contida, mais conservadora. Elas demonstram uma preocupação maior com o preconceito linguístico, como no relato de uma informante da primeira geração, no

Ponto 17 – Maceió, na questão 3 das Perguntas Metalinguísticas (—*poderia dar um exemplo do modo como algumas pessoas falam diferente*‖?), ela respondeu:

> INF.- No caso eu digo: vou procurá. Já tem as pessoa mais ignorante: vô caçá. Tem a história do —promode‖.
> INQ.- Como a pessoa fala isso aí numa conversa?
> INF.- É assim, pra mode isso eu vou para agora. Pra falar que gosto, aí a pessoa fala —mode isso‖. É.. por causa disso eu vou parar, —mode‖ isso.

Essa observação da informante de Penedo acerca do emprego do verbo *caçar*, no sentido procurar algo que se perdeu (QMS 030), reflete o preconceito linguístico, de modo generalizado, que permeia entre os falantes no tocante ao julgamento que faz da língua que ouvem e também do próprio falar. Esse controle linguístico, facilmente observável nas interações sociais, é revelador da rejeição às construções linguísticas que não estejam em conformidade com a norma padrão da língua (ALKMIN, 2008). A autora atenta para

o fato de que a intolerância linguística emerge do próprio preconceito social, uma barreira entre o sujeito e o próprio meio.

> Ficamos unanimemente chocados diante da palavra inadequada, da concordância verbal não realizada, do estilo impróprio à situação de fala. A intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, seja nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais etc. a rejeição de certas variedades linguísticas, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e de usos vocabulares, é compartilhada sem maiores conflitos pelos não especialistas em linguagem.‖ (ALKMIN, 2008, p. 42)

A segunda hipótese desta tese, analisar a motivação no ato da criação lexical, foi, também, demonstrada. A análise de algumas respostas dos informantes do ALEAL para questões referentes a três campos semânticos: meio biótico, meio físico e meio antrópico, atestou que toda criação lexical é motivada na origem.

A designação lexical tende a seguir esse ciclo evolutivo: a) motivação;

b) perda do conhecimento da motivação (opacidade da designação);

c) caráter arbitrário;

d) re-motivação.

Estudos lexicais fundamentados nos pressupostos teóricos da análise motivacional possibilitaram buscar a origem das designações, notadamente, quando a pesquisa etimológica não conduzia a respostas claras, ou quando não situava o referente em relação ao contexto sócio-cultural, sem indicar sua evolução através do tempo. Nesse sentido, a análise da motivação começa, antes de tudo, pela definição do referente, no intuito de conhecer como ele era percebido no universo cultural das sociedades humanas que se sucederam ao longo da história.

Isso posto, resta dizer que o ALEAL é somente uma amostragem pontual dentro do universo linguístico e humano que ainda pode ser explorado em análises futuras, uma vez que todo o material coletado para a feitura desta pesquisa encontra-se disponível. Os estudos linguísticos, como bem lembra Brandão (2016, p. 291), são instrumentos eficazes para se conhecer a língua em todos os seus estados, bem como a comunidade que dela se serve. A reflexão da pesquisadora, ao tratar de análises fonéticas, pode ser aplicada também aos demais estudos linguísticos:

> Injunções de ordem histórica e sociolinguística determinariam a maior ou menor frequência das variantes em um determinado espaço geográfico/social. Se, por um lado, retratar o funcionamento de uma língua em seus diferentes domínios espaciais implica optar por uma visão mais alargada, panorâmica, dos fenômenos que os caracterizam, de outro, implica também sinalizar aqueles que merecem análises complementares que desvelem suas nuances.

A autora salienta que os atlas de caráter pluridimensional podem contribuir não somente para ―o conhecimento da fala de comunidades nelas inseridas, mas também para a melhor delimitação das áreas linguísticas brasileiras‖ (BRANDÃO, 2016, p. 291).

No entanto, a consecução de atlas linguísticos e de demais pesquisas dialetais, apesar do muito que se avançou desde a proposição de Antenor Nascentes e seus contemporâneos, continua dificultosa, sendo necessários recursos materiais e tempo.

Nesse sentido, e guardadas as devidas proporções, faço minhas as palavras de Dauzat (1922, p. 14, 15):

> En résumé, et toutes réserves faites, les défauts de l'Atlas [ALF] sont peu de chose par rapport aux services inappréciables qu'il nous rend, et ils tiennent à la nature même et à l'étendue de l'œuvre. Il était difficile de faire mieux, à moins qu'un linguiste pût consacrer quinze ou vingt ans de sa vie à effectuer l'enquête [...] à passer huit ou dix jours dans chaque localité pour en étudier le patois, entreprise qui dépasse les possibilités humaines qui même n'eût pas été suffisante, car il faut au moins plusieurs mois pour s'assimiler scientifiquement un langage : un tel travail n'est possible que pour des recherches géographiquement très restreintes. Il faut donc compléter l'Atlas par des monographies locales plus fouillées, offrant des garanties suffisantes, et, quand on est dialectologue, par ses notes personnelles. [64]

Ao final desta pesquisa, posso afirmar que o mais importante dela não incide sobre o banco de dados recolhidos, nem sobre o total de horas trabalhadas nesses quatro anos, e nem sobre qualquer outro aspecto deste estudo. De tudo, o que fica é a matéria humana, são os homens e as mulheres que se dispuseram a falar de suas vidas, que doaram seu tempo, paciência, complacência, alguns mesmo sem entender as razões que me levaram

[64] Em resumo, e feitas todas as reservas, os defeitos do Atlas [o autor refere-se ao ALF] são coisa pouca em relação aos serviços inestimáveis que ele nos rende, e esses têm a mesma natureza e a mesma extensão da obra. Seria difícil de fazer melhor, ao menos que um linguista pudesse consagrar quinze ou vinte anos de sua vida na realização das enquetes [...] a passar oito ou dez dias em cada localidade para estudar o dialeto, empreitada que ultrapassa as possibilidades humanas, e mesmo assim não seria suficiente, pois é preciso ao menos vários meses para assimilar pesquisas geograficamente tão restritas. É preciso, então, completar o Atlas com monografias locais mais aprofundadas, que ofereçam garantias suficientes, e, quando se é dialetólogo, pelas próprias anotações pessoais. (Tradução da autora)

a bater às suas portas. Possa eu fazer jus a esses alagoanos, possa eu reproduzir com fidedignidade suas vozes e suas histórias a serviço da ciência Linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Aspectos linguísticos da fala londrinense**: esboço de um atlas linguístico de Londrina. Dissertação de mestrado. 2 v. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1987.

_____. **Atlas Linguístico do Paraná (ALPR).** Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

_____; NAVARRO, Ana Maria Mattos. Casos de não concordância nominal na linguagem rural paranaense: traços do português arcaico, influência africana ou indígena? In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **Para a história do português brasileiro**: vozes, veredas, voragens. Londrina: Eduel, 2009. v.2, p. 197- 221.

ALINEI, Mario. Arc-en-ciel. *Atlas Linguarum Europae* . V. I, cartes 6-9, Commentaire, 47-80. Assen: Van Corcun, 1983, p. 47-80.

_____. Principi di teoria motivazionale (iconimia) e di lessicologia motivazionale (iconomastica). In: **Atti des XX Convegno della SIG.** Chieti-Pescara : 1995, p. 9-36.

_____. **Del totemismo al Cristianesimo popolare**. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 1984.

_____. Belette. **Atlas Linguarum Europae**. V. I, fasc. 2. Atlas Carte 28, Commentaires. Assen/Maastricht: Van Corcun, 1986, 145-224.

_____. **Origini delle langue d'Europa**, 2 v. Bologna: Il Mulino, 1996-2000.

_____. Aspetti teorici della motivazione. In : **Quaderni di semantica**, XVII / 1, 7-17. 1996 a.

_____. **Origini delle lingue d'Europa**. La teoria della continuità. V.1. Bologna, Il Mulino, 1996b.

_____. **L'origine delle parole**. Roma : Aracne editrice, 2009.

ATLAS LINGUISTIQUE ROMAN. Centre de Dialectologie de Grenoble, I (1996) ; IIa (2001), 2b (2008). Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.

_____. Barros Ferreira M. Les noms européens de la coccinelle: pour une analyse basée sur la théorie de Propp. In : **Qsem** 7/2, 1986, pp. 195-204.

ALKMIN, Tania. Sociolinguística: parte I. In: MUSSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística:** domínios e fronteiras, v. 1, 8. São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, Edilene Maria de Oliveira. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco-Almaspe.** 2009. 149f. Dissertação, Mestrado em Linguagens e Cultura, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)**: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. Tese de doutorado. 2v. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2008.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo. (Orgs). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil** – ALERS: cartas semântico-lexicais Porto Alegre, Florianópolis: Editora da UFRGS, Editora da UFSC, 2011.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Lingüístico do Paraná II**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976.

AMARAL, Marisa do Porto. Ditongos variáveis no Sul do Brasil. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 101-116, set. 2005.: EDIPUCRS,

ARAGÃO, Maria do S. S. de, MENEZES, C. B. de. **Atlas lingüístico da Paraíba** – ALPB. Brasília: Universidade Federal da Paraíba/CNPq, 2 v., 1984.

ATLAS LINGUARUM EUROPAE – ALE. v. 1-4, Assen-Maastricht, Van Gorcum; 1983-1990.

_____. v. 5-7. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato,1996-2008.

_____. v. 8. Bucureşti: Editura universităţii din Bucureşti, 2014.

ATLAS LINGUISTIQUE ROMAN (AliR). Grenoble: Centre de Dialectologie de

Grenoble, v. I (1996); vol. II a (2001); vol. II b 2009; vol. 2, Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, no prelo.

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DE PORTUGAL E DA GALÍCIA – Centro de Linguística de Lisboa. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, dados informatizados.

AUGUSTO, Vera Lúcia dos Santos. **Atlas Semântico-Lexical de Goiás**. Tese de doutorado. 3v. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BARBOSA-DOIRON, Maranúbia Pereira. Ocorrências lexicais para redemoinho: um estudo dialetológico. In: **Signum**. V. 10. Londrina: EDUEL, 2010, p. 113-130.

BATTISTI, Carlo; ALESSIO Giovanni. **Dizionario Etimologico Italiano**. 4 V. Firenze: G. Barbèra Editore, 1975.

BÍBLIA. Português. São Paulo: Paulinas, 1982.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito Linguístico de Palavra. In BASÍLIO, Margarida (Org.). **A Delimitação de Unidades Lexicais**, p.81-97. Volume Temático I. Série Linguagem. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.

_____. Dimensões da Palavra. In ***Filologia e Linguística Portuguesa***, n.2, p. 81118. Araraquara: Unesp, 1998.

_____. Introdução às ciências do léxico, p.13-22. In ISQUERDO, Aparecida Negri, OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2ª ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v.5, n.2, p. 185-224, 1989.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Pour une approche géo-sociolinguistique de la réalité linguistique brésilienne. **Géolinguistique,** Grenoble, v. 15, p. 191-214, abr. 2015.

_____. O Rio de Janeiro na perspectiva geolinguística. In AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (Orgs.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016. p. 271-291.

BRASSEUR, Patrice. **Atlas Linguistique Ethnographique de la Normandie**. v.II. Paris : CNRS, 1984.

BRUN-TRIGAUD, Guylaine; LE DÛ, Jean. **Atlas Linguistique des Petites Antilles (ALPA)**. Parsi : Éditions du CTHS, 2011.

BUSSE, Sanimar. **Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. Tese de doutorado. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

CALAME-GRIAULE, Génévième. **La parole chez les Dogons.** Paris: Galimard, 1965.

CALDAS AULETE. Dicionário Digital. Disponível em http://www.aulete.com.br/.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1962.

_____. **História da alimentação no Brasil**. 9 ed. Brasília: J. Olympio, INL, 1976.

CÂMARA JR, José Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

_____. et al. ***Atlas Linguístico do Brasil*.** V. 1, V. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CARPITELLI, Elisabetta. Les désignations romanes du vers de terre. **Atlas Linguistique Roman**. V. 2b. p. 255-278. 1 Carte. Rome: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 2009.

CARRILHO, Ernestina ; LOBO, Maria. Les désignations romanes de _corbeau‘ et _corneille‘. ALiR, IIc (no prelo).

CHAMBERS, J. K. TRDGILL, P. **La dialectología**. Madrid : Visor Libros, 1994.

CODEVASF. https://www.codevasf.gov.br/. Acesso em: 02 fev. 2017.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil***:* Questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

CONTINI, Michel. L‘interjection em sarde. Une approche linguistique. Espaces romans. **Études de dialectologie et de géolinguistique offertes à Gaston Tuaillon**. Grenoble: ELLUG, 1988-1989, p. 320-329.

_____. Les désignations du tourbillon de vent en domaine gallo-roman. **Studia Linguistica e philologica, Omagiu profesorului Nicolae Saramandu la 70 de ani.** Bucuresti: Editura Universitatii din Bucuresti, 2011, p. 233-251.

_____. Les désignations du tourbillon de vent dans les parlers de la Sardaigne. Une analyse motivationnelle. In ALTINO, Fabiane Cristina. (Organizadora). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística**: uma homenagem a Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012, p. 164-188.

_____. Papillon. **Atlas Linguarum Europae**, V. I. fasc. 5, Atlas Cartes 52-55, Commentaires, 147-193, Rome: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato,1997.

_____. La motivation sémantique: un axe de recherche productif en dialectologie européenne. In: DORTA, Josefa. (Ed.) **Temas de dialectología**. Tenerife: Instituto de Estudios Canarios, 2007, p. 43-79.

_____ . Les phonosymbolismes: continuité d'une motivation primaire ? In : Rika van Deyck (éd.). **Travaux de Linguistique**, Revue internationale de linguistique française, 59. Bruxelles: Duculot, 2009, pp. 77-103.

COROMINAS, J. PASCUAL. J. A. **Dicionario crítico etimológico castelhano e hispânico**. 3. V. Madri: Gredos, 1997.

COSERIU, Eugênio. **Sincronia, diacronia e história.** Rio de Janeiro: Presença, 1976.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica.** 7ª Ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 2007.

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs et al. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Rev. Est. Ling**., *Belo Horizonte*, v. 20, n. 2, p. 59-89, jul./dez. 2012. http://www.periodicos.letras.ufmg.br/ Acesso em: 15/02/2017.

CRUZ, Maria. Luiza da. **Atlas linguístico do Amazonas**. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004, 2v.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico.** Londrina: 2015. 2v. Tese de doutorado em Estudos da Linguagem.

CUGNO, Federica. *I santi, la luna e il lupo mannaro* : l'epilessia nei dialetti italiani. In *Bollettino dell"Atlante linguistico italiano*. III Serie, Dispensa n°. 30, p. 113-136. Torino : Istituto dell'Atlante linguistico italiano, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DALBERA, Jean-Philippe. **Des dialectes au langage**. Paris: Honoré Champion, 2006.

DAUZAT, Albert. La géographie linguistique. Paris: Ernest Flammarion, 1922.

_____. **La philosophie du langage**. Paris : Flammarion, 1917.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. http://dle.rae.es/.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DE LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Objetiva, 2009.

DICTIONNAIRE TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE. http://atilf.atilf.fr/

DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker (Orgs). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

DUBOIS, Jean; et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo : Cultrix, 2006.

DU BOIS, Louis; TRAVERS, Julien. **Glossaire du Patois Normand**. Caen : Tipographie de A. Hardel, 1856.

ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita.** Tradução: ANGONESE, Antonio. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2001.

ELIA, Silvio. **A unidade linguística no Brasil.** Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

ENCARNAÇÃO, Maria Regina Teixeira da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo: 2010. FERREIRA, Carlota da S. et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

GALLAND, Antoine. **As Mil e Uma Noites**. 2 v. Tradução de Alberto DINIZ. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

GARBINI, Adriano. **Antroponimie e omonimie nel campo della zoologia popolare**. Verona: 1919 (?)-1925, 2 v.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas Linguistique de France**. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

GONZÁLES GONZÁLEZ, Manuel. Les désignations romanes de lundi et mardi. In **Atlas Linguistique Roman (AliR)**, vol. I, Commentaires, p. 31-50, 2 cartes, Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1996.

GUEDES, Beto; BASTOS, Ronaldo. **Amor de índio**. EMI, 1978.

GUIRAUD, Pierre. **Dictionnaire des étymologies obscures**. Paris: Payot, 1982.

_____. **La sémantique**. Paris: PUF, 1969 (6ème éd.).

HAWKS, John. **Homo sapiens est né d'un métissage**. In : La Recherche, Hors Série, 2016, p. 64-69.

HOMBERT, Jean-Marie. **Aux origines des langues et du langage**. Paris: Fayard, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

HOYER, Gunhild. Les désignations romanes de la libellule. In: **Atlas Linguistique Roman (AliR)**, IIa, 2001, p. 281-317.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**: brincando com a gramática. São Paulo, Contexto, 2001.

INSTITUDO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. www.ibge.gov.br

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos, p.165-181. In MARIN, Jérri, VASCONCELOS, Cláudio Alves, (Orgs.). **História, Região e Identidades.** Campo Grande: Editora UFMS, 2003.

_____; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2ª edição. Capo Grande: Editora UFMS, 2001.

JOTA, Félio dos Santos. **Dicionário de Lingüística**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

_____. Nomes do beija-flor e do joão-de-barro nas capitais do Brasil: o linguítico e o cultural no processo denominativo. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; BARBOSA-DOIRON, Maranúbia Pereira. **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus**: uma homenagem a Michel Contini. Cascavel: Edunioeste; Londrina: Eduel, 2016, p. 173-188.

JAKOBSON, Roman. ***Six leçons sur le son et le sens*.** Paris: Seuil, 1973.

_____; WAUGH L. **La charpente phonique du langage.** Paris : Les Édditions de Minuit, 1980.

JESPERSEN, Otto. **Nature, évolution et origines du langage.** Paris : 1976. Tradution française de l'ouvrage originaire *Langage, it"s nature, development and origin*. Allen & Unwin, 1ère éd., 1922.

KOCH, Walter; Klassmann, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. **Atlas Lingüísticoetnográfico da Região Sul do Brasil.** Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.

KUTANGIDIKU, Tshimanga. **La motivation dans la création lexicale des noms despetits animaux chez les Bantu du Zaïre**. Tese de doutorado. Grenoble : Université Stendhal, Centre de Dialectologie, 1995.

LABOV, Willian. **Sociolinguistique.** Paris: Les Édtions de Minuit, 1976.

LAROUSSE CULTURAL. 30 v. São Paulo: Círculo do Livro, 1986-1988.

LEITE, Yvonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O português afrobrasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2009.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sociogoegráfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil.** 314f. (Tese) doutorado em Letras. Porto Alegre: UFRS, 2004.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

_____. **A língua do Nordeste**. Maceió: Editora da UFAL, 2008.

MATEUS, Maria Helena Mira. Se a língua é um fator de identificação cultural, como compreender que uma língua viva em diferentes culturas. In Henriquez, Cláudio Cezar; Maria Teresa Gonçalves Pereira (Orgs.). **Língua e transdisciplinaridade.** Rumos, conexões, sentidos. São Paulo: Contexto, pp. 263-282, 2002.

MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português são dois**: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MÉDÉLICE, Jeanine Élise. Les désignations du rouge-gorge en gallo-roman de France. **Géolinguistique**. V. 7. Grenoble: Université Stendhal-Grenoble III, 1997, p. 59-76.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: AGIR, 1946.

_____. **Iniciação à filologia e linguística portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

MOTA, Jacyra Andrade. Por onde caminha a palatalização no português do Brasil. In AGUILERA, Vanderci de Andrade; BARBOSA-DOIRON, Maranúbia Pereira (organizadoras). **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus**: uma homenagem a Michel Contini. Cascavel: Edunioeste; Londrina: Eduel, p. 49-65, 2016.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a dialetologia no Brasil: para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A; CARDOSO. S.A.M. (Organizadoras). **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil***:* Documentos II. Salvador: Quarteto, 2006.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta Maria Pereira (Orgs.). **Garimpo das origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca.** Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

_____. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1955.

_____. **Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, Roberta. Semântica, p. 17-46. In MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Anna Christina, (Orgs.). **Introdução à Linguística:** domínios e fronteiras, v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas Linguístico do Litoral Potiguar**. 2007. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

PLATÃO. **Teeteto e Crátilo**. Tradução de Carlos Aberto Nunes. Coordenado por Benedito Nunes. Belém: editora da UFPA, 2001.

PROPP, Vladimir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. Tradução de ABÍLIO, Costehk Rosemary; BEZERRA, Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Morfologia do conto**. Tradução de FERREIRA, Jaime; OLIVEIRA, Victor. Lisboa: Vega, 1983.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguistica românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). **Neue Wege der romanichen Geolingusitk**: Aktem des symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: WestenseeVerl., 1996, p. 25-49.

RAZKY, Abdelhak. (org.) **Atlas lingüístico sonoro do Pará.** Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Linguístico Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai:** um registro das línguas em contato.2013. Tese de doutorado. 2v. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.

RIEGLER, Richard. **Zoonimia popolare**. 1937a; trad. italienne in : Quaderni di Semântica, II, 2. Itália: 1981, p.305-324.

_____. 1937b. Tradução do italiano: Lo zoomorfismo nelle tradizioni popolari. In: **Quaderni di Semântica**, II, 2. Itália: 1981, p. 325-361.

ROLLAND, Eugène. **Faune populaire de la France**. Paris: 1877-1911, 13 vol.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no CentroSul do Brasil**. 2015. 2v. Tese de doutorado. 2v. Londrina: universidade Estadual de Londrina, 2015.

ROMANO, Valter Pereira. A Variação Lexical em Londrina em dois Recortes Sincrônicos, p. 305-324. In ALTINO, Fabiane Cristina. (Org.) **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística**: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012.

_____. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e aparente. 2012. Dissertação de mestrado. 2.v. Londrina: UEL, 2012.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. **Atlas prévio dos falares baianos –** APFB. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE).** Tese de doutorado. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2013.

SAPIR, Edward. **A linguagem**. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Júnior. (Série Estudos). Rio de Janeiro: Perspectiva, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27ª Ed. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SVANTE, Pääbo. **Neanderthal**: à la recherche des génomes perdus, Les liens qui libèrent, 2015.

SILVA, Moisés Batista da. **Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar**. Tese de doutorado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. 2ª ed., Belém:

Conselho Nacional de Pesquisa/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

_____. **Introdução ao estudo de língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro:

Instituto Nacional do Livro, 1963.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução, prefácio e notas de Agostinho da Silva. [Santiago?]: Ed. América do Sul, 1988.

TEIXEIRA, José Aparecido. **Estudos de dialetologia portuguesa***:* linguagem de Goiás. São Paulo: Anchieta, 1944.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Ferreira da Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

THUN, Harald; ELIZAICÍN, Adolfo. **El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU).** Fasc. A. 1. Kieel : Westensee, 2000.

_____. La géographie linguistique romane à la fin du XXe siècle. In. ENGLEBERT, Annick; PIERRARD, Michel; ROSIER, Laurence; van RAEMDONCK, Dan (Orgs.). **Actes do XXIIe Congrès International de Linquistique et de Philologie Romanes**. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998.

_____. La geolinguíistica como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas diatópico y diastrático del Uruguay. In: **International congresso f romance linguistics and philology**. Palermo, 21, 1995.

RUFFINO, Giovanni (org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza.** Tübingen: Niemeyer, 1998b. v.5, p. 701-729.

_____. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos em Rivera. In RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.). **Neue wege der romanischen Geolinguistik.** Kiel: Westensee-Verl, 1996. P. 210-269.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. **A monotongação do ditongo oral decrescente [ej] em Porto Alegre.** *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n.º 40, junho de 2010. p. 134-160.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

WEISEMANN, Ursula Gojtéj. **Dicionário Kaingang-Português, Português-Kaingang**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2011.

ZÁGARI, Roberto L. et al. **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1977.

APÊNDICE A

Síntese da tese em língua francesa

1. APPROCHES THÉORIQUES

> *Si le lecteur veut bien songer que chacune des 639 formes de nos patois doit être détachée séparément du placard pour être reportée sur la pierre lithographique où sa place numérotée l'attend, il pourra se faire une idée de l'importance du travail d'imprimerie et du mérite de notre imprimeur.*
> (GILLIÉRON, 1902)

1.1 La Dialectologie et la Géolinguistique en Europe

Les études dialectologiques et géolinguistiques en Europe ont connu un réel développement depuis la publication de *l''Atlas linguistique de la France* (ALF, 1902-1910) par le linguiste français d'origine suisse, Jules Gilliéron, et du Français Edmond Edmont, chargé des enquêtes *in loco*. Toutefois, avant cet ouvrage, référence pionnière incontestable dans son domaine, de nombreux chercheurs travaillaient déjà pour construire les bases des études dialectologiques au niveau mondial. Dauzat (1922, p. 15) cite notamment la cartographie géolinguiste germanique, et le chercheur Wenker, qui a parcouru l'Allemagne du Nord et du Centre, mais qui n'a pas eu les moyens financiers nécessaires pour publier son travail. Le premier fascicule du travail de George Wenkel (1852-1911) est paru à Strasbourg en 1881, et les cartes, manuscrites, ont été déposées à la Bibliothèque de Berlin. Les enquêtes, réalisées par correspondance avec l'aide des professeurs des localités, ont concerné environ 30 000 villes et villages.

Dans sa « Notice servant à l'intelligence des cartes », Gilliéron (1902), définit l'ALF comme étant un recueil de données de nature linguistique dans le but de servir à l'étude des dialectes de la France romane et de ses colonies linguistiques limitrophes.

> Et encore, s'il emporte d'établir sur une base sérieuse l'histoire linguistique de la France ; si l'on entend fournir aux linguistes, ce qui leur manque encore totalement – de matériaux fidèlement transcrits, et recueillis sur des points assez nombreux et voisins pour que puisse être étudiés, en soi et en fonction,

> les ferments de la matière linguistique ; s'il s'agit enfin de détailler les aires lexicologiques, phonétiques, morphologiques et syntactiques, au point que le linguiste vienne avec confiance interroger leurs contours et le procès-verbal des conditions où ces aires meurent ou naissent, se dilatent ou se contractent : s'il en est ainsi, on peut dire que le *desideratum* formulé aux « Parlers de France » [l'auteur se réfère à l'œuvre de Gaston Paris, 1888], loin d'embrasser le maximum de la tâche (comme il semblerait, de part les difficultés matérielles), n'indique vraiment que le strict minimum. (GILLIÉRON, 1902, p.4) [65]

Modestement, Gilliéron (1902, p. 4-5) explique que l'ALF ne montre qu' un petit échantillon des dialectes de 639 communes or, à cette époque le pays comptait déjà près de 37 000 localités. Publié entre les années 1897 et 1910, l'ALF regroupe 1920 cartes, dont 1421 cartes complètes et 449 partielles. En ce qui concerne le questionnaire, la priorité était réservée aux mots syntactiquement isolés. La proposition était de connaître la relation de ces mots avec le langage utilisé à Paris et ses alentours, et de déterminer si éventuellement les locuteurs de la capitale exerçaient une influence sur d'autres départements. En dépit de la somme considérable de travail, Gilliéron reconnait que son questionnaire, mis à l'épreuve pendant quatre ans, et dans des conditions assez précaires, s'est montré faillible. L'auteur (1902, p. 6), bien que conscient des imperfections de son questionnaire, écrit toutefois que s'il fallait en construire un nouveau, celui-ci serait également imparfait.

Dauzat (1922, p. 6-10) montre que Gilliéron n'avait pas l'intention de révolutionner les sciences du langage ni de prévoir les conséquences incommensurables de son travail : un recueil des données méthodiquement classées. Dauzat explique par ailleurs qu'au début du XX^{ème} siècle les dialectes français, nommés « patois », n´étaient pas suffisamment connus. Pendant cette période, quelques chercheurs s'intéressaient au sujet des dialectes populaires, mais c'est seulement après la parution de l'ALF, résultat de quinze ans de travail, que les études dialectologiques se sont affirmées comme sciences du langage.

Gilliéron a construit un questionnaire d'environ 2 000 mots pour l'appliquer à l'ensemble du territoire français (l'ancienne Gallia romane), y compris les îles de la côte. De 1897 à 1901, Edmond Edmont s'est déplacé dans de nombreux lieux de
France, pour y interviewer les informateurs dont le profil s'adaptait à son attente. Différemment de la méthodologie actuelle dont les critères sont bien définis (par exemple

[65] E ainda, se o que importa é estabelecer uma base séria da história linguística da França, entende-se fornecer aos linguistas o que ainda lhe falta totalmente – materiais fielmente transcritos e recolhidos em pontos bastante numerosos e vizinhos para que possam ser estudados, em si mesmos e nas funções que desempenham, os fermentos da matéria linguística; se trata-se, enfim, de detalhar as áreas lexicológicas, fonéticas, morfológicas e sintáticas, ao ponto que o linguista venha com confiança inquirir seu entorno e o

: choix d‘informateurs des deux sexes, nés dans la même localité, issus de deux ou plus tranches d‘âge, de niveaux de scolarité connus, parmi d‘autres critères pris en compte). Pour l‘ALF, Edmond sélectionnait aléatoirement des paysans et des paysannes de différents âges, mais sa priorité revenait personnes natives de la localité. Gilliéron avait choisi Edmond pour ce travail de recueil d‘informations en tenant compte qu‘il n‘était pas un linguiste professionnel : pour cette raison il ne serait pas influencé par des

processo verbal das condições onde essas áreas morrem e nascem, se dilatam ou se contraem: se assim for, pode-se dizer que o *desideratum* formulado pelos ―Falares da França‖ (Gaston Paris, 1888), longe de abarcar o máximo da empreitada (como pareceria, em parte por dificuldades materiais), não indica verdadeiramente o estrito mínimo. (Traduction de l‘auteur)

questions spécifiques d‘étymologie et de linguistique. En résumé, Edmond était un enquêteur au regard affranchi des conventions propres aux linguistes, ce qui rassurait Gilliéron, préoccupé de recueillir les données dans leur état brut.

Dauzat (1922) montre un des problèmes rencontrés dans la production de l‘ALF : Face à un enquêteur qui s‘exprimait avec un accent différent de son interlocuteur, ce dernier essayait probablement d‘effacer son parler naturel. J‘ai pu constater cette même situation lors des contacts avec mes informateurs de l‘État d‘Alagoas. Exemple du mot *_orvalho"* □ ç□□ □□¥U□ , dans lequel le /R/ surnommé *_tepe*‘, apparaît comme intervocalique : dans ce cas, la prononciation de ce mot par mon informatrice de la ville de Maceió a peut-être été influencé par mon propre dialecte dit « sulista » ? Dans d‘autres situations imprévues, et particulièrement lors des récits de mes informateurs, j‘avais la certitude que ceux-ci se laissaient influencer : la même informatrice qui avait enregistré le /R/ *_tepe*‘ em □ ç□□ □□¥U□ □(brouillard en français), a prononcé la fricative glottale □ □□ □□□□□□□□□□ [goh'duRå].

En 2015, lors de mon séjour à l‘Université Grenoble Alpes, l‘accès à l‘ALF m‘a donné la possibilité d‘établir quelques comparaisons avec l‘ALEAL. Par exemple, sur la carte 1057 de l‘ALF, POMME DE TERRE (en portugais *batata*) pour l‘une des réponses les plus productives : *trufo, trufle, tartifle,* qui sont des variantes phonétiques du mot *truffe*, défini comme une variété de champignon du genre *Tuber* associé à des racines de certains arbres comme le chêne, typiques de l‘hémisphère nord. Or, quand le tubercule de la plante *Solanum tuberosum* a été introduit en Europe (plante native issue de variétés sauvages communes dans la région du lac Titicaca, sur les hauts plateaux andins), personne ne

connaissait alors ce végétal : dès lors quel nom pourrait-on lui donner ? Les Espagnols, les premiers à le connaître et à l‘ exporter dans la Péninsule Ibérique, ont diffusé le nom qu‘utilisait les populations andines : *patata*. Dans l‘ALF, cette variante *patate*, est la plus productive dans la côte ouest de la France, et cela s‘explique : la région est placée au bord de l‘océan Atlantique, porte d‘entrée des navigateurs normands et bretons. Dans la région centrale de la France, la lexie la plus enregistrée est *pomme de terre*. Les Français, face à un tubercule inconnu dans leur territoire, ont trouvé quelques similitudes entre le végétal étranger et le fruit du pommier, mais avec une différence : le premier pousse dans la terre, d‘où le nom de *pomme de terre*.

Cette désignation paraît plausible si on la compare à une autre enregistrée dans une partie importante du sud de la France, du centre, de l‘est, et surtout proche de la frontière avec l‘Italie : la *truffe*, un champignon souterrain particulièrement commun dans cette région située entre les deux pays. Le tubercule *Solanum tuberosum* n‘a pas exactement le même aspect que la *truffe* (celle-ci, plus irrégulière, a la peau plus rugueuse), mais toutes les deux sont issues de la terre, ce que pouvait observer la population. La création lexicale pour la pomme de terre est donc liée au nom d‘un référent déjà existant : l‘aspect extérieur similaire et les mêmes conditions physiques pour se développer : être dans le sol. Dans le *Dictionnaire Trésor de la Langue Française* (www.atilf.atilf.br), la *truffe*, en tant que variante pour la *pomme de terre*, est documentée depuis l‘année 1600, après l‘arrivée du végétal sur le continent européen. En Savoie, proche de l‘Italie, les résultats des enquêtes pour l‘ALF sont encore plus évidents : la variante lexicale la plus répandue était *tartiffle*. Selon le dictionnaire cité ci-dessus, les mots *truffe* et *tartiffle* viennent de l‘italien *tartuffoli*, et celui-ci a sa racine dans le latin *terrae uber* > *terri uber*, un mot enregistré par le botaniste Gaspar Bohin en 1596, toujours dans l‘acception de *pomme de terre*. Il est en outre pertinent de rappeler qu‘un plat bien connu de cette région des Alpes françaises se nomme *tartiflette*, spécialité à base de *tartiffle*, ou *truffe*, deux variantes désignant la *pomme de terre* dans l‘ALF.

Dans le fragment de la carte 1057 de l‘ALF présenté sur la page suivante on peut observer la distribution diatopique des données pour la *pomme de terre* sur le côté est du pays, proche de l‘Italie :

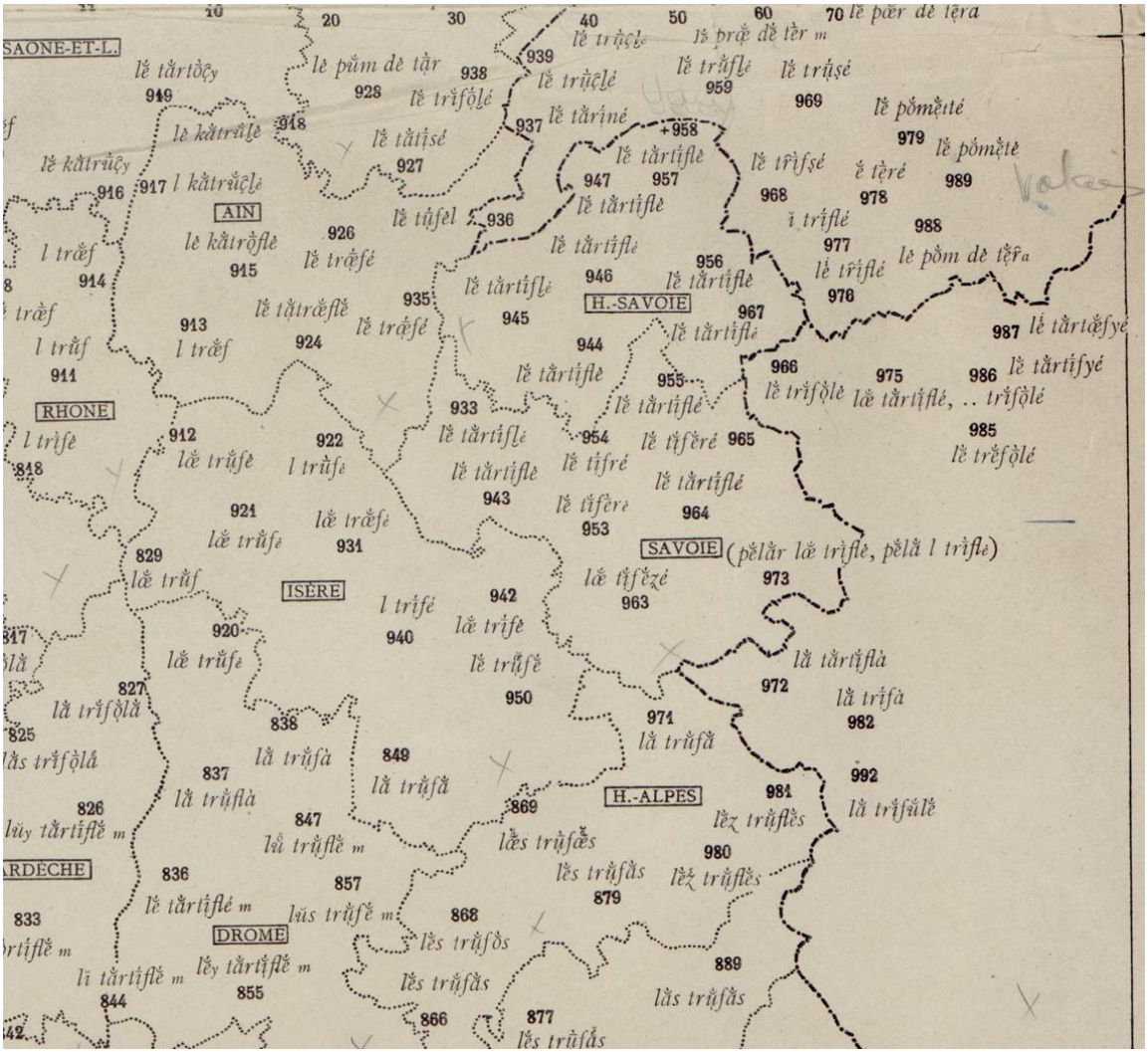


Figure 12 - extrait de la carte « Pomme de terre », n° 1057 de l'ALF

Le nom en langue portugaise a également été donné dans l'ALEAL par un informateur de sexe masculin, résidant dans la localité numéro 6 (Traipu), en réponse à la question sur le tubercule *manioc* (*mandioca* en portugais). En première analyse on pourrait constater qu'il n' y a pas de ressemblance entre le *manioc* et la *pomme de terre* : le premier, un arbrisseau dont la racine, comestible, est oblongue, et le deuxième un tubercule moins volumineux et légèrement arrondi. On pourrait aussi considérer que le locuteur n'avait pas compris la question posée, pourtant, cette plante est cultivée dans tous les États du nord-est du Brésil. Avant l'arrivée des Européens, le *manioc* était la base de l'alimentation des populations amérindiennes, et de nos jours ce tubercule est toujours cultivé et consommé dans toutes les régions du Brésil par l'ensemble des populations. Néanmoins, en prenant comme repère les variantes lexicales pour la *pomme de terre* dans l'ALF, la réponse donnée par l'informateur de l'ALEAL est parfaitement cohérente. Il en est de

même pour les Français qui ont connu le fruit de la plante *Solanum tuberosum* au XVI^{ème} siècle, et fait preuve de la même motivation : une racine qui pousse dans la terre.

Depuis l'ALF, plusieurs atlas nationaux et départementaux ont été produits en France et dans d'autres pays européens. Parmi les projets développés, *l''Atlas linguarum europae* (ALE) se distingue par l'ampleur de son entreprise : cartographier un territoire vaste de 10 millions de km2. Le projet de l'ALE, soutenu par l'Unesco, répertorie les 80 langues européennes et la plupart des dialectes, et regroupe pour cette tâche près de 50 équipes d'enquêteurs attachés à plusieurs universités européennes. Le réseau recouvre 2631 localités. Présentées officiellement en Hollande en 1970, les premières publications datent de 1973. À chaque édition de l'ALE deux volumes sont publiés, l'un contenant des commentaires et l'autre des cartes linguistiques. Les 5 éditions qui ont été publiés représentent 9 volumes qui privilégient le lexique, avec une attention particulière pour les phénomènes climatiques, les plantes, les insectes et les petits animaux comme par exemple la belette et le chien. Pour l'analyse des données, l'approche méthodologique motivationnelle a pour objectif d'établir des liaisons entre les créations lexicales des différentes langues, en considérant la cohabitation historique des peuples du continent européen. Les études centrées sur la motivation lexicale lors de la création du mot sont la seule manière de comparer des langues de troncs et familles différents comme c'est le cas pour les langues en Europe.

L'Atlas linguistique roman (AliR) est un autre projet européen de grande envergure, centré exclusivement sur les études des langues et dialectes romans. Conçu en 1987 par les linguistes Michel Contini et Gaston Tuaillon, du Centre de

Dialectologie de l'Université Grenoble Alpes, l'AliR réunit des spécialistes de plusieurs universités des pays de langues romanes. L'objectif de l'AliR, atlas de deuxième génération, disposant d'un réseau de 1037 points, est de décrire les phénomènes linguistiques dans leurs aspects lexicaux, phonétiques, phonologiques et morphosyntatiques. Ce projet regroupe une équipe de 85 chercheurs liés à 21 universités ou organismes officiels de recherches comme le Centre National de Recherche Scientifique

(CNRS) en France, et d'autres pays comme l'Italie, la Belgique, la Suisse, l'Espagne, le Portugal, la Roumanie et la République de Moldavie. Les chercheurs sont répartis en 10 comités dont la fonction est de répertorier les phénomènes linguistiques distribués dans environ 600 concepts phonétiques représentatifs de l'évolution du vocalisme et

consonantisme latin. Le projet initial prévoyait l'édition de 10 volumes dont 3 ont déjà paru (le quatrième est en cours de publication).

L'*Atlas linguistique-ethnographique du Portugal et de la Galice* (ALEPG), projet national initié au début des années 70 a été dirigé par le linguiste Luís Lindley Cintra, auteur de l'élaboration du questionnaire. L'ALEPG, atlas dont la base lexicale est l'onomasiologie, avait prévu initialement l'application d'un questionnaire de 3500 concepts, mais compte tenu des difficultés matérielles il a été réduit à 2000 questions. La priorité de cet atlas est centrée sur les techniques traditionnelles de l'agriculture et l'élevage, les éléments liés aux animaux et aux plantes et également les questions relatives aux phénomènes naturels. L'ALEPG dispose d'un réseau de 212 points ainsi distribués : 176 localités dans la partie continentale du Portugal, 17 dans l'archipel des Açores, 7 dans l'archipel de Madeira et enfin 12 localités du territoire espagnol (villages proches de la frontière). Outre l'ALEPG, des dizaines d'autres atlas ont déjà été publiés ou sont en voie de préparation en Europe. On peut citer notamment : ✓ *Atlas linguistique de la Corse* (ALC), en 4 volumes, dont les enquêtes ont été réalisées entre 1911 et 1912 (et publiées en 1914) par Jules Gilléron et Edmond Edmont avec la même méthodologie que l'ALF ;

 Atlas linguistique et ethnographique de l''Italie et Suisse méridionale (AIS) les auteurs sont les romanistes suisses Jakob Jud et Karl Jaberg. L'AIS est composé de 3 questionnaires dont le premier contient 800 items, le deuxième 2 000, et le dernier 4 000. Les recherches ont débuté en 1919, mais le premier volume n'a été publié qu'en 1928 ; le huitième et dernier volume date de 1940.

 Atlas linguistique italiano (ALI) date de 1931, mais les travaux ont été interrompus durant la guerre. Le linguiste italien Terracini et d'autres chercheurs ont repris les travaux en 1947. L'ensemble des questionnaires de cet atlas, un des plus riches parmi les atlas européens, contient environ 3360 questions. Une autre série plus réduite, avec 2500 questions est également intégrée dans cet ouvrage.

 Atlas linguistique de la Catalogne : l'auteur, Antoni Griera, a élaboré une série de 2886 questions pour un réseau de 101 localités. Entre 1923 et 1939 5 volumes ont été publiés pour un total de 858 cartes. Les travaux, temporairement interrompus à cause de la Guerre civile espagnole, ont été repris en 1962 par Griera.

 Atlas linguistique roumain (ALR) dirigé par le linguiste Sextil Puscariu (1887-1948) et par ses confrères Server Pop et Emil Petrovici : un questionnaire de 2160 questions a été utilisé sur un réseau total de 301 points.

 Atlas linguistique de la Péninsule ibérique (ALPI), initié en 1928 sous la direction de Navarro Tomás, cet atlas réunit dans son questionnaire des concepts dans les langues espagnole, portugaise et catalane. Une série d'environ 2000 questions ont été appliquées dans 525 localités.

 Atlas régionaux de France : de nombreux chercheurs ont parcouru le territoire français, et parmi eux Albert Dauzat, auteur d'un atlas pour l'Auvergne, publié en 1906. Les dialectes de la région méridionale des Vosges ont été présentés dans un atlas en 1917. Après la fin de la Grande Guerre les travaux ont repris dans toute la France.

 Atlas régionaux de l''Espagne : Études linguistiques d'aires spatiales relativement réduites, comme *l''Atlas linguistique et ethnographique des îles Canaries* (ALEICan), *l''Atlas linguistique de l''Andalousie* (ALEA) ; *l''Atlas linguistique et ethnographique de Murcia*, *l''Atlas linguistique de l''Aragón* (ALEAr) et *l''Atlas linguistique de Navarre et Rioja* (ALENR).

1.2 La Dialectologie et la Géolinguistique au Brésil : extension territoriale et complexité linguistique

Les études dialectologiques au Brésil ont commencé suite à la parution d'un chapitre écrit en 1826 par Domingos Borges de Barros, vicomte de Pedra Branca, dans l'ouvrage *Atlas Ethnographique du Globe*, du géographe Adrien Balbi. Selon Motta et Cardoso (2006), Pedra Branca, en répondant à l'invitation de Balbi, a discouru sur des données lexicales de plusieurs régions brésiliennes, en les comparant avec la langue portugaise parlée au Portugal.

Toutefois, on considère que c'est après la parution du livre « *O dialeto caipira* » en 1920, de Amadeu Amaral (je fais référence ici à l'édition de 1976), que la Dialectologie a vraiment connu son essor au Brésil. En dépit du peu de rigueur scientifique, la publication d'Amaral est surtout considérée pour son caractère inédit puisqu'il met en évidence l'importance des dialectes locaux et régionaux du pays. Le livre de Mario Marroquim « *A língua do Nordeste* » (1934) est également remarquable, ainsi que la publication en 1944 de « *Linguagem de Goiás* », de José

Aparecido. A la même période plusieurs monographies sur l'analyse des dialectes brésiliens pour des aires moins vastes ont été publiées.

On peut affirmer que la formation d'une « mentalité dialectologique » nationale s'est créée au début des années 1950, confirmée quelques années plus tard (1963), à la suite de l'édition de l'ouvrage « *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* », du linguiste et philologue Serafim da Silva Neto. À cette époque l'auteur propose le projet « *Atlas Linguístico Nacional* », et dans ce but il présente un guide pour les futurs enquêteurs : le « *Guia para estudos dialetológicos* » qui vise à orienter les recherches sur le terrain et donne des bases méthodologiques, en proposant l'élaboration de questionnaires spécifiques et uniformes.

À la fin des années 1950, période décisive pour la structuration et le développement des études dialectologiques au Brésil, le linguiste Antenor Nascentes (1958, 1961) publie les « *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* ». Il propose de créer dans un premier temps des atlas régionaux, plus facilement réalisables qu'un atlas national, compte tenu de la dimension continentale du pays et de toutes les difficultés matérielles qui en découlent. C'est alors que Nascentes propose la classique division dialectale du Brésil en deux grands parlers : celui du Nord et celui du Sud, et six sous-parlers : « *amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista* ». Les « *Bases* » de Nascentes présentent également les orientations référentes à la définition des critères lors du choix du réseau enquêté et des informateurs, l'élaboration du questionnaire et d'autres suggestions pertinentes. Ses propositions sont jusqu'à ce jour une référence pour les chercheurs qui travaillent sur la langue portugaise parlée au Brésil.

L'État d'Alagoas, dans la division dialectale de Nascentes (1953) s'inscrit dans le « subfalar nordestino ». La démarcation établie par cet auteur est à l'origine de cette thèse : attester si l'État d'Alagoas se situe bien dans les limites de ce qu'il a nommé « subfalar nordestino ».

Les atlas régionaux brésiliens[66], les monographies et les articles publiés ont sédimenté la base qu'il était nécessaire d'établir pour la reprise des travaux de *l''Atlas Linguístico do Brasil* (AliB), initiés en 1996 lors du séminaire « *Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil* » organisé par l'Université fédérale de Bahia. A cette occasion,

[66] Voir les titres des atlas régionaux publiés dans les références bibliographiques du Volume 1 de cette thèse.

plusieurs professeurs et chercheurs issus des universités brésiliennes des différentes états ont créé un comité national chargé de donner suite à ce projet.

En 2014, lors du II Congrès International de Dialectologie et Sociolinguistique (CIDS), qui s'est tenu à l'Université d'état de Londrina (UEL), les deux premiers volumes de l'AliB ont été présentés au public. Le premier volume est consacré à l'introduction, et le deuxième volume rassemble les 159 cartes linguistiques référentes aux 25 capitales enquêtées. De nouveaux volumes de l'AliB sont en cours de publication.

À partir des données de l'AliB j'ai pu construire la méthodologie pour l'ALEAL, et notamment la mise au point des questionnaires et la réalisation des cartes linguistiques. J'ai pu également comparer quelques données de l'ALEAL avec celles de l'AliB. Dans un pays dont la surface est supérieure à 8 millions de km2, la diversité des dialectes est un fait d'évidence. Cette richesse linguistique représente environ 180 langues indigènes, toujours vivantes au sein des différentes ethnies du Nord au Sud du Brésil, malgré la colonisation. Des langues en contact et de multiples parlers des différentes régions géographiques côtoient la langue officielle du pays et révèlent les facteurs et conditions qui ont modelé le portugais brésilien tel qu'il se pratique aujourd'hui avec toutes ses spécificités. Dans ce sens, la division dialectale proposée par Nascentes est toujours pertinente : les atlas linguistiques régionaux ou d' aires élimitées dans les différentes régions décrivent les variétés dialectales locales, tout en dévoilant l'univers de la langue portugaise.

2. L'ATLAS LINGUISTIQUE DE L'ÉTAT D'ALAGOAS (ALEAL)

2.1 Hypothèse

Deux hypothèses sont à l'origine de cette thèse : la première porte sur l'existence d'éléments linguistiques suffisamment établis pour avérer la proposition de Nascentes (1953) sur l'inclusion de l'État d'Alagoas dans l'aire nommée « subfalar nordestino ». La deuxième hypothèse considère cette prémisse : toute création lexicale est motivée à l'origine.

2.2. Objectifs

Général :

(i) décrire la réalité linguistique de l'État d'Alagoas par rapport à la langue portugaise grâce à la création d'un atlas linguistique.

Spécifiques :

(ii) documenter la langue parlée dans les aires urbaines de l'État d'Alagoas auprès de locuteurs de sexes masculin et féminin, de deux tranches d'âge, de niveaux de scolarité complet ou incomplet en considérant prioritairement les différences diatopiques dans ses aspects phoniques, lexico-sémantiques et morpho-syntactiques sous les approches théoriques de la Dialectologie et de la Géolinguistique Pluridimensionnelle ;

(iii) cartographier les données linguistiques sous la forme de cartes phonétiques, lexicales et morpho-syntactiques dans le but de vérifier sur le réseau de points les phénomènes interrogés lors de la recherche sur le terrain ;

(iv) réaliser l'analyse motivationnelle de quelques désignations lexicales enregistrées par les informateurs de l'ALEAL et les comparer avec des données d'autres atlas régionaux brésiliens, de l'AliB et autres atlas européens : ***Atlas Linguistique Roman*** **(ALiR),** ***Atlas Linguarum Europae*** **(ALE) et** ***Atlas linguistiqueethnographique du Portugal et de la Galice*** **(ALEPG).**

2.3 Méthodologie

Cette thèse comporte deux volumes. Le premier comprend une introduction générale, la présentation de l‘approche méthodologique adoptée, et une étude de l‘évolution du portugais continental jusqu‘au portugais du Brésil. Une partie est consacrée aux recherches dialectales et géolinguistiques en Europe et au Brésil. Une autre partie aborde la description de l‘État d‘Alagoas avec, notamment, la présentation du réseau de l‘ALEAL, des informateurs et du questionnaire. Dans une autre partie on trouvera les analyses motivationnelles de quelques désignations lexicales enregistrées ainsi que des considérations générales sur les résultats de la recherche.

Dans le deuxième volume de la thèse sont rassemblées toutes les cartes. Des informations complémentaires relatives aux différentes enquêtes (telles que les commentaires des locuteurs pour expliquer l‘origine des désignations ou pour présenter des renseignements d‘intérêt ethnographique) seront également regroupées soit sur la page située face à chaque carte, sur le verso de la précédente – solution adoptée par l‘*Atlas linguistique du Paraná* (AGUILERA, 1994), soit dans les marges de la carte elle-même.

2.4 Questionnaires

L‘Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL), comme les atlas contemporains de la deuxième génération, se structure sur les approches théoriques et méthodologiques de la Géolinguistique (DAUZAT, 1922) et de la Dialectologie pluridimensionnelle (THUN, 1998), et investigue *in situ* la réalité linguistique de l‘ensemble d‘une communauté dans son aire spatiale (diatopique), en visant à réunir des données qui indiquent les différences diastratiques, diassexuelles et diagénérationnelles dans l‘État d‘Alagoas. Ces données, collectées à partir de questionnaires spécifiques, sont représentées sur les cartes linguistiques de façon à rendre possible une vision pluridimensionnelle des variantes dialectales obtenues. Les questions de l‘ALEAL ont été construites à partir de l‘AliB sauf quelques-unes qui font référence à la réalité économique et socio-culturelle d‘Alagoas.

 Les questionnaires sont divisés en 4 segments :

 Questionnaire phonético-phonologique (QFF) : 90 questions

 Questionnaire sémantico-lexical (QSL) : 199 questions

 Questionnaire morphosyntaxique (QMS) : 33 questions

 Questions métalinguistiques : 6

 Ensemble du questionnaire : 328 questions

 Somme totale des données collectées : 18 368 items

2.5 Le réseau d'enquête et les informateurs

Le réseau de 21 localités de l'ALEAL est exactement le même que celui proposé par Nascentes (1958). Les noms des localités et le nombre des informateurs sont précisés ci-dessous :

1 – DELMIRO GOUVEIA : 2 informateurs homme - femme 30/50 ans

2 – CANAPI : 2 informateurs homme - femme 30/50

3 – SANTANA DO IPANEMA : 4 informateurs, 2 hommes, 2 femmes 30/50, 55/75

4 – PIRANHAS : 2 informateurs homme - femme 30/50

5 – PÃO DE AÇÚCAR : 2 informateurs homme - femme 30/50

6 – TRAIPU : 2 informateurs homme - femme 30/50

7 – PENEDO : 4 informateurs, 2 hommes, 2 femmes 30/50, 55/75

8 – PIAÇABUÇU : 2 informateurs homme - femme 30/50

9 – CORURIPE : 2 informateurs homme - femme 30/50

10 – ARAPIRACA : 2 informateurs homme - femme 30/50

11 – PALMEIRA DOS ÍNDIOS : 2 informateurs homme - femme 30/50

12 – QUEBRANGULO : 2 informateurs homme - femme 30/50

13 – LIMOEIRO DO ANADIA : 2 informateurs homme - femme 30/50

14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS : 4 informateurs, 2 hommes, 2 femmes 30/50, 55/75

15 – PILAR : 2 informateurs homme - femme 30/50

16 – MARECHAL DEODORO : 4 informateurs, 2 hommes, 2 femmes 30/50, 55/75

17 – MACEIÓ: 4 informateurs, 2 hommes, 2 femmes 30/50, 55/75

18 – UNIÃO DOS PALMARES : 4 informateurs, 2 hommes, 2 femmes 30/50, 55/75

19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE : 2 informateurs homme - femme 30/50

20 – PORTO CALVO : 4 informateurs, 2 hommes, 2 femmes 30/50, 55/75

21 – MARAGOGI : 2 informateurs homme - femme 30/50

Total du nombre d'informateurs : 56

Dans le tableau de la page suivante on peut vérifier avec plus de précision ces données. Les sigles correspondent à :

HGI est HOMME GÉNÉRATION, 30/50 ANS ;
FGI indique FEMME GÉNÉRATION I, 30/50 ANS ; HGII correspond à HOMME GÉNÉRATION II, 55/75 ANS ; FGII est FEMME GÉNÉRATION II, 55/75 ans.

Les initiales et les âges de chacun sont détaillés sur le tableau.

2.6 Localités et profil des informateurs de l'ALEAL

LOCALITÉ	HGI	NOM	FGI	NOM	HGII	NOM	FGII	NOM
1- DELMIRO GOUVEIA	49 ANOS	J.A.N.	45 ANOS	J.M.J.R.				
2- CANAPI	36 ANOS	R.R.C.S.	39 ANOS	M.P.A.S.				
3- SANTANA DO IPANEMA	32 ANOS	A.B.J.	30 ANOS	S.M.R.C.	60 ANOS	J.A.S.	70 ANOS	J.V.P.L.
4- PIRANHAS	36 ANOS	A.M.J.	31 ANOS	E.M.M.				
5- PÃO DE AÇÚCAR	49 ANOS	E.J.S.	51 ANOS	M.C.A.M.				
6- TRAIPU	39 ANOS	E.S.C.	40 ANOS	R.M.C.				
7-PENEDO	34 ANOS	V.M.A.C.	48 ANOS	V.A.S.	74 ANOS	A.M.S.	59 ANOS	E.M.A.C.
8- PIAÇABUÇU	37 ANOS	J.C.S.	30 ANOS	A.M.S.C.				
9- CORURIPE	38 ANOS	T.C.R.	50 ANOS	L.M.A.S.				
10- ARAPIRACA	48 ANOS	M.E.S.	48 ANOS	E.A.S.M.				
11- PALMEIRA DOS ÍNDIOS	38 ANOS	J.R.E.	43 ANOS	Z.C.A.				

12- QUEBRANGULO			33 ANOS	J.W.N.		31 ANOS	D.A.J.S.					
13- LIMOEIRO DO ANADIA			49 ANOS	J.C.S.		42 ANOS	G.A.S.M.					
14- SÃO MIGUEL DOS CAMPOS			32 ANOS	A.H.O.		46 ANOS	D.M.S.		72 ANOS	C.P.S	63 ANOS	D.R.G.A.
15- PILAR			35 ANOS	C.B.S.		42 ANOS	M.Z.D.					
16- MARECHAL DEODORO			38 ANOS	J.O.B.		40 ANOS	I.M.C.		61 ANOS	V.C.R.	57 ANOS	B.A.C.P.
17- MACEIÓ			32 ANOS	I.C.F.		39 ANOS	A.M.R.C.		67 ANOS	J.A.S.S.	73 ANOS	C.A.J.N.
18- UNIÃO DOS PALMARES			37 ANOS	D.J.N.S.		38 ANOS	M.H.N.		63 ANOS	D.N.S.	74 ANOS	J.C.R.
19- SÃO LUÍS DO QUITUNDE			34 ANOS	A.V.S.		41 ANOS	M.H.A.S.					
20- PORTO CALVO			46 ANOS	C.T.		44 ANOS	M.C.S.		69 ANOS	J.C.S.N.	57 ANOS	G.A.J.C.
21- MARAGOGI			43 ANOS.	E..E.B.		48 ANOS	V.M.A.A.					

Source: banque de données de l'auteur

Les informateurs de l'ALEAL résidant dans la zone urbaine sont nés dans les localités du réseau de points et n'ont jamais quitté leurs villes. Quelques-uns ont pu voyager, mais jamais très loin de leurs lieux de résidence ni pour de longues durées.

Lors du choix des informateurs j'ai pu m'assurer que leur parents étaient également originaires des mêmes lieux.

Quant au niveau des études, plusieurs informateurs avaient conduit à leur terme des études élémentaires, soit entre quatre et huit ans d'études formelles[67]. Parmi la totalité des 56 informateurs, deux locuteurs de sexe masculin, âgés d'une trentaine d'années se sont déclarés analphabètes, ainsi qu'un autre informateur de la deuxième tranche d'âge : 55/75 ans. Deux femmes de la deuxième tranche d'âge n'ont jamais été scolarisées, et étaient donc également analphabètes. Mes directrices de thèse, Mme

Aguilera et Mme Carpitelli et moi-même avons estimé que les locuteurs qui n'ont pas eu accès à une éducation formelle pourraient avoir conservé un « parler » plus ancien et s'exprimer de manière plus spontanée.

Le profil des informateurs, ainsi que leur niveau de scolarité n'a pas été choisi au hasard : l'État d'Alagoas, le deuxième plus pauvre du Brésil, a une moyenne de revenus mensuels *per capita* d'environ R$ 598,00 – soit l'équivalent de 170 euros : Il s'agit de données officielles fournies par l'IBGE - Institut Brésilien de Géographie et Statistiques (www.ibge.gov.br). L'État d'Alagoas, une des 27 unités fédératives du Brésil, est situé au nord-est de son territoire. Cet état est l'un de ceux dont la surface est la plus réduite : 27 778,506 km^2 pour une population estimée à 3 321 730 habitants, répartis en 102 communes. Selon l'IBGE, parmi cette population, 462 000 personnes n'ont jamais étaient scolarisés. S'agissant des activités professionnelles des habitants, la majorité survit grâce au travail informel et est prise en charge par l'État qui leur verse des allocations sociales. Une partie importante des locutrices sont des femmes au foyer. Il est important de préciser que ces informateurs, même lorsqu'ils résident dans les villes, s'y trouvent à la suite d'un exil rural, un phénomène qui a pris une grande ampleur au Brésil dès les années 70. Des populations de paysans sans qualification professionnelle se concentrent ainsi dans les villes et y sont le plus souvent en situation de chômage.

Les tableaux ci-dessous indiquent le profil professionnel des informateurs de l'ALEAL.

[67] La carte NIVEAU DE SCOLARITÉ fait partie du Volume 2 : CARTOGRAPHIE de cette thèse.

ACTIVITES PROFESSIONNELLES

LOCALITÉS	TRANCHES D'ÂGES	PROFESSIONS
1- DELMIRO GOUVEIA		
HGI	30 a 50 anos	Aide maçon
MGI	30 a 50 anos	Femme de ménage
2- CANAPI		
HGI	30 a 50 anos	Chômage
MGI	30 a 50 anos	Téléphoniste
3- SANTANA DO IPANEMA		
HGI	30 a 50 anos	Jardinier
MGI	30 a 50 anos	Femme au foyer
HGII	55 a 75 anos	Gardien
MGII	55 a 75 anos	Retraitée
4- PIRANHAS		
HGI	30 a 50 anos	Chômage
MGI	30 a 50 anos	Femme au foyer
5- PÃO DE AÇÚCAR		
HGI	30 a 50 anos	Pêcheur
MGI	30 a 50 anos	Couturière
6- TRAIPU		
HGI	30 a 50 anos	Gardien
MGI	30 a 50 anos	Femme de ménage
7- PENEDO		
HGI	30 a 50 anos	Vendeur
MGI	30 a 50 anos	Femme de ménage
HGII	55 a 75 anos	Pêcheur retraité
MGII	55 a 75 anos	Retraitée
8- PIAÇABUÇU		
HGI	30 a 50 anos	Pêcheur
MGI	30 a 50 anos	Femme de ménage
9- CORURIPE		
HGI	30 a 50 anos	Employé dans un garage
MGI	30 a 50 anos	Balayeuse
10- ARAPIRACA		
HGI	30 a 50 anos	Gardien
MGI	30 a 50 anos	Femme de ménage
11- PALMEIRA DOS ÍNDIOS		
HGI	30 a 50 anos	Gardien
MGI	30 a 50 anos	Femme de ménage

ACTIVITES PROFESSIONNELLES

LOCALITÉS	TRANCHES D'ÂGES	PROFESSIONS

12- QUEBRANGULO		
HGI	30 a 50 anos	Employé dans un abattoir
MGI	30 a 50 anos	Femme de ménage
13- LIMOEIRO DO ANADIA		
HGI	30 a 50 anos	Chômage
MGI	30 a 50 anos	Garde d'enfants à domicile
14- SÃO MIGUEL DOS CAMPOS		
HGI	30 a 50 anos	Gardien
MGI	30 a 50 anos	Gardienne dans une école
HGII	55 a 75 anos	Retraité
MGII	55 a 75 anos	Retraitée
15- PILAR		
HGI	30 a 50 anos	Aide garagiste
MGI	30 a 50 anos	Gardienne dans une école
16- MARECHAL DEODORO		
HGI	30 a 50 anos	Chômage
MGI	30 a 50 anos	Gardienne
HGII	55 a 75 anos	Retraité
MGII	55 a 75 anos	"Homme à tout faire"
17 MACEIÓ		
HGI	30 a 50 anos	Gardien
MGI	30 a 50 anos	Chômage
HGII	55 a 75 anos	"Homme à tout faire"
MGII	55 a 75 anos	Brodeuse
18- UNIÃO DOS PALMARES		
HGI	30 a 50 anos	Chômage
MGI	30 a 50 anos	"Homme à tout faire"
HGII	55 a 75 anos	"Homme à tout faire"
MGII	55 a 75 anos	Retraitée
19- SÃO LUIZ DO QUITUNDE		
HGI	30 a 50 anos	Jardinier
MGI	30 a 50 anos	Réceptionniste
20- PORTO CALVO		
HGI	30 a 50 anos	Femme de ménage
MGI	30 a 50 anos	Cuisinière
HGII	55 a 75 anos	retraité
MGII	55 a 75 anos	Femme de ménage
21- MARAGOGI		
HGI	30 a 50 anos	Réceptionniste
MGI	30 a 50 anos	Femme au foyer

Source: banque de données de l'auteur

3. LE DOMAINE LINGUISTIQUE DE l'ALEAL

Les villes les plus peuplées de l'État d'Alagoas sont Maceió, la capitale, Arapiraca, le centre le plus important du Brésil pour la production du tabac, Palmeira dos Índios et Penedo. L'économie d'Alagoas repose surtout sur l'agriculture et notamment sur la culture de la canne à sucre. Ces données sur l'économie doivent être précisées puisque dans les questionnaires de l'ALEAL, j'ai dû tenir compte de l'importance locale de ces produits dont les désignations sont multiples.

La côte d'Alagoas a été occupée par les Portugais à partir de 1534. Ses explorateurs, tout comme, plus tard, les Hollandais et les Français, venaient en quête de richesses naturelles dont le bois appelé « *pau-brasil* », abondant sur la côte et de couleur braise : d'où le nom Brasil/Brésil. Un peu plus de trente années avant l'installation effective des Portugais sur le territoire d'Alagoas, en 1501, le navigateur italien Americo Vespucci avait déjà débarqué, et conduit des incursions à l'intérieur des terres, à partir de l'embouchure du fleuve São Francisco. Au XVII^{ème} siècle, sous l'occupation hollandaise, Alagoas a connu la plus grande révolte d'esclaves du Brésil. L'abolition de l'esclavage ne fut proclamée que deux siècles après la fondation de Palmares, en 1808.

Compte tenu de la dimension du territoire ainsi que des conditions de peuplement et des caractéristiques géographiques, le portugais brésilien connaît d'importantes variations régionales.

Dans cet État persistent des formes locales conservatrices, voire archaïques, qui ne trouvent pas de correspondance dans d'autres régions du pays : les enquêtes ont permis de confirmer cette richesse lexicale et l'intérêt d'étudier cet espace linguistique dans une optique d'analyse sémantique.

L'ALEAL s'ouvre en même temps à une dialectologie qui englobe des aspects sociolinguistiques et de contact, ainsi que des aspects géolinguistiques. Cette approche s'inspire, en particulier, des travaux menés en Uruguay par un linguiste attentif aux dimensions sociales des langues comme Harald Thun qui a étudié *in situ* la réalité linguistique de l'ensemble d'une communauté en tenant compte des problématiques de stratification langagière. Même si la recherche sur la variation diatopique reste l'objectif dominant de cette thèse, la variation sur les plans diachronique et diastratique n'est pas négligée pour autant. Ce type d'analyse pluridimensionnelle vise en particulier à mettre en évidence les conservatismes de différentes natures (phonétique, morphosyntaxique ou lexicale) dans la langue des informateurs interviewés. La recherche sur la variation

diachronique se retrouve aussi dans l'étude de la motivation dans la création lexicale à laquelle cette thèse consacre un large chapitre.

Les aspects de reconstruction sémantique et lexicale ont constitué l'essentiel de notre programme de travail à Grenoble auprès du laboratoire GIPSA-Lab, au sein de l'équipe *Voix, Systèmes linguistiques et Dialectologie*. *L"atlantothèque* de GIPSA-Lab est la plus riche et complète d'Europe en ce qui concerne en particulier la documentation géolinguistique et atlantographique. En outre, dans le GIPSA-Lab il est possible de côtoyer les chercheurs de *l"Atlas Linguistique Roman* (ALiR) et de *l"Atlas Linguarum Europae* (ALE), spécialistes du cadre théorique adopté dans cette thèse pour le traitement des données lexicales. Plus dans le détail, l'approche motivationnelle qui a donné un fondement aux analyses est celle que Mario Alinei a développé dans de nombreuses publications et qui démontre que la création lexicale est toujours motivée à l'origine.

Ce point de vue est en apparence seulement en contradiction avec la position de Ferdinand de Saussure : le caractère arbitraire du signe linguistique, en effet, n'est pas nié mais est replacé à un instant précis de l'évolution linguistique, au moment où la motivation originelle s'opacifie à cause des changements phonétiques et morphologiques ainsi que des changements culturels. L'approche d'Alinei rejoint les réflexions avancées dans ce domaine par d'autres linguistes tels que Jespersen, Jakobson, Guiraud, Fonagy, Coseriu, Dalbera. De nombreuses études publiées dans les volumes de l'ALE et de l'ALiR proposent des analyses motivationnelles intéressantes, notamment sur des zoonymes, des phytonymes et sur les désignations de phénomènes naturels (M. Alinei, M. Barros Ferreira, R. Caprini, E. Carpitelli, P. Garcia Mouton, J.Ph. Dalbera, M. Contini, parmi d'autres auteurs).

L'analyse de la motivation met en évidence l'étroite relation entre la création lexicale et les structures socio-culturelles que les hommes ont connu dans leur histoire, depuis les temps les plus anciens, relative notamment aux croyances religieuses, du stade totémique aux grandes religions modernes, en passant par les pratiques magicoreligieuses de l'univers païen. Seule la référence aux stades les plus anciens de la motivation, et perdue dans le temps, permet d'expliquer des désignations du portugais brésilien comme : *arco da velha* (arc de la vieille), *mãe da água* (mère de l'eau) pour l'arc en ciel, *orelha de lobisomem* (oreille de loup garou) pour le champignon, *mãe do corpo* (mère du corps) désignant l'utérus et le placenta, ou encore une désignation de la grêle comme *chuva de flor* (pluie de fleurs) au lieu de *chuva de pedra* (pluie de pierres) (AGUILERA 1994), un

exemple très intéressant parmi d‘autres de référence à un tabou linguistique pour désigner le nom d‘un phénomène atmosphérique.

Cette thèse, comme toute étude géolinguistique, se fonde sur une démarche comparative : les données collectées lors des enquêtes de terrain (cf. notre réseau précisé ci-dessus) sont comparées systématiquement non seulement avec celles de l‘*Atlas Linguistique du Brésil* (AliB) et des autres atlas dialectaux du même espace - tous présents au Centre de Dialectologie de Grenoble - mais également avec celles de l‘ALiR (données publiées et données inédites conservées dans les archives de l‘Université Grenoble Alpes). Pour l‘espace lusophone européen (bien que l‘ALiR présente un grand nombre de données inédites du domaine portugais, ainsi que de nombreux autres matériaux collectés pour l‘ALEPG et indispensables à la reconstruction étymologique ainsi que motivationnelle des variantes lexicales), j‘ai pu également, en 2016, conduire des recherches au Centre de Linguistique de Lisbonne, dans le cadre d‘une bourse de mobilité qui m‘a été accordée par l‘École doctorale LLSH.

4. SYNTHÈSE DE QUELQUES ANALYSES DE VARIANTES LEXICALES DANS l'ALEAL

Sur plusieurs cartes lexicales de l'ALEAL il est possible d'observer que certains mots renvoient à l'expression de tabous linguistiques et particulièrement ceux liés à la religion. Par exemple, sur la carte QSL 089 - POMME D'ADAM, 42% des informateurs, dont 8 hommes et 9 femmes ont répondu *nó* (nœud). Interrogés sur la raison de cette désignation, quelques-uns ont fait allusion à la pomme du récit biblique, celle qu'Eve aurait offert à Adam. Au point 3 de l _ALEAL, dans la localité de Santana do Ipanema, un informateur de sexe masculin de la deuxième tranche d'âge (55/75 ans) a expliqué :

INF.- Ah, isso foi Adão que dexô a maçã... é, não enguliu, quando ele foi, foi gumitá pra fora. Aqui chama isso. Porque ele tentou rotá, aí ela ficô na guela. Dans son récit, l'informateur dit que lorsqu'Adam a mangé le fruit interdit, il n'a pas pu l'avaler complètement, a essayé de le recracher, mais un morceau est resté coincé au fond de sa gorge. Pour l'informateur, la « *saillie du cartilage thyroïde, sur le devant du cou de l'homme* » ou « *pomme d"Adam* », telle que définie dans les dictionnaires est bien un signe de la désobéissance.

Sur le point 2 du réseau, Canapi, un locuteur de sexe masculin de la première tranche d'âge (30/50 ans) a affirmé : « *é o sinal, né, diz que o nó da garganta é o sinal do homem* ». Le locuteur explique que le « nœud dans la gorge est le signe de l'homme ». Or, l'homme auquel il se réfère est bien Adam et le morceau de pomme avalé « de travers » reste pour lui le signe de la punition de Dieu.

Carte QSL 143 - DIABLE[68] (qui a fait l'objet de plusieurs variantes) : dans ce cas encore on peut constater un renvoi à des tabous linguistiques. La désignation la plus répandue : « *satanás* », a obtenu 35% des réponses (dont 16 pour les hommes et 14 pour les femmes). Le mot « *satanás* », lié à « *satan* », signifiant dans la langue hébraïque « celui qui met des pièges ». La deuxième variante trouvée : DIABO (diable) a reçu 24% de réponses. Cette variante est empruntée au latin chrétien « *diabolus* », luimême issu du grec « *diabólos* », qui désigne le calomniateur : comme dans la liturgie chrétienne, il

[68] Cette carte se trouve dans le Volume 2 CARTOGRAPHIE.

s‘agit d‘un personnage que l‘on craint car prononcer son nom peut le faire se matérialiser. Et c‘est bien cette crainte que les informateurs ont manifesté lors des entretiens.

Les femmes se sont montrées beaucoup plus sensibles à cette crainte. À Santana do Ipanema (point 3 de l‘ALEAL), une locutrice d‘une trentaine d‘années a refusé de répondre à la question : « *quel est le nom de celui qui habite en enfer* ? ». Elle a affirmé ne pas savoir de qui il s‘agissait, en se montrant très réservée. Dans la ville Pão de Açúcar (point 5 de l‘ALEAL), une femme de la première tranche d‘âge a répondu : « *meu adversário* », en français « *mon adversaire* ». En justifiant sa réponse elle a expliqué qu‘il existe un combat éternel entre le bien et le « mal », ce dernier étant considéré comme l‘ennemi des humains.

Également sur la carte QSL 143 – DIABLE, un autre mot, décrit dans les dictionnaires comme un régionalisme du portugais brésilien (HOUAISS, 2009) : « *capeta* », a aussi été mentionné par les informateurs. Avec 18% des réponses, le mot « *capeta* », est formé en portugais du nom « *capa* » auquel s‘ajoute le suffixe diminutif « *eta* », dont « *capa* + *eta* ». Selon le dictionnaire cité ci-dessus, « *capa* », ou « *cape* », désigne en français un long vêtement sans manche servant surtout à recouvrir le haut du corps. Dans la croyance populaire l‘entité maléfique, cachée sous sa cape, circule librement pour pratiquer des actions et mener le combat contre les hommes. Et pour les locuteurs cette cape est noire. Par ailleurs, et s‘agissant de la couleur noire comme caractéristique de l‘apparence du diable, une locutrice de la deuxième tranche d‘âge de la ville de Marechal Deodoro (point 16 de l‘ALEAL) a fourni cette variante : « *bicho preto* » (*bête noire*) : il s‘agit manifestement d‘une allusion aux sombres actions du personnage.

Deux autres femmes (30/50 ans) des points 18 (União dos Palmares) et 19 (São Luís do Quitunde) ont répondu « *peste* » à la même question : soit une claire inférence au mal qui corrompt le corps et l‘esprit. Sur le même point 18, une locutrice de la deuxième tranche d‘âge a répondu : « *o nojento* », ce qui signifie en français « *le dégoûtant* ». Dans ce cas, cela révèle de la répugnance pour le personnage néfaste.

Selon la tradition judéo-chrétienne, avant l‘existence de toute autre chose il y avait le Verbe[69]. Univoque, la figure du verbe se confond avec le propre Dieu qui existe dans le

[69] “Au commencement était le Verbe, et le verbe était en Dieu, et le Verbe était Dieul (JEAN, 1;1).

Verbe, tout en étant le Verbe lui-même. L'acte de nommer se configure donc comme un acte magique : le Créateur conçoit toutes les créatures à partir de sa Parole[70].

Biderman rappelle que :

> Para a Bíblia judaico-cristã a *palavra* não é apenas um sinal da força divina criadora, mas se identifica com essa própria força. Ao longo de mais de dois mil anos de história, desde o limiar do Gênesis no Antigo Testamento aos Evangelhos do Novo Testamento, a palavra se manifesta com esse significado. É assim que os profetas do Antigo Testamento, principalmente Isaías e os psalmistas, falam da palavra que não retorna a Deus sem antes ter dado seu retorno.

Selon lui, dans la tradition judéo-chrétienne, la Parole n'est pas simplement un signe de la force divine, elle est le propre Dieu.

Chez les anciens grecs, c'était par des oracles que les divinités gardaient la Parole, interprétée par les sibylles. Dans les fables et contes on trouve également de nombreux exemples de la croyance dans le pouvoir de la Parole. Dans les récits populaires, on attribue également une puissance magique au mot cabalistique « *abracadabra*[71] ».

Un autre mot auquel on attribue le pouvoir de transfigurer le réel est cité dans les « *Mille et une nuits* », compilé par Antoine Galland à partir des extraits empruntés à la tradition littéraire orale arabe. La porte de la caverne dans laquelle le personnage Ali Baba et sa bande de quarante voleurs gardaient des trésors s'ouvrait lorsqu'il prononçait la formule magique : « *Sésame : ouvre-toi* ! ». En apparence la relation entre le mot sésame (genre de plantes oléagineuses) et la propriété miraculeuse qu'on lui attribue dans le conte pourrait avoir pour origine la propriété de la graine, petite, ovoïde et plate, et qui lors de sa maturation s'échappe brusquement de la cosse au moindre contact : comme par un « coup de baguette magique ». Néanmoins, rien dans les récits de Galland ne confirme cette hypothèse.

---

[70] « Et la Parole a été faite chair » (JEAN, 1 ; 14).

[71] Selon le dictionnaire *Trésor de la langue française informatisé* - http://atilf.atilf.fr/ : « Abracadabra : formule magique, passant pour guérir les maladies, attestée au début du III^e^ s. dans poème didactique latin : SERENUS SAMMONICUS, *Liber medicin.,* 935 ds *TLL s.v.,* 128, 14. [...] Selon hypothèse récente (E. KATZ, *Abrakadabra und Abraxas* ds *Z. Gesch. Jud.,* I, 1964, 179187) *abrakadabra* est un mot magique d'origine hébraïque attesté dans la tradition latine. [...] Conformément à l'hébraïque : *arba- dak - arba,* signifie littéralement : _Que le quatre anéantisse le quatre' (hébr. *arba* « quatre » ; hébraïque *dak,* impératif du verbe DDK « casser, anéantir ») c'est-à-dire _Dieu (quatre étant un cryptogramme représentant le Tout-Puissant) maîtrise (en cassant, anéantissant) les quatre éléments'; la symbolique des nombres de cette formule, disposée en triangle, et son explication conformément aux coutumes de la gnose révèle sa vertu de protection contre les maladies. »

La croyance dans le pouvoir de transfiguration de la parole, notamment la peur que cela provoque chez ceux qui la prononce par inadvertance, fait que l'individu remplace volontairement le mot par d'autres : c'est le cas des euphémismes visant à atténuer le poids de la parole dite. Les études dialectologiques exposent plusieurs situations pour lesquelles les croyances des locuteurs dans le potentiel magique des mots sont mises en évidence. Une étude sur la variation lexicale réalisée dans la ville de Londrina, recherche effectuée d'après les données d'une monographie d'Aguilera (1987), Romano (2012, p. 305-324), atteste que des informateurs enquêtés dans les années 1980 ont exprimé leur préoccupation en répondant à la question : « *comment appelle-t-on l''eau qui tombe sous la forme des petits grains de glace ?* ». Plutôt que « *granizo* », nom savant en portugais pour la « grêle », plusieurs informateurs ont dit : « *chuva de flor, chuva de sal, florzinha, chuva de milho, neve* » - soit respectivement en français : « *pluie de fleur, pluie de sel, petite fleur, pluie de maïs, neige* ». La locution « chuva de pedra », pourtant bien connue des locuteurs, était prononcée avec une grande réserve.

Romano (2012), lors de nouvelles enquêtes réalisées plus récemment a obtenu comme réponse la plus productive « *chuva de granizo* » (*la grêle*). La deuxième réponse la plus citée était « *chuva de flor* ». Dans l'extrait d'un commentaire enregistré par Romano, on constate la crainte du syntagme « *chuva de pedra* » :

> INF.- Granizo.
> INQ.- Tem outro nome?
> INF.- Pedra, mas eu não falo pedra não.
> INQ. Por quê?
> INF.- Tem gente que fala pedra, minha mãe não deixava nóis falá pedra, porque pedra é pedra. E aquele lá é uma coisa que vem lá do céu, que tá caindo que Deus tá mandando. Então não pode falá pedra. Diz que se falasse pedra chovia mais ainda. (risos). Coisa de gente antigo, né.
> INQ.- A gente tinha que falar o quê?
> INF.- Flores. É granizo, mas a minha mãe não deixava nóis falá pedra não, nóis nem falava granizo, era pra falar ―tá... tá choveno flor‖, pra não vim forte.
> INQ.- Tinha que falar desse jeito?
> INF.- Tinha que falá ta chovendo flor (...)

Dans son récit, le locuteur répond d'abord « *granizo* » (*grêle*), mais lorsque l'enquêteur insiste il obtient comme seconde réponse « *chuva de pedra* », soit « *pluie de pierre* ». Ensuite le locuteur explique que la simple émission orale du mot provoquerait la colère de Dieu qui déclencherait alors une catastrophe désastreuse. Ensuite, le locuteur précise que lui-même ne croyait plus à cela, à la différence de ses parents qui y croyaient encore.

Romano (2012, p.321) interprète ainsi le changement de comportement entre les réponses des informateurs des années 1980 et ceux de l'année 2012 :

> O informante, hoje ainda mais urbano, não encontra motivo para o uso dessas variantes eufêmicas [como *chuva de flor*], pois a *chuva de pedra* não apresenta tantas ameaças para ele, já que não tem mais a preocupação com os danos que este tipo de chuva pode causar, por exemplo, à lavoura.

Pour Romano, les locuteurs du XXI^{ème} résidant dans les zones urbaines et qui n'ont pas les mêmes références relatives aux dégâts provoqués par la grêle sur les cultures agricoles n'ont plus la même crainte que leurs parents. L'absence de la réponse « *chuva de flor* » chez les locuteurs actuels montre un changement dans le langage populaire.

De la même manière les réponses des informateurs de l'ALEAL relatives au corps humain renvoient à des tabous linguistiques. Par exemple, sur la carte QSL 112 : MENSTRUAÇÃO, la variante : « *estar de boi* », (en français « *avoir son bœuf* ») révèle la présence d'un interdit, mais de quel ordre ? Religieux? Moral ? Social ? Les approches théoriques au sujet de la motivation sémantique ouvrent toutes ces possibilités : dans la culture brésilienne la figure du bœuf, instiguante, est très représentative. Dans le dictionnaire Houaiss (2009) on trouve 27 locutions liées au nom « *bœuf* », et toutes sont définies comme régionalismes du Brésil, dont celles citées par les informateurs de l'ALEAL. Voici la liste produite par HOUAISS (2009) : « *boi carreiro, boi de guia, boi de ponta, boi de ano, boi de cambão, boi de carro, boi de coice, boi de corte, boi de corte, boi de guia, boi de lote, boi de mamão, boi de matraca, boi de melão, boi de orquestra, boi de piranha, boi de quarta, boi de cela, boi de reis, boi de tronco, boi de zabumba, boi em pé, boi marrequeiro, boi na vara, apanhar como boi ladrão, ir amolar o boi, pegar o boi pelo chifre, bumba meu boi, estar de boi* ». Ces syntagmes n'appellent pas une traduction en français puisque leurs sens font référence à des contextes propres à d'autres cultures et une autre langue : dans ce cas le portugais parlé au Brésil, et qui est extrêmement riche au regard de la motivation.

Le bœuf, *bos taurus*, mammifère ruminant, natif de l'Europe, a été introduit au Brésil au XVI^{ème} siècle par les Portugais lors de la création des premières cultures de canne à sucre dans la région nord-est du pays. Cet animal ne faisant pas partie de la faune brésilienne, a suscité dès l'origine la stupeur de la population indigène. Les anciennes croyances des ethnies natives par rapport aux animaux de différentes espèces, ainsi que celles de la population esclave, les Africains, sont certainement à l'origine des dizaines de variantes qui font référence au boeuf.

L‘expression « *avoir son bœuf* » comme étant une variante lexicale relative au flux sanguin périodique chez la femme pose des questions : Que peut se dissimuler derrière ce syntagme ? Serait-ce la couleur écarlate du sang qui coule de la chair du bœuf lorsqu‘on le sacrifie ? On sait que le sang, source de la vie, est un rappel du sacrifice dans nombre de cultures anciennes. Un des régionalismes brésiliens cités par Houaiss (2009) : « *boi de piranha* » rapporte précisément le sacrifice d‘un bœuf tué et jeté dans le fleuve afin que le reste du troupeau puisse le traverser sans être attaqué par les « *piranhas* », poissons carnivores très voraces : la traversée du troupeau se fait alors dans les eaux teintées du sang de celui qui a été sacrifié. À propos du sang et de la couleur rouge, lors des *corridas* en Espagne ou au Portugal, le toréador provoque l‘animal en lui présentant une étoffe de couleur rouge.Toutefois aucune donnée scientifique n‘atteste que cette couleur est à l‘origine de l‘agressivité du bovin.

La locution « *bumba meu boi* », qui désigne une danse dramatique connue surtout dans les états de la région nord et nord-est, se centre sur le personnage du bœuf. Dans cette représentation populaire, la légende la plus répandue évoque une femme enceinte qui voudrait manger de la langue de bœuf. À sa demande, le mari fait tuer un bœuf d‘une ferme autre que la sienne. Le fermier et propriétaire de l‘animal ordonne alors que le mari soit emprisonné. La femme fait appel au sorcier du village et finalement le bœuf est « ressuscité ».

Au moins deux éléments présents dans cette représentation culturelle peuvent être liés à l‘imaginaire relatif à la menstruation. D‘un côté il y a la femme enceinte (et donc libre de ses règles), et de l‘autre le bœuf dont le sang a été versé pour satisfaire son désir. Le sacrifice de l‘animal a entraîné une punition, la prison pour le mari.

Dans le récit biblique Eve mange la pomme et l‘offre à Adam, ils sont alors punis, mais surtout Eve qui devra désormais souffrir pour accoucher, ce qui évoque encore la présence du sang. Dans le « *bumba meu boi* » la femme du fermier mange de la langue du bœuf et subit également une punition : lorsque l‘animal sera ressuscité elle versera alors son sang tous les mois.

5. CONSIDÉRATIONS SUR LES ANALYSES RELATIVES À LA MOTIVATION SÉMANTIQUE DANS l'ALEAL

L'un des objectifs de cette thèse est de réaliser une étude de la motivation sémantique à partir des données dialectales collectées par des enquêtes de terrain réalisées dans l'État d'Alagoas.

L'approche théorique qui est à l'origine des études réalisées est celle des auteurs cités dans les analyses elles-mêmes : Alinei, Jespersen, Jakobson, Guiraud, Fonagy, Coseriu, Dalbera, Barros Ferreira, Caprini, Carpitelli, Garcia Mouton, Contini, parmi les principaux.

En considérant les résultats des études présentées dans cette thèse, on peut attester ce que Mario Alinei (1983, 1984) a pu avérer dans tous ses ouvrages : Au sein des langues repose des étincelles de la pensée totémique, témoins de la relation étroite entre l'homme et l'animal, ce dernier comme étant un ancêtre lointain, le totem de la tribu ou du clan. L'image suivante, prise sur les terres indigènes des Kaingang (Réserve Apucarainha, Londrina, État du Paraná) est un exemple du culte du totem encore vivant de nos jours.

Figure 13 : totem chez les Kaingang, groupe indigène du Sud du Brésil – photo Michel Garambois, 2017

Le totémisme (qui pourrait, peut-être, expliquer le rôle du bœuf dans la représentation de la danse « *bumba meu boi* ») renvoie, selon Alinei, aux manifestations religieuses les plus anciennes depuis le paléolithique dans les sociétés des chasseurscueilleurs d'alors. Dans plusieurs cas, la motivation des mots réside dans la peur de la privation des aliments, raison pour laquelle on vénère un animal, comme l'observe Contini (2007) :

> [...] l'on peut même accueillir dans la maison comme une sorte de divinité protectrice (à une date récente, en Albanie, on gardait dans les maisons une couleuvre que l'on appelait justement *vitare* _la vieille'). Un animal aussi peut être considéré comme l'ancêtre totémique de la famille ou du clan dont il deviendra l'emblème : il ne sera ni chassé, ni mangé ou alors l'action sera suivie d'une cérémonie d'expiation (par exemple, un repas collectif) au cours de laquelle on s'excusera pour le sort qui lui a été fait. En outre on ne le nommera pas par son vrai nom - il sera connu par les seuls initiés - mais par des noms de remplacement et ceux de parents en particulier. (CONTINI, 2007, p. 65)

D‘après Dalbera (2006), le parcours dialectologique vers la recherche de la motivation sémantique peut être comparé à un voyage au centre du langage. Selon cet auteur, le langage ne cesse d‘être construit, est en permanente évolution et l‘analyse de la motivation sémantique des mots fait émerger la genèse des parlers.

APÊNDICE B

Modelo de planilha da base de dados do
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS

1- DELMIRO GOUVEIA				
José	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	HOMME
Joseana	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
2- CANAPI				
Rogério	30 a 50 anos	Analfabeto	**Jeune**	HOMME
Maria da Penha	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
3- SANTANA DO IPANEMA				
Aurélio	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	HOMME
Simone	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
José Avelino	55 a 75 anos	Analfabeto	**Vieux**	HOMME
Joana	55 a 75 anos	Analfabeta	**Vieille**	FEMME
4- PIRANHAS				
Antônio	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	HOMME
Elissandra	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
5- PÃO DE AÇÚCAR				
Epifânio	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	HOMME
Maria do Carmo	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	FEMME
6- TRAIPU				
Edilson	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Rosinalva	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
7- PENEDO				
Valter	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Valdirene	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	FEMME
Antônio (Toinho)	55 a 75 anos	Fund. Incompleto	**Vieux**	HOMME
Elenita	55 a 75 anos	Fund. Incompleto	**Vieille**	FEMME
8- PIAÇABUÇU				
Jameson	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	HOMME
Ana	30 a 50 anos	fund. Completo	**Jeune**	FEMME
9- CORURIPE				
Teófanes	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Lúcia	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	FEMME
10- ARAPIRACA				
Marcos	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	HOMME
Eunice	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
11- PALMEIRA DOS ÍNDIOS				
José Roberto	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Zenaide	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
12- QUEBRANGULO				
José (Galego)	30 a 50 anos	Analfabeto	**Jeune**	HOMME
Daniela	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	FEMME
13- Limoeiro de Anadia				
José (Zezinho)	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	HOMME
Girlene	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
14- SÃO MIGUEL DOS CAMPOS				
André	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Dora	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
Cícero	55 a 75 anos	Fund. Incompleto	**Vieux**	HOMME
Diva	55 a 75 anos	Fund. Incompleto	**Vieille**	FEMME
15- PILAR				
César	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Maria Zuleide	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
16- MARECHAL DEODORO				
José Oséas	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Iolanda	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
Valdeci	55 a 75 anos	Fund. Completo	**Vieux**	HOMME
Benedita	55 a 75 anos	Fund. Incompleto	**Vieille**	FEMME
17 MACEIÓ				
Israel	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Alderi	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	FEMME
José Amaro	55 a 75 anos	Fund. Incompleto	**Vieux**	HOMME
Cícera	55 a 75 anos	Fund. Completo	**Vieille**	FEMME
18- UNIÃO DOS PALMARES				
Dieudes	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Maria Helena	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
Dário	55 a 75 anos	Fund. Incompleto	**Vieux**	HOMME
Josefa	55 a 75 anos	Analfabeta	**Vieille**	FEMME
19- SÃO LUIZ DO QUITUNDE				
Alexandre	40 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Maria Helena (Nizinha)	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	FEMME
20- PORTO CALVO				
Cosme	30 a 50 anos	Fund. Completo	**Jeune**	HOMME
Maria Cleodenice (Kéu)	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	FEMME
José	55 a 75 anos	Fund. Incompleto	**Vieux**	HOMME
Genice	55 a 75 anos	Fund. Incompleto	**Vieille**	FEMME
21- MARAGOGI				
Edivaldo	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	HOMME
Vânia	30 a 50 anos	Fund. Incompleto	**Jeune**	FEMME

Rappel : HOMME = CERCLE
FEMME = TRIANGLE

INFORMANTES - NÍVEL DE ESCOLARIDADE

- **Fundamental Completo**
- **Fundamental Incompleto**
- **Analfabetos**

ANEXO

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL

QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

1. CASA

Qual é o tipo de moradia mais comum aqui da região?

2. TELEVISÃO

...aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?

3. PRATELEIRA

...aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala... ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?

4. CAIXA

Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?

5. TESOURA

...o objeto com que se corta tecido?

6. CAMINHA (subst.)

Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?

7. TRAVESSEIRO

...aquilo onde a pessoa recosta a cabeça para dormir na cama?

8. LUZ

Quando se está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem _____?]

9. LÂMPADA

...aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? [Quando se tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?]

10. ÍMÃ

... aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego e alfinete?

11. FECHA

Para que a porta não fique aberta, se diz: fulano, _____ a porta.

12. FÓSFORO

... aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?

13. VARRER

Para limpar o chão, o que é preciso fazer (*mímica*)?

14. ALMOÇO

... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

15. RUIM

Uma comida pode estar boa ou ____?

16. ARROZ

... aqueles grãozinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?

17. GORDURA

A carne de porco não é magra por que tem _____?

18. GRELHA

... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.?

19. PENEIRA

... aquele objeto que se usa na cozinha para passar (mímica) farinha?

20. COLHER (subst.)

A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que se usa para tomar sopa?]

21. FERVENDO

Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está? 22. SAL

O que é preciso colocar na carne para temperar?

23. TOMATE

... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para tomar preparar o molho do macarrão/

24. CASCA

Para comer uma banana, o que é que se tira?

25. CLARA

No ovo frito há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?

26. BOTAR

Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela ____ ovo.

27. B<u>ON</u>ITO

Qual é o contrário de feio?

28. <u>R</u>OSA

... aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho?

29. ÁRV<u>OR</u><u>E</u>

O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?

30. M<u>ON</u>TAR

Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (*mímica*)?

31. B<u>O</u>RB<u>O</u>LETA

... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

32. FA<u>Z</u>ENDA

... uma propriedade grande onde se cria gado, se planta cana-de-açúcar, algodão ou mandioca?

33. NOI<u>TE</u>

Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a ____?

34. <u>D</u>IA

E depois da noite, o que é que vem?

35. SO<u>L</u>

... aquilo que brilha no céu, de dia?

36. SÁB<u>AD</u>O

... o dia que vem depois da sexta-feira?

37. CALO<u>R</u>

No inverno faz frio. No verão faz ____?

38. TAR<u>DE</u>

Qual é o contrário de cedo?

39. TR<u>ÊS</u>

O que vem depois do dois?

40. <u>CA</u>RTORZE / <u>QUA</u>TORZE

O que é que vem depois do treze?

41. P<u>O</u>ÇA

... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?

42. <u>PL</u>ACA

Aquilo que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos para-choques dos carros, com letras e números, e serve para identificar de onde é o carro?]

43. BICICLETA

... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?

44. PNEU

... aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e esvazia? 45. VIDRO

De que material são feitas as janelas, os para-brisas dos carros?

46. PASSAGEM

Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

47. REAL / REAIS

Quanto custa para ir daqui a ... [*citar cidade próxima*]?

48. MUITO

Qual é o contrário de pouco?

49. OBRIGADO

Quando alguém faz um favor para o(a) senhor(a), como é que a(o) senhor(a) agradece?

50. EMPREGO

Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê? [Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o quê?]

51. PREFEITO

Quem se elege para dirigir a cidade?

52. ESCOLA

Onde as crianças vão para aprender a ler?

53. BORRACHA

... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?

54. AZUL

Que cor é esta? Mostrar.

55. BRASIL

... o nosso país?

56. SOLDADO

... a pessoa que usa farda, que vive em quartel? [Tem o tenente, o sargento, e depois o que é que vem?]

57. CALÇÃO

No futebol, os jogadores usam camiseta e .... (*mímica*)?

58. ADVOGADO

Como se chama o profissional que se contrata para defender os interesses na Justiça?

59. QUESTÃO / QÜESTÃO

Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a _____? [Quando o(a) senhor(a) não quer muito uma coisa, o(a) senhor(a) diz: Eu não faço ___].

60. PEGO

Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. O(a) senhor(a) diz: O ladrão foi ___ pela polícia.

61. INOCENTE

Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou o crime, se diz que ele é o quê?

62. MENTIRA

Uma pessoa lhe conta um fato que o(a) senhor(a) acha que não é verdade. O(a) senhor(a) diz que é uma ____?

63. PROCISSÃO

Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um lugar a outro?

64. SANTO ANTÔNIO

... o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?

65. OLHO (subst.) ... isto? *Apontar*.

66. ORELHA

... esta parte? *Apontar*.

67. OUVIDO

E esta parte aqui dentro, (*apontar*) que se limpa com um algodão em um palito ou um cotonete?

68. FÍGADO

... o órgão que fica aqui (*apontar*), que adoece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?

69. CORAÇÃO

Qual o nome do órgão que, se parar, a pessoa morre?

70. COSTAS

Aqui (mostrar) é a frente, e aqui (*mostrar*)?

71. VÔMITO

O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?

72. HOMEM

Adão foi primeiro ___?

73. MULHER

E Eva foi a primeira ____?

74. FAMÍLIA

Pai, mãe e filhos formam o quê?

75. TIO

O que o irmão de seu pai e de sua mãe é seu?

76. GENRO

O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que ele é do sogro?

77. ALTA

O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm, 2 metros?

78. VOZ

Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa ___?

79. MEIA

Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?

80. BRAGUILHA

... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a ____?]

81. ANEL

O que é que se usa aqui no dedo? Ou *apontar*.

82. ASSOBIO

Como se chama isto? *Assobiar*.

83. PERDIDA

Quando não se acha uma coisa, ela fica ___?

84. PERGUNTAR

Quando se quer saber uma coisa, se vai ___?

85. BARULHO

Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça ___, para ela não acordar.

86. MESMA

Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa ___ roupa. [O(a) senhor(a) vai viajar e não leva nenhuma troca de roupa. O(a) senhor(a) vai usar a ___ roupa.]

87. HÓSPEDE

Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

88. ESQUERDO

Este lado é o direito e este (*mostrar*)?

89. MORREU

Quem não está mais vivo é porque já ___?

90. PÊSAMES

O(a) senhor vai a um velório, e lá chegando vai cumprimentar um familiar da pessoa falecida. O(a) senhor(a) estende a mão e diz: Meus __

b) - QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

EVENTOS NATURAIS

1. CÓRREGO / RIACHO

... um rio pequeno, de dois metros de largura?

2. PINGUELA

... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um ___(*cf. item 1*)

3. FOZ

... o lugar onde um rio termina ou encontra com outro rio ou com o mar?

4. REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, forma um buraco e puxa para baixo.

Como se chama isto?

5. ONDA DE MAR

... o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas*.

6. ONDA DE RIO

... o movimento da água do rio? *Idem item 5*.

FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

7. REDEMOINHO (DO VENTO)

... o vento que vai girando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

8. RELÂMPAGO

... um clarão que surge no céu em dias de chuva?

9. RAIO

... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo/

10. TROVÃO

... o barulho forte que se escuta logo depois de um ___ (*cf. item 9*)?

11. TEMPORAL / TEMPESTADE / VENDAVAL

... uma chuva com vento forte que vem de repente/

12. TROMBA D'ÁGUA

... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?

13. CHUVA DE PEDRA

Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

14. ESTIAR / LIMPAR O TEMPO

Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

15. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nomes dão a essa faixa?

16. GAROA

... uma chuva bem fininha?

17. ORVALHO / SERENO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chama aquilo que molha a grama?

18. NEVOEIRO / CERRAÇÃO / NEBLINA

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

ASTROS E TEMPO

19. AMANHECER

... a parte do dia quando começa a clarear?

20. NASCER DO SOL

O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?

21. PÔR DO SOL

E o que acontece no céu no fim da tarde?

22. ESTRELA MATUTINA / VÊNUS / ESTRELA DA MANHÃ / ESTRELA

D‘ALVA

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

23. ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chama isto?

24. VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO / CAMINHO DE LEITE

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

25. ONTEM

Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?

26. ANTEONTEM

... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]

27. TRASANTEONTEM

... o dia que foi antes de ____ (*cf. item 29*)? [E mais um dia para trás?]

ATIVIDADES AGROPASTORIS

28. TANGERINA / MEXERICA

... as frutas menores que laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES, SE FOREM CITADAS PELO INFORMANTE.

29. AMENDOIM

... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

30. CAMOMILA

... umas florzinhas brancas com miolo amarelinho, ou florzinhas secas que se compram na farmácia, na feira ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto, e também para acalmar? *Mostrar*.

31. PENCA

... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer?

32. BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS

... duas bananas que nascem grudadas?

33. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO /

CORAÇÃO

... a ponta roxa no cacho da banana?

34. ESPIGA

Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé?

35. SABUGO

Quando se tira todos os grãos de milho, o que sobra?

36. COVA / VALA / REGO / SULCO / BURACO

Como chamam por aqui o buraco feito no chão para o plantio de cana-de-açúcar?

37. ENGENHO / GROTA / ALAMBIQUE / GALPÃO

Como chamam por aqui o local onde a cana é beneficiada para a produção de açúcar, cachaça, rapadura?

38. ENGENHO / ENGENHOCA / ROLO / MOENDA

Como chamam por aqui a máquina elétrica ou manual em que se mói a cana para a extração do suco?

39. TABACO / FUMO

Como chamam por aqui a planta cultivada para a fabricação daqueles produtos que algumas pessoas fumam?

40. FUMO DE CORDA / FUMO DE ROLO / CRIOULO

Como chamam por aqui aquele fumo escuro, enrolado e torcido?

41. SOCA / TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão.

Como se chama essa parte?

42. GIRASSOL

... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

43. VAGEM DO FEIJÃO / BAINHA

Onde é que ficam os grãos de feijão, no pé, antes de serem colhidos?

44. MANDIOCA / AIPIM

... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer, que se rala para fazer farinha, polvilho, goma?

45. CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA

... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?

46. CANGALHA / FORQUILHA

... a armação de madeira, que se coloca no pescoço de alguns animais para não atravessarem a cerca?

47. PILÃO

... objeto feito de um tronco de madeira, oco, e que serve para descascar e triturar milho, arroz, café, ?

48. MÃO DE PILÃO

... peça feita de madeira e que serve para esmagar e socar os grãos dentro do ____ (*cf. item 45*)?

49. CANGALHA

... a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?

50. JACÁ / BALAIO

... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas, mandioca, macaxeira, aipim, etc., no lombo do cavalo ou do burro?

51. BORREGO (DO NASCER ATÉ...)

... a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?

52. TRABALHADOR DE ENXADA NA ROÇA ALHEIA

... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?

53. PICADA / ATALHO ESTREITO

O que é que se abre com facão, a foice para passar por um mato fechado?

54. TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA / CARRERO

... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

FAUNA

55. URUBU

... a ave preta que come animal morto, podre?

56. COLIBRI / BEIJA-FLOR

... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

57. JOÃO-DE-BARRO

... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até mesmo nos cantos da casa?

58. GALINHA-D‘ANGOLA / GUINÉ / COCAR

... a ave de criação parecida com a galinha, de pernas pretas com pintinhas brancas?

59. PAPAGAIO

... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?

60. SURA

... uma galinha sem rabo?

61. COTÓ / PITOCO

... um cachorro de rabo cortado?

62. GAMBÁ

... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?

63. CHIFRE

O que o boi tem na cabeça?

64. BOI SEM CHIFRE

... o boi sem ____ (*cf. item 64*)

65. ÚBERE

Em que parte da vaca fica o leite?

66. RABO

... a parte com que o boi espanta as moscas?

67. MOSCA VAREJEIRA

... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

68. SANGUESSUGA

... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado? 69. LIBÉLULA

... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

70. BICHO DA FRUTA

... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

71. CORÓ

... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

72. PERNILONGO

... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas durante a noite? *Imitar o zumbido*.

CORPO HUMANO

73. PÁLPEBRAS / CAPELA DOS OLHOS

... esta parte que cobre o olho? *Apontar*.

74. CISCO

... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

75. CEGO DE UM OLHO

... a pessoa que só enxerga de um olho?

76. VESGO

... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto dos dedos*.

77. MÍOPE

... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

78. TERÇOL / VIÚVA

... a bolinha que nasce na ___ (cf. item 75), fica vermelha e incha?

79. CONJUNTIVITE / DOR D‘OLHOS

... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

80. CATARATA

... aquela pele branca no olho que dá nas pessoas mais idosas?

81. DENTES CANINOS / PRESAS

... esses dois dentes pontudos? *Apontar*.

82. DENTES DO SISO / DO JUÍZO

... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

83. DENTES MOLARES / DENTE QUEIRO

... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos ____ (cf. item 84)? Apontar.

84. DESDENTADO / BANGUELA

... a pessoa que não tem dentes?

85. FANHOSO / FANHO

.. a pessoa que parece falar pelo nariz? *Imitar*.

86. MELECA / TATU

... a sujeirinha dura que se tira o nariz com o dedo?

87. SOLUÇO

... este barulhinho que se faz? *Imitar*.

88. NUCA

... isto? *Apontar*.

89. POMO-DE-ADÃO / GOGÓ

... esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar*.

90. CAVANHAQUE

... barba curta, em baixo do queixo?

91. CALVO

... quem não tem cabelos na cabeça, ou quem tem pouco cabelo?

92. CLAVÍCULA

... o osso que vão do pescoço até o ombro. *Apontar*.

93. SABONETEIRA

... esta parte funda entre o pescoço e os ombros de algumas pessoas magras? *Apontar.*

94. CORCUNDA

... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim? *Mímica.*

95. AXILA

... esta parte aqui? *Apontar*.

96. CHEIRO NAS AXILAS

... o mau cheiro embaixo dos braços?

97. CHEIRO NOS PÉS

... o mau cheiro dos pés?

98. MAU HÁLITO

... o mau cheiro na boca?

99. CANHOTO

... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão?

100. PESSOA LOURA / GALEGA

.. uma pessoa da pele bem clara, olhos claros, cabelos amarelados, meio dourados?

101. SEIOS / PEITO

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

102. ÚTERO

... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê antes de nascer?

103. PERNETA

... pessoa que não tem uma perna?

104. MANCO

... a pessoa que puxa de uma perna?

105. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS

... a pessoa de pernas curvas? *Mímica*.

106. RÓTULA / PATACA

... o osso redondo que fica na frente do joelho?

107. TORNOZELO

... isto? *Apontar*.

108. CALCANHAR

... isto? *Apontar*.

109. CÓCEGAS

Como se chama isso que a pessoa sente quando se passa o dedo na sola dos pés?

Mímica.

110. DIARREIA / DOR DE BARRIGA

.. quando dói esta parte (*apontar*) e a pessoa tem que ir ao banheiro diversas vezes ao dia?

111. TROPEÇAR

.. bater com o pé em uma pedra ou em alguma outra coisa?

CICLOS DA VIDA

112. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

113. ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade acaba a/o ___ (*cf. item 113*). Quando isso acontece, se diz que a mulher ___.

114. PARTEIRA

... a mulher que ajuda a criança a nascer?

115. DAR À LUZ

Chama-se a ___ (*cf. item 116*) quando a mulher está para ___.

116. RESGUARDO

.. período depois do parto em que a mulher fica em casa e mantém alguns cuidados?

117. GÊMEOS

... duas crianças que nasceram no mesmo parto?

118. ABORTO

Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve ___?

119. AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

120. IRMÃO DE LEITE

O próprio filho da ___ (cf. item 121) e a criança que ela amamenta são o que um do outro?

121. FILHO ADOTIVO

.. a criança que não nasceu do casal, mas que é criada por ele como filho?

122. FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA

... o filho que nasceu por último?

123. MENINO / GURI / PIÁ

Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

124. MENINA

E se for do sexo feminino?

125. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha/

126. FINADO / FALECIDO

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

127. MORRER (DESIGNAÇÕES)

O(a) senhor(a) conhece outras formas de dizer que uma pessoa morreu, sem usar a palavra morrer?

CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

128. PESSOA TAGARELA

... a pessoa que fala demais?

129. PESSOA POUCO INTELIGENTE

... a pessoa que tem dificuldade para aprender as coisas?

130. PESSOA SOVINA

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, à vezes, passa necessidades para não gastar?

131. MAU PAGADOR

... a pessoa que deixa suas contas penduradas.

132. ASSASSINO PAGO

.. a pessoa que é paga para matar alguém?

133. MARIDO ENGANADO

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem.

134. PROSTITUTA

... a mulher que vende o corpo para homens?

135. XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

136. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

137. AGUARDENTE (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

138. CRIANÇA TRAVESSA

... uma criança que não para quieta, que mexe em tudo, que vive aprontando?

139. FOFOQUEIRO / MEXERIQUEIRO

... uma pessoa que fala mal da vida alheia?

140. BEATO / CAROLA

... uma pessoa que é muito devota, que não sai da igreja e passa o tempo rezando?

141. CIGARRO DE PALHA

Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

142. TOCO DE CIGARRO

... o resto de cigarro que se joga fora?

RELIGIÃO E CRENÇAS

143. DIABO

Deus está no céu e no inferno está ___?

144. FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo.

145. AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

146. BENZEDEIRA

... uma mulher que tira o mau-olhado, que trata de doenças com rezas, geralmente com galho de plantas?

147. MEDALHA

... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente ou num cordão?

148. PRESÉPIO

No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chama isso?

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

149. CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? *Mímica.*

150. BOLINHA DE GUDE

... as coisinha redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar/

151. ESTILINGUE / SETRA / BODOQUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para caçar passarinho?

152. PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA

... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

153. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

154. CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

155. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica*.

156. AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

HABITAÇÃO

157. TRAMELA

... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

158. VASO SANITÁRIO / PATENTE

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades/

159. FULIGEM

... aquilo preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

160. ISQUEIRO / BINGA

Para ascender um cigarro, se usa fósforo ou ___?

161. LANTERNA

... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?

162. INTERRUPTOR DE LUZ

Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

163. TOMADA

Como se chama a peça que se instala na parede e que serve para ligar aparelhos elétricos?

164. TORNO / CABIDE DE PAREDE

... aquela peça que se instala na parede e que serve para pendurar roupas, chapéus...?

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

165. CAFÉ DA MANHÃ

... a primeira refeição do dia, feita de manhã bem cedo?

166. ALMOÇO / SEGUNDA REFEIÇÃO DO DIA

... ... a segunda refeição do dia?

167. MERENDA / LANCHE

... a refeição leve, feita de tardezinha?

168. JANTA / JANTAR

... a última refeição do dia, feita à noitinha?

169. CURAU

... uma papa cremosa feita de milho verde ralado, polvilhada com canela?

170. MUNGUNZÁ / CANJICA

... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?

171. BOLO DE PUBA

... aquele bolo mole que se faz da massa de mandioca?

172. TAPIOCA / GOMA / POLVILHO

... aquela farinha de mandioca muito fininha, branca e meio úmida usada na preparação de muitos alimentos?

173. PIRÃO

... aquela papa feita de farinha de mandioca ou de milho, misturada com caldo de galinha ou de peixe?

174. GELADINHO

...aquele líquido congelado feito de suco de frutas ou de leite e colocado num saquinho plástico fino e comprido?

175. BALA / CONFEITO / BOMBOM

... aquele doce que vem embrulhado em papel colorido e que se chupa?

176. PÃO FRANCÊS / PÃO JACÓ

... pão pequeno? *Mostrar.*

177. PÃO BENGALA

... aquele pão comprido? *Mostrar.*

178. PÃO DOCE / PÃO DE AÇÚCAR / ROSCA

... aquele pão que vem com creme e coco por cima?

VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

179. SUTIÃ

... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

180. CUECA

... a roupa que o homem usa embaixo da calça?

181. CALCINHA

... a roupa que a mulher usa embaixo da saia?

182. CINTO

... aquela tira ou faixa de couro ou tecido que se usa para segurar a calça comprida?

183. ALPARGATA

... aquele calçado aberto que se prende ao pé com tiras de couro ou de tecido?

184. CHITA / CHITÃO

... aquele tecido de algodão de qualidade inferior com estampa de flores grandes, bem chamativo?

185. ROUGE

... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

186. GRAMPO (COM PRESSÃO) / RAMONA / MISSE

... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.*

187. DIADEMA / ARCO / TIARA

... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? *Mímica.*

188. COQUE

... tipo de penteado em que o cabelo é enrolado no alto da cabeça e preso com ___ (*cf. item 197*)?

189. UNIFORME / FARDA

... aquele traje que as crianças usam para ir à escola?

VIDA URBANA

190. SINALEIRO / SEMÁFORO / SINAL

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

191. LOMBADA / QUEBRA-MOLAS

... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

192. CALÇADA / PASSEIO

Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

193. MEIO-FIO

... o que separa o ____ (*cf. item 204*) da rua?

194. LOTE / TERRENO / DATA

... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

195. ÔNIBUS URBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

196. ÔNIBUS INTERURBANO

... a condução que leva os passageiros de uma cidade para outra?

197. BODEGA / BAR / BOTECO

... um lugar pequeno com um balcão, onde as pessoas costumam ir beber e onde também se pode comprar coisas?

198. SACOLAS PLÁSTICAS / BOLSA

... aquilo feito de material muito leve, com duas alças, em que se coloca as compras na feira ou no mercado?

199. BANCA / REFORÇO ESCOLAR / AULA PARTICULAR

Quando o aluno não vai bem na escola, os pais contratam alguém para ajudar nos estudos. Que nome dão para esses cursos fora do horário da escola?

QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO – QMS

ARTIGO

Artigo diante de nome próprio

1. Tem filhos / irmãos? Como eles se chamam? Se nós o encontrarmos na rua, como o(a) senhor(a) o apresentaria para mim?

SUBSTANTIVO

Gênero

2. ALFACE

Como é que se chama aquela folha verde que se come geralmente na salada? [Essa folha tem que ser lavada antes de comer. Como o(a) senhor(a) pediria para alguém fazer isso?]

3. CAL

O(a) senhor(a) conhece cal? E como é? Como se faz para caiar uma casa?

Feminino de

4. ALEMÃO

Uma mulher que nasce no Brasil é brasileira. E a que nasce na Alemanha é o quê? 5. CHEFE

Há homens e mulheres que chefiam. No caso, se é uma mulher, ela é o quê?

6. LADRÃO

Um homem que rouba é um ladrão. E quando é uma mulher?

7. PRESIDENTE

O(a) senhor(a) sabe quem é Dilma Rousseff? Quem é ela? [O que ela faz?]

Número

Poderia dizer tudo o que o(a) senhor(a) está vendo nestas gravuras?

8. ANÉIS
9. AVENTAIS
10. PÃES
11. MÃOS
12. LEÕES
13. DEGRAUS
14. FLORES

15. CHAPÉUS

16. ANZÓIS

17. OLHOS

PRONOME

Pronomes pessoais

18. EU / MIM

Alguém pede para o(a) senhor(a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa era para ela. Então, o(a) senhor(a) diz: Essa tarefa, na verdade, é para ___ fazer.

19. TU / VOCÊ sujeito

Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?

20. COMIGO / COM EU / MAIS EU

Quando alguém não quer tomar café sozinho, diz para convidar outra pessoa: ―Quer tomar café ____ ?‖

21. CONOSCO / COM NÓS / COM A GENTE

E se nós dois estamos tomando café e queremos mais uma pessoa na mesa, dizemos que essa pessoa venha tomar café ___?

Pronomes possessivos

22. TEU / SEU (relação inquiridor–informante)

De quem é isso? *Aproveitando objetos que estejam presentes.*

23. MAIOR / MENOR / DE MAIOR / DE MENOR

Preposição "de" antes de conceito de maioridade/menoridade

Quem ainda não completou 18 anos não pode tirar carteira de habilitação porque é ___.

Quem já completou 18 anos pode tirar carteira de habilitação porque é ___.

VERBO

Presente do indicativo

24. OUVIR (1ª pessoa do singular)

O(a) senhor(a) ouve rádio / música bem alto ou baixinho? [Por quê?] [O que o(a) senhor(a) ouve no rádio?]

25. TRAZER (1ª pessoa do singular)

O(a) senhor(a) tinha que trazer uma encomenda para alguém, mas o(a) senhor(a) não fez isso. Se a pessoa perguntar pela encomenda, o que é que o(a) senhor(a) diz?

―Infelizmente, eu não ___ a encomenda‖. *Apurar a existência da variação trouxe / truxe*.

26. PÔR (1ª pessoa do singular)

Uma pessoa procura um objeto qualquer e não acha. Então ela pergunta onde o(a) senhor(a) pôs o objeto. Como é que o(a) senhor(a) responde? *Apurar a existência da variação pus / ponhei.*

Futuro do presente

27. O que o(a) senhor(a) fará amanhã?

Futuro do pretérito

28. O que é que o(a) senhor(a) faria se ganhasse na loteria?

Concordância verbal

29. FAZ / FAZEM

Há quanto tempo o(a) senhor(a) mora aqui?

PROCURAR / CAÇAR

30. O(a) senhor(a) está olhando para o chão, tentando encontrar algo que perdeu (carteira, relógio, dinheiro), quando passa um amigo e pergunta o que o(a) senhor(a) está fazendo. O(a) senhor(a) diz: ―perdi tal coisa e estou aqui ___‖

ADVÉRBIO

Colocação do NÃO em respostas negativas

31. O(a) senhor(a) sabe se tem vida em outro planeta / na Lua?
32. O(a) senhor(a) já viu disco voador, não é?
33. O(a) senhor(a) já viajou de avião? Tem medo de viajar de avião?

PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS

1. Como chama a língua que o(a) senhor(a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em ___ (*citar a cidade onde está*)? *Se houver, identificar os grupos "que falam diferente"*.
3. Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas ―*que falam diferente*‖?
4. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de ___ (citar a cidade onde está)?
5. Na sua opinião, onde é que se fala mais bonito no Brasil? Aqui em ___ (citar a cidade onde está) ou em outros lugares? (Crenças e atitudes linguísticas)
6. No passado, as pessoas falavam diferente aqui?

QFF - 90

QSL – 199

QMS – 33

PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS - 6

QUESTIONÁRIO TOTAL – 328

INFORMANTES – 56

NÚMERO TOTAL DE QUESTÕES INQUIRIDAS AOS INFORMANTES - 18368

Communauté
UNIVERSITÉ Grenoble Alpes

Universidade
Estadual de Londrina

THÈSE

Pour obtenir le grade de

DOCTEUR DE LA COMMUNAUTÉ UNIVERSITÉ GRENOBLE ALPES

préparée dans le cadre d'une cotutelle entre la *Communauté Université Grenoble Alpes* et *Université de l'État de Londrina*

Spécialité : **Sciences du langage - Patrimoine linguistique culturel**

Arrêté ministériel : 25 mai 2016

Présentée par

Maranúbia PEREIRA BARBOSA DOIRON

Thèse dirigée par **Elisabetta CARPITELLI** et **Vanderci AGUILERA**

préparée au sein des **Laboratoires GIPSA-Lab et PPGEL** dans **l'ED LLSH (UGA) et PROPPG (UEL)**

La motivation sémantique dans les réponses des informateurs de l'Atlas Linguistique de l'État d'Alagoas (ALEAL)

Thèse soutenue publiquement le **28 avril 2017**,
devant le jury composé de :

Mme Elisabetta CARPITELLI
Professeur, Université Grenoble Alpes (Co-directrice de la thèse)
Mme Vanderci ANDRADE AGUILERA
Professeur, Université de l'État de Londrina (Co-directrice de la thèse)
Mme Sílvia BRANDÃO
Professeur, Université Fédérale de Rio de Janeiro (Président, Rapporteur)
M Michel CONTINI
Professeur émérite, Université Grenoble Alpes (Examinateur)
M João SARAMAGO
Directeur de recherche, Université de Lisbonne (Rapporteur)

MARANÚBIA PEREIRA BARBOSA DOIRON

A MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA NAS RESPOSTAS DOS INFORMANTES DO ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS (ALEAL)

LONDRINA / GRENOBLE
2017

MARANÚBIA PEREIRA BARBOSA DOIRON

A MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA NAS RESPOSTAS DOS INFORMANTES DO ALEAL

Tese apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Estudos da Linguagem (Sciences du langage), área de concentração: Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina; e GIPSA-lab, Grenoble Images Parole Signal Automatique, da Université Grenoble Alpes, França, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Orientadoras: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera e Profa. Dra. Elisabetta Carpitelli.

LONDRINA / GRENOBLE
2017

Communauté
UNIVERSITÉ Grenoble Alpes

VOLUME 2

APRESENTAÇÃO

Este Volume 2 da tese de doutorado A MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA NAS RESPOSTAS DOS INFORMANTES DO ATLAS LINGUÍSTICO DE ALAGOAS - ALEAL - comporta cinco Cartas Introdutórias:

1 - Brasil Político, 2 - Brasil Clima; - 3 - Brasil Nordeste; 4 - Alagoas Hidrográfico, 5 - Brasil Divisão Dialetal (Nascentes). As três primeiras são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A quarta carta é da página Brasil Turismo (http://www.brasil-turismo.com/mapas/alagoas) A quinta carta consta da página Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) https://alib.ufba.br/.

No segundo conjunto de cartas estão os Mapas Auxiliares:

1- Alagoas Biomas

2 _ Convenções

3 - Alagoas Nível de Escolaridade

No terceiro conjunto estão 88 Cartas Linguísticas, sendo as quais:

39 Cartas Fonéticas

07 Cartas Morfossintáticas

41 Cartas Semântico-Lexicais

Carta 01 das Perguntas Metalinguísticas.

No Volume 2 impresso, as Notas estão no verso da carta precedente.

Communauté
UNIVERSITÉ Grenoble Alpes

SUMÁRIO

CARTAS INTRODUTÓRIAS

CARTA 01 – BRASIL POLÍTICO.....p.19
CARTA 02 – BRASIL CLIMA.....p.21
CARTA 03 – REGIÃO NORDESTE.....p.23
CARTA 04 – ALAGOAS HIDROGRÁFICO.....p.25
CARTA 05 – BRASIL – DIVISÃO DIALETAL (NASCENTES).....p.27

MAPAS AUXILIARES

CARTA I – BIOMAS.....p.31
CARTA II – CONVENÇÕES.....p.33
CARTA I – NÍVEL DE ESCOLARIDADE.....p.35

CARTAS FONÉTICAS

CARTA 01 - QFF 002 TELEVISÃO.....p.39
CARTA 02 - QFF 003 PRATELEIRA.....p.41
CARTA 03 - QFF 004 CAIXA.....p.43
CARTA 04 - QFF 012 FÓSFORO.....p.45
CARTA 05 - QFF 013 VARRER.....p.47
CARTA 06 - QFF 013 VASSOURA.....p.49
CARTA 07 - QFF 016 ARROZ.....p.51
CARTA 08 - QFF 019 PENEIRA.....p.53
CARTA 09 - QFF 020 COLHER.....p.55
CARTA 10 - QFF 021 FERVENDO.....p.57

CARTA 11 - QFF 025 CLARA.....p.59
CARTA 12 QFF 026 BOTAR.....p.61
CARTA 13 QFF 029 ÁR(VORE) p.63
CARTA 14 QFF 029 (ÁR)VORE.....p.65
CARTA 15 QFF 029 ÁRVORE.....p.67
CARTA 16 - QFF 031 BORBOLETA.....p.69
CARTA 17 - QFF 034 DIA.....p.71
CARTA 18 - QFF 037 CALOR.....p.73
CARTA 19 - QFF 038 TARDE.....p.75
CARTA 20 - QFF 039 TRÊS.....p.77
CARTA 21 - QFF 041 POÇA.....p.79
CARTA 22 - QFF 042 PLACA.....p.81
CARTA 23 - QFF 048 MUITO.....p.83
CARTA 24 - QFF 055 BRASIL.....p.85
CARTA 25 -QFF 058 ADVOGADO.....p.87
CARTA 26 - QFF 060 PEGO.....p.89
CARTA 27 - QFF 061 INOCENTE.....p.91
CARTA 28 - QFF 068 FÍGADO.....p.93
CARTA 29 - QFF 069 CORAÇÃO.....p.95
CARTA 30 - QFF 072 HOMEM.....p.97
CARTA 31 - QFF 075 TIO p.99
CARTA 32 - QFF 080 ABERTURA DA CALÇA - BRAGUILHA.....p.101
CARTA 33 - QFF 080 ABERTURA DA CALÇA - FECHO ECLER.....p.103
CARTA 34 - QFF 080 ABERTURA DA CALÇA - ZÍPER.....p.105
CARTA 35 - QFF 085 BARULHO.....p.107
CARTA 36 - QFF 086 MESMA.....p.109
CARTA 37 - QFF 090 PÊSAMES.....p.111
CARTA 38 - QMS 002 ALFACE.....p.113
CARTA 39 - QMS 003 CAL.....p.115
CARTA 40 - QMS 020 COMIGO.....p.117
CARTA 41 - QMS 023 MAIOR.....p.119

Communauté
UNIVERSITÉ Grenoble Alpes

CARTA 42 - QMS 024 PRESENTE DO INDICATIVO.....p.121
CARTA 43 - QMS 027 FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO.....p.123
CARTA 44 QMS 030 PROCURAR.....p.125
CARTA 45 QSL 002 PINGUELA.....p.127
CARTA 46 QSL 004 REDEMOINHO (DE ÁGUA) p.129
CARTA 47 QSL 007 REDEMOINHO DE VENTO.....p.131
CARTA 48 - QSL 009 RAIO.....p.133
CARTA 49 - QSL 013 GRANIZO.....p.135
CARTA 50 - QSL 015 ARCO-ÍRIS.....p.137
CARTA 51 - QSL 017 ORVALHO.....p.139
CARTA 52 - QSL 023 ESTRELA CADENTE.....p.141
CARTA 53 - QSL 028 TANGERINA.....p.143
CARTA 54 - QSL 032 PENCA.....p.145
CARTA 55 - QSL 033 EXTREMIDADE BULBOSA DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA p.147
CARTA 56 - QSL 040 FUMO DE ROLO.....p.149
CARTA 57 - QSL 044 MANDIOCA.....p.151
CARTA 58 - QSL 047 PILÃO.....p.153
CARTA 58 - QSL 055 URUBU.....p.155
CARTA 59 - QSL 056 BEIJA FLOR.....p.157
CARTA 60 - QSL 057 JOÃO-DE-BARRO.....p.159
CARTA 61 - QSL 062 GAMBÁ.....p.161
CARTA 62 - QSL 067 MOSCA VAREJEIRA.....p.163
CARTA 63 - QSL 069 LIBÉLULA.....p.165
CARTA 64 - QSL 070 BICHO DA FRUTA.....p.167
CARTA 65 - QSL 072 MOSQUITO.....p.169
CARTA 66 - QSL 089 POMO-DE-ADÃO.....p.171
CARTA 67 - QSL 102 ÚTERO.....p.173
CARTA 68 - QSL 112 MENSTRUAÇÃO.....p.175
CARTA 69 - QSL 134 PROSTITUTA.....p.177
CARTA 70 - QSL 137 AGUARDENTE.....p.179

Communauté UNIVERSITÉ Grenoble Alpes

CARTA 71 - QSL 141 CIGARRO DE PALHA.....p.181
CARTA 72 - QSL 143 DIABO.....p.183
CARTA 73 - QSL 148 PRESÉPIO.....p.185
CARTA 74 QSL 156 AMARELINHA.....p.187
CARTA 75 QSL 168 JANTAR.....p.189
CARTA 76 QSL 174 GELADINHO.....p.191
CARTA 78 QSL 175 BALA.....p.193

-

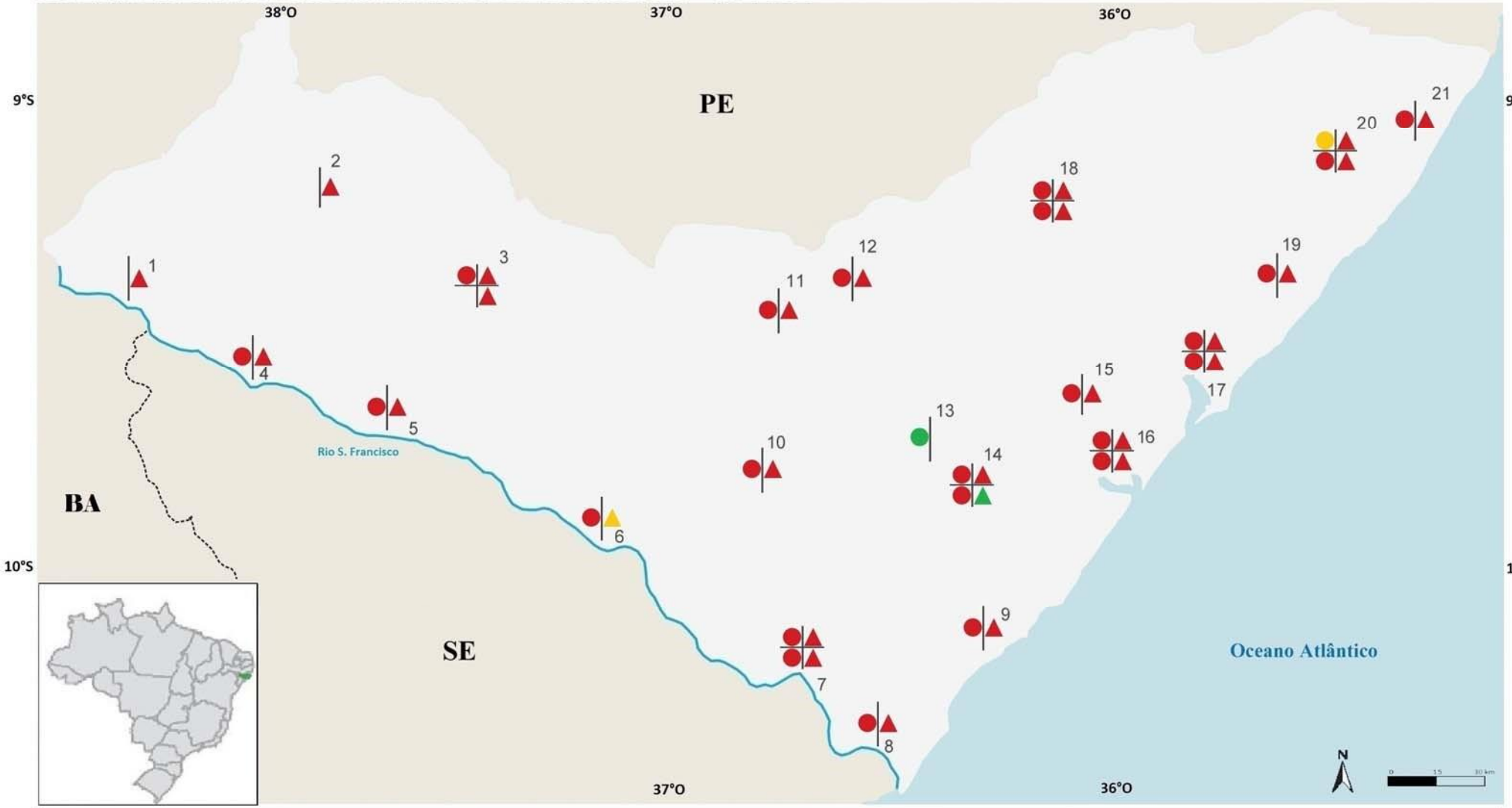
-

- -

CARTA 79 - QSL 176 PÃO FRANCÊS.....p.195
CARTA 80- QSL 183 ALPERCATA.....p.197
CARTA 81 - QSL 187 DIADEMA.....p.199
CARTA 82 - QSL 194 TERRENO (LEXICAL).....p.201
CARTA 83 - QSL 194 TERRENO (FONÉTICA 1).....p.203
CARTA 84 - QSL 194 TERRENO (FONÉTICA 2).....p.205
CARTA 85 - QSL 198 SACOLA PLÁSTICA.....p.207
CARTA 86 _ QFF 010 ÍMÃ p.209
CARTA 87 _ QFF 033 NOITE p.211
CARTA 88 - PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS 01.....p.213

CARTAS LINGUÍSTICAS

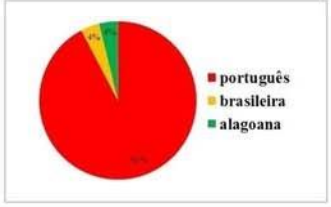
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS

1- Como se chama a língua que o(a) sr(a) fala?

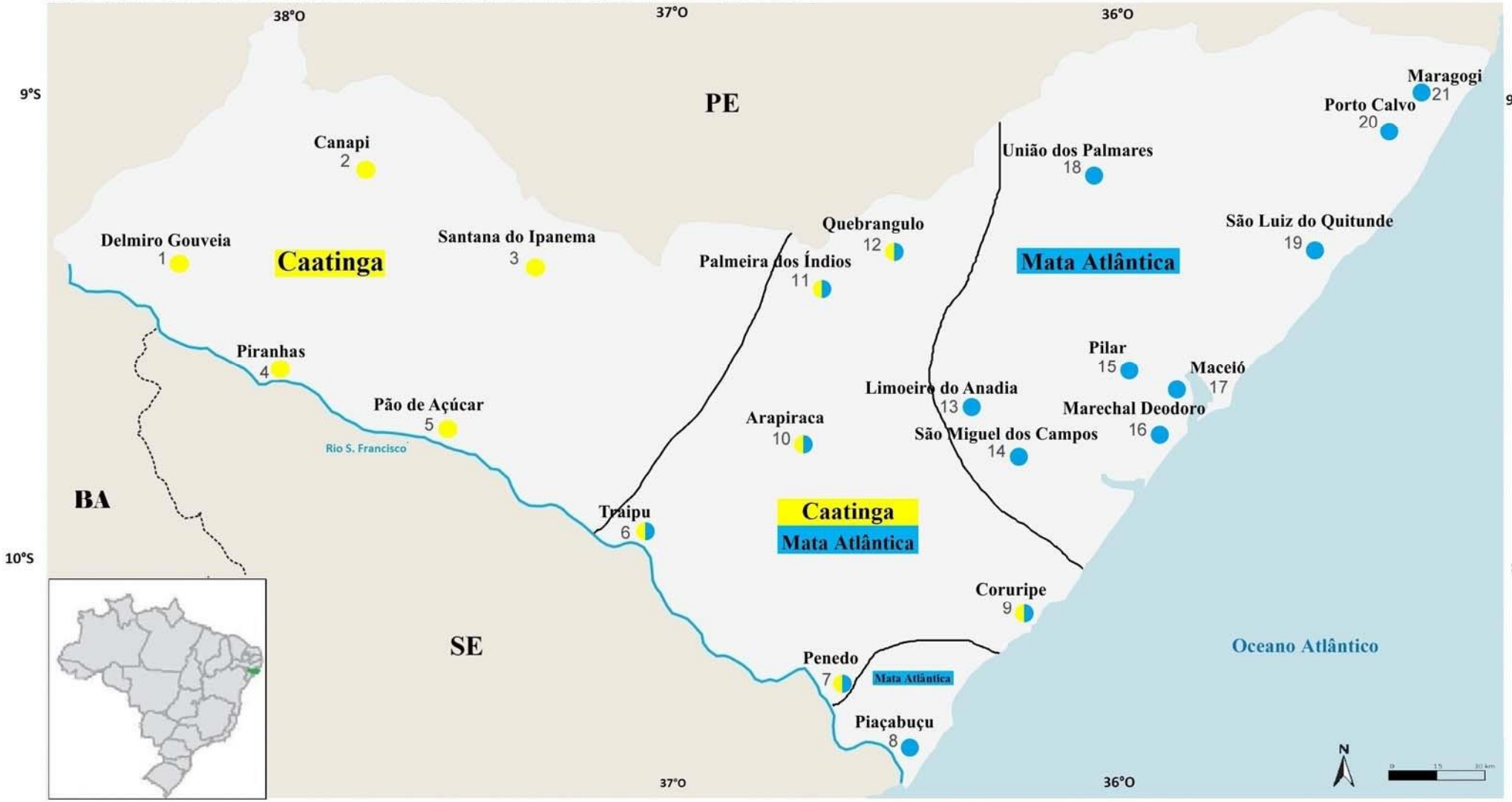
INF.M		INF.F	
23 português		25 português	
1 brasileira		1 brasileira	
1 alagoana		1 alagoana	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 88

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



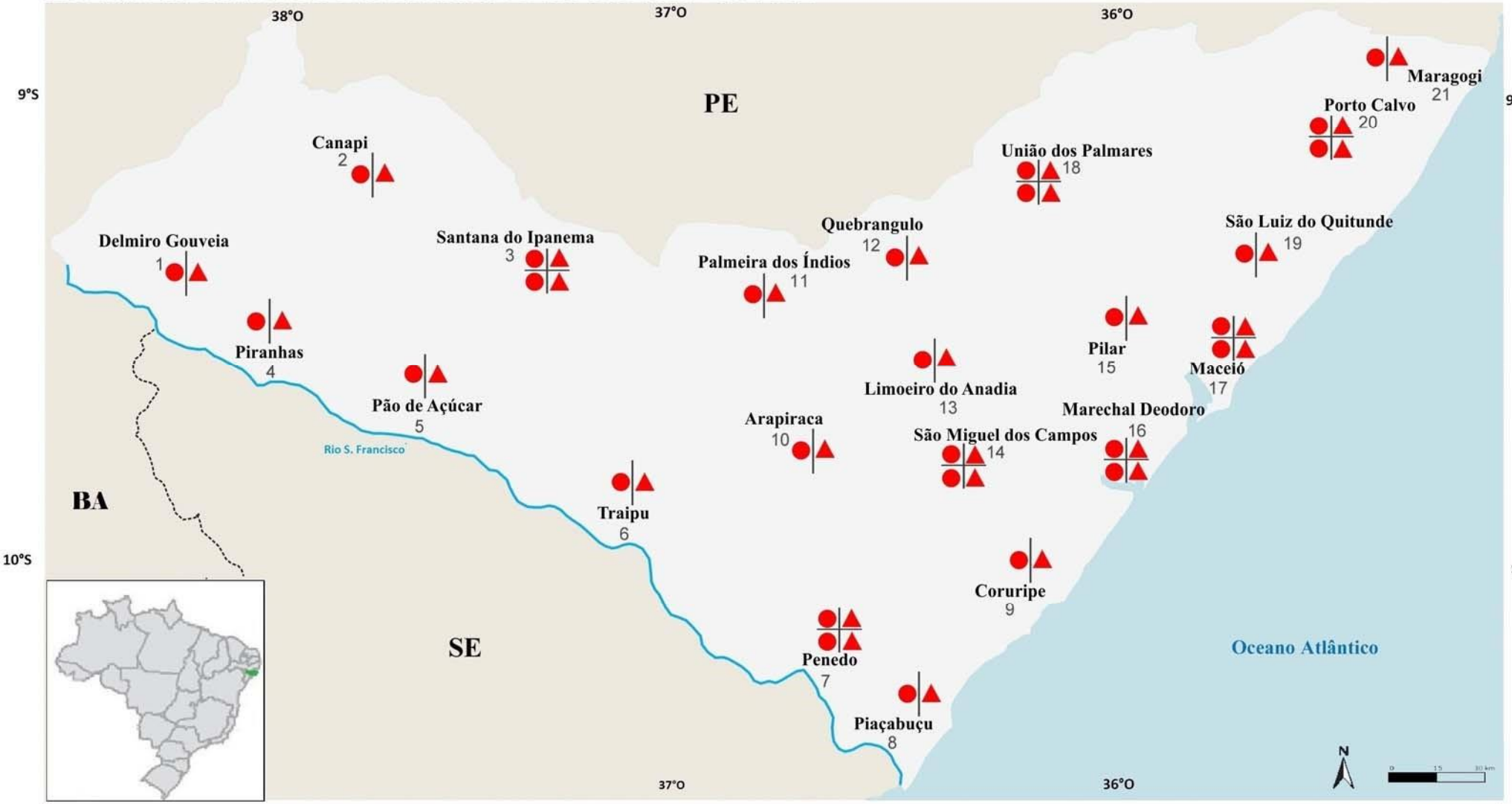
BIOMAS ESTADO DE ALAGOAS

- Caatinga
- Caatinga/Mata Atlântica
- Mata Atlântica

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição da base e composição temática:
Ricardo Chicarelli, Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil - França , 2016

CARTA I

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



CONVENÇÕES

HOMEM GERAÇÃO I
MULHER GERAÇÃO I

HG I | MG I

HOMEM GERAÇÃO II
MULHER GERAÇÃO II

HG I	MG I
HG II	MG II

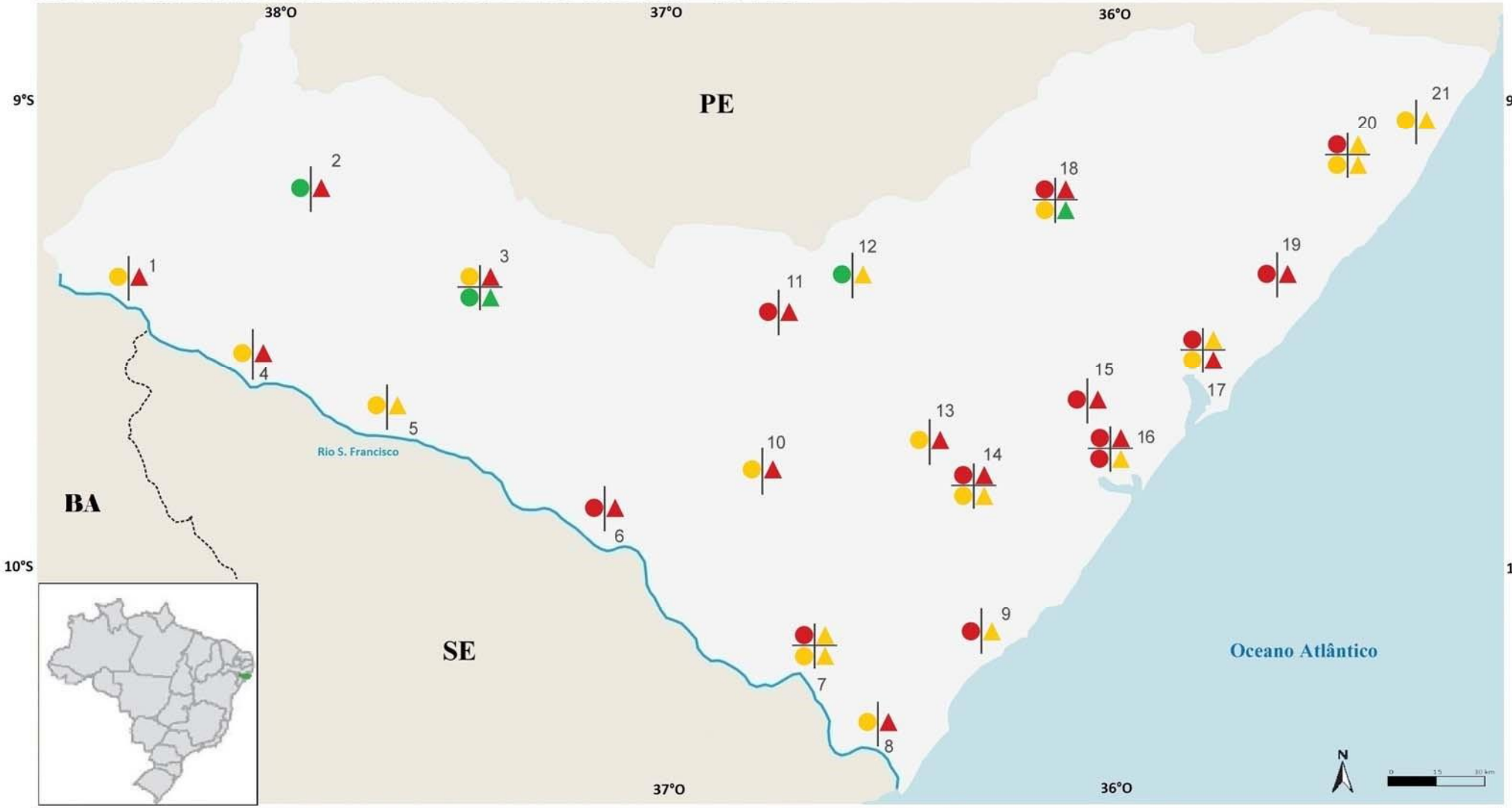
MASCULINO

FEMININO

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição da base e composição temática:
Ricardo Chicarelli, Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil - França , 2016

CARTA II

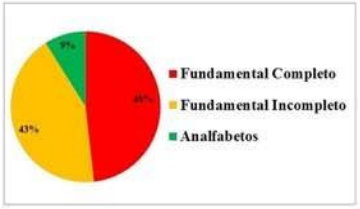
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



INFORMANTES

NÍVEL DE ESCOLARIDADE

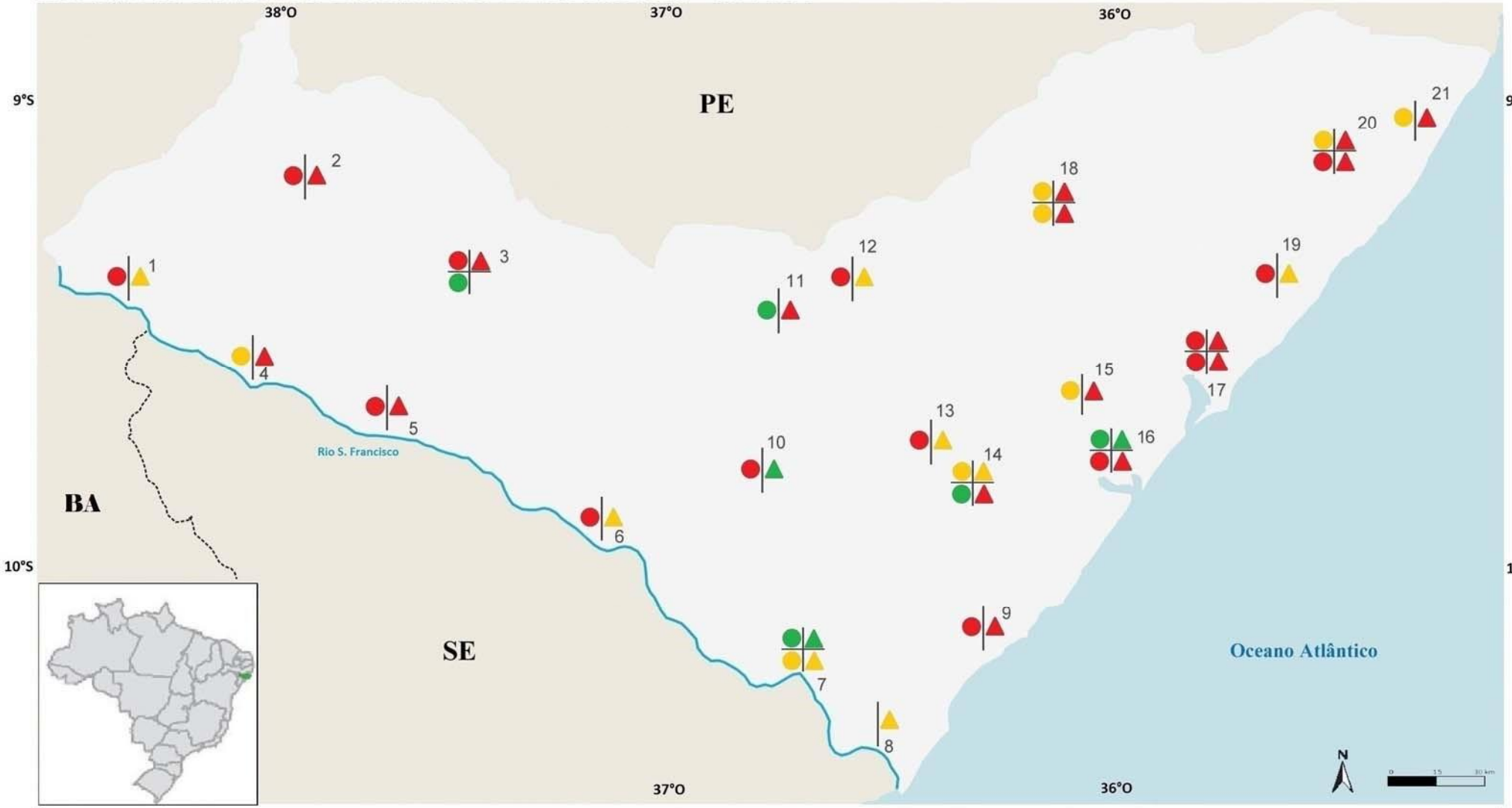
INF.M		INF.F	
12	Fundamental Completo	15	Fundamental Completo
13	Fundamental Incompleto	11	Fundamental Incompleto
3	Analfabetos	2	Analfabetos



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA III

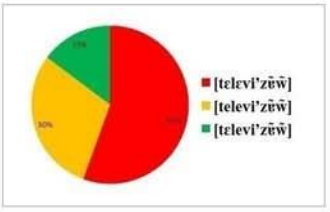
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 002

TELEVISÃO

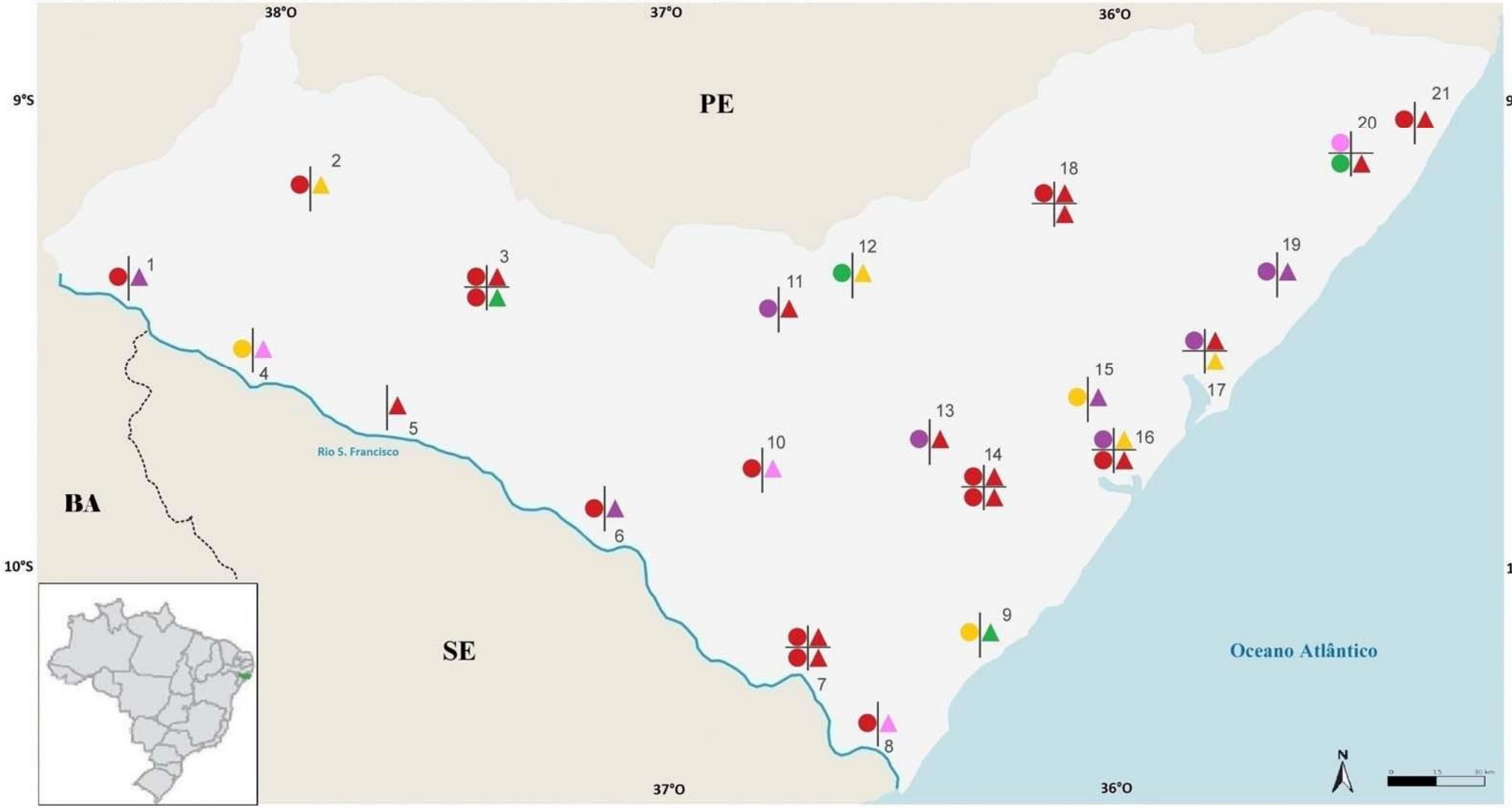
INF.M		INF.F	
14	[tɛlevi'zɛ̃w̃]	16	[tɛlevi'zɛ̃w̃]
8	[televi'zɛ̃w̃]	8	[televi'zɛ̃w̃]
5	[tɛlevi'zɛ̃w̃]	3	[tɛlevi'zɛ̃w̃]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 01

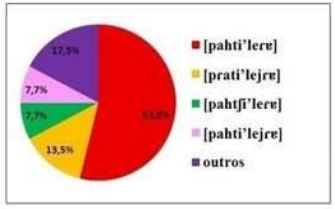
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 003

PRATELEIRA

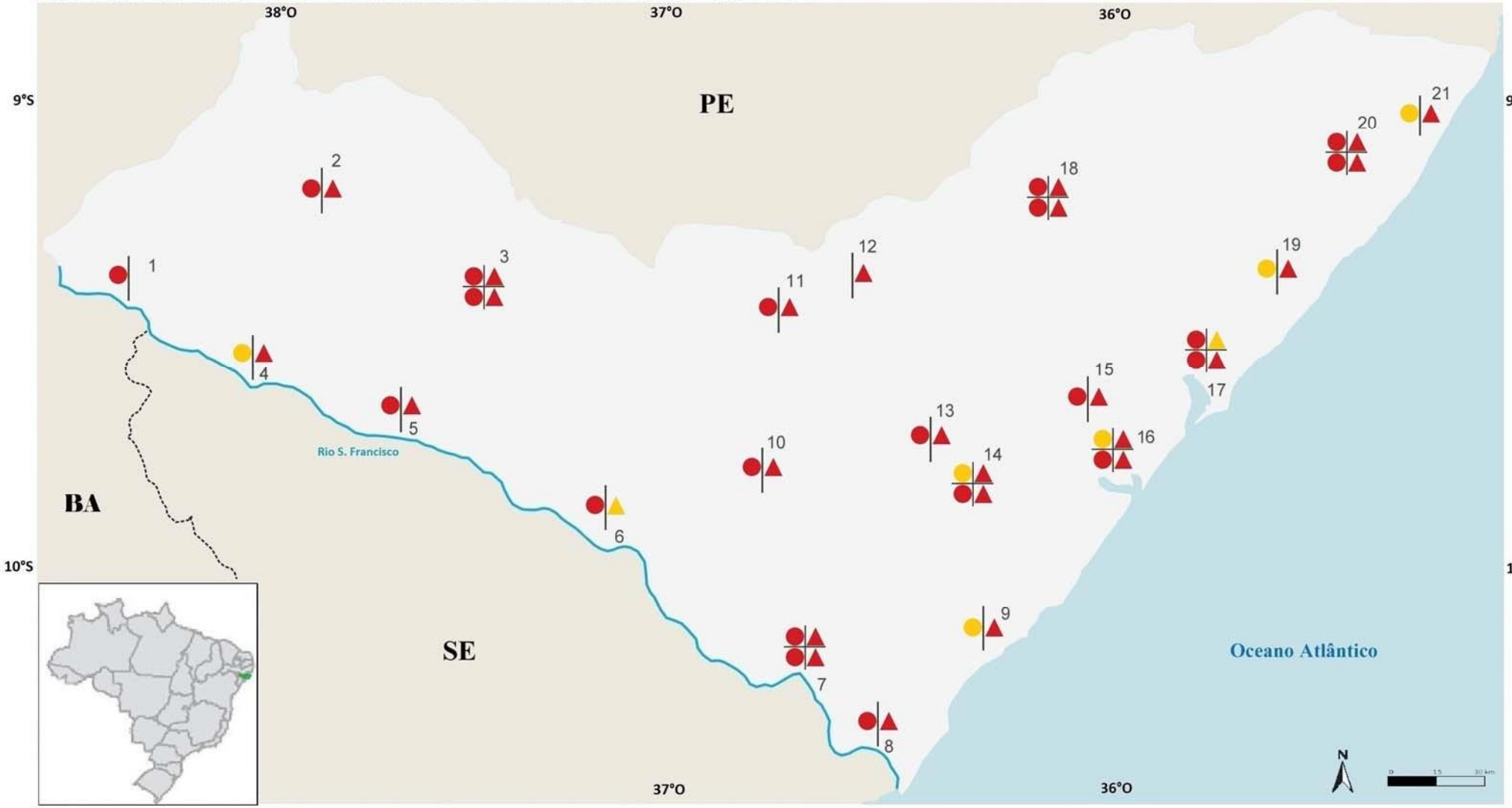
INF.M		INF.F	
14	[pahti'lerɐ]	14	[pahti'lerɐ]
3	[prati'lejɾɐ]	4	[prati'lejɾɐ]
2	[pahtʃi'lerɐ]	2	[pahtʃi'lerɐ]
1	[pahti'lejɾɐ]	3	[pahti'lejɾɐ]
5	outros	4	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 02

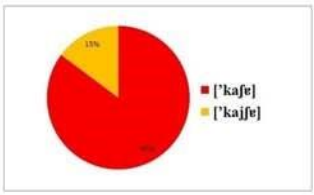
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 004

CAIXA

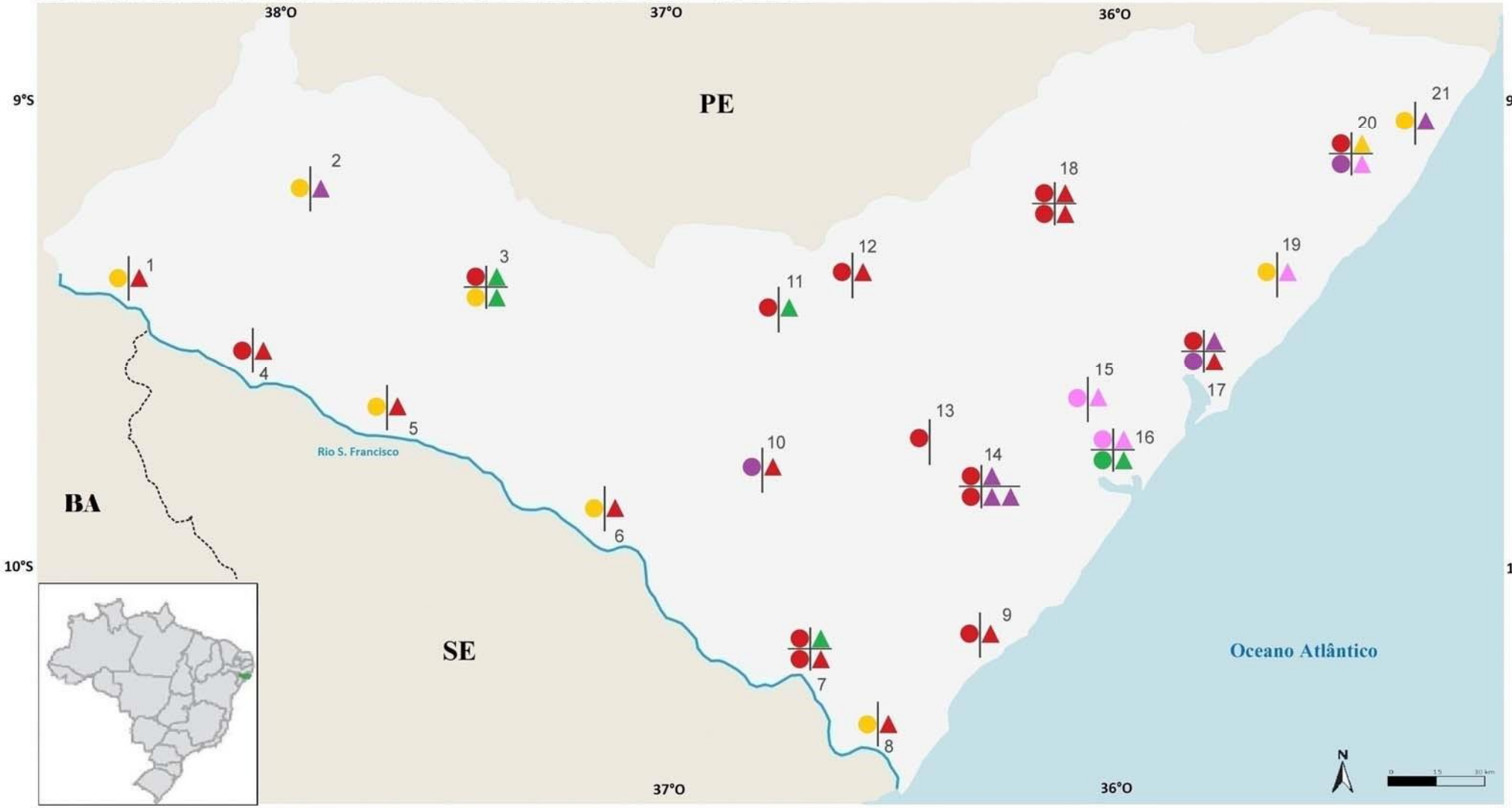
INF.M		INF.F	
21	['kaʃɐ]	25	['kaʃɐ]
6	['kajʃɐ]	2	['kajʃɐ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 03

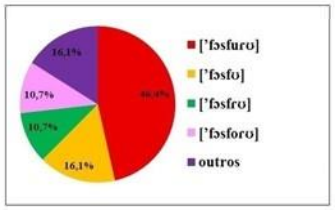
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 012

FÓSFORO

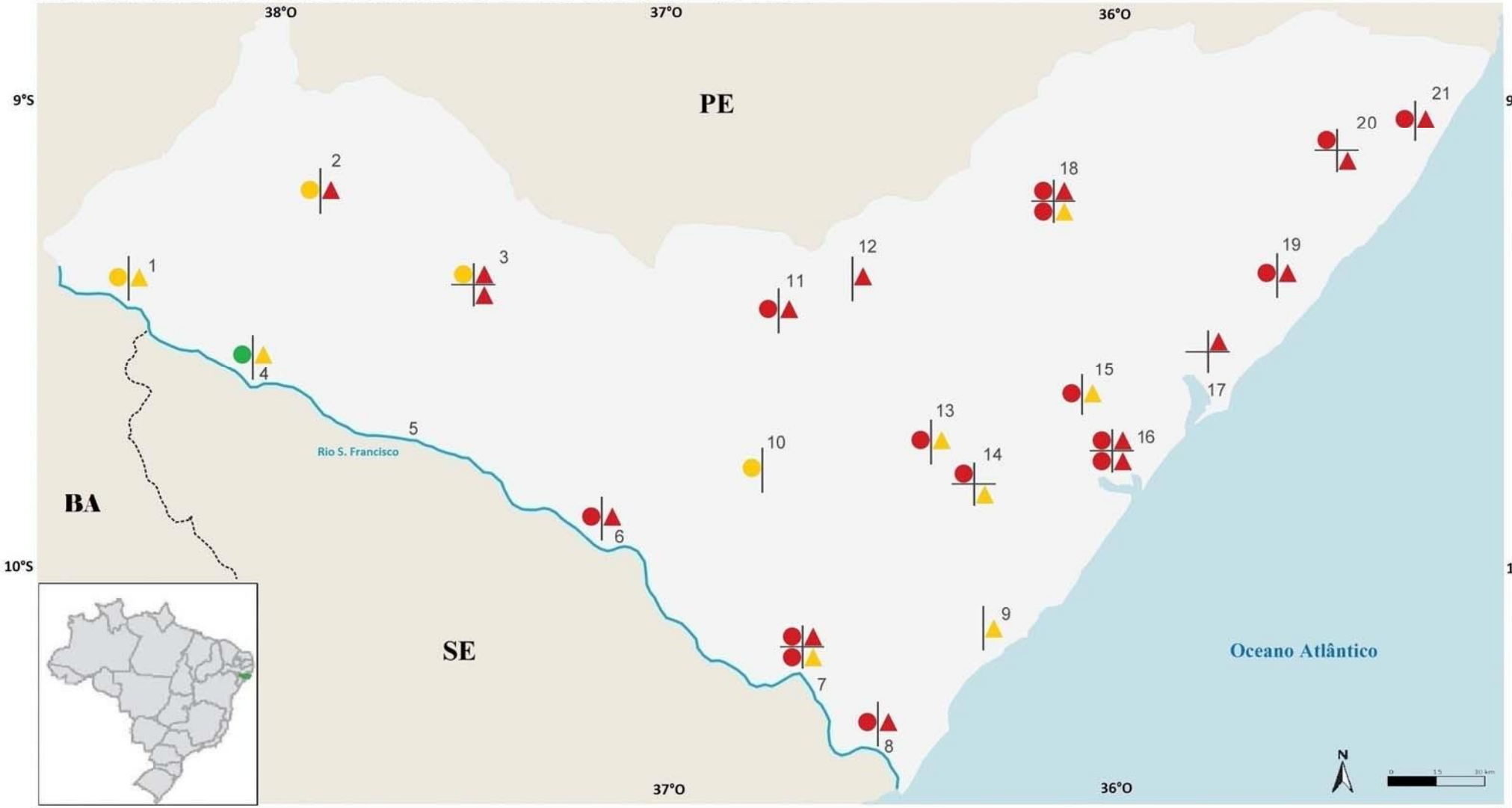
INF.M		INF.F	
14	['fɔsfuɾo]	12	['fɔsfuɾo]
8	['fɔsfo]	1	['fɔsfo]
1	['fɔsfɾo]	5	['fɔsfɾo]
2	['fɔsfoɾo]	4	['fɔsfoɾo]
3	outros	6	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 04

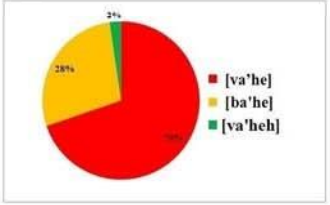
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 013

VARRER

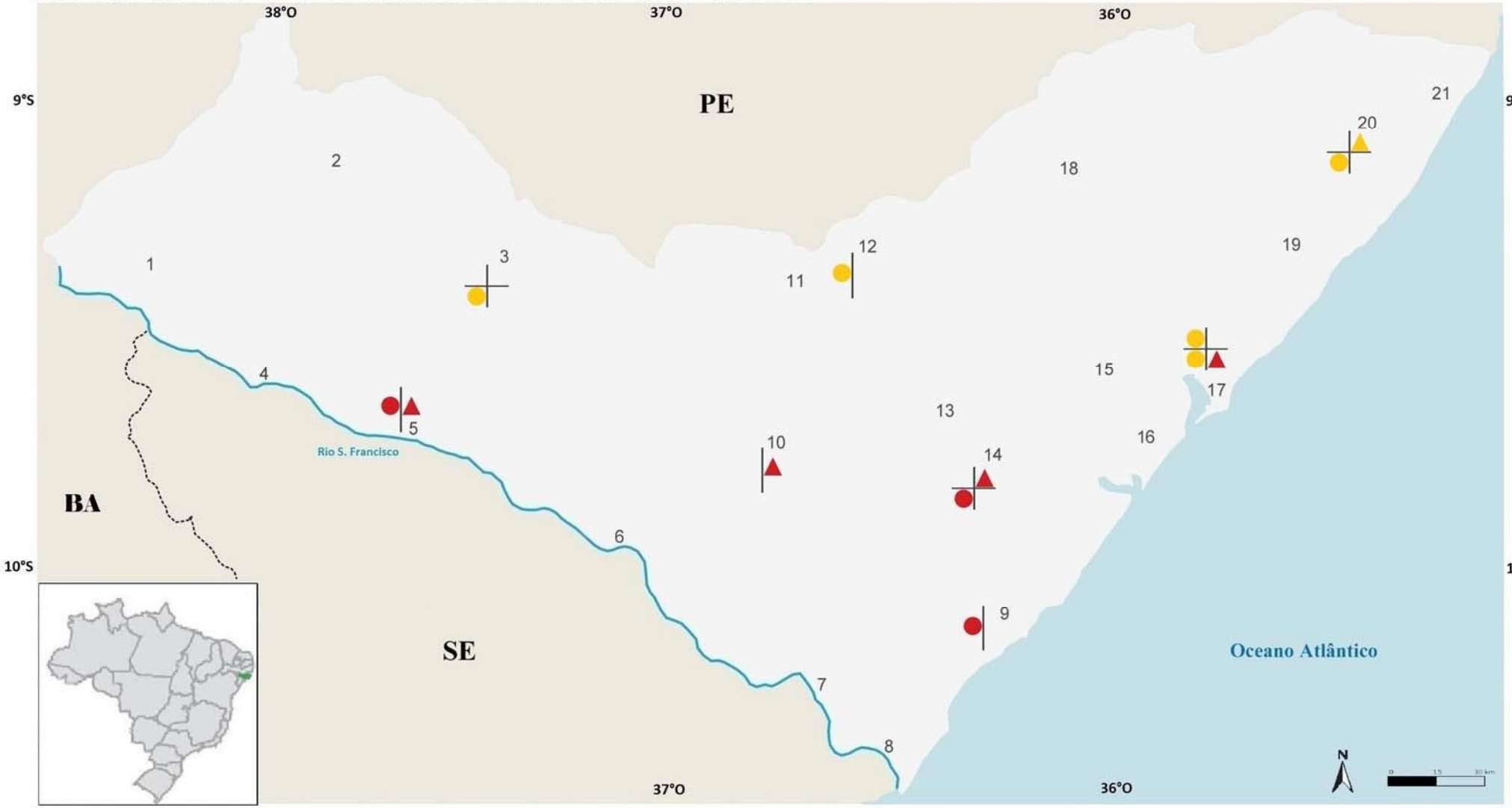
INF.M		INF.F	
15	[va'he]	15	[va'he]
4	[ba'he]	8	[ba'he]
1	[va'heh]	0	[va'heh]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 05

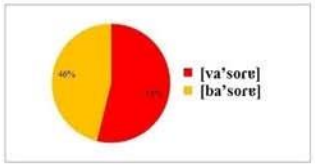
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 013

VASSOURA

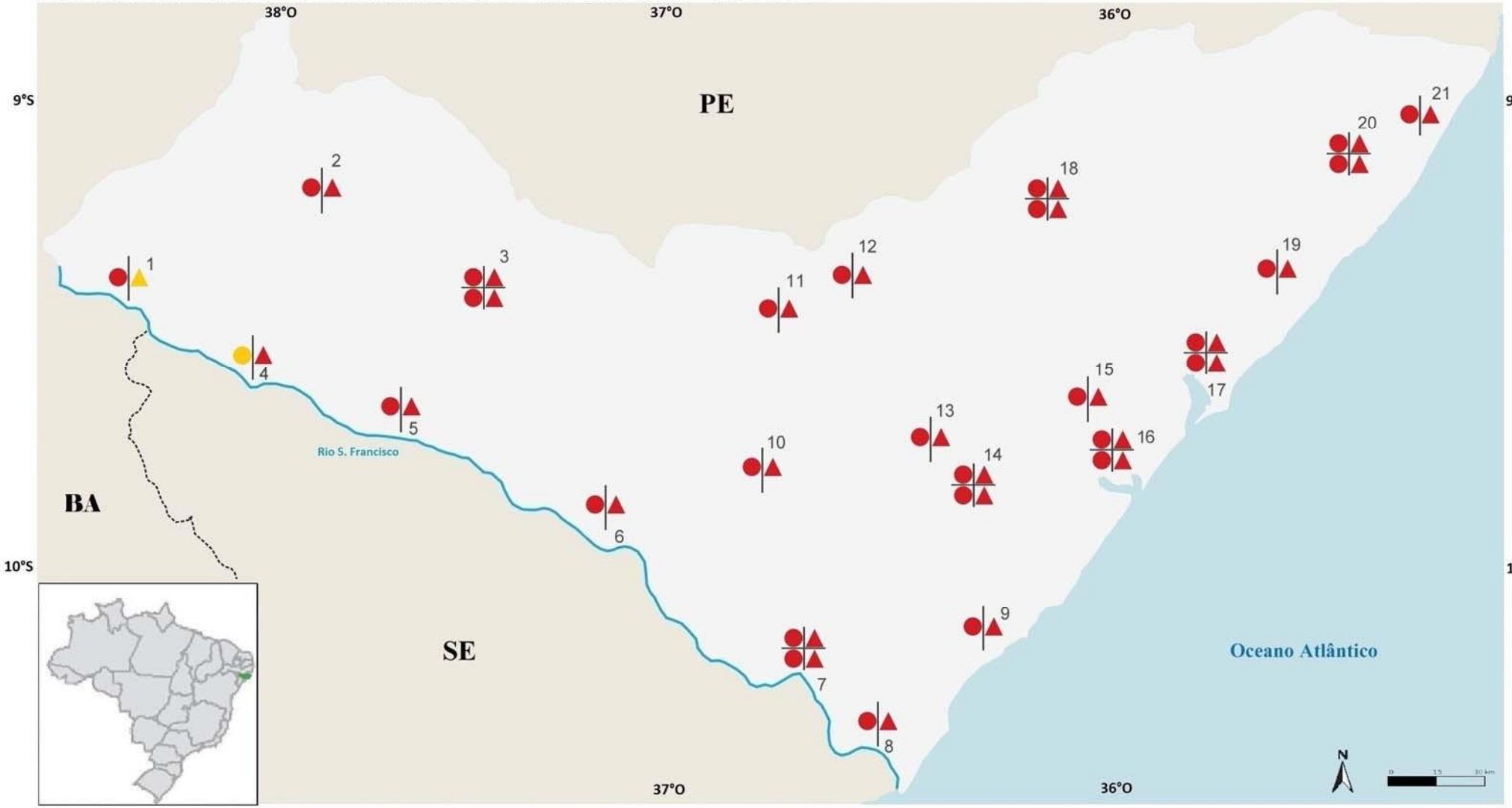
INF.M		INF.F	
3	[va'soɾɐ]	4	[va'soɾɐ]
5	[ba'soɾɐ]	1	[ba'soɾɐ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 06

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 016

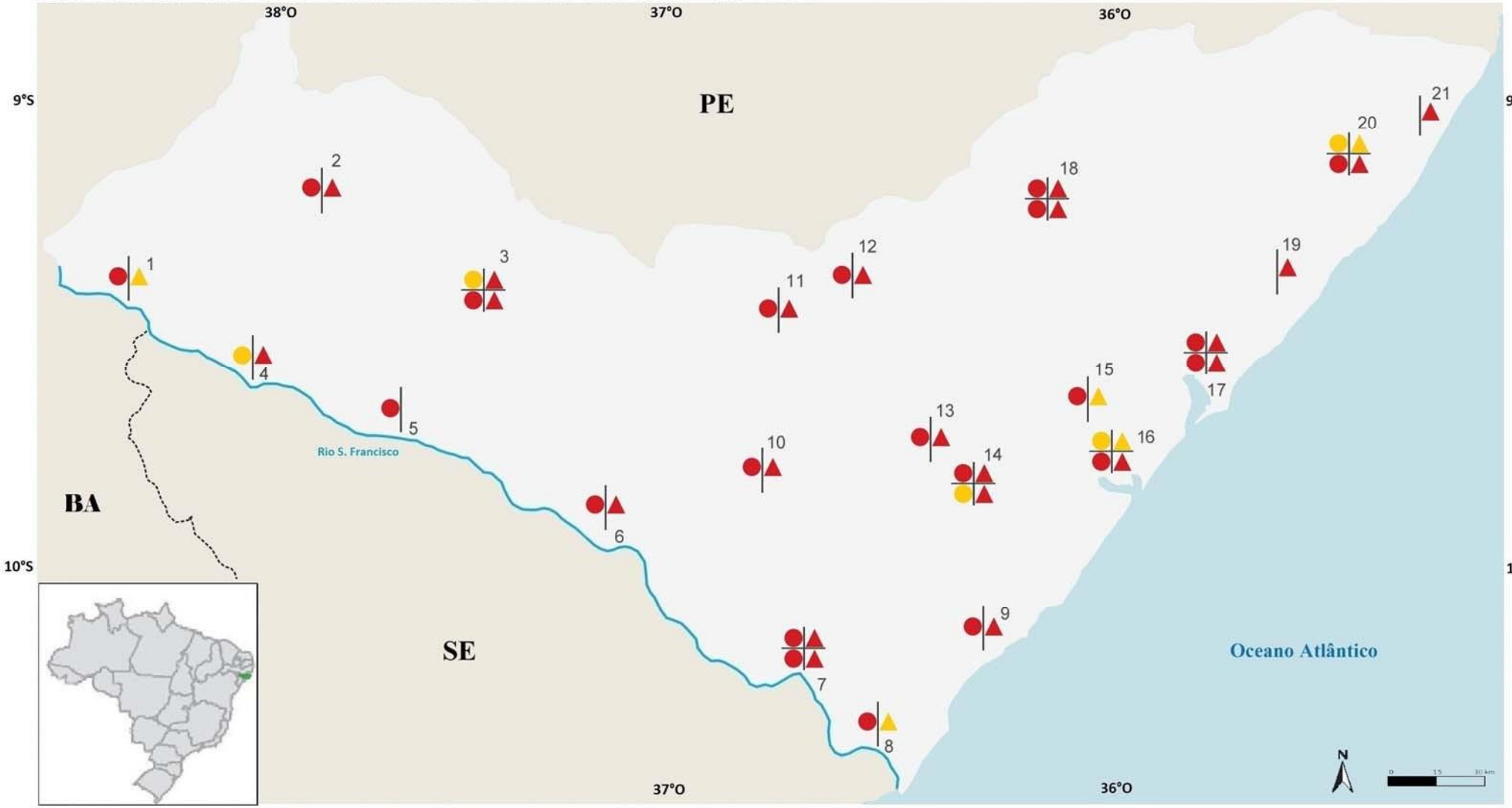
ARROZ

INF.M		INF.F	
27 [a'xojs]	1 [a'xos]	27 [a'xojs]	1 [a'xos]

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 07

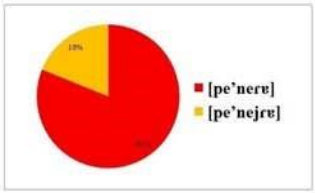
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 019

PENEIRA

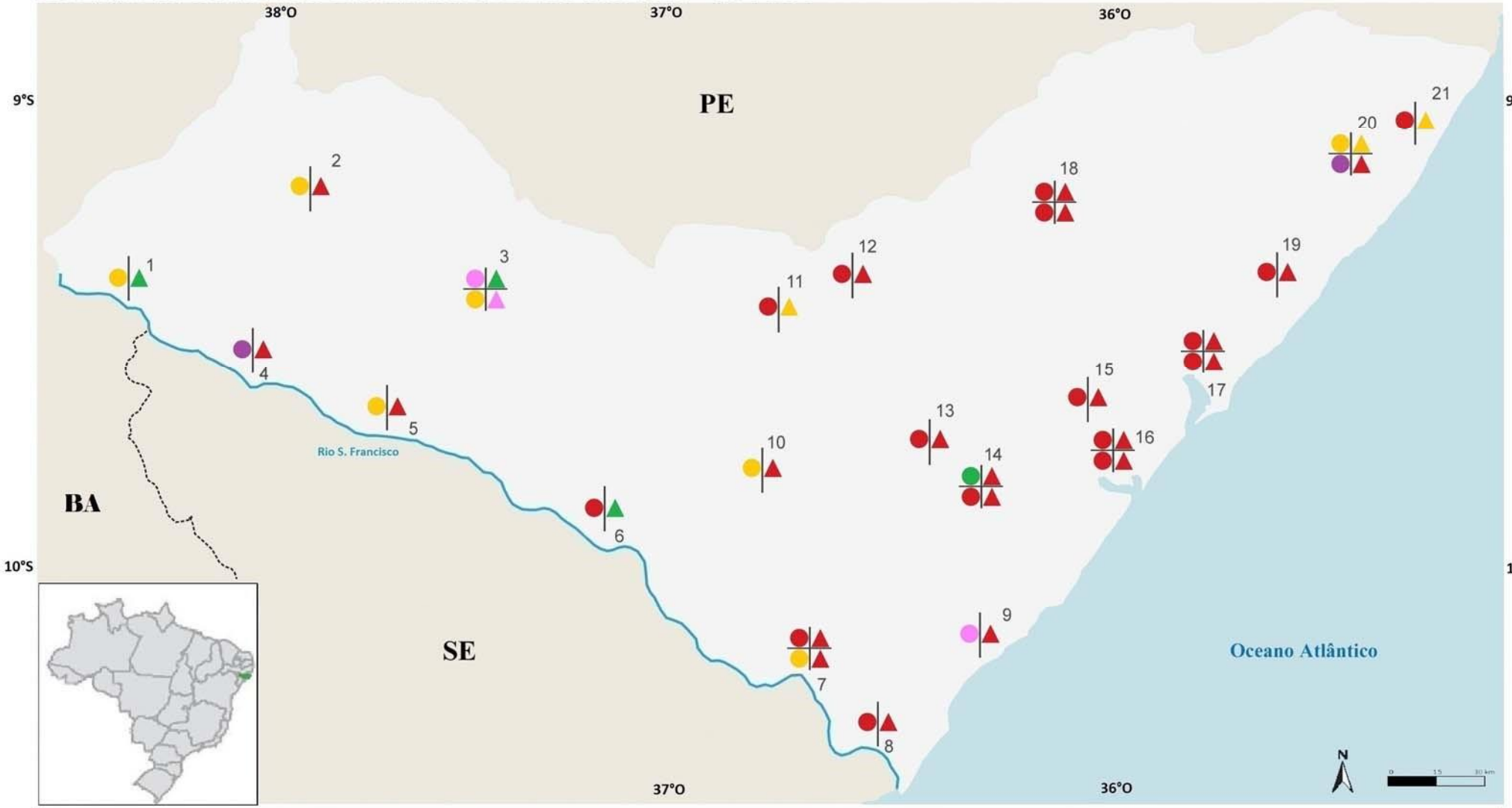
INF.M		INF.F	
21	[pe'nerɐ]	22	[pe'nerɐ]
5	[pe'nejrɐ]	5	[pe'nejrɐ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 08

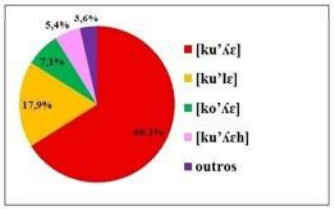
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 020

COLHER (Subs.)

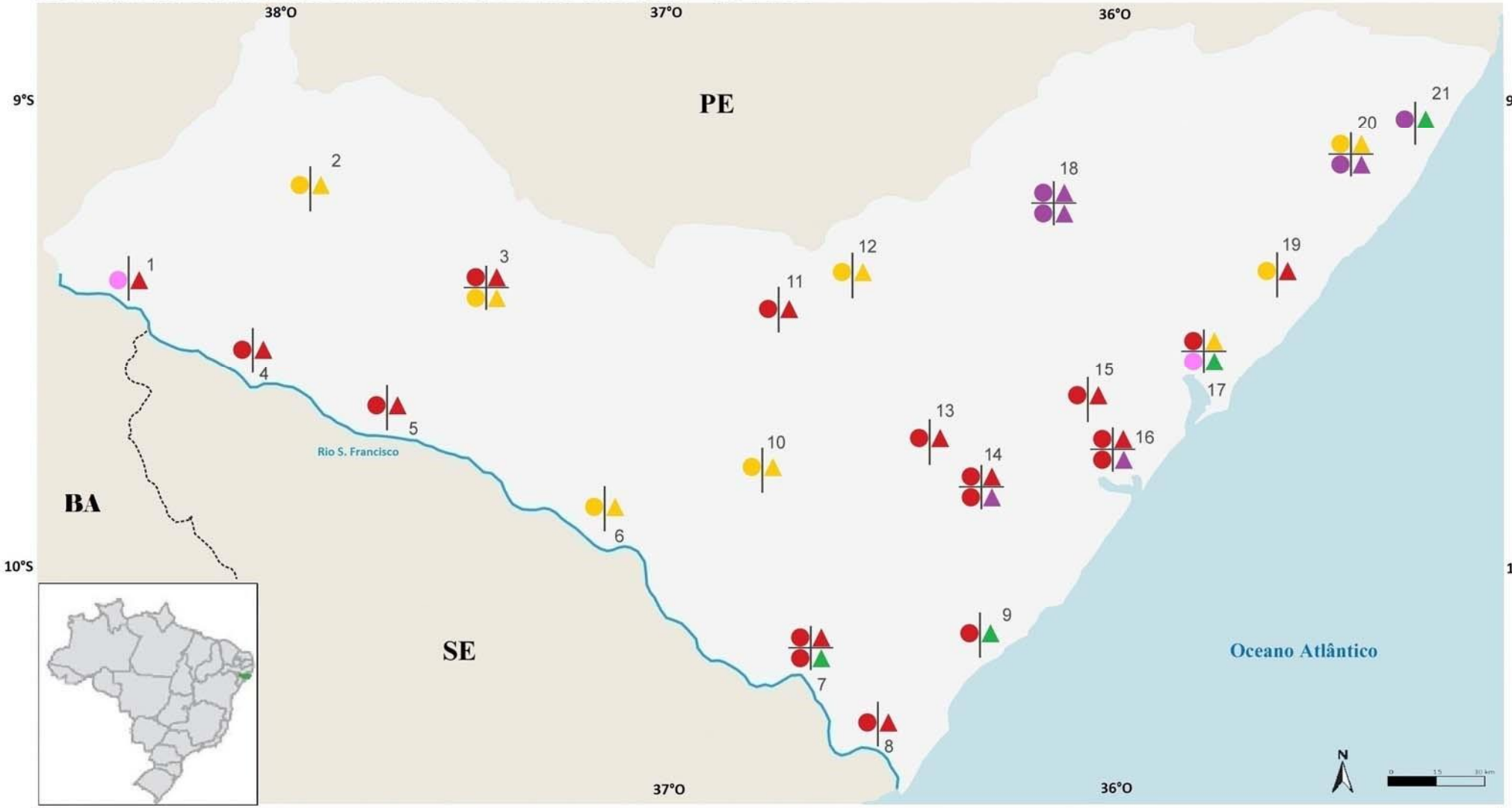
INF.M		INF.F	
16	[ku'ʎɛ]	21	[ku'ʎɛ]
7	[ku'lɛ]	3	[ku'lɛ]
1	[ko'ʎɛ]	3	[ko'ʎɛ]
2	[ku'ʎɛh]	1	[ku'ʎɛh]
2	outros	0	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 09

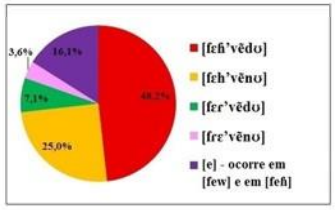
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 021

FERVENDO

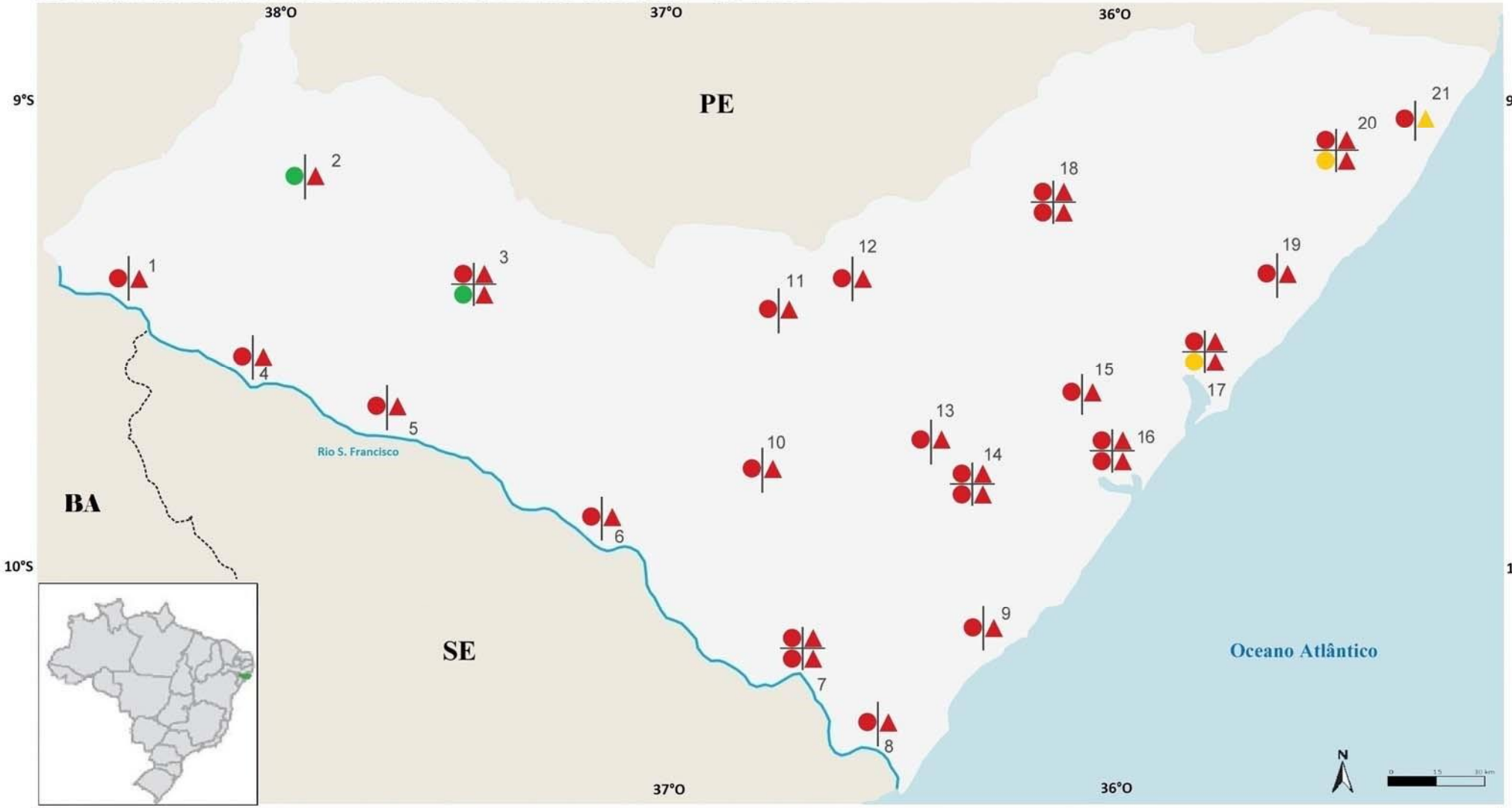
INF.M	INF.F
15 [fɛfi'vẽdu]	12 [fɛfi'vẽdu]
7 [fɛh'vẽnu]	7 [fɛh'vẽnu]
0 [fɛr'vẽdu]	4 [fɛr'vẽdu]
2 [frɛ'vẽnu]	0 [frɛ'vẽnu]
4 [e]	5 [e]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 10

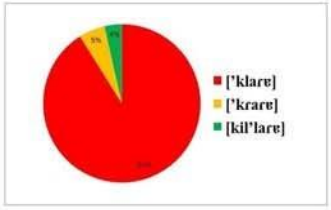
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 025

CLARA

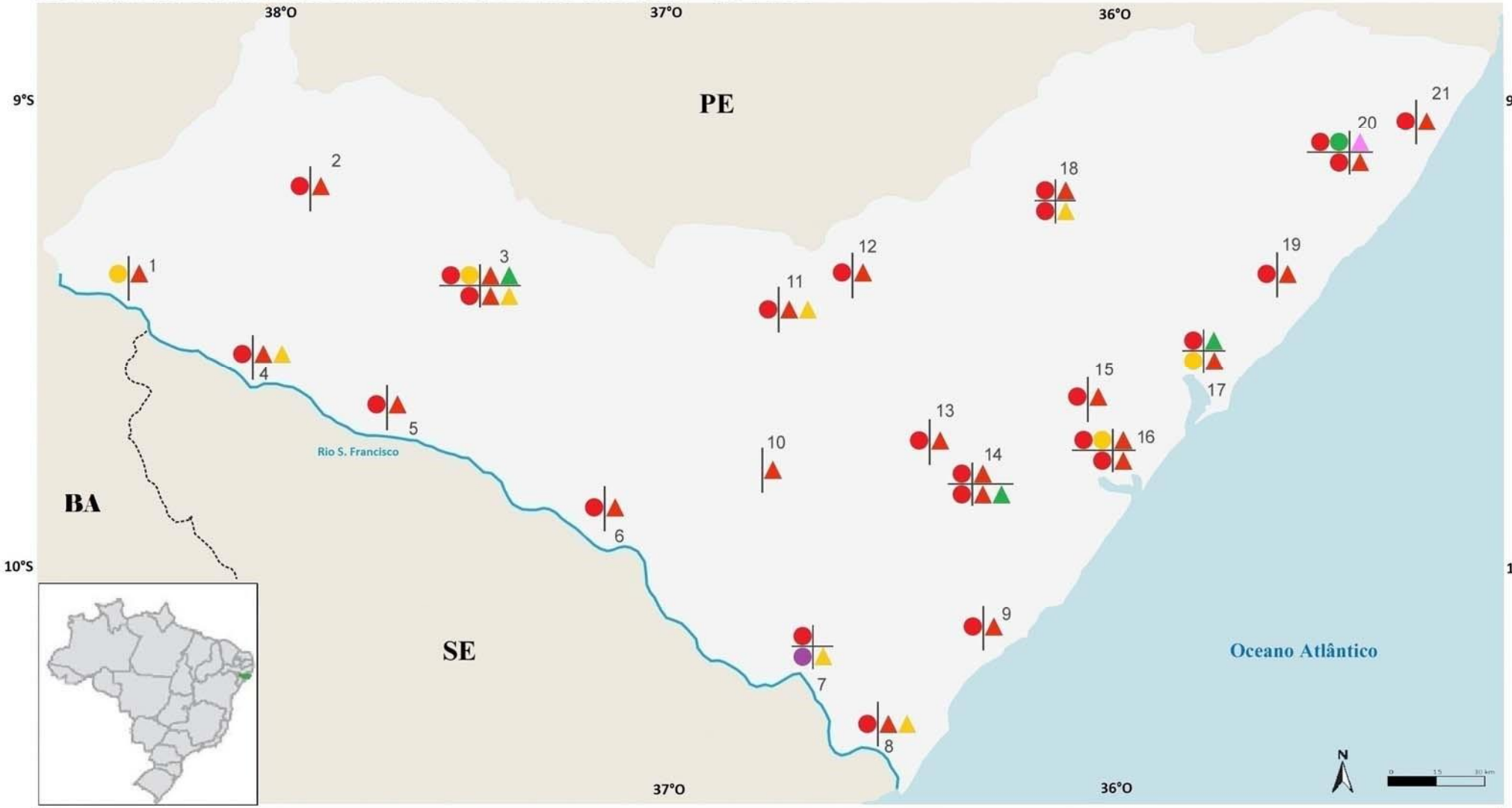
INF.M		INF.F	
24	['klaɾɐ]	27	['klaɾɐ]
2	['kɾaɾɐ]	1	['kɾaɾɐ]
2	[kil'laɾɐ]	0	[kil'laɾɐ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 11

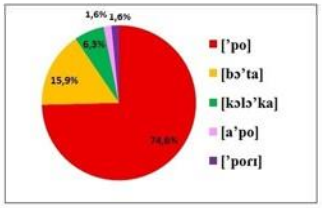
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 026

BOTAR

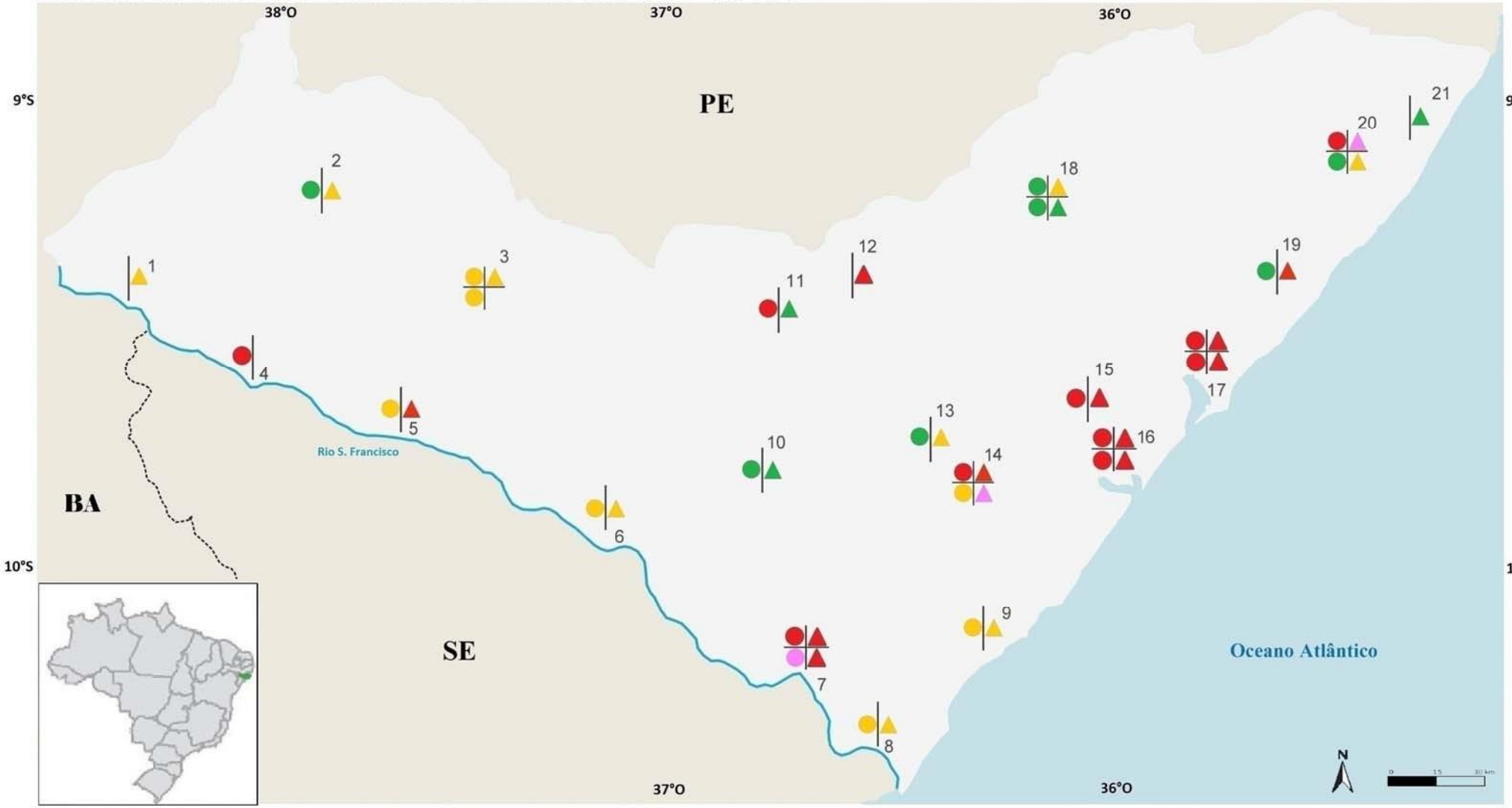
INF.M		INF.F	
24	['po]	23	['po]
4	[bɔ'ta]	6	[bɔ'ta]
1	[kɔlɔ'ka]	3	[kɔlɔ'ka]
0	[a'po]	1	[a'po]
1	['porɪ]	0	['porɪ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 12

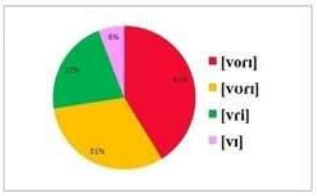
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 029

ÁR(VORE)

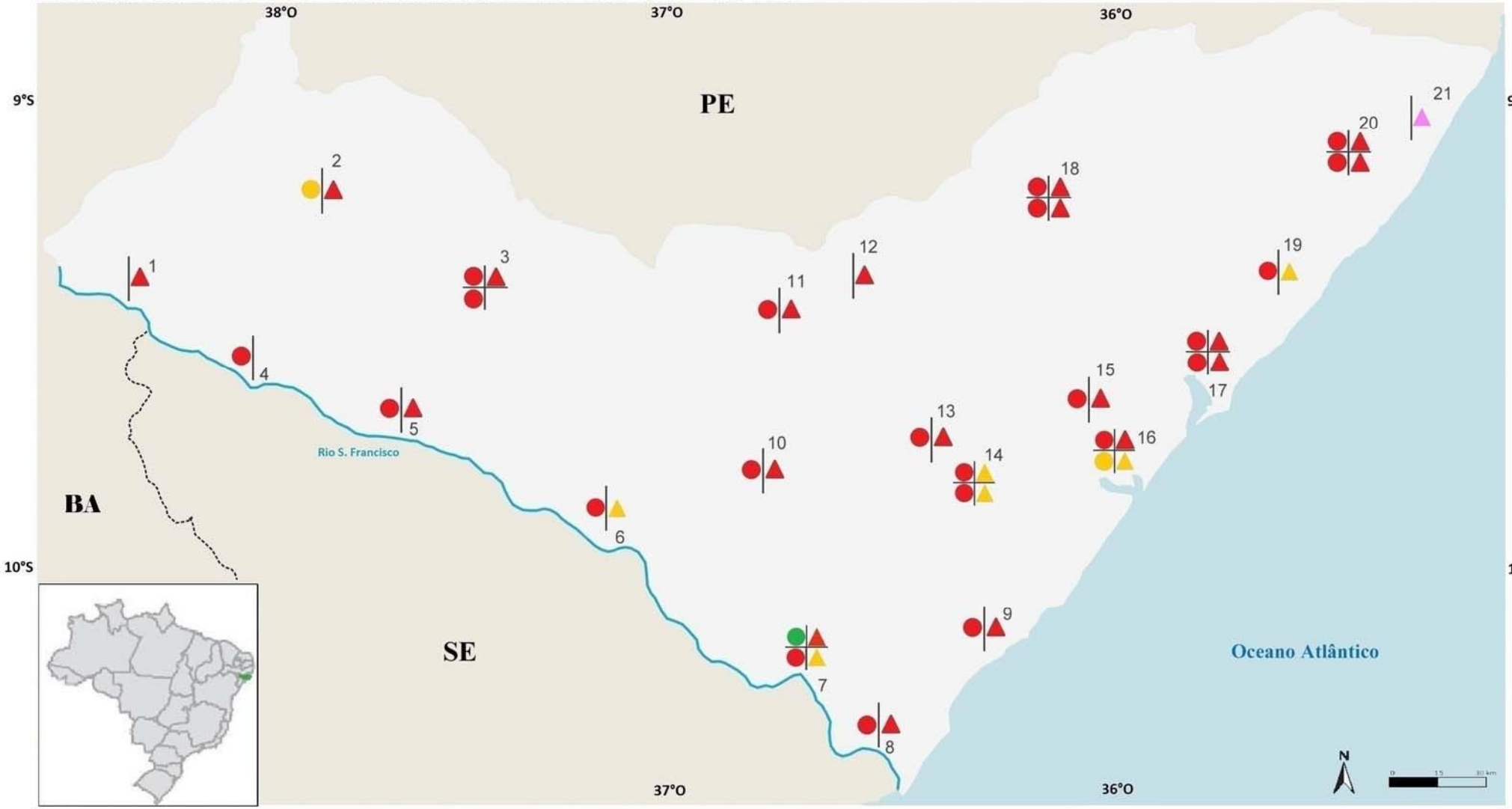
INF.M		INF.F	
10	[vori]	11	[vori]
7	[vori]	9	[vori]
7	[vri]	4	[vri]
1	[vi]	2	[vi]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 13

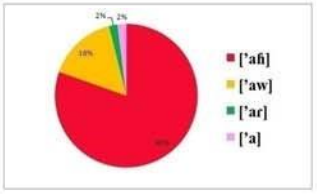
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 029

(ÁR)VORE

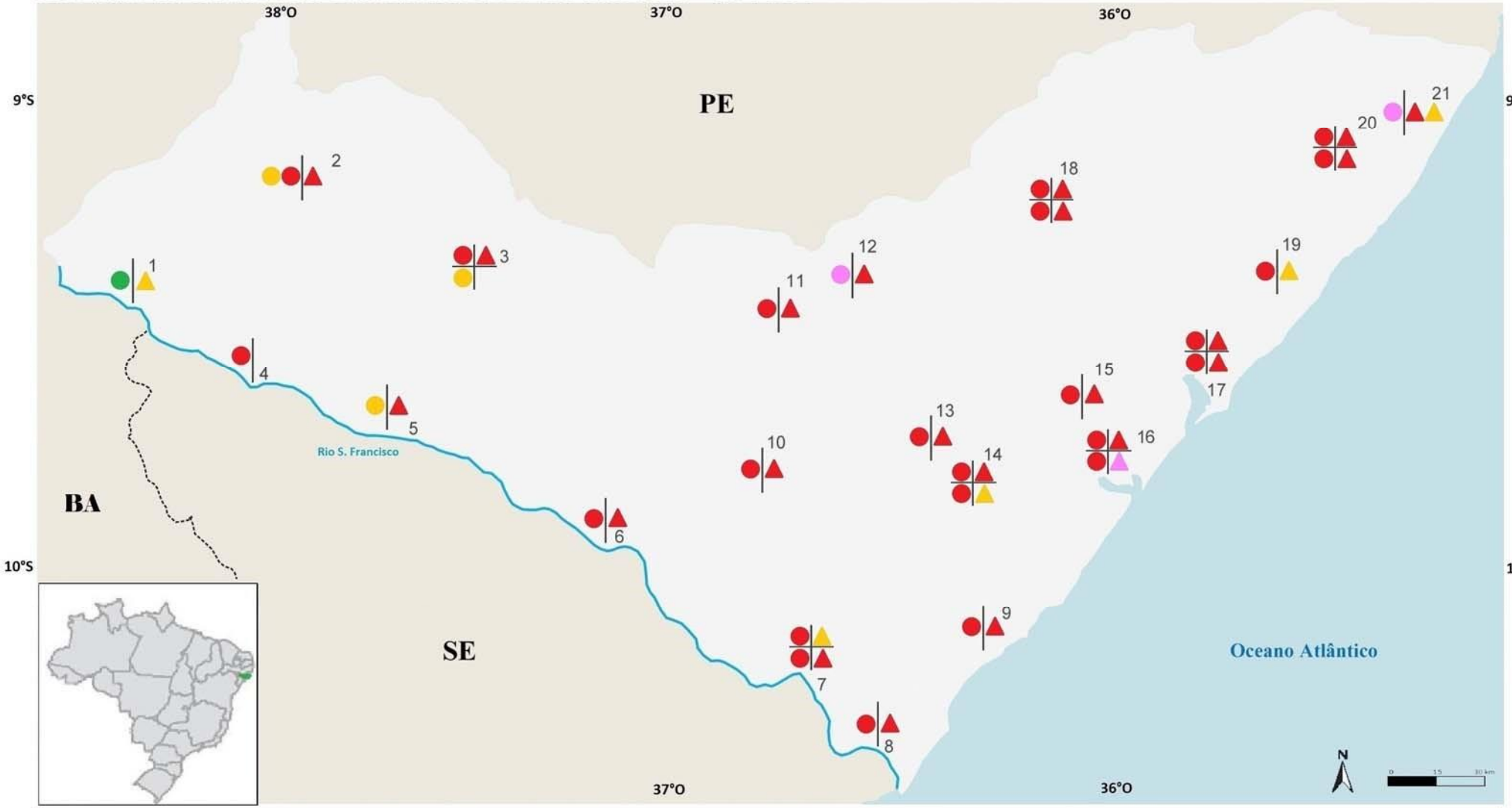
INF.M		INF.F	
22	['afi]	19	['afi]
2	['aw]	6	['aw]
1	['ar]	0	['ar]
0	['a]	1	['a]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 14

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 029

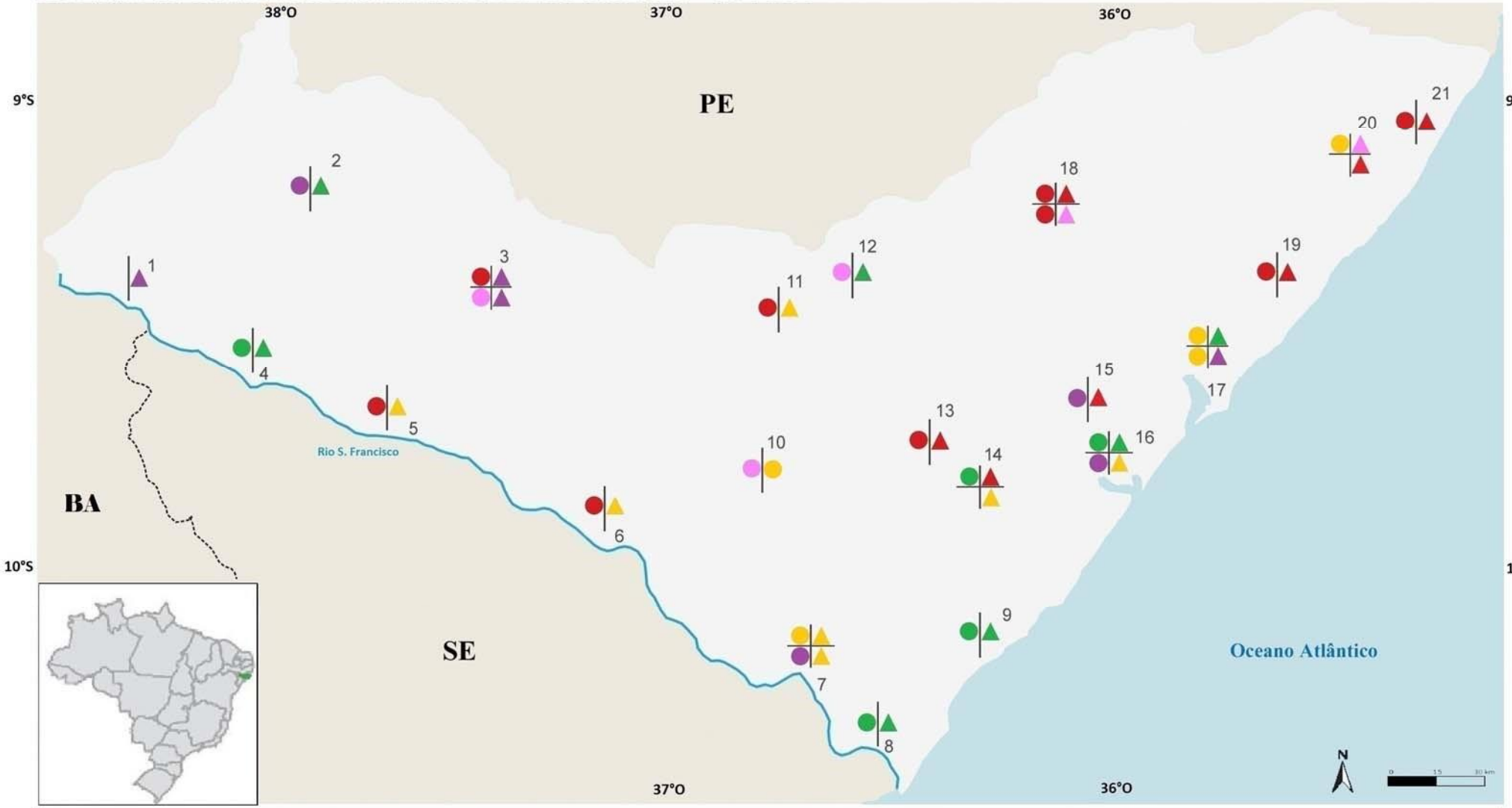
ÁRVORE

INF.M		INF.F	
23 árvore		21 árvore	
3 pé de …		5 pé de …	
1 pé de pau		0 pé de pau	
2 planta		1 planta	

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

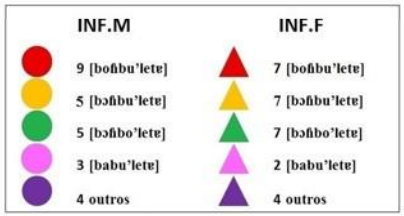
CARTA 15

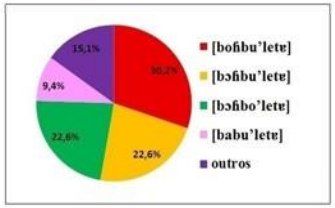
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 031

BORBOLETA

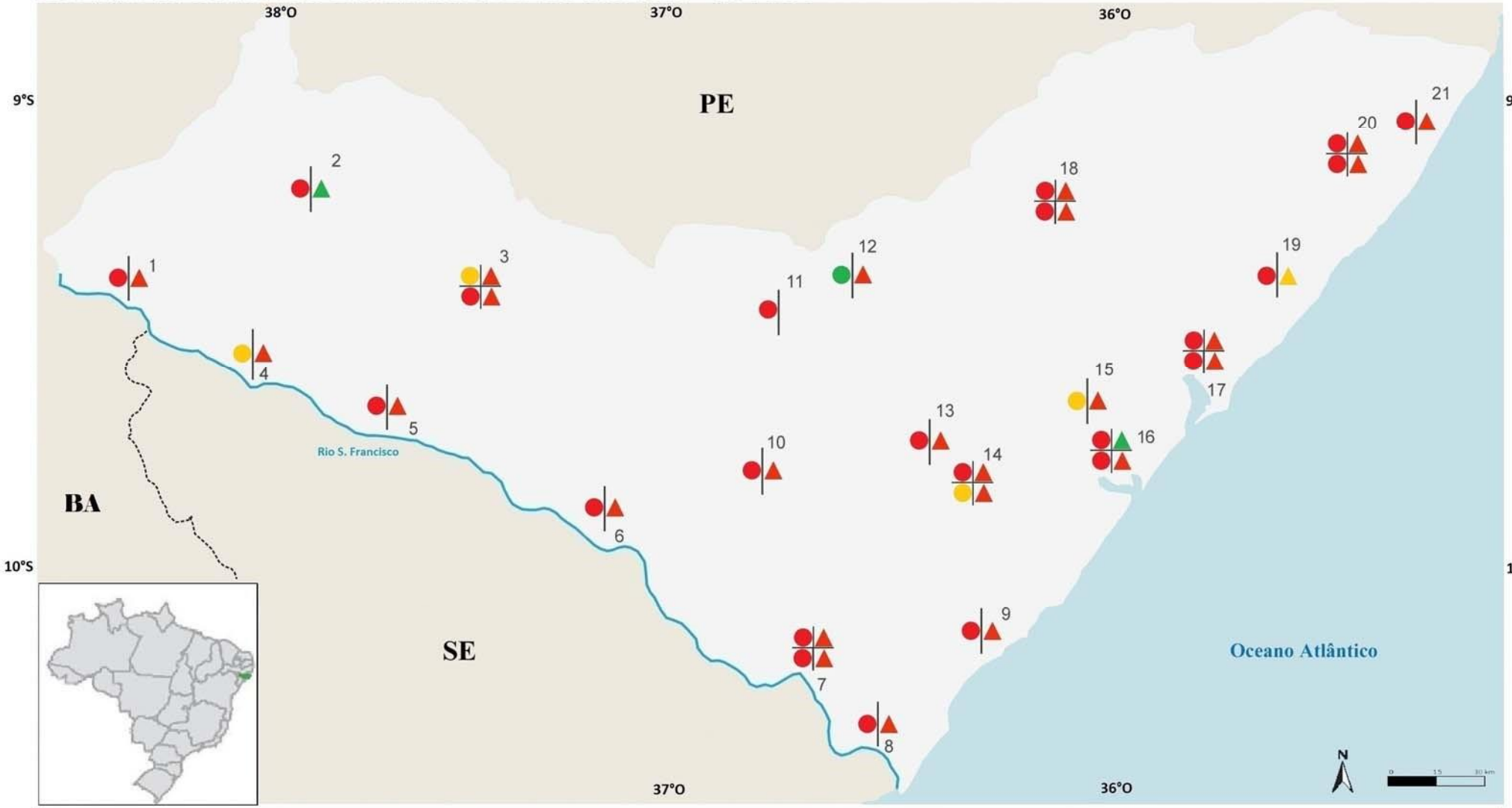




Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 16

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 034

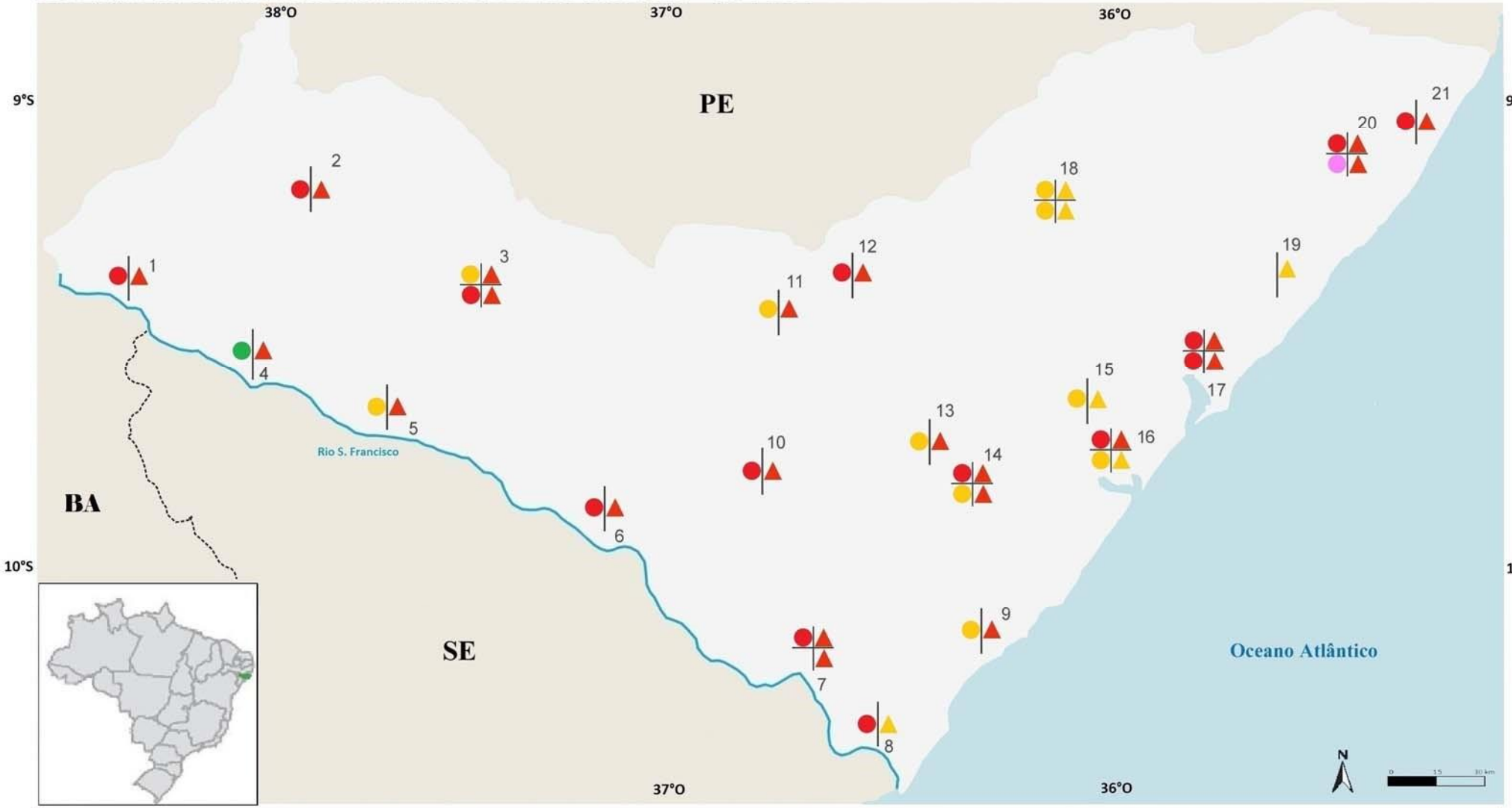
DIA

INF.M		INF.F	
23	[ˈdiɐ]	24	[ˈdiɐ]
4	[ˈdiʲɐ]	1	[ˈdiʲɐ]
1	[ˈdʒiɐ]	2	[ˈdʒiɐ]

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 17

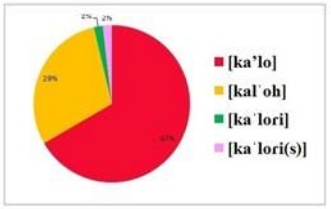
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 037

CALOR

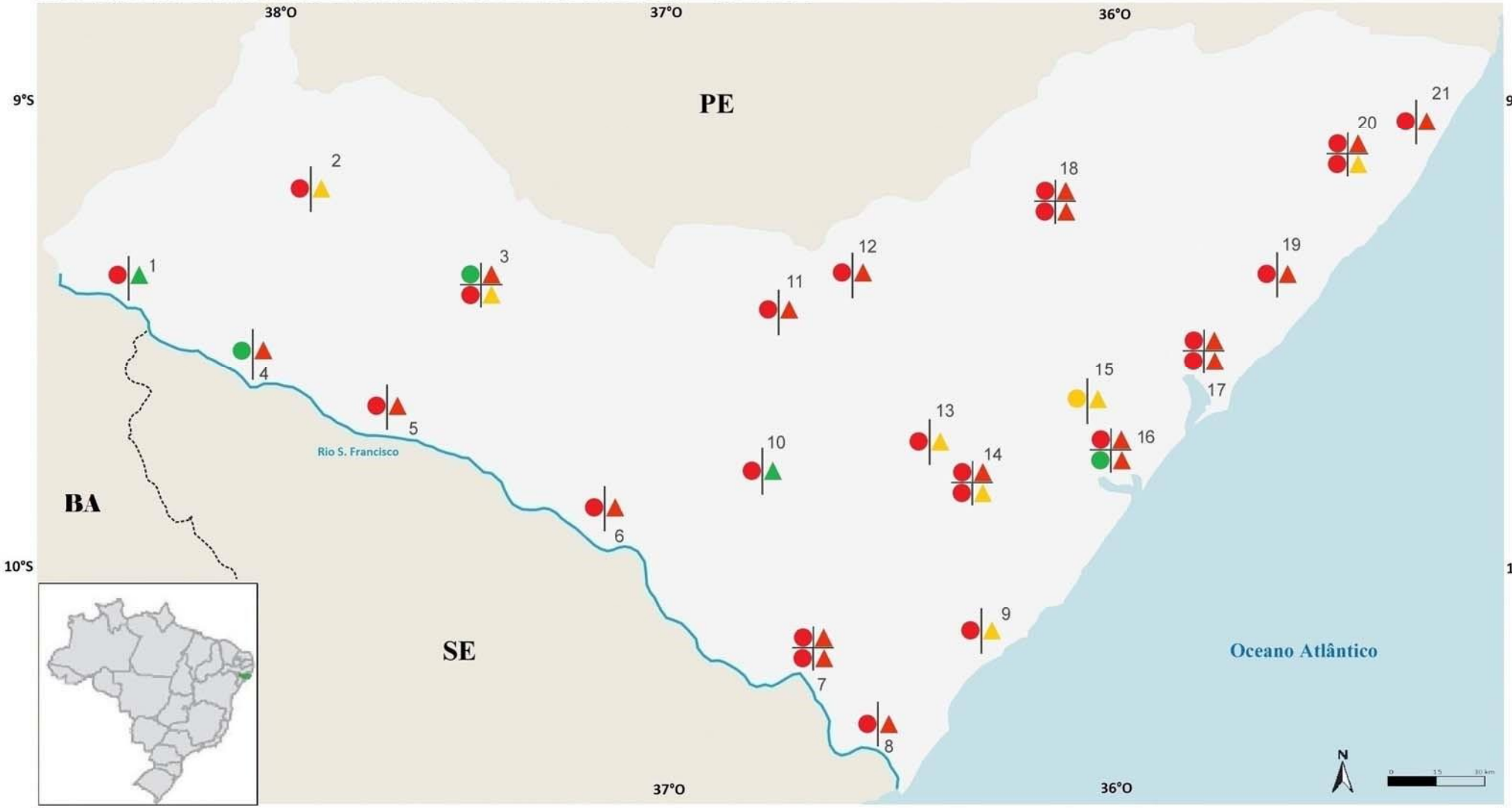
INF.M		INF.F	
14	[ka'lo]	22	[ka'lo]
10	[kal˙oh]	6	[kal˙oh]
1	[ka˙lori]	0	[ka˙lori]
1	[ka˙lori(s)]	0	[ka˙lori(s)]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

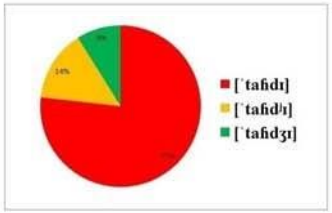
CARTA 18

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 38
TARDE

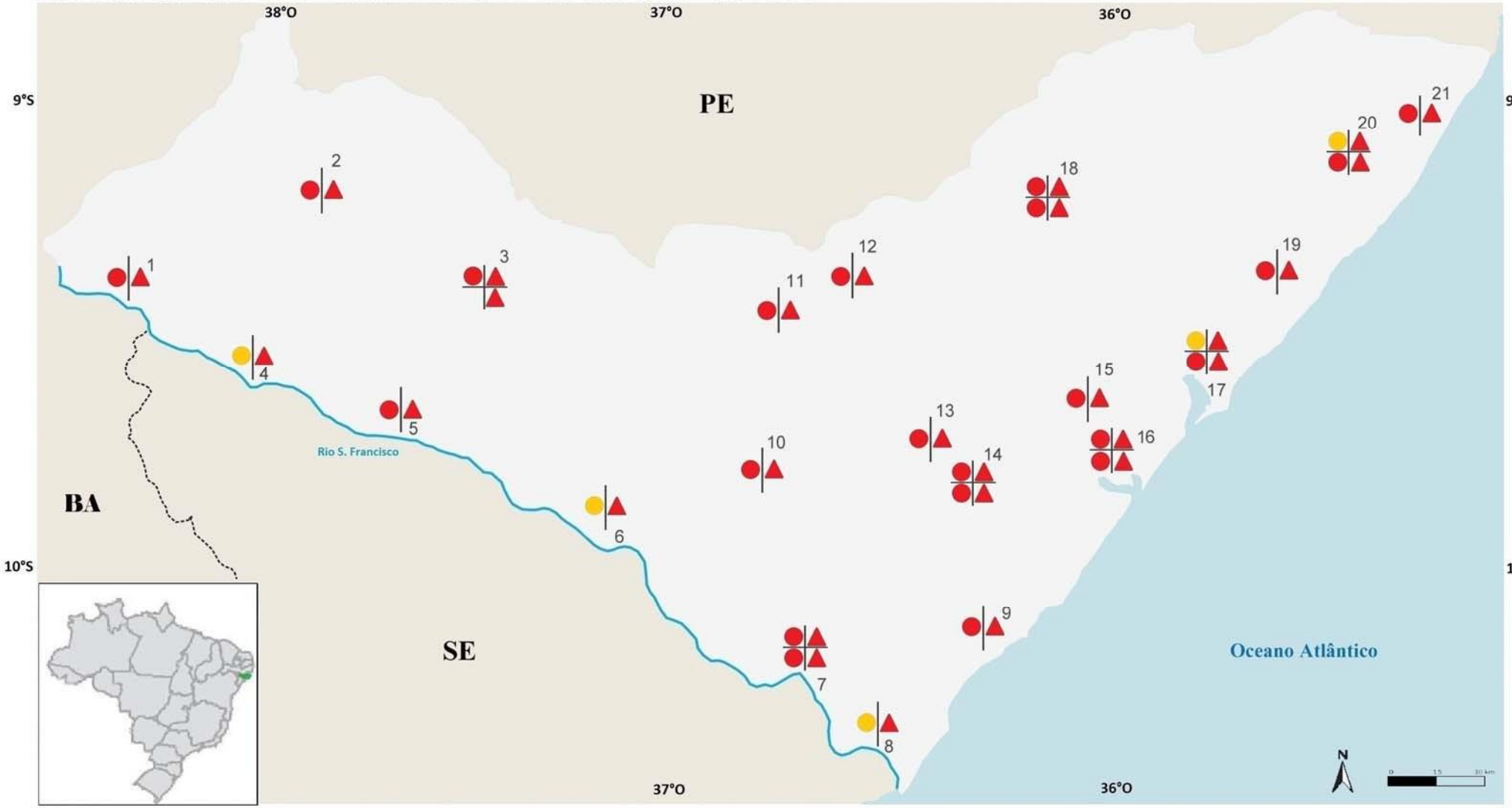
INF.M		INF.F	
24	[ˈtafidɪ]	19	[ˈtafidɪ]
1	[ˈtafidʲɪ]	7	[ˈtafidʲɪ]
3	[ˈtafidʒɪ]	2	[ˈtafidʒɪ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 19

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 039

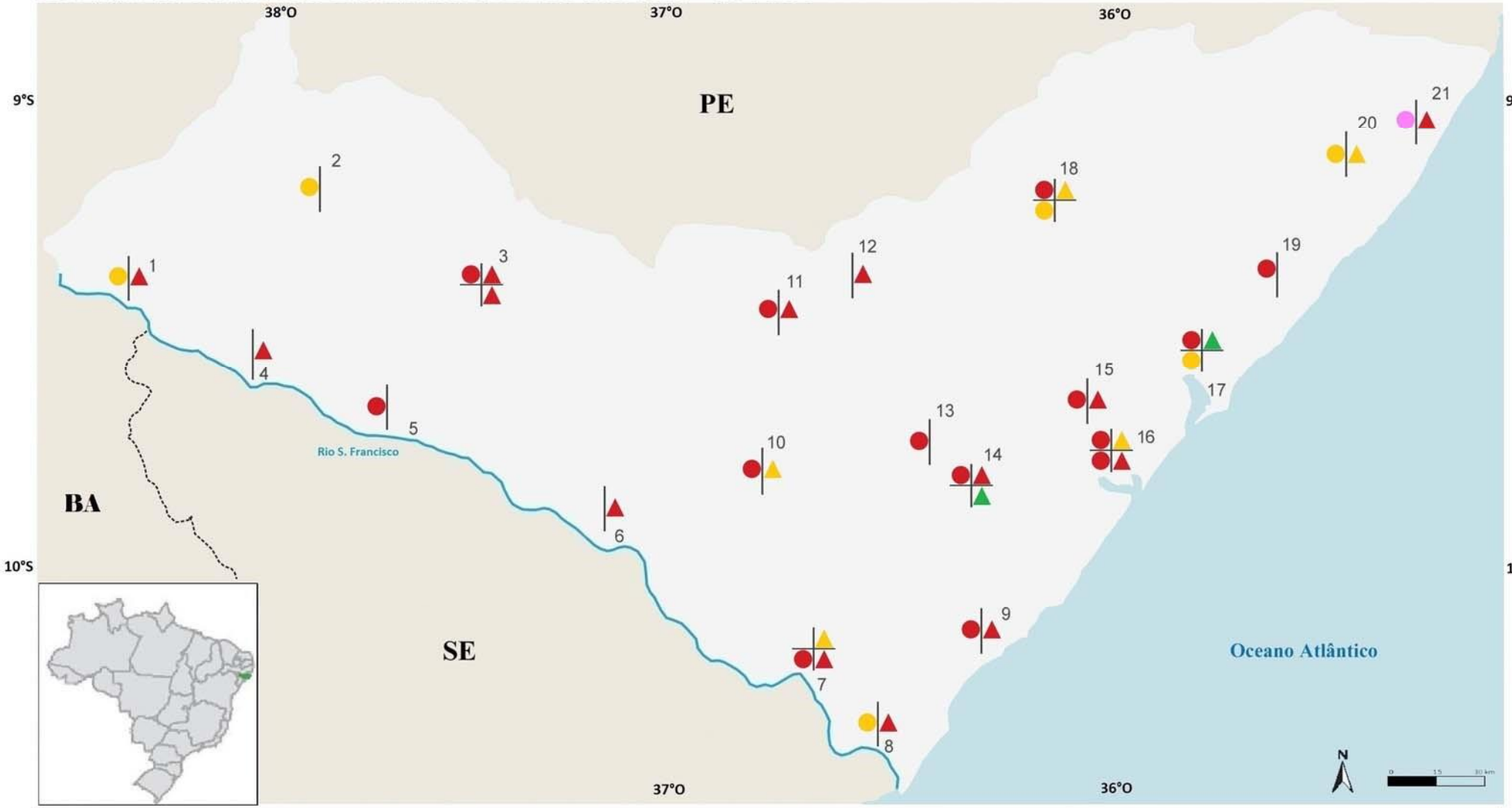
TRÊS

INF.M		INF.F	
22 [trejs]		28 [trejs]	
5 ['trejʃ]		0 ['trejʃ]	

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 20

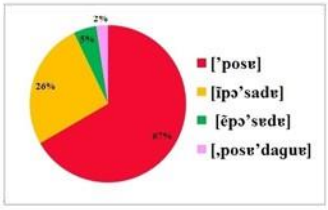
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 041

POÇA

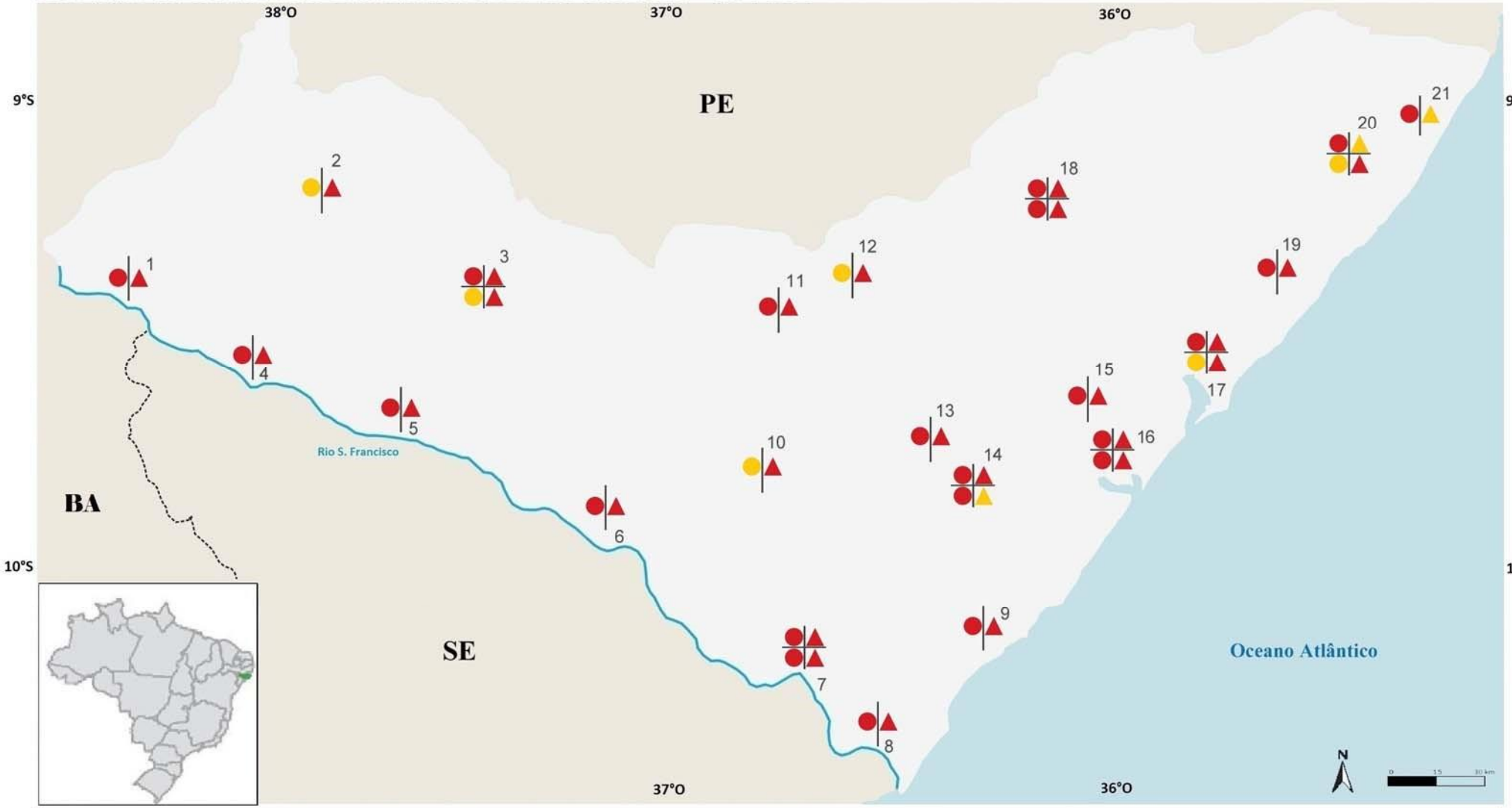
INF.M		INF.F	
14	['posɐ]	14	['posɐ]
6	[ĩpɔ'sadɐ]	5	[ĩpɔ'sadɐ]
0	[ẽpɔ'sɐdɐ]	2	[ẽpɔ'sɐdɐ]
1	[ˌposɐ'dagɐ]	0	[ˌposɐ'dagɐ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 21

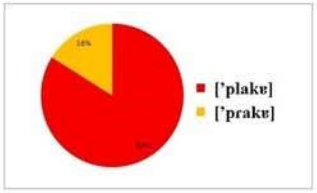
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 042

PLACA

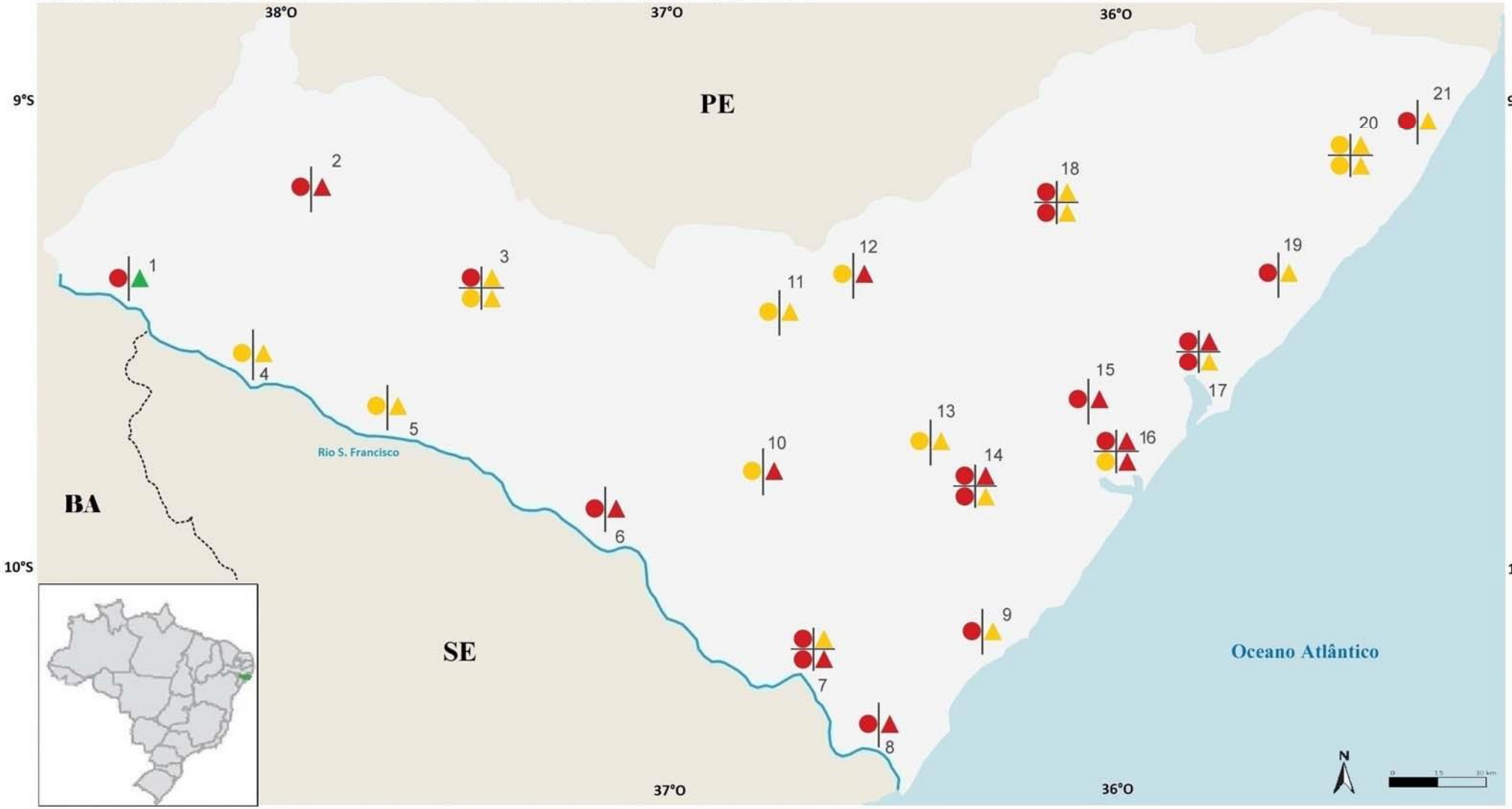
INF.M		INF.F	
22	['plaku]	25	['plaku]
6	['praku]	3	['praku]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 22

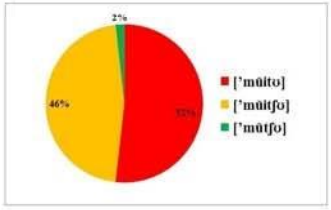
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 048

MUITO

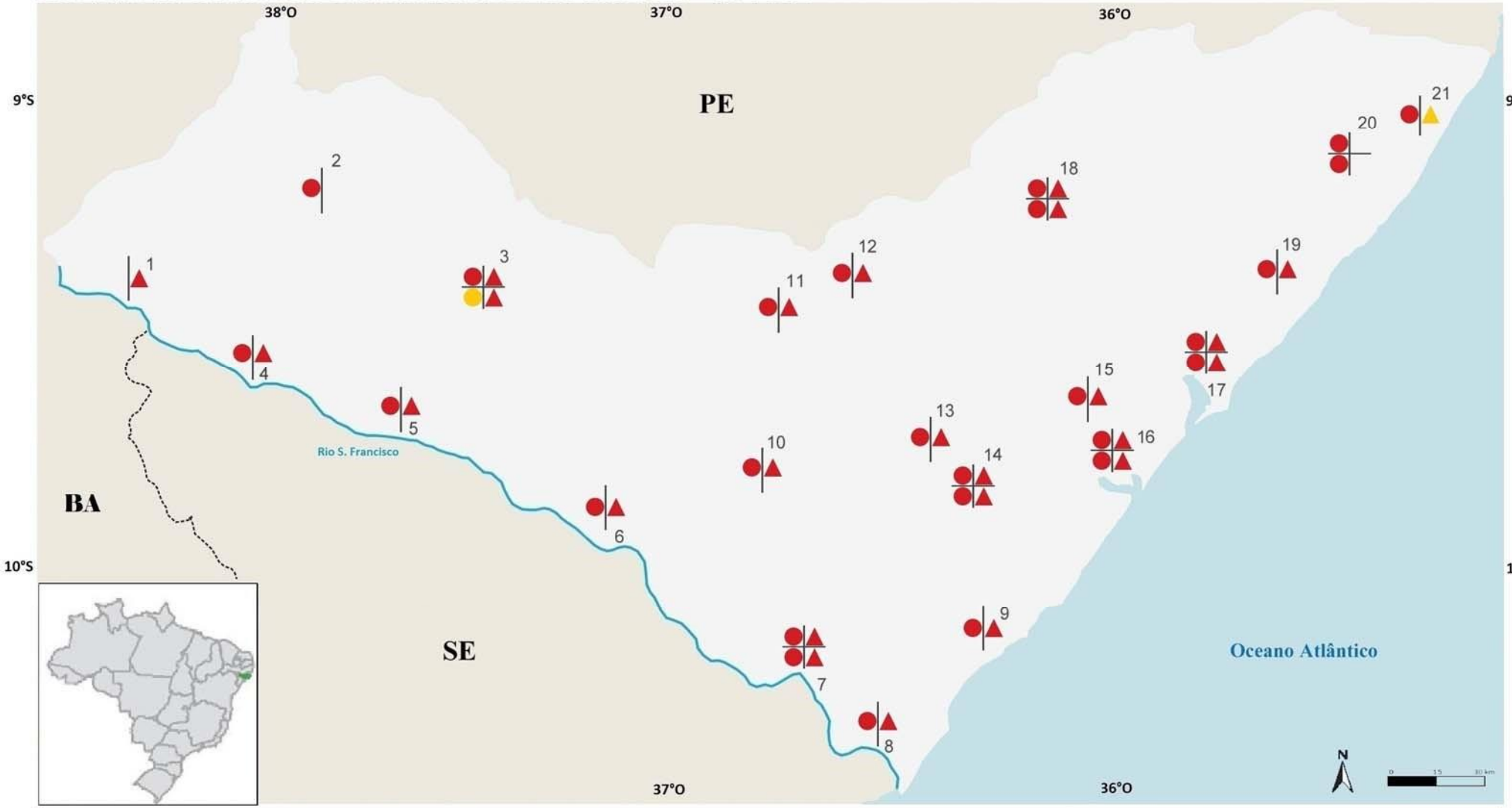
INF.M		INF.F	
18 ['mũitu]		11 ['mũitu]	
10 ['mũitʃu]		16 ['mũitʃu]	
0 ['mũtʃu]		1 ['mũtʃu]	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 23

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 055

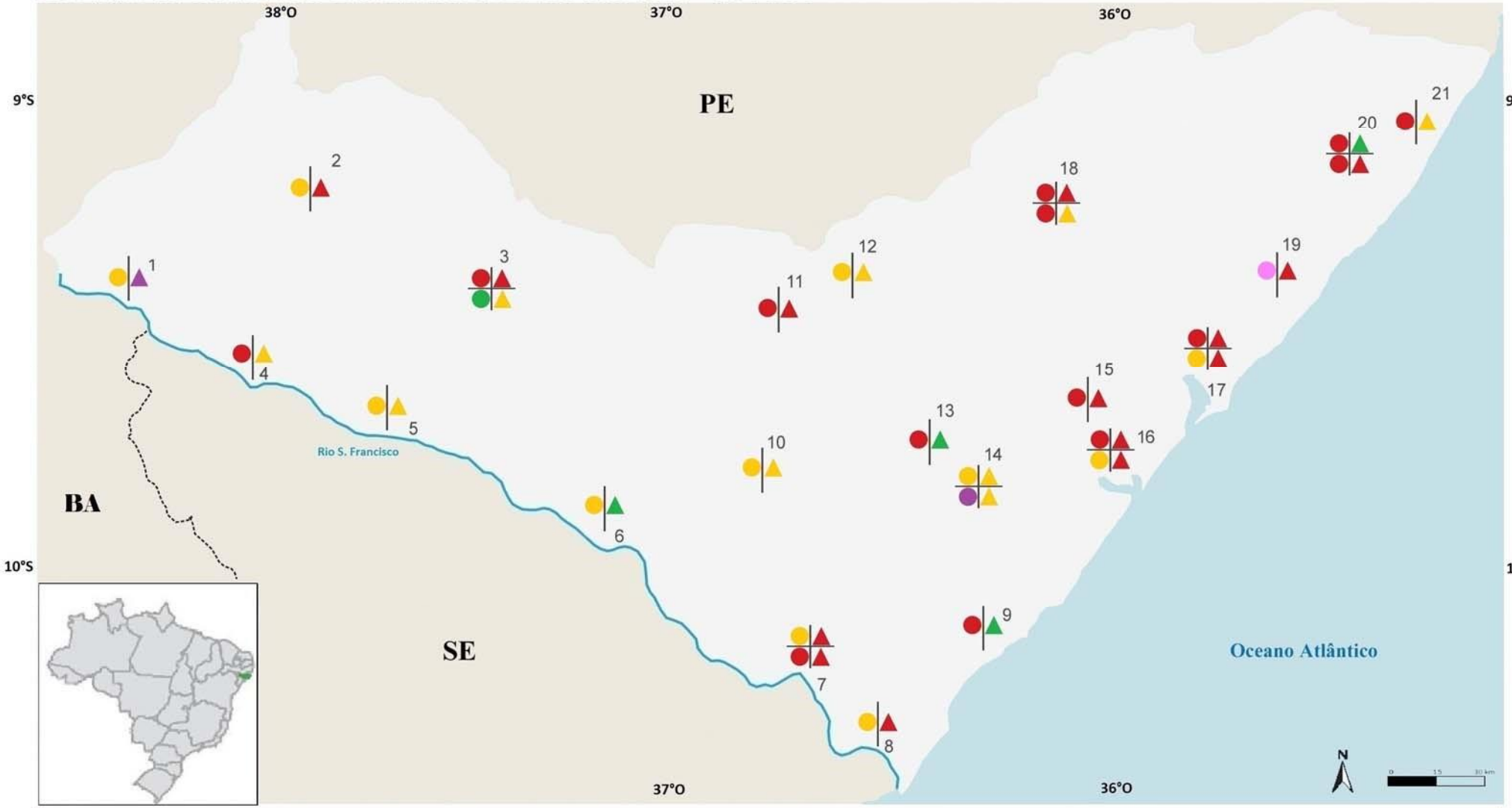
BRASIL

INF.M		INF.F	
26	[bra'ziw]	24	[bra'ziw]
1	[ala'goɐ]	1	[ala'goɐ]

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 24

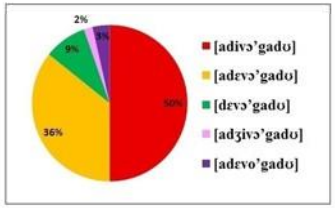
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 058

ADVOGADO

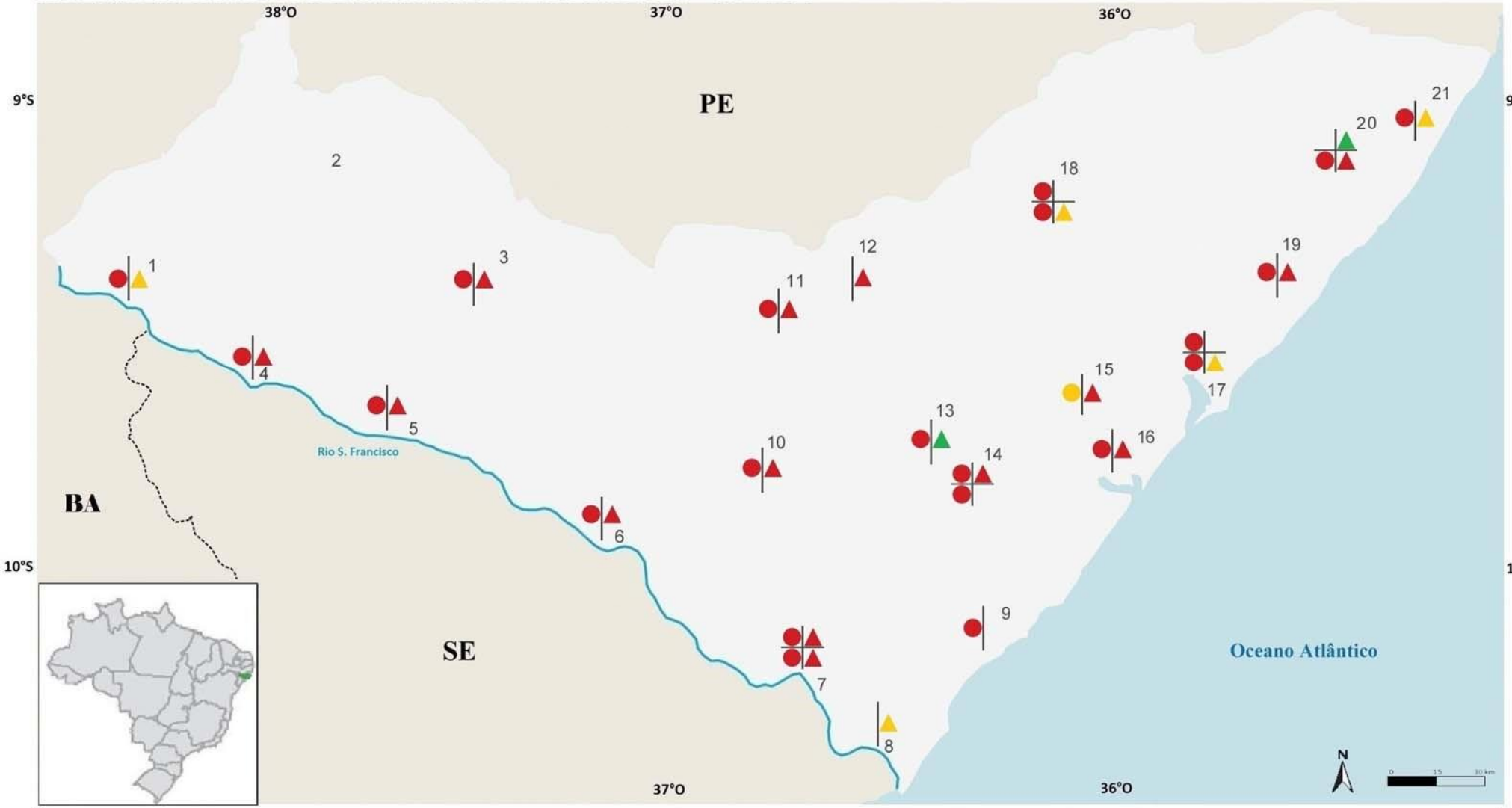
INF.M	INF.F
14 [adivə'gadu]	14 [adivə'gadu]
11 [adɛvə'gadu]	9 [adɛvə'gadu]
1 [dɛvə'gadu]	4 [dɛvə'gadu]
1 [adʒivə'gadu]	0 [adʒivə'gadu]
1 [adɛvo'gadu]	1 [adɛvo'gadu]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 25

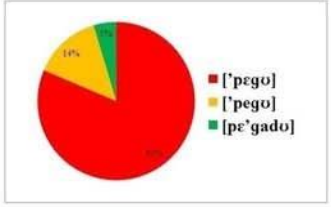
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 060

PEGO

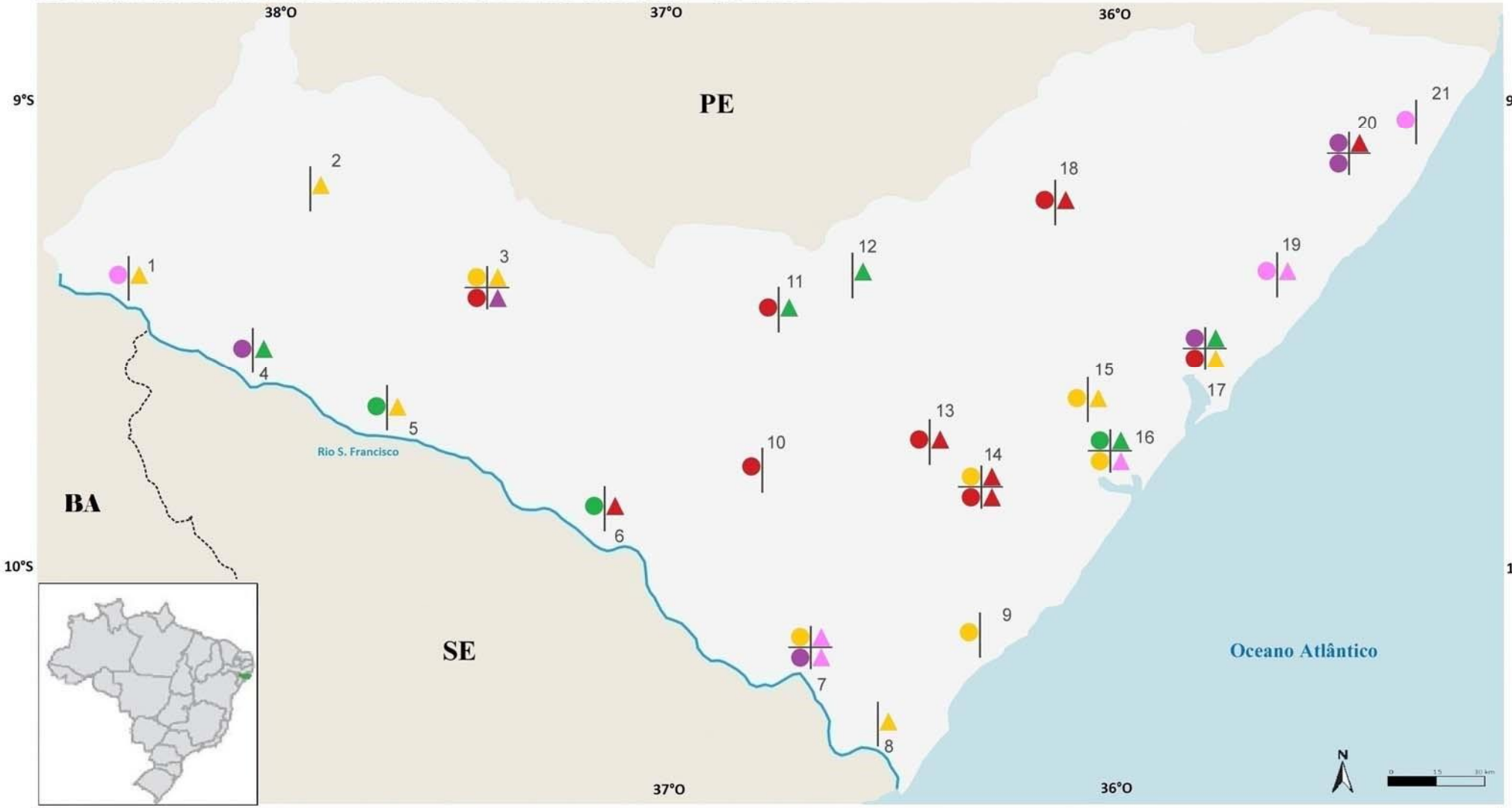
INF.M		INF.F	
21	['pɛgo]	14	['pɛgo]
1	['pego]	5	['pego]
0	[pɛ'gadɔ]	2	[pɛ'gadɔ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 26

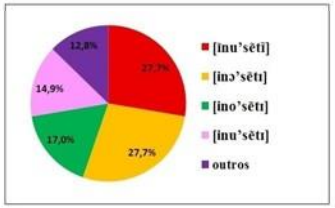
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 061

INOCENTE

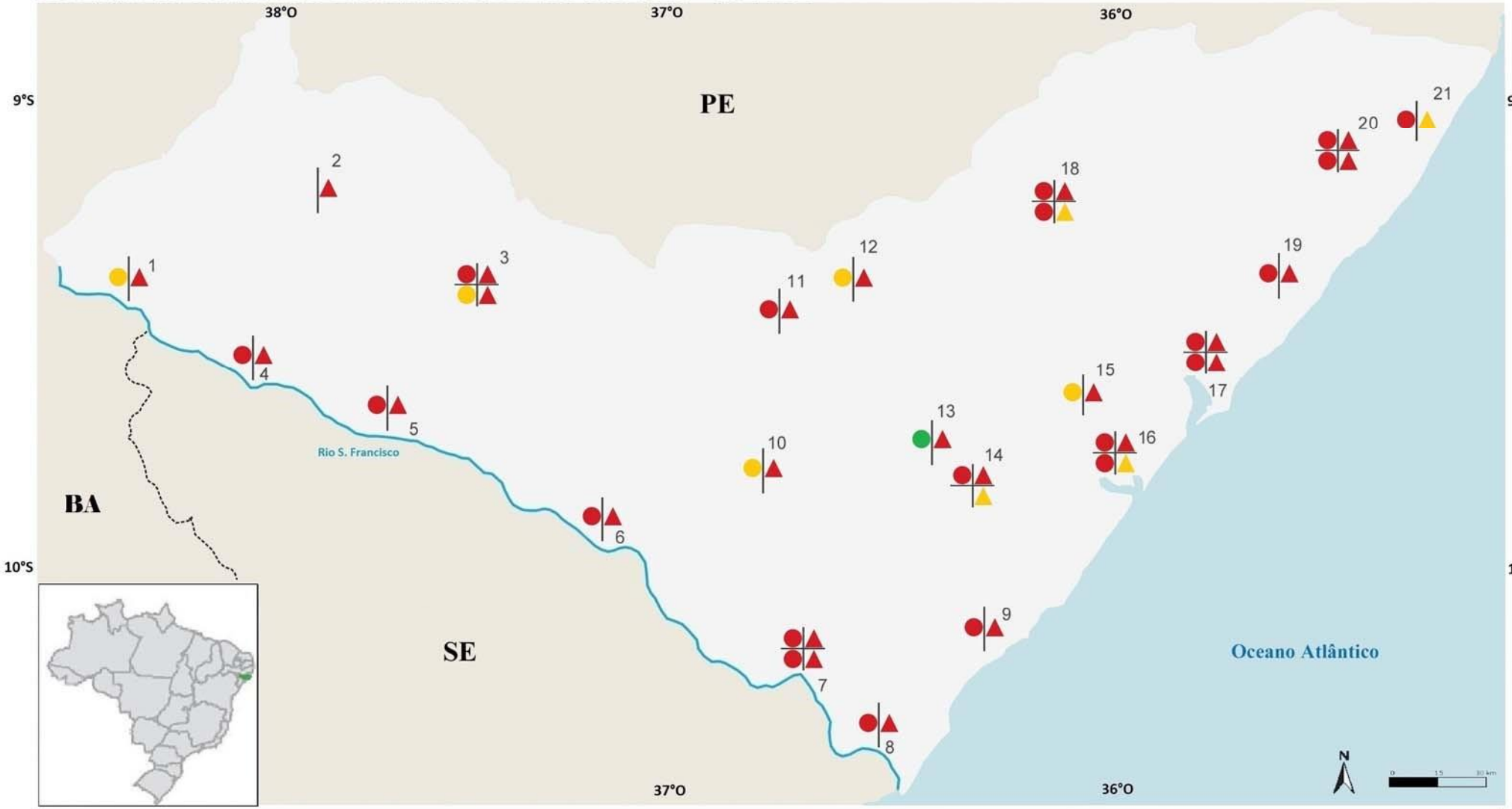
INF.M		INF.F	
7	[inu'sẽtʃi]	6	[inu'sẽtʃi]
6	[inə'sẽtʃi]	7	[inə'sẽtʃi]
3	[ino'sẽtʃi]	5	[ino'sẽtʃi]
3	[inu'sẽtʃi]	4	[inu'sẽtʃi]
5	outros	1	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 27

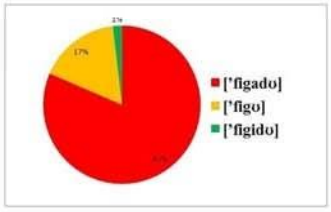
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 068

FÍGADO

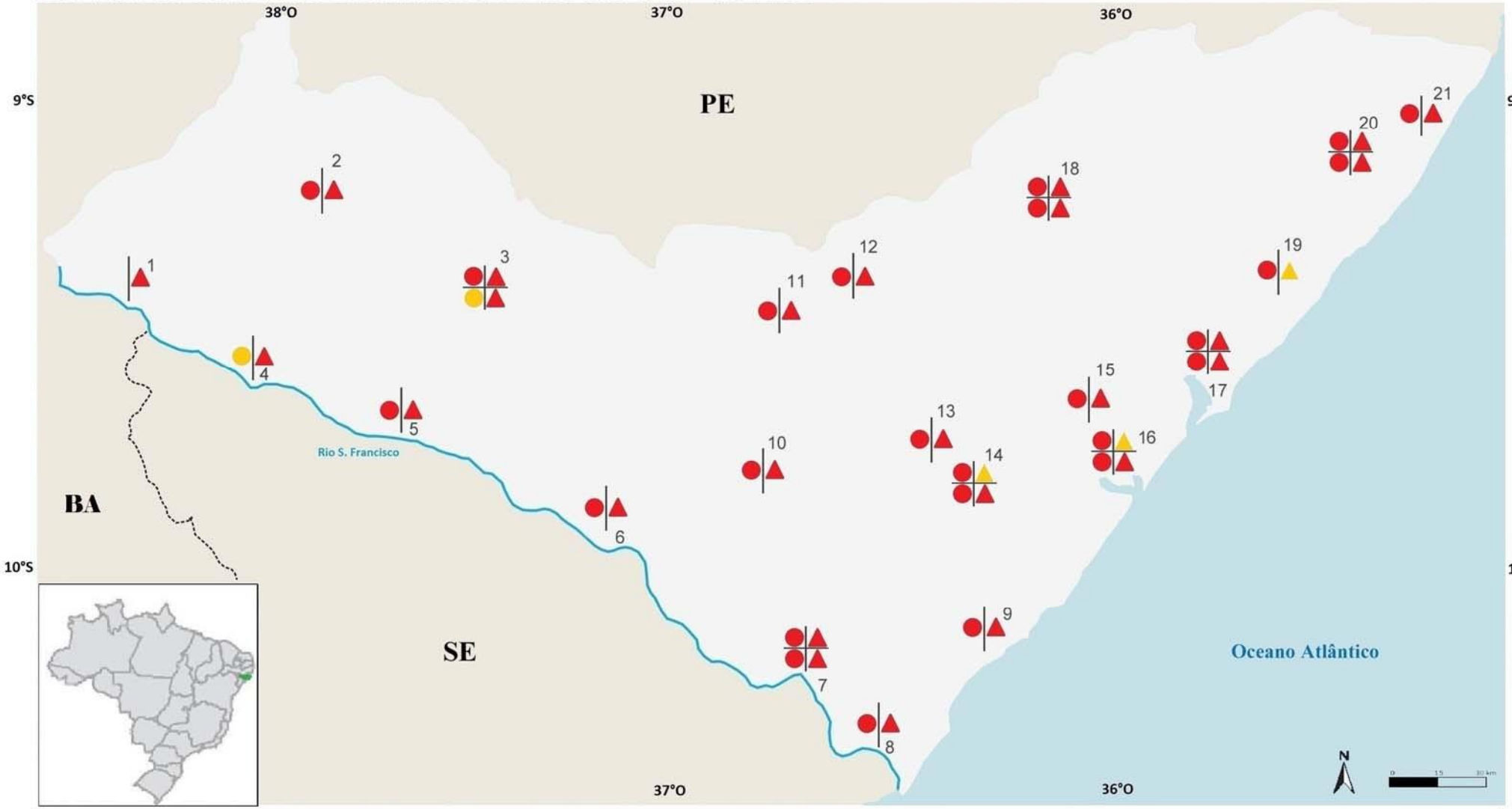
INF.M		INF.F	
20	['figado]	24	['figado]
5	['figo]	4	['figo]
1	['figido]	0	['figido]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

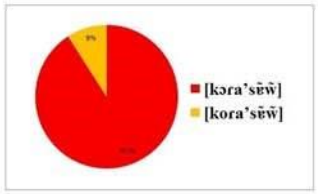
CARTA 28

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 069
CORAÇÃO

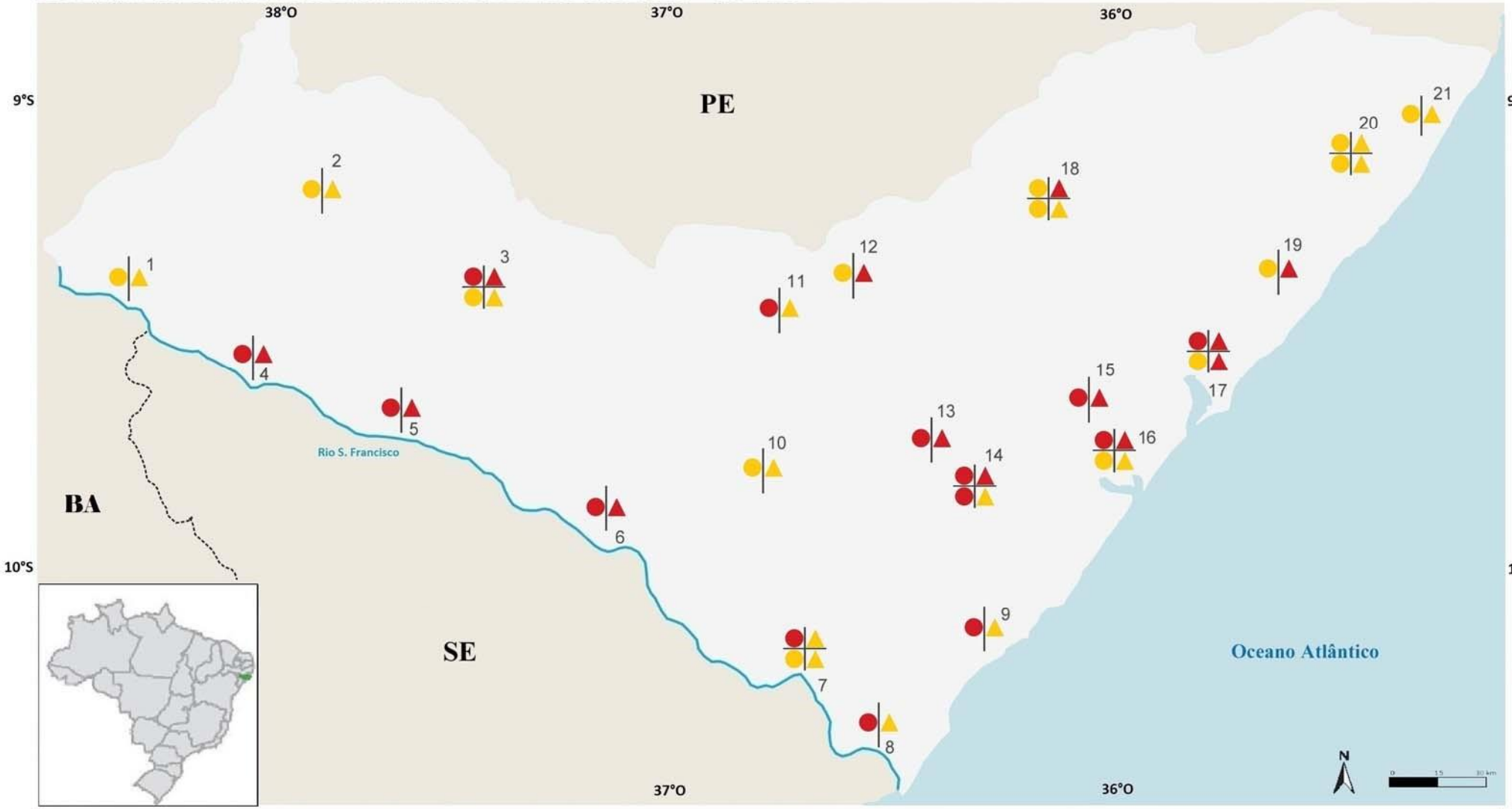
INF.M		INF.F	
25	[kɔra'sɐ̃w̃]	25	[kɔra'sɐ̃w̃]
2	[koɾa'sɐ̃w̃]	3	[koɾa'sɐ̃w̃]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 29

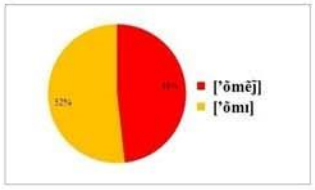
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 072

HOMEM

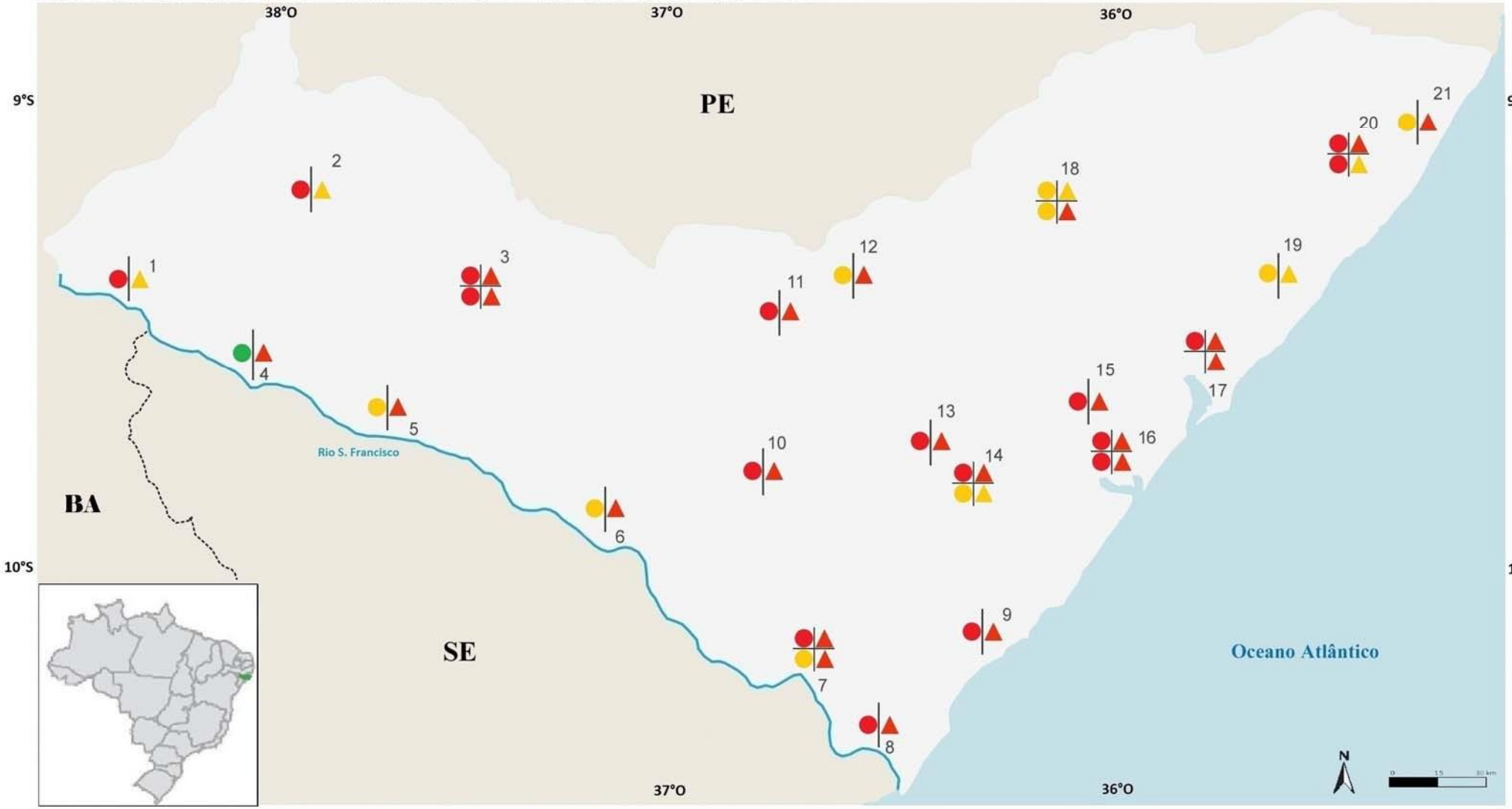
INF.M		INF.F	
14	['õmẽj]	13	['õmẽj]
14	['õmɪ]	15	['õmɪ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 30

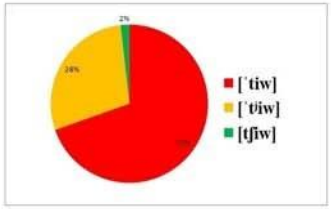
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 075

TIO

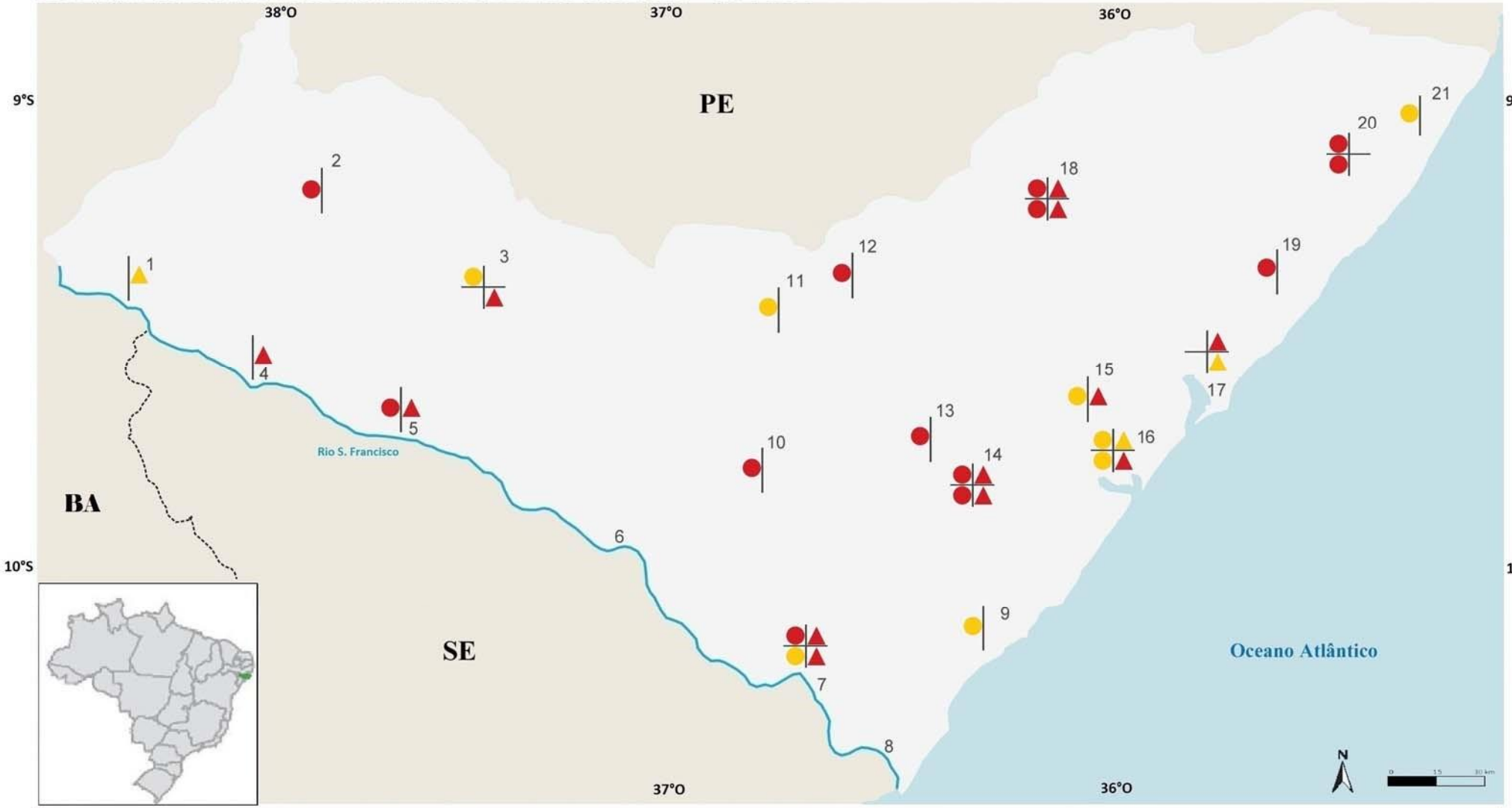
INF.M		INF.F	
17	[ˈtiw]	22	[ˈtiw]
9	[ˈtʲiw]	6	[ˈtʲiw]
1	[tʃiw]	0	[tʃiw]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 31

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL

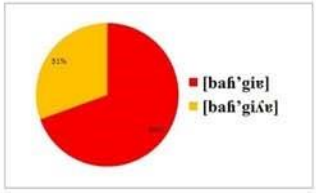


QFF 080

ABERTURA DA CALÇA MASCULINA

BRAGUILHA

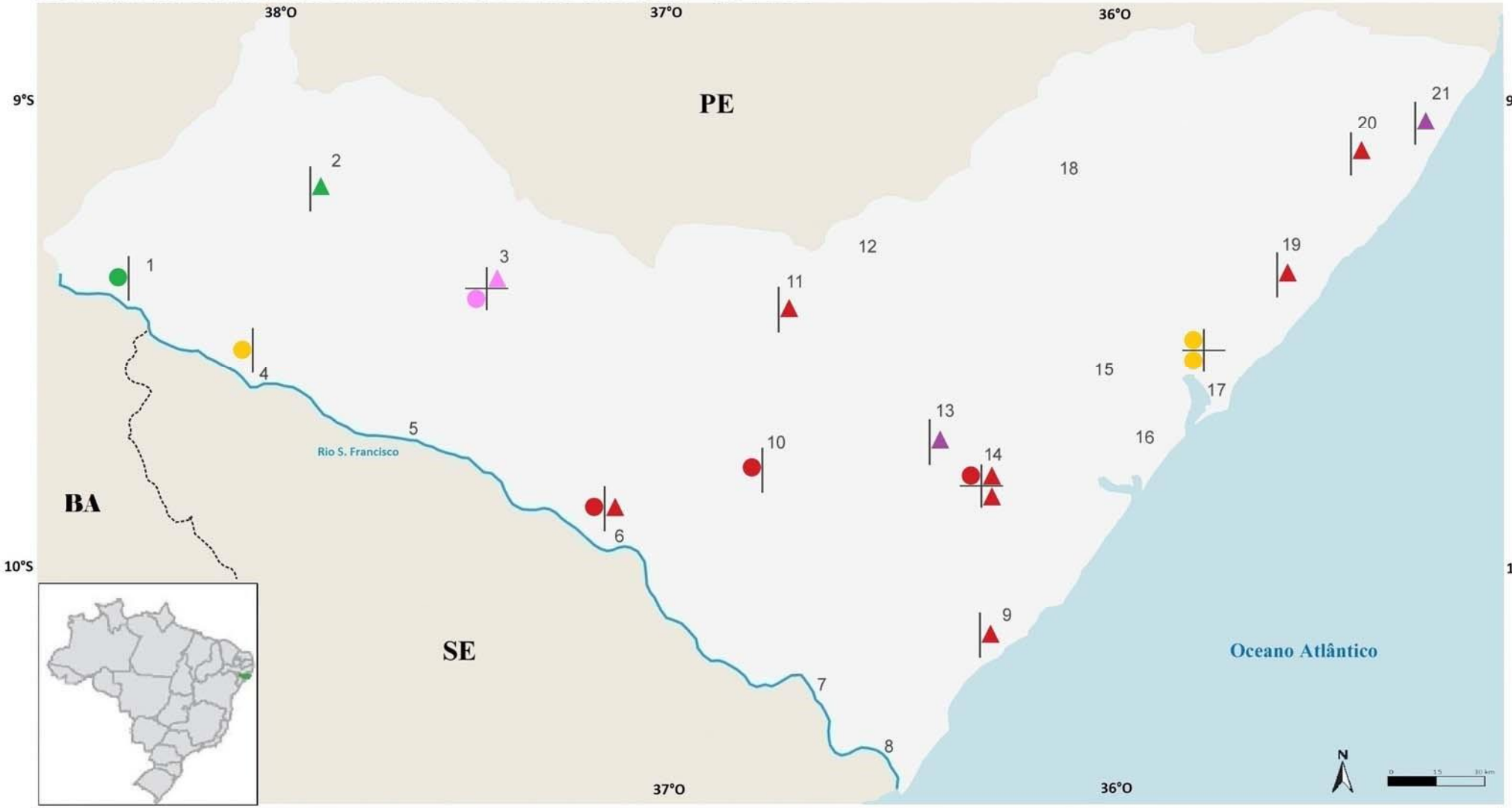
INF.M		INF.F	
13	[bafi'giʁ]	12	[bafi'giʁ]
8	[bafi'giʎʁ]	3	[bafi'giʎʁ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 32

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL

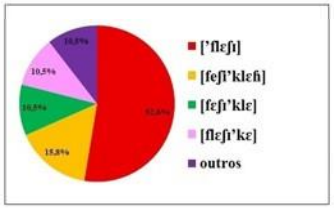


QFF 080

ABERTURA DA CALÇA MASCULINA

FECHO ECLER

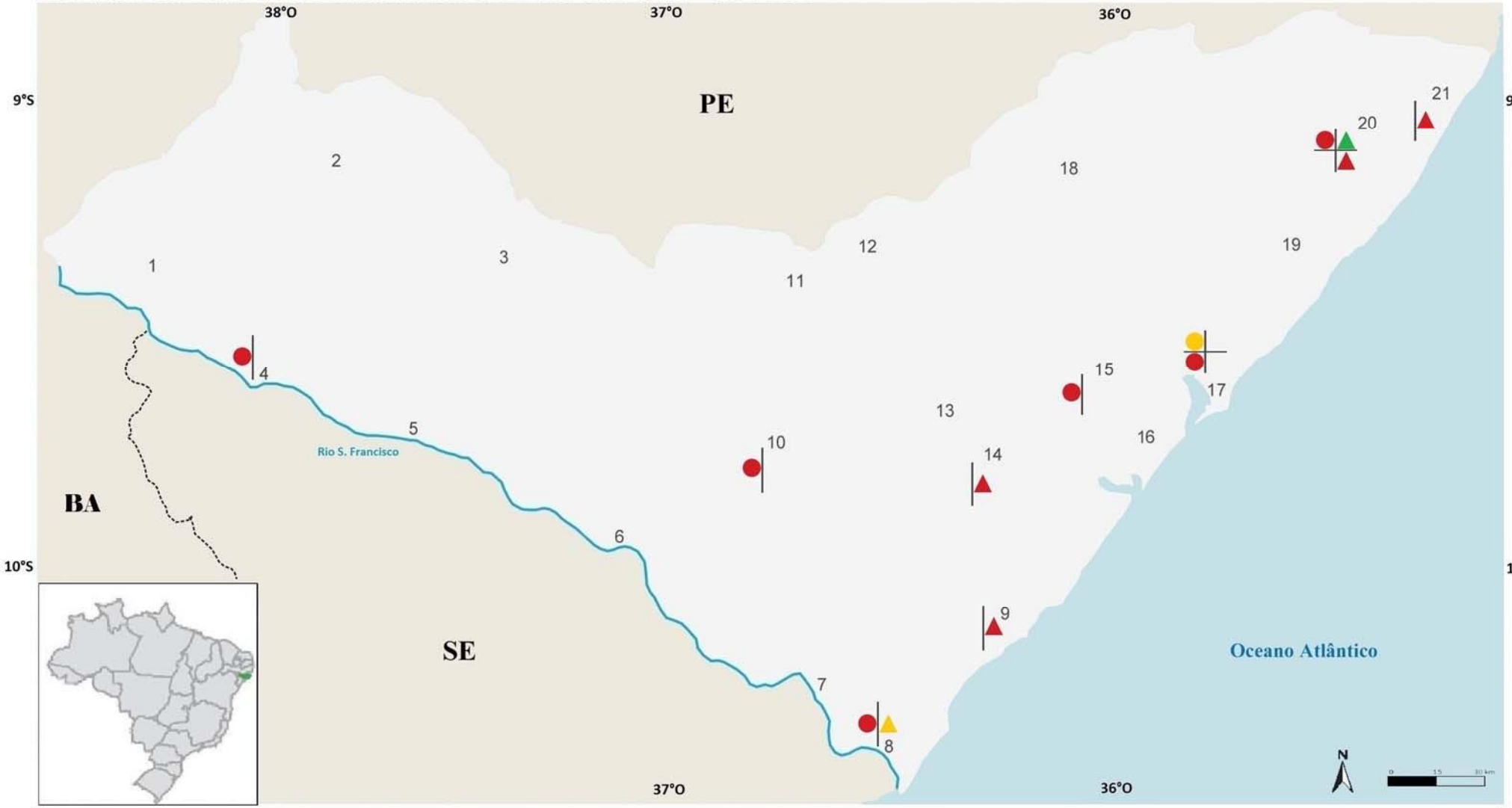
INF.M	INF.F
3 ['flɛʃɪ]	7 ['flɛʃɪ]
3 [feʃi'klɛñ]	0 [feʃi'klɛñ]
1 [fɛʃɪ'klɛ]	1 [fɛʃɪ'klɛ]
1 [flɛʃɪ'kɛ]	1 [flɛʃɪ'kɛ]
0 outros	2 outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 33

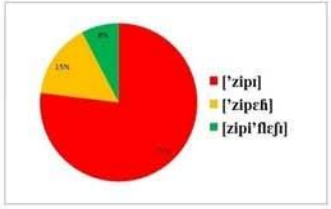
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 080

ABERTURA DA CALÇA
MASCULINA
ZÍPER

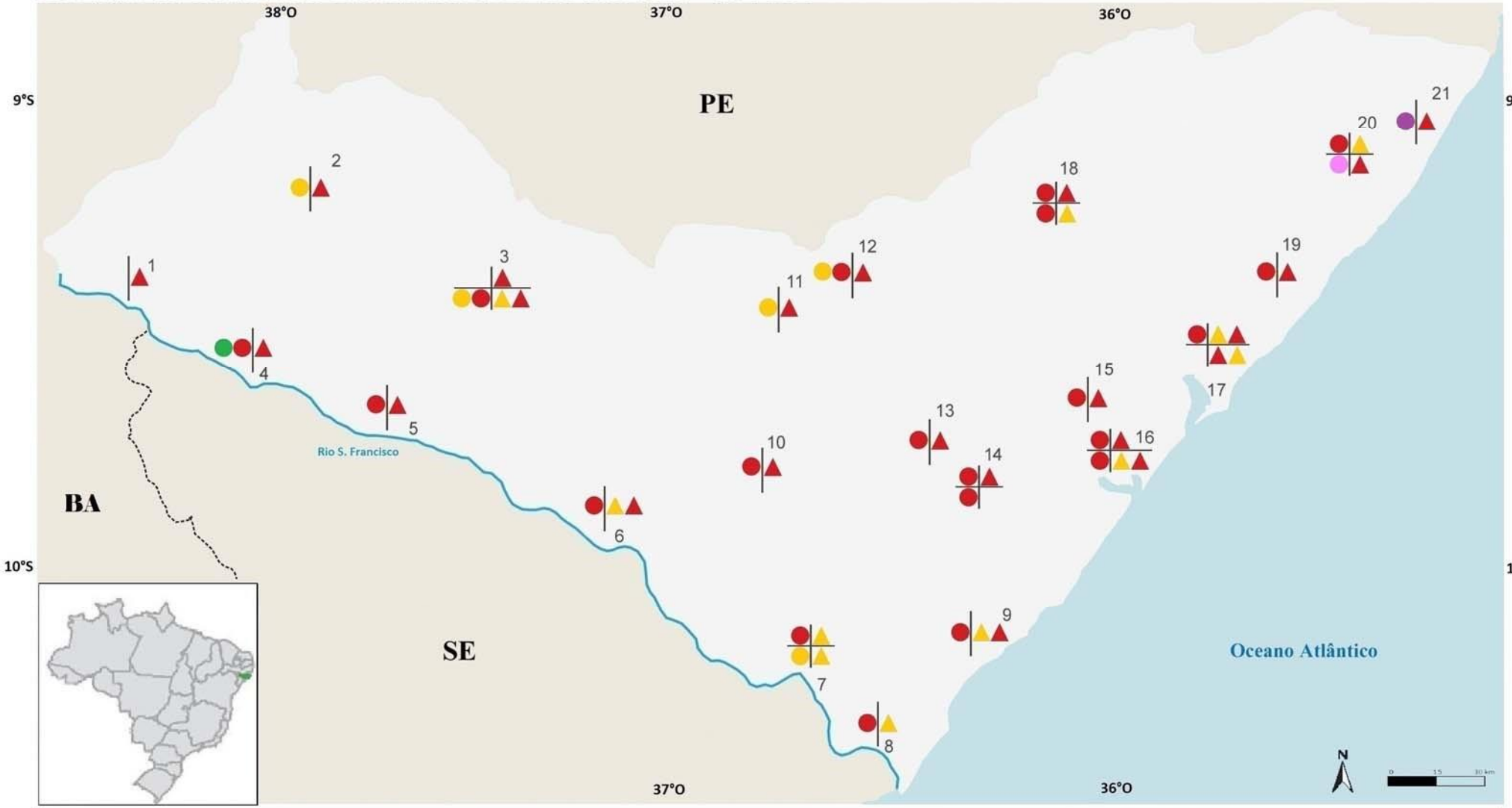
INF.M		INF.F	
6	['zipɪ]	4	['zipɪ]
1	['zipɛɦ]	1	['zipɛɦ]
0	[zipi'flɛʃɪ]	1	[zipi'flɛʃɪ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 34

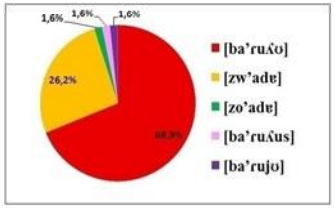
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 085

BARULHO

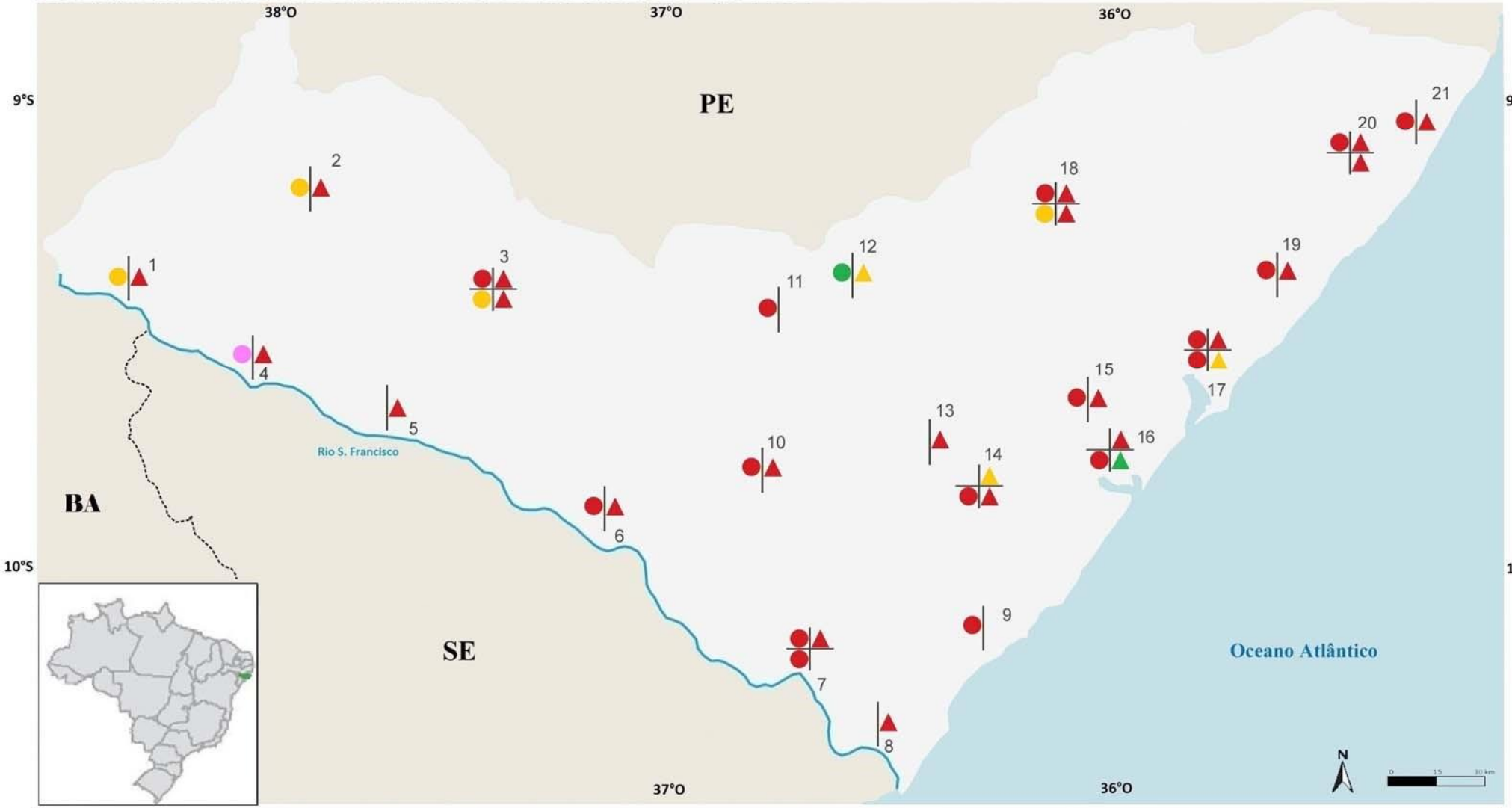
INF.M		INF.F	
20	[ba'ruʎo]	22	[ba'ruʎo]
5	[zw'adɐ]	11	[zw'adɐ]
1	[zo'adɐ]	0	[zo'adɐ]
1	[ba'ruʎus]	0	[ba'ruʎus]
1	[ba'rujo]	0	[ba'rujo]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 35

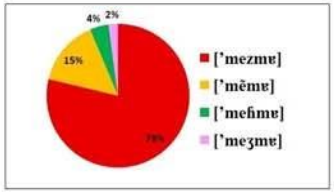
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 086

MESMA

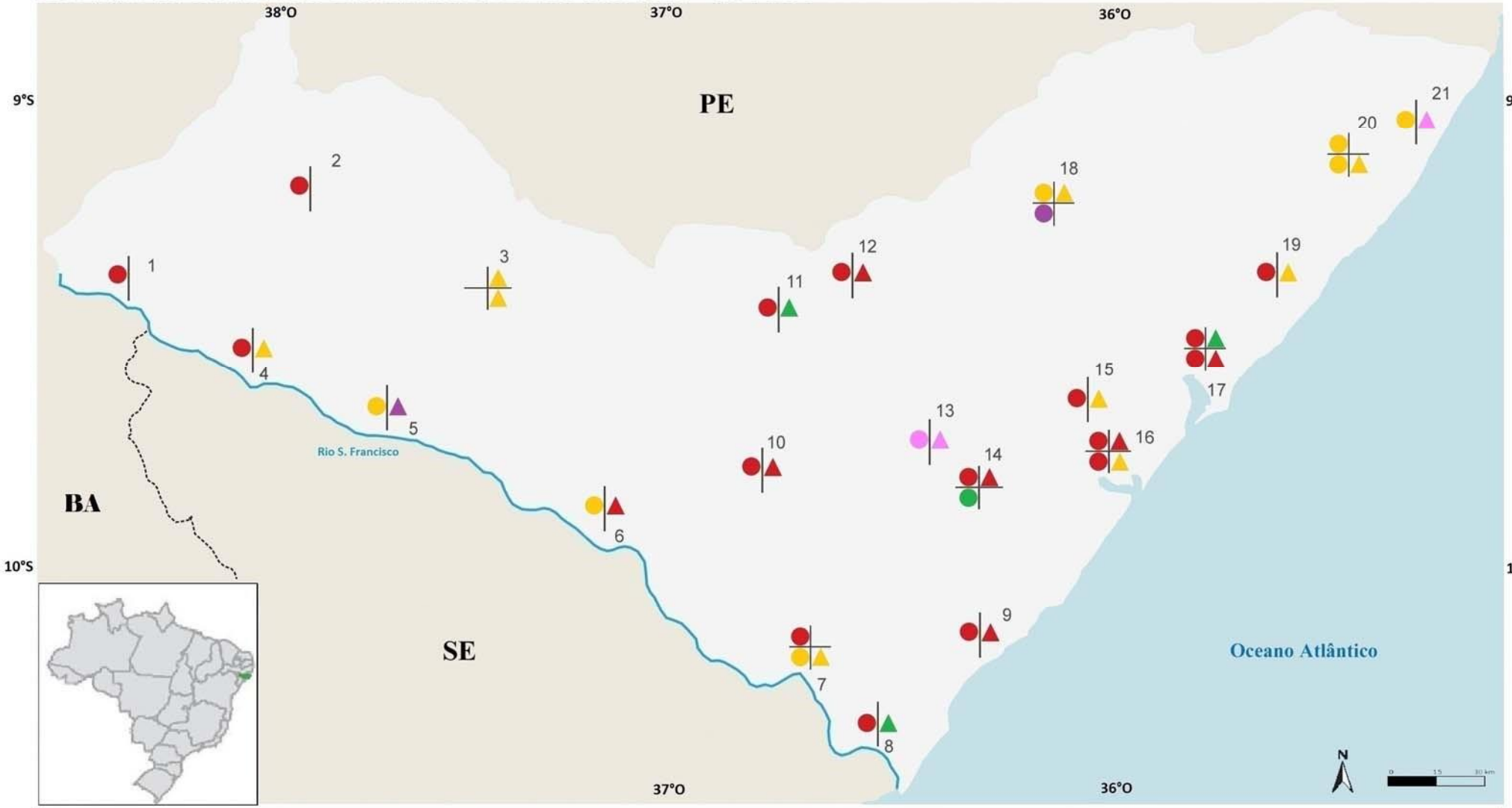
INF.M		INF.F	
16	['mezmɐ]	21	['mezmɐ]
4	['mẽmɐ]	3	['mẽmɐ]
1	['mefimɐ]	1	['mefimɐ]
1	['meʒmɐ]	0	['meʒmɐ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 36

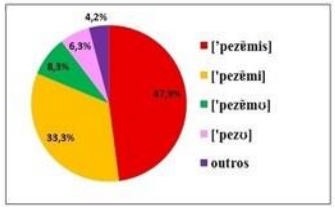
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 090

PÊSAMES

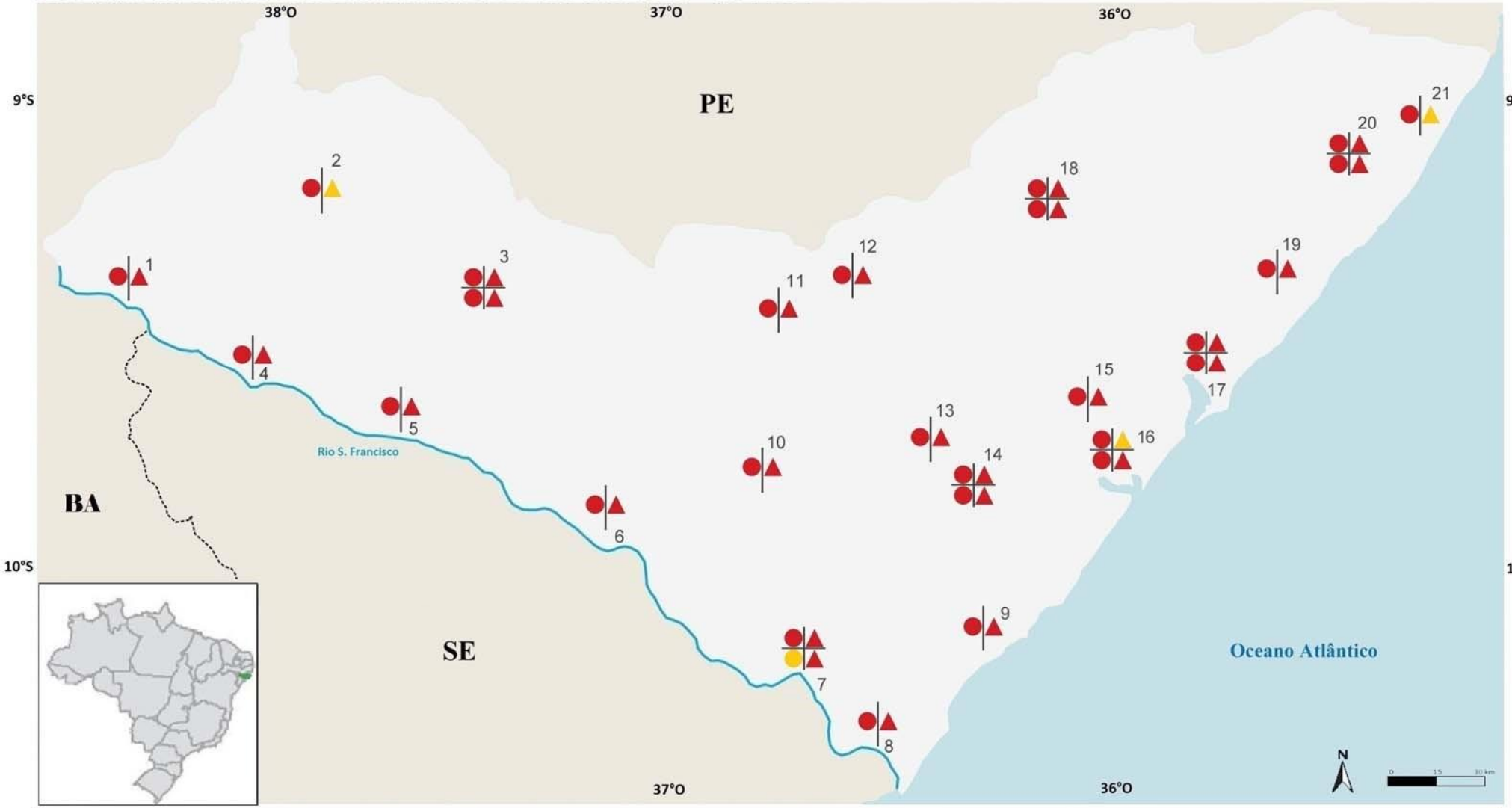
INF.M		INF.F	
16	['pezẽmis]	7	['pezẽmis]
7	['pezẽmi]	9	['pezẽmi]
1	['pezẽmo]	3	['pezẽmo]
1	['pezo]	2	['pezo]
1	outros	1	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

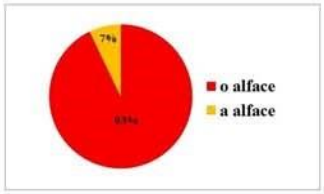
CARTA 37

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QMS 002
ALFACE

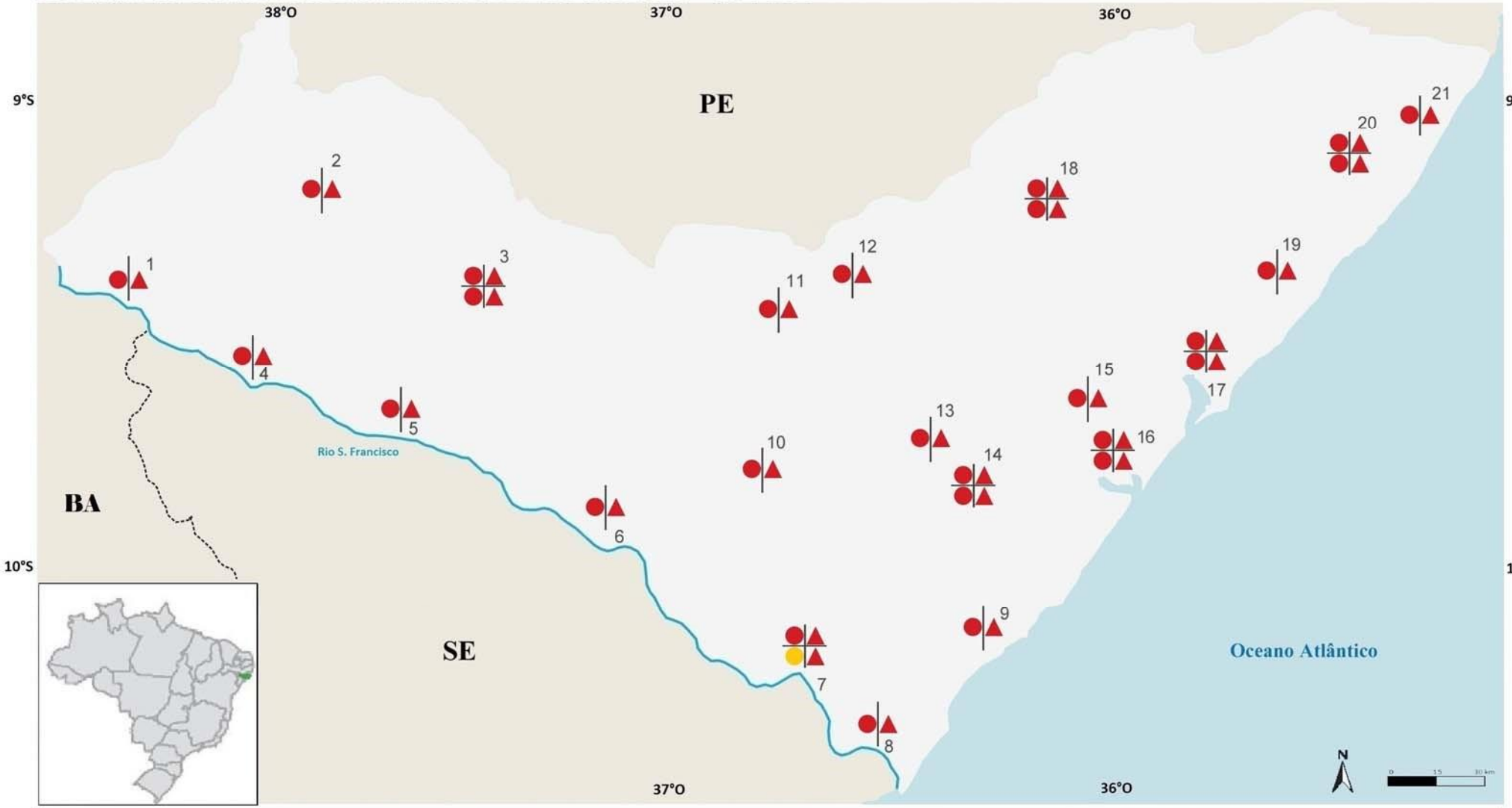
INF.M		INF.F	
27 o alface		25 o alface	
1 a alface		3 a alface	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 38

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QMS 003

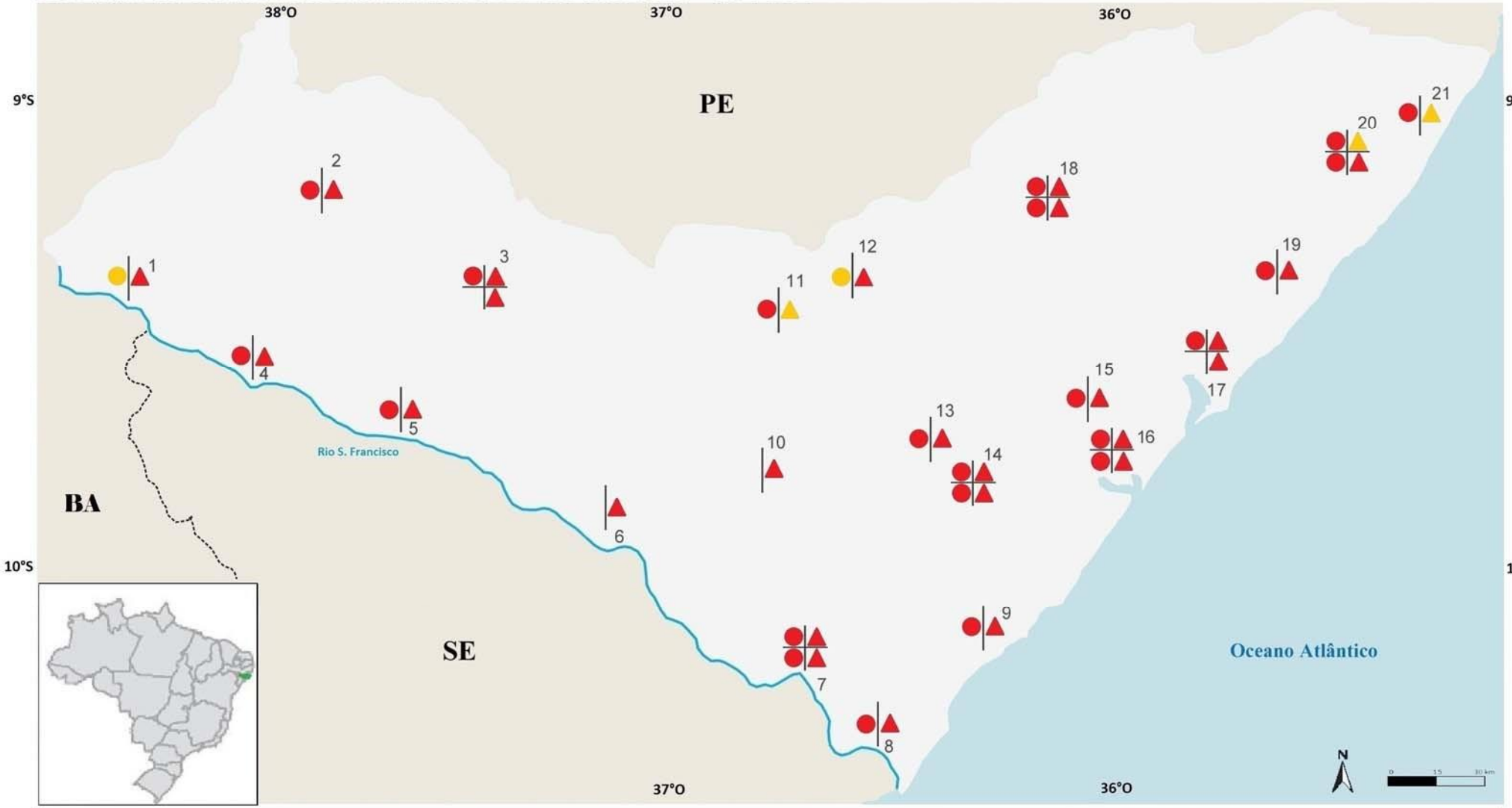
CAL

INF.M		INF.F	
27 o cal		28 o cal	
1 a cal		0 a cal	

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 39

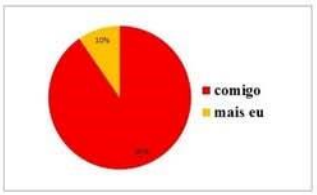
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QMS 020

COMIGO/
COM EU/MAIS EU

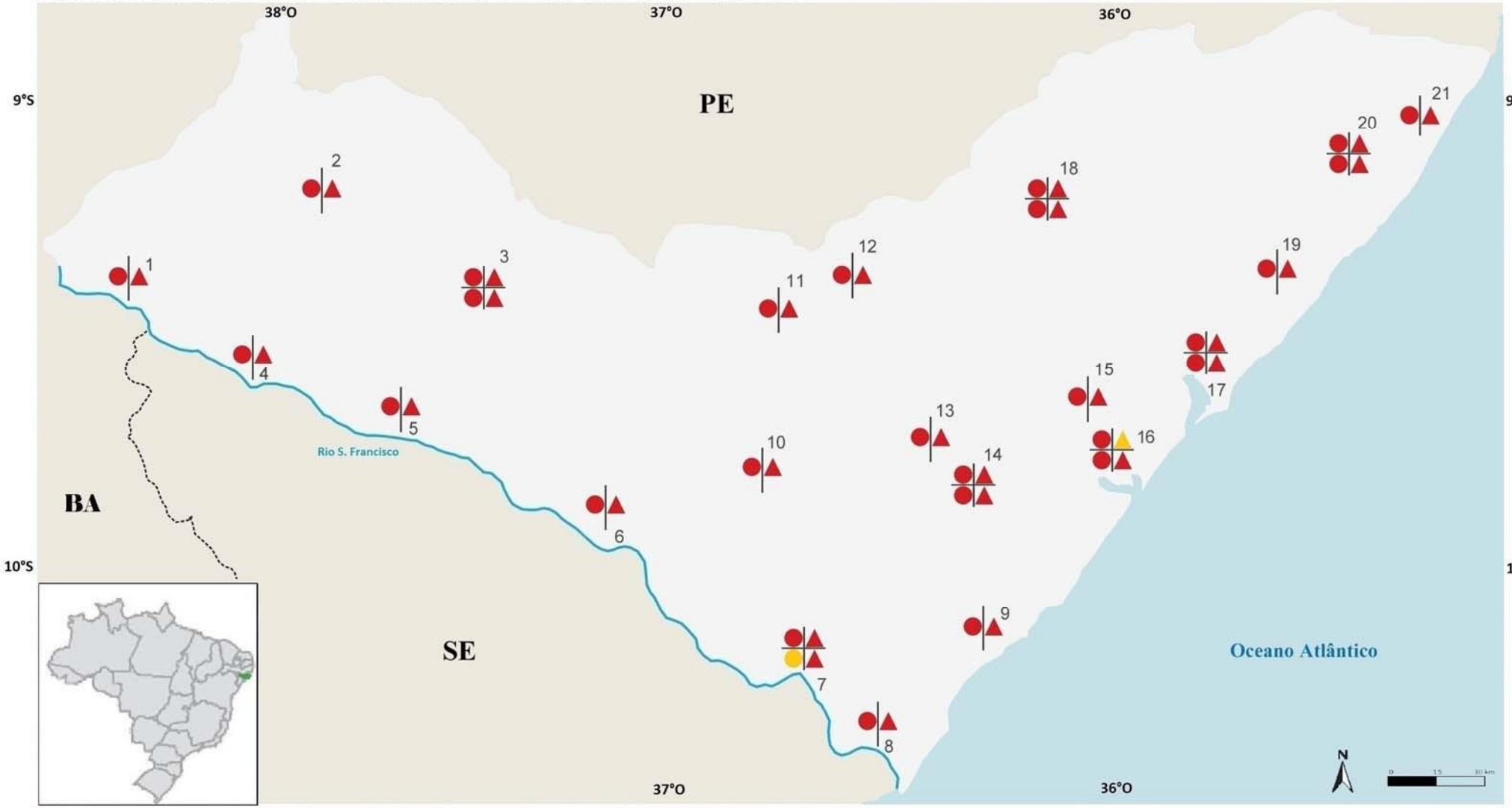
INF.M		INF.F	
22 comigo	2 mais eu	25 comigo	3 mais eu



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

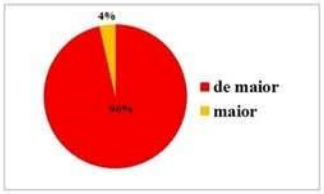
CARTA 40

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QMS 023
MAIOR / DE MAIOR

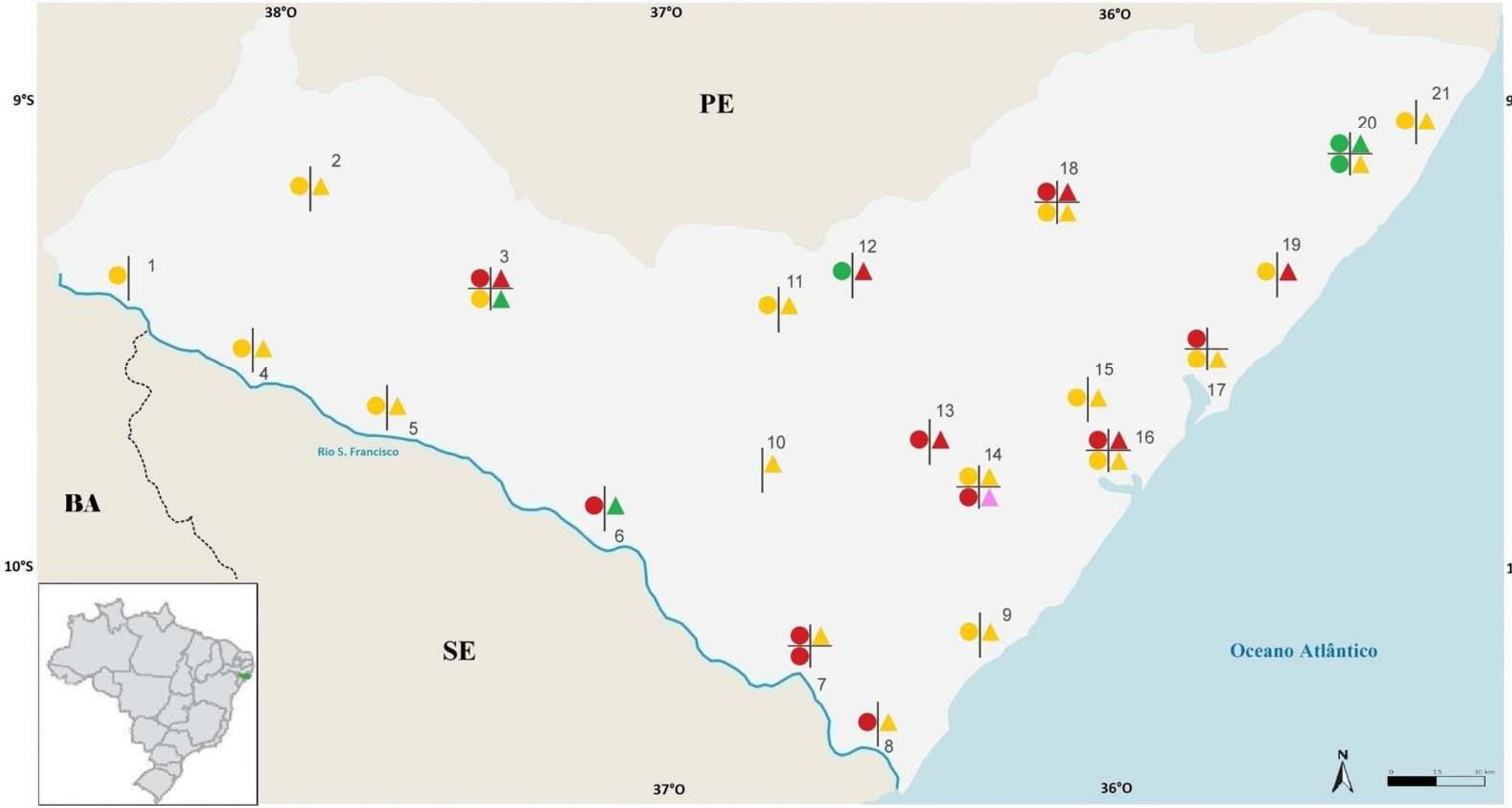
INF.M		INF.F	
27 de maior	1 maior	27 de maior	1 maior



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 41

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QMS 024

PRESENTE DO INDICATIVO

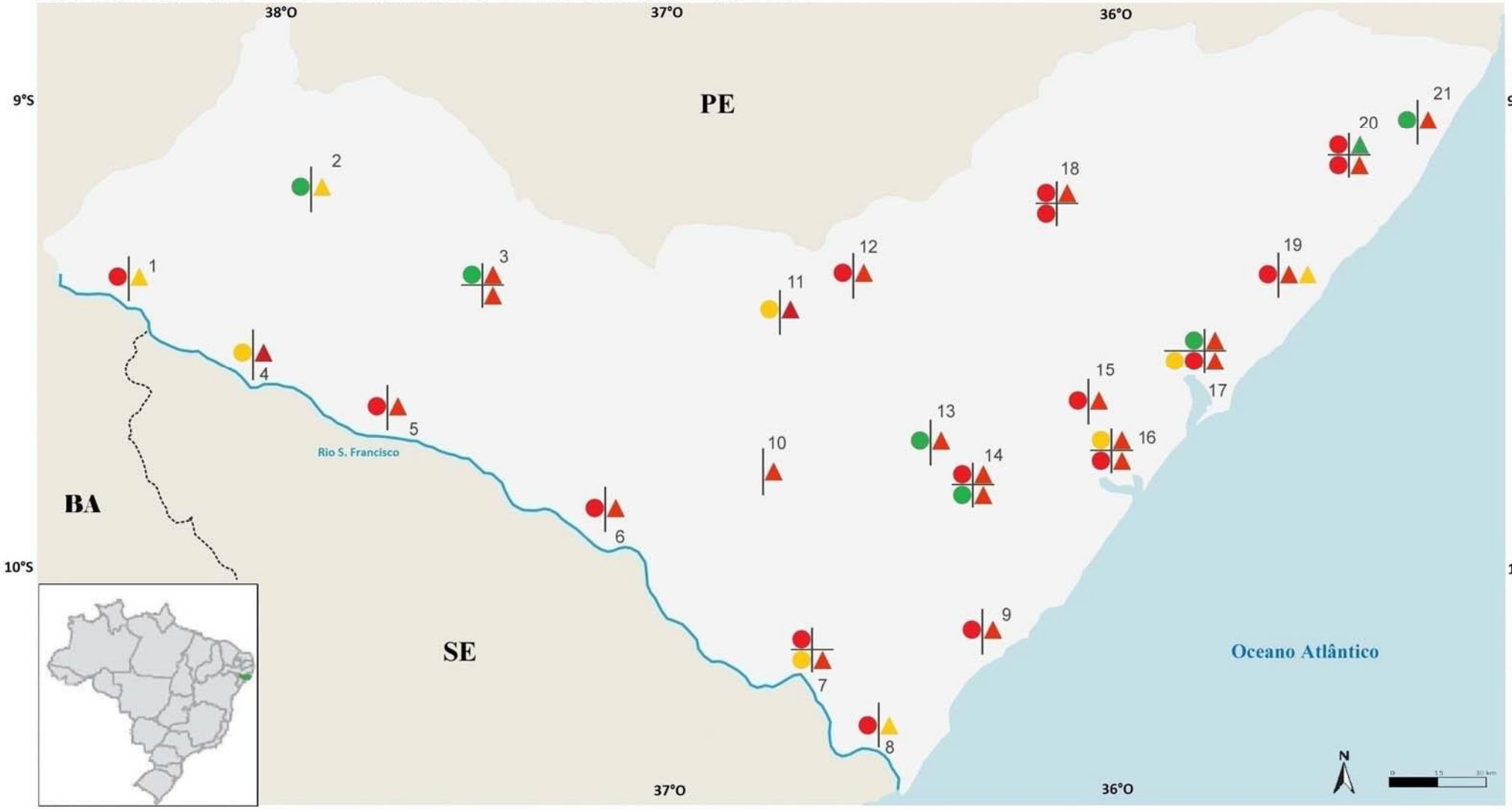
OUVIR (1ª pessoa do singular)
"O(a) senhor(a) ouve rádio / música?"

INF.M		INF.F	
10	ouço	6	ouço
14	omissão do verbo ouvir	15	omissão do verbo ouvir
3	ouvo	3	ouvo
0	oiço	1	oiço

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 42

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL

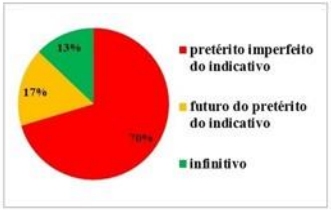


QMS 027

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

"O QUE FARIA SE GANHASSE NA LOTERIA?"

INF.M		INF.F	
16	pretérito imperfeito do indicativo	22	pretérito imperfeito do indicativo
5	futuro do pretérito do indicativo	4	futuro do pretérito do indicativo
6	infinitivo	1	infinitivo



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015

Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas

Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática : Ricardo Chicarelli (Brasil)

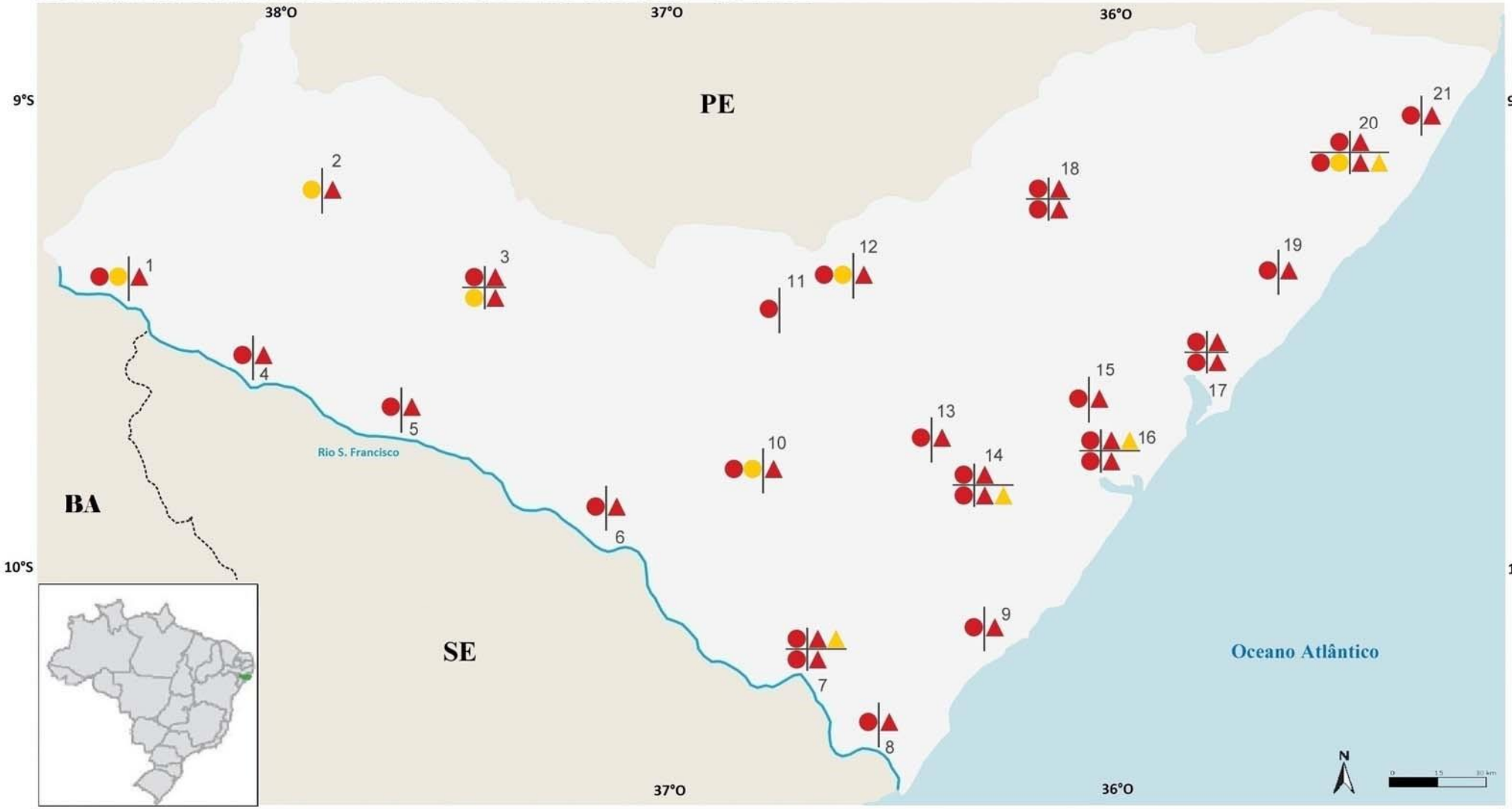
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)

Edição final: Michel Garambois (França)

Brasil – França, 2016

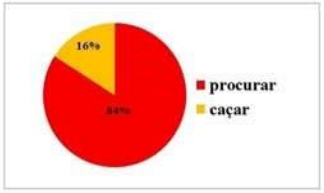
CARTA 43

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QMS 030
PROCURAR

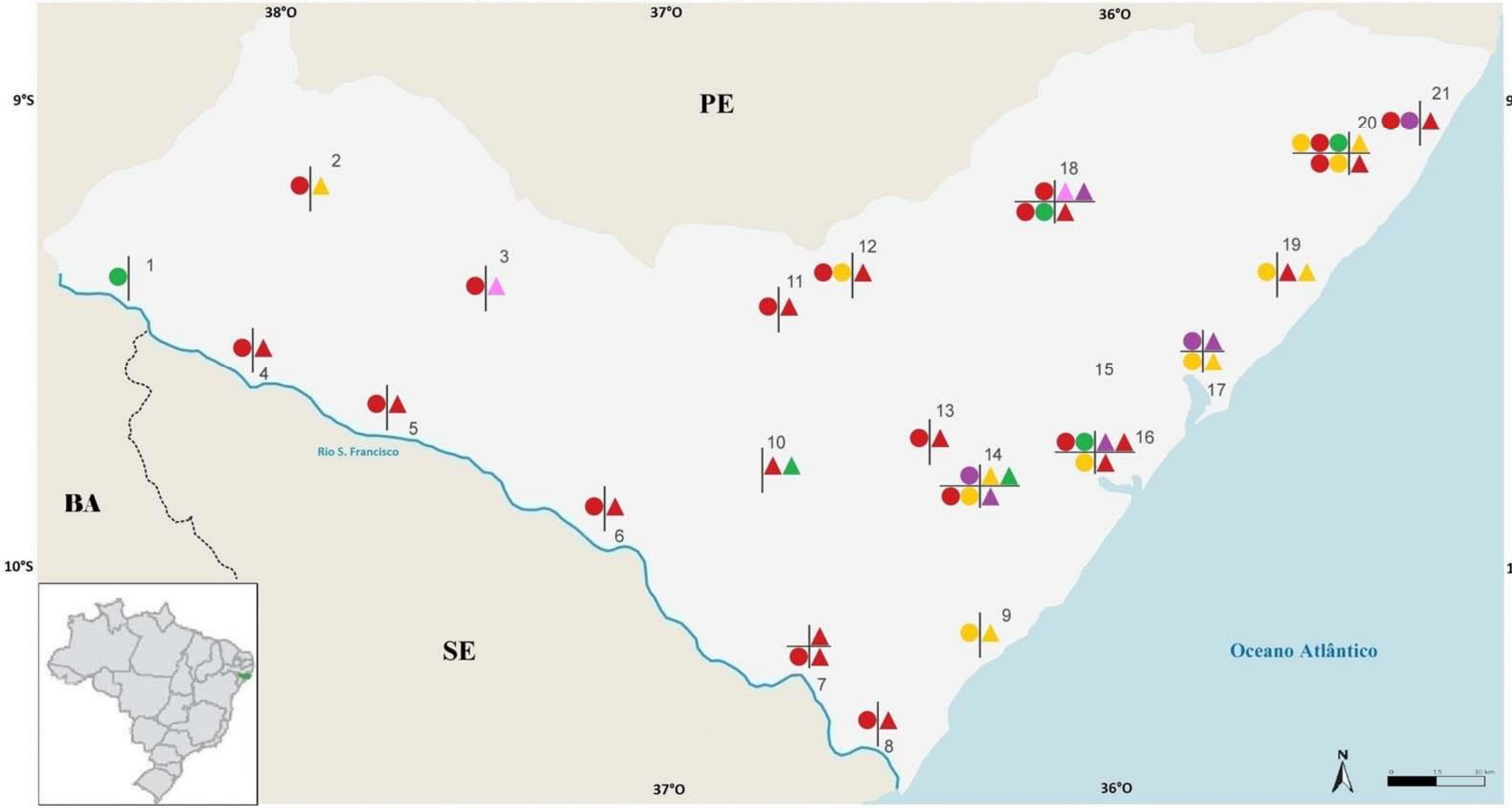
INF.M		INF.F	
26 procurar	6 caçar	27 procurar	4 caçar



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 44

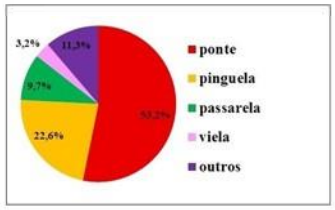
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 002

PINGUELA

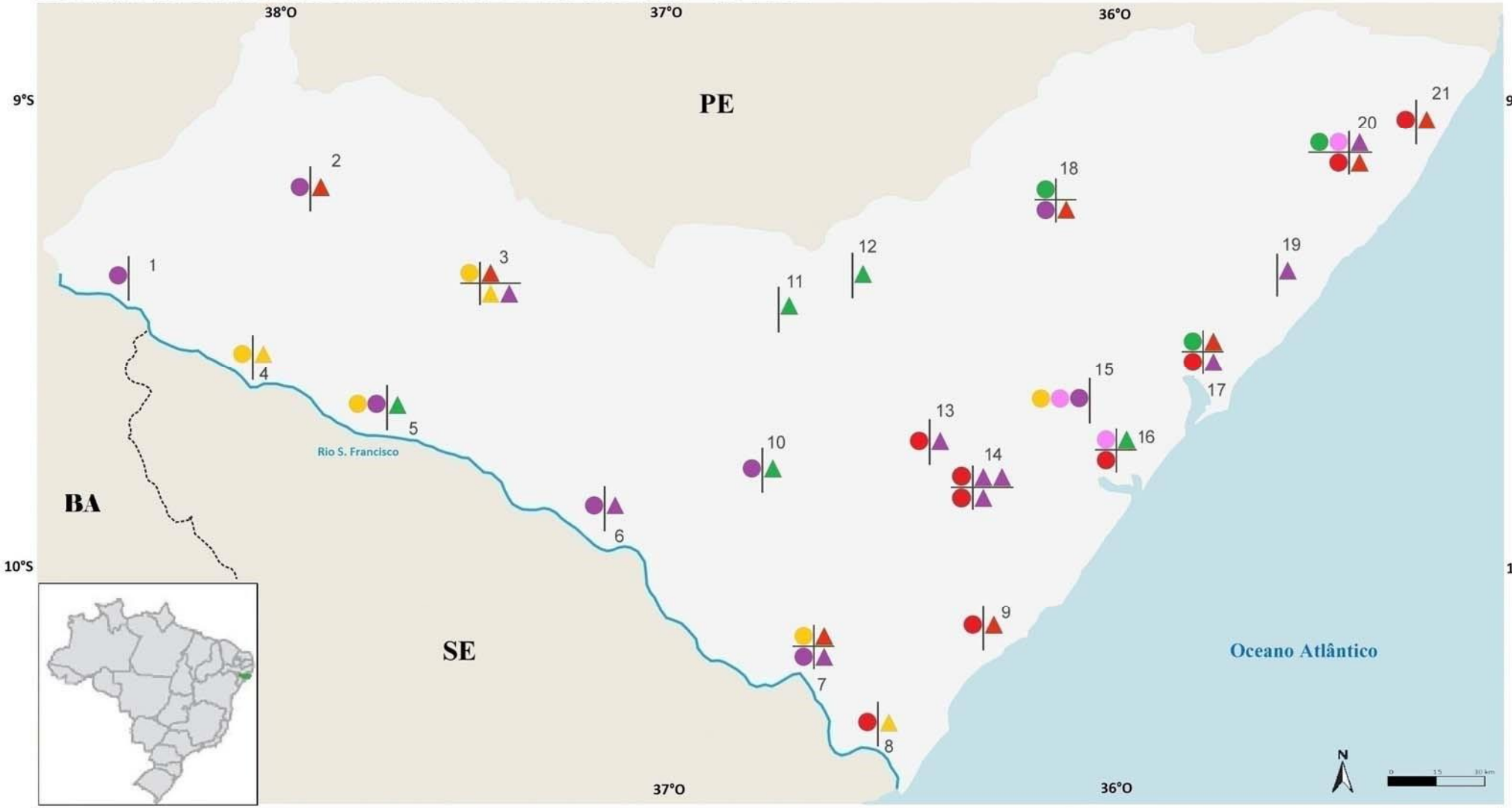
INF.M		INF.F	
17	ponte	16	ponte
8	pinguela	6	pinguela
4	passarela	2	passarela
0	viela	2	viela
3	outros	4	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

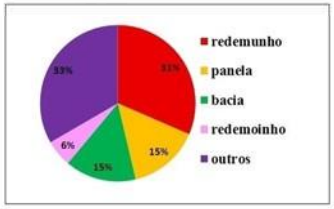
CARTA 45

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 004
REDEMOINHO (DE ÁGUA)

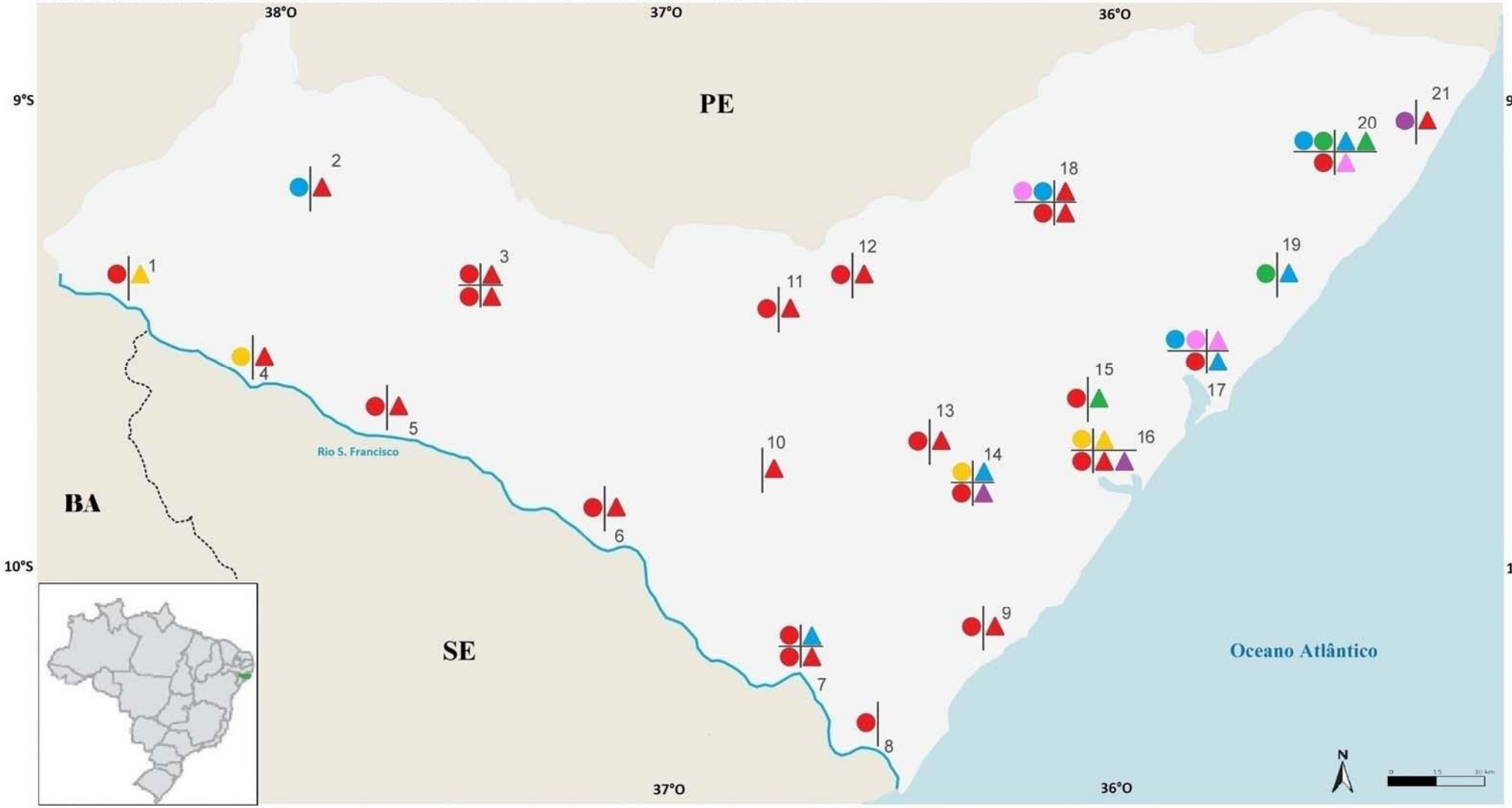
INF.M		INF.F	
9	redemunho	8	redemunho
5	panela	3	panela
3	bacia	5	bacia
3	redemoinho	0	redemoinho
8	outros	10	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

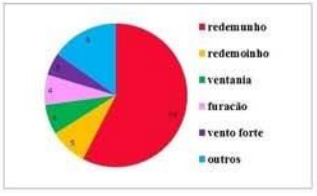
CARTA 46

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 007
REDEMOINHO DE VENTO

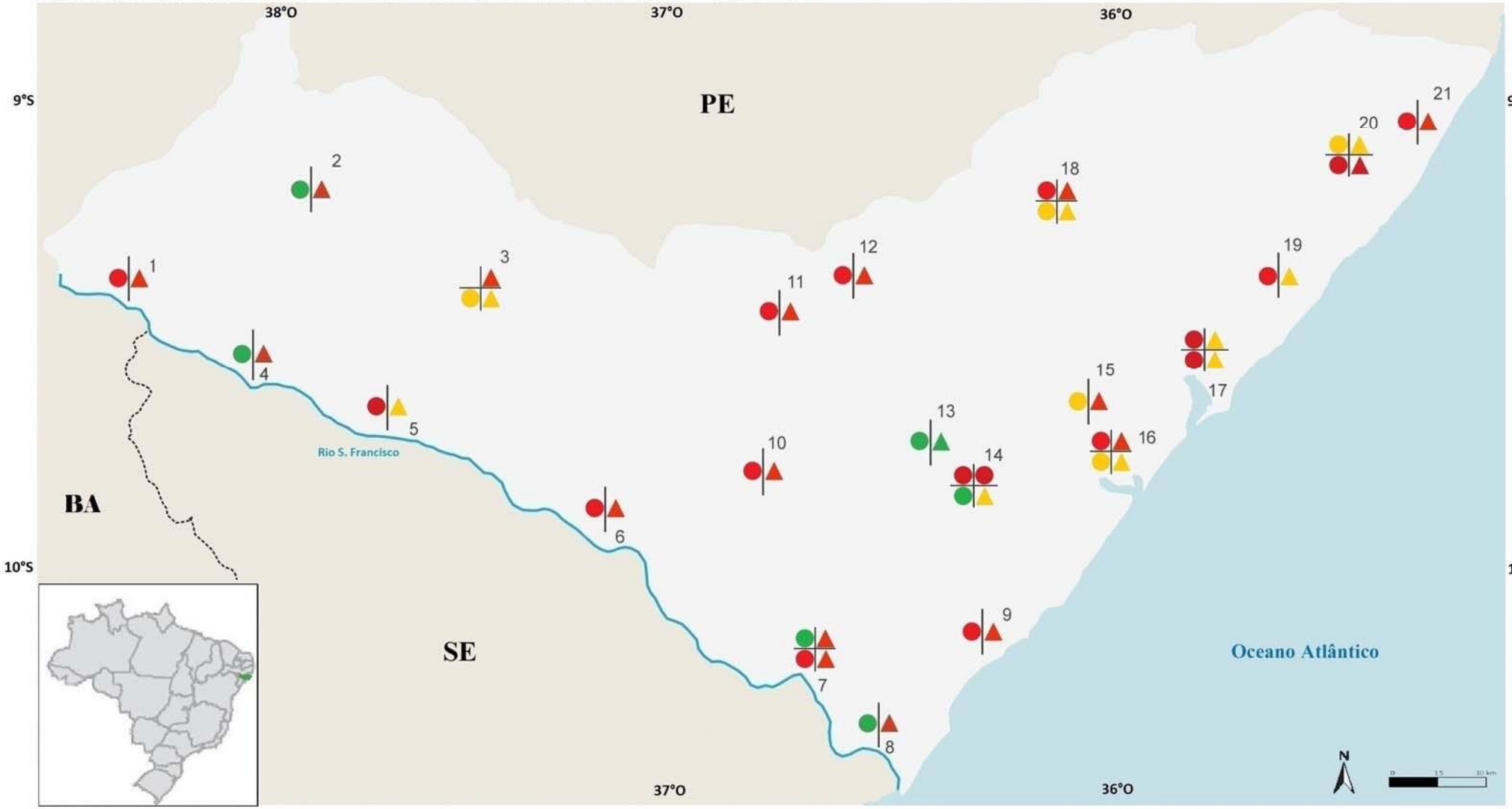
INF.M		INF.F	
18	redemunho	16	redemunho
3	redemoinho	2	redemoinho
2	ventania	2	ventania
2	furacão	2	furacão
1	vento forte	2	vento forte
4	outros	5	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 47

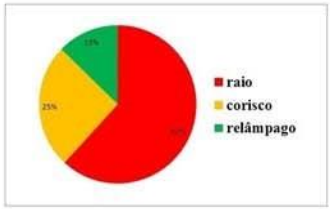
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 009

RAIO

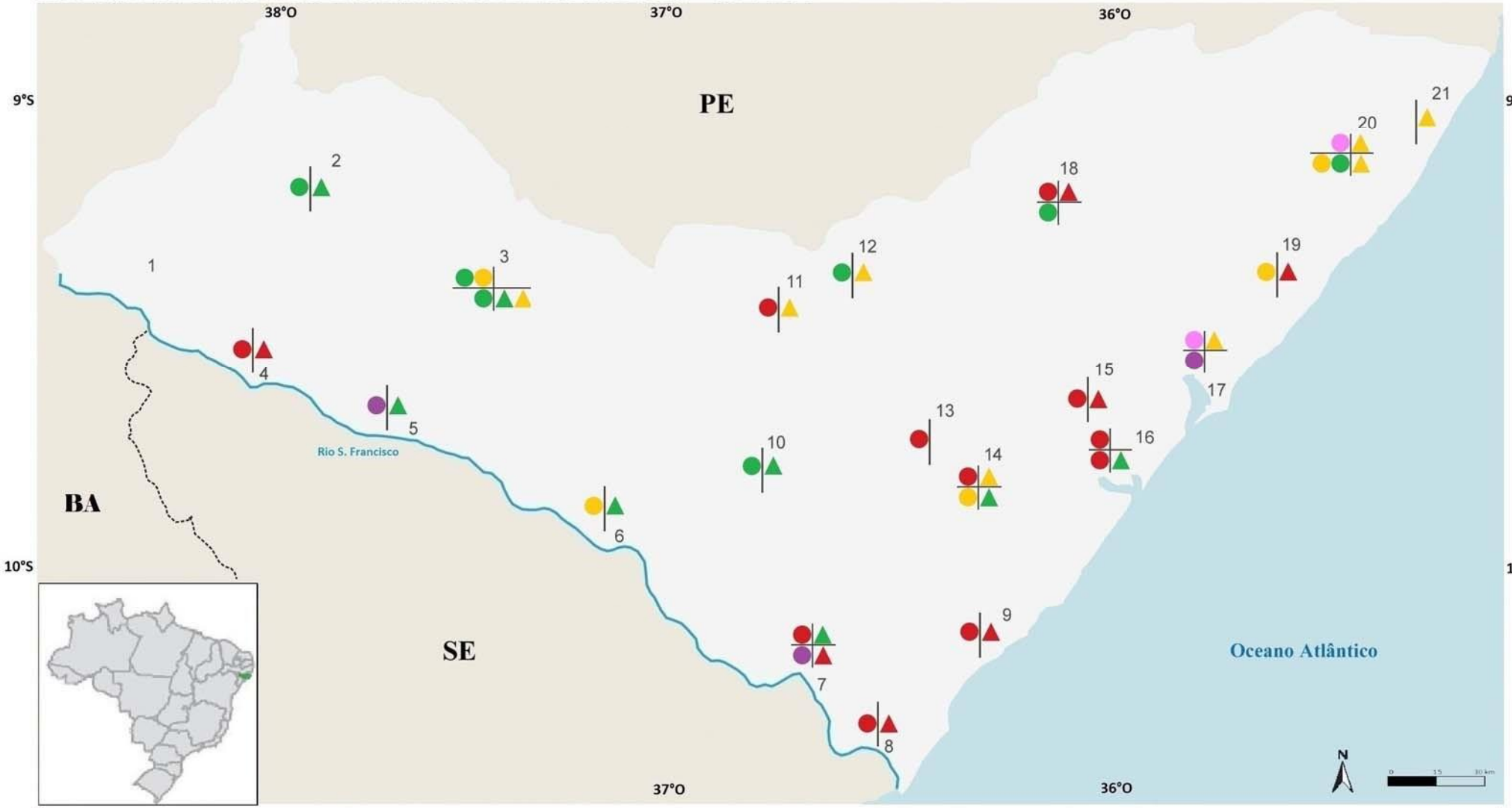
INF.M		INF.F	
17 raio		17 raio	
5 corisco		9 corisco	
6 relâmpago		1 relâmpago	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

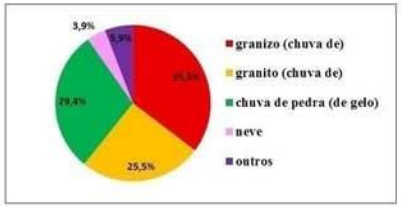
CARTA 48

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 013

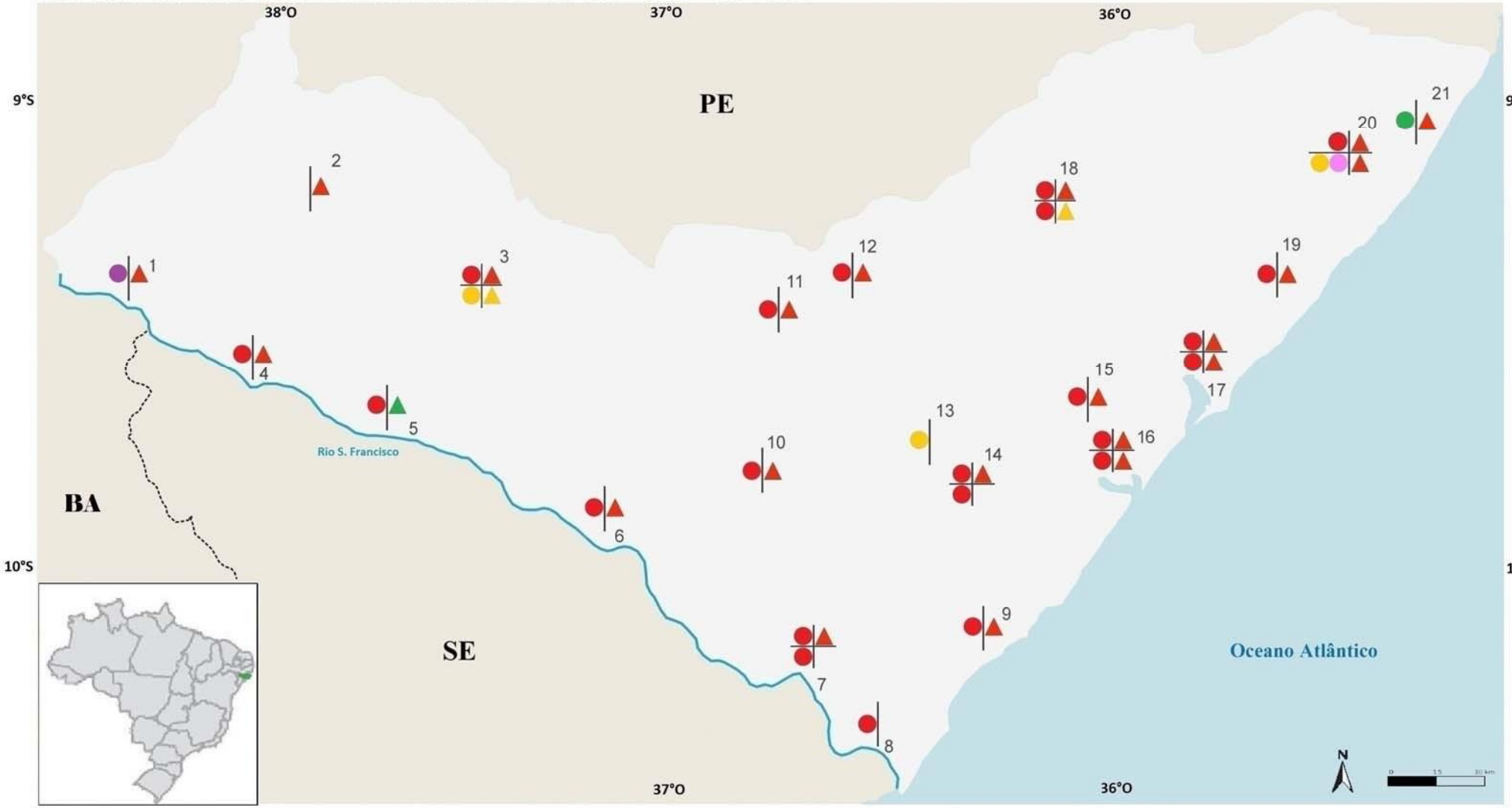
GRANIZO



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 49

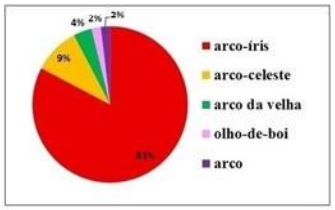
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 015

ARCO-ÍRIS

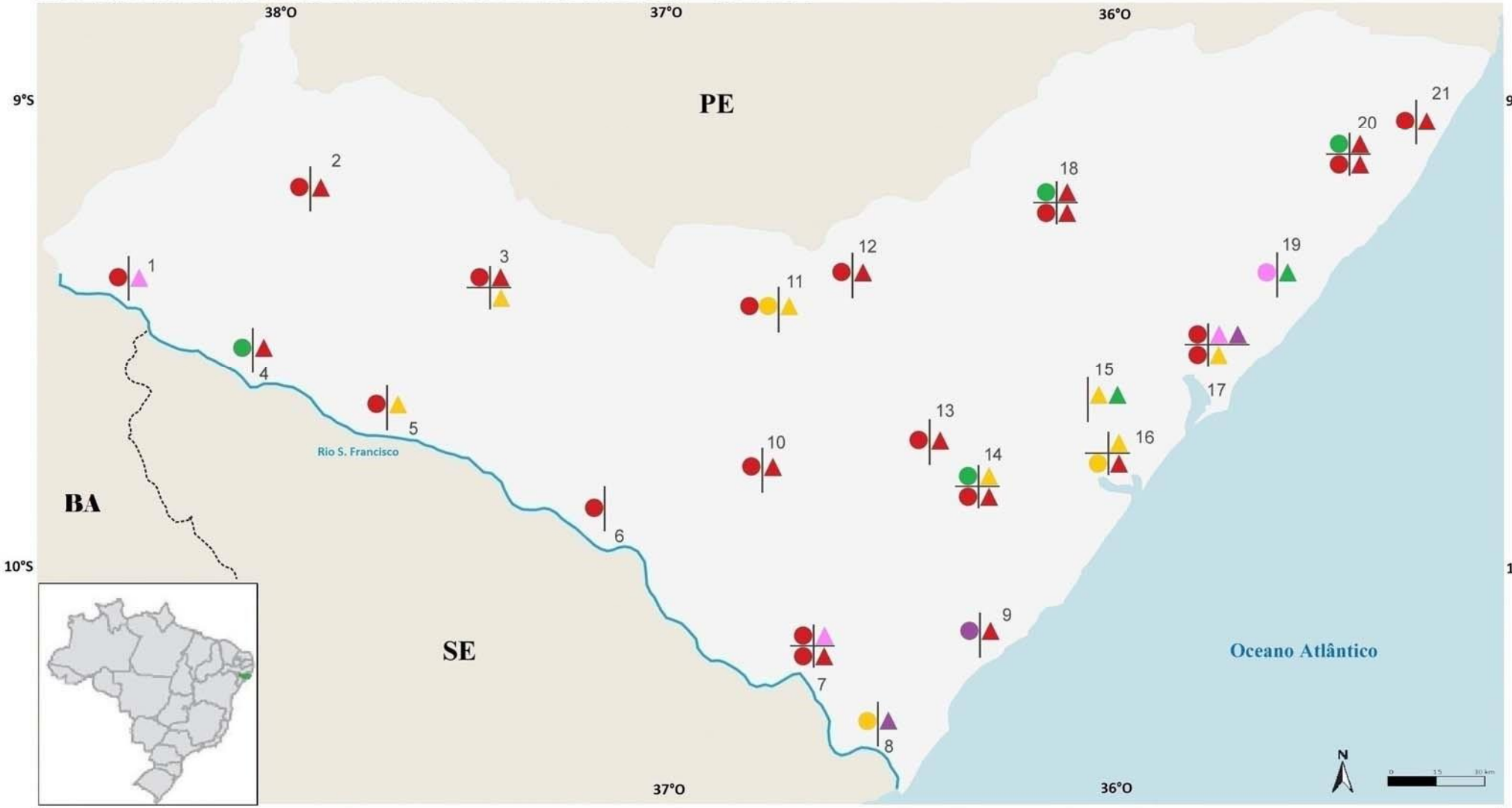
INF.M		INF.F	
22	arco-íris	21	arco-íris
3	arco-celeste	2	arco-celeste
1	arco da velha	1	arco da velha
1	olho-de-boi	0	olho-de-boi
1	arco	0	arco



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 50

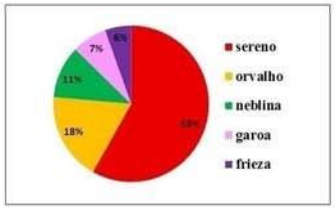
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 017

ORVALHO

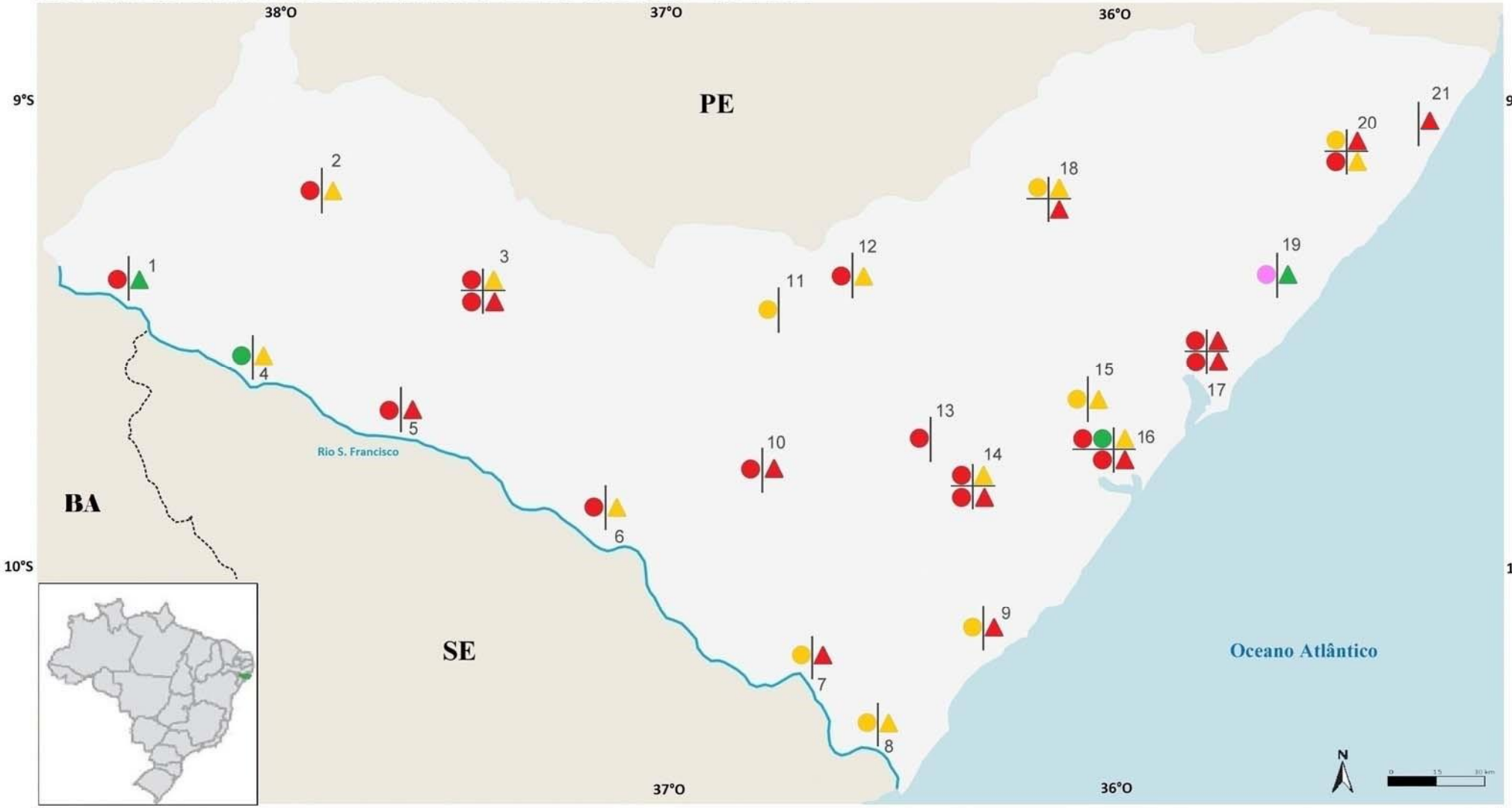
INF.M		INF.F	
17	sereno	15	sereno
3	orvalho	7	orvalho
4	neblina	2	neblina
1	garoa	3	garoa
1	frieza	2	frieza



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

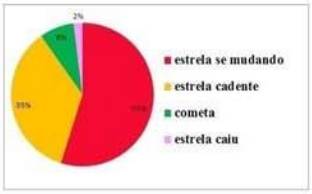
CARTA 51

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 023
ESTRELA CADENTE

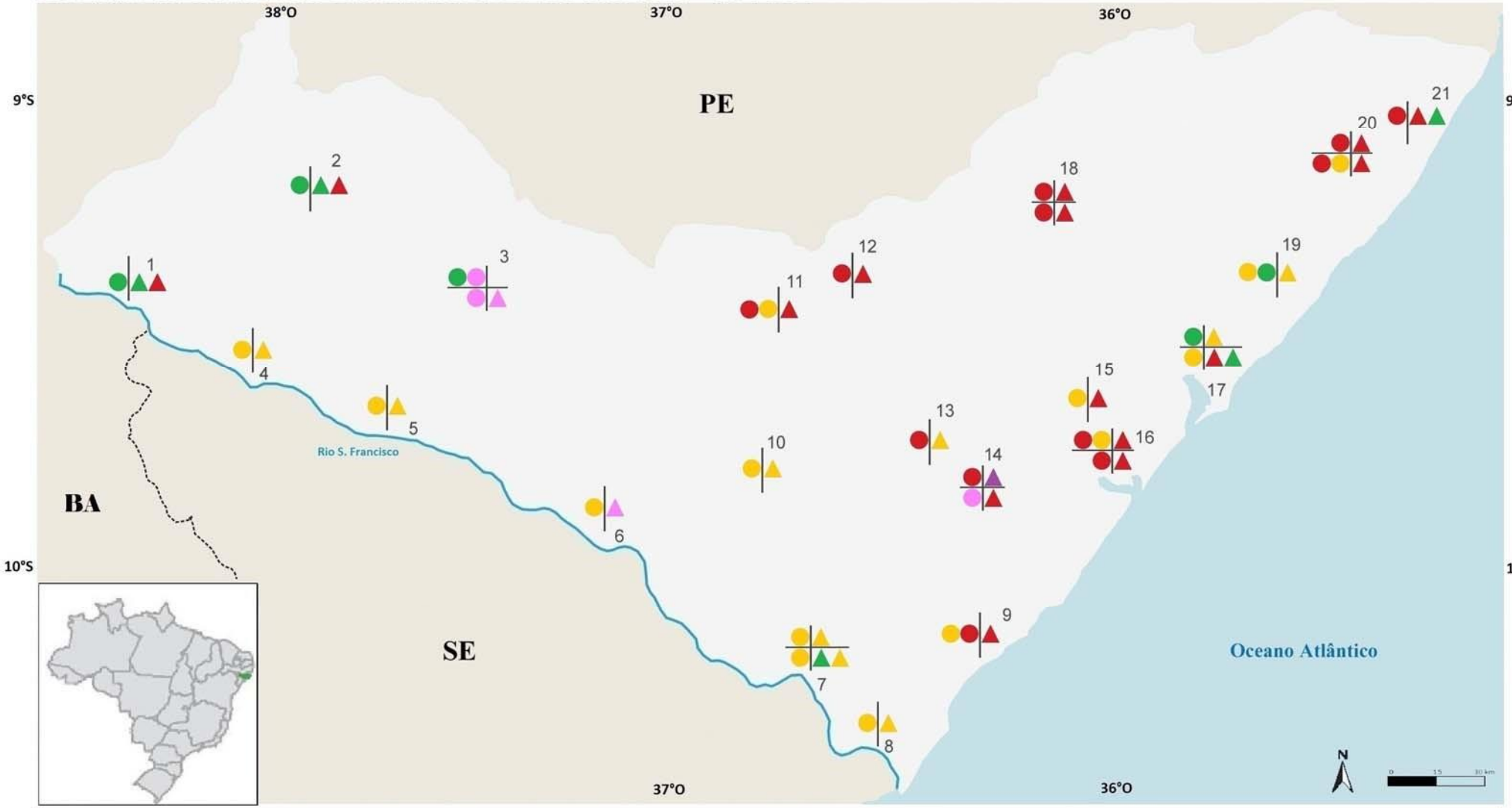
INF.M		INF.F	
16	estrela se mudando	12	estrela se mudando
7	estrela cadente	11	estrela cadente
2	cometa	2	cometa
1	estrela caiu	0	estrela caiu



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 52

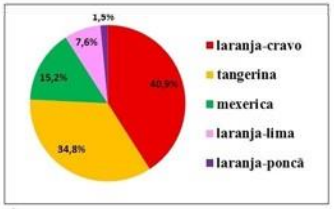
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 028

TANGERINA

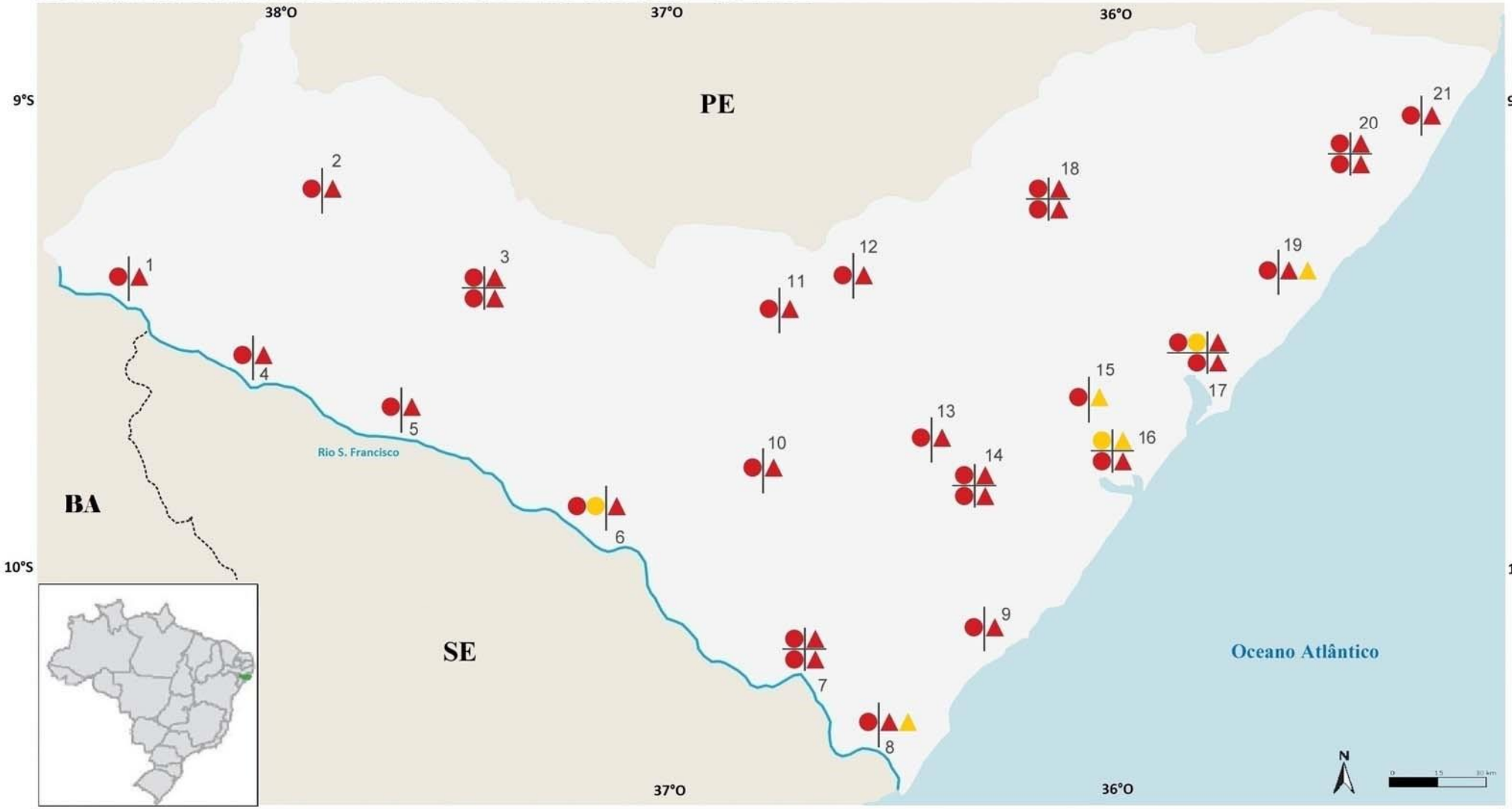
INF.M		INF.F	
12	laranja-cravo	15	laranja-cravo
14	tangerina	9	tangerina
5	mexerica	5	mexerica
3	laranja-lima	2	laranja-lima
0	laranja-poncã	1	laranja-poncã



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

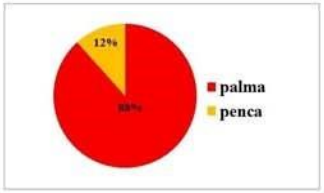
CARTA 53

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 032
PENCA

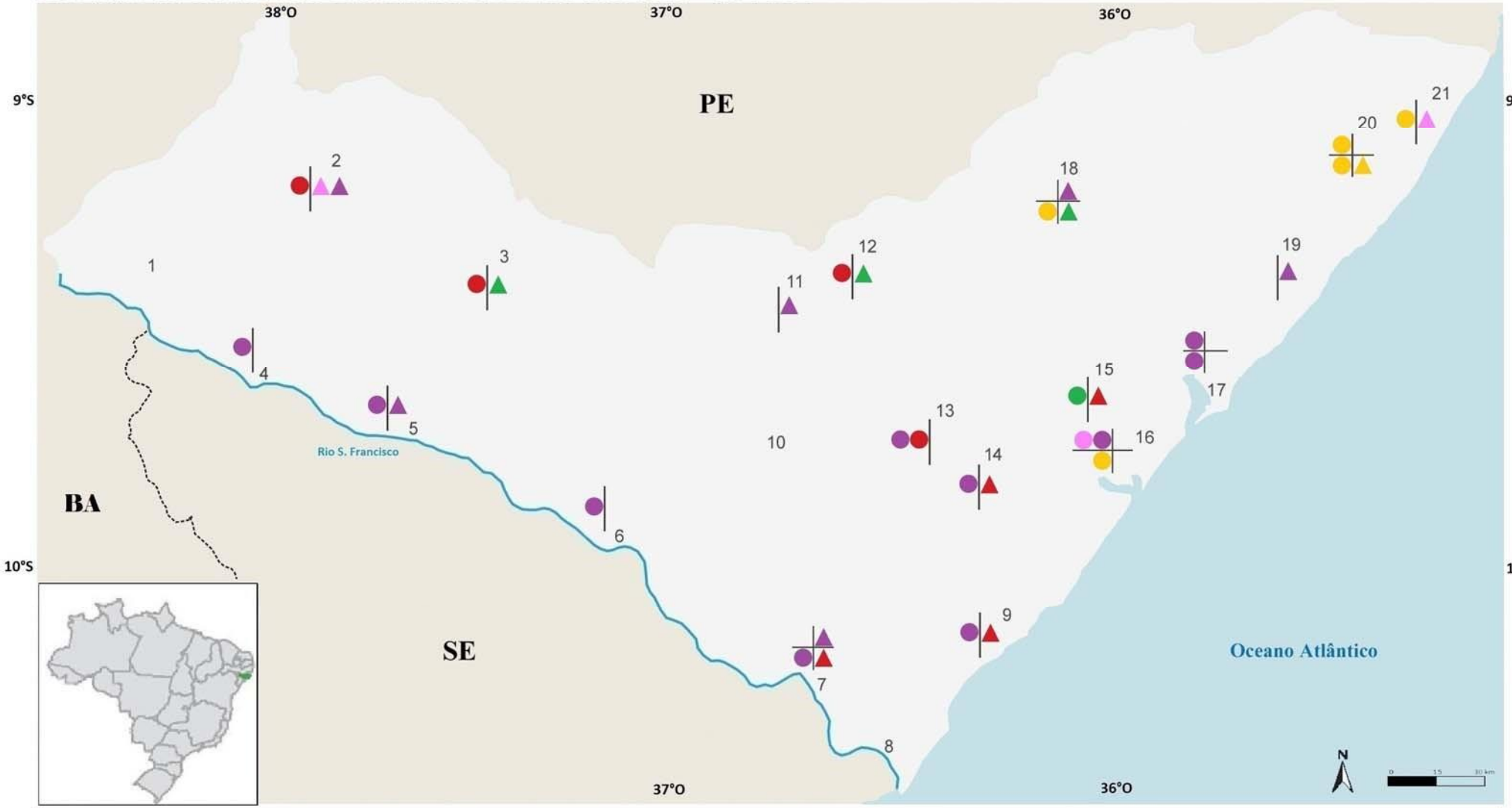
INF.M		INF.F	
27 palma		26 palma	
3 penca		4 penca	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 54

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 033

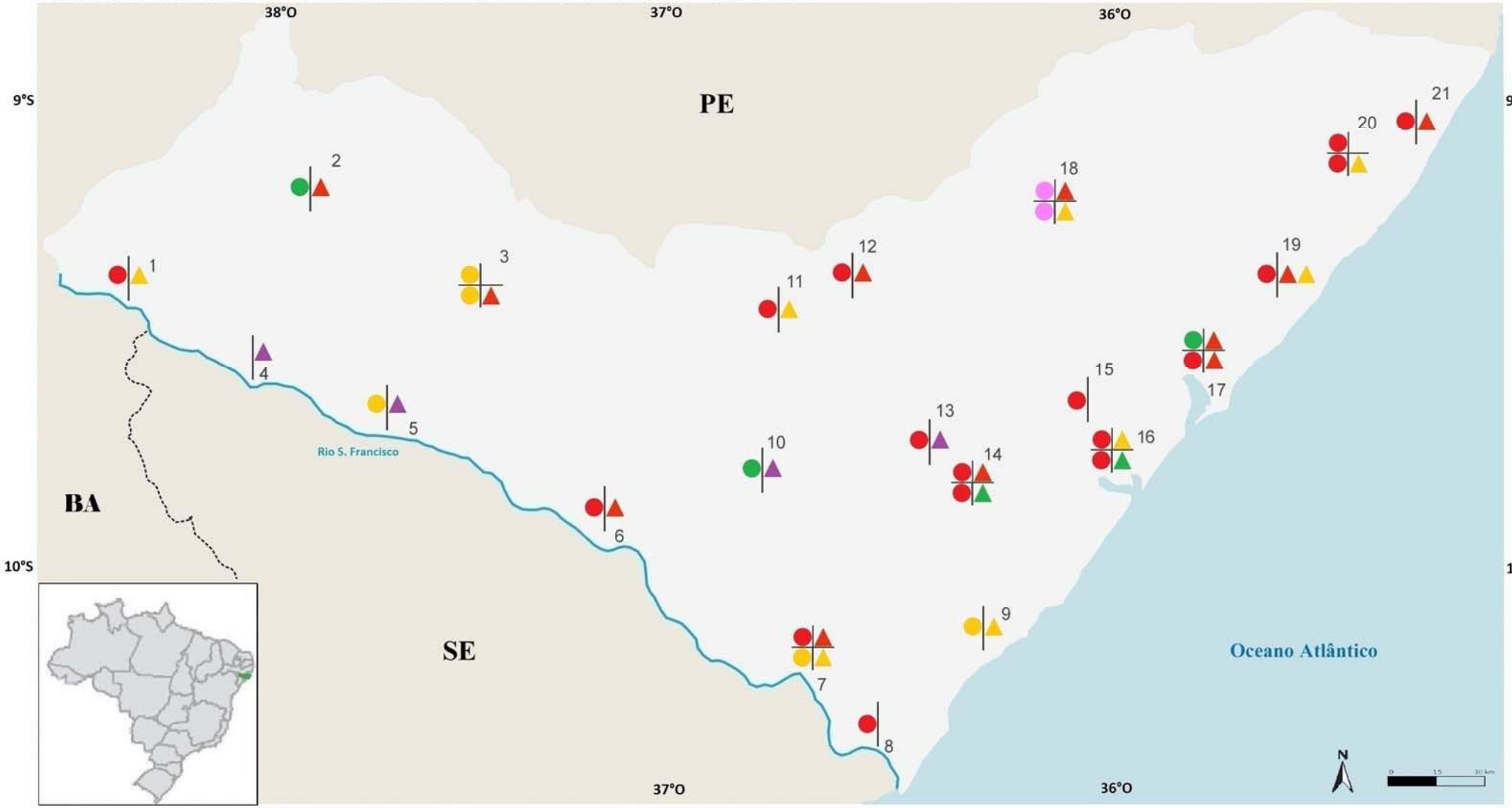
EXTREMIDADE BULBOSA DA INFLORESCÊENCIA DA BANANEIRA

INF.M		INF.F	
4 buzugo/buzu		4 buzugo/buzu	
5 mangará		1 mangará	
1 coração		3 coração	
1 pendão		2 pendão	
10 outros		6 outros	

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática : Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

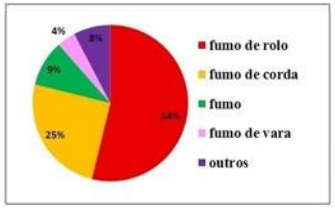
CARTA 55

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 040
FUMO DE ROLO

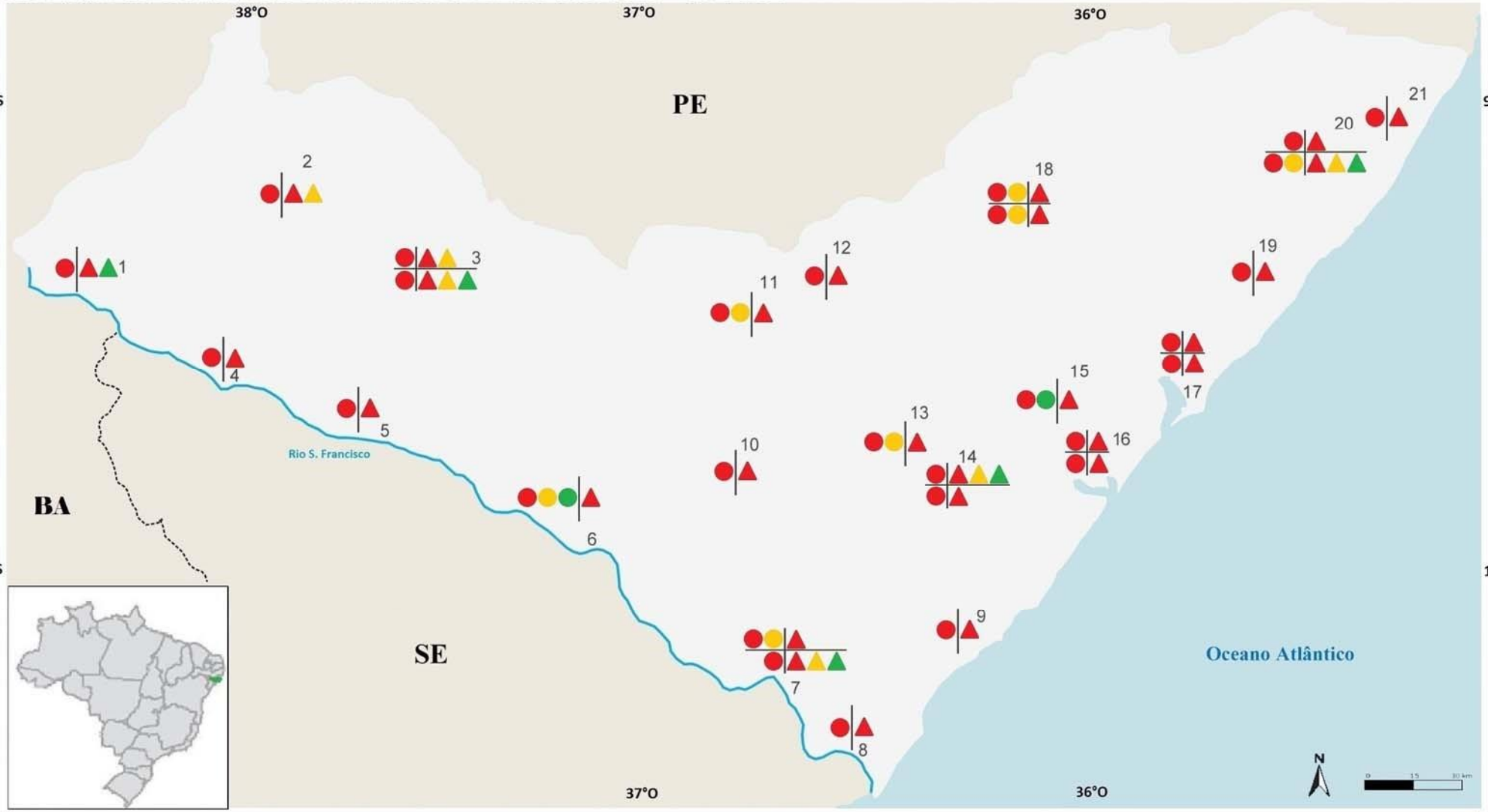
INF.M		INF.F	
17	fumo de rolo	11	fumo de rolo
5	fumo de corda	8	fumo de corda
3	fumo	2	fumo
2	fumo de vara	0	fumo de vara
0	outros	4	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 56

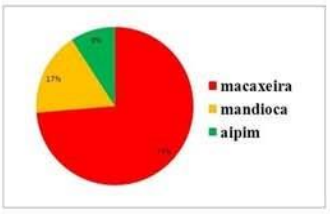
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 044

MANDIOCA

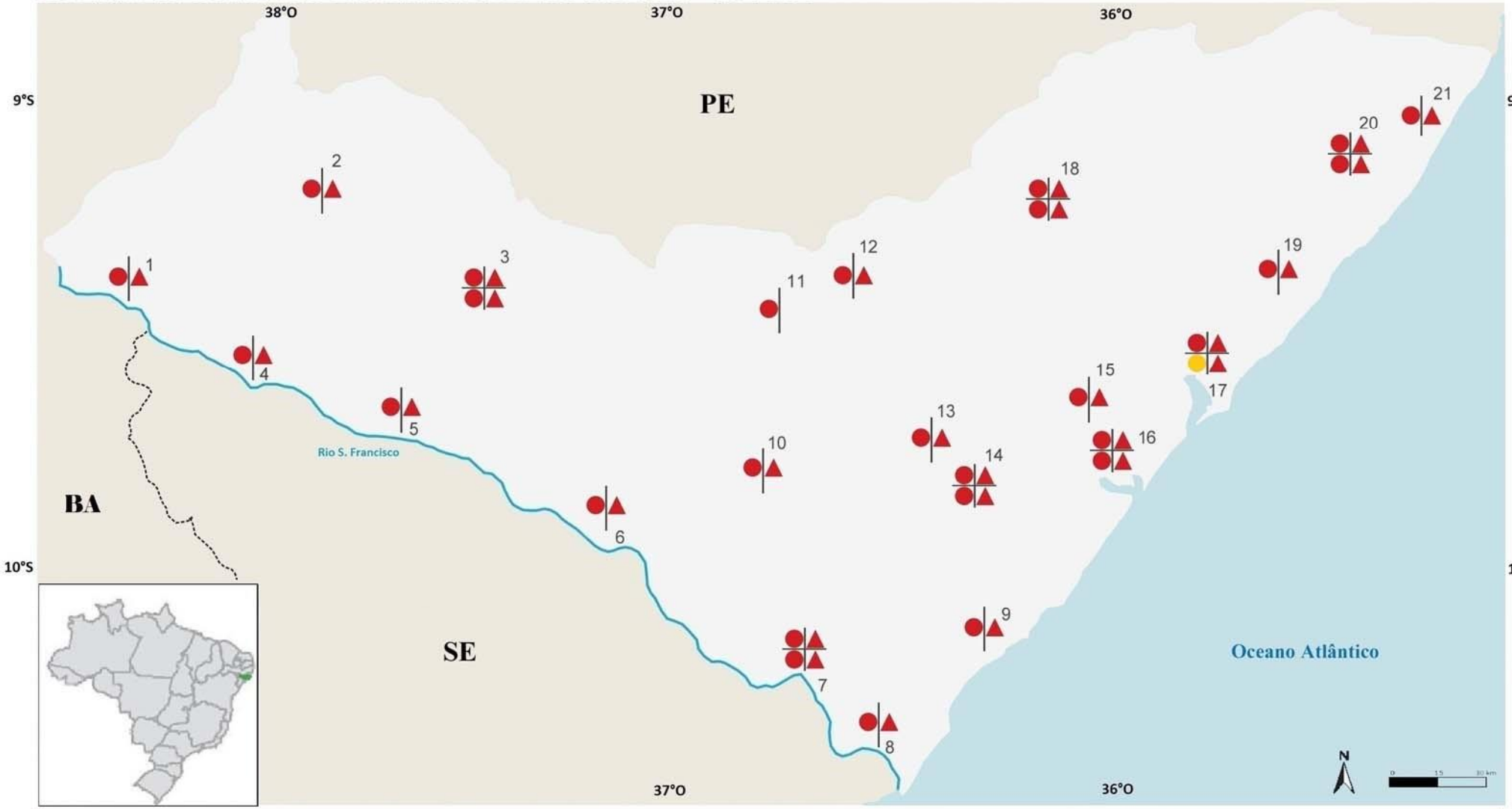
INF.M		INF.F	
28	macaxeira	28	macaxeira
7	mandioca	6	mandioca
2	aipim	5	aipim



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

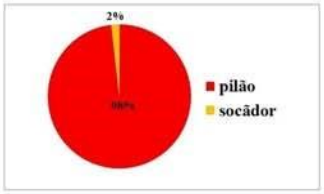
CARTA 57

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 047
PILÃO

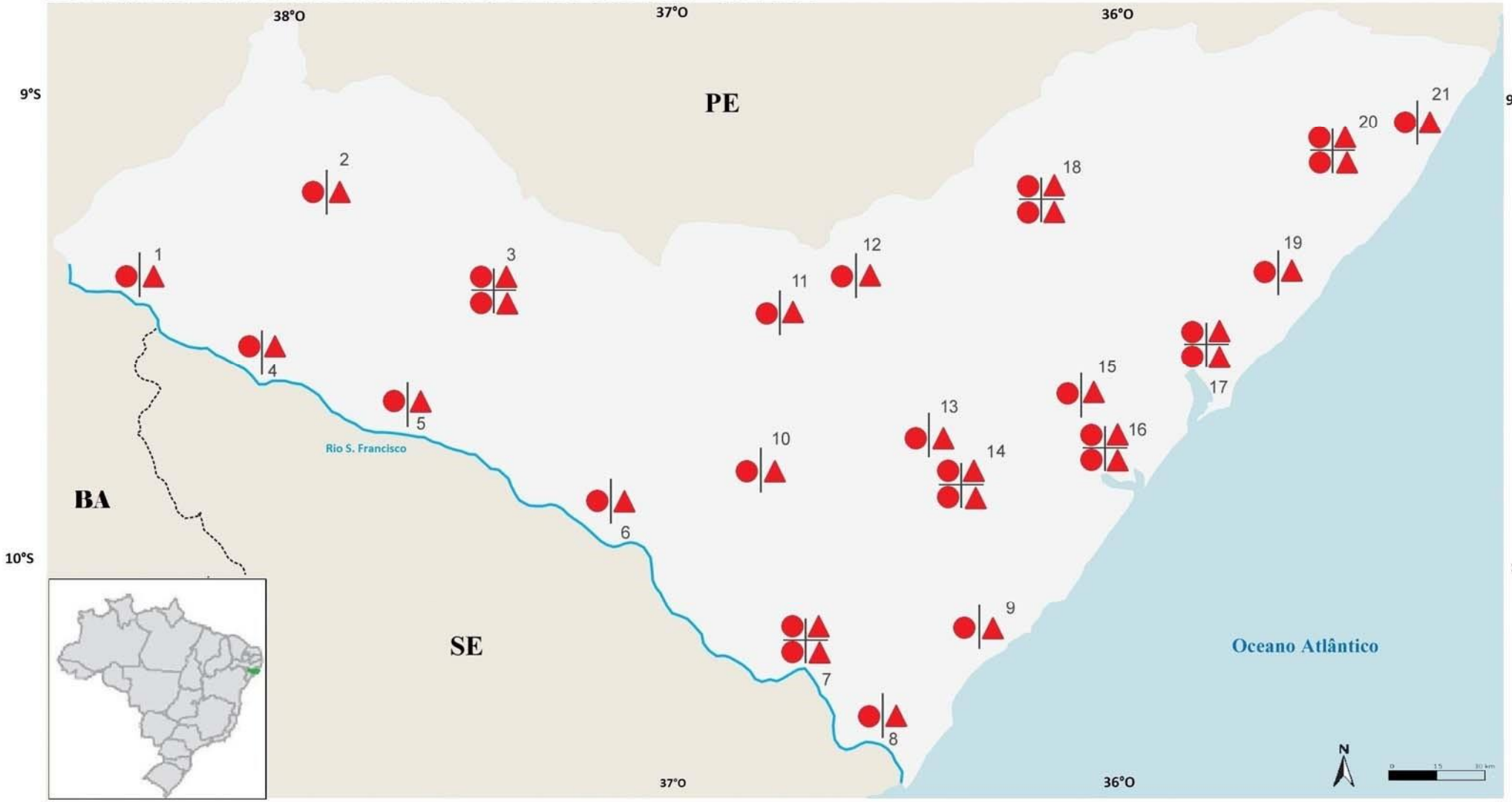
INF.M		INF.F	
27 pilão		27 pilão	
1 socãdor		0 socãdor	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 58

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSF 055
URUBU

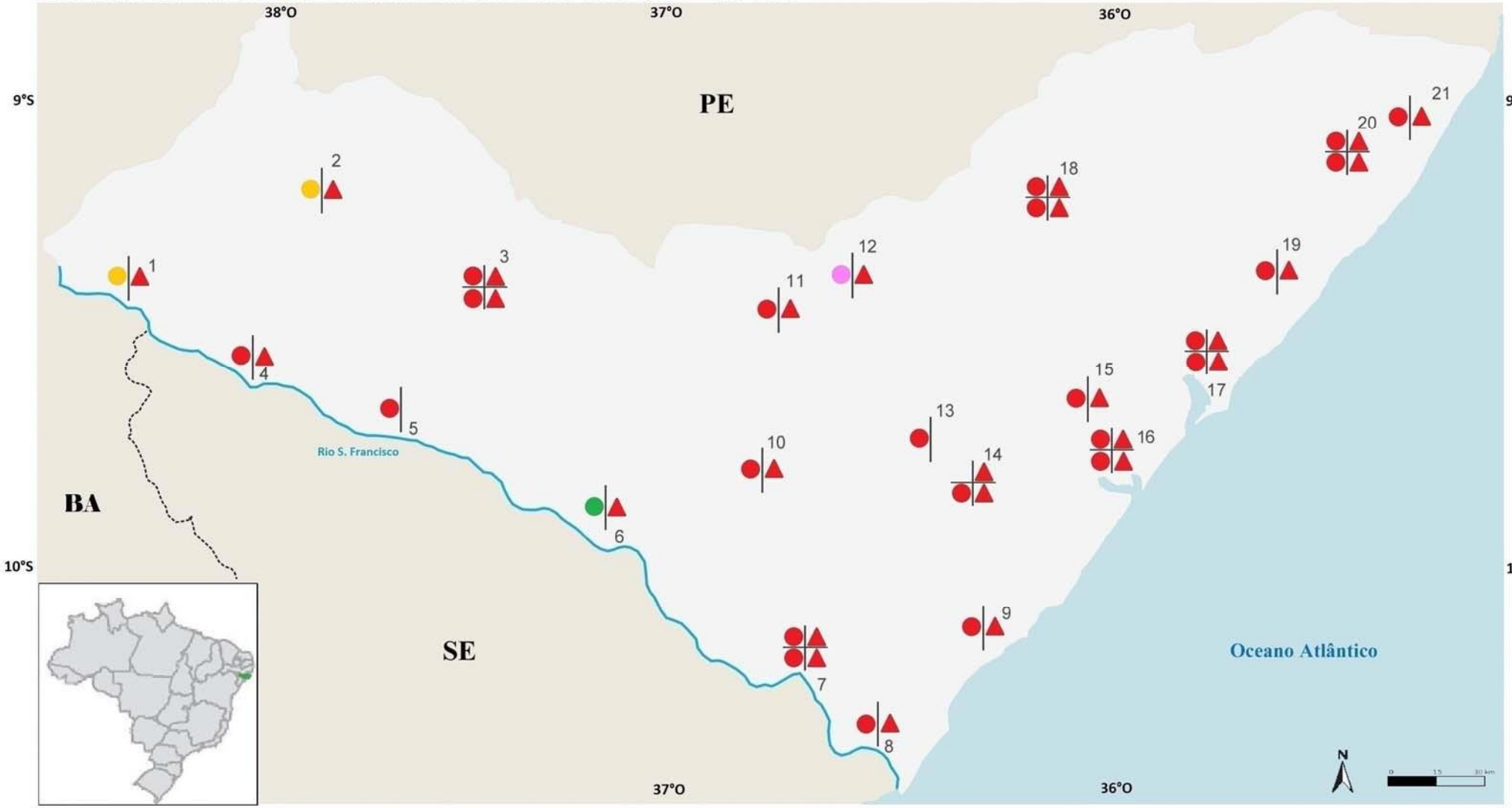
INF.M	INF.F
28 urubu	28 urubu

urubu

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 59

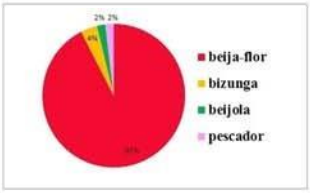
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 056

BEIJA-FLOR

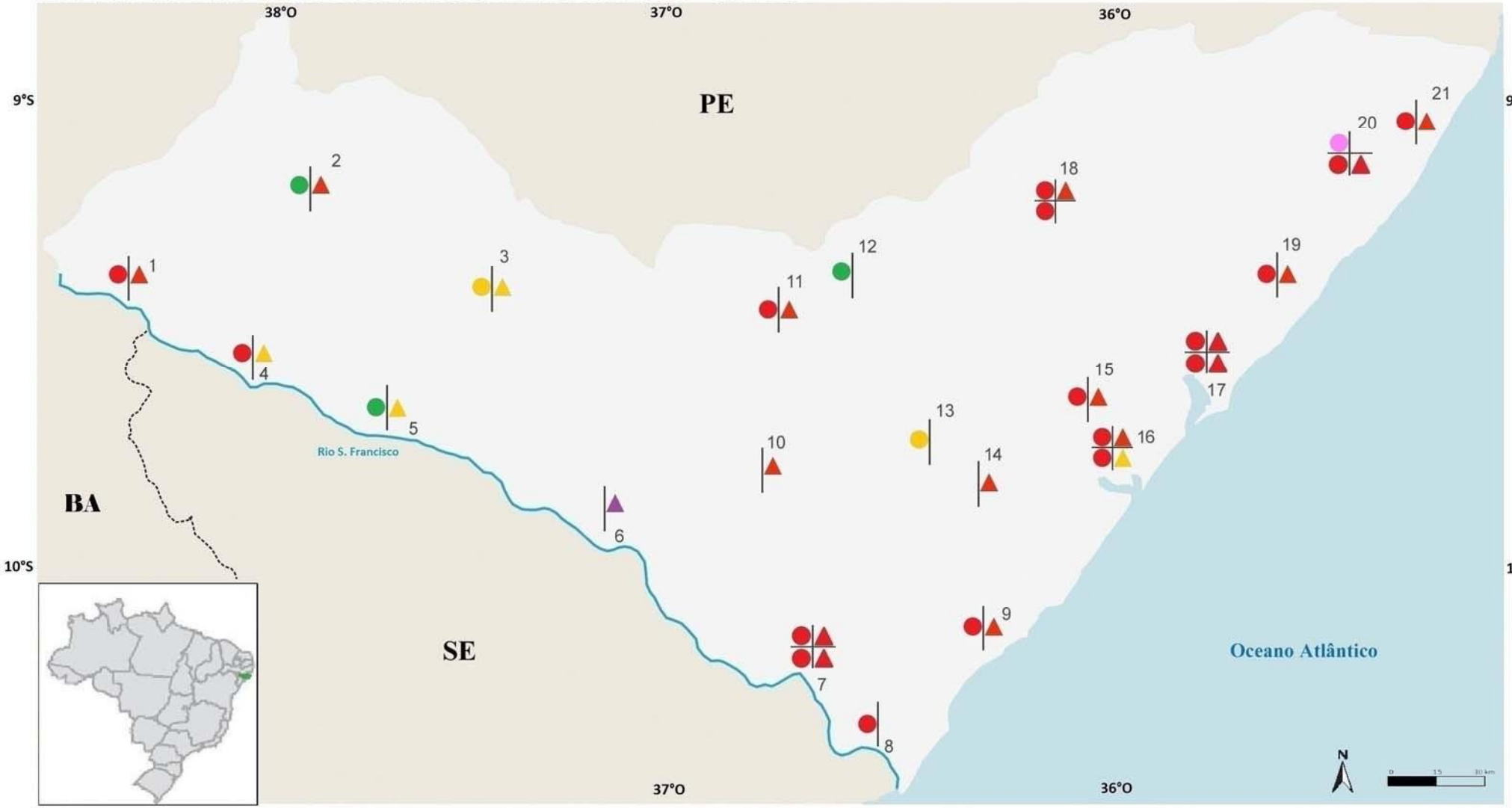
INF.M		INF.F	
23	beija-flor	26	beija-flor
2	bizunga	0	bizunga
1	beijola	0	beijola
1	pescador	0	pescador



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 60

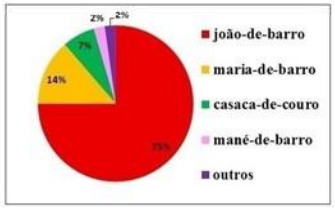
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 057

JOÃO-DE-BARRO

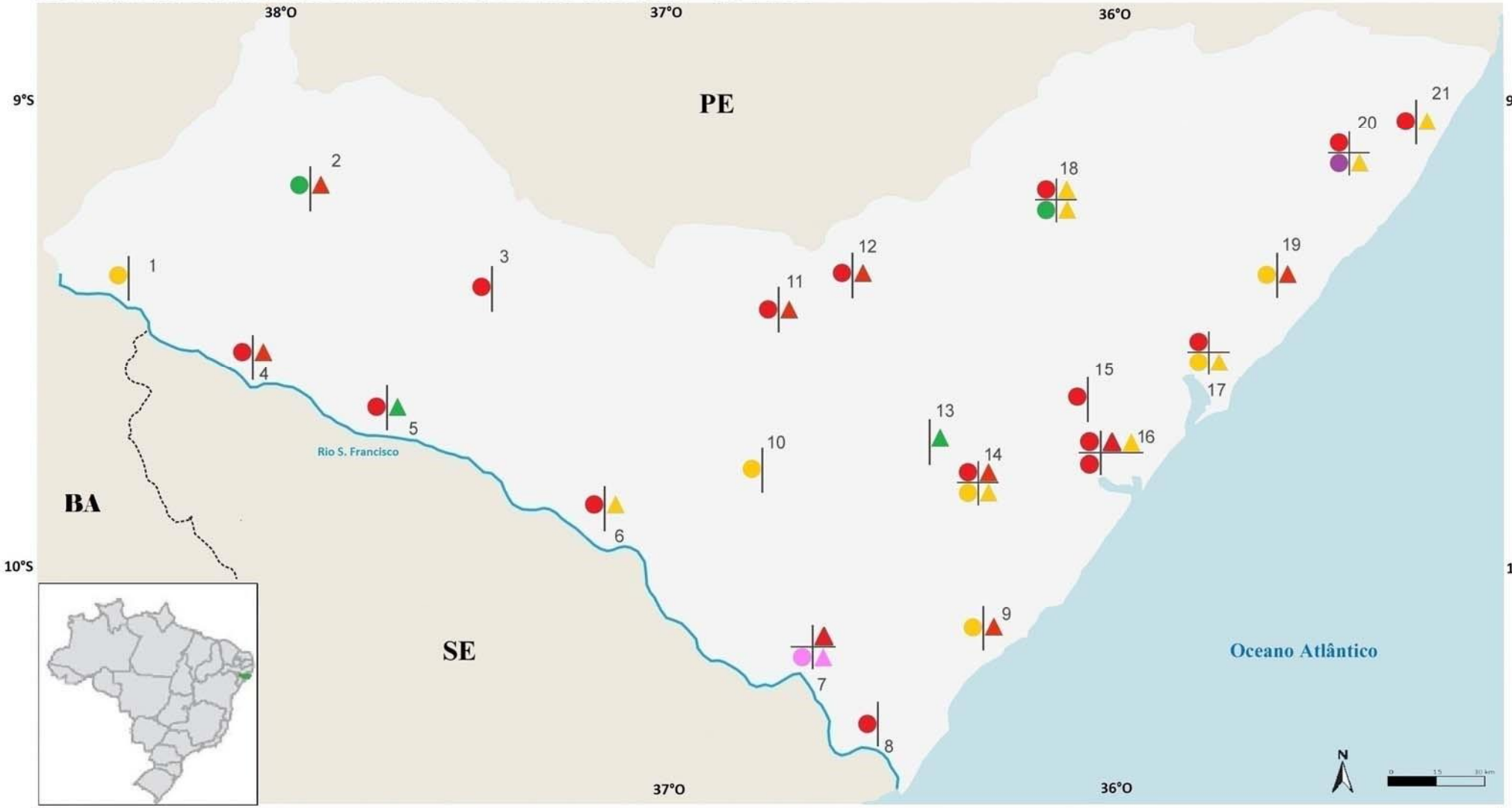
INF.M		INF.F	
17	joão-de-barro	16	joão-de-barro
2	maria-de-barro	4	maria-de-barro
3	casaca-de-couro	0	casaca-de-couro
1	mané-de-barro	0	mané-de-barro
0	outros	1	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 61

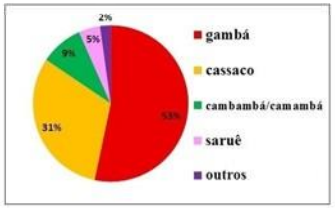
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 062

GAMBÁ

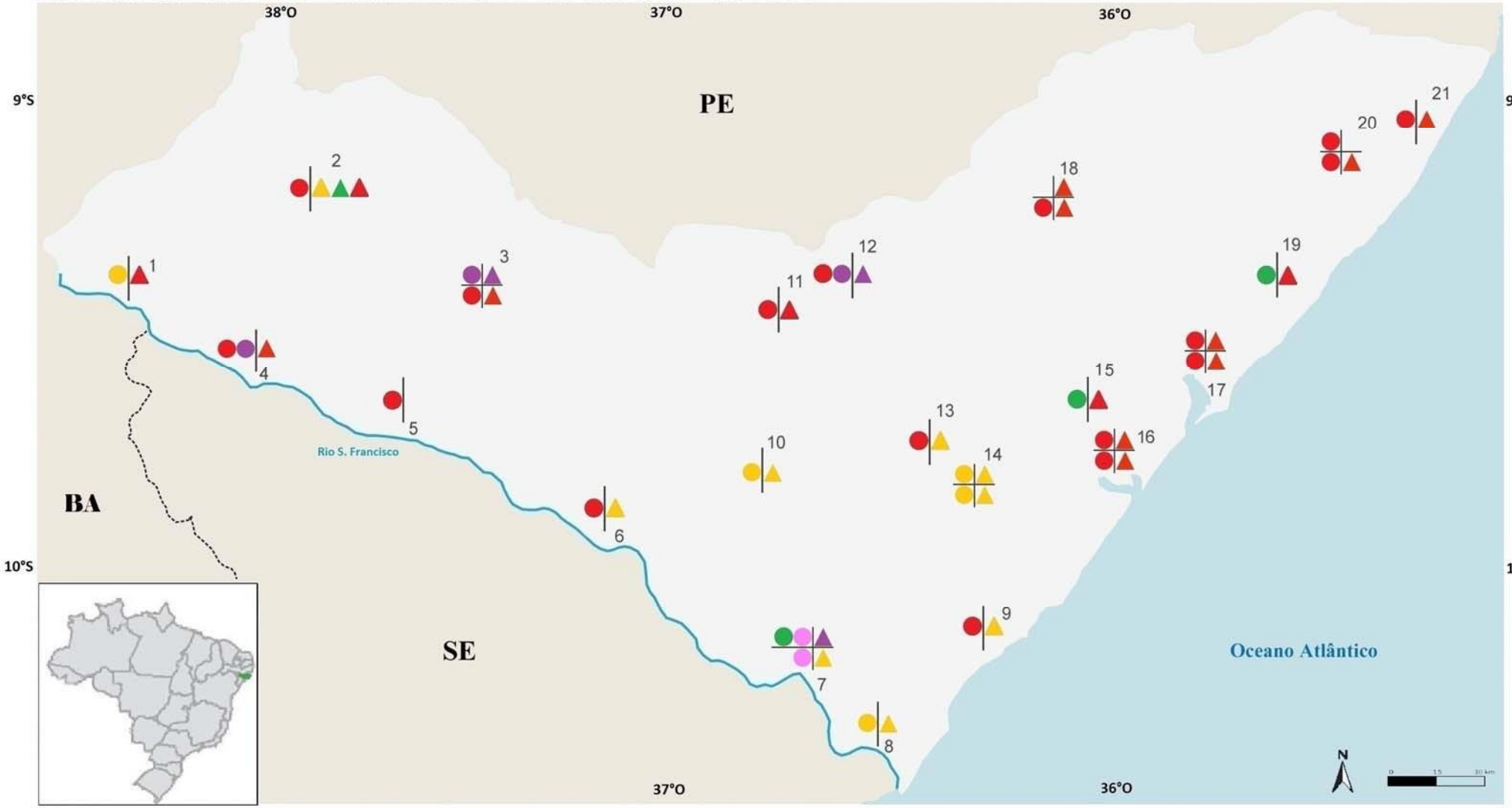
INF.M		INF.F	
15	gambá	9	gambá
6	cassaco	8	cassaco
2	cambambá/camambá	2	cambambá/camambá
1	saruê	1	saruê
1	outros	0	outros



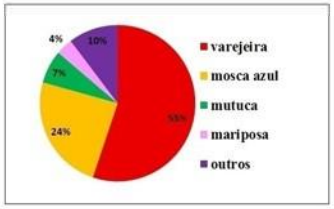
Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 62

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



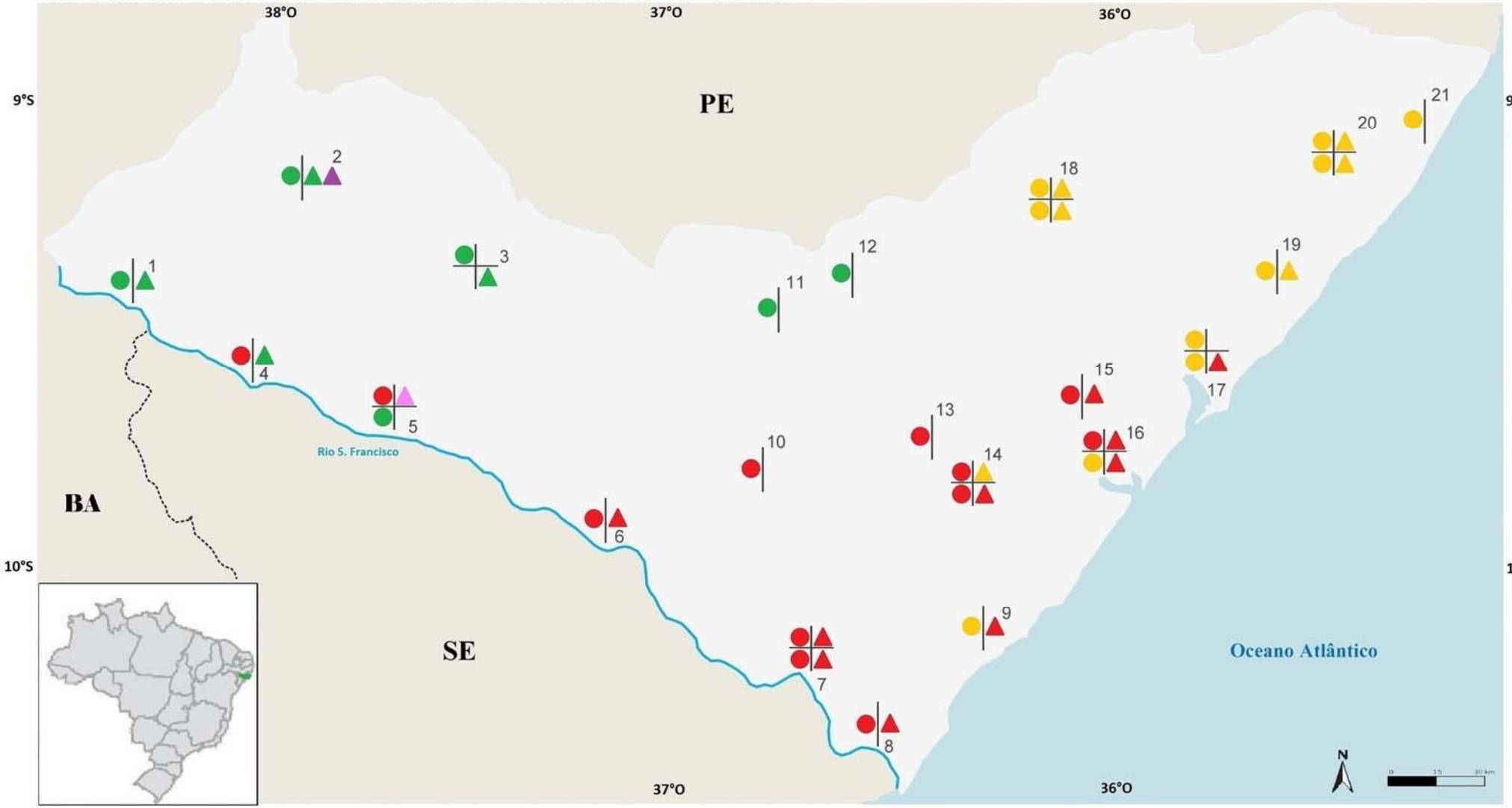
QSL 067
MOSCA
VAREJEIRA



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 63

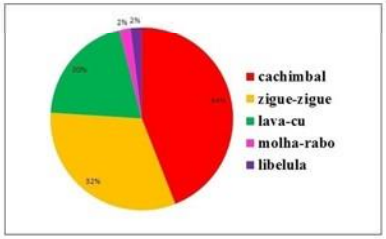
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 069

LIBÉLULA

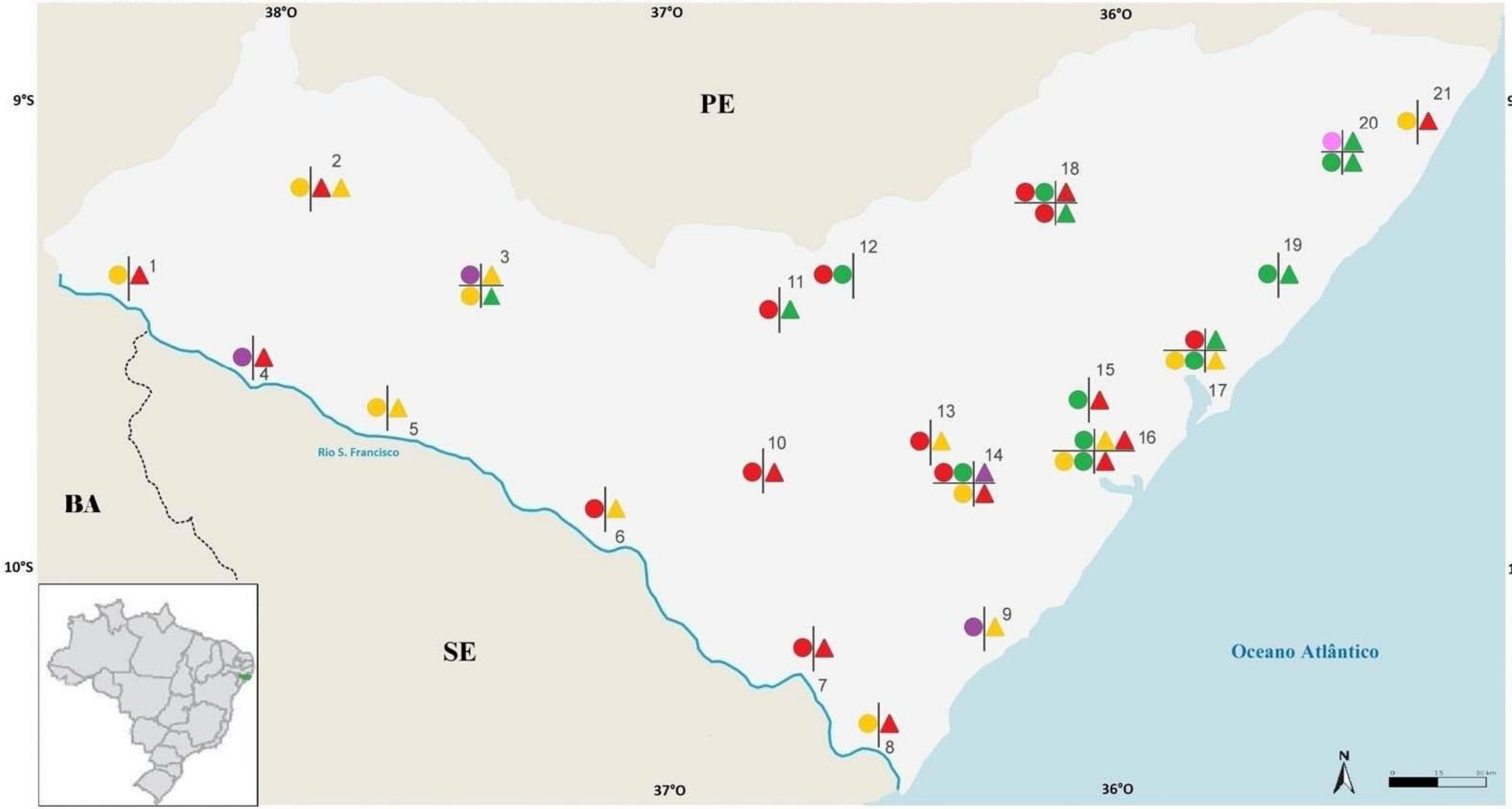
INF.M		INF.F	
12	cachimbal	10	cachimbal
10	zigue-zigue	6	zigue-zigue
6	lava-cu	4	lava-cu
0	molha-rabo	1	molha-rabo
0	libélula	1	libélula



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

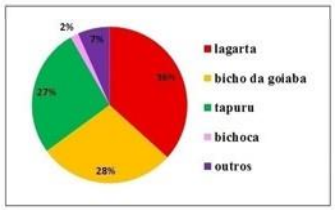
CARTA 64

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 070
BICHO DA FRUTA

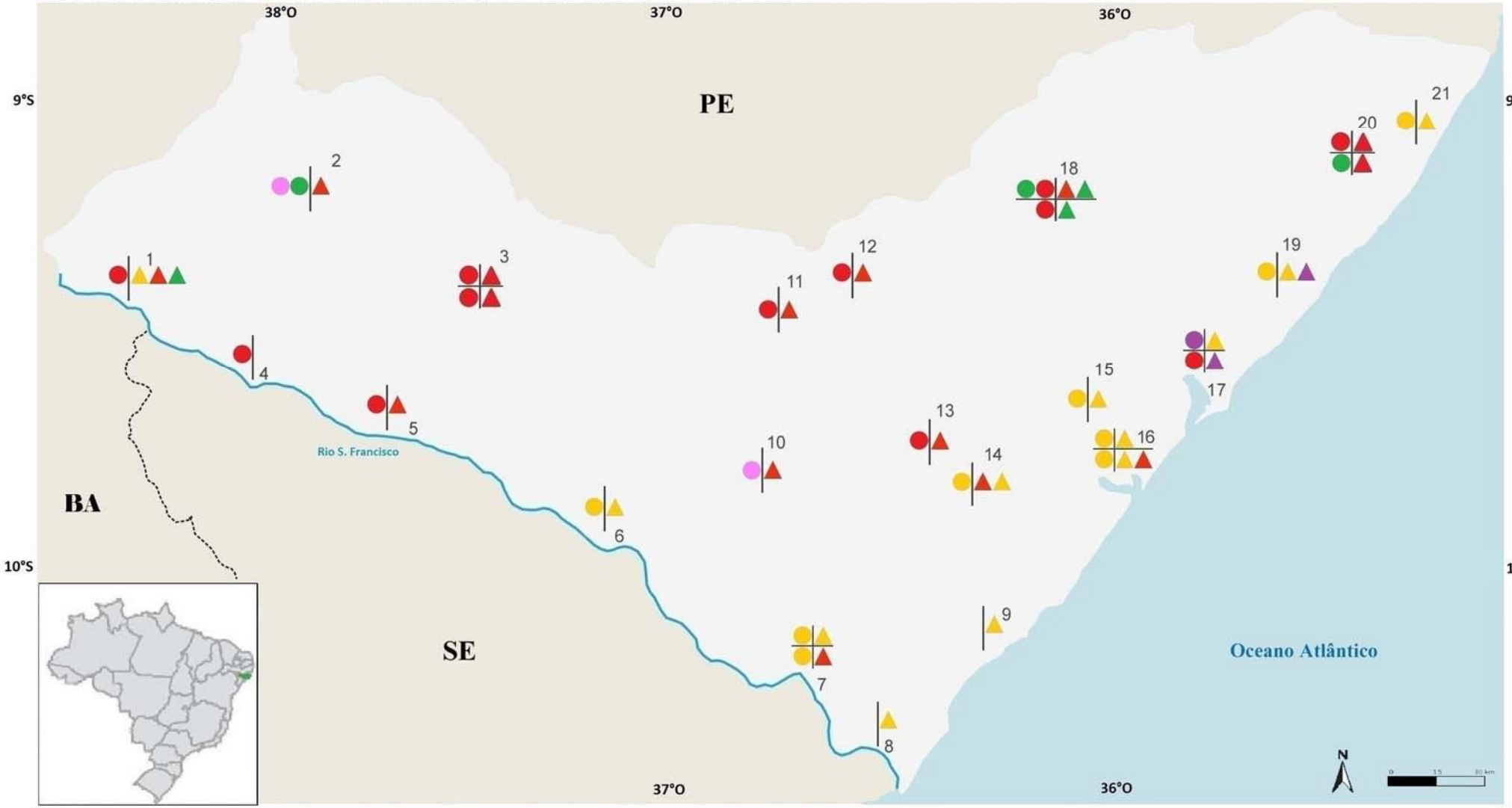
INF.M		INF.F	
10	lagarta	12	lagarta
9	bicho da goiaba	8	bicho da goiaba
9	tapuru	7	tapuru
1	bichoca	0	bichoca
3	outros	1	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 65

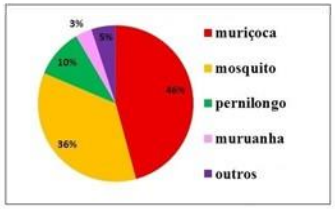
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 072

MOSQUITO

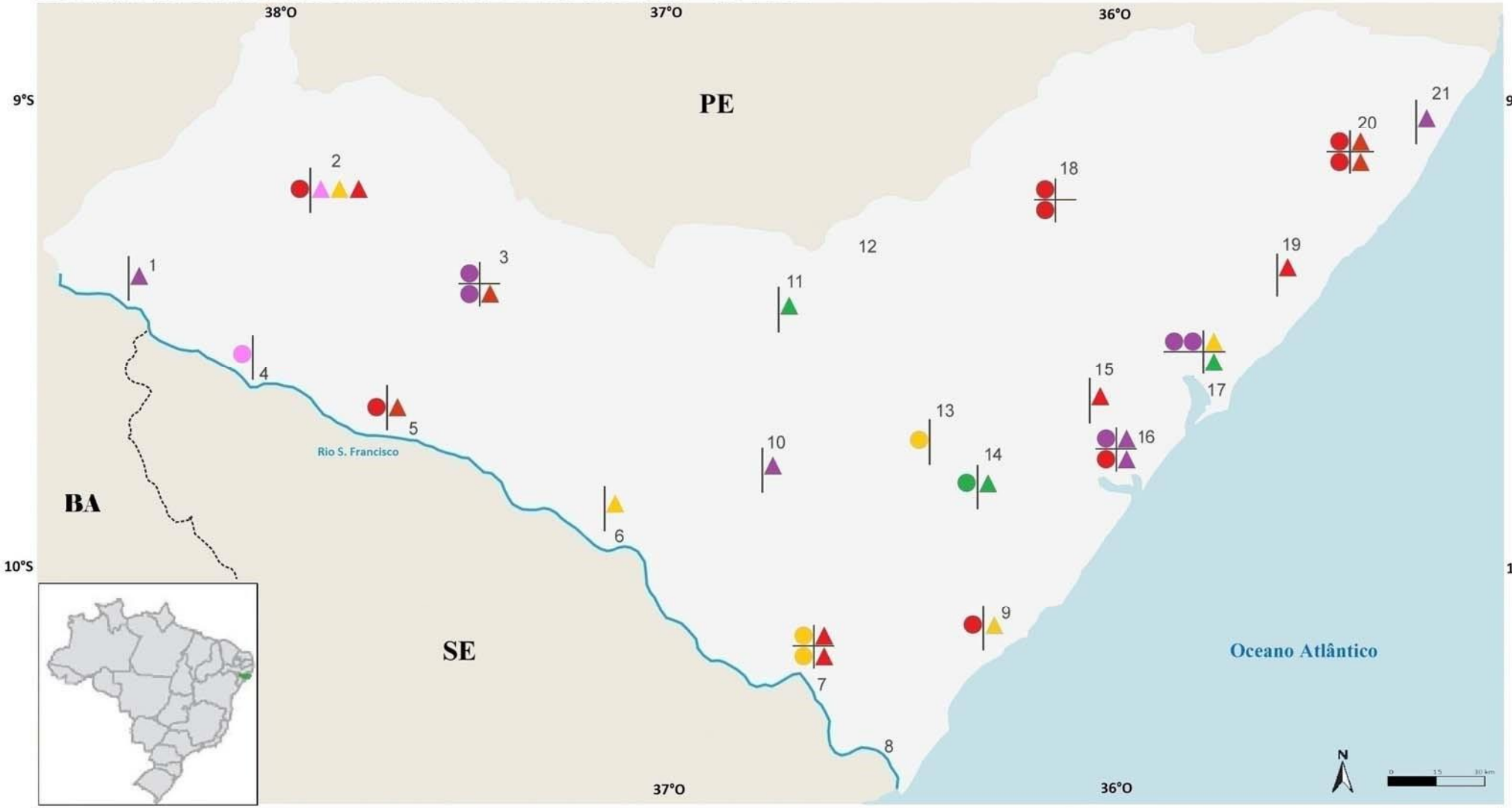
INF.M		INF.F	
12 muriçoca		15 muriçoca	
9 mosquito		12 mosquito	
3 pernilongo		3 pernilongo	
2 muruanha		0 muruanha	
1 outros		2 outros	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 66

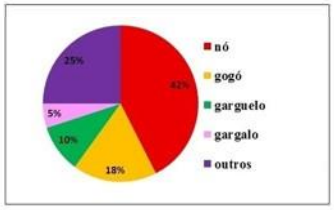
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 089

POMO-DE-ADÃO

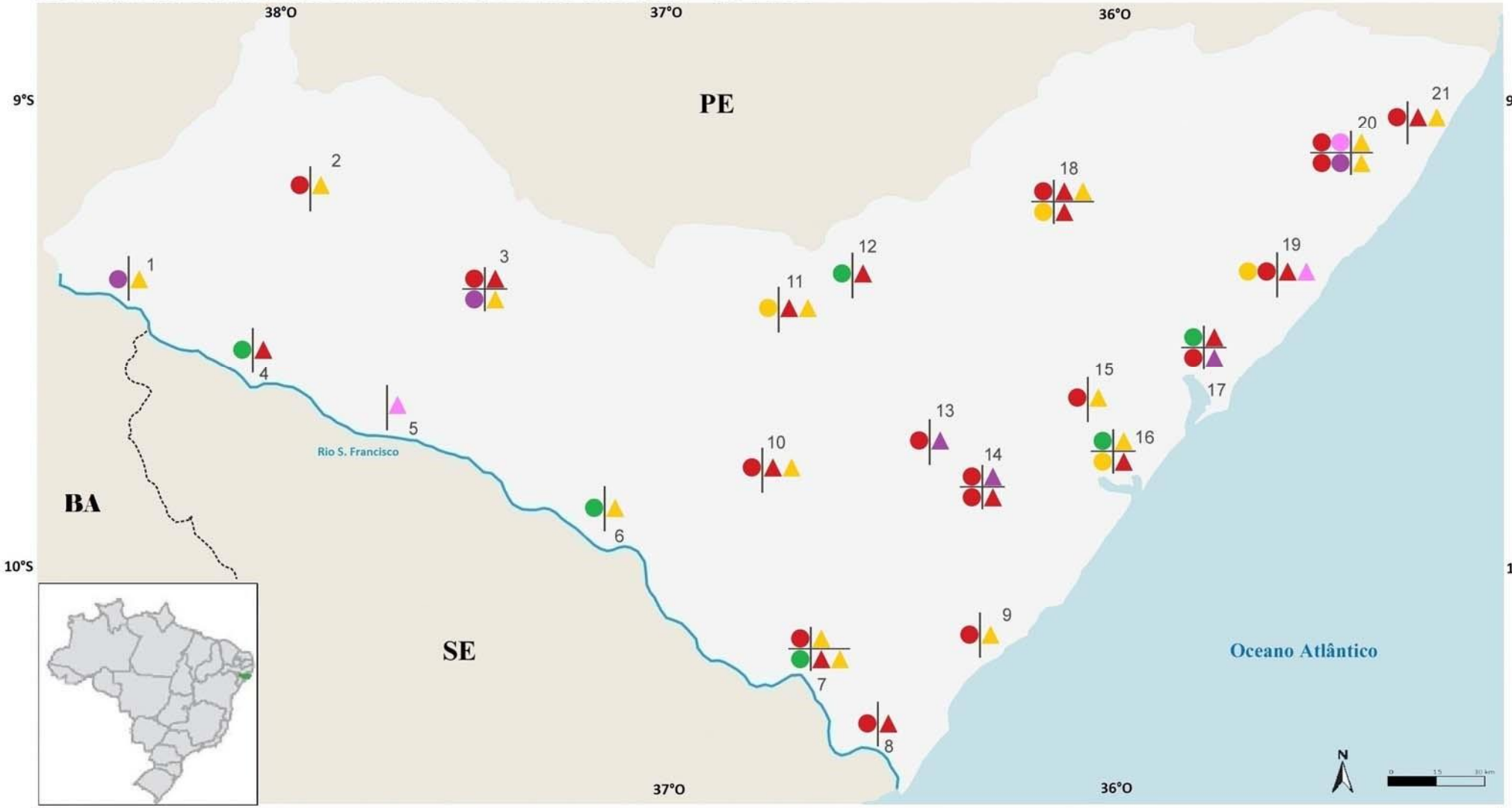
INF.M		INF.F	
8 nó		9 nó	
3 gogó		4 gogó	
1 garguelo		3 garguelo	
1 gargalo		1 gargalo	
5 outros		5 outros	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 67

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 102

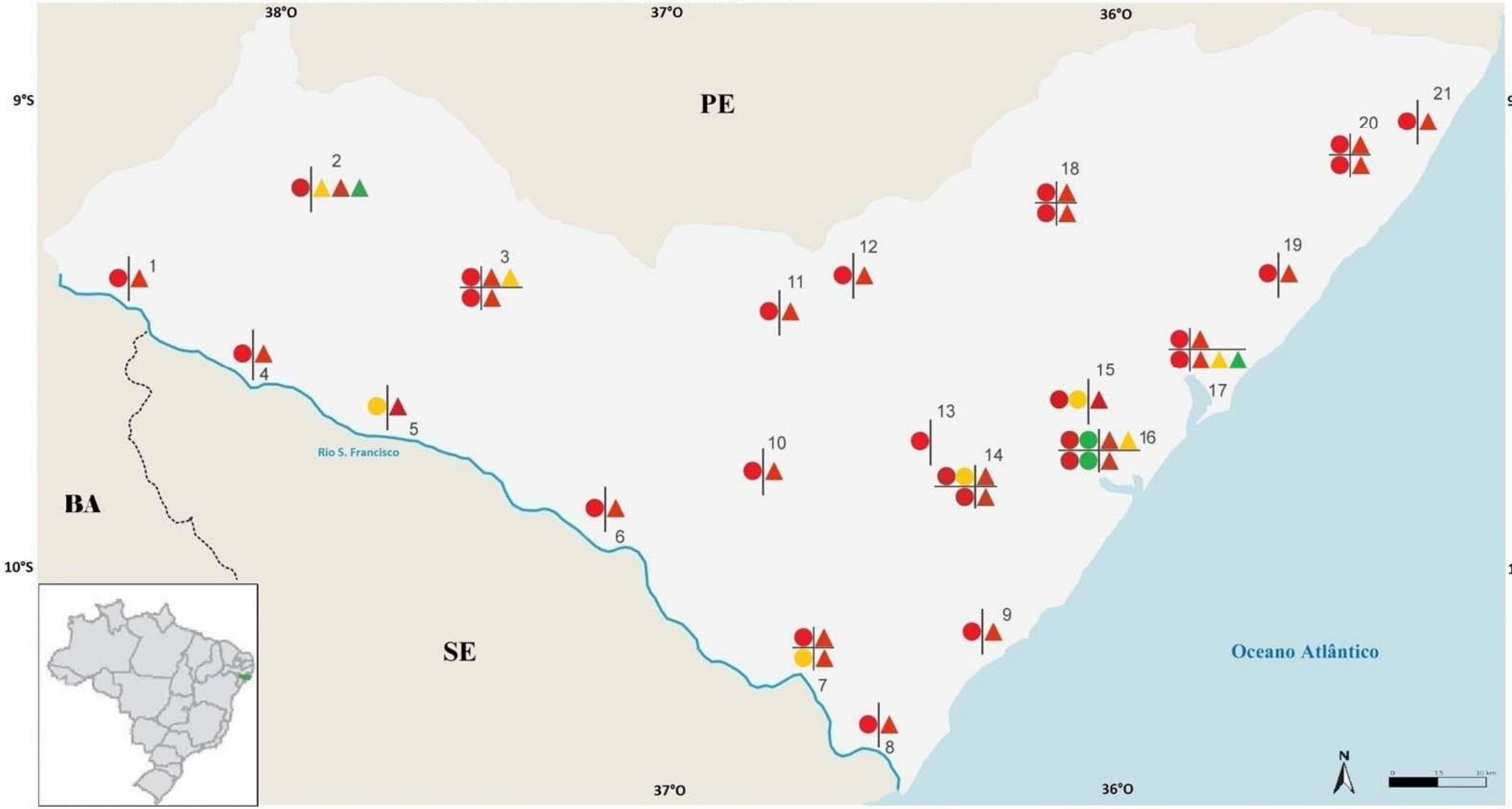
ÚTERO

INF.M		INF.F	
16	barriga	14	barriga
4	útero	15	útero
6	ventre	0	ventre
1	placenta	2	placenta
3	outros	3	outros

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 68

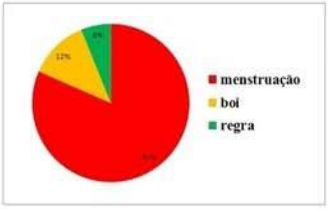
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 112

MENSTRUAÇÃO

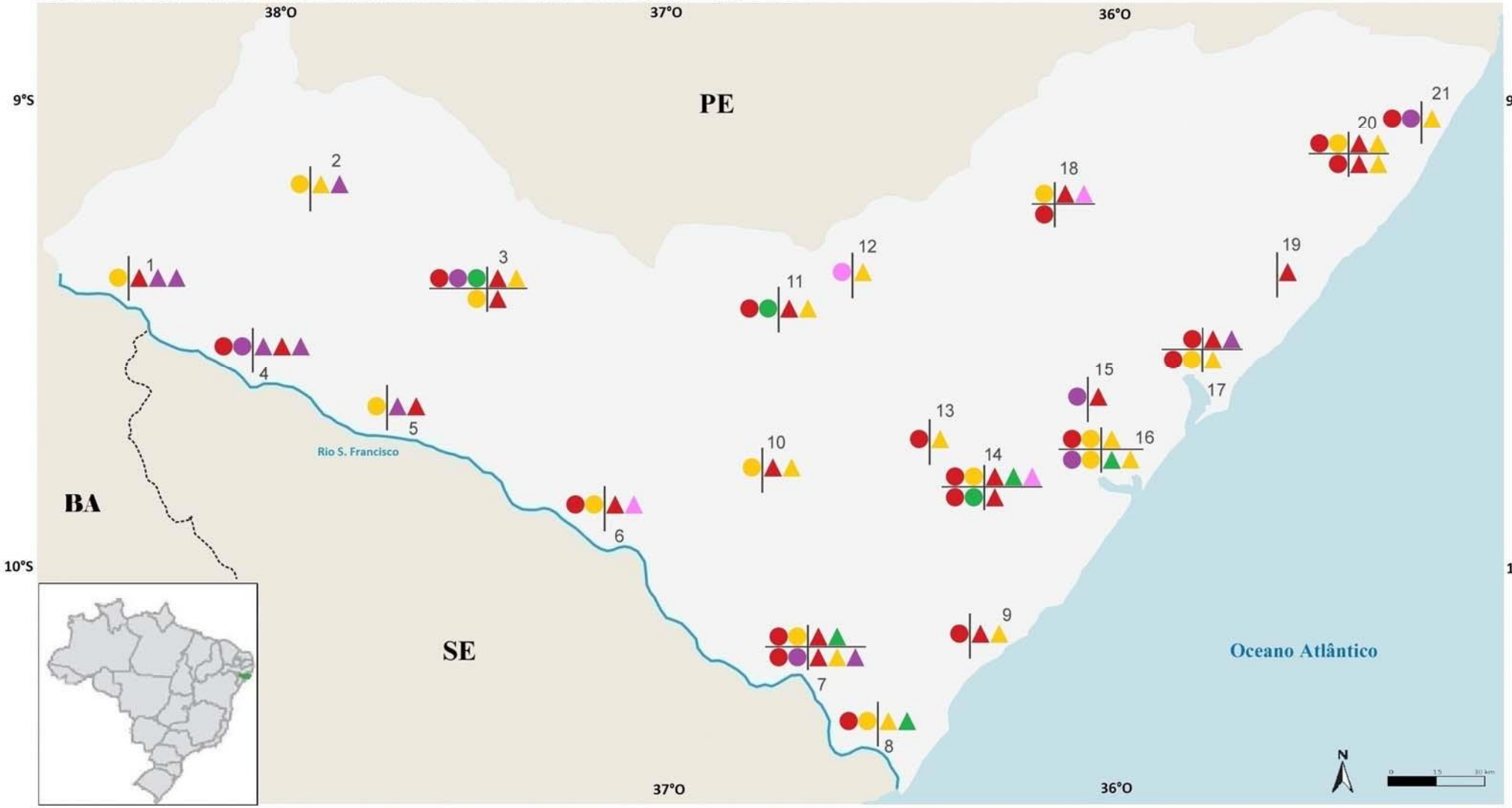
INF.M		INF.F	
26	menstruação	27	menstruação
4	boi	4	boi
2	regra	2	regra



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 69

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 134

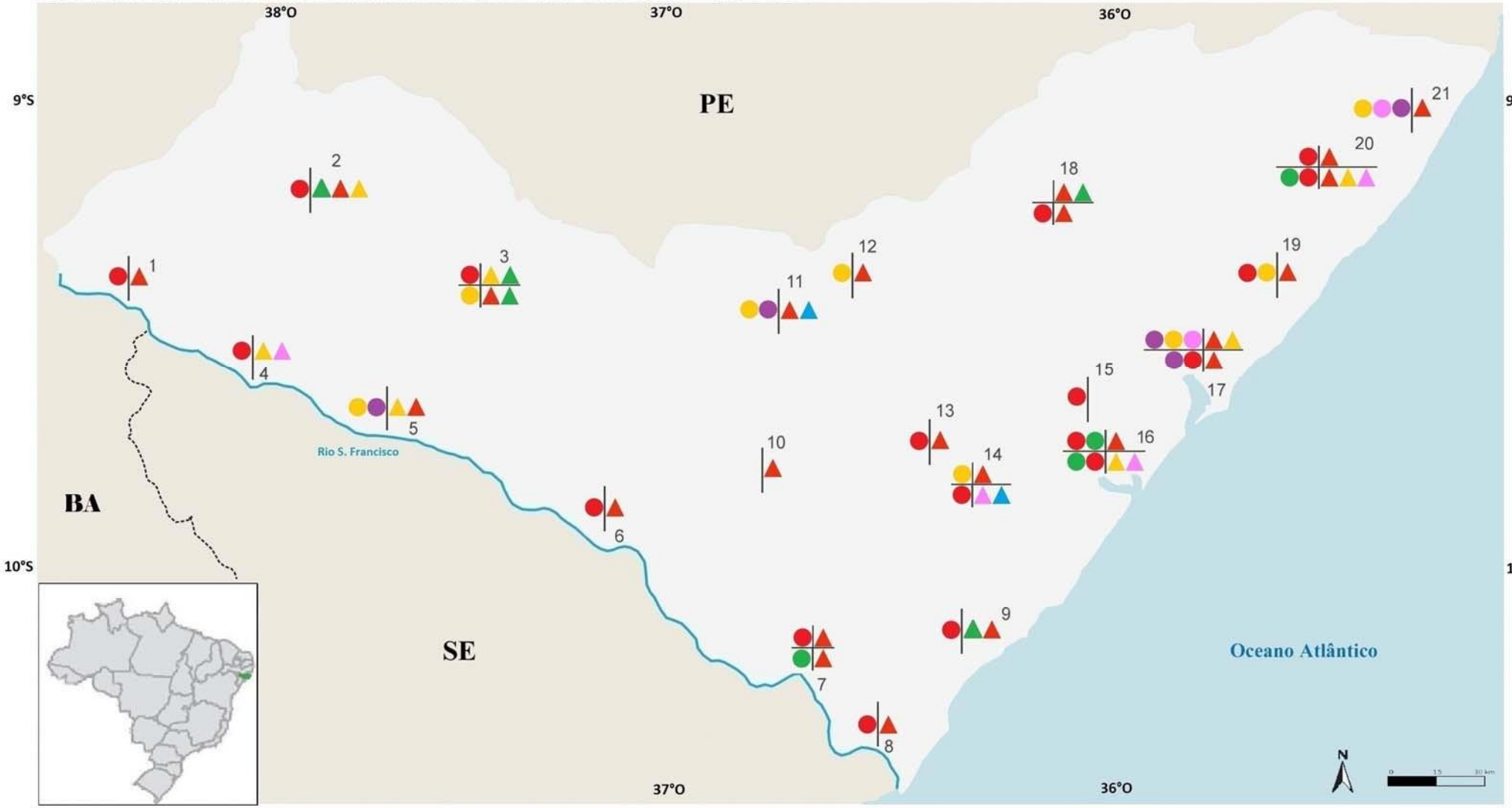
PROSTITUTA

INF.M		INF.F	
18	prostituta	19	prostituta
14	rapariga	15	rapariga
3	puta	4	puta
1	garota de programa	3	garota de programa
6	outros	8	outros

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 70

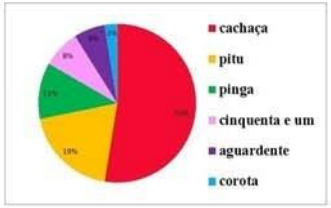
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 137

AGUARDENTE

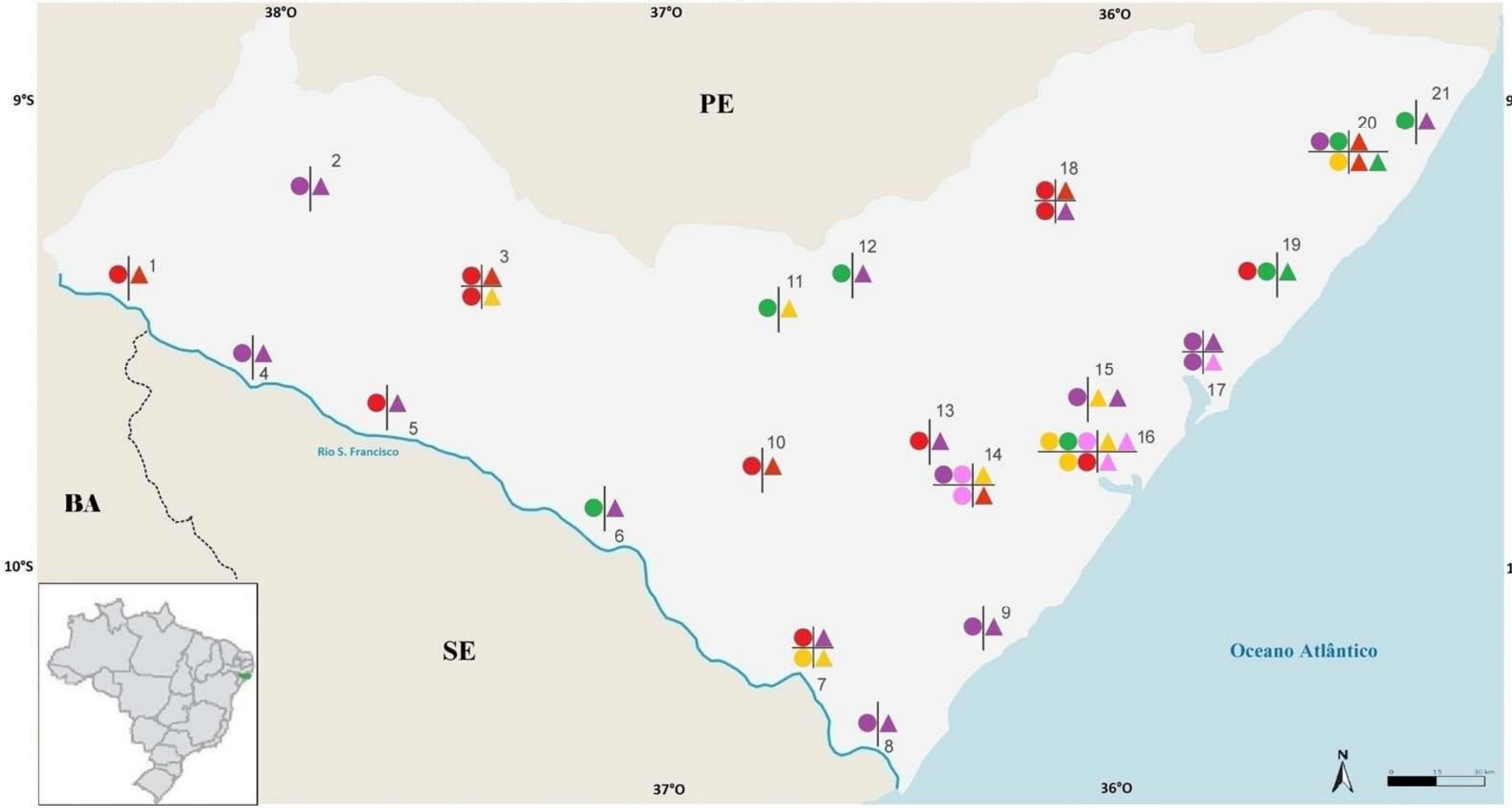
INF.M		INF.F	
18	cachaça	23	cachaça
8	pitu	7	pitu
4	pinga	5	pinga
2	cinquenta e um	4	cinquenta e um
5	aguardente	0	aguardente
0	corota	2	corota



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

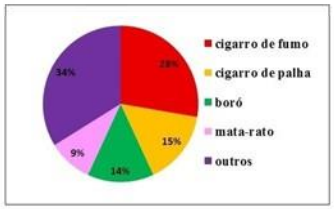
CARTA 71

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 141
CIGARRO DE PALHA

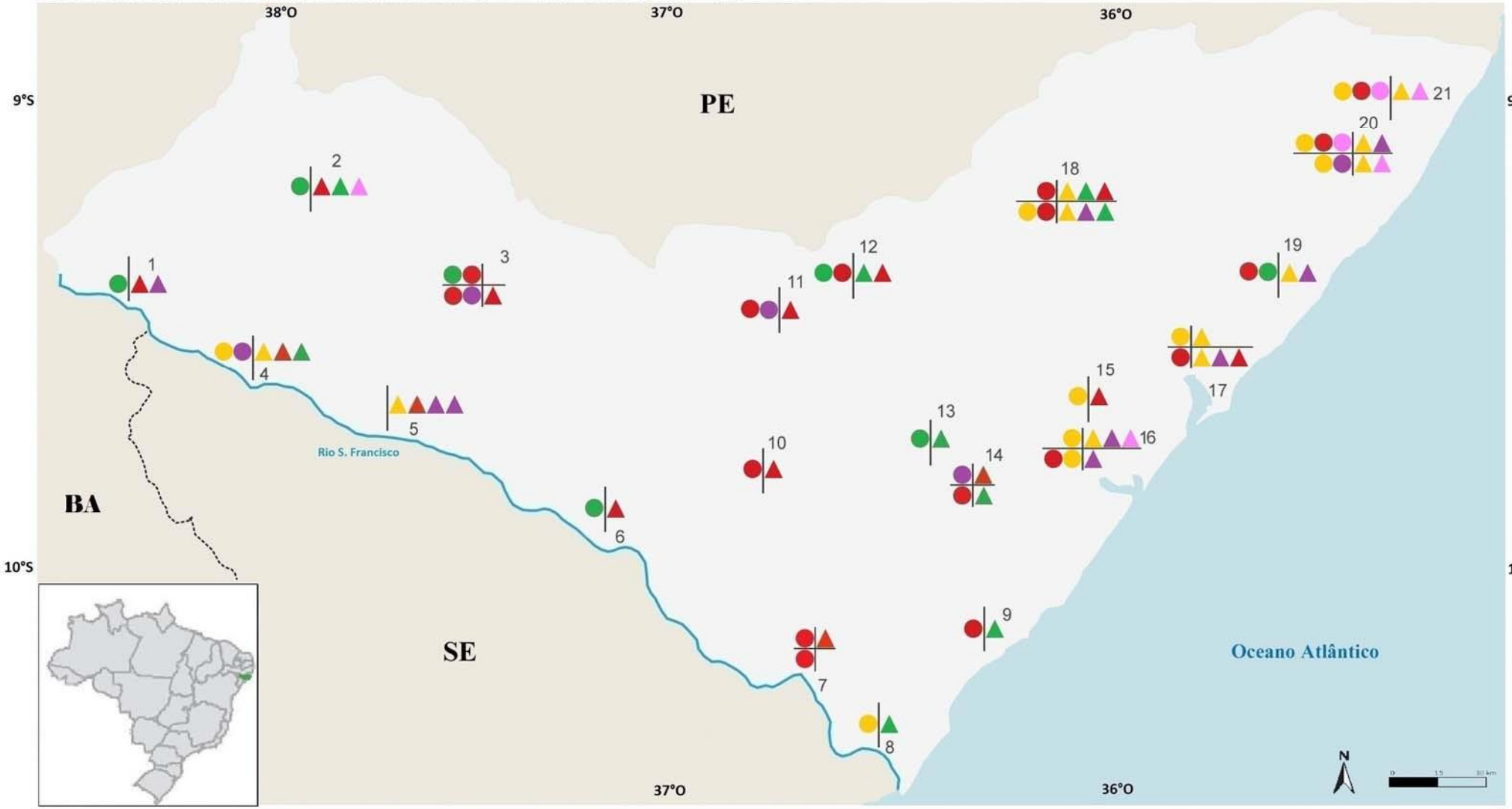
INF.M		INF.F	
11	cigarro de fumo	7	cigarro de fumo
4	cigarro de palha	6	cigarro de palha
7	boró	2	boró
3	mata-rato	3	mata-rato
9	outros	13	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 72

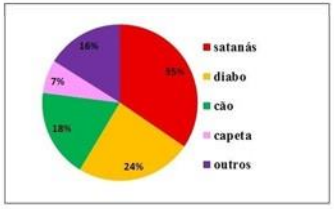
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 143

DIABO

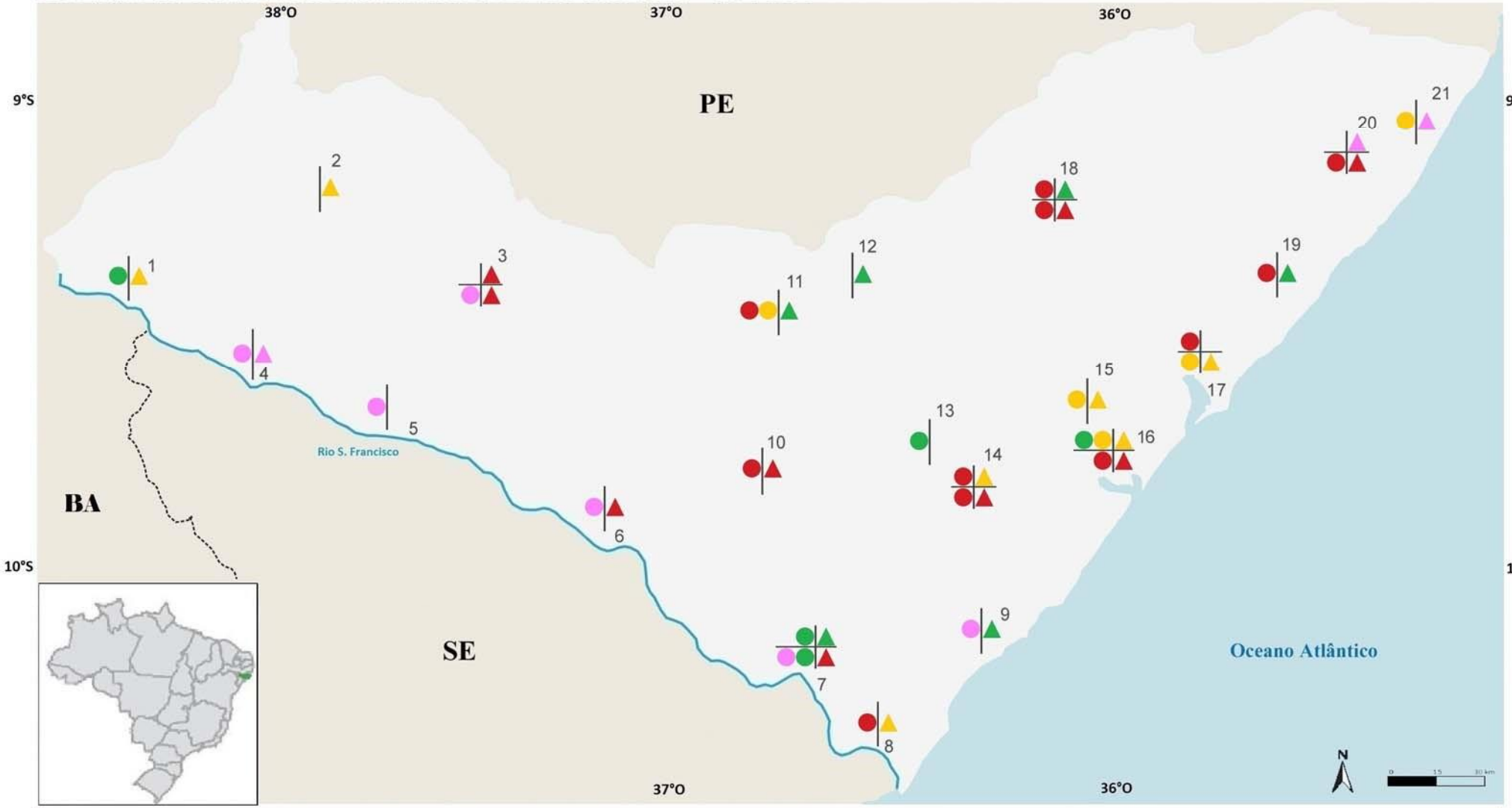
INF.M		INF.F	
16 satanás		14 satanás	
10 diabo		11 diabo	
7 cão		9 cão	
2 capeta		4 capeta	
5 outros		9 outros	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 73

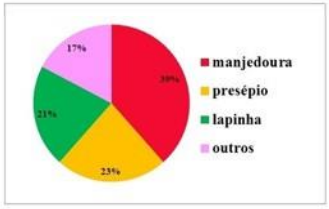
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 148

PRESÉPIO

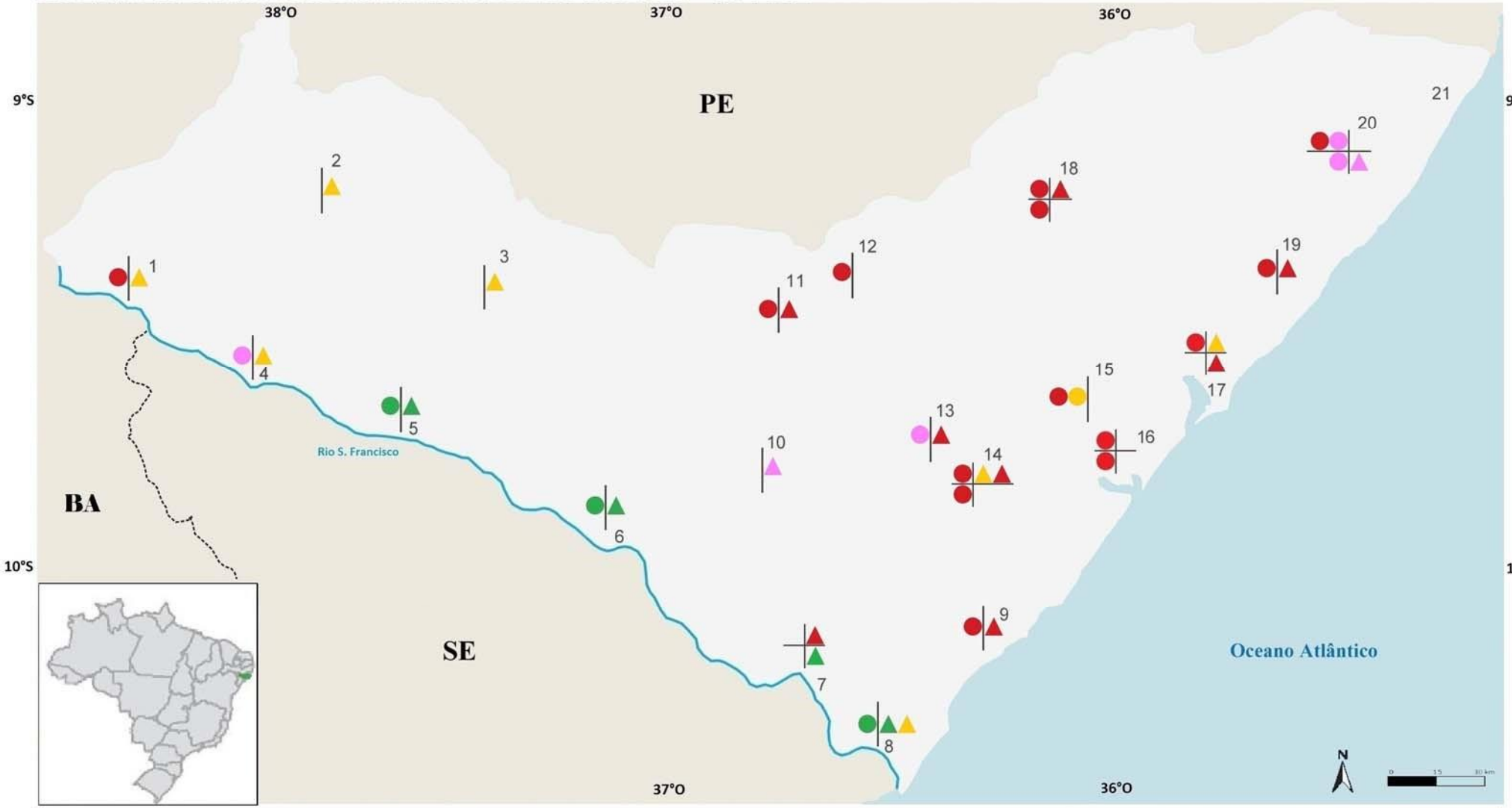
INF.M		INF.F	
11	manjedoura	9	manjedoura
5	presépio	7	presépio
5	lapinha	6	lapinha
6	outros	3	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 74

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 156

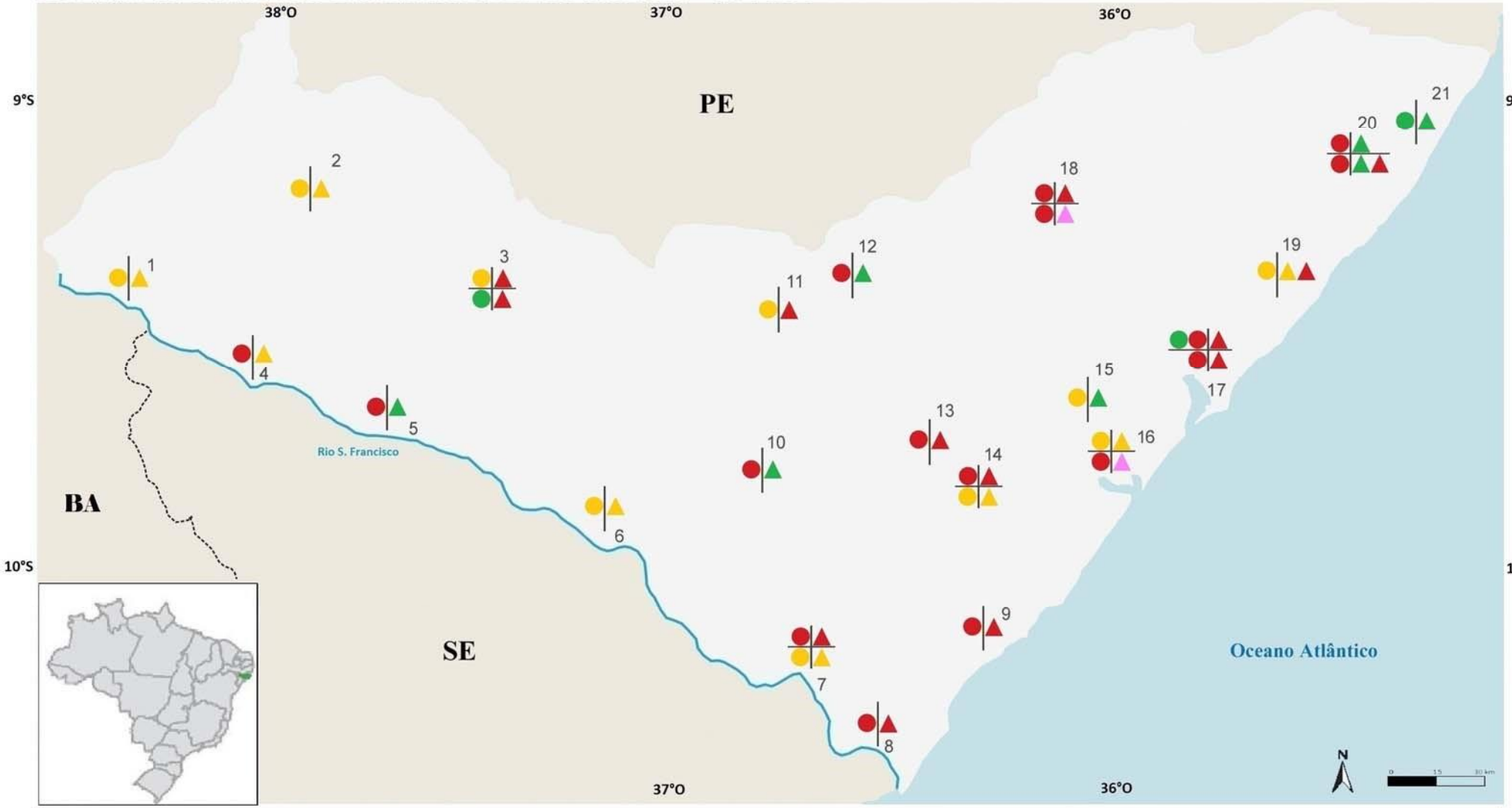
AMARELINHA

INF.M		INF.F	
14 avião		8 avião	
1 amarelinha		7 amarelinha	
3 macacão		4 macacão	
4 outros		2 outros	

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 75

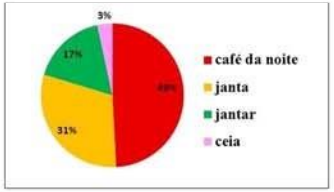
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 168

JANTAR

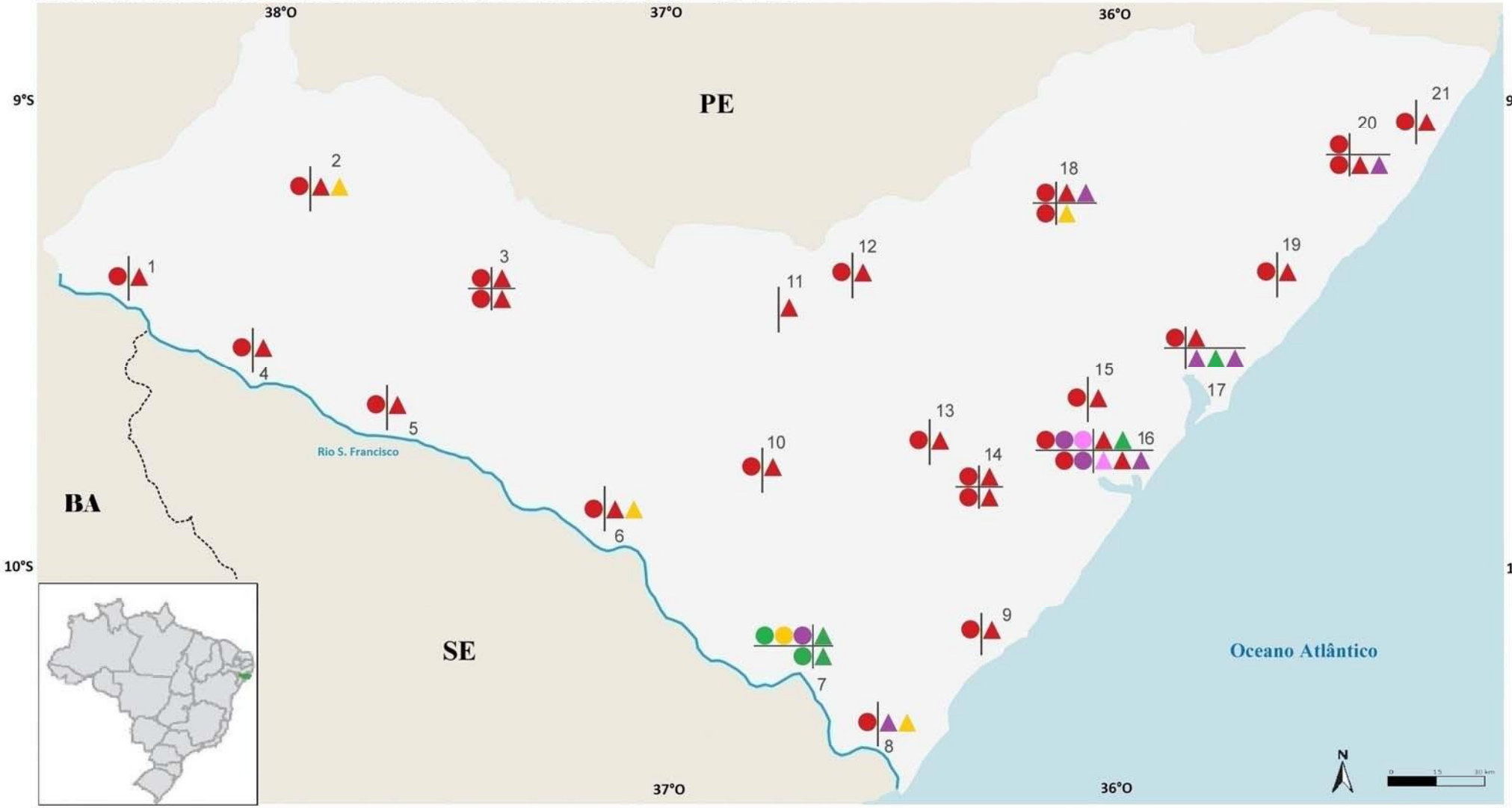
INF.M		INF.F	
16	café da noite	13	café da noite
10	janta	8	janta
3	jantar	7	jantar
0	ceia	2	ceia



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

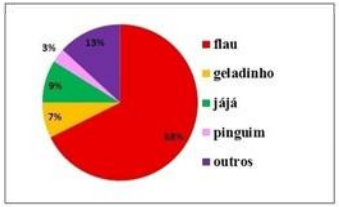
CARTA 76

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 174

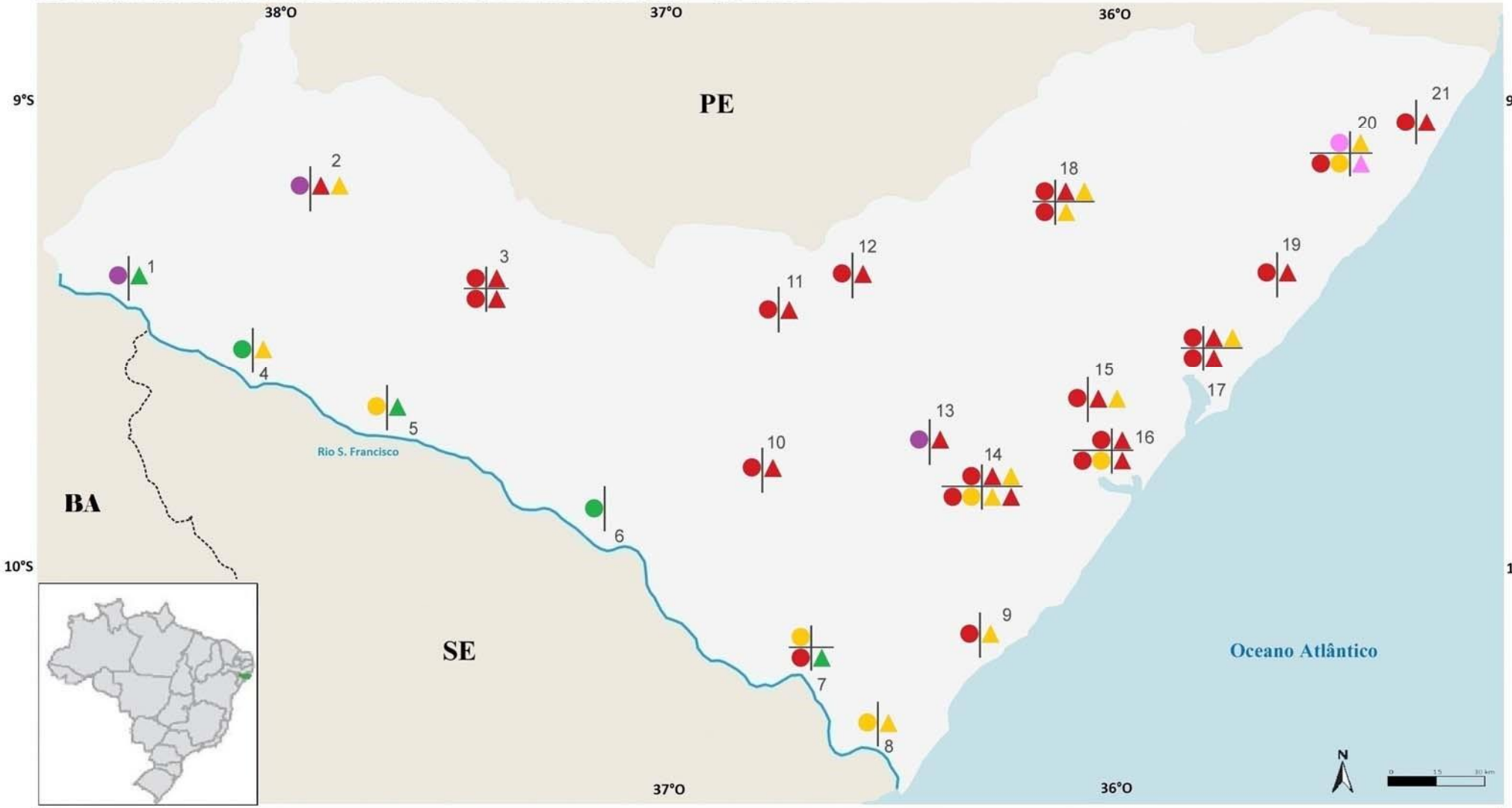
GELADINHO



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 77

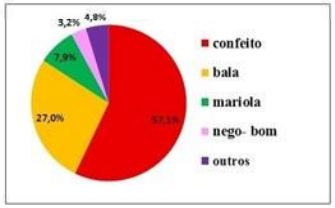
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 175

BALA

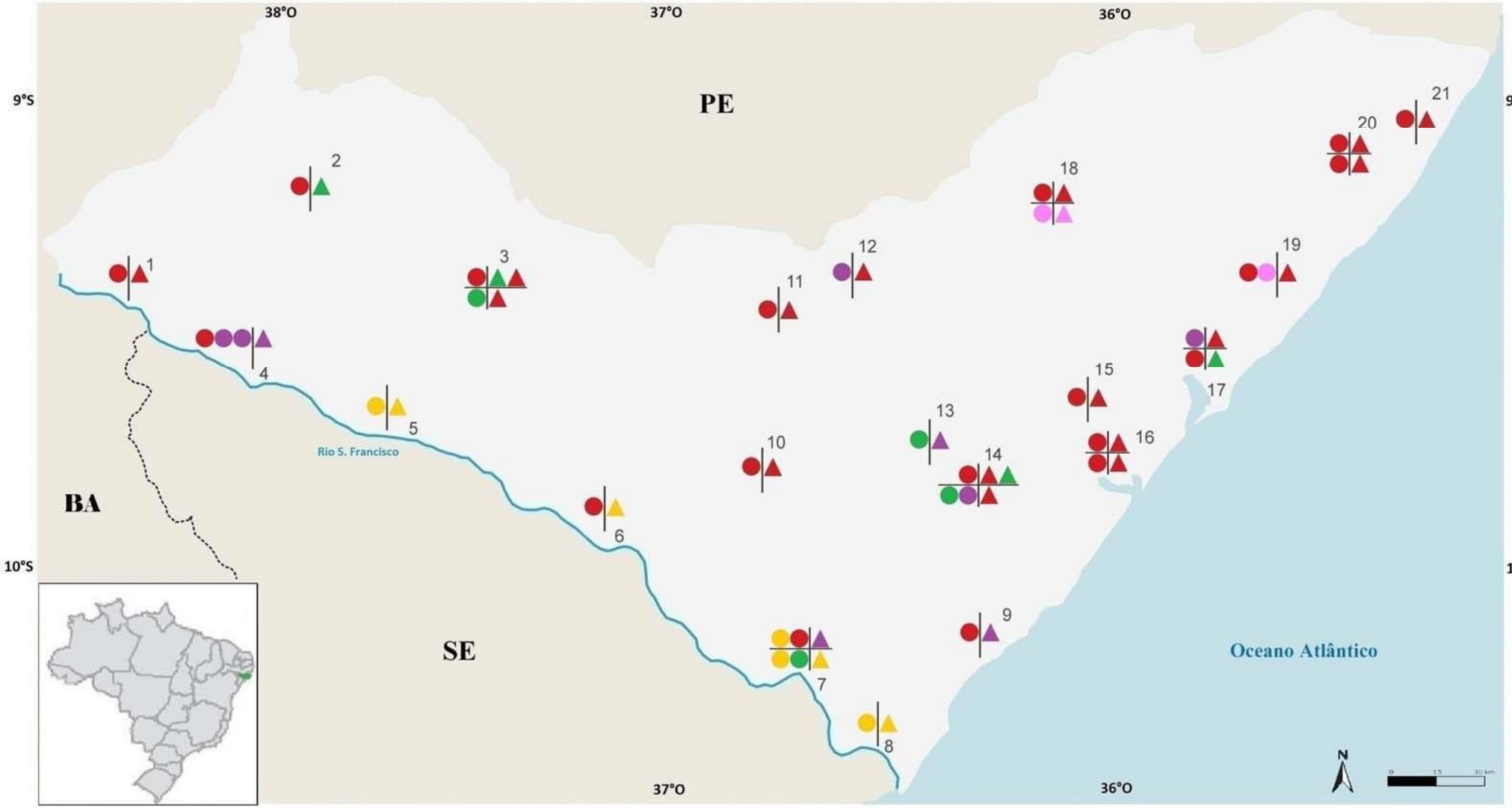
INF.M		INF.F	
19	confeito	17	confeito
6	bala	11	bala
2	mariola	3	mariola
1	nego- bom	1	nego- bom
3	outros	0	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 78

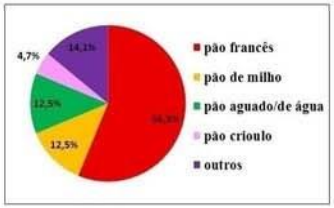
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 176

PÃO FRANCÊS

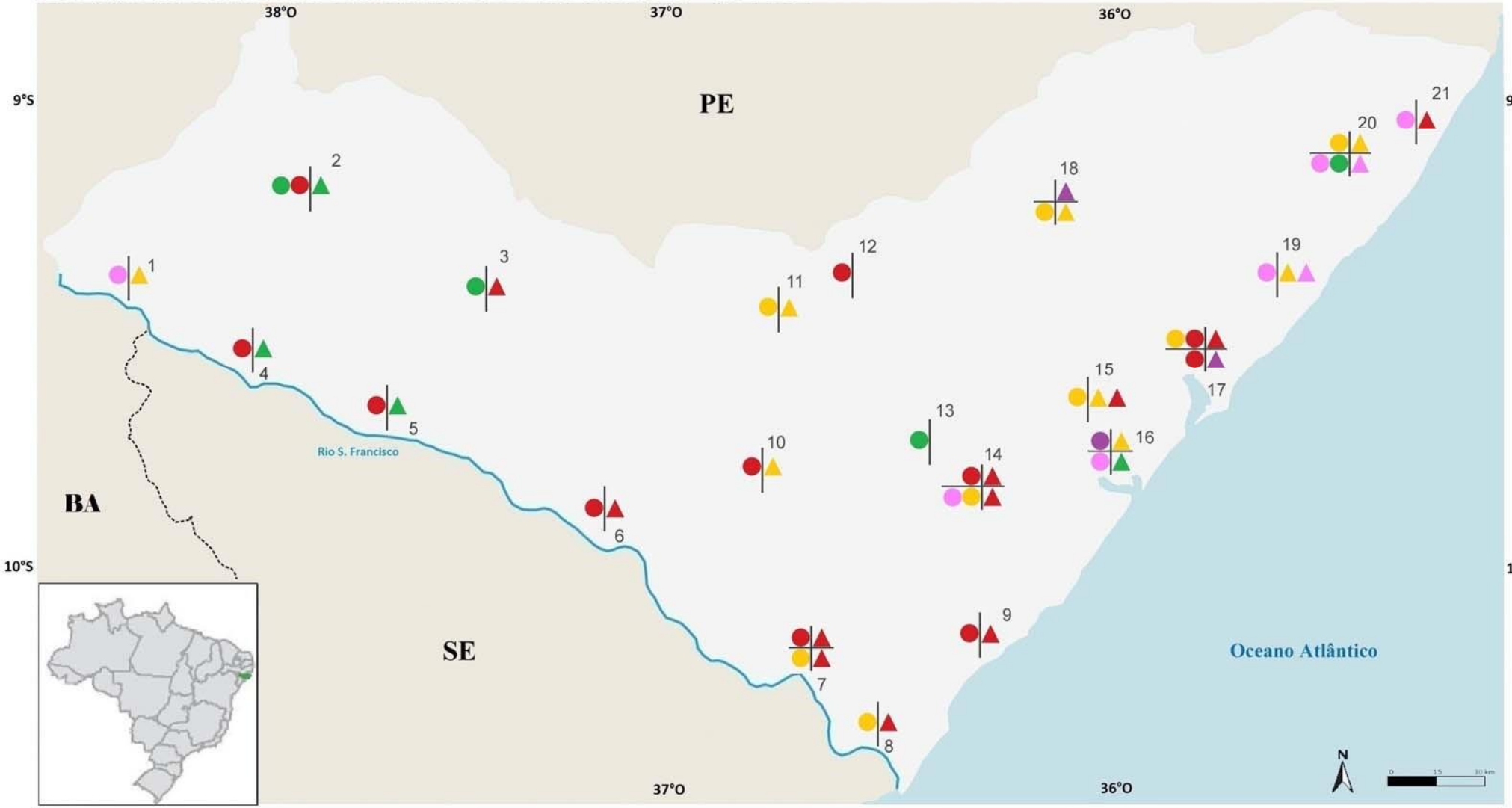
INF.M		INF.F	
19	pão francês	17	pão francês
4	pão de milho	4	pão de milho
4	pão aguado/de água	4	pão aguado/de água
2	pão crioulo	1	pão crioulo
5	outros	4	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 79

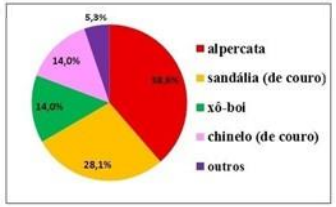
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 183

ALPERCATA

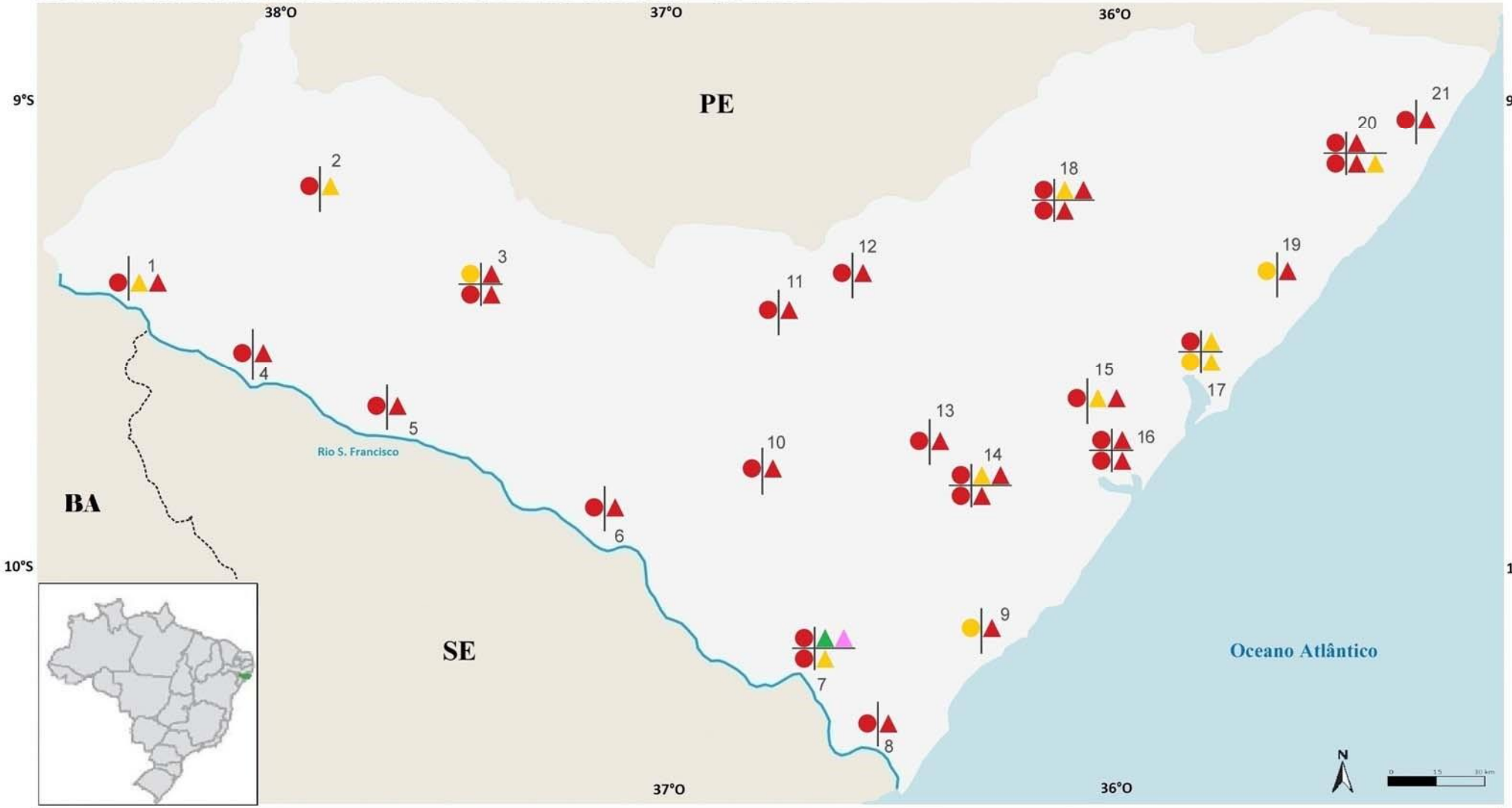
INF.M		INF.F	
11	alpercata	11	alpercata
8	sandália (de couro)	8	sandália (de couro)
4	xô-boi	4	xô-boi
6	chinelo (de couro)	2	chinelo (de couro)
1	outros	2	outros



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 80

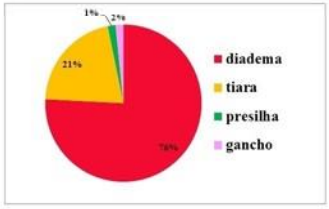
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 187

DIADEMA

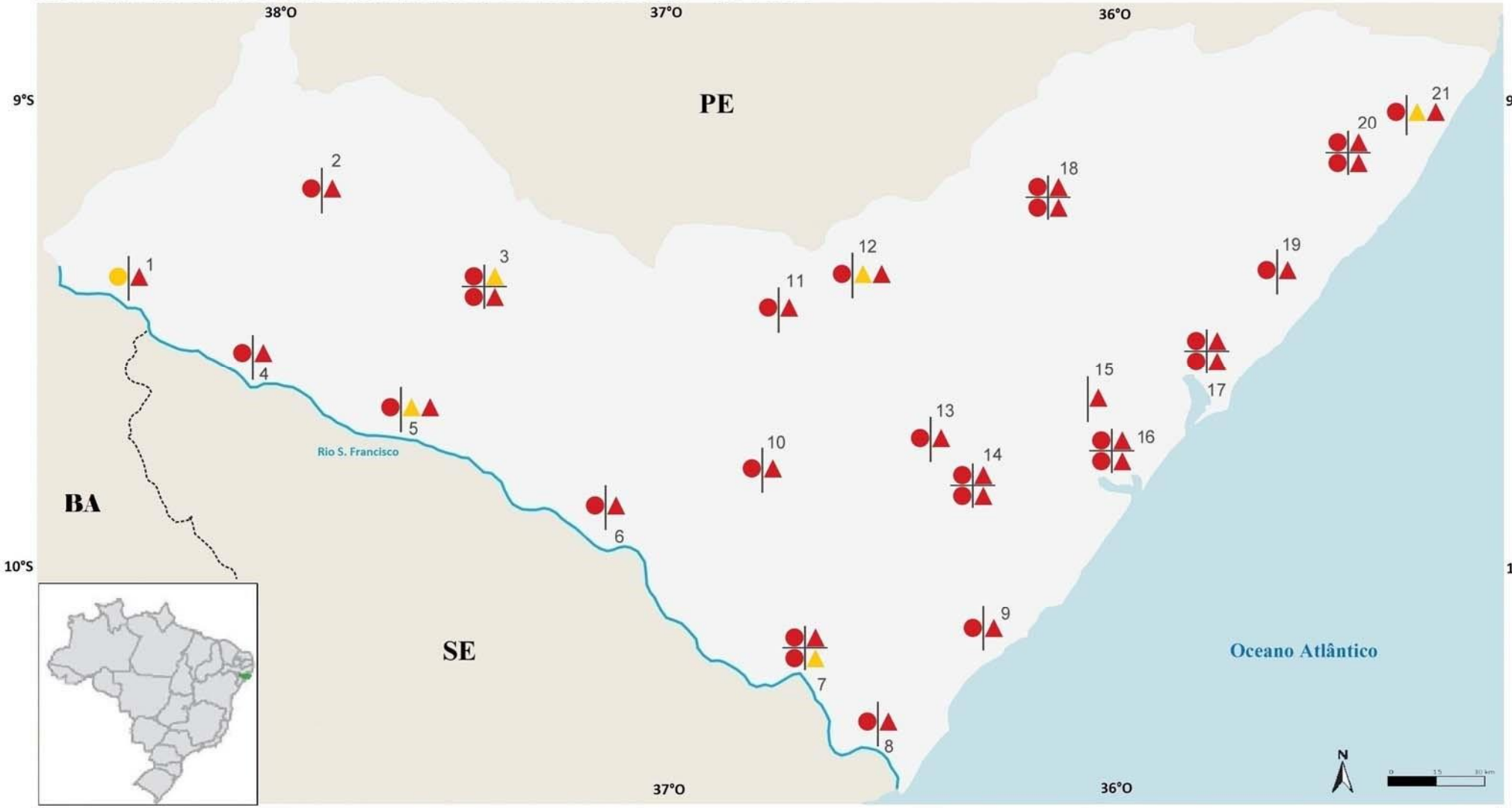
INF.M		INF.F	
24	diadema	23	diadema
4	tiara	9	tiara
0	presilha	1	presilha
0	gancho	1	gancho



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 81

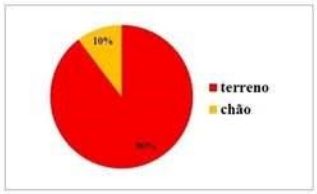
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 194

TERRENO

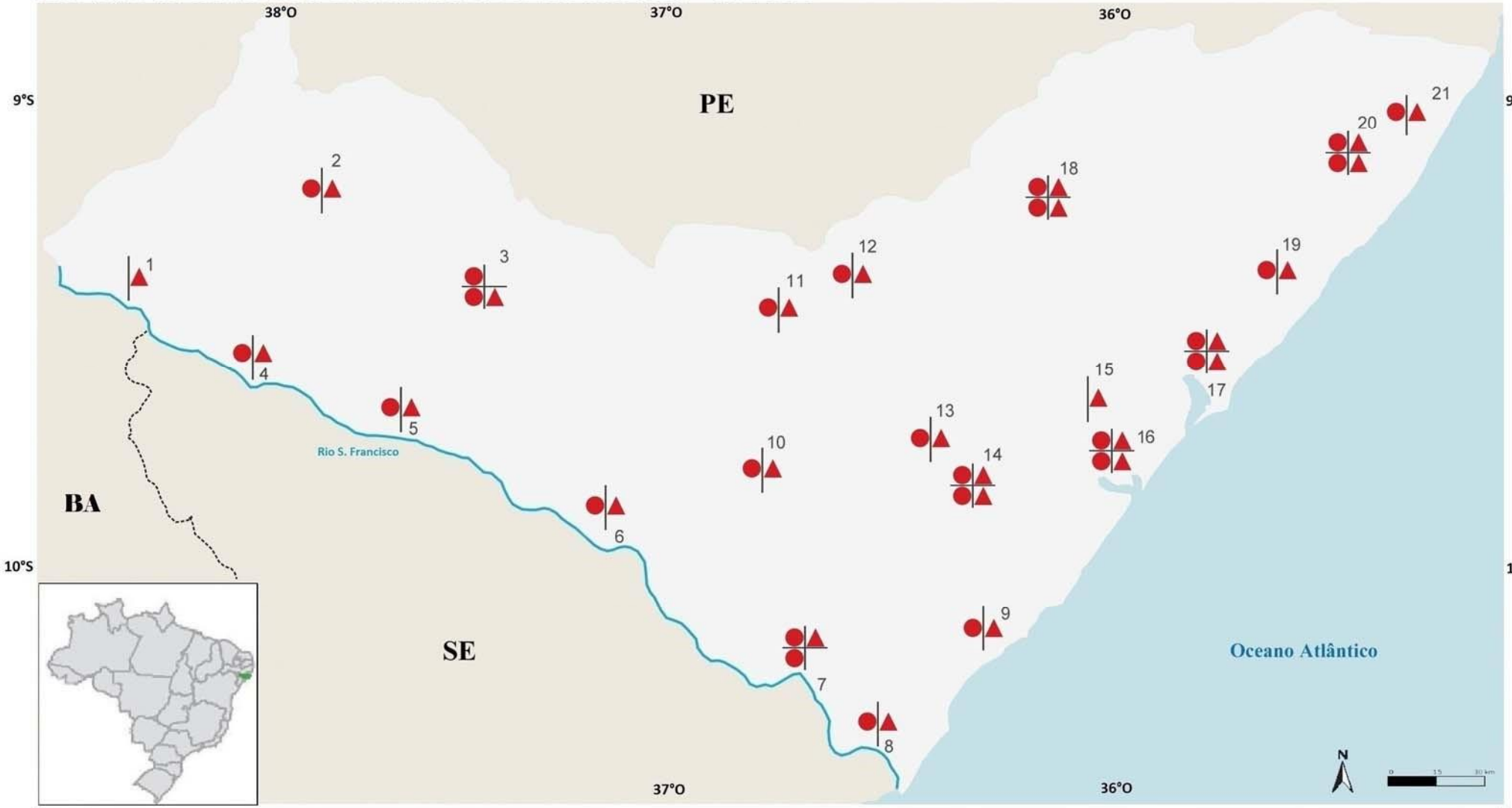
INF.M		INF.F	
26 terreno		26 terreno	
1 chão		5 chão	



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 82

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 194

TERRENO

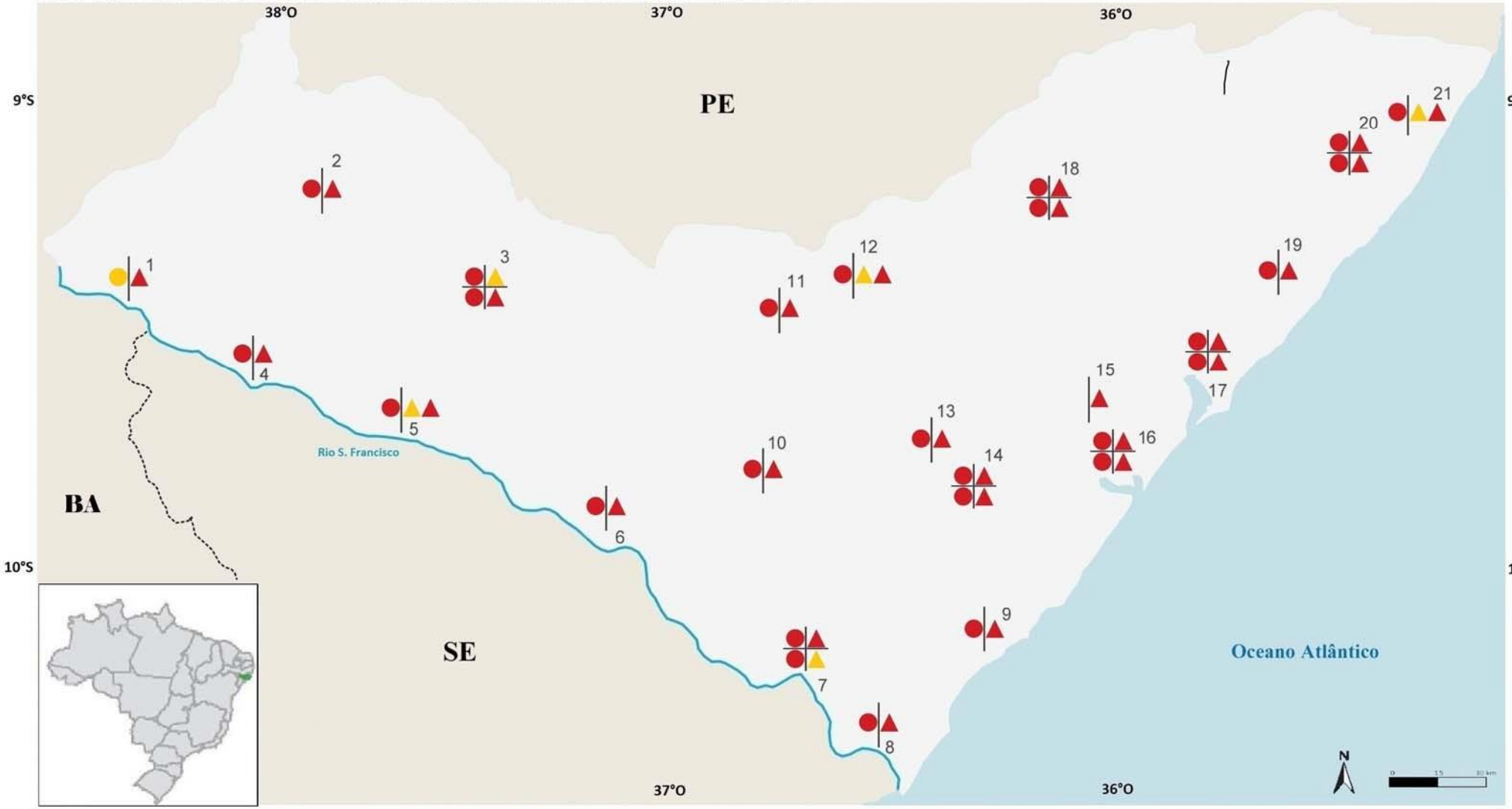
INF.M	INF.F
26 [tɛ'xenu]	26 [tɛ'xenu]

100% [tɛ'xenu]

Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 83

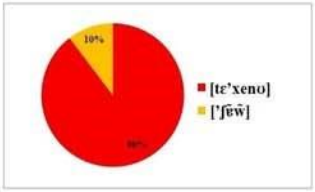
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 194

TERRENO

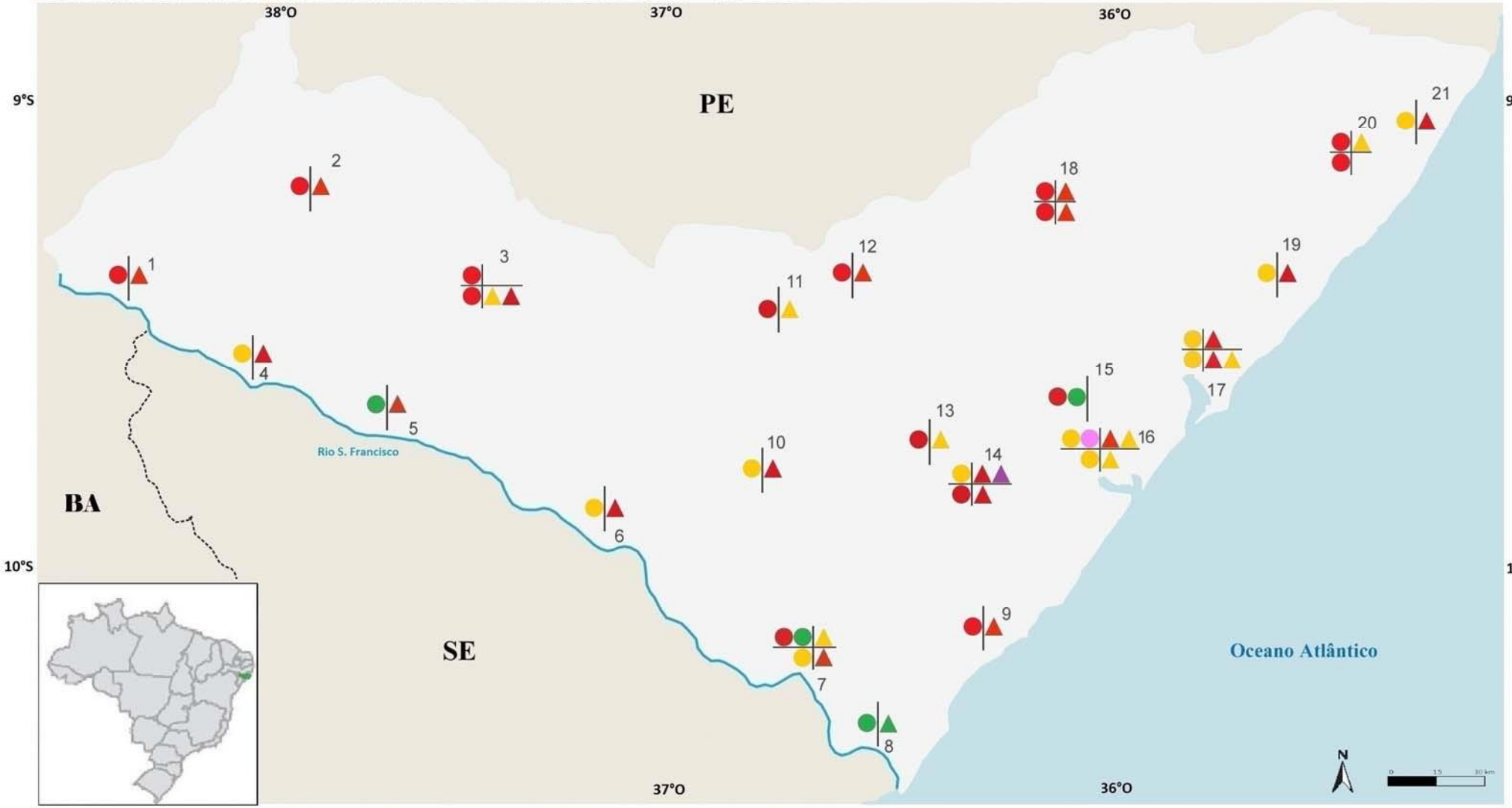
INF.M		INF.F	
26	[tɛ'xenʊ]	26	[tɛ'xenʊ]
1	['ʃɐ̃w̃]	5	['ʃɐ̃w̃]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

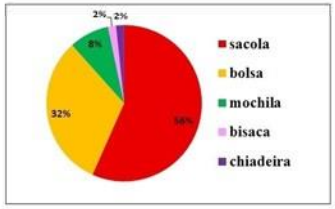
CARTA 84

ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QSL 198
SACOLA PLÁSTICA

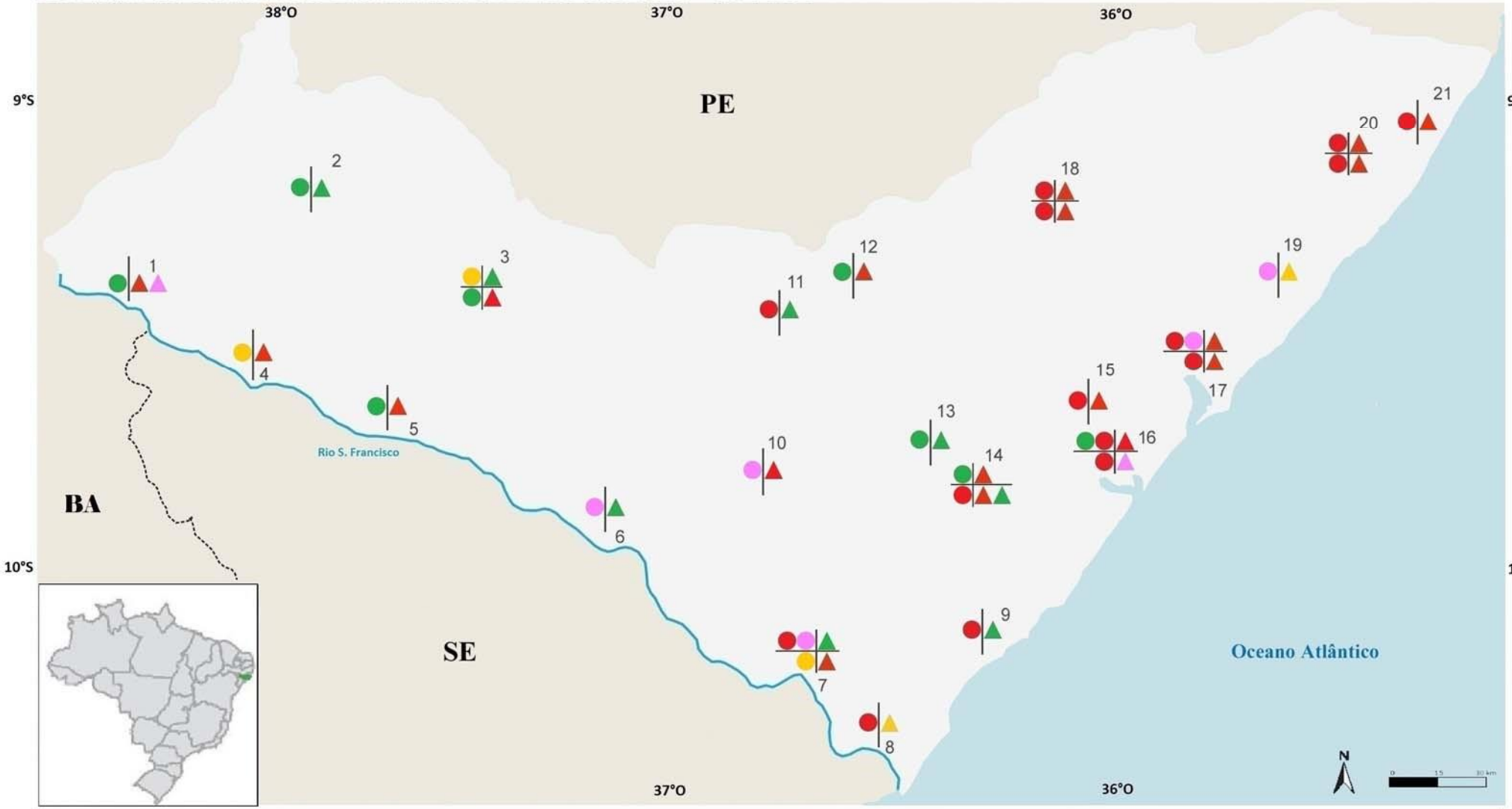
INF.M		INF.F	
15	sacola	19	sacola
11	bolsa	8	bolsa
4	mochila	1	mochila
1	bisaca	0	bisaca
0	chiadeira	1	chiadeira



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 85

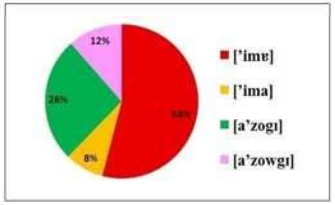
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 010

ÍMÃ

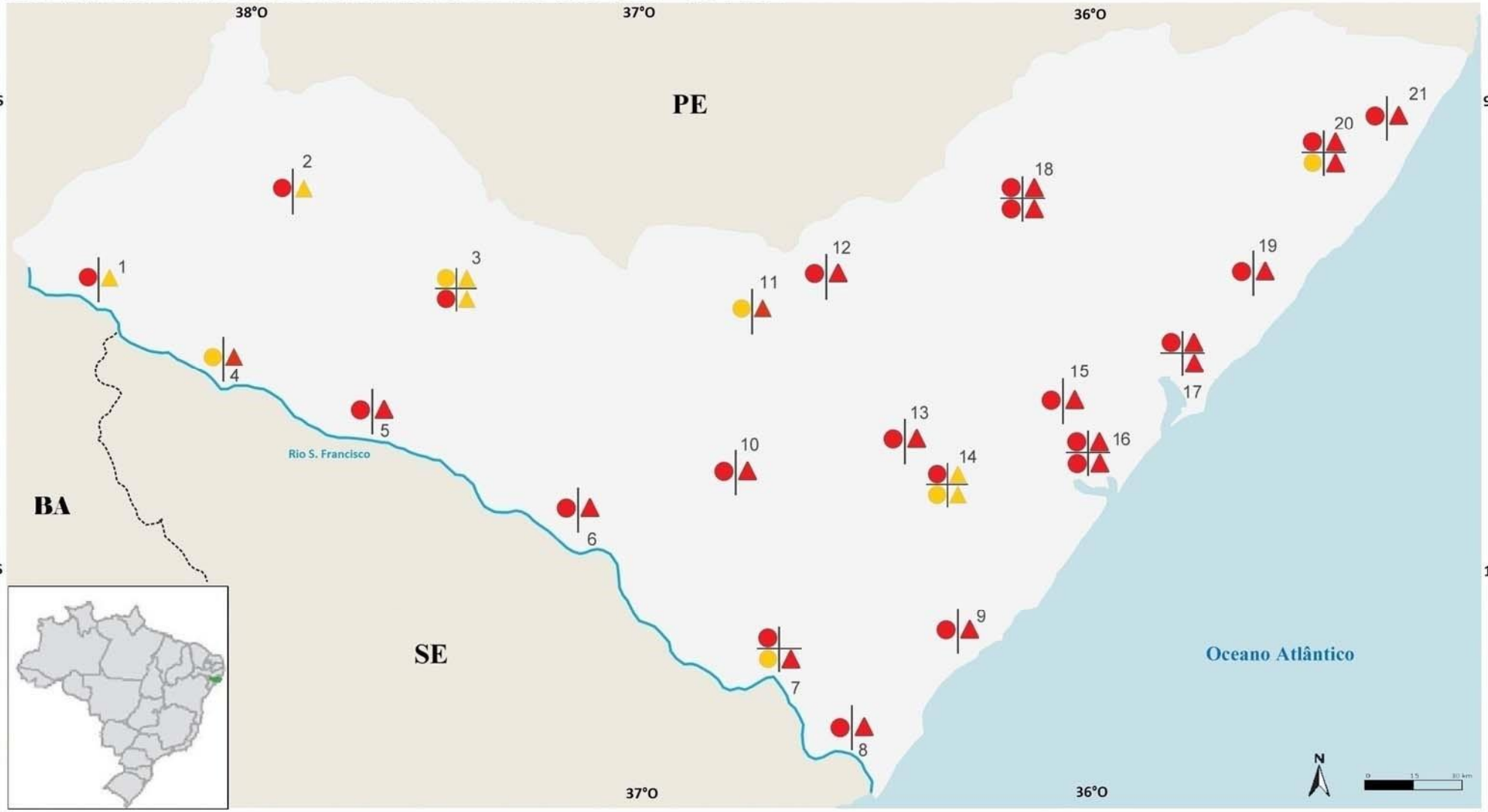
INF.M		INF.F	
15	['imɐ]	18	['imɐ]
3	['ima]	2	['ima]
8	[a'zogɪ]	8	[a'zogɪ]
5	[a'zowgɪ]	2	[a'zowgɪ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 86

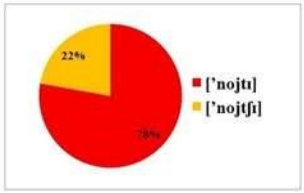
ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS – ALEAL



QFF 033

NOITE

INF.M		INF.F	
21	['nojtɪ]	21	['nojtɪ]
6	['nojtʃɪ]	6	['nojtʃɪ]



Base cartográfica: mapa do Estado de Alagoas adaptado do IBGE – 2015
Tema: banco de dados do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
Planejamento cartográfico, edição de base e composição temática :
Ricardo Chicarelli (Brasil)
Consultoria: Valdivânia Pereira Barbosa (Brasil)
Edição final: Michel Garambois (França)
Brasil – França, 2016

CARTA 87

NOTAS

PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS

1. *Como chama a língua que o(a) senhor(a) fala?*

PONTO 2 – CANAPI
HGI
INF.- A língua qui nois fala... a língua qui nois fala é u quê?
INQ.- É português?
INF.- ...
INQ.- É português?
INF.- ... ingrêis?
INQ.- Você acha que é o quê?
INF.- É ingrêis né...

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR
HGI
INF.- Às vezes acho que falamu grego. Porque cada um num estado fala um pouco diferente, arrasta um pouquinho, aí eu digo que a gente fala grego. Eu acho que devia todos nós falar igual, como não falamo a gente fala grego.
INQ.- Você acha que esse jeito de falar diferente dificulta nosso entendimento?
INF.- Não.

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO
MGI
INF.- Pode falar errado, mas todo mundo fala português, pode não falar corretamente, porque é uma língua bastante complicada, mas todos se entendem.

NOTAS
QFF 033. NOITE

“Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a ____?”

PONTO 7 – PENEDO

MGII INF.-

['nojtI]

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGI

INF.- ['nojtSI]

NOTAS
QFF 010. ÍMÃ

"... aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego e alfinete?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

MGI

INF.- ['imå] [a'zowgl]

PONTO 17 – MACEIÓ

INF.- ['imå]

NOTAS

QSL - SACOLAS PLÁSTICAS / BOLSA

"... aquilo feito de material muito leve, com duas alças, em que se colocam as compras na feira ou no mercado?"

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR HGI

INF.- Mochila. [mo'Silå].

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS
HGI

INF.- É bolsa ['bowså], ou□ □□□ □□□□ å].□

MGI

INF.- INF.- Sacola [sa'kçlå].

INQ.- O povo fala só assim?

INF.- Chama chiadera [Sia'deRå].

NOTAS
194. LOTE / TERRENO / DATA
... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

PONTO 5 – P]AO DE AÇÚCAR
MGI

INF.- ['Så)w)], [tE'xenU].

PONTO 12 – QUEBRANGULO
MGI

INF.- ['Så)w)] [tE'xenU].

PONTO 21 – MARAGOGI MGI

INF.- ['Så)w)], [tE'xenU].

NOTAS
194. LOTE / TERRENO / DATA
... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA HGI

INF.- [tE'xenU].

NOTAS
QSL 194. LOTE / TERRENO / DATA (LEXICAL)
"... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA HGI
INF.- Chão.

MGI
INF. Terreno.

PONTO 21 – MARAGOGI
MGI
INF.- Chão, terreno.

NOTAS

187. DIADEMA / ARCO / TIARA

"... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos?

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

MGI

INF.- Tiara [ti'aRå] e antes chamava diadema [dia'demå].

PONTO 20 – PORTO CALVO

MGII

INF.- De primero era diadema [dja'demå], hoje é tiara [tJi'aRå].

INQ.- Você vai na loja hoje e tá escrito o quê?

INF.- Tiara.

NOTAS
QSL 183 – ALPERCATA

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA
HGI

INF.- Chinela di coro [Si,nElådJI'koRU].

PONTO 2 – CANAPI
HGI

INF.-Xoboi [,So'boj] percata □□□□□□□□□□□□

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR HGI
INF.- Precata [pRe'katå].
MGI
INF.- Xoboi [,So'boj].

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO
HGI

INF.- Lepe-lepe □□□ E □□ ' □ E□□ □ .

PONTO 17 – MACEIÓ
MGII INF.- Sertaneja [sEhta'neZå].

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES MGI

INF.- Lepe-lepe □□□ E □□ ' □ E□□ □ .

NOTAS

NOTAS
QSL 176. PÃO FRANCÊS
"... pão pequeno? *Mostrar*."

PONTO 4 – PIRANHAS HGI
INF. Pão francêis [,på)w)fRå)'sejs], pão di sal, [,på)w)dZI'saw], pão roberto [,på)w)xo'bEhtU].
MGI
INF.- Pão di sal [,på)w)dI'saw].

PONTO 7 – PENEDO
MGI
INF.- Pão ['på)w)].

PONTO 9 – CORURIPE MGI
INF.-Pão ['på)w)].

PONTO 12 - QUEBRANGULO HGI
INF.- Pão ['på)w)] normal.

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA MGI
INF.-Pão ['på)w)].

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS HGII

INF.- Pão francêis [,på)w)fRå)'sejs], seda ['sedå].

PONTO 17 – MACEIÓ HGI
INF.- Brioche [bRi'çSI].

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE
HGI
INF.- Pão francêis [,på)w)fRå)'sejs], pão criolo □ □ □□□ ' □□□□□□

PONTO 20 - PORTO CALVO
MGII
INF.- Aqui tem vários tipos: temo pão francêis [,på)w)'fRå)sejs], tem o bulachão □ □□□ □□ □ å)w)]. E tem o pão doce [,på)w)'dosI] que o povo chama de pão de coco [,på)w)dI'kokU], mas aqui só chama pão doce, mas agora naquele mundo e lá chama pão de coco [...].

175. BALA / CONFEITO / BOMBOM

"... aquele doce que vem embrulhado em papel colorido e que se chupa?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA
HGI

INF.- Pirulitu [piRu'litU].

PONTO 2 – CANAPI
HGI

INF.- Cabeça di negu [kabesådi'negU].

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA
HGI

INF.- Mulequi bom [mu,lEkI'bo)]

PONTO 20 – PORTO CALVO
HGI

INF.- Negu bom [,negU'bo)].

NOTAS
QSL 174. GELADINHO
"...aquele líquido congelado feito de suco de frutas ou de leite e colocado num saquinho plástico fino e comprido?"

PONTO 7 – PENEDO
HGI

INF.- Jajá å], geladinho [Zela'dZi¯U], peitu di moça [,pejtUdI'moså].

PONTO 8 – PIAÇABUÇU
MHI
INF.- Picolé [piko'lE]. **INQ.-**
Não é no pauzinho?
INF.-Tem no pauzinho e tem no plástico. A gente chama picolé. Tem gente que chama de geladinho [Zela'diNU].
INQ.- Mas como fala mais?
INF.- Picolé de mochila [pico,lEdImo'Silå].

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO
HGI
INF.- Flau ' , sacolé , pinguim .
HGII
INF.- Flau ' , peitu di moça [,pejSudi'moså].
MGII

NOTAS

INF.- Pinguim[illegible]' [illegible] , frau [illegible] , dudu [illegible] .

PONTO 17 – MACEIÓ
MGII

INF.- Maria mole [ma,Riå'mçlI], jajá [illegible] å], peito de velha [,pejtUtI'vE¥å].

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES
MGI

INF.- Frau ['fRaU], peito de velha [,pejtUtI'vE¥å].

PONTO 20 – PORTO CALVO
MGII

INF.- Chama congelado [illegible]

INQ.- Mas aqui eu ouvi falar de outro jeito. Põe aquele saquinho no congelador....

INF.- Ah, tá falando do flau ['flaU]. Chama flau, chama tabu [ta'bU]. Tem vários nomes, mas aqui a gente fala mais flau.

INQ.- Como é o nome do outro?

INF.- Tabu. Tabu geladinho [Zela'dZi¯U].

QSL 168 – JANTAR

NO PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS
MGI

INF.- Jantar [Zå)'tah] mas o pessoal fala aqui café da noite [kA,fEdå'nojtJI].

NO PONTO 20 – PORTO CALVO
MGII

INF.- De noite tem o jantar [Zå)'tah].

INQ.- E para essa última refeição, como que fala? INF.-

Jantar, café [ka'fE].

INQ.- Fala mais jantar ou fala mais café?

INF.- Muitos fala jantar outros fala mais café.

PONTO 8 – PIAÇABUÇI
MGI

INF.- Café [ka'fE].

INQ.- O que vocês comem no café da noite?
INF.- O próprio café, pão, cuscuz, batata, macaxera.

PONTO 17 – MACEIÓ

HGI

INF.- Algumas pessoa chama café [ka'fE], mas otras pessoa chama jantar [Zå)'tah].

INQ.- A última do dia é o quê? INF.-
Jantar [Zå)'tah].

INQ.- Essa que falei que é três horas é o quê? INF.-
Lanche ['lå)SI].

INQ.- E a noite?

INF.- Jantar [Zå)'tah].

INQ.- Mas o povo chama assim mesmo ou chama diferente?
INF.- Então, é porque vareia. Uma pessoa que não tem estudo chama de café, pra quem já tem mais estudo chama de jantar.

NOTAS
156. AMARELINHA
... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

PONTO 4 – PIRANHAS
HGI
INF.- Pula-pula [,pulå'pulå].

PONTO 10 – ARAPIRACA
MGI
INF.- Quadrinho amarelo... parece que é... bolinha amarela... que fica pulando...

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA
HGI

INF.- Um chama casinha [ka'ziNå]...

PONTO 20 – PORTO CALVO
HGI
INF. Avião [avi'å)w)]. céu.

NOTAS

HGII

INF.- É chama... Aqui chama xadreiz [illegible] [illegible]né.

MGII

INF.- .- Cademia [kade'mia].

NOTAS

QSL 148. PRESÉPIO

"No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chama isso?"

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGII

INF.- A gente chama aqui o minino Deus. Coloca lá o minino, coloca os borreguinho... **INQ.-** E como que chama?

INF.- Chama natal□ □□□ □□ □ □□□□ Colocando o natal.

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- A maquete □□□□□□□ □□□□

MGI

INF.- A birra □□□□□å □ □

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR

HGI

INF.- Aqui a gente chama aqui altar □□□□□□□□□□

PONTO 6 – TRAIPU

HGI

INF.- Aqui chama-se pináculo □□ □□□□ □□□ □□

PONTO 7 – PENEDO

HGII

INF.- Chama pastoril □□□□□□□ □□□□ ... pastoril não... isquci.

INQ.- Pastoril é o que?

INF.- É um grupo de música que representa... que dá o nome de.... lapinha □□□ □□□□ å].

Lapinha que é isso.

PONTO 9 – CORURIPE

HGI

INF.- Sete magus. □□□□□□ □□□□□□□□□□

PONTO 20 – PORTO CALVO

MGI

INF.- Capela □□□□□□□å].□

PONTO 21 – MARAGOGI

MGI

INF.- Trêis reis magus □□□□□□ □□□□ □ □ □□ □□□□□

NOTAS

NOTAS QSL 143. DIABO
"Deus está no céu e no inferno está ___?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA MGI
INF.- O satanáis [sata'najs], o dema ['demå].

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA HGI
INF.- Satanáis [sata'najs].
INQ.- Tem outros nomes?
INF.- Tem, lúcifer [lusi'fEh].

PONTO 4 – PIRANHAS
HGI
INF.- O diabo □ □□□□ □□□□ □ □ **INQ**.-
Mais nomes pra ele você conhece?
INF.- Belzebu □ □□□□□□□□□ □ □

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR
MGI
INF.- Diabo [di'abU].**, s**atanáis [sata'najs], lucifer [lusi'fEh], meu adversário □ □□□□□□□□□□ □ □□□□□ .

PONTO 11 – PALMEIRA DOS ÍNDIOS
HGI
INF.- Demôniu □ □□□ □□□□□□ □

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS
HGI.- Demôniu □ □□□ □□□□ □□□

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO
MGI
INF.- Diabo □ □□' □□□□ , bicho preto [,biSU'pRetU], capeta [ka'petå].
MGII.- Danado □ □□□□□□□□□ □

PONTO 17 – MACEIÓ MGII
INF.- O diabo [di'abU]. demônio [de'moniU], satanáis [sata'najs].

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES MGII
INF.- O diabo [di'abU], aquele sem-vergonha, nojento.

INQ.- Tem outros nomes? **INF.-**
O cão ['kå)w)].

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE
MGI
INF.- O diabo [di'abU], cão ['kå)w)], satanáis [sata'najs].

PONTO 20 – PORTO CALVO
MGI.- Diabo [di'abU].

INQ.- Tem outros nomes? **INF.-**
Peste ['pEStJI].

HGI.- É o diabo □ □□□□□□□□ □ né., o demonho □ □□□ □□□□ □□□ □ □

QSL 141. CIGARRO DE PALHA

"Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?"

PONTO 2 – CANAPI
HGI

INF.- Pacaiu□ □□□□□□□ □□□

MGI

INF.- Pacaia □ □□□□□□□□ □□

PONTO 4 – PIRANHAS
HGI

INF.- Pacaiu□ □□□□□□□ □□□□

MGI
INF.- Trevo ['tRevU] e tem outro nome que esqueci.

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR
MGI

INF. Pagoga □□ □□□ç □□ □ □□

PONTO 6 – TRAIPU
MGI

INF. Pagoga □□ □□□ç □□ □ □□

PONTO 7 – PENEDO
MGI

INF.- Pacaiu□ □□□□□□□ □□□□

PONTO 8 – PIAÇABUÇU
INF.- Fumo ['fumU].

MGI
INF.- Tacaio [ta'kajU].

PONTO 9 – CORURIPE
HGI

INF.- Cigarru di corda □□□□□□□□□□□ □□ç □□□□□

MGI

INF. Pagoga □□ □□□ç □□ □□□

PONTO 12 – QUEBRANGULO
MGI

INF.-Cigarru [si,gaxU].□

NOTAS

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA
MGI

INF.- Cigarru □ □ si,gaxU □□

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS
HGI

INF.- Cigarru di seda □ □ si,gaxU □□ □□□□□□□

PONTO 15 – PILAR
HGI
INF.- Pitaco [pi'takU].
MGI
INF.- Cigarro de palha [si,gaxUdI'pa¥å], de corda ['kç˙då].

PONTO 17 – MACEIÓ
HGI

INF.- Cigarru INF.- [si,gaxU].□

MGI

INF.- Cigarru INF.- [si,gaxU].□

HGII

INF.- Cigarru di corda □□□□□□ x□□□ □□ □□□□□□

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES
MGII

INF.- Cigarro □□□ ' □□□□□ mesmo.

□

PONTO 20 – PORTO CALVO
HGI

INF.- Braçu di Judas □□□□□□□□□ □ □□ □□□□□ , boró [bç'rç]

PONTO 21 – MARAGOGI
MGI

INF. Cigarru di rolo [,sigaxUdi'xolU]]□

□

137. AGUARDENTE (DESIGNAÇÕES)

"Que nomes dão para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?"

PONTO 11 – PALMEIRA DOS ÍNDIOS

MGI

INF.- Cachaça □□□' □□□ å□ , corota [ko'Rçtå]

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

INF.- Aqui tem o cinquenta e um [si),kwe)tåj'u)], corota [ko'Rçtå], fubuia [fu'bujå].

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE

HGI

INF.- Cachaça [ka'Saså], pitu [pi'tu].

NOTAS

NOTAS
134. PROSTITUTA
"... a mulher que vende o corpo para homens?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA MGI
INF.- Prostituta [pRoStSi'tutå], piranha [pi'Rå)¯å], uma rodada [xo'dadå].

PONTO 2 – CANAPI MGI
INF.- Rapariga [xapa'Rigå], protisquenga [pRçStSis'ke)gå].

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA HGI
INF.- Prostituta [pRçStSi'tutå].
INQ.- Tem mais nomes?
INF.- Safada [sa'fadå], puta ['putå].

PONTO 4 – PIRANHAS HGI
INF.- Prostituta [pRçStJi'tutå], meretriz [meRe'tRis].
MGI
INF.- Mulé galinha [mu,lEga'li¯å], piranha [pi'Rå¯å], pirua [pi'Ruå].

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR
MGI
INF.- Adútera [a'duteRå], prostituta □□□ç □□ □ □□ □□ å].

PONTO 7 – PENEDO HGII
INF.- Protistuta [pRçtJiS'tutå], mulher adúltera [a'duwteRå].
MGII
INF.- Prostituta □ □ □ç □□□ □□□□å], rapariga □□□ □□ □□□ □å], égua □□□ □□å].

PONTO 15 – PILAR HGI
INF.- Quenga ['ke)gå].

PONTO 16 - MARECHAL DEODORO
HGII
INF.- Quenga ['ke)gå] ou rapariga □□□□□□□□ □ å].

PONTO 17 – MACEIÓ
MGI
INF.- Prostituta □ □ □ç □□□ □□ □□å], Muitos nomes feios, vagabunda [vaga'bu)då]...

PONTO 21 – MARAGOGI
HGI
INF.- Prostituta □ □ □ç □□□ □□ □□å], quenga ['ke)gå].

QSL 112. MENSTRUAÇÃO

"As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?"

PONTO 2 – CANAPI

HGI

INF.-Menstrolada□□□□□□ R□□□□□å□ □□

MGI

INF.-Boi ['boj], menstruada . [mestRwa'så)w)], regra ['xEgRå].

PONTO 15 – PILAR

HGI

INF.- Menstruada [me)stRwa'så)w)], tá di boi [,tadI'boj].

NOTAS
QSL 102. ÚTERO
"... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê antes de nascer?"

PONTO1 –DELMIRO GOUVEIA HGI
INF.- No bucho ['buSU].

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA
HGII □

INF.- Bucho □□□□□□□□ □□ □

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA
MGI

INF.- Bacia □□□□ □ □ å□ □ né.

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS
MGI

INF.- Da bacia □□□□ □□ å□ □

NOTAS

PONTO 17 – MACEIÓ MGII

INF. Colo ['kçlU].

PONTO 20 – PORTO CALVO HGII

INF.- Ah fica… Chama o... Essa parte aí sabia, isquici... na barriga né.

INF.- Aquele negócio assim...

INQ.- O senhor conhece por...

INF.- As cadera que fica... Na bacia

89. POMO-DE-ADÃO / GOGÓ

"... esta parte alta do pescoço do homem?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

MGI

INF.- As pessoas, geralmente chamam gorguminho [go˙gu'miNU].

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGI

INF.- Guela [gu'Elå].

HGII

INF.- Deixô a maçã... é...isso foi Adão que deixô a maçã... não engoliu, quando ele foi, foi vumitá pra fora. Aqui chama isso. Porque ele tentou voltá, aí ficô na guela.

PONTO 10 – ARAPIRACA

MGI

INF.- Pitela [pi'tElå].

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO

HGI

INF.- A gente ouve assim: quando tá ficando rapaz, o osso da guela já apareceu.

MGI

INFI. Galo

MFII

INF.- Ossu da garganta å].

]PONTO 17 – MACEIÓ

HGI

INF.- Galo ['galU] ou pinguelo [pi)'gElU].

PONTO 21 – MARAGOGI
MGI

INF.- Goela □□□□□å]. □

□

NOTAS
QSL 72. MOSQUITO

"... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas durante a noite?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

MGI

INF.- Musquito [mus'kitU], muriçoca [muRi'sçkå], pernilongo [pe˙ni'lo)gU].

PONTO 2 – CANAPI

HGI

INF.- Muruanha □□□□□□□□□□□pernilongo [pe˙ni'lo)gU].

PONTO 10 – ARAPIRACA

HGI

INF.- Muruanha □□□□□□□□□ □

PONTO 17 – MACEIÓ

HGI

INF.- Mosca ['moskå].

MGII

INF.- É o maruim [maRu'i)] também.

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE

MGI

INF.- Musquito [mus'kitU]. Carapanã [kaRapå') nå)].

70. BICHO DA FRUTA

NOTAS
."".. aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?"

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGI

INF.- Chama praga ['pRagå].

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- Chama-se vermes ['vE˙mIs].

PONTO 9 – CORURIPE

HGI

INF.- Praga ['pRagå].

PONTO 12 – QUEBRANGULO

HGI

INF.- Uns chama lagartinha [lagah'tJi¯å] outros chama tapuru [tapu'Ru]. É tapuru mermo.

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGI

INF.- Lavas ['lavås].

QSL 069 – LIBÉLULA
... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

PONTO 2- CANAPI

NOTAS

MGI

INF.- É lava-cu [,□□□ å□□□] que chama aqui, mas é a libélula □□□ □□□ □□□ å], eu li no livro, mas

aqui na região é lava-cu.

NOTAS

QSL 67. MOSCA VAREJEIRA

‘... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?”

PONTO 2 – CANAPI

MGI

INF.- Mutuca [mu'tukå]. Tem dois tipo, tem a mutuca e tem a... mutuca só pica, a que deixa os ovos é a mosca azul [,moskåa'zuw], a varijera [vaRi'ZeRå].

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGI

INF.- Lava ['lavå].

MGI

INF.-Mosca [,moskå].

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- Aqui nóis chama moscão [mos'kå)w)], varijera [vaRi'ZeRå].

PONTO 7 – PENEDO

MGI

INF.- Mosca di bichu [,moskadi’biSu],

PONTO 12 –QUEBRANGULO

HGI

INF.- Mosca de berne [,moskådJI'bE˜nI], quando não é de berne chama de varijera [vaRi'ZeRå].

MGI

INF.- Mosca de lava [,moskådI'lavå] que chama, ela põe ovo.

PONTO 15 – PILAR

HGI

INF.- Mutuca de cavalo [mu'tukådIka'valU].

NOTAS

62. GAMBÁ

"... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?"

PONTO 2 – CANAPI

HGI

INF.- Camambá□□□□□□□□□□□□□ □

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO
MGI

INF.- Gambá □□å□' □□□ , não? Cassaco [ka'sakU]. Porque tem o caçaco que é assim.

INQ.- E qual é a diferença?
INF.- O cassaco ainda se come, tem o mesmo sabor de galinha, o gambá não se come.
INQ.- Ambos têm cheiro ruim? **INF.-**
Tem o cheiro forte.

PONTO 20 – PORTO CALVO
MGII

INF.- Olha, aqui num sei fala que lá pode se diferente.. dizê que até o próprio cachorro de tira □ □□□□□□□□□□□□□ □□□ å□ chama picaca.

INQ.- Como?

INF.- Picaca □□□□□□□ å□ □

QSL 057. JOÃO-DE-BARRO

"... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até mesmo nos cantos da casa?"

PONTO 6 – TRAIPU MGI

INF.- Papa-capim □□□ □□□□□ □□□□□.], rolinha pé-de-feijão □□□ □□ □□□ □□ □□□□□ □ å)w)].

NOTAS
QSL 56. COLIBRI / BEIJA-FLOR

"... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

HGI

INF.- Bizunga □□□□□□□□□□ □□

PONTO 2 – CANAPI

HGI

INF.- Bizunga □□□□□□□□□□ □□

PONTO 6 – TRAIPU

HGI

INF.- Beijola [bej'Zçlå].

PONTO 12 – QUEBRANGULO

HGI

INF.- Pescadô [peska'do].

QSL 055. URUBU

"... a ave preta que come animal morto, podre?"

PONTO 17 – MACEIÓ

MGI

INF.- Urubu [uRu'bu].

NOTAS
47. PILÃO

".. objeto feito de um tronco de madeira, oco, e que serve para descascar e triturar milho, arroz, café, ?"

PONTO 10 – ARAPIRACA

HGI

INF.- Pilão [pi'lå)w)].

PONTO 17

HGII

INF.- Socador □□□□ □□□□□ □ □

NOTAS

QSL 044 – MANDIOCA

... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer, que se rala para fazer farinha, polvilho, goma?

PONTO 13 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGI

INF.- Macaxera [maka'SeRå]. Mandioca é que é amarga, que faz farinha... e a que come é macaxera, tem gente que chama aipim.

PONTO 17 – MACEIÓ

MGI

INF.- Macaxera [maka'SeRå]. Mas tamém tem a mandioca, cada uma serve para fazer uma coisa.

INQ.- O que dá para fazer da macaxeira?

INF.- Tem o bejú e tem a tapioca [tapi'çkå] que é da goma da macaxera, né.

INQ.- Então me explica.

INF.- O bejú é feito da farinha mole, você rala a macaxera e coloca aquela farinha mole, espreme ela pra ficar meia úmida e coloca lá e bota o recheio do que for. Já a tapioca é a goma da macaxera, a goma da mandioca.

QSL 040. FUMO DE CORDA / FUMO DE ROLO / CRIOULO

"Como chamam por aqui aquele fumo escuro, enrolado e torcido?"

NOTAS
PONTO 4 – PIRANHAS

MGI

INF.- É... trança ['tRås) å].

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR

MGI

INF.- Trança ['tRå)så].

PONTO 10 – ARAPIRACA

MGI

INF.- Bola de rolo □□□ç□ å □□ ' □□□□ □ .

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA

MGI

INF.- Chama o rolo □ ' □□□□ □ .

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES

HGI

INF.- Fumo de vara [,fumUdl'vaRå].

HGII

INF.- Fumo de vara [,fumUdl'vaRå].

NOTAS – QSL 033 PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA
"... a ponta roxa no cacho da banana?"

PONTO 2 – CANAPI
MGI
INF.- Tem gente que chama de pendão [pe)'då)w)], outro chama de butão [bu'tå)w)]. E tem outro nome ainda que não to me lembrando.

PONTO 4 - PIRANHAS HGI
INF.- É o olho ['o¥U].

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR HGI
INF.- Buja ['buZå].
MGI
INF.- Rabo da banana □ □□□□□□□□□□ □□□ å□ □

PONTO 6 - TRAIPU HGI
INF.- Aqui chama-se os fio ['fiw].

PONTO 7 - PENEDO
MGI
INF.- Olho ['o¥U]. □
HGII
INF.- Naibo ['najbU].

PONTO 9 – CORURIPE HGI
INF.- Naibo ['najbU].

PONTO 11 – PALMEIRA DOS ÍNDIOS
MGI
INF.- Nabo □ □ □□□□□ □ □

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA HGI
INF.- Chama bambão [bå)'bå)w)]. Chama buzugo [bu'zugU].
PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS HGII
INF.- Naibo ['najbU].

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO
HGI
INF.- Pendão [pe)'då)w)],umbigo □ □□□ □□□□□□ □

PONTO 17 – MACEIÓ HGI
INF.- Chama de talo ['talU].

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES
MGI.- Talo ['talU].

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE
MGI.- Talo ['talU].

NOTAS

QSL 31 - PENCA
... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer?

PONTO 15 – PILAR
MGI

INF.- Penca [illegible] å].

PONTO 17 – MACEIÓ
HGI

INF.- Palma ['pawmå], [illegible] å].

NOTAS

28. TANGERINA / MEXERICA

"... as frutas menores que laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?"

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

MGI

INF.- [miSi'Rikå] , laranja-lima [la,Rå)Zå'limå].

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGI

INF.- Laranja poncã [la,Rå)Zåpo'kå)].

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO

MGII

INF.- Laranja-cravo [la,Rå)Zå'kRavU].

QSL 23. ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO

"De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chama isto?"

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- Cometa [ko'metå].

MGI

INF.- Istrela cadente [iS,tRelåka'det) I].

PONTO 9 – CORURIPE

MGI

NOTAS

INF.- A istrela mudô [is,tRelåmu'do].

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE

HGI

INF.- Istrela caiu [is,tRelå'kajU].

17. ORVALHO / SERENO

"De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chama aquilo que molha a grama?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

MGI

INF.- Garoinha [gaRo'i¯å].

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

MGII

INF.- Orvalho □□□□□□□□□□□

□

PONTO 8 – PIAÇABUÇU
MGI

INF.-Frieza [fRi'ezå].

PONTO 11 – PALMEIRA DOS ÍNDIOS

HGI

INF.- Sereno [sE'RenU].

PONTO 17 – MACEIÓ

MGI

NOTAS

INF.- Garoa [ga'Roå] frieza [fRi'ezå]

QSL 15. ARCO-ÍRIS

"Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nomes dão a essa faixa?"

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA
HGII

INF.- Arco celeste [,ahkUse'lEStJI].

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR
MGI
INF.- Arco da velha [,ahkUda'ye¥å].

PONTO 10 – ARAPIRACA HGI
INF.- Arco-íri [,ahkU'iRi].

PONTO 20 – PORTO CALVO

HGII
INF.- Ah chama aqui, aqui a gente, tem dois nome né, mais aqui a gente chama de arcoceleste □□□ □□ □□□ □□ □ □□ □□ □ ..olho de boi... [,o¥Udi'boi]. Fica vermeio né, que a chuva se forma, ele se forma na frente...

NOTAS
QSL 013 – GRANIZO
“Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”

PONTO 2 – CANAPI
HGI
INF.- Chuva de pedra □□□□□□□□□□□□□□□□□ □□□

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR
HGI
INF.- A gente chama tempestade com gelo □ te)peS,tadI □u□) □ □□□□ .
MGI
INF.- Cai lá em São Paulo. Aqui já caiu, cai mais não, que quando eu era pequena tinha essa chuva, que até nóis num cunhicia o que era gelo, num tinha geladera por aqui. Minha mãe dizia óia o gelo, e apanhava as bolinha, caía de cima da casa, nos vão das teas e minha mãe dava pa nóis chupá. **INQ.-** Foi a primeira vez que você viu o gelo?
INF.- É, estalava nas teas, mais eita, era chuva de peda [,Suvådi'pEd å]. Parecia que tinha um negócio que fazia caí por [entre] as teas, nóis curria apanhá as pedinhas, mãe dava pa nóis chupá.

PONTO 7 – PENEDO
HGII
INF.- Aqui não cai, mas onde cai diz que é giada □□□ ' □□å□ .

PONTO 12 – QUEBRANGULO HGI
INF.- Aqui chama chuva de gelo [,SuvådJI'ZelU].

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO MGI
INF.- Não, aqui a gente não tem.

PONTO 17 – MACEIÓ
HGII
INF.- É giada □□□ ' □□ å□ .

QSL 009. RAIO

“... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo.”

NOTAS

PONTO 6 - TRAIPU

INF.- Raio □□□□□å□ □□

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA

HGI

INF.- Relâmpago [xE'lå)pagU].

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGII

INF.- Curisco [ku'RiskU].

PONTO 15 – PILAR

HGI

INF.- Chama curisco [ku'RiskU].

NOTAS

QSL 7. REDEMOINHO (DO VENTO)

"... o vento que vai girando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?"

PONTO 2 – CANAPI
HGI
INF.- Ventamunho [vet) a'muNU].

PONTO 7 – PENEDO
MGI
INF.- Vulcão [vuh'kåw))].

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGI

INF.- É como se fosse o memo da água, né, chama gedimunho [Zedi'mu¯U], mas só que é um tornado [to˙'nadU] pequeno, né.

PONTO 17 – MACEIÓ

HGI

INF.- A gente dá vários nomes, ciclone [si'klonI] furacão [fuRa'kå)w)].

MGII

INF.- Rodominho [xodo'mi)NU].

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES

HGI

INF.- Tornado □□□ ¨' □□□□□ , furacão □ □ □□□' □å□□□□ , tornado.

INQ.- Mas esse é forte, né, o menorzinho, do quintal da casa.

INF.- Furacão, né.

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE

MGI

INF.- Deu um vendaval [ved) a'vaw] e levanta a poeira.... aqui não dá isso.

PONTO 20 – PORTO CALVO

HGI

INF.- Ventaval [vet) a'vaw]. Pode ser chamado também de ventania [vet) å'niå)].

PONTO 21 – MARAGOGI

HGI

INF.- Vento forte [,vet) U'fçhtI].

NOTAS QSL 004 - REDEMOINHO (NA ÁGUA)

"Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, forma um buraco e puxa para baixo. Como se chama isto?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA
HGI

INF.- A maré □□□□ □□□ puxa, né.

PONTO 2 – CANAPI
HGI

INF.- Barreiro □□□□□□□□□ □

□□

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA
MGII

INF.- Panela □□□□□□□□□□□ .

INQ.- Panela, vou até anotar aqui porque eu não conhecia com esse nome.

INF.- Chama as panela d'água [på,) nElå'dagwå] □

INQ.- As panelas d'água.

INF.- Que ela vai nadano, aí quando se forma aquela panela, puxa...

INQ.- Puxa e você não consegue voltar mais.

INF.- Num consegue voltá...

INQ.- Panela é a primeira vez que eu escuto para isso, porque tem gente de outro lugar que dá outro nome.

INF.- É, otros chamam negro d'água□ □□□□□□□□□□□□□ , mais num... mais eu cunheço por panela. **INQ**.- Mas chama também negro d'água?

INF.- É nego d'água □□□□□□□□□□□□□□ □

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR
MGI

INF.- Panela d'água [på,) nElå'dagwå] ou rebojo [xe'boZU].

PONTO 6 – TRAIPU
HGI

INF.- Remanso □ xe'må)sU].

MGI

INF.- Areia gorda □□□□□□□ □ □□□□ å].□

PONTO 7 – PENEDO
HGII

INF.- Perau □□□□□□ □ □ □

MGII

INF.- Porão □□□□□ å)w)].

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA
MGI

INF.- Mareta [illegible] å].

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS
MGI

INF.- Chama gedimunho [Zedi'mu¯U] na água, agora se chama tornado na água [to˙,nadUnå'agwå].

MGII

INF.- É porque tem algum purão [pu' [illegible]å)w)]. Um buraco assim, um curripi [kuxu'pi] assim.

INQ.- Que jeito é isso?
INF.- Um currupi assim que chama a pessoa pra dentro do buraco. Se for muito fundo, se a pessoa entrá, a pessoa morre.

PONTO 15 – PILAR HGI
INF.- Chama as panela [på') nElå], redemuinho [xedemu'iNU], cacimba [ka'si)bå].

PONTO 17 – MACEIÓ MGII
INF.- Correnteza [kçxe)'tezå].

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES HGII
INF.- Aqui chama o calderão [kawde'Rå)w]).

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE
MGI

INF.- A gente chama porão [illegible] å)w)].

PONTO 20 – PORTO CALVO MGI
INF.- Correnteza [kçxe)'tezå].
NOTAS - QSL 002 - PINGUELA

PONTO 9 – CORURIPE HGI
INF.- Pinguela [pi)'gElå]. (risos).
INQ. Por que você riu?
INF. Porque é um nome diferente.
MGI
INF- (risos)
INQ. Por que que tá dando risada?
INF. Porque chama pinguela [pi)'gElå] (risos).
INQ. E por que você deu risada?

INF. Porque o nome é feio.

Ponto 14 – São Miguel dos Campos
HGI
INF.- Biela
MGI
INF.- Olhe, tem vários nomes, agora eu acho que o nome certo é pinguela [pi)'gElå]. É um nome invocado, né.
INQ.- Além de pinguela é o quê?
INF.- Ponte ['po)tI]. Mas não pode ser ponte de um pau só. Passarela [pasa'RElå].
MGII
INF.- Travessia.
HGII.- Ponte, né.
INQ.- Mas a ponte não é uma coisa mais assim....
INF.- Porque aqui a gente chama, desculpa dizer, mas pinguela [pi)'gElå].

Ponto 16 – Marechal Deodoro
MGI
INF.- Valeta.

Ponto 17 – Maceió
HGI
INF.-Passagem
MGI
INF.-Atravessador

Ponto 18 – União dos Palmares
MGI
INF.- Passador

Ponto 20 – Porto Calvo
HGI.- No popular o nome pinguela [pi)'gElå], ou pode ser uma ponte ['po)tI], uma passarela [pasa'RElå] também.
HGII.- Um salto □ □ □ □□□□□□ □ □
INQ.- Ah é?
INF.- É, atravessa dum lado pro otro cum salto.
INQ.- Mas aí passando por cima do pau?
INF.- Não, por exempro, se o rio for istreito...
INQ.- Dá para saltar.
INF.- Dá pra saltá.
INQ.- Mas e se não der para saltar e você jogar um pau lá, como é que chama aquilo?
INF.- É o... Aqui a gente conhece por uma ponte □ □ □ □□□□□□□ ou pinguelinha □ □□□□ □□ □ □□□ □□ .

Ponto 21 - Maragogi
HGI.- Ponte ['po)tJI] ou uma bengala [be)'galå].
INQ.- É? Bengala?
INF.- É, bota um pau e diz que é uma bengala.

NOTAS

QMS 30. PROCURAR / CAÇAR

"O(a) senhor(a) está olhando para o chão, tentando encontrar algo que perdeu (carteira, relógio, dinheiro), quando passa um amigo e pergunta o que o(a) senhor(a) está fazendo. O(a) senhor(a) diz: "perdi tal coisa e estou aqui ___""

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

HGI

INF. Procurando, caçando.

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGII

INF.- Caçando.

PONTO 7 – PENEDO

MGI

INF.- Procurando, caçando.

PONTO 12 – QUEBRANGULO

HGI

INF.- Tô caçano meu relógio.

NOTAS

QMS 027 - FUTURO DO PRETÉRITO

“O que é que o(a) senhor(a) faria se ganhasse na loteria?”

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

MGI

INF. Compraria uma casa.

PONTO 2 – CANAPI

MGI

INF.- Dividiria com algumas pessoas.

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA

HGI

INF. Comprar uma casa.

PONTO 15 – PILAR

HGI

INF.- Eu sumia.

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO

MGI

INF.- Eu ia embora daqui.

HGII

INF.- Uma das coisas era comprar uma chácara.

PONTO 17 – MACEIÓ

HGII

INF.- Compraria um sítio e ia ajudar minha família.

NOTAS

QMS 24. OUVIR (1ª pessoa do singular)

"O(a) senhor(a) ouve rádio / música bem alto ou baixinho? [Por quê?] [O que o(a) senhor(a) ouve no rádio?]"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

HGI

INF.- De vez em quando a gente escuta.

PONTO 2 – CANAPI

HGI

INF.- Com certeza.

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

MGII

INF.- Ouvo.

PONTO 12 – QUEBRANGULO

HGI

INF.- Eu ouvo mais música.

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGII

INF.- Oiço.

PONTO 17 – MACEIÓ

HGII

INF.- Mais é música brega ou sertaneja.

NOTAS

QMS 023: MAIOR / DE MAIOR /

“Quem já completou 18 anos pode tirar carteira de habilitação porque é ___.”

PONTO 7 – PENEDO

HGII

INF.- É maior.

16 – MARECHAL DEODORO

MGI

INF.- Maior de idade.

NOTAS
QMS 020 – PRONOME PESSOAL COMIGO

PONTO 3 - SANTANA DO IPANEMA

HGII

INF.- Vamo tomá um cafézinho?

INQ.- Com quem?

INF.- Cum Palito.

PONTO 10 – ARAPIRACA

INF.- Senta aqui pra tomar café.

INQ.- Com quem?

INF.- Comigo.

PONTO 12 – QUEBRANGULO

HGI

INF.- Vamo almoça mais eu?

PONTO 17 – MACEIÓ MGI

INF.- Vamos tomar café?

INQ.- Com quem?

INF.- Tomá café mais eu.

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGII

INF.- Ô Mara, bora um cafezinho?

INQ.- Com quem?

INF.- Com a Diva. INQ.-

Com quem?

INF.- Comigo.

QMS 3. CAL

NOTAS

“O(a) senhor(a) conhece cal? E como é? Como se faz para caiar uma casa?”

PONTO 7 – PENEDO

HGII

INF.- A cal [illegible]

NOTAS
QMS 2. ALFACE

“Como é que se chama aquela folha verde que se come geralmente na salada? [Essa folha tem que ser lavada antes de comer. Como o(a) senhor(a) pediria para alguém fazer isso?]”

PONTO 2 – CANAPI

MGI

INF.- Lava ali a alface.

PONTO 7 – PENEDO

HGII

INF. A alface.

PONTO 17 – MACEIÓ

HGII

INF.- Lave o alface.

90. PÊS<u>AMES</u>

“O(a) senhor vai a um velório, e lá chegando vai cumprimentar um familiar da pessoa falecida. O(a) senhor(a) estende a mão e diz: Meus __”

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR

MGI

INF.- ['pezUs□□□

NOTAS

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES

HGII

INF.- ['pezå].

PONTO 21 – MARAGOGI

MGI

INF.- ['pezU].

QFF 086. ME<u>S</u>MA

"Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa ___ roupa. [O(a) senhor(a) vai viajar e não leva nenhuma troca de roupa. O(a) senhor(a) vai usar a ___ roupa."

PONTO 4 –PIRANHAS

HGI

INF.- ['meZmå]

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR

MGI

INF.- ['mezmå]

PONTO 12 – QUEBRANGULO

HGI

NOTAS
INF.- ['me˙må]

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGI

INF.- ['me)må]

QFF 085. BARULHO
"Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça ___, para ela não acordar."

Ponto 11 – Palmeira dos Índios
MGI

INF.-□□□□□□ å]. □

Ponto 20 – Porto Calvo
HGII

INF.- [ba'Ru¥us].

Ponto 21 – Maragogi
HGI

INF.- [ba'RujU]

NOTAS
QFF 080. BRAGUILHA / ZÍPER

... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a ____?]

PONTO 8 – PIAÇABUÇU

HGI

INF.- ['zipI]

MGI

INF.- ['zipEh]

PONTO 20 – PORTO CALVO

MGI

INF.- [zipi'flESI]

QFF 080. BRAGUILHA / FECHO ECLER

... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a ____?]

Ponto 1 – Delmiro Gouveia
HGI
INF.- [fESI'klE]

NOTAS

Ponto 3 – Santana do Ipanema

MGI

INF.- [flESI'kE]

Ponto 4 – Piranhas

HGI

INF.- [feSi'klE˙]

NOTAS – QFF 080 - BRAGUILHA

Ponto 4 - Piranhas

HGI

INF.- O zípe ['zipI].
INQ.- Pode falar de outro jeito? INF.- Fechicler [feSi'klE}].

Ponto 7 – Penedo

HGI.-

INF.- [ba¨'giå], o zípe ['zipI], ['fESI].

Ponto 8 – Piaçabuçu

HGI

INF.- O zípe. ['zipI].
INQ.- Pode falar de outro jeito? **INF.-** Flechi. ['flESI].
((item não obtido))

MGI

INF.- O zíper ['zipeh].
INQ.- Pode falar de outro jeito?
INF.- Geralmente não diz zíper, fala "oh, o passarinho vai fugir". Aí já sabe o que é. (risos)

Ponto 9 – Coruripe

MGI

INF.- O zípi ['zipI].
INQ.- Pode falar de outro jeito? **INF.-** Flechi ['flESI].

Ponto 12 – Quebrangulo

MGI

INF.- O flechi ['flESI] tá aberto

Ponto 14 – São Miguel dos Campos

HGI

INF.- O flechi ['flESI], a barguia [ba¨'giå].

MGI

INF.- O zípi ['zipI], mas também as pessoa fala flechi ['flESI], mas é zípi a palavra certa.

MGII

Ponto 14 – São Miguel dos Campos

MGI

INF.- O zípi ['zipI], mas também as pessoa fala flechi ['flESI], mas é zípi a palavra certa.

MGII

INF.- Flechi ['flESI], a barguia [ba¨'giå] que tá aberta.

Ponto 15 – Pilar

HGI

INF.- A barguilha [ba¨'gi¥å].
INQ.- O povo usa mais o quê? **INF.-** O zípe ['zipI] mesmo.

Ponto 16 – Marechal Deodoro

HGII

INF.- A barguilha [ba¨'gi¥å]. (risos).

MGII

INF.- A barguia [ba¨'giå]. (risos).

Ponto 17 – Maceió

INF.- Feche o zíper ['zipE¨].
INQ.- Pode falar de outro jeito?
INF.- Fechicler [feSi'klE¨].
((item não obtido))

HGII

INF.- O zípi ['zipI]. INQ.- Pode falar de outro jeito? INF.- Fechicler [feSi'klE¨].
((item não obtido))

Ponto 20 – Porto Calvo

HGI

INF.- Chama-se a barguia [ba¨'giå] ou zípi ['zipi].

MGI

INF.- O zípe flechi [zipi'flESI].
((item não obtido))

MGII

NOTAS

QFF 0

INF.- Flechi ['flESI], a barguia [ba˙'giå] que tá aberta.	**INF.-** O zípe ['zipl]. (risos) Tem zípe, outras pessoa chama flechi ['flESI].... é esses dois.

NOTAS

QFF 0

75. TIO

“O que o irmão de seu pai e de sua mãe é seu?”

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- ['tSiw]

PONTO 9 – CORURIPE

MGI INF.-

['tiw]

PONTO 18 – UNIÃO DOS PALMARES

HGI

INF.- ['tJiw]

72. HOMEM

“Adão foi primeiro ___?”

PONTO 17 – MACEIÓ

MGI

INF.- ['o)me)j)]

PONTO 20 – PORTO CALVO

MGI

NOTAS

QFF 0
INF.- ['o)mI]

NOTAS

QFF 0

69. C<u>O</u>RAÇÃO

“Qual o nome do órgão que, se parar, a pessoa morre?”

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

HGI

INF.- [kçRa'så)w)]

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE

MGI

INF.- [koRa'så)w)]

NOTAS

QFF 068 – FÍGADO

Ponto 2 – Canapi

HGI

INF.- Rim, istambu, ah, não, é ['figU].

Ponto 13 – Limoeiro do Anadia

HGI

INF.- ['figidU]

NOTAS

QFF 0 61. <u>IN</u><u>O</u>CEN<u>TE</u>
“Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou o crime, se diz que ele é o quê?”

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA
MGII
INF.- □□□□ □□□□□□□□

PONTO 4 – PIRANHAS HGI
INF.- [inç'se)tSI].

PONTO 7 – PENEDO HGII
INF.- [i)nu'se)tSI].

PONTO 17 – MACEIÓ HGI
INF.- [inç'se)tSI].

PONTO 20 – PORTO CALVO HGI
INF.- [i)nu'se)tSI].
HGII
INF.- [i)nu'se)tSI].

□

NOTAS
QFF 060 – PEGO

Ponto 2 – Canapi
HGI
INF.- Preso.

((item não obtido))
MGI
INF.- Preso, capturado.
((item não obtido))

Ponto 3 – Santana do Ipanema HGII
INF.- Pegô [pe'go] ele e vai batê nele.
MGII
INF.- Fugiu.
INQ.- Fugiu, mas e a polícia?
INF.- Pegô□ □□□ □□□□ □
INQ.- Então, o ladrão foi...
INF.- Pra cadeia.
((Item não obtido))

Ponto 8 – Piaçabuçu
HGI
INF.- Prendê ele.
((item não obtido))

Ponto 12 – Quebrangulo INF.(H.G.I).-
Preso.
INQ.- Tem mais jeitos?
INF.- Pa cadeia.

Ponto 13 – Limoeiro do Anadia
HGI
INF.- Pego [pE'gU] no flagrante.

Ponto 16 – Marechal Deodoro
MGI
INF.- Pegado ['pegadU].

58. ADVOGADO

“Como se chama o profissional que se contrata para defender os interesses na Justiça?”

NOTAS

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

MGI

INF.- [adevo'gadU].

PONTO 2 – CANAPI MGI

INF.- [adivç'gadU].

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGII

INF.- [dEvç'gadU]

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

HGII

INF.- [adZivo'gadU]

NOTAS

QFF 055 – BRASIL

"... como se chama o nosso país?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

HGI

INF.- Sei não...

((não soube))

PONTO 2 – CANAPI

HGI

INF.- Nosso país é o quê?

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGII

INF.- Alagoas □□□□□□□ å□

INQ.- E na Copa do Mundo, o povo vai torcer para quem?

INF.- Povo gosta muito de torcer po Flamengo, né.

((item não obtido))

PONTO 21 - MARAGOGI

MGI

INF.- Alagoa □□□□□□□ å□ □

NOTAS

QFF 048. M<u>UIT</u>O

“Qual é o contrário de pouco?”

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

MGI

INF.- ['mu)tSU]

PONTO 6 – TRAIPU

HGI

INF.- ['mu)itU]

PONTO 11 – PALMEIRA DOS ÍNDIOS

MGI

INF.- ['mu)itSU]

42. <u>PL</u>ACA

“Aquilo que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos para-choques dos carros, com letras e números, e serve para identificar de onde é o carro?]”

NOTAS

QFF 0
PONTO 10 – ARAPIRACA

HGI

INF.- ['pRaKå]

PONTO 12 – QUEBRANGULO

MGI

INF.- ['plaKå]

NOTAS

QFF 0

41. P<u>O</u>ÇA

"... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

HGI

INF.- [i)pç'sadå]

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGII

INF.- [e)pç'sådå]

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO

MGI

INF.- [i)pç'sadå]

PONTO 17 – MACEIÓ

MGI

INF.- [e)j)po'sådå]

PONTO 21 – MARAGOGI

HGI

NOTAS

QFF 0
INF.- [ˌposå'daguå]

39. TRÊS

“O que vem depois do dois?”

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- ['tRejS]

PONTO 20 – PORTO CALVO

HGI

INF.- [tRejS]

NOTAS

QFF 0

38. TARDE

“Qual é o contrário de cedo?”

PONTO 9 - CORURIPE

MGI

INF.- ['taˑdJI]

PONTO 10 – ARAPIRACA

MGI

INF.- ['taˑdZI]

PONTO 17 – MACEIÓ

HGI INF-

['taˑdI]

NOTAS

QFF 0

37. CALOR

“No inverno faz frio. No verão faz ____?”

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- [ka'loRi]

PONTO 20 – PORTO CALVO

HGII

INF.- [ka'loRi(s)]

NOTAS

QFF 0

34. <u>D</u>IA

“E depois da noite, o que é que vem?”

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- ['dZiå]

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR

MHI

INF.- ['diå]

PONTO 12 – QUEBRANGULO

HGI

INF.- ['dJiå].

NOTAS

QFF 031. B<u>O</u>RB<u>O</u>LETA

"... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?"

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA
MGI

INF.- [bç˙bo'letå]

PONTO 2 – CANAPI
HGI

INF.- [ba˙bu'letå]

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA
MGI

INF.- [bç˙bo'letå] **MGII**

INF.- [bawbu'letå]

PONTO 7 – PENEDO
HGII

INF.- [ba˙bu'letå]

PONTO 15 – PILAR
HGI

INF.- [bu˙bu'letå]

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO
HGII

INF.- [maRi'pozå]

PONTO 17 – MACEIÓ
MGII

INF.- [ba˙bu'letå]

PONTO 20 – PORTO CALVO

MGI

INF.- [babu'letå]

NOTAS

QFF 029 – ÁRVORE
“O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?”

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA
HGI
INF.- □ □ □□□□□□□ □□ .

PONTO 2 – CANAPI HGI
INF.- □□□□□ □□ □□□□□□□□□□□□□□□□ å□ , □□□ □□□□ □ .

PONTO 3- SANTANA DO IPANEMA
HGII INF.-
□□□□ □□□□
□□□ □
MGII
INF.- □□ □□□□□ ˙□□ □□□ □□□ .

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR
HGI
INF.- □□□ □□□□□˙ □□ □□ □ .

PONTO 7 – PENEDO
MGI
INF.- □□□ □□□□□˙ □□ □□ □ .

PONTO 12 – QUEBRANGULO
HGI
INF.- Juá.
INQ.- Juá é o quê?
INF.- Uma pranta □□□□□□□å □.

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS
MGII
INF.- Pé de pranta alta, né.
INQ.- Aí o carro fica embaixo de quê?
INF.- Da alve ['awvI].

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO
MGII
INF.- □□□ □□□□□□□□ □□ □□ .

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE MGI
INF.- Pé de álvores ['awvoRes].

NOTAS

PONTO 21 – MARAGOGI
MGI
INF.- □□□ □□□□□ □□□□ å□ , □□□ □□□□ □
QFF 029 (ÁR)VORE

“O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?”

PONTO 6 – TRAIPU

HGI

INF.- ['aˑ]

MHI

INF.- ['aw]

PONTO 7 – PENEDO

HGI

INF.- ['aR]
MGII INF.-
['aw]

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGI

INF.- ['aw]

MGII INF.-
['aw]

PONTO 21 – MARAGOGI
MGI

INF.- ['a]

QFF - 29. ÁR(VORE)
“O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?”

PONTO 2 – CANAPI
HGI

INF.- [□Ri]

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR MGI

INF.- [voRI].

6 – TRAIPU

HGI

INF.- [voRIs].

7 – PENEDO

HGI

INF.- [vIs].

PONTO 10 – ARAPIRACA

HGI

INF.- [vRI]

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS MGII

INF.- [vI].

PONTO 20 – PORTO CALVO HGI

INF.- [vI].

QFF 026. BOTAR

"Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela ____ ovo."

PONTO 3- SANTANA DO IPANEMA

HGI

INF.- ['po] ?kçlç'ka]

PONTO 7 – PENEDO

HGI

INF.- ['poRI]

NOTAS

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGII

INF.- ['po] kçlç'ka]

PONTO 20 – PORTO CALVO

MGI

INF.- [a'po]

NOTAS

QFF 025. CLARA

“No ovo frito há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?”

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGII INF.-

[ki'laRå]

PONTO 17 – MACEIÓ

HGII INF.-

□□□□□□□□ □

PONTO 20 – PORTO CALVO

HGII INF.-

□□□□□□□□ □

PONTO 21 – MARAGOGI

MGI

INF.- □□□□□□□□ □

21. FERVENDO

NOTAS

QFF 0
“Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?”

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

HGI

INF.- [fRE've)nU]

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGII

INF.- [few've)nU]

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO

MGII

INF.- [fe □'ve)dU]

PONTO 20 – PORTO CALVO

HGII

INF.- □□□□□□ □□□□□□□□□ □

NOTAS

QFF 0

20. C<u>OLHE</u>R (subst.)

“A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que se usa para tomar sopa?]”

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- [ku'¥ERI]

PONTO 9 – CORURIPE

HGI

INF.- [ku'¥Eh]

PONTO 20 – PORTO CALVO

HGII

INF.- [ko'¥Eh]

PONTO 21 – MARAGOGI

MGI

INF.- [ku'lE]

NOTAS

QFF 0

19. PENEIRA

"... aquele objeto que se usa na cozinha para passar farinha?"

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGI INF.-

[pe'nejRå]

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR

MGI

INF.- Rupemba.

PONTO 8 – PIAÇABUÇU

MGI INF.-

[pe'nejRå]

PONTO 12 – QUEBRANGULO

HGI

INF.- Numa arupemba, arupembazinha.

INQ. Arupemba? Que jeito é essa arupemba?

INF. Ela é feita de palha.

PONTO 20 – PORTO CALVO

HGI

NOTAS

QFF 0

INF.- - Chamava pemba, né, hoje é peneira [pe'nejRå].

NOTAS

016. A<u>RROZ</u>

“... aqueles grãozinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?”

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA

MGI

INF.- [a'xos]

PONTO 4 – PIRANHAS

HGI

INF.- [a'xos]

NOTAS
QFF 013. VARRER

“Para limpar o chão, o que é preciso fazer?”

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA

HGII INF.-

[ba'soRå]

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR

MGI

INF.- [va'soRå]

NOTAS

QFF 013 – VARRER

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA
HGI

INF.- Tem que barrê [bahe].

PONTO 3 – SANTANA DO IPANEMA
HGII

INF.- Primero a bassora [ba'soRå], depois coloca a iágua com sabão, ou coloca perfume dento da água e passa o rodo.

INQ.- Mas a primeira coisa é?
INF.- Passá primero a bassora.

MGII
INF.- Passa o pano.
INQ.- Antes de passar o pano...
INF.- Varre □□ □□□□ □.

PONTO 5 – PÃO DE AÇÚCAR MGI

INF.- Passa a vasora. [va'soRå].

PONTO 9 – CORURIPE
MGI

INF.- Barre ['bahI] a rua.

PONTO 10 – ARAPIRACA
MGI

INF.- Passa a vasora [va'soRå].

PONTO 12 – QUEBRANGULO
HGI

INF.- Passa a bassora [ba'soRå].

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS HGII

INF.- Passá a vassora [va'soRå], passá o pano.

MGII

INF.- Barre ['bahI] premero e pegá o rodo pa passá o pano.

PONTO 17 – MACEIÓ

NOTAS
H.GI

INF.- Usa uma bassora [ba'soRå].

QFF 012. FÓSFORO

"... aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?"

PONTO 2 – CANAPI

HGI

INF.- [illegible]

PONTO 10 – ARAPIRACA

HGI

INF.- [illegible]

PONTO 14 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

MGI

INF.- ['fçSfoRU]

MGII

INF.- ['fçSkaRå] ['fçfeRå]

PONTO 17 – MACEIÓ

MGI

INF.- ['fçsfoRå]

HGII

INF.- ['fçsfaRU]

PONTO 20 – PORTO CALVO

HGII

INF.- [illegible]

PONTO 21 – MARAGOGI

NOTAS

MGI

INF.- [illegible]
QFF 004. CAIXA
“Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?”

PONTO 4 – PIRANHAS
HGI INF.-
['kajSå]

PONTO 15 – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS
HGI

INF.- ['kajSå]

NOTAS
QFF 003 PRATELEIRA
...aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala... ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?

PONTO 1 – DELMIRO GOUVEIA MGI
INF.- [pRate'lejRå].

PONTO 6 – TRAIPU
MGI
INF.- □□□□□□□□□□□□ □ □□

PONTO 11 – PALMEIRA DOSÍNDIOS
HGI
INF.- [pRati'leRå]

PONTO 13 – LIMOEIRO DE ANADIA HGI
INF.- [pRati'leRå].

PONTO 15 – PILAR MGI
INF.- [pRati'lejRå].

PONTO 16 – MARECHAL DEODORO
HGI
INF.- □□□□□ □' □□□ □å □□ □□

PONTO 17 – MACEIÓ HGI
INF.- [pRati'leRå].

PONTO 19 – SÃO LUÍS DO QUITUNDE HGI
INF.- [pRati'leRå].
MGI
INF.- [plati'lejRå].

NOTAS

QFF 002 – TELEVISÃO

"...aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?"

PONTO 20 – PORTO CALVO

MGII

INF.- Ah, televisõis [illegible]é.